ORGANIZADORAS

Hayanne Galvão Pereira Alves
Livia Maria Guedes de Lima Andrade
Wanderléa Nazaré Bandeira Ferreira

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE GESTALT-TERAPIA

XV CONGRESSO BRASILEIRO DA ABORDAGEM GESTÁLTICA

Pensando uma ética decolonial

EDUFMA

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE GESTALT-TERAPIA E XV CONGRESSO BRASILEIRO DA ABORDAGEM GESTÁLTICA:

Pensando uma ética decolonial

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Reitor Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva
Vice-Reitor Prof. Dr. Leonardo Silva Soares

EDUFMA EDITORA DA UFMA

Coordenadora Dra. Suênia Oliveira Mendes
Conselho Editorial Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso
Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni
Profa. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira
Prof. Dr. Márcio José Celeri
Profa. Dra. Diana Rocha da Silva
Profa. Dra. Gisélia Brito dos Santos
Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa
Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
Prof. Dr. Carlos Delano Rodrigues
Prof. Dr. Felipe Barbosa Ribeiro
Profa. Dra. Maria Aurea Lira Feitosa
Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas
Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior
Bibliotecária Iole Costa Pinheiro

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International license.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribição 4.0.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimento 4.0.

ORGANIZADORAS
Hayanne Galvão Pereira Alves
Livia Maria Guedes de Lima Andrade
Wanderléa Nazaré Bandeira Ferreira

XVIII Encontro Nacional de Gestalt-terapia e XV Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica:
Pensando uma ética decolonial

São Luís
EDUFMA
2024

Copyright © 2024 by EDUFMA

Revisão Wanderléa Nazaré Bandeira Ferreira

Projeto Gráfico Sansão Hortegal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Encontro Nacional de Gestalt-terapia (18.: 2023: São Luís, MA); Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica (15.: 2023: São Luís, MA).

XVIII Encontro Nacional de Gestalt-terapia e XV Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica [recurso eletrônico]: pensando uma ética decolonial / Organizadoras: Hayanne Galvão Pereira Alves, Livia Maria Guedes de Lima Andrade, Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira. — São Luís: EDUFMA, 2024.

383 p.
Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-985038-9-5

1. Gestalt-terapia – Encontro científico – UFMA. 2. Abordagem Gestáltica. 3. Psicoterapia – Prática. 4. Psicologia. I. Alves, Hayanne Galvão Pereira. II. Andrade, Livia Maria Guedes de Lima. III. Ferreira, Wanderlea Nazaré Bandeira. IV. Título.

CDD 616.89143
CDU 159.9.019.2:615

Ficha Catalográfica elaborada pela Diretoria Integrada de Bibliotecas (DIB)-UFMA
Bibliotecário: Erlane Maria de Sousa Alcântara CRB 13/512

Produzido no Brasil [2024]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste e-book pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão dos autores.

EDUFMA | Editora da UFMA
Av. dos Portugueses, 1966 – Vila Bacanga
CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil
Telefone: (98) 3272-8157
www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

APRESENTAÇÃO

No percurso da história da Gestalt-terapia, percebe-se que sua força motriz é direcionada ao novo e ao crescimento em movimentos constantes para acompanhar o que está acontecendo nas pluralidades da existência humana. Partindo da ambientalidade, sustentabilidade e coexistência, entramos em contato com um campo que se materializa como organismo vivo e a partir da nossa herança colonial imposta mediante disputas e conflitos, surge o anseio de compreendermos as reentrâncias simbólicas que se estruturam na nossa própria história. Então, na tentativa de dar voz à essa nova necessidade, é crucial a construção de uma ética gestáltica fruto das nossas interações na relação organismo-meio, em diálogo com o pensamento decolonial que questiona uma única lógica possível e nos convoca a elaboração de outras possibilidades epistemológicas com base na multiplicidade de vozes e caminhos.

Assim sendo, te convidamos para entrelaçarmos nossos saberes e fazeres gestálticos no XVIII Encontro Nacional de Gestalt-terapia e XV Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica – Pensando uma ética decolonial – que acontecerá nos dias 06, 07 e 08 de setembro de 2023 em São Luís -MA.

É um convite para viver aquilo que é nosso.

Vem timbora pra cá!

Com carinho danado de bom,

Boa leitura!

COMISSÃO ORGANIZADORA

SUMÁRIO

COMUNICAÇÃO ORAL 24

EIXO 1 - AQUI E AGORA – A ABORDAGEM GESTÁLTICA FRENTE AOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS 25

A GESTALT-TERAPIA E O CICLO DE CONTATO NO CLOWN TERAPÊUTICO 26
Hegle Fraga Pinheiro Dias
Rodrigo Bastos

A INADEQUAÇÃO COMO INTROJETO NA CLÍNICA COM PESSOAS LGBT 27
Vinícius Mendonça Lima

A PRÁTICA CLÍNICA DA GESTALT-TERAPIA COM PACIENTES COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA 29
Giovana Lourdes Cavalcante de Carvalho

A RELAÇÃO DIALÓGICA DO GESTALT-TERAPEUTA NO HOSPITAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA 30
Denilson Gomes Silva

A RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA NA CONTEMPORANEIDADE: OLHARES GESTÁLTICOS 32
Luísa Jobim Santi
Cláudia Lins Cardoso

A VIVÊNCIA HOMOSSEXUAL CONTEMPORÂNEA NA TERCEIRA IDADE: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA 34
João Pedro de Moura Leite
Patrícia Carvalho Moreira

ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES E A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO FERRAMENTA DE AJUSTAMENTO 36
Mariana Cela
Helena Oliveira

ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA PROTEÇÃO SOCIAL BÁSICA E SUA ARTICULAÇÃO COM A GESTALT-TERAPIA 38
Vitória de Sousa Pereira

CAMINHOS PARA COMPREENSÃO DA ANSIEDADE SOB A ÓTICA DE LAURA PERLS . 39
Beatriz Evangelista de Araújo
Lorena Schalken de Andrade

CLÍNICA PARA AQUI-AGORA: GESTALT-TERAPIA COMO RESPOSTA A UM DIAGNÓSTICO SOCIAL 41
Diogo de Oliveira Boccardi

CORPOREIDADE E SEXUALIDADE: UM OLHAR DA GESTALT NA VIVÊNCIA DAS REDES SOCIAIS 43
Klara Katarina Rodrigues Rocha
Graziely Campos Azevedo

DIFERENTES FORMAS DE VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE NO ESPECTRO AUTISTA 44
Vladya Tatyane Pereira de Lira
Marcus Túlio Caldas

EXPERIÊNCIA VIVIDA DE SOBREVIVENTES AO CANCER DE PÊNIS: UMA LEITURA GESTÁLTICA 46
Ivan Mumic Silva
Angela Maria Elizabeth Piccoloto Naccarato
Fernandes Denardi
Ubirajara Ferreira
Wagner Eduardo Matheus

GESTALT-TERAPIA E ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: DESAFIOS E CONQUISTAS – RELATO DE EXPERIÊNCIA 48
Venâncio Miquelino

GESTALT-TERAPIA E OBSTETRÍCIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS 50
Duani Maria Gaspar da Cruz

GESTALT-TERAPIA E OS CONFLITOS GERACIONAIS ENFRENTADOS PELA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DO FILME TUDO EM TODO LUGAR AO MESMO TEMPO ... 51
Thainá Maria Cunha Oliveira
Luiz Eduardo da Silva Melo
Patrícia Carvalho Moreira
Zay Nogueira de Sales
Marcos Vinicius Monteiro Barbalho
Lorena Schalken de Andrade

LUTO LEGÍTIMO OU NÃO LEGÍTIMO? UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTO EM HOSPITAL VETERINÁRIO 55
Paula Sampaio Parreira

MASCULINIDADES EM CONTATO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA GRUPAL COM HOMENS MIGRANTES E REFUGIADOS VENEZUELANOS 57
Saulo Ribeiro Monte
Elis Moura Marques

MÍDIAS SOCIAIS: ESPELHO DE RELAÇÕES PROJETIVAS E INTROJETIVAS 59
Jamilly Maria da Silva Campos
Lucíola Santana Pastana da Silva

O FUNCIONAMENTO DA FRONTEIRA DE CONTATO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO: APROXIMAÇÕES DA GESTALT-TERAPIA E BYUNG-CHUL HAN 61
Juliana Teixeira de Freitas
Oswaldo Alcanfor Ramos

O FUNCIONAMENTO NEURÓTICO: A INTROJEÇÃO COMO FORMA DE INTERRUPÇÃO DO CONTATO EM CONSEQUÊNCIA DA IDEALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO NO INSTAGRAM 63
Letícia Aurelio Vieira Guedes da Silva
Iramara Nogueira

PLANTÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR DURANTE A PANDEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 65
Anna Paula Gomes da Silva

PSICOSSOMATIZAÇÃO: AJUSTAMENTO CRIATIVO E PROMOÇÃO DE CUIDADO EM GESTALT-TERAPIA 67
Marízia Cristina do Nascimento Bessa
Karollaynne Miranda Barreiro
Filipe da Silva
Edneusa Lima Silva

EIXO 2 – CAMPO – A PRÁTICA CLÍNICA DO MANEJO GESTÁLTICO À INTERVENÇÃO 69

(RE)LEITURA DA ANSIEDADE DESADAPTATIVA SOB A PERSPECTIVA DA ABORDAGEM GESTÁLTICA 70
Rubens Santiago da Fonseca
Filipe da Silva
Edneusa Lima Silva

A CLÍNICA GESTÁLTICA ALÉM DOS MUROS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE MANEJO DE CRISE NEURÓTICA 72
Bruna Larissa do Nascimento Barbosa

A COMPREENSÃO DO LUTO NA ABORDAGEM GESTÁLTICA 74
Renilde Ribeiro Xavier
Flávia Moura Rocha

A DOENÇA DE CROHN SOB O ENFOQUE DA GESTALT-TERAPIA E DA PSICOSSOMÁTICA 76
Raísa Duquia Giumelli
Silvia Martins Ivancko

A FUNÇÃO DOS PETS NA AMPLIAÇÃO DE AWARENESS DOS SEUS TUTORES 77
Claudia Botelho
Janaina Loureiro

A MEDITAÇÃO COMO SUPORTE PARA O PSICÓLOGO CLÍNICO 78
Bruna Regina Andrade e Souza
Jorge Ponciano Ribeiro
Aline Ferreira Campos

A OUTRA FACETA DO TRAUMA: O CRESCIMENTO PÓS-TRAUMÁTICO NA COMPREENSÃO DA GESTALT-TERAPIA 80
Cheyenne Monteiro Wolf Von Arcosy

A PERSPECTIVA DIALÓGICA EM GESTALT-TERAPIA COM PACIENTES SURDOS: LIMITES E POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO 82
Thaís Pinto Fontinele
Alice Guimarães Alves
Ildenice de Jesus A. Silva
Jacyane Torreão Resende
Sandra Maria S. Figueiredo

A QUEDA DE UMA TERAPEUTA: UMA INTERVENÇÃO COM A IDEAÇÃO SUICIDA INFANTIL A PARTIR DAS PRÓPRIAS VULNERABILIDADES 84
Gabriella Magalhães Gasafe Pires
Oswaldo Alcanfor Ramos

A RELAÇÃO TERAPÊUTICA NA ABORDAGEM DA GESTALT-TERAPIA 86
Eva Maria de Sousa Silva

CONCEPÇÃO GESTÁLTICA DA ESQUIZOFRENIA 88
Marcos Vinícius Guimarães Viana

DE NUTRICIONISTA À PSICÓLOGA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 90
Denise Brito da Rocha

DESCOLONIZAR A CLÍNICA GESTALTICA: EXPERIMENTOS EM TERRITORIOS AMAZÔNICOS NA PERSPECTIVA DE UM FEMINISMO DECOLONIAL 92
Lucíola Santana Pastana Silva

ENTRE O USO DE CRACK E A FUGA DO CONTATO: UM RELATO DE ACOMPANHAMENTO PSICOTERAPÊUTICO EM UMA CONSULENTE COM ESQUIZOFRENIA..... 93
Drieli Venâncio da Silva Sousa

GESTALT-TERAPIA E O MÉTODO FENOMENOLÓGICO: POSSÍVEIS DIÁLOGOS PARA UM FAZER CLÍNICO..... 95
José Waldo Saraiva Neto
João Felipe Leite Costa

GESTALT-TERAPIA POLÍTICA? PENSANDO A CLÍNICA A PARTIR DE UM CAMPO SUSTENTADO POR LÓGICAS CISCOLONIAIS 97
Kahuana Carolina Leite
Mônica Botelho Alvim

LUDOTERAPIA: O BRINCAR NO PROCESSO TERAPÊUTICO..... 99
João Beserra Neto
Tiago de Oliveira Vasconcelos
Cirliany Fernandes Albuquerque
Elis Sales Muniz Lima

O ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NO SUS E A GESTALT-TERAPIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 101
Joniel Gomes do Vale

O MANEJO DA SEXUALIDADE E SUAS (DIS)FUNÇÕES NA CLÍNICA GESTÁLTICA COM CASAIS – RELATO DA CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR 103
Fabiane da Silva

O PRÉ-NATAL PSICOLÓGICO COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO NA PERINATALIDADE, UMA PERSPECTIVA GESTÁLTICA 104
Letícia Marlene dos Santos Figueiredo
Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel

OS MECANISMOS DE EVITAÇÃO DE CONTATO NO VIVIDO *BORDERLINE*..... 106
José Waldo Saraiva Neto

PARA ALÉM DO QUE SE VÊ: A PERSPECTIVA GESTÁLTICA DA LUDOTERAPIA COM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS..... 108
Maria Lisieux Santos Rebuças
Deyseane Maria Araujo Lima

PROCESSOS DE TORNAR-SE MULHER: QUESTÕES FEMININAS NA PRÁTICA DA GESTALT-TERAPIA 110
Verônica Letícia de Souza Morais
Bárbara Penteado Cabral

PSICOTERAPIA COM CASAIS INTER-RACIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DA GESTALT-TERAPIA..... 112
Mayana Tomaz de Sousa

RELAÇÃO ENTRE FUNÇÕES DE CONTATO E SUPORTE SEGUNDO LAURA PERLS: UM ESTUDO DE CASO..... 114
Gabriela Gibson Cunha
Tássia Lobato Pinheiro

UMA CLÍNICA DE CORPOS NO CAMPO:A GESTALT-TERAPIA COMO UMA ABORDAGEM DO SENTIR **116**
Sofia Silva Junqueira

VERSANDO SENTIDO NOS ENCONTROS: ESTÁGIO E SUPERVISÃO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO ACADEMICA EM PSICOLOGIA **117**
Filipe da Silva
Edneusa Lima Silva

EIXO 3 – CONTATO – O COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO NA FORMAÇÃO EM GESTALT-TERAPIA **119**

(DES)CONSTRUÇÃO DO AMOR NAS RELAÇÕES FAMILIARES E A ÉTICA DA GESTALT-TERAPIA **120**
Paula Marília Nascimento Moura

"O BEIJO E O PUM": AMPLIANDO FRONTEIRAS DE CONTATO EM GESTALT-TERAPIA **122**
Anna Paula Gomes da Silva
Rossana Zampa Varandas

A INTROJEÇÃO EM EXISTÊNCIAS LGBT ENLUTADAS: O LUTO LGBT A PARTIR DA PERDA DA CIS/HETEROSSEXUALIDADE **124**
Vivian Machado

CONSTRU(INDO) UMA CAMINHADA COLETIVA: A INTERVISÃO COMO PERCURSO FORMATIVO EM GESTALT-TERAPIA **126**
Lethicia Marques dos Santos Martins
Leonardo Celoto de Assis

DIÁLOGOS ENTRE A ABORDAGEM GESTÁLTICA E A CLÍNICA AMPLIADA NO HOSPITAL PÚBLICO **128**
Anna Beatriz Silva Castro

EIXO 4 – FRONTEIRA – GESTALT-TERAPIA, SOCIEDADE E SUBJETIVIDADES DE RESISTÊNCIA **130**

"DESCANSA MILITANTE?": REFLEXÕES SOBRE ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO A LIDERANÇAS NA AMAZÔNIA **131**
Eloísa Amorim de Barros

"PLURICORPA": ESPECTROS GESTÁLTICOS DECOLONIAIS **133**
Tatiana de Paula Soares

A INFLUÊNCIA DA HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS NA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA: UMA PESQUISA PELO OLHAR DA FENOMENOLOGIA **135**
Luiz Eduardo da Silva Melo
Thainá Maria Cunha Oliveira
Patrícia Carvalho Moreira

A PELE RELACIONAL E VITALIZAÇÕES NA FRONTEIRA: CONDUZIR UM GRUPO SOBRE LAURA PERLS **137**
Lílian Vanessa Nicácio Gusmão

ANSIEDADE E LIDERANÇA NAS ORGANIZAÇÕES: AUTOPERCEPÇÃO DE SI E DO OUTRO **139**
Edneusa Lima Silva
Filipe da Silva

ANSIEDADE: UMA PERSPECTIVA COMPREENSIVA E DIALOGAL 141
Clarissa Lúcio Matias Ribeiro Blanco

ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL DE MÃES-UNIVERSITÁRIAS PÓS ISOLAMENTO SOCIAL NO CONTEXTO DA COVID-19 142
Kamilly Souza do Vale

CISHETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA POPULAÇÃO LGBTQIAPN+: POR UMA CLÍNICA GESTÁLTICA E POLÍTICA 144
Gabriela Faria de Souza
Marcela Fernandes Fulgêncio

CLÍNICA GESTÁLTICA E A TRAVESTI EM UM CONTEXTO CISHETERONORMATIVO 146
Viviane Barbosa da Cruz Castilho

CUIDANDO DE MULHERES CANDIDATES A UM MANDATO ELETIVO: PROPOSTA DE UMA GESTALT DECOLONIAL 148
Izabela Aparecida de Almeida Guedes

ESSA (NÃO) É A MINHA TERRA: UMA NARRATIVA EXPLORATÓRIA DE VIVÊNCIAS IMIGRATÓRIAS 149
Paulo Henrique Pargas Santos
Rebeca Larissa dos Santos Marinho

EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: PERSPECTIVA CRÍTICA E DE CAMPO 150
Ana Luiza Santos da Silva

IDENTIDADES TRANS NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA GESTALTICA 152
Macela Marta da Costa Tenório
Rosangela Parga Oliveira

MANEJO CLÍNICO COM MULHERES LÉSBICAS: SOCIEDADE E CULTURA COMO LIMITADORES DE CONTATO 154
Gabriella Magalhães Gasafe Pires
Mônica Milena Murakami
Oswaldo Alcanfor Ramos

MEDIAÇÕES ENTRE ESCOLA E ALUNO EM INCLUSÃO: CONTRIBUIÇÕES GESTÁLTICAS SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR 156
Ítalo Gustavo Pires Santos
Flavia F. Silva

MULHERES E RAIVA: DESAFIOS VIVENCIADOS POR MULHERES NA EXPRESSÃO DA RAIVA. 158
Laricia Nogueira Alexandre
Nayara Soares Duarte
Letícia Carvalho Monteiro Leite
Leda Mendes Gimbo

O CORPO FEMININO REGULADO PELO SISTEMA CAPITALISTA: DO CONTROLE SOCIAL ÀS FORMAS DE SUBVERSÃO GESTÁLTICAS 160
Thaís Pinto Fontinele

O PAPEL SOCIAL DA PSICOLOGIA ESCOLAR NO PROCESSO DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO NO IFPR - CAMPUS UMUARAMA 162
Júnior Cezar Castilho

O RACISMO CONTRA A MULHER NEGRA: DESAFIOS PARA A GESTALT-TERAPIA 164
Débora Rafaela Silva Brito

OS IMPACTOS DO CONSERVADORISMO NAS DISFUNÇÕES SEXUAIS MASCULINAS..... 165
Venâncio Miquelino

POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS DE CONCEPÇÕES DE SURDEZ NA PERMEABILIDADE DA FRONTEIRA EM DIFERENÇA LINGUÍSTICA..... 166
Glaucia da Silva Pessoa

SELF E CULTURA: UMA VISÃO GESTÁLTICA DO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO CULTURAL. 168
Felipe Padilha
Leda Mendes Pinheiro Gimbo

SER MÃE DE LGBTQIAP+ EM UM CONTEXTO CISHETERONORMATIVO 170
Viviane Barbosa da Cruz Castilho

EIXO 5 – AWARENESS – INTERLOCUÇÕES GESTÁLTICA E ARTE: EXPRESSIVIDADE E CORPOREIDADE. 172

A ARTE DA VIDA: O VIÉS GESTÁLTICO DA ARTETERAPIA COMO RECURSO CRIATIVO..... 173
Glayssa Teixeira de Abreu
Maria Lisieux Santos Rebuças
Deyseane Maria Araujo Lima

A DIMENSÃO ESTÉTICO-POLÍTICO NAS PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA JUNTO A IDOSOS RESIDENTES EM ILPI 175
Jessé Guimarães da Silva

ARTESANIAS NA CLÍNICA, NA VIDA E NA PESQUISA: DESDOBRAMENTOS GESTÁLTICOS 177
Laura Cristina de Toledo Quadros

ARTISTAS DA VIDA: A ARTE COMO PERSPECTIVA NO TRABALHO DO GESTALT-TERAPEUTA178
Stênio Guilherme Ribeiro Leite
Lívia Maria Guedes de Lima Andrade

DA TRANSCENDÊNCIA À BUSCA DE SENTIDO: A DIMENSÃO ESPIRITUAL PARA A GESTALT-TERAPIA 179
Vanessa dos Santos Silva Brito

MESA-REDONDA 180

EIXO 1 – AQUI E AGORA – A ABORDAGEM GESTÁLTICA FRENTE AOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS..... 181

CONVERSA SOBRE NOSSA HERANÇA E AS VERSÕES DE GESTALT-TERAPIA QUE FAZEMOS COLETIVAMENTE..... 182
Teresinha Mello da Silveira
Patrícia Valle Albuquerque Lima
Luciana Loyola Madeira Soares

EXISTE UMA CLÍNICA LGBTQIAPN+? CONSIDERAÇÕES PARA UMA GESTALT ÉTICO-POLÍTICA E CONTEMPORÂNEA..... 184
Flavia Silva
Tatiana Campbell

INTROJEÇÕES NO CAMPO CONTEMPORÂNEO: OLHARES CRÍTICOS **186**
Selma Ciornai
Angela Schillings
Ênio brito Pinto

PATRIARCADO E PERTURBAÇÕES DAS FUNÇÕES DE CONTATO **188**
Clara Lima Rodrigues
Tietriza Maria Farias da Silva

POR UMA CONSOLIDAÇÃO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE GESTÁLTICA: HISTÓRIA E ATRAVESSAMENTOS **189**
Adriana Amaral do Espírito Santo
Synoro Psicologia
Priscila Vieira de Almeida

EIXO 2 – CAMPO – A PRÁTICA CLÍNICA DO MANEJO GESTÁLTICO À INTERVENÇÃO **191**

ATENDIMENTO PRESENCIAL E ONLINE NO PLANTÃO PSICOLÓGICO: RELATOS CLÍNICOS E DE PESQUISA **192**
Thauane Cunha Siqueira
Alice Moreira Pauferro
Karine Alves Nogueira

CLÍNICA GESTÁLTICA NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS ETICO-POLITICOS **194**
Priscila Pires Alves
Edneusa Lima Silva
Filipe da Silva

ILUMINANDO DESVIOS: CONTRIBUIÇÕES CONTEMPORÂNEAS DA CLÍNICA GESTÁLTICA COM CASAIS E FAMÍLIAS **196**
Cintia Lavratti Brandão
Viviane Calado
Daniela Magalhães da Silva

MÚLTIPLOS OLHARES PARA OS LUTOS DA CRIANÇA **198**
Daniela Pupo Barbosa Bianchi
Patrícia Barrachina Camps
Izabela Aparecida de Almeida Guedes

PSICOTERAPIA DE CASAIS – SEXUALIDADE, FIDELIDADE E VIOLÊNCIA EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL **200**
Aline Ferreira Campos
Ana Caroline Costa Vieira
Fabiane da Silva

PSICOTERAPIA DE GRUPO PELA ABORDAGEM GESTÁLTICA: EXPERIÊNCIAS DO PSICOTERAPEUTA, CLIENTE E ENTRE GRUPAL **201**
Guilherme Nogueira
Isadora Samaridi
Thaís Carneiro Costa

TORNAR-SE PLANTONISTA: GESTALTEANDO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA **203**
Luísa Amarante Santos
Luiza Karol Rocha Pimenta
Lucas Emmanuel Padilha de Melo

EIXO 3 – CONTATO – O COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO NA FORMAÇÃO EM GESTALT-TERAPIA 205

APRIMORAMENTO EM GESTALT-TERAPIA: COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO EM SUPERVISÃO CLÍNICA 206
Kamilly Souza do Vale
Keila Santos
Paulo Henrique Barros

AS DIVERSAS POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO E NA ATUAÇÃO ÉTICO-POLÍTICA DE GESTALT-TERAPEUTAS 208
Cristiane de Brito Leite
Etiane Oliveira
Vladya Lira

REFLEXÕES GESTÁLTICAS ACERCA DOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: PRÁTICAS E INOVAÇÕES 210
Guilherme de Carvalho
Maria de Fátima Scaffo
Berta Sheila de Souza Ribeiro

EIXO 4 – FRONTEIRA – GESTALT-TERAPIA, SOCIEDADE E SUBJETIVIDADES DE RESISTÊNCIA 212

CORPO E SILÊNCIO: A CLÍNICA GESTÁLTICA COMO ESPAÇO DE AMPLIAÇÃO DE NARRATIVA 213
Carla Alegria
Flavia F Silva
Mariana Moura Magalhães
Ana Paula Chagas Monteiro Leite
Lorena Schalken de Andrade
Roberta Bentes Flores Bayma

MULHERES: INTERPELAÇÕES GESTÁLTICAS 217
Laura Cristina de Toledo Quadros
Maria das Graças Gouvêa Neco da Silva
Flávia Ferreira da Silva

TECENDO INTERSSUBJETIVIDADES: BOLSÕES DE RESISTÊNCIA PARA LIDAR COM A VIOLÊNCIA NA VIDA COTIDIANA 219
Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa
Myrian Bove Fernandes
Claudia Ranaldi Nogueira

EIXO 5 – AWARENESS – INTERLOCUÇÕES GESTÁLTICA E ARTE: EXPRESSIVIDADE E CORPOREIDADE 220

"DOU RESPEITO ÀS COISAS DESIMPORTANTES:" A ARTE COMO FUNDAMENTO NA FORMAÇÃO DA/DO/DE TERAPEUTA 221
Marcele de Freitas Emerim
Wanne de Oliveira Belmino
Wilson Luís

A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS CRIATIVOS NA PSICOTERAPIA INFANTOJUVENIL À LUZ DA GESTALT-TERAPIA 222
Fabiana de Andrade
Etiane Cristine de Oliveira

FALA, SILÊNCIO, DIÁLOGO E POESIA: DIMENSÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS NA CLÍNICA GESTÁLTICA **224**
Eduardo de Sequeira Cremer
Jessé Guimarães da Silva
Priscila Pires Alves

JEAN E MARIE: EXPERIÊNCIA SEXUAL, AWARENESS E CONTATO **226**
Fabiana De Zorzi

RACISMO E PROIBICIONISMO: PERSPECTIVAS GESTÁLTICAS SOBRE VIOLÊNCIA, RAÇA E USO DE SUBSTÂNCIAS **228**
Bruna dos Santos
Leda Mendes Gimbo
Welison de Lima Sousa

RECURSOS CRIATIVOS EM GESTALT-TERAPIA: EXPRESSIVIDADE NA LITERATURA, FOTOGRAFIA E AQUARELA **230**
Deyseane Maria Araújo Lima
Ana Caroline Costa Vieira
Wanne de Oliveira Belmino

TECITURAS GESTÁLTICAS: ENTRE ARTE, CORPO E POLÍTICA **232**
Raquel Guedes Pimentel Pilon
Lorena Schalken de Andrade
Bruna Improta de Oliveira Mendonça

MINICURSO **233**

EIXO 1 – AQUI E AGORA – A ABORDAGEM GESTÁLTICA FRENTE AOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS **234**

ATUALIZAÇÕES NOS ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS COM CRIANÇAS – PROBLEMATIZANDO OS LEGADOS DA PANDEMIA DA COVID19 ..... **235**
Luciana Loyola Madeira Soares

CLÍNICA DA BANALIDADE: UMA URGÊNCIA CONTEMPORÂNEA **237**
Rosane Lorena Granzotto

COMPORTAMENTO SUICIDA POLICIAL – POSSIBILIDADES PREVENTIVAS E INTERVENTIVAS À LUZ DA GESTALT-TERAPIA **239**
Wanessa Cristina de Melo Alves Oliveira
Etiane Cristine de Oliveira

FELICIDADE E GESTALT-TERAPIA: UMA INTRODUÇÃO **241**
Deborah Christina Antunes

INTRODUÇÃO À ECOFENOMENOLOGIA E O PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE DE HANS JONAS PARA UMA CLÍNICA GESTÁLTICA ECOCENTRADA **243**
Erick Linhares de Holanda

O PROCESSO DE LUTO: UMA VISÃO GESTÁLTICA **244**
Patricia Barrachina Camps

O RASGO SOCIAL COMO RESGATE DA NOSSA SINGULARIDADE **245**
Fátima Rocha
Vladya Lira

PROCESSOS MIGRATÓRIOS COMO FENÔMENO DE CAMPO: DO FUNDO DE EXPERIÊNCIA ANCESTRAL AOS HORIZONTES EMERGENTES **246**
Elis Moura Marques

PSICOPATOLOGIAS NA INFÂNCIA: LUGARES QUE ANTECEDEM O QUE PENSAMOS O SER-CRIANÇA NA CONTEMPORANEIDADE **248**
Ana Karina da Silva Azevedo
Débora Cristina Guerra de Araújo Vale

SEXUALIDADE E SEUS FRAGMENTOS NA COMUNICAÇÃO PAIS E FILHOS. INTERRUPÇÕES DE CONTATO E ESPIRITUALIDADE **249**
Fabiana De Zorzi
Nicole Zaneti

SOCIEDADE DO CANSAÇO E SEUS IMPACTOS EXISTENCIAIS: A CONTRIBUIÇÃO DE BYUNG-CHUL HAN **251**
Roberto Peres Veras

EIXO 2 – CAMPO – A PRÁTICA CLÍNICA DO MANEJO GESTÁLTICO À INTERVENÇÃO **252**

A CLÍNICA CRIATIVA: TECENDO SEGURANÇA E OUSADIA **253**
Alexandra Borges dos Santos Silveira
Sâmia Silva Gomes

A DOR SILENCIADA DO ABUSO SEXUAL FÍSICO E EMOCIONAL SOB A PERSPECTIVA GESTÁLTICA **255**
Carla Machado Alegria

A PERCEPÇÃO DA VERGONHA SOB O VIÉS DA CLÍNICA GESTÁLTICA **257**
Larissa da Silva Carvalho

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DINÂMICA DO SOFRIMENTO BIPOLAR E SEU MANEJO NA CLÍNICA **259**
Carla Machado Alegria

EM MEIO ÀS DORES, REVELAM-SE SENTIDOS: INFIDELIDADE NAS RELAÇÕES AMOROSAS NA CLÍNICA GESTÁLTICA **261**
Daniela Magalhães da Silva

EXPERIÊNCIA DE SER-CRIANÇA COM TDAH: COMPREENSÃO HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA **263**
Ana Karina da Silva Azevedo
Débora Cristina Guerra de Araújo Vale

GESTALT-TERAPIA EM CONTEXTO DE INSTITUIÇÕES DE SAÚDE: A ÉTICA DO VIVIDO **265**
Guilherme de Carvalho
Berta Sheila de Souza Ribeiro

INTRODUÇÃO À PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICO-GESTÁLTICA **267**
Mariama Augusto Furtado

LEALDADES INVISÍVEIS: UM ESTUDO DO CAMPO TRANSGERACIONAL NA CLÍNICA GESTÁLTICA **269**
Maria das Graças Gouvêa Neco da Silva

NA FRONTEIRA DE CONTATO NOS ENCONTRAMOS: CUIDANDO DA AUTOLESÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA **271**
Denise Conceição Paranhos da Paixão

O SÉRIO E O DERRISÓRIO: DOS TRAUMAS INFANTIS ATÉ A PALHAÇA ADULTA **273**
Rodrigo Bastos
Montserrat Gasull Sanglas

REFERÊNCIAS PARA A ABORDAGEM GESTÁLTICA DO SUICÍDIO: ENTRE COLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO E AJUSTAMENTOS CRIADORES **274**
Diogo de Oliveira Boccardi
Rafaela Laisa Martins Torii

TRABALHO COM A REDE DE APOIO COMO SUTENTAÇÃO AO ATENDIMENTO DE PESSOAS COM SOFRIMENTOS EMOCIONAIS AGRAVADOS **276**
Angela Schillings

EIXO 3 – CONTATO – O COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO NA FORMAÇÃO EM GESTALT-TERAPIA **277**

"RESPEITO MUITO MINHAS LÁGRIMAS, AINDA MAIS MINHA RISADA": **278**

ACOMPANHANDO MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA PELAS LENTES **278**

GESTÁLTICAS **278**
Isaura Caroline Abrantes Silva

LUTO POR SUICÍDIO E POSVENÇÃO: A OUTRA MARGEM **279**
Karina Okajima Fukumitsu

TESSITURAS EPISTEMOLÓGICAS: O LUGAR DE LAURA PERLS NA BASE TEÓRICA DA GESTALT-TERAPIA **281**
Lílian Vanessa Nicácio Gusmão
Leda Mendes Gimbo

EIXO 4 – FRONTEIRA – GESTALT-TERAPIA, SOCIEDADE E SUBJETIVIDADES DE RESISTÊNCIA **283**

AUTISMO - UM OLHAR GESTÁLTICO, HISTÓRICO E ANTICAPACITISTA **284**
Juliana Albuquerque Ferreira Pellegrino
Sarah Paes Rodrigues

CLÍNICA GESTÁLTICA ANTICAPACITISTA: COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO COM CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA **286**
Leonardo Celoto de Assis

GESTALT-TERAPIA NA BEIRA DO MUNDO: UM OLHAR PARA A CLÍNICA DA NÃO-NORMATIVIDADE **287**
Cintia Lavratti Brandão

O PRÓPRIO DE SI E O ENTRE NÓS: NAS FRONTEIRAS DE CONTATO COM O AUTISMO **289**
Priscila Pires Alves

EIXO 5 – AWARENESS – INTERLOCUÇÕES GESTÁLTICA E ARTE: EXPRESSIVIDADE E CORPOREIDADE **290**

TRANSBORDA - EXPRESSIVIDADE TEATROTERAPIA GESTÁLTICO 291
Adriana Karla Andrade Rodrigues da Costa

RODA DE CONVERSA 292

EIXO 1 – AQUI E AGORA – A ABORDAGEM GESTÁLTICA FRENTE AOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS 293

AUTOCUIDADO ACADÊMICO NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO – O OLHAR DA GESTALTPEDAGOGIA NA CONTEMPORANEIDADE 294
Ciro de Almeida Sampaio
Chrystianne Maria Rocha Pontes
Lillian Argolo Amaral

BOYS DON'T CRY - A MASCULINIDADE NA CONTEMPORANEIDADE 296
Ivan Mumic Silva

ENTRE DOIS PAISES, MINHA FORMAÇÃO E MINHAS EXPERIENCIAS COMO GESTALT TERAPEUTA 297
Miguel Angel Liello

O TRABALHO DO GESTALT-TERAPEUTA NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS 298
Thaís Karolyne Reckziegel

EIXO 2 – CAMPO – A PRÁTICA CLÍNICA DO MANEJO GESTÁLTICO À INTERVENÇÃO 300

A FRONTEIRA DE VALOR NA PSICOTERAPIA 301
Ênio Brito Pinto

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO (AT) NA ABORDAGEM GESTÁLTICA: POR ONDE TEMOS ANDADO? 303
Marcele de Freitas Emerim

DO RIO AO MARANHÃO POR TERRA: REFLEXÕES E TROCAS SOBRE ESPAÇO TERAPÊUTICO A PARTIR DO ATENDIMENTO NA ESTRADA 304
Raphael Carvalho

GESTALT TERAPIA E A CLÍNICA DA AGRESSÃO 306
Tássia Lobato Pinheiro

MULHERES NEGRAS E TRANSIÇÃO CAPILAR: SABERES, SENTIDOS E PRÁTICAS EM DIÁLOGO COM A GESTALT-TERAPIA 307
Aline Alves Lima

O CAMPO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS E O FENÔMENO DAS ADIÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE: PERSPECTIVAS DA GESTALT-TERAPIA 309
Gabriel da Silva
José Ricardo

PREÇO OU VALOR? O AJUSTE FINANCEIRO NA CLÍNICA APOIADO NA SITUAÇÃO CONCRETA 311
Eduardo de Sequeira Cremer

EIXO 3 – CONTATO – O COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO NA FORMAÇÃO EM GESTALT-TERAPIA 313

"COM QUANTOS INTROJETOS SE PRODUZ UM (CIS)GÊNERO?": UMA PROPOSTA GESTÁLTICA E CONTRASSEXUAL 314
Marcos Vinicius Monteiro Barbalho
Zay Nogueira de Sales
Lorena Schalken de Andrade

DESAFIOS NA PRÁXIS DE INSTITUIÇÕES FORMADORAS EM GESTALT-TERAPIA: TECITURAS PARA ALÉM DE PARADIGMAS TECNICISTAS 316
Débora Cristina Guerra de Araújo Vale
Mariana Cela

O SPA COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO GESTÁLTICA 318
Marcos Vinícius Guimarães Viana
Filipe Silva

EIXO 4 – FRONTEIRA – GESTALT-TERAPIA, SOCIEDADE E SUBJETIVIDADES DE RESISTÊNCIA 320

AMBIENTALIDADE, CONTATO E RE(X)ISTÊNCIA: RESSIGNIFICANDO RELAÇÕES COM A NATUREZA 321
Mariana Marques Amorim
Sofia Junqueira

AUTOBIOGRAFIAS DO TORNAR-SE PESSOA NEGRA: TESSITURAS GESTÁLTICAS ACERCA DA INTERCORPOREIDADE E AUTORRECONHECIMENTO RACIAL 323
Geovana Beatriz Albuquerque Rocha Santos
Fernanda Cristine do Monte dos Santos
Lorena Schalken de Andrade

COMO O HOMEM DEVE SER? REVENDO CRENÇAS ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA COM GRUPO DE HOMENS 325
Thadeu Jotha de Souza Ribeiro
Petrônio Macedo Azevedo

PROCESSOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICOS E PRÁTICAS DECOLONIAIS DE CUIDADO DE SI E DE OUTRES 326
Roberta Bentes Flores Bayma

TRANSMASCULINIDADES E GESTAL-TERAPIA: O CONTATO COM A ALTERIDADE 327
Klaus Macena Fontenelle
Stephanie Oliveira Boechat

WORKSHOP 329

EIXO 1 – AQUI E AGORA – A ABORDAGEM GESTÁLTICA FRENTE AOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS 330

MEMÓRIA E GESTALT-TERAPIA: O ENCONTRO DA LIBERDADE DE SER NO AUTOCONHECIMENTO 331
Maria de Fatima Scaffo
Guilherme de Carvalho

VALORES: PONTE PARA AT\UALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES INTRA E INTERPESSOAL, NO COTIDIANO E NAS EMPRESAS 332
Emanoella Oliveira de Castro

EIXO 2 – CAMPO – A PRÁTICA CLÍNICA DO MANEJO GESTÁLTICO À INTERVENÇÃO 334

A PALAVRA FALADA A PARTIR DE UM FUNDO QUE NOS UNE E TRANSBORDA 335
Jessé Guimarães da Silva

GESTALTPEDAGOGIA & AUTOCUIDADO ACADÊMICO – "COMO" A TEORIA E A PRÁTICA PODEM CAMINHAR JUNTAS 336
Ciro de Almeida Sampaio
Lillian Argolo Amaral

GESTALT-POESIA – PERCURSOS CRIATIVOS PARA A PRÁTICA CLÍNICA E A CONSTITUIÇÃO DO GESTALT-TERAPEUTA 338
Jakenia Nascimento
Cheyenne Monteiro Wolf Von Arcosy

HERANÇAS FAMILIARES: RECONHECER PARA PODER ESCOLHER O QUE HONRAR E O QUE SOLTAR 339
Vivianne Calado

PSICOLOGIA HOSPITALAR E DA SAÚDE: UM FAZER A LUZ DA GESTALT-TERAPIA 341
Aline Ataide Del Raso
Raquel de Sousa Ribeiro

SEMENTES DE AMOR - O PSICOTERAPEUTA COMO AMBIENTE FÉRTIL PARA RELAÇÕES MAIS SAUDÁVEIS 342
Ana Caroline Costa Vieira
Danielle Lopes Moura

TRANSGERACIONALIDADE E GESTALT-TERAPIA: FERRAMENTAS DE LEITURA DO CAMPO TRANSGERACIONAL NA CLÍNICA GESTÁLTICA 344
Maria das Graças Gouvêa Neco da Silva
Hugo Elídio Rodrigues

EIXO 3 – CONTATO – O COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO NA FORMAÇÃO EM GESTALT-TERAPIA 346

O CONTATO NA CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA 347
Adriana Amaral do Espírito Santo
Paloma Navega da Silva de Azevedo

EIXO 4 – FRONTEIRA – GESTALT-TERAPIA, SOCIEDADE E SUBJETIVIDADES DE RESISTÊNCIA 349

FRONTEIRAS DA SEXUALIDADE ENTRE TERAPEUTA E CLIENTE 350
Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa

LUTOS INVISIBILIZADOS: DA FRONTEIRA COLONIZADORA À PRÁTICA DA ALTERIDADE 351
Vivian Machado

REDES (IN)VISÍVEIS QUE NOS SUSTENTAM: A EXPERIÊNCIA DO COLETIVO GESTALT COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E RESPALDO 353
Janete Martins Krueger
Liliane Machado

EIXO 5 – AWARENESS – INTERLOCUÇÕES GESTÁLTICA E ARTE: EXPRESSIVIDADE E CORPOREIDADE 355

(AN)DANÇAS: CONSTRUINDO SUPORTES 356
Maria Luiza Kerst

"E SE..." - INICIAÇÃO À ESCRITA DE FICÇÃO 357
Walter Macedo Filho

A POESIA COMO RECURSO PSICOTERAPEUTICO 358
Miguel Angel Liello

ARTE COMO PROMOTORA DE AWARENESS E AJUSTAMENTOS CRIATIVOS NO ATENDIMENTO INFANTIL 359
Regina Santos
Tereza Cristina Pedroso Ajzenberg

AS METAMORFOSES DO CORPO VIVO: ARTICULAÇÕES ENTRE PRÁTICAS SOMÁTICAS, GESTALT-TERAPIA E MERLEAU-PONTY 360
Alice Vignoli Reis
Thatiana Caputo Domingues da Silva

CAMINHOS ANCESTRAIS DE FEMININOS: EXPERIMENTAÇÕES EM TEATRO DADIVOSO E NARRATIVAS DE SI 362
Roberta Bentes Flores Bayma

CON.FIAR – RODA DE BORDAR JUNTO: UMA VIVÊNCIA GESTÁLTICA DE BORDADO FEITO À MÃOS 363
Vitória Virgínia Veras Nogueira

CONTATO IMPROVISAÇÃO 365
Michelle Limaverde de Araújo

CORPO, CLÍNICA GESTÁLTICA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA 366
Gabriela Mattos Saucedo

CORPO-RIO 368
Pedro José de Freitas Ziroldo

CUIDADO NO MODO PALHAÇARIA – CONTRIBUIÇÕES DO CLOWN PARA GESTALT-TERAPEUTAS ATUANDO COM A TEMÁTICA MORTE 370
Rafael Nascimento Barreiros

EXPERIÊNCIAS DE BOUNDARY DESDE LAURA PERLS: SENTIR E MOVER A PELE QUE HABITO 371
Lílian Vanessa Nicácio Gusmão

EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS NO CORPO SONORO-MUSICAL-RITMICO: *AWARENESS* E ESCUTA CLÍNICA 373
Bárbara Penteado Cabral

O CAMPO QUE DÁ SUPORTE, O CAMPO QUE GERA SOFRIMENTO 375
Maria Alice Queiroz de Brito (Lika Queiroz)
Selma Ciornai

O CLOWN TERAPÊUTICO: O PAPEL DOS JOGOS LÚDICOS NA CLÍNICA COM ADULTOS 376
Rodrigo Bastos

Montserrat Gasull Sanglas

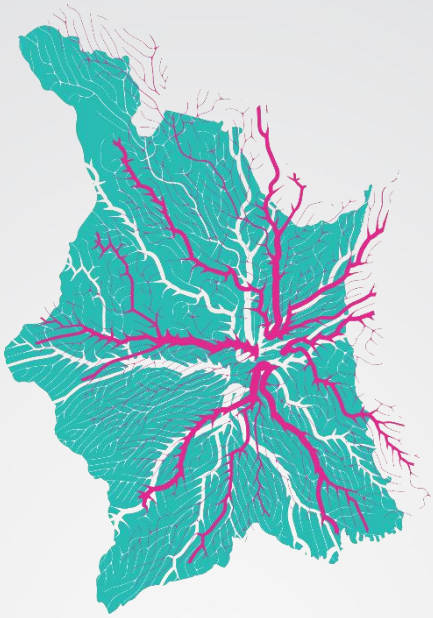
O QUE PODE UM NARIZ VERMELHO ENTRE GESTALT TERAPEUTAS?..... 377

AS EMOÇÕES EM CENA..... 377
Danielle Miranda
Alexandra Cleopatre Tsallis

ÓTICAS GESTÁLTICAS - FOTOGRAFIA E GESTALT-TERAPIA 379
Nathan Rodrigues Ximenes Furtado

TEATRO GESTÁLTICO: OFICINA PARA UM TRABALHO INTERSUBJETIVO DA AUTONOMIA DA ALTERIDADE..... 380
Erick Linhares de Holanda
Maria Luiza Kerst

VOZES: O QUE ECOA DE MIM? 381
Maria Luiza Kerst



COMUNICAÇÃO ORAL

EIXO 1 - Aqui e agora – a abordagem gestáltica frente aos desafios contemporâneos

A GESTALT-TERAPIA E O CICLO DE CONTATO NO CLOWN TERAPÊUTICO

Hegle Fraga Pinheiro Dias
Especialista em Gestalt-Terapia: Fundamentos, Prática e Atuação Clínica
hegleconsultorio@gmail.com
Universidade Santa Úrsula

Rodrigo Bastos
Mestre em Ciências Sociais
bastosbastos70@gmail.com
Universidade Santa Úrsula

RESUMO: Neste trabalho destacamos a Gestalt terapia, como fundamentação teórica, com especial destaque para o ciclo de contato, relacionando suas etapas, com o processo terapêutico e as vivências experimentadas durante o curso de formação em Clownterapia. Trata-se de uma pesquisa descritiva, embasada na fenomenologia, com buscas bibliográficas e experimentações em grupo. O objetivo é fazer um paralelo com as etapas do ciclo de contato tomando como proposta análoga e complementar, a ideia do trabalho desenvolvido e apresentado por Bastos e Gasull (2021) denominado “o Clown terapêutico". Este se pauta na epistemologia e metodologia da gestalt-terapia somada a conceitos e técnicas utilizadas na formação de palhaços. Assim “clownterapia” é um método, uma técnica, com sucessivas provocações brincantes e desafios ao “palhaço” que há em nós, que são propostos conforme crescem a confiança, a espontaneidade e a criatividade, de cada participante. Observa-se portanto, as formas de contato que estes estabelecem, sabendo que ela está diretamente relacionada à saúde mental. Assim, o método "o Clown terapêutico" nos apresenta uma potente estratégia de propiciar, aos que dele se utilizam, a experimentação de propostas e desafios diversos, que nos convidam ao contato, nos conectando intensamente aos nossos anseios e bloqueios, na medida em que nos desafiam. Através da leveza do brincar e a profundidade de ser, encontramos novas possibilidades de atuar em nossas mazelas, transformando-nos com afeto e alegrias.

PALAVRA-CHAVE: Gestalt-terapia; Ciclo de contato; Clownterapia; Palhaço; Psicoterapia.

A INADEQUAÇÃO COMO INTROJETO NA CLÍNICA COM PESSOAS LGBT

Vinícius Mendonça Lima
Gestalt-terapeuta
viniciusmendonca@live.com

RESUMO: Ao longo dos processos sócio-históricos que construíram a sociedade ocidental como a conhecemos, a humanidade criou e transformou diversas vezes os sistemas de crenças através dos quais buscava conhecer a si mesma e ao mundo que a cerca. Na sucessão dos períodos históricos e com as transformações das crenças vigentes em cada um deles, também diversos valores e estigmas sociais foram construídos e inscritos na base do pensamento hegemônico, sobrevivendo com novas roupagens à chegada do paradigma seguinte. A cisheteronormatividade é uma desses valores instituídos como norma que relega seus dissidentes à exclusão e à violência. Assim, na sucessão dos momentos históricos, a homossexualidade, junto às outras expressões não condizentes à cisheteronorma, foi alvo das opressões da hegemonia. Foi como resposta a essas violências que muitas bandeiras levantaram-se através de diversas manifestações, como a histórica Revolta de Stonewall. Estes levantes tiveram por intuito dar voz aos grupos violentados ou invisibilizados pela cisheteronormatividade e através deles, muitos direitos foram conquistados. Ainda assim, não é raro que nas relações sociais e nas instituições ainda existam, de maneira estrutural ou expressas, inúmeras expressões da LGBTfobia, inclusive nas famílias. No que tange à vivência familiar, a presença da LGBTfobia aponta para um grande risco na construção do autossuporte de pessoas LGBT, grupo cujo notável sofrimento tem sido pauta de discussão em diversos ambientes dentro e fora da academia. A compreensão gestáltica acerca do desenvolvimento humano entende a introjeção como um mecanismo de interação entre organismo e ambiente quando o primeiro ainda não desenvolveu recursos mais complexos para satisfazer as próprias necessidades. Assim, no caso da ausência do recurso da mastigação, nas primeiras etapas do desenvolvimento, o organismo depende de obter a nutrição da maneira que lhe for oferecida, sem poder transforma-la. O mesmo mecanismo é responsável pela obtenção de parte considerável da educação e dos valores morais. As vivências nessa fase do desenvolvimento têm grande importância na construção do autossuporte. Quando o material oferecido é nutritivo e possível de ser assimilado, contribui para essa construção, visto que o ambiente foi confiável e nutridor. Em contrapartida, diante da ambiguidade, hostilidade ou insuficiência da nutrição ofertada, a insatisfação fica como marca dessa relação e o recurso possível é manipular a própria necessidade, ajustando-se àquilo que é recebido. Cria-se assim o ajustamento a um senso apriorístico de funcionamento que apega-se de sobremaneira ao que foi internalizado a partir do que foi recebido do ambiente em detrimento de suas necessidades mais genuínas e dos valores cujo sentido poderia ser extraído da própria experiência. Diante disso, as necessidades são isoladas para dar lugar ao cumprimento de deveres. Sendo a família, na cultura ocidental, o ambiente primordial de convivência nas primeiras fases do desenvolvimento, é no convívio com ela que se forjam as primeiras bases para a construção de valores e compreensões sobre si mesmo e sobre o mundo. Quando o ambiente familiar traz em seus valores a cisheterossexualidade como única possibilidade de existência aceitável ou a crítica às vivências que extrapolam a cisheteronormatividade, perceber-se inadequado a tais valores pode ser fonte de grande sofrimento, tendo como desdobramento possível a introjeção do sentimento de inadequação que, perdurando, perturbará sua expressão autêntica e, consequentemente, sua maneira de estar no mundo. O presente trabalho visa discutir alguns desdobramentos do sentimento de inadequação em pessoas LGBT, tanto em seus relacionamentos românticos e sexuais quanto nas demais relações. Para isso, serão levados para discussão estudos de casos de clientes LGBT atendidos pelo autor e que apresentam a inadequação como demanda. Os casos

estudados apontam a presença de introjeções que contribuem para a desvalorização e culpabilização de si. Essas introjeções geram dificuldades de confiança em si ou nos outros, perturbando a expressão e o atendimento das próprias necessidades, sendo então estas últimas, substituídas por deveres extraídos de demandas ambientais.

Palavras-chave: Introjeção; LGBT; Cisheteronormatividade.

A PRÁTICA CLÍNICA DA GESTALT-TERAPIA COM PACIENTES COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA

Giovana Lourdes Cavalcante de Carvalho[1]
Formação Teórico-Vivencial em Gestalt-Terapia
giovanalourdescarvalho@hotmail.com
Instituto Fratelli

RESUMO: O presente estudo tem como eixo a prática clinica do manejo gestáltico à intervenção compreendendo que o Transtorno do Espectro Autista-TEA, popularmente conhecido como autismo é uma síndrome comportamental que compromete o desenvolvimento motor e psiconeurológico, dificultando a cognição, a linguagem e a interação social da criança, que precisa de um olhar além do que é visível aos olhos, assim o psicólogo compromissado com o ser humano deve prestar uma terapia qualificada Os objetivos são refletir e descrever o que tem sido produzido na literatura sobre a prática clínica a partir da Gestalt-terapia com pacientes com TEA. A metodologia utilizada foi à revisão integrativa. O levantamento bibliográfico para a pesquisa foi realizado por meio de publicações indexadas nos periódicos eletrônicos de Psicologia, Portal de Periódicos Capes e Scientific Eletronic Library Online, entre o período de 2019 a 2023. Identificaram-se inicialmente 27 artigos nas três bases de dados consultadas. Foram incluídos na pesquisa artigos na integra que tratavam da prática clínica a partir da Gestalt-terapia com pacientes com Transtorno do Espectro Autista, nos idiomas, português e inglês, publicados nos últimos cinco anos. Já os critérios de exclusão foram artigos incompletos e os duplicados, teses e dissertações e artigos pagos. Porém, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão foram selecionados para compor a amostra final 10 artigos, sendo 02 na base de dados SCIELO, 04 CAPES e 04 na PePSIC, Os resultados evidenciaram uma amostra de dez artigos, que trouxeram contribuições significativas aos interessados na prática clínica em Gestalt-terapia, principalmente por consolidar essa abordagem com uma ferramenta que pode ser trabalhada com pessoas dentro do Espectro Autista, principalmente pela compreensão que é estabelecida entre esses clientes consigo mesmo e com o mundo. Evidencia-se que a Gestalt-terapia apresenta uma perspectiva dialógica por meio de intervenções que atuam nas formas de expressão e comunicação possíveis, bem como as especificidades dos pacientes com TEA. Assim, a Gestalt-terapia com esses clientes permite estimular as funções de contato: visão, audição, tato, gustação, olfato, fala e movimento, por meio de jogos, dança, mímica, realização de expressões faciais diante do espelho, uso de instrumento musical, da música, da argila, de tinta e esponja, da massinha de modelar, da areia, e tantos outros materiais que proporcionam o desenvolvimento global e integral desses sujeitos, experimentando e descrevendo as sensações provocadas pelos materiais em relação à textura, temperatura e consistência, e sentindo o gosto e o cheiro de diferentes alimentos, fazendo que a partir do contato a criança, ela seja acolhida, legitimando o seu modo de existir e valorizando o que ela é capaz de fazer no momento. Conclui-se que a literatura aborda a prática clínica a partir da Gestalt-terapia com pacientes com Transtornos do Espectro Autista ainda de forma bem tímida, há uma necessidade de mais estudos clínicos sobre esse tema tão relevante, uma vez que o número de pessoas com TEA é significativo. Contudo, os estudos analisados trazem contribuições para essa pesquisa à medida que evidencia a importância da Gestalt-terapia para os clientes com transtorno do espectro autista.

Palavras-chave: Autismo; Gestalt-terapia; Psicologia.

[1] Psicóloga formada pela Faculdade Mauricio de Nassau.

A RELAÇÃO DIALÓGICA DO GESTALT-TERAPEUTA NO HOSPITAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Denilson Gomes Silva[2]
Mestre em Saúde da Família
denilsongomes367@gmail.com
PsicoCenter do Piauí

RESUMO: Nos últimos anos, a área da saúde vem priorizando de forma marcante um discurso que enfoca a humanização do cuidado como fundamental para o desenvolvimento das políticas públicas no ambiente hospitalar. A principal intervenção do gestalt-terapeuta durante o atendimento hospitalar é a minimização do sofrimento provocado pela hospitalização, possibilitando a comunicação das angústias, medos e sofrimentos, ou qualquer outro sentimento que possa emegir a partir da relação dialógica desse profissional com os pacientes e seus familiares. Este estudo teve como objetivo avaliar as evidências disponíveis sobre a inserção do psicólogo hospitalar com ênfase em Gestalt-terapia e por meio da Política Nacional de Humanização. Para tanto, realizou-se uma revisão integrativa da literatura nacional e internacional, por meio das bases de dados: o Medical Literature Analysis and Retrieval Sistem On-line (MEDLINE) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), em busca de artigos, monografias e dissertações publicadas em português, inglês e espanhol, com os resumos disponíveis nas bases de dados selecionadas e acesso ao texto completo, no período compreendido entre 2016 a 2023, utilizando os descritores em saúde: psicólogo hospitalar, humanização e Gestalt, totalizando 07 estudos selecionados. As seguintes etapas foram percorridas: estabelecimento da hipótese e objetivo da revisão integrativa, estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão da pesquisa (seleção da amostra), definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; análise e discussão dos resultados. A literatura apresentou trabalhos desenvolvidos em diferentes setores hospitalares e as concepções de profissionais psicólogos que apontam a necessidade de desenvolver um ambiente que facilite o atendimento humanizado, envolvendo suas percepções e sentimentos em relação à vivência no contexto hospitalar. Em relação aos estudos sobre humanização, destacou-se a importância da comunicação como um ponto importante para a compreensão e reconhecimento do outro. A qualidade dessa comunicação pode depender da instrumentalização do profissional, o que também é questionado e pontuado como uma proposta e desafio da humanização. De acordo com essa perspectiva, é dada ênfase à necessidade de cuidar de quem cuida. O trabalho do psicólogo hospitalar, articulado com os conceitos da Gestalt-terapia e da humanização, propõe tornar evidente a importância do diálogo, da acolhida, da escuta e da valorização do ser humano em suas necessidades como elementos importantes para o desenvolvimento de um trabalho adequado na equipe de saúde. O desenvolvimento da criatividade como recurso potencializador do vínculo nas enfermarias e salas de observação proporcionou nos seus membros um aumento da responsabilidade pessoal em situações de adoecimento emocional por meio de novos posicionamentos nas relações com os profissionais de saúde, maior capacidade de fazer escolhas, incentivo por viabilizar a qualidade na internação hospitalar, maior engajamento no autocuidado, reformulação da postura em diversos aspectos da vida, maior capacidade de estabelecer contato consigo e com os outros, ampliação das estratégias terapêuticas de que passaram a dispor para lidarem melhor com suas dificuldades e maior adesão dos pacientes no acompanhamento da saúde. Por conseguinte, constatou-se que a abordagem gestáltica nas ações de saúde no cenário hospitalar pode proporcionar um processo dialógico no campo da atenção psicossocial, assim como o desenvolvimento de tecnologias de cuidado guiadas pela noção de

[2] Gestalt-terapeuta e Mestre em Saúde da Família pelo Centro Universitário UNINOVAFAPI. Teresina, Piauí.

responsabilização, compreensão empática, comprometimento e integralidade com a vida dos pacientes, familiares e comunidade. Esta pesquisa investigou e identificou a conexão entre a atuação do psicólogo hospitalar, guiada pelos princípios de um entendimento biopsicossocial do ser humano, ancorada na Gestalt-terapia como ferramenta de atuação frente à Política Nacional de Humanização.

Palavras-chave: Gestalt-terapeuta; Hospitalização; Humanização.

A RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA NA CONTEMPORANEIDADE: OLHARES GESTÁLTICOS

Luísa Jobim Santi[3]
Psicóloga
luisajobimpsi@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais

Cláudia Lins Cardoso
Professora Doutora
clins.rj@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: A Gestalt-terapia se configura enquanto abordagem humanista-existencial-fenomenológica, sendo constituída em um campo dinâmico e processual. Nesse sentido, em atendimentos psicoterapêuticos é estabelecida uma perspectiva holística, de integração organismo-ambiente, em que ambos são co-construídos. Desse modo, para que o psicólogo atenda a pessoa total, faz-se necessário contemplar a disposição da sociedade contemporânea e suas interfaces com a relação psicoterapêutica. O cenário atual é marcado por uma ausência de referências estáveis, perda do senso de pertinência e sentido gregário, além de um desenraizamento e liquefação das relações afetivas. Há, portanto, uma fragilidade de vínculos, a qual propicia uma anulação de si e do outro, promovendo ausência de trocas reais e íntimas. Esse contexto configura novos desafios à clínica gestáltica, fazendo emergir a necessidade do psicoterapeuta se colocar enquanto facilitador de processos de encontro e apreensão de sentido e possibilidades existenciais. Nesse sentido, o presente trabalho busca elaborar reflexões acerca da atuação da Gestalt-terapia frente à emergência de novos desafios relacionais na contemporaneidade. Para a comunicação oral, serão analisados os aspectos referentes ao contexto contemporâneo e à importância de uma Gestalt-terapia integrada às questões sociais; bem como serão elaboradas propostas referentes à atuação do Gestalt-terapeuta no cenário atual. Em uma era marcada pela exacerbação de uma felicidade simulada e desenraizada, em que há um anseio por liberdade e ausência de sofrimento, muitos clientes chegam à psicoterapia a espera de serviços rápidos, que visem o alívio de sintomas e resolução de problemas a partir de um psicólogo-guia, que norteie o caminho e revele conteúdos antes desconhecidos. Contudo, a busca por 'salvar' ou 'curar' o paciente sinaliza controle, onipotência, e tentativa de estabelecer relações verticalizadas, as quais se opõem à capacidade de autorregulação organísmica e ao objetivo terapêutico de promoção de autonomia e *awareness*. Nesse sentido, a proposta da Gestalt-terapia volta-se para a concepção de um campo psicoterapêutico que auxilie a constituição de suporte para que o cliente reconheça suas necessidades, bloqueios, e perceba-se enquanto ser dotado de autonomia e potencialidades para nortear e atravessar seu caminho. Nessa perspectiva, a psicoterapia envolve a construção de um tear relacional que extrapole o racionalizar e envolva o cuidar a partir do contato. Os seres humanos são constituídos e vivem em relações, sendo impossível a existência se dar no vácuo, no isolamento existencial. O contato com o outro é fruto da diferença e do reconhecimento da alteridade eu-mundo, enquanto partes complementares, sendo que quanto mais próxima à fronteira, mais intimidade há na relação, e mais se concentram aí energias de proteção, de mudança e de transformação. Em um contexto contemporâneo promotor de vínculos cada vez mais frágeis e líquidos, a psicoterapia se configura enquanto campo de entrelaçamento, de se permitir ser visto e cuidado, possibilitar trocas íntimas e profundas. Nesse sistema, o motor central da Gestalt-terapia configura-se enquanto o espaço de vínculo e de encontro com o outro, em uma relação

[3] Nota de Rodapé (Tam 10, Times New Roman - ESTILO JÁ CONFIGURADO – SH_Rodapé)

de hospitalidade e cuidado. A presença e o olhar implicado trazem a dimensão do amparo e do acolhimento à pessoa que apresenta suas vulnerabilidades e desejos, que se apresenta. E é a partir desse reconhecimento que o cliente passa a entrar em contato com dimensões antes não emergentes, se permite não apenas ter clareza do que se passa em seus processos, mas colocar-se enquanto ser em experiência, em contato íntimo com o seu sentir, agir e pensar, de forma interligado e indivisível. Tem-se, assim, as dimensões de sustentação e continuidade, a partir das quais amarras e interrupções existenciais são desalinhadas e realinhadas, facilitando *awareness* e reconhecimento de suas potencialidades. A Gestalt-terapia propõe, portanto, a constituição de um campo de intimidade e reconhecimento de si enquanto ser singular e relacional, abrindo margem para o cuidado no encontro com a alteridade. Revela-se, desse modo, uma resistência à superficialidade individualista, promovida pelo paradigma imediatista e utilitário da contemporaneidade. A psicoterapia passa a atuar enquanto espaço de suporte, para que o cliente elabore suas concepções subejtivas e constitua ações e projetos congruentes com as suas reais necessidades, estando implicado no mundo de forma autônoma e responsável.

Palavras-chave: Contemporaneidade; Relação psicoterapêutica; Gestalt-terapia.

A VIVÊNCIA HOMOSSEXUAL CONTEMPORÂNEA NA TERCEIRA IDADE: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

João Pedro de Moura Leite[4]
Estudante de Psicologia
joaopedronml4@gmail.com
Centro Universitário Santo Agostinho

Patrícia Carvalho Moreira[5]
Psicóloga
patriciamoreirapsi1@hotmail.com
Centro Universitário Santo Agostinho

RESUMO: Introdução: Segundo Lemos (2015), a vivência da sexualidade dos idosos sempre foi vista, socialmente, com estranheza pois sexo era compreendido como somente para procriação, sem fins afetivos ou prazerosos e com isso, no envelhecimento a atividade sexual perde seu sentido, já que não há mais a possibilidade de procriação. Tal visão permanece na sociedade contemporânea, assim, idosos homossexuais estão sujeitos à invisibilidade social, por sofrerem discriminação e opressão advindos de dois fatores, sua idade e sua orientação sexual. Sexualidade e envelhecimento seguem firmes como tabus na sociedade mesmo sendo parte da condição humana. De acordo com Pires (2019), o Brasil passa por um período de envelhecimento populacional, sendo imprescindível a discussão para o entendimento sobre a diversidade de vivências na terceira idade. É necessário compreender, sob o olhar gestáltico, a vivência deste grupo de pessoas na contemporaneidade, com a finalidade de conhecer sua realidade e auxiliá-los nas dificuldades que encontram. **Objetivos**: compreender como a homossexualidade é vivenciada por idosos na contemporaneidade; identificar os significados e sentidos atribuídos a vivência da homossexualidade na terceira idade; analisar criticamente como a sociedade, bem como, as instituições governamentais recebem essa população. **Metodologia**: Esse estudo é uma revisão narrativa da literatura, com análise das publicações entre os anos de 2013 a 2022 em bases de dados (SciELO, Periódico CAPES) e também revistas online (Periódico grupo Tiradentes; Repositório PUCRS; Revista Longeviver; Periódicos UFES; Revista Barbarói). **Resultados**: Foram analisadas 10 publicações. Os artigos confirmaram resultados esperados, como por exemplo, idosos homossexuais sofrerem preconceito, por serem idosos e homossexuais. O fato de serem excluídos do círculo familiar e social e o fato de que eles ainda sentem sua sexualidade ativa, porém, tem maior dificuldade de expressá-la e até vivenciá-la. Alguns estudos afirmaram que as/os idosas/os não sentem que são tratados de forma igualitária pelas instituições governamentais. Os resultados apresentam que o idoso homossexual sofre preconceitos discriminações e exclusões socialmente, entretanto uma pesquisa afirmou que os idosos entrevistados nunca sofreram preconceito no trabalho ou em entrevistas de emprego. Os estudos de caso vistos em cada uma das pesquisas foram de extrema importância para a análise dos dados e os resultados das pesquisas. Não houve divergência nos resultados. Percebe-se, portanto, que estas foram essenciais para o cumprimento do objetivo desta revisão narrativa da literatura. **Conclusão**: Idosos homossexuais não têm uma rede de relações sociais e, principalmente, familiares, por conta de agressões físicas e verbais sofridas em seu passado, o que gera medo de socialização, a maioria deles tenta manter a sexualidade ativa, mas afirmam que não gostam de se relacionar com jovens, pois eles

[4] Estudante do 9° período de psicologia do Centro Universitário Santo Agostinho. Escritor desta revisão narrativa da literatura.

[5] Docente do Centro Universitário Santo Agostinho e Psicóloga Gestalt-terapeuta. Orientadora desta revisão narrativa da literatura

só os usam para sexo e são muito promíscuos. Alguns apresentam comportamentos em decorrência dessas introjeções e vivencias sociais legando crise e sofrimento psicológico. Estes manifestados em forma de sintomas que os deixam deprimidos e outros idosos conseguem viver bem consigo mesmo. Considera-se que estes sofrem preconceito e exclusão pela junção de dois fatores, a homofobia internalizada na sociedade e pelo fato de idosos serem vistos socialmente como pessoas sem sexualidade. E que o idadismo e a LGBTfobia representam violação á direitos humanos produzindo sofrimento psicológico e isolamento social. A Gestalt-terapia (Perls, Hefferline e Goodman, 1998) como área cientifica contribui também socialmente pesquisando, discutindo, cuidando e intervindo com importante temas da terceira idade. Dentre suas filosofias de base, como o existencialismo e humanismo em sua concepção de ser humano e sua relação como o mundo, e consigo, auxiliar essa população em seus introjetos e bloqueios de contatos sejam superados e vivenciados de forma a garantir fluidez e estar no mundo de forma autêntica de modo a superar crises e fechar gestalten. Ampliando awareness de si como um todo conectando corpo-mente e campo.

Palavras-chave: Homossexualidade; Idosos; Sociedade.

ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES E A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO FERRAMENTA DE AJUSTAMENTO

Mariana Cela
Mestre em Psicologia
mariana.cella@gmail.com
Centro Universitário do Rio Grande do Norte

Helena Oliveira
Psicóloga
helenagno08@gmail.com

RESUMO: De acordo com dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde, somente em 2021, o Brasil registrou 47 mil casos de violência sexual contra crianças e adolescentes. Essa forma de violência foi cometida majoritariamente contra crianças e adolescentes do gênero feminino, que representam cerca de 84%; destas, 56% são meninas negras. Os dados evidenciam que a violência sexual contra sujeitos nas fases de infância e adolescência, possui raízes nas estruturas históricas e sociais que fundamentam a sociedade: o patriarcado, o racismo e, também, o modo de produção capitalista. Entende-se patriarcado conforme postulado por Saffioti, um sistema articulado que se fundamenta na exploração e dominação dos corpos femininos, diretamente imbricado ao racismo que assola o Brasil, um dos últimos países a abandonar o escravagismo como modelo social e econômico. Tanto o patriarcado, quanto o racismo, são disseminados estruturalmente e produzem um intenso processo de hiperssexualização dos corpos femininos, bem como dos corpos negros. Já o capitalismo, fazendo uso desses sistemas de violências, exerce e reproduz seus mecanismos, de forma a ampliar as suas desigualdades para se manter como hegemonia. A tríade citada anteriormente, se dá contextualizada por uma cultura adultocêntrica, que demorou séculos para reconhecer crianças e adolescentes como sujeitos de direitos. O Brasil, através do Estatuto da Criança e do Adolescente, definiu um marco mundial na garantia dos direitos dessa população, definindo crianças e adolescentes como detentores de prioridade absoluta, devendo ser compreendidos em sua integralidade e respeitados diante da sua condição peculiar de desenvolvimento. Faz-se necessário reconhecer que a violência sexual encontra nas estruturas patriarcais-racistas-capitalistas um ambiente propício para sua perpetuação, sendo de inteira responsabilidade da sociedade como um todo, agir na direção do seu enfrentamento e prevenção. Diante da tipificação dessa forma de violência, identifica-se o abuso sexual e a exploração sexual, em que o último acontece mediante troca ou ganho financeiro para uma das partes envolvidas. Ainda de acordo com os dados do Ministério da Saúde (2021), cerca de 71% dos casos de abuso ocorrem dentro do núcleo familiar, ou seja, na grande maioria dos casos, o abusador é a figura que deveria cuidar e proteger. Portanto, a educação sexual nas escolas surge como principal ferramenta para que as crianças e adolescentes possam identificar a violência sofrida e procurar ajuda, proporcionando o enfrentamento e a prevenção. Diante do cenário apontado, optou-se pela realização de uma revisão literária narrativa, com o objetivo de analisar o impacto que a educação sexual nas escolas nas incidências de violência sexual que acometem crianças e adolescentes. Entende-se que a revisão literária narrativa torna possível análises mais amplas, não necessitando estar atrelada a uma metodologia específica para a busca de referências, nem de critérios utilizados para selecionar os trabalhos e obras consultadas. Como percurso e ferramentas metodológicas, realizou-se uma busca de periódicos disponibilizados no Portal Capes, utilizando os marcadores “Violência sexual” AND “Crianças e adolescentes” AND “Educação sexual”. Selecionou-se aqueles que possuem direta relação com o objetivo aqui proposto, fazendo uso de 10 artigos escolhidos. A análise foi realizada tendo como lentes teóricas norteadoras, a Gestalt-Terapia, sua compreensão de campo, ajustamento criativo e

heterossuporte. Utilizou-se ainda a compreensão marxista fundamentada no método materialista histórico e dialético, para analisar a produção material e histórica das violências e subjugações impostas pelas estruturas patriarcais, racistas e capitalistas. Como resultados obtidos, identificou-se que a educação sexual nas escolas aparece para as crianças e adolescentes como uma possibilidade de se ajustar diante da violência, mas o impacto dessa forma de ajustamento varia de acordo com o suporte obtido e com as ações realizadas pelos agentes que compõem o ambiente escolar. De toda forma, a educação sexual amplamente criticada pelos conservadores, é a ferramenta que ameaça o sistema de violência sexual contra crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Crianças e adolescentes; Violência Sexual; Educação sexual.

ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA PROTEÇÃO SOCIAL BÁSICA E SUA ARTICULAÇÃO COM A GESTALT-TERAPIA

Vitória de Sousa Pereira
Graduada em Psicologia
vitoriasousapsic@gmail.com
Prefeitura Municipal de Santa Quitéria – Secretaria de Proteção Social e Direitos Humanos
Espaço Sorge

RESUMO: Reflete-se sobre a atuação da Psicologia no âmbito das Políticas Públicas de Assistência Social, mais especificamente à Proteção Social Básica representada pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), buscando indicar as potenciais contribuições da Abordagem Gestáltica para o campo. Explicita-se ainda a complexidade do exercício técnico da Psicologia no SUAS, que conflita com o ideário da formação em Psicologia como quem desenvolve a clínica psicológica tradicional dos consultórios. Elabora-se assim uma construção teórica com base em relatos da experiência vivida da autora, em que se articulam: as diretrizes técnicas para atuação dos Profissionais do SUAS e as elaboradas pelo Conselho Federal de Psicologia; as referências teóricas do campo da Psicologia sobre a atuação no SUAS; o referencial gestáltico, em específico sobre a atuação com pessoas e grupos que vivem a experiência de sofrimento ético, político e antropológico. Entende-se que o contexto de atuação dos Profissionais da Assistência Social implica a lida com as questões estruturais de nosso país, a saber: o projeto de cidadania construída em nossa sociedade e a consequente marginalização de pessoas e povos, constituindo assim um projeto de subcidadania; a realidade da desigualdade social e da fome em nosso país, em que a ausência do Estado (por meio de suas políticas) constitui-se como a Política, uma Necropolítica, vidas sujeitadas ao status de “mortos-vivos”; a realidade dos diversos tipos de violência e negligência que atravessa as relações do sujeito tanto no ambiente familiar como nos seus outros contextos de vida; a vulnerabilidade e risco social decorrente da fragilização dos vínculos de sociabilidade e do precário ou inexistente acesso às políticas públicas. Entende-se que pautar os fenômenos estruturais de nossa sociedade que compõem os processos de vulnerabilização é um exercício hermenêutico fundamental da Psicologia, de forma a melhor compreender a gênese e as continuidades desses processos, bem como seus efeitos nos processos de subjetivação. Concebe-se assim, que a atuação da Psicologia, em específico a inspirada no referencial gestáltico, constitui-se como uma ação ético-política com pessoas e grupos em um dado território de vida, e que assume o desafio de dar visibilidade e acolhimento para as suas experiências vividas, principalmente no que diz respeito ao sofrimento causado pelo que entendemos como sendo um fenômeno de campo. Nesse sentido, a escuta gestáltica nos possibilita acolher e compreender os sujeitos e grupos sociais naquilo em que não são acolhidos em outros espaços da nossa sociedade, bem como nos permite trabalhar junto a eles aquilo que têm em potencial. Desse modo, percebemos que o referencial gestáltico comunga com a atuação Técnica no CRAS na medida em que buscamos trabalhar com o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, com a prevenção e proteção básica dos sujeitos e o desenvolvimento de suas potencialidades e autonomia, na tentativa de garantir que todos possam ter acesso aos direitos básicos e essenciais para uma vida com dignidade. Assumimos ainda a defesa do entendimento de que o trabalho do psicólogo no âmbito da Assistência Social deve se articular com os pressupostos da Psicologia Social Comunitária, em sua postura ética, crítica e política que intenciona identificar e potencializar as formas de existência social das populações submetidas aos processos de vulnerabilização.

Palavras-chave: Proteção social; Gestalt-terapia; Compromisso ético-político.

CAMINHOS PARA COMPREENSÃO DA ANSIEDADE SOB A ÓTICA DE LAURA PERLS

Beatriz Evangelista de Araújo
Graduada em Psicologia (UFPA) e Mestranda em Psicologia
beatricearaujoo21@gmail.com
Universidade Federal do Pará

Lorena Schalken de Andrade
Gestalt-terapeuta e Dra. em Psicologia pela Universidade Federal do Pará
lorenaschalken@gmail.com
Universidade da Amazônia

RESUMO: A ansiedade é um fenômeno inerente à experiência humana, trata-se de uma emoção primária que tem função de proporcionar a autopreservação. Atualmente, a ansiedade tem estado cada vez mais em foco devido às diferentes demandas relacionais desencadeadoras de intenso sofrimento emocional, assim como, a exposição a eventos estressores como: à proliferação de doenças, catástrofes naturais e/ou ocasionadas por ações humanas etc. Contudo, há uma predominância em se pensar a ansiedade prioritariamente pela ótica biomédica hegemônica elencando-a a um patamar nosológico e atestando um status de enfermidade "insuportável", e por conta disso, têm-se a percepção de que a ansiedade é algo negativo e precisa ser curada/eliminada o mais rápido possível. Diante disso, este estudo se propõe a considerar outras perspectivas para apreender a ansiedade, dedicando-se a compreender o olhar gestáltico de Laura Perls na concepção desta e conhecer as implicações do contexto sócio-histórico na patologização deste fenômeno. A metodologia adotada consistiu em uma revisão narrativa dos textos de Laura Perls que abordavam a temática da ansiedade, articulada a uma revisão narrativa da literatura nos últimos 10 anos nas bases de dados Scielo e BVS e de capítulos de livros acerca das produções em Gestalt-Terapia e na fenomenologia voltados para a ansiedade. Como resultados, encontramos que na perspectiva gestáltica de Laura Perls, a ansiedade seria uma ruptura da confluência na relação organismo-ambiente, confluência esta que gera equilíbrio nesta relação, pois permite o sentimento de pertencimento em que é possível reconhecer o que é do eu e o que é do outro. A ansiedade, portanto, decorre da discrepância entre as funções de contato e suporte ocasionando uma má manipulação do meio, dificultando o processo de reconhecimento e diferenciação, e com isso, a criação de estratégias para lidar com os conflitos. No que tange a dimensão do contato, a ansiedade expressa-se majoritariamente no corpo, nesse sentido, o desenvolvimento de Laura acerca do conceito de Suporte e sua relação com os processos de ansiedade é contemporâneo a discussão fenomenológica de corpo, apontando formas de significar o mundo por meio da intersubjetividade. Laura propõe que algumas funções que se expressam no corpo são essenciais para o desenvolvimento do Suporte, e consequentemente, o contato. O Suporte perpassa pelas funções fisiológicas até as experiências integralmente assimiladas, consistindo em um fundo integrado de vividos que possibilita a melhor manipulação do meio, ou seja, a capacidade de criar e encontrar os recursos necessários para estabelecer contato, e quando necessário, enfrentar os conflitos que surgem. Desse modo, podemos perceber a dimensão ética política da perspectiva de Laura acerca do sofrimento. A concepção de Laura vai em parte de encontro com a presente na literatura gestáltica que entende a ansiedade como fenômeno fruto da relação consigo e com o outro, uma vez que as formas de se relacionar no mundo podem ocasionar a sensação exacerbada de ansiedade. Considerando isso, é importante também atentarmos para o contexto sócio-histórico ao qual estamos inseridos e ponderar acerca das implicações da ausência de perspectivas raciais em contraponto a dimensão estrutural racista que psicopatologiza a realidade, assim como, a estruturação relacional que o neoliberalismo impõe

às pessoas, modificando as interações em direção a uma dinâmica produtividade-valor social. Nesse sentido, autores contemporâneos discorrem acerca de como as dinâmicas relacionais estão tornando-se fragilizadas desencadeando diferentes formas de sofrimento. Assim, a ansiedade configura-se como tentativa de proteção às várias demandas do meio e ao ser ignorada e desvalidada, sendo considerada apenas como fraqueza ou doença, passa a se expressar intensamente denunciando que mudanças precisam ser feitas no campo. Em consequência deste cenário, as pessoas encontram dificuldade para aceitar seu próprio sofrimento, e assim, encontrar formas de lidar com ele. Conclui-se que a partir da perspectiva gestáltica de Laura Perls e considerando o contexto sócio-histórico podemos compreender outras formas de refletir acerca dos processos de ansiedade e possibilitar os manejos clínicos que priorizem a subjetividade e necessidade de cada pessoa.

Palavras-chave: Ansiedade; Laura Perls; Gestalt-Terapia.

CLÍNICA PARA AQUI-AGORA: GESTALT-TERAPIA COMO RESPOSTA A UM DIAGNÓSTICO SOCIAL

Diogo de Oliveira Boccardi
Psicólogo, Mestre em Saúde Mental e doutorando em Ciências Humanas
diboccardi@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: É notória a influência de determinadas teorias (como a Filosofia Fenomenológica, a Psicanálise freudiana e pós-freudiana, o Socialismo Libertário anarquista, entre outras) na formulação da abordagem gestáltica. Mas não parece correto explicar o desenvolvimento de uma nova proposta clínica apenas pela articulação de diferentes conceitos ou escolas de pensamento. Se levarmos em conta a profusão de abordagens psicoterapêuticas criadas ao longo do século XX, resulta importante questionar: o que motivou Laura Perls, Paul Goodman, Fritz Perls, Isadore From e outros colaboradores a elaborar mais uma teoria, batizada então de Gestalt-terapia? Se é verdade que, acerca dos fenômenos clínicos, tinham interpretações divergentes das que outras abordagens apresentavam, temos que reconhecer que seu mote principal foi, no entanto, uma crítica frontal às formas de organização social hegemônicas (capitalistas, sobretudo) no pós-Segunda Guerra Mundial. **Objetivo:** debater o que chamo de "diagnóstico social" e sua importância para os fundadores da Gestalt-terapia. **Metodologia:** A partir de citações dos livros seminais da abordagem, *Ego, fome e agressão* (1942) e *Gestalt-terapia* (1951), mas também de comentadores e biógrafos, serão apresentados: 1) o contexto de formação de Fritz e Laura Perls; 2) o modo muito particular de Goodman entrelaçar diferentes influências filosóficas e políticas; e 3) os motivos psicossociais para, em um primeiro momento, configurar um "Terapia da Concentração" e, em um segundo momento, fazer-se uma inflexão para a Gestalt-terapia. Conforme defenderei, os fundadores, especialmente Fritz, perceberam, desde a ascensão do Nazismo na Alemanha, uma certa posição subjetiva recorrente, a saber, a desresponsabilização individual e a atribuição de culpa (pelos sofrimentos, pela derrocada econômica, pelo abalo dos valores e pelas transformações culturais, para citar alguns exemplos) ao "outro", ao estrangeiro, ao judeu, ao homossexual, tomados como inimigos. Por isso, diante do caráter atópico das relações sociais na Europa até a década de 1940, e das neuroses vividas pelos pacientes europeus, de origem judaica, com formação científica e erudição, vitimados pela xenofobia fascista, Fritz desenvolveu uma terapêutica que enfatizava o trabalho com as projeções e a autorresponsabilização. Mas quando encontram Paul Goodman, já nos Estados Unidos, Perls e Laura encontram uma outra realidade: o ambiente de acelerada urbanização de Nova York e a prosperidade alcançada pelos norte americanos com a exploração dos países derrotados na Segunda Guerra, somados à idealização operada pela indústria cultural, conformavam o que ficou conhecido como *American Way of Life*, um modo de vida que supostamente representava a garantia de felicidade e liberdade. Neste cenário, a multidão de homens e mulheres acometidos pela apatia, pela insatisfação e pela desvitalização, majoritariamente brancos de classe média, trabalhadores da indústria, acabava por individualizar as causas da sua depressão e da sua ansiedade. Afinal, se o "Sistema" é perfeito, se a sociedade americana em que vivo é boa, e mesmo assim não estou feliz, o problema deve estar em mim! Goodman percebeu que as pessoas procuravam terapia desconsiderando a realidade social, e que era justamente o imperativo de adequação ao *way of life* que gerava a falta de vitalidade. Por isso, na redação do livro *Gestalt-terapia*, ele desenha uma clínica que aponta para fora, para o papel do campo na produção dos ajustamentos, e enfatiza o suporte à transgressão, à excitação e ao conflito. Localizar os motivos sociais para o nascimento da Gestalt-terapia nos permite questionar nossa própria prática, e este é um dos **resultados esperados**. Afinal, em que medida nossa GT, no Brasil do século XXI, dá continuidade a esse

projeto? As pessoas que nos procuram hoje se parecem com aquelas que Perls, Goodman e os demais atenderam? À guisa de **conclusão**, questiono: nossa clínica precisa mudar para que possa responder ao momento histórico (Aqui-Agora) em que nos encontramos?

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Sociedade; Política.

CORPOREIDADE E SEXUALIDADE: UM OLHAR DA GESTALT NA VIVÊNCIA DAS REDES SOCIAIS

Klara Katarina Rodrigues Rocha
Acadêmica de Psicologia
klarakatarina@hotmail.com
Universidade Ceuma

Graziely Campos Azevedo
Acadêmica de Psicologia
grazielyazevedo1234@gmail.com
Universidade Ceuma

RESUMO: Introdução: O presente trabalho versa sobre a interdisciplinaridade existente entre a corporeidade e sexualidade através de uma perspectiva da abordagem gestáltica nas vivências cotidianas do mundo contemporâneo nas redes sociais, uma vez que entrar em contato com sua identidade perpassa experienciar seu corpo, consigo mesmo e em suas relações. Atualmente nos cenários epistemológicos e sociais para analisar o gênero e sexualidade humana interligam, entre outros elementos, a orientação sexual, a raça, a classe, a geração, entre outros. E cada aspecto analisado seja de forma material, social, econômica e cultural que se movimenta na vida das pessoas e podem estruturar seus ambientes relacionais. Sendo assim, em termos gestálticos, na relação organismo e ambiente vai derivar das forças que atuam no campo, ou seja, o processo relacional para os ajustamentos criativos na contemporaneidade virtual em busca do prazer de ser visto e sentir-se desejado. **Objetivo:** Possui como objetivo analisar as influências das redes sociais na forma de vivenciar a sexualidade pelo viés da abordagem gestáltica da Psicologia. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica. Para coleta de dados foram utilizados 7 artigos datados de publicação dos últimos 5 anos, retirados das plataformas Scielo e Pepsic. **Resultados**: Ao analisar os estudos sobre a sexualidade humana pelo viés da Gestalt foi possível perceber que há poucos trabalhos existentes, tornando-se até mesmo um solo fértil para a exploração e desenvolvimento de novos estudos. Ao falar sobre o ser em sua existência no mundo, no aqui- e-agora, permeia não apenas a mente, mas também a sua subjetividade corpórea e significativa. Ademais, ao deslocar esse olhar para as vivências nas redes sociais é possível perceber um comportamento neurótico, o que dentro da abordagem significa formas de seguir padronizados e sem autencidade, movimento este que tem se tornado constante. Nas redes sociais a singularidade do EU se torna insignificante frente ao mecanismo de egotismo, fortalecendo a fronteira do contato com o aumento narcísico do ego, podendo-se perceber que nas redes todos querem se sobrepor aos outros como forma de se tornarem chamativos, atraentes e desejosos, seja utilizando o artifício da dança ou fotos que ressaltem o corpo em movimentos que estimulam demonstrações de comportamentos sexuais. **Conclusão:** Dessa forma, no mundo pós-moderno cercado pelas redes sociais, em um movimento relacional com o self expressado também como forma de contato, a exploração das formas de vivenciar a sexualidade não podem excluir as formas de expressão de gênero e prezar pelo autêntico. Expressar a existência dos corpos diversos e suas formas de experienciar o mundo perpassa não apenas no virtual, mas no aqui e agora da realidade. Ademais, torna-se imprescindível mais estudos sobre a temática pela ciência psicológica para melhor abrangência do estudo da sexualidade humana na abordagem gestáltica na comunidade cientifica.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Sexualidade; Redes-sociais

DIFERENTES FORMAS DE VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE NO ESPECTRO AUTISTA

Vladya Tatyane Pereira de Lira
Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica (UNICAP) – Recife-PE
vladyalira@hotmail.com
FITS/AFYA

Marcus Túlio Caldas
Doutorado em Psicologia pela Universidade de Deusto
marcus_tulio@uol.com.br
Universidade Católica de Pernambuco

RESUMO: Discutir sobre a sexualidade de forma mais ampla nos direciona a olhar para a sexualidade das pessoas com deficiência e consequentemente onde o diálogo é permeado por tabus, negligências e silêncios fundamentados na ideia de que essas pessoas são incapazes de ter uma vida afetivo e sexual satisfatória. Entrar em contato com as formas visíveis e invisíveis que reproduzimos socialmente sobre as pessoas com deficiência, é um momento de abertura para o novo, para desconstrução de um olhar enrijecido sobre as diferenças que menosprezam e excluem tudo que foge à normalidade. Assim, para compreendermos as discussões sobre sexualidade e deficiência precisamos ultrapassar um olhar biológico sobre o corpo para uma perspectiva política, visto que "as barreiras impostas a um corpo vão muito além das possibilidades e limites impostos pela biologia" (Régis, 2021, p. 231). Destarte, tanto a sexualidade, como a deficiência são fenômenos construídos socialmente e por isso precisam ser analisados dentro de um contexto socio-histórico-cultual. Esse trabalho é um recorte da pesquisa de Doutorado em Psicologia Clínica (UNICAP,2022), a qual teve como objetivo geral: Compreender a partir da Gestalt-Terapia de que modo o diálogo sobre sexualidade têm se estabelecido no sistema familiar entre pais e filhos(as) jovens. Realizamos uma pesquisa qualitativa, numa perspectiva fenomenológica hermenêutica, a partir de uma entrevista narrativa com jovens de 19 a 24 anos de ambos os sexos, que estudaram em escolas particulares e pertencem à classe média, no Recife e Região Metropolitana e com seus respectivos pais/mães. Para análise dos dados, foram utilizados os procedimentos adotados na análise qualitativa Hermenêutica de Gadamer. Em nossa amostra, tivemos uma família que tinha um filho, considerado uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual foi convidada a participar da pesquisa. Alguns estudos sinalizam que as pessoas com TEA costumam olhar pouco nos olhos; utilizam de uma linguagem erudita e formal; apresentam argumentos racionais; suas conversas são focadas em temas específicos, não ocorrendo muita disponibilidade e envolvimento em comunicações informais. Por essas características singulares e peculiares das pessoas com TEA, atreladas ao estigma e tabu no exercício da sexualidade de pessoas com deficiência, que se adota socialmente uma postura negligente e anuladora dessas vivências. Dentro desse contexto, como resultado, Alberto (nome fictício do filho) narra que "o clima aqui em casa sempre foi tranquilo, meus pais sempre **encorajam a sermos verdadeiros e a sexualidade entra nisso**. Conversamos algumas vezes, mas não é um tipo de conversa recorrente, mas eu me sinto confortável". Ambos os pais, ao aprofundarem na vivência da sexualidade do filho ressaltam que por ele ter TEA, experimenta, do ponto de vista deles, uma sexualidade que "não é uma coisa real", "é uma fantasia", "ele não tem vida sexual ativa", por ele não conseguir estabelecer uma relação interpessoal afetivo-sexual, faz com que os pais olhem para a sua vivência da sexualidade como incipiente, "não ativa". Os pais, ao tomarem como referência a vivência da sexualidade dentro de um ideal de pessoas ditas *normais*, caracterizam a sexualidade de seu filho como não sendo *verdadeira,* por ele não conseguir vivenciá-la numa relação interpessoal, mas desconsideram que ele se masturba e associam essa autoerotização como algo menor.

Ottoni e Maia (2019), mencionam que pessoas com TEA vivenciam a sua sexualidade comumente em comportamentos mais solitários. Dessa forma, o diálogo sobre sexualidade em nossa sociedade ainda é permeado por tabus e preconceitos e que boa parte dos jovens aprendem sobre sexualidade de forma informal, por intermédio de seus pares, televisão, internet pela precariedade de programas que falem sobre educação sexual com esse público e se tratando de pessoas com deficiência, mas especificamente pessoas com TEA as discussões são ainda mais limitadas necessitando de programas de Educação Sexual específico para esse público. Percebemos ainda que temos um longo caminho pela frente, pois a corporonormatividade é, até esse momento, um outro desafio dentro da nossa sociedade que exclui esse diferente, esse desviante, o estigmatizando, inviabilizando suas formas e até agora quando associa a sua vivência da sexualidade, sendo um desafio por parte da família como a sociedade de forma geral.

Palavras-chave: Sexualidade; Família; TEA

EXPERIÊNCIA VIVIDA DE SOBREVIVENTES AO CANCER DE PÊNIS: UMA LEITURA GESTÁLTICA

Ivan Mumic Silva
Mestrando
ivanmumicsilva@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas

Angela Maria Elizabeth Piccoloto Naccarato
Profesora Doutora, Psicóloga
anganaccarato@terra.com.br
Universidade Estadual de Campinas

Fernandes Denardi
Professor Doutor, Médico
f.denardi@uol.com.br
Universidade Estadual de Campinas

Ubirajara Ferreira
Professor Doutor, Médico
ubirafer@uol.com.br
Universidade Estadual de Campinas

Wagner Eduardo Matheus
Professor Doutor, Médico
wematheus@uol.com.br
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: O câncer de pênis é uma neoplasia rara que afeta principalmente as faixas socioeconômicas mais baixas e de menor escolaridade. Pacientes que desenvolvem câncer de pênis costumam apresentar sintomas por vários meses antes de procurar o urologista. O atraso do tratamento afeta a gravidade do prognóstico e qualidade de vida dos pacientes, em estágios avançados, a penectomia ainda é o melhor tratamento disponível. Esse estudo tem por objetivo compreender o significado da experiência dos pacientes que apresentaram câncer de pênis e foram submetidos ao tratamento de penectomia parcial ou total, no Hospital de Clínicas da UNICAMP. No retorno programado e identificados como sujeitos eletivos para a pesquisa, os pacientes foram abordados pelo pesquisador e convidados para participar da pesquisa. Com a aceitação, foi explicada a natureza da pesquisa, os objetivos e todos os cuidados éticos executados. Todos os pacientes foram atendidos pelo mesmo psicólogo, e realizadas entrevista semiestruturada, buscando o significado da experiência vivida. A técnica utilizada foi a entrevista aberta. Os dados foram coletados por meio de gravação. O gravador foi ligado somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e desligado ao final da entrevista. O processamento dos dados seguiu os seguintes passos: transcrição literal das entrevistas; descrição das entrevistas em linguagem formal; primeira redução buscando o sentido das experiências relatadas; listagem das unidades de significado de cada uma das entrevistas colhidas. O passo seguinte foi especificar o que há de comum na história dos entrevistados diante da experiência. Foram encontradas unidades de significado que ilustram como foi a experiência vivida pelos pacientes com o câncer de pênis e terem realizado a penectomia parcial ou total, como por exemplo: Resignação na história do paciente; Deficiência de um cuidado efetivo; O impacto da penectomia na masculinidade e virilidade; O desfavorecimento sociocultural como fator na carcinogênese do CP; A passagem do tempo vivenciada pelo sobrevivente ao CP; Insuficiência no cuidado médico vivido pelos pacientes; Experiência de cuidado efetivo; Vivência de alívio após o tratamento; Descuido com a saúde; Vivência no tempo presente sobre ser um sobrevivente ao CP. A Gestalt-terapia enfatiza a

importância de compreender a experiência como um todo integrado. Esta perspectiva está apresentada no método fenomenológico, ao se utilizar entrevistas abertas com os pacientes, buscando compreender o significado da experiência vivida. A abordagem permite a interação espontânea e reflexiva, onde o relato pode ser compreendido como uma revivência no aqui-agora. Foram buscados os sentidos das experiências relatadas e identificadas unidades de significado comuns, utilizando o método fenomenológico de Amedeo Giorgi. Essa análise está alinhada conceitualmente com a Gestalt-terapia. No segundo momento, foi buscada a experiência comum entre eles, buscando compreender como o câncer de pênis compõe a vida do sujeito que sofre com essa situação. No decorrer do presente trabalho, é possível perceber que a autorregulação e o autossuporte podem estar prejudicados na experiência relatada. A Autorregulação refere-se à capacidade de regular e equilibrar as necessidades, emoções e comportamentos de forma autônoma. No caso do câncer de pênis, os pacientes enfrentam uma condição de saúde grave e potencialmente debilitante. A autorregulação se mostra precária para estes pacientes. Esta compreensão pode ser encontrada na busca para fechar o diagnóstico e autocuidado, já que muitos relatam conviver com o tumor ou com fatores carcinogênicos por muito tempo antes de buscar ajuda, e depois da cirurgia, onde eles precisam realizar penectomia parcial ou total, promovendo uma mudança brusca que afeta a qualidade de vida, vivência sexual e social no que implica a masculinidade. O Autossuporte refere-se à capacidade de cuidar de si mesmo, de buscar apoio e de mobilizar recursos internos e externos para lidar com as dificuldades – e que só é possível se a pessoa viveu o apoio ambiental em relação. Quando o apoio ambiental é precário, o autossuporte também tende a ser. No contexto do câncer de pênis, os pacientes podem enfrentar dificuldades no Autossuporte devido a vários fatores, implicando também no suporte vivido tanto por seus familiares por conta de limitações próprias quanto pelo próprio sistema de saúde que demora para conseguir fechar o diagnóstico. O câncer de pênis tem grande impacto na vida dos acometidos. Causa grande desconforto e o tratamento tem impactos significativos em todas as esferas da vida no indivíduo biopsicossocial.

Palavras-chave: Câncer de pênis, Experiência vivida, Fenomenologia, Gestalt-terapia.

GESTALT-TERAPIA E ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: DESAFIOS E CONQUISTAS – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Venâncio Miquelino[6]
Psicólogo
vmiquelinopsic@gmail.com
Instituição de Vínculo

RESUMO: O presente trabalho foi construído com base na experiência profissional de um psicólogo/coordenador técnico num serviço de acolhimento de crianças e adolescentes, situado em um município do interior de São Paulo, com o objetivo de compartilhar experiências, bem como reflexões a respeito da teoria e da prática gestáltica como possibilidade no campo da Assistência Social, ampliando formas de intervenção, compreensão e identidade do Gestalt-terapeuta enquanto profissional não apenas clínico, mas também institucional. A instituição em questão é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que possui convênio com o município referido e outros municípios da região, sendo parcialmente custeada por estes, e tem por objetivo acolher crianças e adolescentes de 0 a 18 anos que foram afastadas do convívio familiar por determinação judicial ou encaminhamento pelo Conselho Tutelar, seja por situações de risco social, ou por violação de seus direitos, tais como negligência, violência, maus tratos, uso abusivo de drogas dos genitores, dentre outros. Durante o período de acolhimento, que deve ser uma medida provisória e temporária, a família será acompanhada pelo próprio serviço de acolhimento e por outros órgãos da rede, a fim de superar as vulnerabilidades sociais encontradas, porém esse trabalho nem sempre é efetivado por falta de estrutura nas Políticas Públicas que executam o Sistema de Garantia de Direitos. Isso contribui, além da desigualdade social, para uma estatística cruel: a de adolescentes vivendo em serviços de acolhimento, sem perspectiva de retorno à família de origem ou extensa, tampouco para serem adotados com idade já avançada. Dentro da instituição, eis um grande desafio: preparar adolescentes, sem qualquer apoio familiar, para viver de forma autônoma, pois ao completar 18 anos, devem se desligar do serviço de acolhimento para viver de forma "independente". Enquanto isso não ocorre, o psicólogo deve acompanhar os acolhidos de forma integral, garantindo acesso a direitos básicos, como educação, saúde, esporte, lazer e cultura, sempre se reportando ao Poder Judiciário e se articulando em rede para melhor atendê-los. Diferente de outras instituições, o serviço de acolhimento institucional é um serviço que funciona de forma ininterrupta (24 horas por dia, 07 dias por semana) e que necessita muito mais do que intervenções pontuais, mas plena atenção e presença para garantir o desenvolvimento saudável dessas crianças e adolescentes. Para isso, é importantíssimo manter-se atento aos movimentos da equipe de cuidadoras(es), bem como dos demais funcionários, para que o serviço funcione como um lar, da forma mais acolhedora possível, mesmo com todas as limitações e demarcações do contrário, principalmente na perspectiva dos acolhidos. Diante de tantas forças advindas de tantos sistemas que influenciam o trabalho (acolhidos, famílias, funcionários, outras instituições), é necessário que o psicólogo tenha um bom processo de awareness para se afinar, afinal, é o seu próprio instrumento de trabalho (Ginger e Ginger, 2001), compreendendo o campo de afetamentos, frequentemente retomando seu papel profissional, pois a vivência "24 horas" pode aflorar sentimentos, relações e vivências mal digeridos (Gestalten abertas), afetando diretamente em seu desempenho profissional. Porém, isso não significa estar num espaço de frieza emocional, não deixando-se afetar pela experiência, pois por trabalhar com o afastamento de crianças e adolescentes de seu seio familiar, pode se deparar com situações envolvendo

[6] Pós-graduação em Gestalt – Abordagem Clínica e Institucional (Especialista em Psicologia Clínica) pela Universidade Cruzeiro do Sul (SP), e em Sexologia Aplicada pelo Instituto Paulista de Sexualidade (InPaSex).

carência afetiva, baixa autoestima, autolesões, tentativas de suicídio, sofrimentos emocionais agravados, bem como as próprias dificuldades psicossociais da equipe de funcionários – que, frequentemente, influenciam o desenvolvimento dos acolhidos. Além de lidar com o trabalho formalmente constituído e as atribuições tipificadas pela Política Nacional de Assistência Social, há de se destacar todos os entraves emocionais e cuidados pessoais do profissional.

Palavras-chave: assistência social, crianças, adolescentes.

GESTALT-TERAPIA E OBSTETRÍCIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Duani Maria Gaspar da Cruz
Pós-graduada em Saúde da Mulher e Obstetrícia
duanimgc@yahoo.com.br

RESUMO: Existem três momentos críticos no desenvolvimento da mulher em que há maiores probabilidades de desenvolver um adoecimento ou transtorno mental, sendo elas a puberdade, a gestação e o climatério. Sendo o ciclo gravídico-puerperal um momento de intensas transformações biológicas, psicológicas, cognitivas, sociais, dentre outras, há uma intensa busca pela homeostase ou, em termos gestalticos, autorregulação organísmica. Nesse contexto, objetivou-se discutir a interlocução entre a Gestalt-terapia e Obstetrícia, a luz da literatura disponível. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, realizada nas bases de dados: SciELO (Scientific Electronic Library Online), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDILINE/PubMed), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Os buscadores utilizados foram: "Gestalt-Terapia", "Obstetrícia" e "Perinatalidade" no título, assunto ou resumo do trabalho, utilizando o operador "AND". Foram selecionados textos publicados em Português ou Inglês, disponibilizados na íntegra. A Saúde da Mulher foi, durante muitos anos, menosprezada pela medicina, tendo sido abordada, no Brasil, no início do Século XX, porém sob o enfoque apenas das questões reprodutivas, ou seja, gestar e parir filhos saudáveis. Entre as décadas de 70 e 80 outros aspectos da Saúde da Mulher começaram a ganhar mais visibilidade, abrindo espaço para o diálogo interdisciplinar entre áreas de conhecimento que, até então, desenvolviam suas intervenções individualmente. A Gestalt-terapia e a Psicologia Obstétrica tiveram o início de seus percursos teóricos no Brasil a partir da década de 70, ambas trazendo uma nova perspectiva sobre as exigências e imposições sociais na contínua interação indivíduo-sociedade e traçando novas premissas acerca dos papéis sociais desenvolvidos pelas mulheres e parceiros. Nessa construção, a Gestalt-terapia lança sobre a Obstetrícia a ampliação de awareness sobre os processos que estão sendo vividos no ciclo gravídico-puerperal, enquanto fenômeno, valorizando a vivência imediata, no momento presente, e buscando fornecer à mulher, gestante, casal e família um ambiente de empoderamento, proatividade, criatividade e autoresponsabilização, na intenção da autorregulação organismica diante das mudanças trazidas pelo novo momento de vida em que os indivíduos estão se inserindo. Além disto, sob a perspectiva do olhar holístico, a Gestalt-terapia propõe, no processo terapêutico, considerar o todo vivido pelos sujeitos e como essas vivências influenciam na forma dessas pessoas se relacionarem com o planejamento, gestação e criação de filhos. No contexto de áreas de intervenção em que o Gestalt-terapeuta pode atuar na perinatalidade e parentalidade, pode-se elencar o planejamento familiar, adoção, reprodução humana assistida, luto por perda fetal ou neonatal, abortamento, orientação aos pais sobre desenvolvimento infantil e boas práticas educativas parentais. O apoio psicoterapêutico no ciclo gravídico-puerperal e construção da parentalidade, além de possibilitar a integração de polaridades e reestruturação do self dos sujeitos a partir de ajustamentos criativos que consideram as possibilidades e condições presentes no aqui e agora de suas experiências, também viabiliza a prevenção e diagnóstico de desequilíbrios organismicos, ou seja, psicopatologias, recorrentes nessa fase da vida. Percebe-se que ainda são poucos os estudos que abordam o diálogo entre a Gestalt-Terapia e a Obstetrícia, apesar da extrema importância dessa atuação, fazendo-se necessário o desenvolvimento de pesquisas para ampliar o referencial teórico desta interdisciplinaridade e fomentar um trabalho qualificado e ético.

Palavras-chave: Gestalt-Terapia; Obstetrícia; Perinatalidade.

GESTALT-TERAPIA E OS CONFLITOS GERACIONAIS ENFRENTADOS PELA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DO FILME TUDO EM TODO LUGAR AO MESMO TEMPO

Thainá Maria Cunha Oliveira[7]
Estudante de Psicologia
thaina_tvd@hotmail.com
Centro Universitário Santo Agostinho

Luiz Eduardo da Silva Melo[8]
Estudante de Psicologia
luiz.eduardosm@hotmail.com
Centro Universitário Santo Agostinho

Patrícia Carvalho Moreira[9]
Psicóloga
patriciamoreirapsi1@hotmail.com
Centro Universitário Santo Agostinho

RESUMO: Introdução: A Gestalt-Terapia é uma abordagem existencial fenomenológica construída a partir das diferentes influências filosóficas de Frederick Perls, que juntamente com Laura Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline agruparam estudos e fundaram uma abordagem que agrega elementos da teoria do campo, da fenomenologia e do existencialismo, diante disso esse artigo aborda à luz dos aportes teóricos da Gestalt-Terapia do filme "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo". O filme tem como personagem principal Evelyn, onde aborda sua relação com sua família. Evelyn possui um comércio de lavanderia que não vai bem, seu casamento com Waymond está prestes a ruir, sua filha, Joy, está distante e enfrentando problemas de assumir o namoro e, além disso, Evelyn sofre com as exigências e cobranças de seu pai, Gong. Para tal, foi-se necessário a compreensão de conceitos essenciais à abordagem como ajustamento criativo; bloqueios de contato e funções de contato e fronteira de contato, bem como a compreensão de homem para a Gestalt-Terapia como um ser de totalidade. **Objetivos:** Os objetivos do estudo são compreender as demandas abordadas no filme, como homossexualidade e família, através da abordagem da Gestalt Terapia. **Metodologia:** O método é qualitativo/interpretativo, tendo como foco as relações entre as personagens, cujos resultados se encaminham para a necessidade de alcançar consciência, além dos mecanismos postos em prática pelos personagens na tentativa de minimizar o sofrimento psíquico. Este artigo tem como objetivo propor uma discussão teórica e crítica acerca do filme Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo, e a partir dele, objetar sobre embates na relação entre os pais e filhos adolescentes, definir quais as dimensões que dificultam essa relação, quando os atritos geracionais se instalam e quais os ajustamentos criativos utilizados. São apresentadas as perspectivas da adolescência, os principais conceitos, a relação saúde e doença em Gestalt-terapia, e a relacionamento entre pais e filhos no panorama da Gestalt-terapia. O adolescente e seus pais nesse momento de metamorfose difundem por mudanças que equivalem em aceitação e negação diante das mudanças físicas e psíquicas. É uma fase obscura e paradoxal, marcada

[7] Estudante do 9° período de psicologia do Centro Universitário Santo Agostinho. Escritora desta revisão narrativa da literatura.

[8] Estudante do 9° período de psicologia do Centro Universitário Santo Agostinho. Escritor desta revisão narrativa da literatura.

[9] Docente do Centro Universitário Santo Agostinho e Psicóloga Gestalt-terapeuta. Orientadora desta revisão narrativa da literatura

por questões, que vai requerer dos pais e adolescentes novas posturas. Para isso abordamos as modificações sofridas no contexto histórico e social da família ao longo dos séculos, as novas configurações familiares resultantes destas transformações e destacamos a contribuição da Gestalt-terapia para o atendimento clínico. Os autores e conceitos aqui expostos e discutidos foram selecionados pelo critério de implicação pessoal e não representa, de forma alguma, o único caminho possível para investigar o embasamento filosófico da teoria e da atitude terapêutica gestáltica. **Resultado:** O filme "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo" é um filme em que podemos observar diversos aspectos reais, que realmente acontecem em nosso dia-a-dia. Os indivíduos estão sempre crescendo, se modificando a partir do contato com o outro. Além de estar sempre em busca de um equilíbrio, de uma autorregulação e contatos satisfatórios. Os conceitos da Gestalt- Terapia são úteis para entendermos nossa vida e a partir disso melhorar nossa futura prática profissional. Dentro das diversas teorias da Gestalt-terapia escolhemos destacar a Teoria de Campo e fronteira de contato por acreditarmos que estas sejam as teorias que mais representam a contribuição da Gestalt-terapia para o entendimento de família.

Palavras-chave: Ajustamento Criativo; Família; Fronteira de Contato; Gestalt-terapia; Teoria de Campo.

IMPLICAÇÕES DO CONCEITO DE SUPORTE DE LAURA PERLS PARA A COMPREENSÃO SOBRE A VULNERABILIDADE DA POPULAÇÃO TRANSGÊNERA

Zay Nogueira de Sales
Graduando em Psicologia na UFPA
zaysales99@gmail.com
Universidade Federal do Pará

Marcos Vinicius Monteiro Barbalho
Graduade em Psicologia na UFPA e Mestrande em Psicologia no PPGP-UFPA
vinimontr@gmail.com
Universidade Federal do Pará

Lorena Schalken de Andrade
Gestalt-terapeuta e Dra. em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA)
lorenaschalken@gmail.com
Professora de Psicologia/Gestalt na Universidade da Amazônia (UNAMA)

RESUMO: Esse trabalho surge da necessidade de aumentar a abrangência do pensamento de Laura Perls no cenário da Gestalt-Terapia contemporânea brasileira. É um estudo bibliográfico em que propomos o conceito de Suporte, um importante marcador de sua teoria, como ponto de partida. Como objetivo propomos compreender o Suporte como um fenômeno de campo, intersubjetivo e relacional, e comentar as implicações ético-políticas dessa compreensão teórica para a prática em relação a populações dissidentes da cisheteronormatividade. A partir da leitura da obra "Living at the Boundary" de Laura Perls, recorreremos ao conceito de Suporte e o discutiremos como um fenômeno de campo. Dessa forma, pode-se compreender que o Suporte é atravessado pelas dimensões ética e política do campo, sendo possível, assim, visibilizar e analisar a presença das tensões dos sistemas de poder que vulnerabilizam a população transgênera nesse meio. Essa articulação entre a teoria de Laura Perls e as demandas da população transgênera na contemporaneidade nos oferece a oportunidade de manter a Gestalt-Terapia em constante atualização ao mesmo tempo que atualiza os conceitos fundamentais da abordagem, e, mais ainda, continuamos nos movendo atentos às demandas de nossos territórios e intervenções contextualizadas. Esse trabalho se faz possível porque nos pautamos na perspectiva gestáltica de Campo e, conforme discutido por Robine e baseado no livro *Gestalt-Terapia,* o Campo se refere à dimensão imediata da experiência, a qual antecede qualquer elaboração. Essa dimensão imediata e sensível da experiência humana é intrinsecamente interpsíquica, de modo que a compreensão do movimento do Self nesse campo é sempre relacional. Logo, o "eu" é uma elaboração que surge a partir de uma experiência imediata que não envolve a divisão de um "indivíduo", como comumente discutimos nos campos da ciência moderna. E é por isso que localizamos o processo Contato-Suporte como um fenômeno de Campo. Para Laura Perls, suporte e contato são diferenciações figura e fundo de um mesmo processo, em que Suporte é tudo aquilo que está integrado e assimilado para o organismo e possibilita o Contato. As funções de Contato, conforme a autora explana, podem se tornar automáticas, se tornando funções de suporte cristalizadas, e estas por sua vez podem facilitar ou adicionar resistência ao processo de Contato. Ao falar sobre essas possíveis resistências ao processo Contato-Suporte, Laura pontua que uma das possibilidades é uma falta/necessidade de suporte social. Ainda que não tenha desenvolvido de forma prolongada essa questão, por meio dessa base teórica, Laura nos dá a oportunidade de articular como as redes de poder que atravessam o Campo e o sistema Self gerando violências, vulnerabilizações e invisibilidades como uma necessidade de Suporte para o funcionamento espontâneo do Self. Tal correlação

aponta para uma não individualização do sofrimento da população transgênera, uma vez que o processo Contato-Suporte é um instrumento interessante para incluir as redes de poder presentes no campo e como elas nos atravessam ao descrever nossas experiências particulares. A filósofa Judith Butler disserta sobre a Precariedade dos sujeitos em sua teoria e indica como há uma distribuição desigual das condições de existência e reconhecimento na sociedade devido a sistemas de poder, tendo como consequência a vulnerabilização de subjetividades. Como exemplo, historicamente a população transgênera foi patologizada pelas ciências médicas, quadro que apenas recentemente vem cedendo a mudanças devido às pressões de movimentos sociais. Pessoas transgênero eram catalogadas, tinham a autonomia retirada e eram submetidas a violentas formas de tratamento a partir da patologização de suas próprias identidades - realidade que ainda acontece e/ou permanece como pano de fundo de nossas vivências. Essa patologização violenta cria e individualiza uma situação que é consequência da manutenção das normas de gênero na sociedade e não nos apresenta a possibilidade de pensar estratégias para o Campo em que a violência contra a população transgênera é constantemente naturalizada. Dessa forma, o conceito de Suporte, como um fenômeno intersubjetivo de campo, nos oportuniza elaborar estratégias para as demandas da população transgênera de forma não maniqueísta, interpsíquica, interseccional, de modo que a experiência possa ser compartilhada pela coletividade.

Palavras-chave: Suporte, Gênero, Gestalt-Terapia.

LUTO LEGÍTIMO OU NÃO LEGÍTIMO? UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTO EM HOSPITAL VETERINÁRIO

Paula Sampaio Parreira
Especialista em Psicologia Hospitalar
Paulatpo@hotmail.com

RESUMO: Introdução: Percebe-se que a morte vem recebendo lugar segregado na cultura ocidental, não sendo mais considerada como fenômeno natural e passando a ser institucionalizada. De acordo com Freitas (2013), a evitação da angústia e do enfrentamento da morte e do luto no mundo ocidental fica evidente em práticas sociais que apontam para um esvaziamento de reflexões sobre a morte do outro a de si mesmo. Isso se evidencia na cultura atual que busca a evitação de sentimentos desagradáveis e incentiva a supressão das manifestações de emoções (prazerosas ou não) em prol da valorização da conduta contida e austera como sinal de educação e civilização. Este cenário resulta atualmente em relações conflituosas com a experiência de perda e processo de luto, onde a manifestação dos sentimentos e sentidos são desvalorizados ou não têm lugar para existirem. No contexto da perda de animais de estimação, pode-se observar o mesmo fenômeno (Marinari, 2022). Pesquisa realizada pelo IBGE em 2018 aponta que o número de animais de estimação dentre famílias consultadas ultrapassa o dobro do número de crianças até 12 anos de idade nas mesmas famílias, apontando para uma tendência de mudança nas dinâmicas familiares. Diante do crescente número de famílias que adotam animais e constroem com eles relações de profundo afeto, a perda destes se torna uma experiência que faz parte do contexto da vida assim como a perda de familiares humanos. No entanto, muitas vezes a experiência de luto após a morte de um pet não é compreendida ou tratada da mesma forma que a perda de uma pessoa, sendo pelas pessoas em torno ou pela própria pessoa enlutada. Objetivo: objetiva-se com este trabalho, a partir da atuação em acolhimento psicológico a tutores em um hospital veterinário de Belo Horizonte, buscar maior compreensão sobre a experiência de luto por perda de animais de estimação e refletir sobre as contribuições da Gestalt-terapia para o cuidado à experiência de perda de forma a valorizar os sentidos e vivências da pessoa enlutada. Método: para a realização do estudo, foi feita revisão da bibliografia referente à compreensão ocidental diante da perda e do luto, bem como às contribuições da Gestalt-terapia no cuidado a pessoas enlutadas. Serão realizados durante a atuação no campo, registros de atendimentos realizados através da metodologia da Versão de Sentido para levantamento de temas que surgem das experiências acompanhadas. Resultados esperados: a partir da atuação no campo, tem sido possível acompanhar o processo de enfrentamento da experiência de perda por parte dos tutores dos animais e observar sentimentos de desvalorização do próprio luto, muitas vezes considerado pelas pessoas ao redor como de menor importância, ou algo que irá passar rapidamente. Compreende-se então que a validação do luto e do sofrimento vivido em seu processo é menor ainda quando se trata da perda de um animal. Espera-se com o estudo perceber os sentidos atribuídos à perda pela pessoa e também ao suporte recebido de pessoas ao seu redor em relação à validação desse período de luto ou não. Compreende-se pelos relatos observados até o momento que a relação estabelecida com o animal por essas pessoas (que não oferecem suporte empático), muitas vezes se assemelha a uma relação utilitária, onde se compreende o animal como algo substituível. Conclusão: segundo Freitas (2000), a experiência de luto se caracteriza pela vivência da "morte em vida", uma vez que através da morte do outro, a pessoa entra em contato com a possibilidade da morte em seu devir. A partir da compreensão Gestáltica de cuidado pautado na relação dialógica e na vivência do aqui-agora, busca-se junto ao enlutado a elaboração e awareness diante do contato com a experiência de perda do animal como uma pequena morte de si, a fim de apoiar a pessoa na valorização da própria experiência e integração

da mesma à trajetória de vida. Com isso, objetiva-se também o processo de contato com a experiência de forma fluida a fim de evitar a cristalização de traumas diante da evitação da elaboração do luto.

Palavras-chave: Luto, Animal de estimação, Psicologia hospitalar.

MASCULINIDADES EM CONTATO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA GRUPAL COM HOMENS MIGRANTES E REFUGIADOS VENEZUELANOS

Saulo Ribeiro Monte[10]
Psicólogo e Gestalt-terapeuta
saulo.monte1@gmail.com

Elis Moura Marques[11]
Psicóloga e Gestalt-terapeuta
elismarquespsicologa@gmail.com

RESUMO: O Brasil tornou-se o quinto destino migratório do maior deslocamento da América Latina recente, a migração venezuelana. Nas literaturas sobre migrações internacionais vêm sendo discutido a importância de uma leitura situada sobre como as relações de gênero operam em contextos migratórios (PERES, BAENINGER, 2013). Ainda, é importante destacar que as estruturas de opressão social são engendradas a partir do encontro entre diferentes marcadores sociais, que acabam por produzir condições de desigualdades específicas para alguns grupos sociais, como as pessoas migrantes e refugiadas (COLLINGS, BILGE, 2020). A instituição da masculinidade consiste em um dos elementos estruturantes do processo de subjetivação das pessoas socialmente imputadas ao masculino, como os homens, porém não se restringe a eles (WELZER-LANG, 2001). Essa produção de subjetividades tem seu alicerce nas relações de gênero instituídas historicamente, através da oposição binária fixa constitutiva das relações sociais, que operam de forma primária nos significados das relações de poder (SCOTT, 1995). Através dessas relações binárias, são instituídas normas e performances, produzindo identidades por meio de uma repetição estilizada de atos, que fixam as possibilidades de ser e agir no mundo (BUTLER, 2018). A partir de uma leitura gestáltica sobre situações de emergência e desastres, é possível identificar como o sistema *self* opera em contextos de migração e refúgio, em que ocorre a vulnerabilização da função personalidade em virtude da ruptura súbita de alguns papéis sociais desempenhados nos territórios de origem (MARQUES, 2021). Considerando que a função personalidade possibilita a edificação de nossos contornos no campo existencial, destaca-se que a rigidez de alguns papéis sociais impede a atualização frente as emergentes novidades dispostas no campo, porém quando esses papéis são arrancados de forma abrupta e violenta, implica na produção de dor e sofrimento através da destituição da possibilidade de agir a partir do fundo referencial (BELMINO, 2020). Tendo em vista esse encontro entre a produção da masculinidade e processos migratórios, objetiva-se apresentar uma ação desenvolvida com grupos reflexivos compostos por homens migrantes venezuelanos e brasileiros na cidade de Boa Vista-RR. Os encontros grupais aconteceram entre outubro e dezembro de 2022, e contaram com a presença de trabalhadores humanitários e de pessoas migrantes e refugiadas em situação de abrigamento. A ação teve como proposta fomentar

[10] Psicólogo graduado pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Gestalt-terapeuta pelo Instituto de Gestalt-terapia de Roraima (IGTRR) e Especialista em Psicologia de Grupos e Desenvolvimento de Equipes pela Faculdade UniBF. Atuou como trabalhador humanitário em Roraima entre 2021 e 2023, acompanhando uma comunidade venezuelana em situação de abrigamento, e com grupos terapêuticos para trabalhadores humanitários. Atua com psicologia clínica e com consultorias sobre migração, refúgio, masculinidades e atenção psicossocial.

[11] Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), Gestalt-terapeuta pelo Instituto de Gestalt-terapia de Roraima (IGTRR), Especialista em Saúde Mental pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), e Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Atuou com trabalho humanitário entre 2018 e 2022, como coordenadora nacional de projeto social de resposta a migração venezuelana para o Brasil, como assistente de proteção acompanhando comunidades venezuelanas fora de abrigos, e como analista-pesquisadora sobre o contexto de resposta humanitária em Roraima. Atua como psicóloga clínica, docente e pesquisadora sobre migração, relações de gênero e interseccionalidades.

discussões sobre aspectos que permeiam as vivências ditas masculinas, como desafios enfrentados, estereótipos de gênero e preconceitos reproduzidos, além do compartilhamento das experiências nas relações familiares, conjugais, laborais e comunitárias. Ao longo dos encontros foram trabalhadas representações sociais e pessoais da masculinidade considerando elementos culturais, geracionais e contextuais. A partir do contato entre as comunalidades e alteridades presente nas experiências dos participantes, vislumbrou-se acolher as vulnerabilidades da função personalidade produzidas pelos processos migratórios, mas também potencializar a flexibilização da performance dos papéis socialmente impostos pela masculinidade hegemônica. Durante os encontros, os homens elencaram temas como sentirem-se úteis/inúteis através da performance laborativa e do lugar que ocupam em suas famílias, além da imposição de um desempenho sexual compulsoriamente constante. A partir dos diálogos, foi possível identificar que o processo migratório reforçou os papéis socialmente instituídos para os homens com suas famílias e comunidades, e agudizou o sofrimento imputado pela masculinidade hegemônica. Destaca-se como característica marcante o silenciamento do sentir, um movimento retroflexivo de autocontrole vislumbrando a manutenção do ideal de masculinidade, produzindo a evitação da ansiedade de agressão do campo (ROBINE, 2006). Esse processo de embotamento afetivo é uma forma de imposição da masculinidade hegemônica, na qual a educação dos homens é construída por um conjunto de mimetismos de violência, inicialmente contra si mesmo através do embrutecimento físico e/ou emocional, contra outros homens através da competição, e contra as mulheres no geral através da subordinação (WELZER-LANG, 2001). Foi compartilhado ainda sobre os conflitos relacionados a impossibilidade de expressar comportamentos que não comunguem com a masculinidade hegemônica, e a intolerância e discriminação de pessoas que rompem com a performance instituída aos homens, reforçando seus processos retroflexivos. Em síntese, durante os encontros foi promovido o contato com as concepções de masculinidade utilizadas para si e para outras pessoas. E a partir disso, foi construído um espaço de compreensão e discussão sobre os impactos específicos da masculinidade compulsória na experiência da migração forçada, potencializando a flexibilização nas formas de performá-la.

Palavras-chave: Migração; Masculinidade; Sistema Self.

MÍDIAS SOCIAIS: ESPELHO DE RELAÇÕES PROJETIVAS E INTROJETIVAS

Jamilly Maria da Silva Campos
Psicóloga Especialista em Psicologia Clínica
Jmillycampos1@gmail.com

Lucíola Santana Pastana da Silva
Psicóloga Especialista em Psicologia Clínica e Mestre em Psicologia
luciolasantanapa@gmail.com

RESUMO: Este trabalho foi construído para discutir a problemática de como as mídias sociais influenciam na reprodução de projeções/introjeções corporais para a Gestalt-terapia, visto que, a atual realidade das mídias sociais coloca o corpo magro como uma meta a ser alcançada, tornando esse corpo como um padrão a ser seguido e também um sinônimo de qualidade de vida e bem estar. Para a compreensão deste fenômeno, foi realizado como metodologia uma pesquisa bibliográfica em livros, revistas, blogs, artigos da plataforma Scielo, com as palavras chaves: corpo, corporeidade na Gestalt-Terapia, no mínimo dez anos de publicação na língua portuguesa. A partir disso, foi construindo alguns objetivos para serem trabalhados ao longo do trabalho, sendo eles, compreender fenomenologicamente e gestalticamente a autoimagem e refletir acerca dos ajustamentos neuróticos na interação com as mídias sociais, com o intuito de fazer com que esses questionamentos possibilitem o entendimento sobre a influência das mídias sociais em relação aos padrões corporais à luz da Gestalt-terapia. Sendo assim, foi observado o quanto a possibilidade de interação entre as pessoas tem sido possibilitadas pelas mídias sociais, para além disso, houve uma facilidade em se comunicar, produzir e acessar conteúdos como, vídeos e fotos, essas ferramentas tem auxiliado muitas pessoas no que diz respeito ao compartilhamento do seu dia-a-dia, esse movimento além de aproximar as pessoas, tem apresentado a cada dia modelos a serem seguidos, sejam eles enquanto esporte, cuidados ou corpo, a grande questão em torno disso tem sido o quanto as mídias sociais tentam vender uma imagem padrão a ser alcançada, uma das imagens mais vendidas nesse meio tem sido o padrão corporal a ser seguido, cada vez mais dietas e modelos tem surgido com o mesmo discurso de que ter um corpo magro é sinônimo de beleza e qualidade de vida. Diante dessa demanda, observou-se que as redes sociais trazem diversas perspectivas sobre a autoimagem, uma das falas que chamou atenção para esse trabalho, refletia sobre as projeções que foram criadas em relação ao corpo magro, reforçando que a imagem corporal exposta nas mídias sociais reflete apenas uma parte da sociedade, falar de uma parte não é falar sobre o todo, por isso, se faz necessário olhar para a singularidade do sujeito e trabalhar com ele a aceitação através do olhar para si. Contudo, é fundamental olhar a dificuldade do indivíduo de olhar para si, fazendo com que eles estejam em diversos momentos buscando respostas criativas para os estímulos, nos mostrando que algumas pessoas introjetam para si uma realidade corporal de acordo com que foi exposta e não com suas possibilidades reais, realidade essa que tem sido muito observada através da acessibilidade trazida pelas mídias sociais, e assim, quando objeto do desejado não é alcançado, acaba desencadeando um sofrimento psíquico. Diante disso, observa-se o quanto se tornou indispensável falar do corpo e das influencias que ao longo dos anos a mídia social vem tendo sobre eles, pois é através dos meios de comunicação que as pessoas podem ter acesso os diversos conteúdos, e a partir disso que se criam os modelos a serem seguido, sendo possível perceber o quanto a forma que divulgam não respeita as diversidades e expõe uma imagem como se toda a sociedade seguisse aquela mesma realidade padrão, mas é preciso também olhar para a responsabilidade das pessoas, que por absorver muitas informações do meio acaba em alguns momentos não sabendo delimitar ou reconhecer o que se aproxima da sua realidade e o que se afasta, trazendo um reflexo de o quanto as pessoas em sua maioria não se conhecem ou não estão prontos para se conhecer, fazendo com que elas só absorvam o que é proposto diante

das mídias, porém, a pergunta que fica é: será mesmo que a culpa desses introjetos são das projeções em massa realizadas pelas mídias ou isso tudo tem acontecido pelo simples fato da pessoa não conseguir se reconhecer olhando para si?

Palavras Chaves: Corpo, Mídias Sociais e Introjetos.

O FUNCIONAMENTO DA FRONTEIRA DE CONTATO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO: APROXIMAÇÕES DA GESTALT-TERAPIA E BYUNG-CHUL HAN

Juliana Teixeira de Freitas
Especialista em Gestalt-Terapia
jfpsico@gmail.com
Sedes Sapientiae

Oswaldo Alcanfor Ramos
Mestrado em Políticas Públicas
oalcanfor@yahoo.com.br
Universidade de Mogi das Cruzes

RESUMO: Byung-Chul- Han, apontou nos estudos sobre a sociedade do cansaço, a manipulação social imposta pelo excesso de positividade que tem como consequência a aniquilação do sofrimento e o desaparecimento da alteridade, da estranheza, da negatividade e a existência de um sistema dominado pelo igual. Nesse modelo de sociedade, a introjeção de ideias é realizada pela velocidade dos meios de comunicação em que o igual responde ao igual e as ideias negativas são expurgadas como algo que atrapalha a vida. Han diz que é uma coação sistêmica que transforma a sociedade diversa em sociedade uniformizada. A sociedade em sua totalidade não é transparente, faz com que estar conectado seja o "fetiche virtual" e aqui há a inevitável internalização de ideias que prendem o sujeito levando-o a uma submissão, vivendo na autocobrança. A sociedade é confluente, ser igual determina quem está dentro e quem está fora, quem pertence ou quem não pertence, a consequência é "se transformar em zumbi", não dando espaço para o contato de qualidade com o organismo/ambiente. Nesse cenário há uma tentativa de resposta do organismo através da depressão, déficit de atenção, personalidade limítrofe culminando na síndrome de burnout, entre outras. Pois, são respostas do organismo às novas formas de violência que advém da positividade tóxica, sem espaço para uma fronteira de contato saudável (definida). Não há espaço para a assimilação da novidade de cada momento vivido. No entanto, tais respostas precisam não ser diferentes, pois tudo o que não é positivo não pode ser reconhecido, integrado, aceito ou acolhido e aqui começa uma luta pessoal contra si mesmo, "agressor e vítima não podem mais serem distinguidos", pois não há espaço na sociedade programada para desempenhar, senão para performar. Essa alienação de si, bem como do campo pode levar o organismo ao esgotamento, pois, no caminho da completa alienação, até mesmo as necessidades básicas são negligenciadas não permitindo que o indivíduo possa desenvolver um ajustamento criativo para transitar por sua vida de maneira genuína/inteira; sendo assim, a auto-regulação organísmica também fica comprometida. Consequentemente não há espaço para o self, que segundo PHG "num ato simples e espontâneo , o Id, o Ego e a Personalidade são as etapas principais do ajustamento criativo". Com isso, o self que foi definido por PHG com o sistema de contatos, como a fronteira de contato em funcionamento, que faz assimilação ou rejeição do que chega, fica alienado. Aqui não é possível separar a parte do todo. Mas, didaticamente a função personalidade é a mais afetada pelas imposições da sociedade do desempenho, pois essa função, segundo PHG faz a "admissão do somos" e consequentemente do que não somos. Trata-se de uma introjeção do performar, de ter que fazer algo com muito esforço para alcançar recompensas. Tal perfil se encaixa muito bem em relações primárias muito voltadas para o fazer, para o desempenho com pouca ou nenhuma troca de afeto, aqui o máximo de fazer é recompensado com um "não fez mais do que a obrigação", a recompensa que nunca chega, como no modelo capitalista, o sucesso sempre estará no porvir. Até mesmo o afeto é associado a ideia de troca. Na sociedade do desempenho, até o afeto precisa ser comprado, conquistado, o fazer se impõe ao ser. Uma das saídas propostas por Han, consiste no caminho da contemplação que pode gerar aumento de awareness a fim de

seguir na difícil tarefa de distinguir o que somos e o que não somos no mundo dos iguais. O trabalho psicoterapêutico aqui pode ser um lugar de reparação/espaço para reflexão profunda/contato, com muita presença do terapeuta, pois pode ocorrer que ainda não tenho sido inaugurada na psiquê dessa pessoa a possibilidade de expandir sua consciência. Aqui vamos pensar nas formas desse processo ser realizado, incluindo as diferentes classes sociais, em como "voltar a si".

Palavras-chave: Contato; Esgotamento; Campo.

O FUNCIONAMENTO NEURÓTICO: A INTROJEÇÃO COMO FORMA DE INTERRUPÇÃO DO CONTATO EM CONSEQUÊNCIA DA IDEALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO NO INSTAGRAM

Letícia Aurelio Vieira Guedes da Silva
Psicóloga e pós-graduanda em Gestalt Terapia
leticiavguedes@gmail.com

Iramara Nogueira
Psicóloga e pós-graduanda em Gestalt Terapia
psi.iramaranogueira@gmail.com

RESUMO: A percepção crescente da valorização do corpo feminino nas redes sociais, impulsionou o desenvolvimento desse estudo. Este trabalho apresenta a introjeção, um dos conceitos da Gestalt, como forma de interrupção do contato, para contextualizar o funcionamento neurótico na idealização do corpo feminino especificamente no Instagram. Ele pode ser descrito superficialmente como uma rede de fotografias, a qual verifica-se grande quantidade de conteúdo que expõe, padroniza e idealiza o corpo, em especial o corpo feminino. É neste corpo inserido numa dinâmica formulada por esta rede, que este artigo foi construído. Para melhor compreensão deste tema, foi realizado uma pesquisa bibliográfica nos sites Scielo e Google Acadêmico buscando por palavras chaves como corpo, Instagram, introjeção e interrupções de contato. Através dessa busca, não foi encontrado artigos que tivessem conceitos da Gestalt, Instagram e corpo feminino. Então, foram filtrados os que em seu conteúdo apresentavam a temática do Instagram e corpo feminino, e foram realizados nos últimos 5 anos. Deste modo, foram selecionados 3 (três) artigos, sendo esses publicados nos anos de 2019, 2020 e 2021. Para compreensão dos conceitos foi utilizado, o livro "Gestalt Terapia - conceitos fundamentais", da coleção de Gestalt Terapia, 2014. Neste artigo, foi aprofundado a introjeção, que envolve a aceitação de atitudes não processadas vindas do meio externo e que são apreendidas à personalidade. Estes conteúdos são absorvidos, ao ponto de o indivíduo acreditar que lhes pertence, tamanha a sua identificação com eles. Através das introjeções se cria uma barreira entre o indivíduo e o mundo, o que impossibilita um encontro genuíno. Quando a pessoa utiliza excessivamente o mecanismo introjetivo passa a se desvalorizar, permitindo ser invadido pelo meio externo, que lhe impõe regras e normas que devem ser seguidas. Numa rede social que possui mais de 1 bilhão de usuários e na qual a comunicação é realizada prioritariamente através de imagens, o corpo assumiu papel de protagonista, sendo peça chave no processo de construção da identidade de seus usuários. Com um número tão expressivo de usuários, certamente o Instagram passou a exercer grande influência na vida das pessoas e na sociedade, interferindo diretamente na construção da subjetividade e, consequentemente, nas representações corporais que temos hoje. No Instagram a imagem do corpo é utilizada para sustentar o interesse do outro e a ideia de perfeição física passa a permear um imaginário que encontra nos filtros e aplicativos de imagens, a possibilidade de se materializar. A fantasia de tornar o corpo um objeto moldável capaz de satisfazer as expectativas do indivíduo, pode tornar-se uma ameaça e no lugar do livre fluxo de awareness e da ação espontânea, há uma fixação em formas corporais automatizadas, causando um distanciamento da experiência. A Gestalt entende que o individuo está em uma constante relação de troca com o meio e com os outros, afetando e sendo afetado, transformando e sendo transformado. A submissão e aceitação passiva daquilo que está sendo estabelecido como ideal, sem contestação ou questionamentos, são tipos de introjeção que, por sua vez, geram conflito, porque a mulher passa a ter dentro de si aspectos que não são seus, são introjetos criados para evitar o conflito com o ambiente. O contato é interrompido para se adequar as necessidades do meio e não as necessidades

organísmicas. Com isso a hipótese do trabalho de que a idealização do corpo feminino no Instagram pode ter como consequência a interrupção de contato denominada introjeção fica evidenciada, uma vez que esse corpo idealizado vem de encontro a construção de um corpo subjetivo e único capaz de integrar a experiência genuína do modo de ser-no-mundo de cada mulher. Evidencia-se, ainda, a importância de se desenvolver o autossuporte, pois quando temos consciência e acreditamos no nosso potencial, o organismo pode assimilar no ambiente o que precisamos para nos nutrir e favorecer nosso crescimento. Entender e aceitar nossas singularidades traz crescimento e maturidade, o que nos apropria da confiança necessária para nos responsabilizarmos por nossa existência e assim ter a real consciência do lugar que queremos ocupar no mundo. Para concluir, é importante considerar que trabalhos como este sejam desenvolvidos e pesquisados com seriedade com o intuito de prevenir e amenizar possíveis consequências dessa idealização do corpo, como também salientar o uso saudável do Instagram.

Palavras-chave: corpo feminino, interrupção de contato, introjeção.

PLANTÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR DURANTE A PANDEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Anna Paula Gomes da Silva[12]
Psicóloga, Formação em Gestalt-terapia
annapgsilva@gmail.com
Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora

RESUMO: A pandemia do Covid-19 trouxe desafios à escola e à prática da Psicologia Escolar principalmente na rede pública e estadual de educação. O contexto social provocou mudanças na interação professor aluno e na rotina escolar. O Conselho Federal de Psicologia (2020), na Resolução nº 4, de 26 de março de 2020, regulamentou os serviços psicológicos prestados por meio da tecnologia da informação e da comunicação durante a pandemia do COVID-19. Três escolas, participaram do Plantão Psicológico. O plantão psicológico é um serviço de atenção que tem o objetivo de dar suporte circunstanciais às pessoas (Mahfoud, 2012). Sendo uma prática humanista, converge com o fazer em Gestalt-terapia. Esse processo se dá no "agui e agora" (Costa, 2014). Ribeiro (2019) ressalta que o contato supõe um movimento dinâmico de orientação e manipulação, de mudança e crescimento como formas de ajustamento criativo na relação organismo/ambiente, ou seja como experiência de fronteira. Salomão, Frazão e Fukumitsu (2014) ao citarem Erving e Mirian Poster, ressaltam a existência de seis níveis de fronteira de contato: fronteiras do eu, do corpo, de valores, de familiaridade, expressivas e de exposição. A escuta fenomenológica alicerça todo processo (Bello, 2019). Para possibilitar o contato com a comunidade escolar, o Serviço de Psicologia Escolar criou o projeto Plantão em Psicologia Escolar. Seguiu-se os procedimentos: preparação dos estagiários, contato com as equipes pedagógicas, elaborações dos links para as famílias, contato com as famílias, atendimento. No primeiro semestre de 2021, eram nove estagiários e no segundo, catorze. Após inscrição, as famílias foram contatadas e o contrato de trabalho estabelecido. Sobre os resultados, quarenta e quatro famílias e dois professores participaram do plantão psicológico, totalizando-se cento e cinquenta e cinco atendimentos. Das queixas apresentadas, setenta e cinco por cento referiam-se a ansiedade, tristeza, irritação; dez por cento queixavam-se do isolamento social; dez por cento, ligados à rotina familiar; cinco por cento, a relacionamentos interpessoais. Com as crianças, foram solicitados desenhos que pudessem contar sua história no momento vivido. Expressar sentimentos em relação a si, a família e a escola. Esse procedimento, ajudou a ampliar o contato da criança consigo, com os outros e com o momento vivido. Alguns pais relataram que após os encontros, os filhos estavam se comunicando melhor. Os professores não relatavam a mesma expressividade, pois apesar dos esforços, sinalizavam uma grande evasão dos alunos. Já os adolescentes, se expressavam como podiam. Observou-se mudanças no padrão desse contato. Inicialmente, mais restrito. Posteriormente, mais ampliado. Os jovens apareciam "encapuzados", mostrando "parte do rosto, do olhar". Um fenômeno de estreitamento das relações. No decorrer do processo, uma "ampliação do olhar, da comunicação, do autocuidado (mudanças no corte de cabelo, na maneira de se apresentarem)". Essa ampliação da percepção converge com a noção de fronteira de contato, *na visão holística de homem percebido como totalidade, considera-se não apenas aquilo que o cliente comunica verbalmente, mas tudo aquilo que ele expressa de qualquer forma, particularmente com o corpo* (Salomão, Frazão e Fukumitsu, 2014 pg. 55). Após os acompanhamentos, foram realizadas reuniões com a Equipe Pedagógica ee famílias, sinalizando-se o desfecho do processo. Concluindo, o Plantão em Psicologia Escolar pôde se

[12] Anna Paula Gomes da Silva. Psicóloga, docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora.

configurar como alternativa de contato e atenção para algumas famílias das comunidades escolares citadas.

Palavras-chave: Plantão psicológico; Psicologia escolar; Pandemia.

PSICOSSOMATIZAÇÃO: AJUSTAMENTO CRIATIVO E PROMOÇÃO DE CUIDADO EM GESTALT-TERAPIA

Marízia Cristina do Nascimento Bessa
Acadêmica de Psicologia
mariziacgn@hotmail.com
Faculdade Sul Fluminense

Karollaynne Miranda Barreiro
Acadêmica de Psicologia
karol-nne@hotmail.com
Faculdade Sul Fluminense

Filipe da Silva
Mestrando de Psicologia
filipes.psi29@ufrrj.com.br
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Edneusa Lima Silva
Mestra em psicologia
evajom@gmail.com
Faculdade Sul Fluminense

RESUMO: O presente trabalho tem como proposta discutir a relevância psicológica do adoecimento, aproximando-o da perspectiva apresentada pela Gestalt-terapia, a fim de descrever a importância do cuidado com o corpo. A postura, atitudes e a maneira de enfrentar as adversidades ditam as reações individuais e esses fatores podem inibir ou potencializar as emoções frente as demandas excessivas que o ato de existir impõe. O período pós pandemia, retira do cenário cotidiano, apenas a restrição de contato imposta pelo isolamento social para intensificar atividades laborativas, que culmina na negligência ao cuidado com o corpo para que tarefas e demandas serem atendidas e cumpridas. De acordo com a perspectiva fenomenológica, o homem é um Ser-No-Mundo e só existe na relação que estabelece com esse campo e com o que está nele contido. Dessa forma, todo ato vivenciado passa pelo corpo, enquanto constituinte do existir humano, demonstrando a impossibilidade de dissociação entre o corpo e o conjunto multifacetado de relacionamentos humanos. Portanto, compreende-se o processo de adoecimento no âmbito corporal, quando se verte o olhar para a resposta que o sujeito elege enquanto possibilidades de atribuição de sentido na trajetória de existir, contemplando no processo as interações entre corpo-mente/meio externo, com seus aspectos socioculturais e físicos. Assim, na abordagem gestáltica, afirma-se que o sujeito não tem um corpo, ele é o próprio corpo, significando que não há separação, entre a pessoa e seu corpo, pois devem ser concebidos como uma totalidade. Desse modo, as alterações no equilíbrio do organismo podem ser compreendidas por meio do conceito de autorregulação organísmica, que se define como um recurso em que o organismo é capaz de autoecoorganizar-se para suprir as necessidades frente ao que experiencia quando em interação com o meio. Se as contingências de autorregulação não são satisfatórias, os comprometimentos físicos e mentais são estratégias de ajustamento criativo, pois o intelecto já não encontra resposta adequada a suas demandas. Os ajustamentos criativos podem ser considerados saudáveis ou disfuncionais. O primeiro se dá na fronteira de contato e a relação com o meio é criativa e atitudes respeitosas com o outro tem sua unicidade garantida, o segundo se presentifica quando o sujeito realiza adaptações distorcidas que lhe causam sofrimento e insatisfação. Frente ao exposto, a literatura consultada postulada que a visão humanizada se converte no caminho a percorrer, definindo-se como ponto de partida para minimizar os desajustes emocionais que nutrem as manifestações físicas. Implica em compreender o sujeito como um ser completo cuja existência está sob a égide das

dimensões biopsicossocial-espiritual e possibilita a discussão causal sobre o processo adoecedor de não fazer contato com situações que afetam particularmente cada pessoa, uma vez que essa impossibilidade predispõe a emergência de sintomas no corpo físico.

Palavras-chave: Cuidado; psicossomatização; ajustamento criativo.

Eixo 2 – Campo – a prática clínica do manejo gestáltico à intervenção

(RE)LEITURA DA ANSIEDADE DESADAPTATIVA SOB A PERSPECTIVA DA ABORDAGEM GESTÁLTICA

Rubens Santiago da Fonseca
Psicólogo
rubensfonseca@live.com
Faculdade Sul Fluminense

Filipe da Silva
Mestrando de Psicologia
filipesilva18@hotmail.com
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Edneusa Lima Silva
Mestra em Psicologia
evajom@gmail.com
Faculdade Sul Fluminense

RESUMO: Em conformidade com os indicadores de saúde mental, a ansiedade é o transtorno que mais se destaca quando se aborda as políticas públicas de saúde. Quando alocada no âmbito da patologia é expropriada do seu papel adaptativo para a existência humana, pois perde seu sentido funcional, quando considerada como um fenômeno essencialmente negativo. Recebe desta forma uma atenção inapropriada dos sistemas de saúde, da sociedade e dos meios produtivos, que a todo instante invalidam o sofrimento que a ansiedade produz. Ao considerar a ansiedade como um transtorno e não como ajustamento criativo, tenta-se combater e evitar as vivencias pessoais ao se eleger medicamentos e curas, que interferem no processo de elaboração de sentido e vivência plena do ser humano. Nesse sentido, ao silenciar a ansiedade, silencia-se também o componente da experiência humana, fundamental para o desenvolvimento e ampliação de possibilidades existenciais. Sob essa perspectiva, o objetivo deste trabalho é discutir a vivência da ansiedade nas interações humanas sob a ótica da Gestalt-terapia. Elegeu-se a pesquisa bibliográfica como metodologia de pesquisa, sendo a produção textual resultado da revisão da literatura que discute a temática investigada. A ansiedade é tema de investigação, desde o início do século passado e nas pesquisas, se enfatiza os aspectos negativos, identificando-a como um transtorno mental e/ou atitude a ser curada ou suprimida por quem as experimenta. A abordagem gestáltica, oferece como contraponto a essa leitura, a compreensão de que a ansiedade, assim como as experiencias dolorosas que o humano vivencia em todas as fases de seu desenvolvimento, são sinais da capacidade humana de realizar novas configurações. Nesta perspectiva, o que vivenciamos, são sintomas de saúde, e não patologias a serem extirpadas, são sinais de saúde que precisam ser ouvidos, decodificados e compreendidos, pois, os sintomas, são sinalizações da necessidade de atualização que a vida apresenta. A ansiedade, quando vivenciada na sua função principal (sinalizadora), beneficia e contribui para e na completude do ser. Se o sujeito consegue manejar as situações que a intensificam, é possível reelaborar novas configurações de resposta para lidar com os conflitos, frustações e situações complexas da vida. O manejo da ansiedade, se baseia, em primeiro lugar, na premissa de que é necessário compreender como a ansiedade é vivida ou relatada pelo cliente, pois cada indivíduo constrói um significado próprio e original para suas vivências ansiosas. Desta forma, o episódio de ansiedade em si, não é o ponto principal ou a figura de destaque a ser abordada com o cliente, e sim, o sentido que lhe foi atribuído no contexto de vida daquele indivíduo. Acrescenta-se ao processo, a necessidade de compreender o sentido do sintoma com base no pensamento diagnóstico processual que possibilita compreender que o sofrimento psicológico emerge quando o indivíduo necessita fazer algum tipo de mudança em sua vida. Inclui-se nessa leitura, a concepção de que o homem está constituído pelas dimensões

corpo-mente-espírito, imerso em uma rede de relações e interações dinâmicas. A ansiedade, constitutiva da condição humana e presente desde o nascimento, converte-se em desadaptativa quando situações traumáticas, dolorosas ou de difícil manejo não são resolvidas de forma satisfatória. Como resultado, a ansiedade se intensifica comprometendo a capacidade de realizar novas configurações do vivido. Identificar o aspecto desadaptativo da ansiedade, propicia o acolhimento das vivências que emergem no Aqui-e-Agora. Na Gestalt-terapia, a definição de humano, referencia-se pelo conceito de totalidade, respeitando-se o que é percebido pelo e com o corpo; a forma com que experimenta as informações recepcionadas pelas vias sensoriais; o modo que pensa e age no mundo. Esse conjunto de elementos, dialogam e se articulam entre si, em um cenário que engloba a existência, os relacionamentos e as experiências coloridas pelos diferentes matizes que a ansiedade produz. Nesta perspectiva de (re)leitura, a ansiedade não pode ser considerada como elemento nocivo que deve ser suprimido, ignorado ou extinto, e sim, como mais um dos inúmeros vetores de força, presente na gama multifacetada de experiencias que compõe a jornada do humano, enquanto ser de relação e interação. Valorizando-se o papel e a função da ansiedade, essa deve se constituir no processo de elaboração e manejo como a figura que ao ser explorada amplia a compreensão do vivido, pois atua como guia na busca pela autorrealização, defesa e promoção do autocuidado.

Palavras-chave: Ansiedade; Manejo da Ansiedade; Gestalt-terapia.

A CLÍNICA GESTÁLTICA ALÉM DOS MUROS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE MANEJO DE CRISE NEURÓTICA

Bruna Larissa do Nascimento Barbosa
Psicóloga (UFRN) e Gestalt-terapeuta
brunalarissa_nb@hotmail.com

RESUMO: Introdução – As crises reativas são caracterizadas pela falência dos ajustamentos neuróticos ou de evitação, estes que apontam para uma vulnerabilidade da função Ego. Embora as crises reativas estejam contidas no conjunto dos ajustamentos evitativos, elas apresentam diferenças significativas, as quais requerem um manejo distinto da clínica da neurose. Esta circunstância demanda do clínico um olhar refinado para distinguir uma mera manipulação neurótica de uma situação de crise, em que um vínculo consistente entre terapeuta e consulente beneficia qualquer que seja a intervenção. Na manipulação neurótica, o clínico é convidado pelo consulente a corroborar com sua produção de sintomas em direção à evitação de excitamentos, sendo seu papel o de frustrar as manipulações para se aproximar cada vez mais dos excitamentos. Em uma situação de crise, as manipulações do campo vão à falência e se iniciam os ajustamentos de inclusão, quando as demandas afetivas passam a desorganizar o sujeito, que precisa de contorno. Neste enredo, as intervenções no campo do sujeito podem demandar do clínico uma postura firme e de articulação do meio, incluindo familiares, amigos, com a intenção de encaminhar para a saída da crise, de maneira que as ações extrapolam os muros do consultório. O caso diz respeito a um consulente homem, de 30 anos de idade, homossexual, advogado recém-formado, em relacionamento sério com um jovem rapaz, e com história repleta de violências. Ele é atendido há cerca de quatro anos, dado importante para enfatizar a existência de um vínculo de qualidade já estabelecido. O que veio a ser nomeado como sua crise reativa começou, para mim, com várias chamadas de áudio numa tarde de domingo e um pedido de contato de sua mãe através de seu terapeuta. Para ele, a história começara dois dias antes e se arrastava ali. “Tudo saiu do controle, quebrei tudo na minha casa, bati no meu namorado, tenho as mãos sangrando”, falava entre soluços, pausas chorosas e tentativas de explicação do que ocorrera. Enquanto terapeuta, com prévio diagnóstico de campo e conhecendo as produções afetivas, pedi para ir vê-lo em sua casa. A dificuldade de contenção através do telefone, bem como a fragilidade nunca antes testemunhada, além de uma pobre rede de afetos, foram as justificativas para o pedido de visita. Negociando qual seria o cuidado possível, o consulente concordou que fosse buscá-lo para dar uma volta. Tal ação tinha por objetivo afastar as demandas em potencial geradas pelo ambiente quebrado, sujo de sangue e lembranças. Quando as tentativas habituais de evitar o excitamento não têm êxito, o sujeito parte para o que lhe for mais afetivamente acessível; para ele, foram seus objetos e seu namorado. A fragilidade e desorganização afetiva percebida na chamada telefônica tomou corpo quando o vi desvitalizado e, ao mesmo tempo, sobrecarregado por tantas demandas desarticuladas. Relatava partes fragmentadas do que lhe havia acontecido, que pouco compreendi, embora pudesse perceber sua angústia e incompreensão pelo vivido. Levei-o a um parque da cidade, para que o contato com a natureza o trouxesse de volta, mas sabia que nossa relação era o que o traria de volta. Um namorado enciumado, diversos pedidos por espaço, uso de medicação para dormir e evitar o conflito, todas tentativas em vão que se desdobraram num colapso por motivo aparentemente banal. Ao mover um vaso de um lugar para outro, esbarrou no namorado, o vaso foi ao chão e todas as manipulações ruíram: murros no vaso quebrado, empurrões no demandante, chamadas para a mãe, caos! Sair de um ambiente com excesso de demandas foi a peça fundamental para a reorganização afetiva do consulente. Foi desta maneira que o cuidado pode ser pensado e articulado com sua participação ativa, além de, com terapeuta, precisar barrar as demandas afetivas de sua mãe. **Objetivo –** Nesse sentido, o presente trabalho

tem por objetivo trazer um relato de experiência de intervenção gestáltica na clínica, delineando teoricamente os fundamentos da intervenção, e descrevendo os efeitos do campo na produção de crises reativas, que embora estejam no campo da neurose, requerem outro tipo de condução, diferente da clássica frustração habilidosa, além de uma precisão nas ações de modo a barrar demandas e articular o cuidado. **Metodologia –** Descrição do caso e da intervenção realizada, bem como articulação e fundamentação gestáltica.

Palavras-chave: Teoria de campo, crise reativa, clínica da neurose

A COMPREENSÃO DO LUTO NA ABORDAGEM GESTÁLTICA

Renilde Ribeiro Xavier
Psicóloga, Especialista em Saúde Mental e Psicopatologia
rribeiro_sp@yahoo.com.br

Flávia Moura Rocha
Psicóloga, Especialista em Gestalt Terapia
psicoflaviarocha@gmail.com

RESUMO: Este trabalho propõe trazer reflexões e discussões acerca do processo de perdas e luto sob o olhar da Gestalt Terapia, através da articulação (e desarticulação) com as teorias de três autores comumente disseminados na Psicologia Geral e outras áreas de saúde, que são: Elizabeth Kübler-Ross, John Bowlby, Collin Murray Parkes. A morte é fato inerente à história de qualquer ser vivo, no entanto a forma como ela é percebida e significada modifica-se no decorrer do período histórico e sua cultura. A partir de meados do século XX destacam-se estudos sobre o tema da morte e um esforço para descrever e sistematizar um fenômeno gerador de profunda dor: o luto. É importante destacar de forma pontual a definição dos autores estudados: Bowlby enfatiza que o luto do adulto ou do adolescente é o mesmo processo que sofre a criança na ausência materna, de acordo com sua Teoria do Apego, o qual aponta a importância de estar próximo a outro ser humano que é essencial para a sobrevivência biológica e psíquica. Logo, aponta algumas fases (entorpecimento, anseio, desorganização e desespero, reorganização). Para Kübler-Ross com o rompimento de um vínculo afetivo de forma abrupta, associada geralmente a perda de uma pessoa querida inicia-se uma jornada emocional de cinco fases (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação), um longo processo até a cura daquela dor. Segundo Collin Murray Parkes (1998) enfatiza que as perdas são comuns em nossa vida, e sendo o luto uma reação à perda, deveria ser comum também. Contudo não se trata de perdas de coisas simples e corriqueiras, mas de algo muito especial, como de uma pessoa amada, por exemplo. Portanto o luto acontece a partir de perdas que não são acontecimentos rotineiros na vida das pessoas, mas que tem um significativo valor emocional. O autor considera o luto como um processo e não um estado. Foi realizado um estudo bibliográfico tendo como base os autores acima destacados, considerados de fundamental relevância na temática de perdas e luto, incluindo também alguns apontamentos referentes à teórica brasileira Maria Júlia Kovács. Buscou-se referências teóricas da Gestalt-Terapia para embasar as reflexões e apontamentos diante deste tema na obra de Perls, Hefferline e Goodman (1997), e ainda de Fukumitsu (2013), Freitas (2009), bem como em artigos publicados nas bases de dados nacionais. A Gestalt-terapia compreende a existência como um fluxo contínuo de transformação e crescimento, partindo do contato no campo organismo/ambiente. É com base nessa situação de interação, na qual uma totalidade organísmica compõe com o ambiente um campo, que a existência se faz e refaz, num movimento temporal de configuração de formas ou configurações que dão sentido e significado a si e ao mundo. No contato o organismo busca a assimilação do novo, transformação e crescimento, ou então rejeita o novo que é inassimilável, por ser difuso, indiferente, frequente. A pessoa enlutada precisa lidar a dor da perda, entrando em contato com ela, buscando formas de ajustamentos para que essa experiência possa ser assimilada ao “self”. Logo, o luto se delineia nesse processo como um ajustamento às perdas. Diferentemente das teorias tradicionais, pensar o luto sob um olhar gestáltico é compreender a experiência individual como um processo, um fluxo, que não obedece à etapas pré determinadas. É importante compreender os significados e sentidos que a pessoa vivenciou durante o processo do luto e todos os fatores que tenham impacto direto. Logo, a Gestalt-terapia compreende a existência como fluxo contínuo de transformação e crescimento. As perdas se constituem como situações novas que se dão na fronteira, as quais o contato pode ser evitado pelo grau de sofrimento e desorganização

que promovem, ao organismo demanda ajustar-se criativamente para reestabelecer o equilíbrio saudável, o que significa uma fluidez no processo de formação de figura fundo e completude na Gestalt. Sendo passível de reorganização e fluxo à medida que as situações dessemelhantes são agredidas e destruídas para serem assimiladas e tornarem-se semelhantes e portanto pertencentes ao self. Assim as perdas e o luto, como uma forma de ajustamento à elas, passam a se constituir como uma oportunidade a transformação e ao crescimento.

Palavras-chave: Luto; Perda; Gestalt-Terapia.

A DOENÇA DE CROHN SOB O ENFOQUE DA GESTALT-TERAPIA E DA PSICOSSOMÁTICA

Raísa Duquia Giumelli
Gestalt-terapeuta e especialista em Psicossomática
raisapsicologia@gmail.com
Centro de Estudos em Gestalt-terapia e Psicossomática

Silvia Martins Ivancko
Gestalt-terapeuta, mestre em Psicologia Clínica e especialista em Psicossomática
sivancko@hotmail.com
Centro de Estudos em Gestalt-terapia e Psicossomática

RESUMO: Considerar a pessoa doente enquanto totalidade tem suas raízes em Hipócrates (séc. VI a.C.), que antecedeu a visão da psicossomática. Porém, mesmo existindo há tanto tempo essa forma de compreender o ser humano, quando se fala de doença no corpo ainda pensa-se nesse corpo separado de seus processos mentais, como se fossem duas unidades isoladas influenciando uma na outra. Sob um enfoque da Teoria Organísmica de Kurt Goldestein, a abordagem gestáltica traz que para se entender o comportamento de uma pessoa, é preciso considera-lá como um todo, um organismo integrado, no qual não há uma cisão entre mente e corpo. (GOLDESTEIN, 1995). Essa teoria, que foi bastante influenciada pela Psicologia da Gestalt, que também coloca que este homem, que é inteiro e não somente a soma de suas partes, está em constante relação com seu contexto de vida. Através desse princípio, se algo desse todo for alterado (por exemplo uma doença), torna-se uma configuração diferente. O corpo é vivido e próprio, tornando-se o meio pelo qual o experimentar o mundo é possível (MERLEAU-PONTY,1999). Portanto, toda manifestação vinda do organismo por meio de processos mentais-físicos, é entendida como uma expressão dessa pessoa de seu encontro com o meio (RIBEIRO, 1999). Corpo é Gestalt, no qual em cada parte, cada célula, também é um todo, sendo possível reconhecer a pessoa inteira (SCHNAKE, 2001). O corpo é o que se apresenta da pessoa, então trabalhar com ele é também trabalhar fenomenologicamente, pois é nele que diz da realidade atual desse organismo que se mostra, o que vai de encontro com a base fenomenológica da Gestalt-terapia (RIBEIRO, 1994). Para compreender a psicossomática dentro da visão da Gestalt-terapia, este trabalho traz um caso de uma paciente, que iniciou o processo psicoterapêutico em março de 2021 na modalidade on-line (em decorrência da Pandemia), de nome fictício Rosa, com Doença de Crohn, que é uma doença inflamatória intestinal (DII) crônica no qual ocorrem inflamações graves em qualquer parte do trato gastrointestinal, podendo então se manifestar desde a boca até o ânus, sendo comum no intestino delgado. Foi feita uma relação entre o intestino, suas características e funções e o funcionamento e história de Rosa, mostrando dessa forma o quanto nós somos um todo unificado e de como é possível o manejo psicoterapêutico a partir de uma doença psicossomática. Durante a discussão do caso mostrou-se também os mecanismos de contato envolvidos no ajustamento criativo da doença. Laura Perls (1992) coloca que quando o corpo aparece como figura e é visto pela própria pessoa como uma parte isolada de si, há um rompimento da totalidade mente-corpo. O manejo clínico será voltado então para a integração dessas partes, que estão cindidas e não podem fluir no processo de contato, e foi possível perceber durante seu processo psicoterapêutico que a integração de suas partes doentes contribuíram para ampliação de awareness e consequente modos diferentes de existir e de lidar com a própria doença e com seu meio. Antes do processo, a paciente tinha crises intestinais que duravam por volta de um mês, e durante o processo passou para quatro dias e atualmente está cerca de 6 meses sem nenhuma crise.

Palavras-chave: Psicossomática; Gestalt-terapia; Doença de Crohn.

A FUNÇÃO DOS PETS NA AMPLIAÇÃO DE AWARENESS DOS SEUS TUTORES

Claudia Botelho
Psicóloga Gestalt Terapeuta
marcosebenevides@gmail.com

Janaina Loureiro
Psicologia Gestalt Terapeuta
janainaloureiro@hotmail.com

RESUMO: Esse trabalho pretende cumprir a tarefa de mostrar como os animais podem favorecer a ampliação de awareness de seus tutores, favorecendo a dissolução dos seus bloqueios de contato e, dessa forma, acená-los com a possibilidade de uma vida a ser vivida em plenitude, crescimento e satisfação de suas necessidades em detrimento de qualquer outra coisa que possa representar um obstáculo a isso. Para tanto, a proposta desse trabalho é centrada na análise de um caso clínico. A paciente C., enlutada pela perda do seu gato e impossibilitada de viver o luto na sua plenitude, aceitou o convite de celebrar a convivência entre ambos e, para isso, escreveu uma carta ao seu amigo "Gullar" como forma de ressignificar a perda. O conteúdo dessa carta, de caráter projetivo, é uma prova do quanto os animais podem, conforme citado por Fritz, ser mestres e gurus dos seus tutores, ensinando-lhes maneiras eficazes e saudáveis de se estar na vida.

Palavras-chave: Awareness; Animais de estimação; Relação.

A MEDITAÇÃO COMO SUPORTE PARA O PSICÓLOGO CLÍNICO

Bruna Regina Andrade e Souza
Mestranda
abrunaregina@gmail.com
Universidade de Brasília

Jorge Ponciano Ribeiro
Doutor/pós Doc.
jorgeponcianoribeiro@yahoo.com.br
Universidade de Brasília – UnB

Aline Ferreira Campos
Doutora
afcampos1404@gmail.com
Unip/IGTB

RESUMO: A meditação é uma prática milenar que vêm sendo incorporada nos estudos científicos com bastante proeminência na atualidade. Pesquisas indicam que a prática pode contribuir com uma variedade de benefícios como melhorias na qualidade de vida, redução de estresse e ansiedade, desenvolvimento de capacidades cognitivas de memória e atenção, aprimoramento de inteligência emocional, dentre outros. Pensar sobre esta prática e promover pesquisas a respeito têm sido uma tônica, especialmente no campo das ciências da saúde, cujo mote é a busca pelo equilíbrio e o desenvolvimento de condições salutares para a vida. O psicólogo clínico também está integrado no rol de profissionais que se atenta para o desenvolvimento de condições mais benéficas para seus clientes. O que o presente trabalho propõe, porém, é um espaço para considerar a saúde não apenas daqueles que os psicólogos atendem, seus clientes, senão do próprio clínico. Autores contemporâneos sugerem que os profissionais que lidam com o sofrimento humano podem sofrer de adversidades como estresse, *burnout* e outras condições de adoecimento que necessitam de atenção. Sustentar espaço propício para afetos diversos que incluem dores físicas e emocionais, dilemas, angústias, confusões. Tais elementos são considerados como parte do desafio que o clínico enfrenta. Partindo ainda de uma concepção de parte-todo, compreende-se que o cuidado com este profissional é também cuidado com as pessoas que são atendidas. A dinâmica relacional desenvolvida em consultório terapêutico a partir de uma visão da Gestalt-terapia considera que o psicólogo é alguém que está integrado ao processo, não somente um agente técnico sem implicação. Desta maneira, a prática clínica aponta uma série de questões que se referem a necessidade de desenvolvimento de qualidades fundamentais para a execução do ofício terapêutico. Pensar em estratégias de enfrentamento para as adversidades que surgem em campo configura-se como fator protetivo para o terapeuta, que recai sob o cliente. Foi este o mote da proposta de aliança entre meditação e trabalho clínico que mobilizou para a construção de uma pesquisa de campo que contou com o objetivo geral de se considerar a meditação como prática de suporte ao psicólogo. Nesta pesquisa, apresentada nesta exposição, foram elaborados também outros objetivo, como a busca por definir o que é a meditação e como ela vêm se articulando ao campo científico na atualidade. A pesquisa de campo realizada em âmbito de trabalho acadêmico (mestrado) contou com metodologia qualitativo-fenomenológica proposta por Amadeo Giorgi. Foram realizadas entrevista semiestruturadas com 5 (cinco) psicólogos clínicos da abordagem gestáltica que praticam meditação. Os achados encontrados na análise, através da identificação de unidades de significado e posterior descrição da experiência geral do vivido, apontam para benefícios variados para a prática meditativa que atingem o campo de trabalho clínico-terapêutico. Corroborando a literatura mais atual a respeito do tema, os achados apontam para benefícios da prática meditativa para o exercício clínico, tais como: o desenvolvimento de maior presença por parte do terapeuta, a atenção para não projetar

conteúdos pessoais sobre os clientes, melhora na disponibilidade emocional para atendimentos, redução de ansiedade, abertura para lidar com o diferente e para sustentar um espaço de vazio (não-saber). Os temas apresentados fazem diálogo com a literatura contemporânea a respeito do trabalho clínico do Psicólogo em Gestalt-terapia e com os estudos e pesquisas mais recentes a respeito das práticas de meditação. Apontam, com isso, para o potencial que a meditação oferece para dar suporte psicológico para os psicólogos em formação e atuação.

Palavras-chave: Meditação; Psicólogo clínico; Gestalt-terapia.

A OUTRA FACETA DO TRAUMA: O CRESCIMENTO PÓS-TRAUMÁTICO NA COMPREENSÃO DA GESTALT-TERAPIA

Cheyenne Monteiro Wolf Von Arcosy
Psicóloga | Mestranda em Saúde Mental
cheyenne.psicologa@gmail.com
Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ)

RESUMO: O que faz a diferença para que algumas pessoas consigam superar um trauma e crescer a partir dele, e outras adoecerem? Essa é uma pergunta que pode ser encontrada nos trabalhos de grandes nomes da pesquisa em trauma como Peter Levine (1999) — em seus trabalhos com a Experiência Somática — e Bessel van der Kolk (2020) — em seu empenho teórico ao redor do Trauma do Desenvolvimento —, e que tem se tornado cada vez mais presente na Psicologia Baseada em Evidências — principais terapias indicadas hoje para o tratamento em casos de transtornos pelos principais guias médicos e de saúde mental. Não apenas pode um sujeito adoecer diante de situações de trauma de choque ou do desenvolvimento, porém, pode ele também desenvolver uma outra faceta do desfecho traumático: o Crescimento Pós-traumático (CPT). Ganhando cada vez mais espaço nos estudos da Psicologia Baseada em Evidências (PBE) — que tem como premissa que sejam aplicadas no trabalho psicológico apenas técnicas que tenham sido comprovadamente eficazes (através de ensaios clínicos randomizados) —, o CPT é definido como expressão máxima da capacidade de o ser humano de integrar, assimilar e ressignificar eventos traumáticos de maneira a crescer a partir deles (Tedeschi et al., 2015). Estudos transversais realizados na área pretendem investigar principalmente as cinco dimensões de crescimento psicológico possíveis, tal como mapeadas e definidas por Tedeschi & Calhoun (1996): (1) relação com os outros; (2) novas possibilidades; (3) força pessoal; (4) mudanças na espiritualidade; (5) apreciação da vida. Ainda, entende-se que, para que o CPT se instale verdadeiramente, a experiência traumática precisa ser de magnitude tal a abalar o senso de mundo que a pessoa tinha anteriormente. Estudos realizados ao redor do mundo demonstram que, no lugar de concorrer com o adoecimento psicológico a partir do trauma, o CPT pode ser desenvolvido apesar e até mesmo graças a ele (von Arcosy et al., 2023). O fazer clínico que tenha olhar para a fomentação do Crescimento pós-traumático, deve se atentar para o desenvolvimento do sujeito em cada uma dessas cinco áreas, assim como para a janela de intervenção adequada para que o trabalho clínico não seja iatrogênico. Em um estudo acompanhando grupos de pais enlutados, Tedeschi & Calhoun (2004) estabeleceram que há uma janela temporal ideal para que a construção de sentido da experiência que resultará em crescimento seja incentivada; caso essa janela temporal não seja respeitada, o resultado pode ser adoecimento mais complexo, sem altos níveis de crescimento que acompanhem. Entendendo que é necessário que a Gestalt-terapia possa também se aproximar dessas discussões e contribuir para o fazer científico na Saúde Mental — atualmente dominado por linhas de cunho cognitivo-comportamental, como a terapia cognitiva, terapia cognitivo-comportamental, psicologia positiva, entre outras —, proponho com esse trabalho aprofundar um modelo teórico para compreender o processo do CPT através das lentes da Gestalt-terapia. Para isso abordarei cada dimensão do CPT a partir de noções já presentes no arcabouço da GT por meio de revisão de literatura, mais especificamente as seguintes noções: a natural tendência à homeostase e busca da autorregulação organísmica (Lima, 2014); ajustamento criativo (PHG, 1997); espiritualidade (Cardella, 2015); e ambientalidade (Ribeiro, 2019). Através dessa discussão teórica, será possível traçar caminhos clínicos que conjuguem tratamentos realizados e avaliados a partir de grandes amostragens e estudos randomizados (a partir da PBE), e a Gestalt-terapia. Esse esforço abrirá também possíveis caminhos de pesquisa e intervenção focada na promoção da saúde em situações de crise e trauma, para além da

contenção de sintomas. O estudo comparativo e aplicado do já produzido dentro PBE e Gestalt-terapia permitirá que se erijam pontes entre esses dois territórios e que se estabeleça um fazer clínico mais responsável e eficaz, além de incentivar que mais pesquisas clínicas possam utilizar métodos baseados na Gestalt-terapia para a intervenção em trauma.

Palavras-chave: Trauma; Gestalt-terapia; Crescimento Pós-traumático.

A PERSPECTIVA DIALÓGICA EM GESTALT-TERAPIA COM PACIENTES SURDOS: LIMITES E POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO

Thaís Pinto Fontinele
Ma. em Psicologia; Gestalt-Terapeuta; Prof. Universitária
thaisfontinele@hotmail.com
Cento Universitário Maurício de Nassau

Alice Guimarães Alves
Graduanda em Psicologia
alice.gguimaraes@hotmail.com
Cento Universitário Maurício de Nassau

Ildenice de Jesus A. Silva
Graduanda em Psicologia
ildeniceamorim@hotmail.com
Cento Universitário Maurício de Nassau

Jacyane Torreão Resende
Graduada em Ciencias Contábeis
Graduanda em Psicologia
jacyanetoreeao@gmail.com
Cento Universitário Maurício de Nassau

Sandra Maria S. Figueiredo
Graduanda em Psicologia
Graduada em Direito
Especialista em Direito processual do trabalho
sandrafigueiredoadv2016@gmail.com
Cento Universitário Maurício de Nassau

RESUMO: A deficiência auditiva encontra amparo legal especialmente no Decreto nº 5.626/2005, que considera pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, sendo a perda bilateral, parcial ou total de quarenta e um decibéis (dB) ou mais na detecção dos sons. Esse Decreto ainda está direcionado ao campo da educação, apontando a profissionalização de docentes com disciplina obrigatória somente para o curso de Pedagogia. No entanto, para os demais cursos, a capacitação em LIBRAS é apenas facultativa, conforme aponta o §2º do documento supracitado, ao descrever: "a LIBRAS constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional". Considera-se preocupante essa diretriz, principalmente quando se pensa em trabalhar na perspectiva de inclusão; afinal, em âmbito nacional a demografia de pessoas surdas, segundo o IBGE[1], é de 5% da população brasileira, que representa um número significativo de aproximadamente 10 milhões de pessoas. Desse total, grande parte se utiliza de LIBRAS como auxílio para a comunicação e interação com o mundo. Logo, fazendo um paralelo entre legislação e demografia, evidencia-se a dificuldade que essa população poderá encontrar para sentir-se incluída na sociedade, já que muitos profissionais das diferentes áreas não receberam sequer a iniciação para capacitação adequada à comunicação de sinais. A Lei 14191/21, que trata do direito à educação bilíngue, está direcionada apenas à pessoa surda, tendo como primeira língua LIBRAS e o Português como segunda de forma escrita. Compreende-se que a linguagem brasileira de sinais não se estenderá aos demais alunos e, dessa forma, apesar de se considerar a tentativa de integração, esta não se refere à inclusão dessas pessoas, pois elas ainda enfrentarão dificuldades para se comunicar com os outros. Diante disso, depreende-se que o atendimento no âmbito da

psicoterapia para pessoas surdas poderá ser marcado por dificuldades, por conta da limitação da expressão verbal. Portanto, essa pesquisa tem como objetivo discutir as possibilidades de atendimento em gestalt-terapia através de LIBRAS, concebendo essa abordagem em uma perspectiva dialógica e integrativa. Nesse sentido, esse estudo se ampara no método qualitativo descritivo, tendo como objetivo coletar informações acerca da prestação de atendimento psicoterápico para pessoas surdas. A investigação será realizada a partir de entrevistas individuais com profissionais da gestalt-terapia que atuam na cidade de São Luís. Elas serão convidadas a responder a perguntas relacionadas às temáticas: atendimento a pessoas surdas/conhecimento da linguagem de sinais/qualificação para atendimento dessa população/facilidade ou dificuldade de encaminhamento. No que tange a gestalt-terapia, o mais importante instrumento diagnóstico que o terapeuta possui para acessar o mundo interno do seu cliente é a descrição das relações que emergem no âmbito clínico. A psicoterapia a partir da abordagem gestáltica implica sempre em uma relação dialógica, própria do conceito de campo. Assim, pensando-se no princípio básico para descrever a gestalt-terapia é olhar para o entre, para a relação intersubjetiva que ali se constitui, pode-se dizer que diagnóstico clínico pressupõe que aquilo que o terapeuta sente e percebe poderá ser utilizado a favor da compreensão do processo. Esse entendimento epistemológico que fundamenta a abordagem gestáltica permite compreender que há possibilidades de atuação clínica com a população surda. Estando pautada no método fenomenológico, a ênfase da atuação clínica está centrada na observação, na descrição e compreensão dos modos de existência. De acordo com Yontef (1998, p. 17): “os dados não disponíveis à observação direta do terapeuta são estudados pelo enfoque fenomenológico, pela experimentação, por relatos dos participantes e por intermédio do diálogo”. Por diálogo, entende-se uma relação de abertura que precede um encontro genuíno entre duas ou mais pessoas, e ele é algo feito, vivido e não algo falado a respeito (YONTEF, 1998). O diálogo pode ocorrer por intermédio de uma dança ou por qualquer modalidade vivencial que expresse e movimente a energia entre os participantes. Assim, gestalt-terapia é uma abordagem inclusiva, que propõe, a partir da experimentação fenomenológica, a compreensão das experiências a partir de expressões não-verbais. No entanto, só é possível pensar no estabelecimento de um vínculo genuíno se houver alteridade. Para isso, faz-se necessário que o terapeuta seja fluente em LIBRAS para se propor ao encontro existencial com uma pessoa surda.

Palavras-chave: Deficiência Auditiva; Inclusão; LIBRAS.

A QUEDA DE UMA TERAPEUTA: UMA INTERVENÇÃO COM A IDEAÇÃO SUICIDA INFANTIL A PARTIR DAS PRÓPRIAS VULNERABILIDADES

Gabriella Magalhães Gasafe Pires
Estudante de Psicologia
gasafegabriella@gmail.com
Universidade de Mogi das Cruzes

Oswaldo Alcanfor Ramos
Psicólogo e supervisor/professor universitário
oalcanfor@yahoo.com.br
Universidade de Mogi das Cruzes

RESUMO: O suicídio é considerado um problema de saúde pública mundial totalizando mais de 700.000 mortes a cada ano (OMS, 2021)[13]. De acordo com o Ministério da Saúde (2022)[14], entre 2016 e 2021 verificou-se um aumento de 45% nas taxas de mortalidade por suicídio entre adolescentes de 10 à 14 anos, chegando à 1,33 por 100 mil, onde, apesar da grande prevalência de números, a dificuldade de acesso à métodos letais e imaturidade cognitiva ainda previnem maior quantidade. O objetivo do artigo visa ampliar a discussão do suicídio infantil devido à escassez de literatura nesta faixa etária à medida que as estatísticas têm aumento constante, contemplando a dimensão histórica e social vivenciadas pela paciente e evidenciar a forma como a relação terapêutica e vulnerabilidade da terapeuta possibilitaram avanço da paciente no processo. Para isso, foi exposto o caso de uma menina de 10 anos atendida no Serviço-Escola de Psicologia da Universidade de Mogi das Cruzes, vítima de bullying escolar, racismo e xenofobia pelos colegas e professores, com ideação suicida e praticante de automutilação, bem como os ocorridos durante os atendimentos psicológicos e a discussão e análise do caso. Os atendimentos possuíram como base teórica a Gestalt-terapia, enfatizando o vínculo terapeuta-paciente e formas de projeção, que se mostraram mais suportáveis e acessíveis para a paciente nos primeiros contatos. Na sexta sessão a paciente chegou à sala de atendimento mais retraída do que o de costume e, embora aparentasse impaciente, escolheu não contar o motivo exato, expondo apenas seu descontentamento com a rotina escolar. Com o intuito de se fazer presente e livre para sentir, foi proposto pela terapeuta o experimento Identificação com a Roseira, exposto no livro "Tornar-se presente" de John O. Stevens[15], que a paciente utilizava da imaginação para expandir seu Awareness em relação à si própria e seus sentimentos e emoções. Após o experimento a menina se mostrou mais aberta ao diálogo, expondo detalhes de como se sentira pela primeira vez dentro do processo terapêutico. Em seguida foi proposta uma atividade com bonecos de pano, onde deveria escolher situações e pessoas para narrar histórias. Neste momento a paciente notou alguns machucados pelo corpo da terapeuta, fazendo-lhe diversas perguntas sobre como ocorreu o acidente e quais os sentimentos envolvidos, onde, ao notar a abertura da menina, utilizou da auto revelação contando que havia caído da escada e apesar de ter doído bastante, seu sentimento mais latente era raiva: da calça que a fez tropeçar e da escada por ser tão áspera a ponto de machucá-la, gerando uma discussão entre ambas sobre o sentido

[13] World Health Organization. Suicide worldwide in 2019: Global Health Estimates. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>.

[14] Coordenação-Geral de Doenças e Agravos Não Transmissíveis do Departamento de Análise Epidemiológica e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis (CGDANT/Daent/SVS); Coordenação de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas do Departamento de Ciclos de Vida (CGMAD/Deciv/Saps). Boletim Epidemiológico Suicídio em adolescentes no Brasil, 2016 à 2021. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. v. 53, n. 37, set. 2022.

[15] Stevens, John, O. Tornar-se presente: experimentos de crescimento em Gestalt-Terapia. Summus Editorial, 1976.

de sentir raiva de objetos inanimados. Como resultado, a paciente percebeu que nem sempre os sentimentos e emoções fazem sentido aos olhos dos outros, embora não devessem ser invalidados por isso. Em seguida, por espontânea vontade, pegou as bonecas de pano e começou a associá-las com pessoas da sua vida que a fizeram sentir raiva, como uma professora e um colega de sala que praticavam bullying com ela especialmente pela cor de sua pele e cabelo cacheado, diferentes da grande maioria dos alunos da escola e fontes de parte de sua não aceitação e baixa autoestima, as punindo com insultos, gritos, socos e chutes. A relação terapêutica formada entre a terapeuta e a paciente possibilitou que fosse formada uma ponte reparadora de outras relações através de uma base de confiança e empatia oferecida em um encontro humano, genuíno e autêntico. Dessa forma, essa experiência foi um encontro transformador para a paciente e terapeuta em que nos autorizamos a expressar o que sentimos, tornando esse encontro uma relação EU-TU com vários desfechos sendo alguns deles aqui demonstrados.

Palavras-chave: Relação terapêutica; Ideação suicida; Gestalt-terapia.

A RELAÇÃO TERAPÊUTICA NA ABORDAGEM DA GESTALT-TERAPIA

Eva Maria de Sousa Silva
Pós-graduada em Psicologia Social
evamariapsi1@gmail.com
Faveni

RESUMO: A relação terapêutica na abordagem da Gestalt-terapia, visa investigar a atuação da Gestalt-terapia, considerada como uma abordagem humanista e fenomenológica da psicoterapia que enfoca o momento presente, a experiência subjetiva e a conscientização da atual realidade vivida e apresentada pelo paciente. A prática central utilizada pela Gestalt-terapia é a relação terapêutica entre psicólogo e paciente, diante da abordagem ser uma parte fundamental do processo terapêutico. Que oferece grande relevância a relação terapêutica na abordagem da Gestalt-terapia ao mesmo tempo em que é de rica em fonte de exploração. A relação terapêutica na Gestalt-terapia é caracterizada por uma abordagem colaborativa entre o terapeuta e o paciente, em que ambos são ativos no processo terapêutico. O terapeuta é um facilitador que auxilia o paciente a tornar-se mais consciente de suas experiências, pensamentos, sentimentos e comportamentos, enquanto o paciente é incentivado a assumir a responsabilidade por suas escolhas e ações. Um dos princípios fundamentais da Gestalt-terapia é o conceito presente onde avalia-se o "aqui e agora", enfatizando a importância de viver no momento presente. Na relação terapêutica, o terapeuta ajuda o paciente a tornar-se mais consciente de sua experiência imediata, explorando seus sentimentos, sensações corporais, pensamentos e comportamentos no momento atual. Através dessa consciência, o paciente é encorajado a explorar e compreender seus padrões de funcionamento, descobrir suas necessidades e desejos autênticos e fazer escolhas mais conscientes e responsáveis. Outro aspecto chave da relação terapêutica na Gestalt-terapia é a ênfase na relação de contato autêntico e genuíno entre o terapeuta e o paciente. Assim, destaca-se como objetivo geral, abordar a relação terapêutica da gestalt-terapia e destaca-se como objetivos específicos: conceituar a gestalt-terapia; explicar a relação terapêutica; e, apontar como a relação terapêutica é percebida na abordagem da gestalt-terapia. Utilizando como base metodologia a pesquisa bibliográfica, consultando fontes primárias e secundárias que tornaram possível a elaboração do estudo. Onde alcança-se como resultados obtidos a compreensão que o na abordagem o terapeuta é incentivado a ser autêntico, transparente e verdadeiro em sua comunicação com o paciente, compartilhando suas próprias experiências e reações no momento presente. Essa autenticidade e genuinidade do terapeuta são essenciais para criar um ambiente seguro e confiável, que permite ao paciente abrir-se e expressar-se livremente sem medo de julgamento. A relação terapêutica na Gestalt-terapia também é caracterizada pela responsabilidade mútua. O terapeuta não é visto como uma autoridade ou especialista que dá conselhos ou soluções, mas sim como um parceiro de jornada que auxilia o paciente a explorar suas próprias experiências e encontrar suas próprias soluções. Portanto, conclui-se que através da relação terapêutica, o paciente é encorajado a assumir a responsabilidade por suas escolhas e ações, reconhecendo que é o protagonista de sua própria vida. A relação terapêutica na Gestalt-terapia também é considerada como dinâmica e fluida, respondendo às necessidades e aos processos do paciente em constante evolução. O terapeuta está atento às mudanças no momento presente e é capaz de ajustar sua abordagem de acordo com as necessidades do paciente. A relação terapêutica, quanto suas características apresentadas, é vista como um espaço seguro para a experimentação e a descoberta, onde o paciente é incentivado a explorar novas formas de ser e agir. Onde, sugere-se como necessidade da pesquisa, a experimentação de diferentes perspectivas e possibilidades, para serem aplicadas em todos os âmbitos de sua vida. Além disso, observou-se que a relação terapêutica na Gestalt-terapia é inclusiva e respeitosa da diversidade e singularidade de cada paciente, contribuindo para o processo de cura e transformação do paciente onde através de uma compreensão

profunda do indivíduo, leve-se em consideração seus aspectos emocionais, cognitivos, comportamentais e corporais. Destacando como prós: o foco na experiência atual; a integração mente, corpo e emoções; e, a responsabilidade pessoal. Como contra, aponta-se: a capacidade de confronto; a exploração das emoções desconfortáveis; e, a negligencia ao passado.

Palavras-chave: Relação. Terapêutica. Gestalt-terapia.

CONCEPÇÃO GESTÁLTICA DA ESQUIZOFRENIA

Marcos Vinícius Guimarães Viana[16]
Mestre em Psicologia Social (UERJ) e Gestalt-terapeuta (IPGF)
marcosvgviana@hotmail.com
Estácio de Sá – RJ / UNIVERSO - RJ

RESUMO: A vivência, a significação e até a forma de apresentação de traços sintomáticos serão diferentes tantos quanto forem os indivíduos. O respaldo para uma diagnose vem, como já alertara Augras (2002), do algo de coexistência na existência, que faz um indivíduo ser comunicável para os demais. É com esse princípio norteador que se pretende circunscrever compreensivamente o que adotamos como ajustamento do tipo psicótico. Pela concepção gestáltica, pode-se assumir que a natureza da psicopatologia é a interrupção do processo de contato. Quanto maior a rigidez na fronteira organismo-ambiente, quanto maior a perturbação na elasticidade de formação figura-fundo, mais severos os efeitos percebidos no comportamento e no desenvolvimento do self (PHG, 1997). O continuum de gravidade dos efeitos, no entanto, decorre do grau de awareness que o sujeito mantém sobre o seu padrão de contatos. Nas psicoses, a awareness encontra-se mais prejudicada do que nas neuroses. As funções descritas por PHG – id, ego e personalidade – são aqueles "modos de funcionamento" que permitem ao self cumprir sua principal função, qual seja, a do fechamento de Gestalten incompletas, a satisfação de necessidades emergentes na fronteira de contato. Sobretudo Goodman (apud Ginger e Ginger, 1995) apresentado por Frazão e Fukumitsu (2017) difere a neurose da psicose – e, portanto, os ajustamentos neuróticos, e psicóticos – segundo a função do self mais prejudicada: na neurose, fala-se, prioritariamente, de uma perda nas funções ego ou personalidade, enquanto na psicose a perda nas funções ego ou personalidade, enquanto na psicose a perda se dá na função id. A função id se relaciona aos momentos mais próprios do sentir pré-reflexivo. O self rege-se na função id enquanto à disposição das sensações mais primárias, rudimentares e primitivas, afetivas por excelência. Um bloqueio severo em qualquer das etapas de contato relacionadas (fluidez, sensação e consciência), segundo Ribeiro evidencia um padrão de comportamento que denota desligamento de si e do mundo numa interrupção profunda do fluxo de awareness. Por outro lado, também é possível uma estimulação excessiva dos sentidos, mantendo-se o self inundado por sensações que não adquirem significado exatamente porque não reconhecidas em outros níveis de consciência. Nessa circunstância, o comportamento evidencia a falta de conexão entre o que é sentido visceralmente e o vivido emocional, psiquicamente simbolizado e significado. Em decorrência da perturbação do id (por falta ou excesso), todas as outras funções do self são comprometidas, em um movimento óbvio de cronificação do (des)ajuste. No sofrimento psíquico do tipo psicótico, a noção de eu é afetada, porque o self não dá conta de integrar suas várias manifestações. Segundo Dalgalarrondo (2000), o diagnóstico dos transtornos psicóticos envolve a sintomatologia positiva e negativa. Sintomas positivos são as manifestações produtivas do quando psicótico e configuram sintomas tais como delírios, alucinações, agitação psicomotora e comportamentos bizarros, parafrasias. Já os sintomas negativos caracterizam-se pela perda de funções psíquicas e pelo empobrecimento global da vida emocional e social do indivíduo. Nesse caso aparecem o distanciamento afetivo, a retração social, empobrecimento da fala e do pensamento, lentificação psicomotora, entre outros. Costa (2010) afirma que no âmbito do pensamento, com o psicótico ocorre o processo de clivagem, isto é, "o pensamento delirante primário não se reprime nem fica embutido, o que possibilita agir com uma normalidade aparente". O sujeito apresenta dificuldades de criar metáforas, interpretando na literalidade aquilo que vê ou escuta.

[16] Psicólogo, Mestre em Psicologia Social (UERJ), Gestalt-terapeuta pelo Instituto Gestalt em Figura, Docente da graduação de Psicologia na Estácio de Sá – RJ e na Universidade Salgado de Oliveira – RJ.

Costa (2003) afirma ser "necessário constatar [...] a impossibilidade da psicose como uma entidade única, ou mesmo como entidade nosográfica, sindrômica". Por fim, a postura fenomenológica em situação psicodiagnóstica deve ser processual, preservando as características compatíveis com toda a fundamentação espistêmica da GT e da fenomenologia. Sendo o ajustamento criativo uma função relacional, não há para ele padrões predeterminados no curso de desenvolvimento. A despeito do quadro nosológico descrito para a psicose, pela proposta do ajustamento do tipo psicótico o sujeito não é rotulado segundo um padrão predefinido e específico de uma forma de ser patológica. "Tipo psicótico" indica que uma disposição criativa se encontra, em algum grau, potencialmente desorganizada; porém, o mesmo termo não limita a autorregulação do self nem estabelece uma linha psicopatológica evolutiva definitiva no curso da vida do sujeito. À abordagem importa nem tanto o sintoma, mas o fenômeno: a maneira como o indivíduo manifesta o seu vivido de ser no mundo (Tatossian, 2006). É esse referencial que se une à GT na tentativa de desenvolver um olhar sobre o fenômeno do ajustamento psicótico em si, mas, sobretudo, no sujeito que sofre. Recepciona-se o phatos, o sofrer como possível registro ontológico da vida. Recepciona-se, ademais, o modo único de cada sujeito viver e manifestar o sofrimento. A experiência psicótica adquire contornos tão idiossincráticos quanto a trajetória pessoal dos indivíduos.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Psicose; Esquizofrenia.

DE NUTRICIONISTA À PSICÓLOGA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Denise Brito da Rocha
Mestra em Saúde Coletiva
denise.dbr@gmail.com
Instituto Gestalt do Ceará

RESUMO: O corpo belo é considerado o objeto de consumo mais desejado da contemporaneidade. Carrega consigo a promessa implícita de inclusão social, amor, prazer, felicidade (BAUDRILLARD, 1970). No entanto, alcançar o padrão de beleza considerado belo é difícil e inacessível para muitos, o que gerar a insatisfação da imagem corporal (IC). Com o intuito de compartilhar as inquietações da minha experiência profissional, e por considerar que o transtorno alimentar (TA) é o transtorno mental mais fatal, este trabalho trata de um relato de experiência costurando a minha atuação como nutricionista e psicóloga e o acesso ao sofrimento psíquico com a insatisfação da IC utilizando a Gestalt-terapia (GT) como fundamentação. Como nutricionista, atendi uma pessoa que depositava suas emoções nos alimentos devido o histórico de compulsão alimentar. Uma moça relatou ganho de peso durante o luto pela perda de sua mãe. Ouvi de outro que as refeições ao redor da mesa era o único momento de troca familiar. Assim, percebi que elaborar dietas com intuito de perda de peso era simplista diante da complexidade das experiências. Estudando os transtornos alimentares (TA) como psicóloga, identifiquei que essas pessoas dão uma informação pronta sobre o incômodo com o corpo. Merleau Ponty (1945) destaca que o corpo não está no ambiente, mas é parte dele, entrelaçando-se com as suas experiências por meio da expressão, do hábito, da motricidade e da articulação (ALVIM, 2011). A GT pode contribuir para a compreensão dessas questões ao ampliar a *awareness* e a fluidez na relação pessoa-mundo, considerando o corpo como uma unidade que engloba espaço, tempo, movimento, sensações e expressão. Na neurose, há uma ruptura dessa unidade, com a pessoa se afastando do mundo e buscando controlá-lo, evitando o contato espontâneo e fluído (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1951/1997). No transtorno da compulsão alimentar (TCA) há um mecanismo neurótico de introjeção. A pessoa não só “engole” o seu meio de forma emocional, mas engole fisicamente uma grande quantidade de alimentos construindo uma coerência entre a sensação física e a sensação emocional. Assim como a pessoa não consegue filtrar o que está absorvendo do ambiente, também não consegue controlar o tipo e a quantidade de alimento. Perls (1893) explica que na introjeção ocorre a aceitação indiscriminada de um conteúdo, tornando-se em um corpo estranho. Compreendo a distinção entre o TCA e a bulimia (BN) com base nisso. Ambos apresentam compulsão alimentar, mas na BN há um método compensatório após a compulsão. Nesse sentido, na BN, o mecanismo neurótico é de retroflexão, no qual a pessoa vomita o conteúdo ingerido como forma de expulsar o que foi "engolido" do ambiente. Ela realiza para si o que gostaria de fazer com o meio, voltando a direção para dentro de si mesma (PERLS, 1893). A anorexia (AN) também tem um mecanismo neurótico retroflexor. A restrição alimentar é uma regra crucial para esse grupo que deseja limitar o que absorve do ambiente. Como essa restrição não é possível, eles transferem a redução para algo palpável, como a alimentação. Introjetam regras sociais, padrões corporais e expectativas comportamentais. Sofrem para manter essas regras e sofrem quando as quebram. Assim, voltam-se contra si mesmos, em vez de voltarem-se contra o meio, através da restrição do alimento. Na relação terapêutica, é importante facilitar a ampliação da *awareness*, permitindo que a pessoa acesse suas experiências e compreenda seu funcionamento atual (ALVIM, 2016). Sugiro que anotem suas sensações antes e depois de compulsões alimentares, buscando maior contato consigo mesmas. Segundo Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997, p.212), "uma emoção é a *awareness* integrativa de uma relação entre o organismo e o ambiente. [...] A emoção só é sentida quando aceitamos o comportamento corporal correspondente". Para expressar o pensamento, é essencial que o corpo se torne o

próprio pensamento ou a intenção significativa (ALVIM, 2014). Portanto, identificar a comunicação corporal e ajudar o paciente a percebê-la faz parte do processo de *awareness*, pois corpo, pensamento e mundo são inseparáveis (MERLEAU-PONTY, 2000). Apesar do TA ser um assunto popular, é pouco explorado pela GT. É importante compreender além do comportamento alimentar, os sentidos e significados da relação pessoa-alimento, afinal as pessoas não têm uma relação adoecida com a comida, mas consigo mesmas e com o ambiente. A psicoterapia desempenha um papel fundamental no tratamento.

Palavras-chave: Ciências da Nutrição, Gestalt-terapia, Psicologia

DESCOLONIZAR A CLÍNICA GESTALTICA: EXPERIMENTOS EM TERRITORIOS AMAZÔNICOS NA PERSPECTIVA DE UM FEMINISMO DECOLONIAL

Lucíola Santana Pastana Silva[17]
Psicóloga Clínica- Mestra em Psicologia (UFPA)
Esp. Em Psicologia Clínica ênfase em Gestalt-Terapia (CCGT)
luciolasantanapa@gmail.com
Universidade Federal do Pará

RESUMO: Este artigo visa trazer a discussão da Descolonização na clinica e de quais arranjos podem ser feitos na prática enquanto Gestalt-Terapeuta, bebendo nas fontes do feminismo decolonial que é uma teoria/prática pautada numa fluidez e, assim, em um movimento que está em construção e que vai buscando refletir sobre si mesmo e se articular a partir de novas experiências que autoras vêm trabalhando. Interessante a intercessão que podemos fazer com a nossa própria história e território. Na clínica, quando trabalho com a experiência, um mecanismo se apresenta com certa frequência que é o da introjeção como internalização das regras sem elaboração complexa. Neste ponto do trabalho, acontece a explicitação das verdades que pacientes internalizam por meio de regras, normas, leis e estas entram em conflito quando se pensa ou se cria outros possíveis comportamentos diferentes dos que são internalizados. Além de que, às vezes, nem são percebidas as introjeções que guiam alguns comportamentos. O experimento consiste em trazer ditados populares da sua casa, por exemplo: "quem não sabe o que quer, quando encontra não acha"; "mas antes um do que dois passarinhos voando", "cuidado com as flechinhas de Apolo"; "puta só, ladrão só"; "saiba entrar, mas saiba sair", "cuidado com o que você diz, os anjos dizem amém"; "primeiro o dever e depois o prazer". Esses são alguns ditados que já ouvi em contexto clínico, o paciente traz os deles e, com isso, vamos tecendo em conjunto quem diz isso, o que significa, como o paciente se sente, se é replicado, se faz sentido, ou seja, diversas perguntas que visem "mastigar" esses ditados para se pensar em falas que são "engolidas" e que não se sabe de onde veio e de como faz sentido no vivido com frequência. São crenças e frases que ganham transcendência e colam nos corpos, embaraçam e cristalizam as mentes em colonialidades diversas, às quais viram prisões do ser em diversos modos. Acredito que ao pensar numa descolonização da prática psicológica poderíamos propor experimentos pautados na criatividade do profissional e do cliente, além de olharmos sempre para os territórios e de como as coisas são ditas, percebo que aqui, em Belém, utilizamos alguns ditados populares para tentarmos expressar sentimentos. Quando se expressa, trazemos histórias, corporeidade, linguagem, replicações e mudanças. Para descolonizar a Psicologia e a Gestalt-Terapia é necessário se perceber no mundo, fazer o exercício de se perceber no território, nas relações que são vividas e de sempre questionar nosso papel como pesquisadoras e psicólogas. Ao utilizar o feminismo decolonial como uma das lentes do fazer psicológico, acredito que esse jogo de se revisitar é mais dinâmico. Pois está atento para o sistema moderno de gênero, além do que busca posições comunitárias e coletivas como forma de resistência. Não podemos ser vistas como: tristes, loucas ou más, quando pensamos e agimos em prol do nosso viver. É possível ir além e sair das caixinhas fundamentalidades e das colonialidades que são mordaças do ser e do viver. É este o nosso desafio e nossa ética de existência.

Palavras-chave: Experimento; Feminismo Decolonial; Prática Clínica

[17] Lucíola Santana Pastana Silva-Psicóloga Clínica- Mestra em Psicologia (UFPA)/ Esp. Clínica em Gestalt-Terapia (CCGT)/ luciolasantanapa@gmail.com/ UFPA

ENTRE O USO DE CRACK E A FUGA DO CONTATO: UM RELATO DE ACOMPANHAMENTO PSICOTERAPÊUTICO EM UMA CONSULENTE COM ESQUIZOFRENIA

Drieli Venâncio da Silva Sousa
Psicóloga; Gestalt Terapeuta
drielivenancio@outlook.com
Conselho Regional de Psicologia 11ª Região

RESUMO: O relato a seguir apresenta uma experiência clínica de acompanhamento psicoterapêutico com enfoque na Gestalt-terapia. A consulente em questão trata-se de Maitê[18], mulher adulta, negra, periférica, lésbica, usuária de crack e diagnosticada com esquizofrenia. O ponto de partida para compreensão do caso, é do lugar em que o usuário de substâncias tornadas ilícitas é posto na sociedade, e como profissionais, podemos produzir práticas estigmatizantes. Assim, além de apontar possibilidades e desafios que emergiram durante o atendimento do caso, destaco a contribuição dos fundamentos teóricos da abordagem Gestalt terapia que versam sobre a evolução do processo terapêutico. Maitê, iniciou a psicoterapia, após seu primeiro episódio de surto, que ocorreu durante uma viagem com amigas. Na época já fazia o uso recorrente de álcool e maconha, estudava e mantinha uma relação de distanciamento com os pais e irmãos. Após algumas internações em "clinicas" psiquiátricas, foi diagnosticada com esquizofrenia. Interrompeu as sessões de psicoterapia pois a profissional à época decidiu parar o processo quando Maitê relatou seu uso de crack. O crack inicialmente surge como oferta de troca durante uma ida na boca[19] para a compra da maconha, o comerciante oferece o crack, e por ser mais acessível financeiramente, acaba comprando. Retoma o processo de psicoterapia por indicação de um psiquiatra. Ao iniciarmos as sessões, reafirmou que não cessaria o uso de crack, e quis saber meu posicionamento. Maitê comunicou o aumento do uso por não conseguir expressar o que sente durante as discussões com a atual companheira afetiva, assim como, adquirira problemas em distinguir o real e o ilusório entre as desorganizações de pensamentos. Quando a consulente percebe que as situações do cotidiano passam a exigir mais de si, potencializa práticas já inseridas em seu cenário rotineiro. Como Ribeiro (2006) refere, alterações drásticas em seu campo, podem promover reconfigurações, que a faz buscar uma nova unidade de sentido. O crack foi um silenciador dos pensamentos, por frações de minutos pôde contemplar o silêncio da mente, mesmo que em um curto espaço de tempo lhe possibilitou uma sensação de afastamento total de suas ideias. Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012) trazem o conceito de "ajustamento banal" para situar a substituição da awareness pelo consumo de substâncias, onde o sujeito se destitui da possibilidade de sentir e assumir identidades sociais. Aqui, não podemos desviar o olhar desse campo que se organiza para sustentar determinadas figuras. Em seus momentos de crises, a família aparecia para lhe dá suporte, e Maitê verbalizava de modo desorganizado um suposto episódio de abuso sexual que sofrera por parte do pai, referia-se ainda ao silenciamento complacente da mãe e as violências verbais vivenciadas por um dos irmãos. Antes de iniciar o acompanhamento terapêutico, sua decisão não era respeitada, o que colaborava para um uso abusivo do crack e consequentemente trocar os horários das medicações psiquiátricas. Yontef (1998) afirma que existem padrões entre pessoas, de modo que, não "precisamos reinventar a roda, repetidamente", ou seja, há um motivo evidente para a manutenção do uso e o lugar de importância do mesmo, que não deve ser alterado ou substituído, sem fornecer ao consulente um outro suporte necessário para lidar com suas

[18] Os dados pessoais da consulente, bem como outras informações foram modificadas a fim de preservar o sigilo do caso.

[19] Lugar onde se comercializa a droga.

questões. Desse modo, a psicoterapeuta precisa deter de modo evidente, que sua atuação, precisa ser direcionada ao desenvolvimento desse autossuporte, bem como compreender e intervir em organizações familiares que sustentam a figura da/o/e usuário de substâncias. Diante disso, uma estratégia de intervenção é apostar na rede de apoio comunitária e social. Não somente em uma perspectiva de clínica ampliada, onde referenciamos os equipamentos socioassistenciais, mas na compreensão mais ampla que todo e qualquer apoio que emerge da relação comunitária se torna parte dessa rede de suporte. Em outras palavras, apostar não nos sintomas e sim, em todo o fundo que a sustenta e todas as relações que Maitê constrói para compor seu cuidado.

Palavras-chave: Crack, Psicoterapia, Esquizofrenia

GESTALT-TERAPIA E O MÉTODO FENOMENOLÓGICO: POSSÍVEIS DIÁLOGOS PARA UM FAZER CLÍNICO.

José Waldo Saraiva Neto
Estudante de Psicologia
Iniciação Científica - APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica
FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico)
josewaldosaraiva@gmail.com
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

João Felipe Leite Costa
Estudante de Psicologia
Iniciação Científica – APHETO – Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica
CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)
joaofelipelc@yahoo.com
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

RESUMO: A Gestalt-Terapia é compreendida como uma abordagem humanista devido às suas bases epistemológicas, como a crença no homem positivo, integrado, livre, centro de sua existência, buscando a autorregulação e responsável pelo seu projeto. Podemos considerar a Gestalt-Terapia um "caso particular" de abordagem humanista devido à constituição do referencial teórico que ancora o seu fazer clínico. Neste trabalho, buscamos realizar um breve diálogo entre as noções fundamentais da Gestalt-Terapia e da fenomenologia husserliana, por considerar possíveis interlocuções do método fenomenológico com o fazer clínico gestáltico. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura que engloba os projetos de pesquisa dos autores envolvidos. A Gestalt-Terapia surge criando um solo teórico-prático diferenciando-se das teorias causais-explicativas que dominavam a Psicologia da época, como o comportamentalismo e a psicanálise. A partir de suas raízes fenomenológicas na psicologia da gestalt, a abordagem gestáltica valoriza a compreensão do homem no aqui-e-agora, buscando a presentificação das suas vivências. Já em suas influências existenciais, a Gestalt-Terapia enxerga o homem em seu inacabamento, livre, responsável e singular. Nesse contexto, considera que o homem só pode ser compreendido em seu próprio campo, ou seja, em contato com o mundo. Logo, a teoria de campo afirma que o mundo - o ambiente, a sociedade, a cultura, a economia, a política etc. - afeta o sujeito, formando uma rede de forças interativas. Desta forma, a percepção do sujeito depende dessa rede. Portanto, todo comportamento deixa de ser compreendido como interno, mas se manifesta em função do campo que ali se forma. Estamos em contato com esse campo e, a partir dele, possibilitando ajustamentos criativos. Por assim dizer, apontamos uma relação teórica considerando proximidades epistemológicas entre a fenomenologia e a Gestalt-Terapia, possibilitando, assim, realizar articulações que possam edificar e potencializar o processo clínico gestáltico. Neste mesmo plano, destacamos a grande valia de fatores como a descrição e a compreensão da experiência presentes para Gestalt-Terapia, que pode ser fundamentada a partir do que propõe o método fenomenológico, como veremos a seguir. Edmund Husserl, filósofo e matemático, edificou, no início do século XX, uma proposição teórico-metodológica de uma filosofia que se propunha rigorosa, ou seja, buscando se distanciar da metafísica tradicional e apresentar como um método para conhecer os fenômenos da consciência de maneira que priorizasse, não a explicação teórica, mas a descrição fidedigna do que se mostra à consciência. Dessa maneira, instituiu o método fenomenológico, adotando a *epoché* como um posicionamento crítico para atingir uma descrição do que se mostra em sua originalidade, ou seja, a suspensão de conhecimentos prévios acerca do objeto de interesse. A descrição proporcionada pelo método fenomenológico tem, como sua atitude fundamental, considerar não a explicação do que se mostra, mas a descrição e a compreensão acuradas da realidade, o que muito diz do fazer do psicoterapeuta gestáltico.

Em outros termos, diz respeito a um olhar interessado genuinamente na singularidade de um fenômeno humano, que é possível articular como um olhar como se fosse a primeira vez diante de uma vivência advinda do contato psicoterapêutico. Portanto, de acordo com o que foi exposto, afirmamos que a Gestalt-Terapia tem um caráter fenomenológico e humanista no que diz de um fazer clínico. No setting clínico, em uma perspectiva fenomenológica, devemos prezar, antes de tudo, pela descrição da experiência vivida, o como esse sujeito existe e vivencia seu mundo. Como psicoterapeutas, devemos colocar em questão pressupostos teóricos e diagnósticos em prol da aproximação da experiência clínica no aqui-e-agora. Isto não significa abandonar estas questões, mas buscar um olhar compreensivo ao que se mostra da forma mais original, priorizando a descrição e a presentificação das vivências. Buscaremos, primordialmente, compreender as significações da experiência vivida, ocupando um papel não normativo na relação clínica, levando em consideração o campo e a historicidade como fatores que compõem a dimensão de sentido humana. Por fim, esse trabalho não se propõe a esgotar este assunto, mas a possibilitar potencializações para a clínica gestáltica, considerando uma visão de ser humano como relacional e histórico, ocupando um olhar crítico à experiência. Assim, propúnhamos uma prática clínica que priorize o cuidado e o contato como bases para potencializar a criatividade no aqui-e-agora.

Palavras-chave: Gestalt-Terapia; Método Fenomenológico; Psicologia Clínica.

GESTALT-TERAPIA POLÍTICA? PENSANDO A CLÍNICA A PARTIR DE UM CAMPO SUSTENTADO POR LÓGICAS CISCOLONIAIS

Kahuana Carolina Leite
Psicólogue, Gestalt-terapeuta e Mestrande em Psicologia
psi.kahuanaleite@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Mônica Botelho Alvim
Psicóloga, Gestalt-terapeuta e Doutora em Psicologia
mbalvim@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

RESUMO: Introdução – O que significa dizer que a Gestalt-terapia é política, imbricada e engajada no mundo? Essa tem sido uma pergunta mobilizadora da pesquisa em andamento "Por uma Gestalt-terapia contranormativa". Este trabalho faz parte das reflexões desenvolvidas no percurso da pesquisa, que busca um retorno aos aspectos históricos-políticos em que a abordagem emergiu, num período marcado pela Contracultura estadunidense, apontando a captura do movimento pelo capitalismo; tomando como foco os escritos de Paul Goodman sobre a sexualidade que inspiraram o movimento *queer*, procura avançar numa perspectiva crítica e política da clínica gestáltica, a partir de diálogos com estudos transfeministas. Partimos da compreensão de que o sentido emerge como fenômeno nutrido por um fundo, que ao mesmo tempo em que pode ser sentido na singularidade do "eu", se constrói no mundo com us outres (Alvim, 2022). O campo espaço-tempo do encontro carrega aspectos históricos, culturais e políticos (Perls, Hefferline & Goodman ou PHG, 1951/1997). Nossas escutas não estão ilesas desse campo, nossos corpos informam lugares e dizem sobre como percebemos o que se apresenta a nós. A cisgeneridade atua em nossa sociedade de modo colonial. Segundo a pesquisadora transfeminista brasileira Viviane Vergueiro (2016), podemos falar em uma ciscolonialidade, onde ser branco, cisgênero, heterossexual, magro e sem deficiência se apresenta como o modo "correto" de existir, tudo que for contrário a essa hegemonia, será alvo de moralizações, punições e patologizações. É a partir desse fundo normativo presente no tecido social que esse trabalho se justifica; a própria escassez da literatura científica que aborde a Gestalt-terapia implicada socialmente, nos aponta para a invisibilização de formas outras de pensar a abordagem. O silêncio sobre discussões que problematizem as estruturas de poder que estão presentes no campo, contribui para tornar invisíveis escritas e vozes trans, o que pode ser compreendido também como uma forma de violência colonial, ou seja, não se oportuniza que u outre seja viste e assim não ocorra um processo de inquietação e transformação na lógica hegemônica (Alvim, 2019). **Objetivo** – O objetivo deste trabalho é pensar algumas implicações políticas da Gestalt-terapia em diálogo com a noção de ciscolonialidade, apontando para a importância de uma escuta situada. **Metodologia –** Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho teórico. O referencial se desdobra no diálogo entre o livro Gestalt-terapia (1997), ensaios de Paul Goodman (2011; 2012), autores contemporâneos da Gestalt-terapia brasileira e estudos transfeministas em questionamento à clínica tradicional. **Resultados Esperados –** Os resultados esperados versam acerca da possibilidade de uma contribuição, mesmo que mínima, para pensar uma clínica gestáltica permanentemente aberta à reflexão política e sensível às normatividades. Compreendendo que a clínica não pode ser mais um espaço que violente corpas não hegemônicas, é preciso tecer um olhar crítico e nomear as estruturas de poder que se fazem presente: branquitude e cisgeneridade. A Gestalt-terapia talvez nos conduza a estremecer o conhecido, ao invés de reproduzir "uma norma estereotipada" (PHG, 1997, p. 163). Perls, Hefferline e Goodman (1997) descreveram que a sociedade busca pressionar nossas vidas, para que nos adequemos à moldes de "cidadãos saudáveis", o que foi chamado pelos autores por

"pressão modeladora" (PHG, 1997, p. 147), pode ser atualizada para as normatividades em campo. Entendendo a ciscolonialidade como uma estrutura que atua sobre os corpos e considerando a própria Psicologia como uma ciência ontologicamente cisgênera (Favero, 2020). A tutela das instituições – igreja, família, Estado, entre outras – age em como vivenciamos nossos desejos, de modo que não mobiliza um cenário aberto às múltiplas formas de ser, pelo contrário, dispõe de uma pobreza para experiências satisfatórias (Goodman, 2011). As opressões agem na produção de nossas subjetividades, isso é importante para pensar como nós vamos ao encontro du outre na clínica (Alvim, 2022). **Conclusão –** As conclusões são provisórias e abertas às tensões, assumindo que o conflito é uma possibilidade de construção de novas formas de estar Gestalt-terapeuta. Não se pretende criar fôrmas nesta pesquisa, pelo contrário, nosso intento é desestabilizar qualquer noção fixa de vida, que pense a partir de uma linearidade binária de certo/errado. Acreditamos no que nos afirma Geni Núñez (2022); nossa forma de luta é pela denúncia da norma, e como nos disse Paul Goodman (2012), o que a sociedade lê promíscua, sentimos como enriquecedora.

Palavras-chave: Clínica gestáltica; Campo; Transfeminismos.

LUDOTERAPIA: O BRINCAR NO PROCESSO TERAPÊUTICO

João Beserra Neto
Graduando em Psicologia
Neto1357@hotmail.com
Faculdade Luciano Feijão

Tiago de Oliveira Vasconcelos
Graduando em Psicologia
Tiagovasconcelosfot@gmail.com
Faculdade Luciano Feijão

Cirliany Fernandes Albuquerque
Graduanda em Psicologia
Cirlianyalbuquerque2017@gmail.com
Faculdade Luciano Feijão

Elis Sales Muniz Lima
Mestra em Saúde da Família
Eliss_muniz@hotmail.com
Universidade Federal do Ceará

RESUMO: A ludoterapia é uma abordagem terapêutica que utiliza jogos, brinquedos e atividades lúdicas para ajudar crianças e adolescentes a expressarem seus sentimentos, resolverem conflitos e desenvolverem habilidades sociais e emocionais. No Brasil, a ludoterapia tem se consolidado como uma prática cada vez mais difundida e reconhecida pelos profissionais da área de saúde mental, (BEZERRA; CURY, 2023). O enquadre da ludoterapia na perspectiva gestáltica centrada na criança pode ser entendido desde a forma como se organiza o local do encontro terapêutico, passando pelo modo de apresentação dos recursos lúdicos para a criança e dando especial atenção às atitudes do psicoterapeuta frente a ela. A sobrecarga de exigências em relação ao próprio "eu" faz surgir um contingente de crianças que se percebem como a personificação do problema. Um cenário que pede explicitamente a intervenção dos psicólogos em relação ao cuidado proporcionado no processo terapêutico (THERENSE, 2019). A relação terapêutica é um importante fator de cura, por isso se faz necessário usar mecanismos criativos para que se crie um vínculo, e ocorra um encontro genuíno entre subjetividade e alteridade. A ludoterapia, através da empatia e acolhimento, abre oportunidades para que o cliente se encontre com uma outra pessoa, o terapeuta. O objetivo deste trabalho é mostrar como a utilização do brincar como meio terapêutico, propõe as crianças lidarem com suas emoções, sentimentos e dificuldades, promovendo o desenvolvimento emocional e cognitivo. Os artigos de revisão narrativa são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o estudo de arte de um determinado assunto. A revisão foi realizada de forma não sistemática, as buscas se basearam na pergunta de pesquisa: como o brincar contribui para o processo terapêutico? A pesquisa qualitativa e exploratória foi realizada na base de dados SCIELO e incluiu-se as palavras chaves: "ludoterapia", e "gestalt-terapia" e "crianças". A seleção de artigos se deu por textos completos em forma de artigos na língua portuguesa publicados no período de 2018 a 2023 onde foram encontrados 16 artigos. Baseado na pesquisa feita observou-se a importância e de como os processos terapêuticos são de extrema importância para os acompanhamentos nos atendimentos as crianças nos enfrentamentos de questões relacionados ao seu desenvolvimento. Exemplo, a ludoterapia têm se mostrado uma das ferramentas usadas por terapeutas de formas bastante significativas e com resultados positivos na facilitação da fala e da expressão de sentimentos dessas crianças, visto que uma das principais dificuldades da infância e no desenvolver de um atendimento psicoterapêutico são as dificuldades e impossibilidades de expressão através da fala. Alguns psicoterapeutas têm alertado também para a participação e

inserção dos pais nesses processos tendo em vista a necessidade em considerar os sentimentos e percepções das crianças e também da família na contribuição desses processos terapêuticos de desenvolvimento da infância. O terapeuta também deve atentar-se e evitar o olhar tendencioso que se faz sobre as relações sociais da família dessa criança como algo complicado e que impacta negativamente as relações dessa criança. A ludoterapia humanista se propõe ao trabalho em que o terapeuta pauta seu modo de relação assumindo que a responsabilidade e a direção do processo são da criança (VASCONCELOS; SOUZA, 2022). De acordo com o estudo realizado, conclui-se a importância das atividades do brincar dentro dos atendimentos, pois assim as crianças se sentem mais à vontade e seguras para expressar seus sentimentos e emoções, facilitando o processo de criação e fortalecimento de vínculo entre terapeuta e cliente. Neste estudo percebe-se também que os pais estão sendo cada vez mais convidados a participarem junto aos seus filhos da terapia, ajudando o fortalecimento do vínculo famíliar, e que a criança veja no seu responsável um adulto que compreende na sua forma de ver o mundo e lidando com seus desafios.

Palavras-chave: Ludoterapia; Gestalt-Terapia com Crianças; Processo Terapêutico.

O ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NO SUS E A GESTALT-TERAPIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Joniel Gomes do Vale
Especialista em Psicologia Clínica (2007) pela Faculdade Santo Agostinho (FSA)
Formação em Gestalt-Terapia (2023) pelo Instituto Gestalt do Paraná
jonivale83@gmail.com.

RESUMO: O Sistema Único de Saúde contempla atenção integral a saúde nos níveis primário, secundário e terciário. De acordo com a resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 17, de 19/07/2022, que dispõe acerca de parâmetros para práticas psicológicas em contextos de atenção básica, secundária e terciária, o atendimento psicológico objeto deste relato enquadra-se na atenção secundária: ambulatório especializado: atendimentos individuais. A sala de atendimento funciona no Hospital Municipal da Primavera, localizado em Teresina (PI), que recebe encaminhamentos da atenção básica: Estratégia Saúde da Família, do Centro de Atenção Psicossocial, e dos médicos das mais variadas especialidades que também atendem no local. Nos atendimentos realizados de setembro de 2017 até os dias atuais percebe-se que o cliente, especificamente, que chega para o atendimento psicológico, traz várias dúvidas, inquietações e expectativas quanto ao próprio atendimento, visto que, muitas vezes, vem encaminhado por outros profissionais (médicos, enfermeiros, assistentes sociais, etc) que trabalham na rede de saúde do município. Em outra parte dos casos, o próprio cliente procura o serviço ou ele é levado por um familiar. Nesse primeiro momento a ação principal é acolher essa pessoa, buscando criar uma atmosfera favorável para a expressão de sentimentos, comportamentos, crenças, opiniões, etc. O objetivo deste trabalho é descrever, analisar e refletir sobre os impactos das intervenções de um Gestalt-Terapeuta no SUS, no contato com uma população essencialmente de baixa renda e com demandas complexas. Vale ressaltar que o presente estudo é de cunho exploratório, portanto, surgiu do interesse do terapeuta de aprofundar suas reflexões sobre sua prática profissional. A metodologia empregada é fenomenológica, valorizando a experiência imediata do sujeito, aplicando conceitos como: relação dialógica, ajustamento criativo, figura e fundo e autorregulação organísmica, visando a ampliação de awareness. De forma integrada utiliza-se a Teoria de Campo e a noção de que o comportamento só pode ser compreendido e alterado com base nas relações entre pessoa e meio, bem como na validação de forças bio, psico, sócio, espirituais e ecológicas, que atuam de maneira interdependente. Verifica-se a importância da postura de abertura do Gestalt-Terapeuta e da sua qualidade de presença, sempre desenvolvendo uma postura de escuta e abstenção de julgamentos. Faz-se uma breve porém criteriosa avaliação do quadro do cliente, do sofrimento expresso por ele, percepções e agravos, no sentido de elaborar um diagnóstico compreensivo e processual do caso em específico. Busca-se avaliar também a rede de suporte social do cliente e os recursos que ele tem. A partir do momento em que se tem uma melhor compreensão da demanda – ressalta-se que avaliação e intervenção ocorrem de maneira concomitante – vislumbra-se a continuidade do acompanhamento psicológico do indivíduo. Então, se for o caso, é fornecida ao usuário pelo próprio terapeuta uma guia de retorno (documento institucional) para marcação no sistema de regulação de consultas do hospital. No que se refere ao público atendido, recebe-se adolescentes, adultos e idosos. Já quanto às demandas em termos de psicopatologias (muitos casos configuram-se como sofrimentos agravados encaminhados por psiquiatras) destacam-se os estados ansiosos e depressivos nos mais variados níveis de comprometimento (maioria dos clientes), além de quadros de stress agudo, deficiências, transtornos do neurodesenvolvimento e esquizofrenia (minoria dos casos). A partir da experiência ao longo da prática profissional e dos estudos continuados do profissional, pôde-se perceber um aumento da quantidade de retornos dos clientes para atendimento, o que indica satisfação com o atendimento recebido. No

que concerne às dificuldades encontradas, ressalta-se os problemas logísticos do público em acessar o serviço (tempo de espera para o retorno, falta de transporte, etc), além do próprio estigma que se percebe quanto à saúde mental – procurar ou precisar de um psicólogo ou psiquiatra ainda é visto por muitas pessoas como motivo de vergonha e exposição de fragilidades, principalmente pelo público masculino, o que revela a necessidade de constante psicoeducação.

Palavras-chave: SUS; Gestalt-Terapia; suporte psicológico.

O MANEJO DA SEXUALIDADE E SUAS (DIS)FUNÇÕES NA CLÍNICA GESTÁLTICA COM CASAIS – RELATO DA CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR

Fabiane da Silva
Psicóloga clínica
Sexóloga
fabisilva.psicologia@gmail.com
Consultório privado

RESUMO: O trabalho tem por objetivo apresentar meus estudos e experiência clínica com a temática da sexualidade na terapia de casal. No decorrer da minha prática, percebo o quanto a sexualidade está presente como demanda dos casais, mas, ao mesmo tempo, precisa figurar no olhar e abertura das/dos/des terapeutas para que esta parte importante de suas vivências como casal apareçam. O trabalho será apresentado em três eixos: 1) Educação em sexualidade para o casal; 2) Qual sexualidade é saudável para cada sistema íntimo; 3) Possibilidades de tratamento das (dis)funções sexuais. Como gestalt terapeuta e profissional de saúde, com estudos também voltados para a sexologia clínica, me sinto convidada a um olhar gestáltico do sentir e dos sentidos da relação. Um olhar de novidade para um lugar onde o cuidado ainda é segmentado para formas medicalizadas, cognitivistas e distanciadas do todo que é o casal.

Palavras-chave: Terapia de Casal, Sexualidade, Disfunções Sexuais..

O PRÉ-NATAL PSICOLÓGICO COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO NA PERINATALIDADE, UMA PERSPECTIVA GESTÁLTICA

Letícia Marlene dos Santos Figueiredo
Mestranda em Psicologia
leticia.figueiredo@ifch.ufpa.br
Universidade Federal do Pará

Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel
Pós-doutora em Psicologia
adelmapi@ufpa.br
Universidade Federal do Pará

RESUMO: O modo como a maternidade é compreendida atualmente é resultado de uma construção social que teve início no século XIX, com a ascensão do capitalismo. Com a valorização da separação entre os espaços públicos e privados e o fortalecimento da lógica patriarcal, surgiu o ideal de que as mulheres estariam naturalmente ligadas às funções de cuidado e procriação. Com isso, emerge o imaginário de que "toda mulher nasce para ser mãe". Essa representação acaba gerando um imperativo para muitas mulheres, que vivenciam um tensionamento e certa pressão para se tornarem mães e, muitas vezes, enfrentam diversos sentimentos diante das demandas sociais para desempenhar esse papel, visto que hoje as mulheres atuam em diversos papéis sociais. O objetivo deste estudo é apresentar o Pré-Natal Psicológico (PNP) como um instrumento de intervenção na perinatalidade a partir de uma perspectiva gestáltica. Trata-se de uma revisão bibliográfica. A gestação traz consigo inúmeras mudanças fisiológicas, hormonais, psicológicas e sociais, o que pode gerar conflitos para as mulheres ao longo dos meses gestacionais. Esses conflitos podem estar relacionados a diferentes fatores, como as condições socioeconômicas, dores no parto, autoestima e dúvidas sobre como será a relação conjugal durante e após o parto. Dependendo da forma como esses conflitos são vivenciados, podem se desenvolver alguns transtornos psíquicos, como o baby blues, a depressão pós-parto e a psicose puerperal. Para lidar as questões voltadas para o ciclo gravídico puerperal, surgiram políticas públicas, como a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher e o Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento, que têm como objetivo melhorar o acompanhamento gestacional e garantir um parto humanizado. No entanto, é importante destacar que esses avanços se deram principalmente em relação à dimensão biológica, negligenciando muitas vezes os aspectos psicológicos. Nesse contexto, surgiu o PNP, que se apresenta como um modelo de assistência complementar ao pré-natal tradicional. O programa oferece acolhimento à pessoa gestante, ao casal e sua rede de apoio, através de encontros grupais em caráter psicoeducativo. O objetivo é atuar na prevenção de transtornos psicológicos decorrentes da gestação, oferecendo auxílio emocional, instrucional e informacional. O PNP tem caráter preventivo e tem se mostrado eficaz na minimização de transtornos psicológicos comuns ao período puerperal. Além disso, pode contribuir para o estreitamento de laços parentais e para a efetividade das políticas públicas direcionadas à prevenção, promoção e humanização da saúde da mulher. O programa é aberto para novos membros, sem definição de número mínimo de participação nas sessões e com duração média de duas horas cada, usadas para discutir dúvidas, inseguranças e expectativas a partir de técnicas de dinâmica de grupo e debates. O tema de cada encontro é desenvolvido a partir das dúvidas do grupo. Dialogando com a Gestalt-terapia (GT), abordagem que considera o ser como complexo, que busca a autorregulação organísmica e parte de um olhar integrador, o qual abarca aspectos fisiológicos, psicológicos e relacionais, temos a relevância de não se dar ênfase apenas ao âmbito biológico como também aos processos emocionais, os quais também perpassam a vivência da gravidez, superando uma visão dicotômica e separatista, centrando-se em uma

indivisibilidade do ser. Desse modo, uma possível relação entre o pré-natal psicológico e a GT é a ampliação da *awareness* e a elaboração das mudanças de toda ordem que ocorrem durante a gestação, bem como a preparação para os desafios e demandas da parentalidade. Por meio da GT, os envolvidos podem aprender a lidar com as emoções que surgem durante esse processo, como ansiedade, medo, insegurança, e assim, desenvolver ajustamentos criativos possíveis, que auxiliem para enfrentar as dificuldades que surgirão com a chegada do bebê. Entende-se que o conceito de ajustamento criativo refere-se à capacidade de explorar novas possibilidades, a relação entre organismo e ambiente, com o intuito de atender às necessidades emergentes para alcançar a autorregulação. Além disso, a GT pode contribuir para a construção de uma relação saudável entre os cuidadores e o bebê, facilitando o vínculo afetivo. Portanto, é possível utilizar a abordagem gestáltica no pré-natal psicológico como uma forma de promover o autoconhecimento, a consciência e a preparação para mudanças que ocorrem no ciclo gravídico-puerperal, preparando as pessoas implicadas neste processo para os desafios e demandas da parentalidade.

Palavras-chave: Pré-Natal Psicológico; Gestalt-Terapia; Parentalidade.

OS MECANISMOS DE EVITAÇÃO DE CONTATO NO VIVIDO *BORDERLINE*

José Waldo Saraiva Neto
Estudante de Psicologia - Iniciação Científica – Apheto
Funcap (Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica
josewaldosaraiva@gmail.com

RESUMO: O transtorno de personalidade *Borderline* (TPB) ou limítrofe se caracteriza por sintomas que ficam em um estado fronteiriço entre a neurose e a psicose, tendo como principais características, do ponto de vista psiquiátrico, comportamentos agressivos, impulsivos, autodestrutivos, padrões de relacionamento instáveis e problemas de identidade (Dalgalarrondo, 2019). Stern (1938) identificou esse transtorno pela primeira vez, enfatizando as dificuldades em seu tratamento. Sendo, atualmente, ainda um grande desafio para a psicologia e psiquiatria. Este trabalho terá como objetivo discutir como a Gestalt-Terapia enxerga o funcionamento do Transtorno de Personalidade *Borderline*, à luz dos mecanismos de evitação de contato, buscando compreender como esse sujeito se relaciona com o outro de forma tão intensa. Este resumo é um recorte da pesquisa realizada pelo autor, acrescida de uma revisão narrativa de literatura sobre a temática. Desta forma, destaco os mecanismos de evitação mais frequentes nos casos publicados. Para a Gestalt-Terapia contato é fruto de uma relação de diferença do sujeito com o mundo. A psicopatologia instala-se quando esse contato não é realizado de forma funcional, ficando interrompido ou enrijecido. Portanto, entende-se que o TPB é marcado por uma interrupção do ciclo de contato e por fronteiras de contato pouco delimitadas na relação Eu-tu (Yontef, 1998). O sujeito evita o bom contato, utilizando-se de mecanismos que o impossibilita de se relacionar de outra forma, podendo gerar sofrimento. A confluência pode ser considerada o principal mecanismo de evitação no TPB (Melo Boris e Stoltenborg, 2009), esse mecanismo é entendido como uma condição de não contato, não tendo diferenciações entre o sujeito e o meio. Esse sujeito se encontra engolido pelo outro, reduzido de sua autonomia e singularidade, o que gera bases frágeis para qualquer relacionamento (Polster e Polster, 2001). Desde sua origem, o vivido *Borderline* era caracterizado por carregar uma forte necessidade de aceitação, apego e medo de abandono. Esse medo de abandono torna-se um elemento estruturante na existência dessas pessoas, já que essa experiência é potencialmente desorganizadora para sua vida. Dessa forma, confluir, entregar-se totalmente ao outro, torna-se uma opção mais aceitável a ser abandonado. Tal situação também aparece na relação terapêutica. (Melo, Boris e Stoltenborg, 2009). Acompanhada a confluência surge também outro mecanismo de evitação que busca fugir da experiência de abandono: a deflexão. Defletir é uma forma de evitar o contato direto com o outro, uma manobra para tirar o calor do contato real (Polster e Polster, 2001). Dessa forma, o sujeito foge de relações íntimas, pois torna-se vulnerável a perda, preferindo relações superficiais. Isso caracteriza a forma do vivido *Borderline* "saltar" de relação em relação, de grupo em grupo e até de terapeuta, evitando entregar-se e ter um relacionamento duradouro, já que é melhor abandonar a ser abandonado (Moreira *et al,* 2013). Nota-se uma relação muito ambígua com o outro, ao mesmo tempo que existe uma intensidade que chega a confluir, existe também uma fuga da relação. Além dos mecanismos citados, é essencial retratar sobre o comportamento automutilante, muito frequente na experiência *Borderline* (Schillings, 2017). O ato de se auto agredir de forma intencional é compreendido sobre a lente da Gestalt-Terapia como uma retroflexão, em ocorre uma cisão entre sujeito e mundo, bloqueando a relação com o outro, fazendo com que o retroflexivo aja sobre si, em uma tentativa de agir no mundo (Polster e Polster, 2001). Uma agressividade que é essencial para agir no mundo, volta para si mesmo por sentir-se impotente, gerando sofrimento. Portanto, de acordo com a revisão de literatura realizada, o material aponta para algo em comum mesmo em diversos momentos históricos: a vida relacional de pessoas com TPB são marcadas por relações intensas e difusas, por isso chamado como um transtorno

fundamental da intersubjetividade (Ossa Acharán, 2020). Dessa forma, a relação terapêutica demanda um bom manejo clínico e suporte teórico que compreenda esse vivido, servindo como local de acolhimento e cuidado.

Palavras-chave: Gestalt-Terapia; Psicopatologia; Transtorno de personalidade *Borderline*

PARA ALÉM DO QUE SE VÊ: A PERSPECTIVA GESTÁLTICA DA LUDOTERAPIA COM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Maria Lisieux Santos Rebuças
Acadêmica de Psicologia
lisieuxreboucas987@gmail.com
Centro Universitário Christus

Deyseane Maria Araujo Lima
Doutora em Psicologia
deyseanelima@yahoo.com.br
Centro Universitário Christus

RESUMO: O processo de hospitalização envolve mudanças nos aspectos rotineiros que geram estressores no desenvolvimento da criança que passa por um marcador na sua vida e separa do seu mundo vivido. Entra em cena o trabalho do gestalt-terapeuta a fim de acolher essa criança, sua demanda e escutá-la. Este estudo se justifica diante de toda minha trajetória acadêmica que envolve o interesse em aprofundar meus conhecimentos na área hospitalar e desenvolvimento infantil. Faz-se necessário pesquisas que mostram o entrelaçamento do lúdico em diferentes contextos e espaços que as crianças ocupam, no caso em específico, o hospital. Tal feito exige que os profissionais da área da saúde e a instituição estejam preparados para receber esses pacientes. Esta pesquisa teve como objetivo discutir as formas de utilização do brincar na ludoterapia como recurso facilitador no acompanhamento da criança durante a internação hospitalar a partir da perspectiva da Gestalt-Terapia Foi realizado como metodologia para a captação da pesquisa um delineamento de abordagem qualitativa com revisão narrativa, não utilizando critérios sistemáticos e deixando livre a subjetividade do autor. Foi observado a partir da análise dos artigos selecionados as seguintes categorias para aprofundamento dos resultados e discussões: 1) Concepção histórica da infância; 2) Psicologia hospitalar: o processo de hospitalização infantil; 3) A Importância do Recurso Lúdico como Instrumento Terapêutico; 4) Compreensão da Gestalt-terapia na atuação do psicólogo hospitalar à criança na internação infantil. A percepção que se tem sobre a criança envolve uma constituição histórica, que antes eram vistas como mini adultos e mais tarde na idade moderna, tomou lugar e forma como pessoa de direitos que tem voz. A fase da infância se mostra com maior vigor, e na manifestação de um adoecimento pode ter como consequência a hospitalização infantil, envolvendo uma ruptura do seu espaço habitual. No processo hospitalização, a Psicologia Hospitalar não está interessada na doença em si que o paciente traz, mas na relação que dele com o seu sintoma. No que refere a hospitalização infantil, o psicólogo pode utilizar a ludicidade como um recurso que permite compreender seus modos de ser e estar no mundo, trazendo a ludoterapia para dentro do hospital. A ludoterapia se manifesta de modo que a criança consiga ser mais criativa e construtiva, no sentido de ter uma autonomia, entender suas necessidades e se perceber, possuindo uma flexibilidade maior no mundo que a cerca, utilizando o brincar. Na compreensão sobre o brincar, a Gestalt-terapia vai em busca do entendimento de pessoa e de sua totalidade, a reconhecendo em suas partes isoladamente. Desse modo, a Gestalt-terapia envolve entender a pessoa como ser total, trazendo a presentificação, espontaneidade, processo, descrição e forma como o sujeito se coloca. Com a criança, essa mesma perspectiva é entendida como forma de conhece-la de modo singular, reconhecendo suas necessidades e que a atuação do gestalt-terapeuta consiste em dar voz para esses sentimentos utilizando meios que favoreçam a sua comunicação, se fazendo como possibilidade o uso do brincar e o manejo da interação lúdica. A atuação do gestalt-terapeuta no hospital, se relaciona no contato com a criança, trabalhando com os seus sentimentos de medo, angústias, dor, saudade, validando e reconhecendo, trazendo atividades que podem ser desde uma orientação, tanto dele como da família, sobre o espaço que

está ocupando, de comunicação com o seu estado de saúde, orientação de procedimentos tanto para a criança como para a família. Pode-se desenvolver estratégias de historinhas que entrem em contato com a imaginação, tanto de algo que ela já tem acesso, como leituras elaboradas como recurso para se trabalhar a hospitalização da criança. Além de outros recursos que favoreçam a elaboração e o contato dela como forma de se expressar e falar sobre si. Este estudo trouxe uma contribuição com relação ao entendimento do processo de hospitalização na infância e sua repercussão, trazendo reflexões acerca da atuação do gestalt-terapeuta para o atendimento integral desse sujeito, sendo facilitado com utilização da ludoterapia e o brincar. Notou-se a necessidade de estudos que aprofundem sobre a temática da infância no contexto da hospitalização no enfoque da gestalt-terapia, como, outras possibilidades de facilitação desse processo que pode ser perpassado em qualquer fase de vida do sujeito, sendo importante um aprofundamento teórico, técnico e vivencial dos profissionais da área.

Palavras-chaves: Psicologia Hospitalar; Hospitalização Infantil; Ludoterapia Gestáltica.

PROCESSOS DE TORNAR-SE MULHER: QUESTÕES FEMININAS NA PRÁTICA DA GESTALT-TERAPIA

Verônica Letícia de Souza Morais
Psicóloga
v.moraisrj@gmail.com
Faculdade Maria Thereza

Bárbara Penteado Cabral
Mestre em Psicologia
Psicóloga e Musicoterapeuta
barbara.cabral@mariathereza.com.br
Faculdade Maria Thereza

RESUMO: Este resumo foi inspirado no resultado do trabalho de conclusão do curso da graduação de psicologia da Faculdade Maria Thereza (Niteroi-RJ), que buscou analisar as questões femininas nas lentes da Gestalt-Terapia e como as mulheres estão inseridas a partir do cenário atual frente às suas relações com o mundo e como as mesmas se apresentam dentro do contexto da prática clínica gestáltica. A metodologia utilizada aconteceu a partir dos textos encontrados nos bancos de dados de pesquisas científicas, em especial, o *Pepsic,* priorizando artigos e textos acadêmicos escritos por autoras mulheres. As reflexões da pesquisa começaram da compreensão fenomenológico-existencial do conceito de gênero e problematizam o cenário contemporâneo de difusão da violência contra as mulheres como manutenção de uma hierarquia patriarcal de poder. Consideramos nos estudos de gênero a dimensão complexa de campo organismo-ambiente em suas formas políticas e culturais e que, segundo autores discutidos, seria levado para o desenvolvimento área da saúde mental de mulheres brasileiras ao considerar o controle do patriarcado como tentativas de captura de nossa experiência, que é sempre plural e intersubjetiva. Entretanto, os estudos acerca das temáticas de gêneros na Gestalt-Terapia ainda estão se iniciando, tanto aqui no Brasil quanto no cenário internacional. Partindo do contexto de uma sociedade heteronormativa, foi percebido desde como as Revoluções Industriais capturaram mulheres cis, brancas e europeias no mundo do Trabalho, até outras graves segregações e violências em dimensões de gênero e raça que essa sociedade produziu e ainda produz, como quando descrevemos as especificidades da esperiência tanto de mulheres negras quanto de mulheres trans. Outro apontamento deste trabalho foram as vivências da precursora da abordagem da Gestalt-Terapia, Laura Perls, que é aqui vista sob uma perspectiva de empoderamento dentro da questão de gênero, onde a mesma não teve o seu reconhecimento em vida, mesmo sendo uma mulher de destaque e grande entusiasta dessa abordagem, levando tempo e resistências afirmativas para que ela tivesse o seu devido reconhecimento. Como resultados obtidos, reconhecemos como a Gestalt-Terapia em sua base fenomenológico-existencial consegue acolher as questões femininas que são encontradas dentro da prática clínica, no que concerne a acolher as mulheres de forma ético-política, como empoderamento, a sua relação social-universal e suas necessidades individuais-singulares, sensíveis e estéticas. Neste estudo foi possível ainda discutir como se pode realizar atendimentos psicológicos na abordagem gestáltica, compreendendo intervenção como cuidado e acolhimento clínico que consiga perceber as questões apresentadas, no caso particular deste estudo que são as questões femininas, utilizando uma prática implicada ético-políticamente que contribua para o acolhimento das demandas que foram comunicadas, utilizando do compromisso de produzir uma prática clínica ampliada. Foi possível com esse trabalho perceber algumas nuances do cenário que estamos inseridas, uma sociedade patriarcal, machista que tem como seguimento uma sociedade baseada na heteronormatividade, fazendo ainda que os homens estejam numa situação de privilégios e ainda que mesmo em pleno século XXI ainda se mantenha a hierarquia

de poder, reverberando na sociedade e principalmente nas mulheres adoecimentos e quadros disfuncionais que, quando descritos pela perspectiva de campo gestáltico, nos deparamos de forma alarmante com violências de gêneros. A Gestalt-Terapia consegue descortinar e atender esse lugar do feminino com o diálogo e conseguindo compreender a percepção e vivência das mulheres, tentando fazer elas buscarem sua autenticidade e liberdade, onde as mesmas consigam se integrar e se colocar no mundo de forma genuína. Também pode se considerar finalmente que esse trabalho ainda não se encerra por aqui, e também pensar em como a Gestalt-Terapia possa vir a contribuir mais a fundo com a questão do estudo sobre os feminismos e como ampliar esse discurso com vistas a transformações da nossa sociedade.

Palavras-chave: Gestalt-Terapia; Gênero; Campo.

PSICOTERAPIA COM CASAIS INTER-RACIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DA GESTALT-TERAPIA

Mayana Tomaz de Sousa
Psicóloga CRP 11/16715
psi.mayana.tomaz@gmail.com

RESUMO: Este trabalho buscará discutir sobre a temática da psicoterapia com casais inter-raciais, onde partimos da articulação das discussões da Gestalt-terapia, racismo e relações inter-raciais e da experiência da autora deste trabalho no atendimento a casais inter-raciais, buscando responder a seguinte problemática: como a inter-racialidade esta imbricada nos conflitos gerados na relação e como pensar o manejo clínico a partir dessa compreensão? A Psicoterapia pode ser entendido como um espaço seguro onde o casal pode experimentar de modo criativo as possibilidades e entraves da relação, uma vez que os conflitos são inerentes as relações humanas, e assim também acontece no campo da conjugalidade por diversos motivos, que vão desde traições, ciúmes até a não aceitação das diferenças, filhos, problemas na comunicação, entre outros. Neste sentido devemos entender que nas relações de casais inter-racias o dispositivo raça se apresenta como uma questão macro social estrutural implícito na relação que de forma consciente ou não acaba se tornando objeto de conflito dentre os acima citados. Sendo desta forma, o amor, nas relações inter-raciais, uma expressão das relações de poder em que a raça se coloca como elemento organizador. Deste modo, o presente estudo tem por objetivo discutir as possibilidades de intervenção e acompanhamento de casais inter-raciais e os conflitos que derivam dessa dimensão relacional. Este estudo parte de uma revisão da literatura a partir de autores como Terezinha Silveira, Friz Perls, Paul Goodman, Ralph Hefferline, Mônica Alvim, Michele Billies e das discussões sobre Racismo e relações inter-raciais a partir de Lia Schucman, Rômulo da Mata, Tânia Muller e Lourenço Cardoso por serem referências na Gestalt-terapia e no debate do racismo e relações inter-raciais, bem como, da própria experiência da autora deste trabalho em sua prática clínica. Partindo da experiência clínica, entendemos que a forma que construímos e direcionamos nossos desejos e afetos são sustentados por um fundo de vividos dentro de um campo relacional organismo/ambiente que envolve aspectos socioculturais, políticos e sociais. Os padrões dominantes nos quais o mundo se organiza reverberam em nossas experiencias individuais e coletivas e em como damos sentido ao mundo e a nós mesmos. As relações afetivas se formam e se mantém sobre as hierarquias sociais, sobre as violências e desigualdades. Discutir sobre casais, é sobretudo discutir a forma de sociabilizar dos sujeitos. Nesse sentido é indissociável dos aspectos macro sociais como o racismo estrutural e a manutenção das hierarquias de poder que também se materializam nas dimensões micro sociais como no caso da instituição família constituídas na inter-racialidade. Deste modo, no atendimento a casais inter-raciais, é importante o entendimento de como o elemento da raça e do racismo constituem o sistema de opressão social e como seu modus operandi faz com que determinados sujeitos sofram privação ou prejuízo enquanto outros desfrutam de condições de conforto e privilégio diante dos padrões normativos. Nesse contexto, a terapia pode possibilitar um espaço de troca, cuidado e ampliação da consciência e contato, não confluindo com o sistema de opressão, atitude importante de ser exercida, em especial no papel de terapeuta na não autorização das violências e pensando o sentido ético da intervenção. Por fim, quando tomamos a inter-racialidade como elemento norteador do processo é possível estabelecer, a partir da escuta clínica os limites éticos na construção de outras formas de ser casal não reproduzindo os estereótipos e violências nas relações. Ser terapeuta, acompanhar casais e famílias, exige identificar as violências estruturais que transcendem as paredes dos consultórios, mas também se repetem nelas diante da escuta alienada. Nesse sentido, o processo de psicoterapia também se torna um espaço de

entendimento dos processos políticos de constituição dos sujeitos de corresponsabilização e implicação ética no processo de letramento racial do casal e da terapeuta. Tais elementos são fundamentais para o entendimento do modo de se relacionar do casal identificando as interrupções e as formas de opressão inscritas no campo e na relação, bem como as formas saudáveis potencializando a relação, e a construção de outros modos de ser casal com dinâmicas e espaços seguros para ampliação da relação, de ser e viver.

Palavras-chave: Gestal-terapia; Casais; Raça

RELAÇÃO ENTRE FUNÇÕES DE CONTATO E SUPORTE SEGUNDO LAURA PERLS: UM ESTUDO DE CASO

Gabriela Gibson Cunha
Mestre em Psicologia – UFRN
gabrielagibson@outlook.com

Tássia Lobato Pinheiro
Mestre em Ensino em Saúde – UNILEÃO
tassia.pinheiro@gmail.com

RESUMO: Entre os principais fundadores da Gestalt-terapia, escolhemos destacar o trabalho de Laura Perls, em especial os textos reunidos no livro Living at the Boundary. Neste material, Laura discute sobre como a relação entre as funções de contato e suporte pode ser compreendida numa dinâmica de diferenciação, como no princípio figura-fundo, e isso implica numa proposta de trabalhar na superfície do que se apresenta no campo durante o atendimento clínico. A autora descreve o contato como reconhecimento da "alteridade", como awareness da diferença. Quando a experiência de contato é completamente assimilada e integrada, torna-se suporte para novas experiências. O contato aparece contra um fundo de funções organísmicas, que fornecem suporte para a função de contato. Logo, se não há suporte, a experiência de contato torna-se interrompida. Outra implicação desta compreensão é que contato e suporte não funcionam como na dinâmica de consciente e inconsciente, pois o inconsciente reprimido não pode ser suporte, pois representa a falta dele. Fundamentando-se nesta compreensão, Laura propõe que o trabalho em psicoterapia seja na superfície, com o que está disponível na situação atual. Inclusive, ainda acrescenta o risco de se escavar a biografia do consulente ou perseguir algum "material profundo" precocemente. Segundo ela, é necessário reconhecer que o que foi reprimido ocorreu por ter sido em algum momento insuportável. Então, trazê-lo à tona prematuramente, tornando-o disponível por meio de simbolismos por exemplo, não significa que o reprimido se tornará mais "utilizável" na psicoterapia. Na verdade, pode estimular e reforçar defesas e gerar uma "reação terapêutica negativa", que seria o resultado de um contato sem suporte. Em resposta a isso, ela aponta que ampliar e fortalecer as funções de suporte incitam e mobilizam conteúdos reprimidos de forma a se tornarem acessíveis e disponíveis para o trabalho, pois a pessoa pode então criar a partir do que pôde contatar. Nosso objetivo é discutir estas ideias de Laura apresentando um estudo de caso. Consideramos que exemplificar um manejo clínico e suas intervenções utilizando a própria experiência de atendimento é uma forma privilegiada de discutir a atuação do Gestalt-terapeuta. O caso apresentado será um recorte de um processo psicoterápico conduzido por uma das autoras. Trata-se do acompanhamento de uma jovem adulta que chega em terapia com importante sofrimento, também bastante apática e pouca comunicativa. O trabalho terapêutico desenvolvido aconteceu justamente na superfície, com o que estava imediatamente disponível na experiência, buscando possibilitar novas experimentações no campo junto com a consulente e considerando também as funções de suporte. Trabalhar dessa forma é sempre experimental, o questionamento para o terapeuta deve ser: como convocar para a novidade sem ignorar que as resistências e repetições são o caminho? Tal questão é fundamental uma vez que o experimental envolve sustentar a tensão para a novidade. Um caminho possível é utilizar o que está disponível para o terapeuta durante a sessão: seu corpo. Neste caso, a experimentação possível era a própria descrição do efeito da consulente na terapeuta, que a convocava para uma implicação sobre as ocorrências no campo ali descritas. Os resultados observados são reconhecidos por meio das transformações na própria experiência de campo, possibilitando o surgimento de novas figuras. Isso se revela quando observamos o fortalecimento do suporte favorecendo novas configurações de campo, onde a consulente outrora apática, de corpo rígido e ao mesmo tempo trêmulo, consegue estar

mais confortável em sua própria pele. Por fim, observamos como a perspectiva de trabalhar na superfície reforça o compromisso da Gestalt-terapia em dar ênfase à experiência, utilizando uma linguagem descritiva e presença com entrega ao encontro. Assim, o Gestalt-terapeuta atua com a descrição ao invés de interpretações, elaborando questionamentos sobre o "como" e "o que", não se ocupando de "por quês", pois aquilo que está disponível na experiência diz sobre o suporte disponível para o contato e a expansão dessas funções possibilitam novos contatos. Uma vez que não trabalhamos numa clínica normativa, que direciona o trabalho para um fim específico, a abertura para novos contatos é o caminho que buscamos, pois é aqui que a pessoa pode criar para si a novidade que deseja. Ademais, há a intenção de promover um trabalho voltado para o experimental, para a possibilidade de novidades, e não tecendo explicações, que visam amortecer a angústia na ilusão de assim eliminá-la.

Palavras-chave: Laura Perls; Contato; Suporte.

UMA CLÍNICA DE CORPOS NO CAMPO:A GESTALT-TERAPIA COMO UMA ABORDAGEM DO SENTIR

Sofia Silva Junqueira
Bacharela em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2020)
junqueirasofia@id.uff.br

RESUMO: O presente trabalho refere-se a uma pesquisa teórica, em forma de Monografia, a ser apresentada na conclusão do curso de "Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial" ministrado pela Universidade Federal de Minas Gerais. O estudo, a partir de uma revisão sistemática da literatura gestáltica, busca retomar a discussão acerca da implicação do corpo do terapêuta no trabalho clínico em Gestalt-terapia, uma vez que, embasado na perspectiva de campo de Kurt Lewin e na fenomenologia de Merleau-Ponty, compreende o corpo como matriz da experiência (ALVIM, et al, 2012), constituindo assim, uma dimensão de consciência pré intelectiva. A Teoria de Campo, em harmonia, teoriza uma superação da divisão organismo-ambiente ou organismo-organismo, propondo um olhar totalizante e subjetivo para a noção de campo, indo além das ideias de um campo geográfico e de separação entre ser e ambiente (YONTEF, 1998). Para ambos os teóricos, Lewin e Ponty, a sedimentação das totalidades experienciais em partes (organismo-meio; mente-corpo) somente são possíveis a partir de abstrações. Neste sentido, torna-se mister uma reflexão acerca da corporeidade vivida não somente no consulente, dentro do espaço-tempo do encontro terapêutico, mas também da experiência sensível e afetiva do sujeito que ocupa o papel de terapeuta. Polster e Polster (2001) ressaltam a implicação do terapêuta no encontro terapêutico quando o colocam enquanto próprio instrumento para a psicoterapia, este indiferenciável de seus próprios sentimentos, sentidos e corpo, no dado momento se coloca como uma "câmara de ressonância" (POLSTER; POLSTER, 2001, p. 36) para receber e reverberar o que acontece no campo da terapia. É nesta mesma direção que Yontef (1998) propõe que todo Gestalt-terapeuta se aprofunde na Teoria de Campo. Para o autor a dimensão de campo estruturada pela teoria em questão é o fundo que dá sustento para todo o desenvolvimento da Gestalt-terapia enquanto fenomenológica e existencial dialógica (YONTEF, 1998). Para o autor, "o campo é uma fatalidade unitária: tudo no campo afeta todo o resto" (YONTEF, 1998, p.184), e todo o resto se afeta enquanto constituiu o campo, em um movimento de cocriação constante. A partir desta premissa, o presente trabalho busca levantar questionamentos acerca da relação do terapeuta para com ele mesmo enquanto se relaciona também com o consulente. Assim como compreende que o terapeuta é órgão vital do campo que ali se estabelece. No sentido de refletir formas de ser e perceber no tempo-espaço do encontro, busca-se correlacionar as ideias de campo e corpo, presença, epoché e relação dialógica com a finalidade de ressaltar a importância de uma verdadeira implicação do sujeito terapeuta e conceber questões éticas e de responsabilidade que permeiam a dimensão de uma presença autêntica dentro da clínica em Gestalt-terapia.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, Corpo, Teoria de Campo

VERSANDO SENTIDO NOS ENCONTROS: ESTÁGIO E SUPERVISÃO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO ACADEMICA EM PSICOLOGIA

Filipe da Silva
Mestrando de Psicologia
filipesilva18@hotmail.com
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Edneusa Lima Silva
Mestra em psicologia
evajom@gmil.com
Faculdade Sul Fluminense/FaSF

RESUMO: O ingresso no curso de bacharel em psicologia recepciona nos discursos dos ingressantes a informação de que a opção pela formação se baseia no desejo de ajudar pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade, violência, sofrimento psíquico e abandono emocional. Quando se considera esses dados, infere-se que os acadêmicos iniciantes possuem uma representação equivocada da práxis em psicologia e com o passar dos períodos, as expectativas quanto ao primeiro atendimento na modalidade clínica e/ou social, que ocorrerá com a chegada no sétimo período, aumentam, assim como a ansiedade. Todo evento experienciado pelo humano está atravessado por expectativas pessoais e do coletivo, por isso quando o momento de realizar o primeiro atendimento no serviço de psicologia aplicada (SPA) ocorre, remete ao rito simbólico de passagem, do campo teórico para o ensaio da prática profissional. Portanto, o presente trabalho tem por objetivo problematizar o estágio e a supervisão no processo de formação acadêmica dos alunos de psicologia, inserindo na discussão a proposta de versar sentido sobre os conteúdos que emergem como figura no contato entre estagiário/estagiário, estagiário/consulente e estagiário/supervisor de estágio. Para alcançar o objetivo proposto elegeu-se a pesquisa bibliográfica com revisão da literatura que aborda a temática em debate. A análise da literatura selecionada, permite expor que o estágio, caracteriza-se como ponto de partida para os encontros plenos e de qualidade entre o acadêmico, consulente e supervisor de estágio em um movimento dialético entre figura-fundo inerente ao processo. Essa etapa visa a articulação entre teoria e prática no processo de formação do estágio, apresentando-se como justificativa para a atuação do docente supervisor como orientador dessa fase, entretanto, não é assim concebido pelo acadêmico que presentifica e atualiza a razão pela qual elegeu a psicologia como profissão, qual seja, a de ajudar pessoas em detrimento do que é apresentado durante toda a formação. Optam por uma abordagem teórica e mantém a escassez de leitura e a superficialidade no manejo das técnicas. Acrescenta-se a esses dados, o fato que a maioria dos acadêmicos chegam ao final do curso sem conhecimentos básicos ou experiência mínima quanto ao universo clínico, muitas vezes nem mesmo tendo se submetido a seu próprio processo psicoterápico, como se o estágio fosse apenas mais uma disciplina, que, cumprida, lhes proporcionará o suficiente para se tornarem psicoterapeutas, além disso, possuem pouca compreensão dos conceitos, temas e dos aportes teóricos que adotam. Após os atendimentos não resgatam os conteúdos selecionados durante o atendimento nem elaboram hipóteses sobre o que foi dito, logo a articulação teórico/prática fica empobrecida e as afetações, bloqueios de contato, ansiedade desadaptativa e frustações aparecem ao longo da jornada, pois esperam que na supervisão o professor lhes diga o que devem fazer na próxima sessão. A versão de sentido proporciona ao acadêmico estagiário, a tomada de consciência sobre em que lugar está e ocupa no processo do outro, sendo cada encontro único, experiência significativa na formação acadêmica e viabiliza o

desenvolvimento pessoal e profissional quando os mesmos reconhecem a importância da supervisão e o processo psicoterápico do estagiário em formação. Versar sentido implica em estabelecer as bases do encontro EU-TU ao invés do EU-ISSO, tanto no atendimento quanto na supervisão, pois corrobora com a facilitação e o suporte do professor supervisor.

Palavras-chave: estágio supervisionado; formação acadêmica; versão de sentido.

Eixo 3 – Contato – o compromisso ético-político na formação em Gestalt-terapia

(DES)CONSTRUÇÃO DO AMOR NAS RELAÇÕES FAMILIARES E A ÉTICA DA GESTALT-TERAPIA

Paula Marília Nascimento Moura
Graduanda em Psicologia na UFPA
p.mariliamoura@gmail.com
Universidade Federal do Pará

RESUMO: Este trabalho surge com o interesse de ampliar e se aprofundar acerca de estudos sobre amor, relações familiares e estilos parentais, com crianças LGBTQIAPN+, embasando-se na abordagem gestáltica. Assim, reconhecendo que questões de amor e família são indissociáveis dos sujeitos que encontramos, reflito como nos implicamos como terapeutas quando essas demandas chegam até nós, especialmente quando trazidas por esse público. Como objetivo, intento contribuir com novas perspectivas à prática terapêutica e novas reflexões acerca do amor nas relações familiares. Considerando isso, o percurso deste trabalho partiu de uma leitura das obras "The Art of Loving", de Erich Fromm, "A história da criança e da família", de Philippe Ariés, "Tudo sobre o amor", de Bell Hooks e a obra "Living at the Boundary", de Laura Perls. Além disso, realizou-se uma revisão bibliográfica nas bases Scielo, Pubmed e BVS acerca de trabalhos sobre relações familiares. As pesquisas filtradas revelaram que estilos parentais controladores e repressores são grandes estressores e causadores de baixa autoestima, frustração e desamparo. Com base nessas leituras, problematizou-se a ideia do amor como sentimento incondicional nas relações familiares e o impacto disso na população LGBTQIAPN+. Sob a perspectiva da Gestalt-Terapia, essa população, que vivencia o sofrimento ético-político-antropológico, pode experienciar uma falta de referências e imagens sociais, desamparo e exclusão. Assim, se as construções sócio-históricas do sistema familiar nem sempre foram baseadas na ideia do amor como um elo que une esses indivíduos, mas principalmente por questões econômicas, o amor também pode ser construído sem a ideia de merecimento e satisfação dos desejos do outro. Afinal, a justificativa do amor incondicional parental parece paradoxal quando não dá abertura e espaço para o reconhecimento do outro. Desse modo, quando tornamos figura as violências que a hierarquia cristalizada das relações familiares pode gerar, podemos compreender como ideias de dominância, moralidade e controle, são introjetadas sem assimilação. As demandas, exigências e expectativas estão diretamente atreladas às relações de poder nesse sistema que toma os sujeitos como posse e extensão de si. Consequentemente, deparamo-nos com a falta de criação de um estilo único em cada sistema relacional - apenas com repetição de introjetos que não fazem sentido de maneira generalizada. Muitas vezes, ações violentas podem ser disfarçadas em declarações de atos por amor e o processo de contato pode ser bloqueado pelo impedimento que a culpa gera ao se aproximar das reflexões do que ocorre nesse meio. Logo, para pessoas dissidentes da hetero-cis normatividade as minúcias dessas relações parecem produzir ainda mais vulnerabilidade. Sobre isso, Laura Perls discorre sobre contato e suporte – diferenciações de figura e fundo de um processo – sendo suporte tudo o que é assimilado e integrado para o organismo e o que possibilita o contato com o meio. Nesse sentido, o contato pode se tornar automático e tornar as funções de suporte cristalizadas – o que pode tanto facilitar o contato como gerar resistência. A autora, ainda, traz a perspectiva de que toda falta é também uma necessidade de algo. Dessa forma, penso ser necessário estar atento ao campo relacional dos consulentes, desde o acolhimento às nossas intervenções: como o sistema familiar impacta no processo de contato e suporte, como os clientes vivenciam essas relações, quais perspectivas de amor podemos trabalhar e quais as possibilidades de rede de apoio desse sujeito. Por fim, compreende-se que é um compromisso ético do gestalt-terapeuta que sua prática se paute na facilitação do processo de conscientização do que existe na fala de quem busca por esse apoio, quando sua queixa

envolve a família; e que contribua com a integração que permite à pessoa entrar no seu caminho de desenvolvimento, como postulado por Laura Perls.

Palavras-chave: Relações Familiares, Amor, Gestalt-Terapia.

"O BEIJO E O PUM": AMPLIANDO FRONTEIRAS DE CONTATO EM GESTALT-TERAPIA

Anna Paula Gomes da Silva[20]
Psicóloga, formação em Gestalt-terapia
annapgsilva@gmail.com
Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora

Rossana Zampa Varandas[21]
Psicóloga, Gestalt-terapeuta
gestaltjf@gmail.com
Gestalt-terapia de Juiz de Fora

RESUMO: O presente trabalho refere-se a um relato de experiência vivenciados em um dos módulos da formação em Gestalt-terapia. O texto tem como objetivo promover a formação para a prática clínica alicerçada nos fundamentos gestálticos. O relato de experiência permite a aproximação dos conceitos a partir da prática. A Gestalt-terapia é uma terapia de contato. Ginger e Ginger (1995) ressaltam que é tanto uma arte quanto uma ciência. Assim, o percurso formativo, salientado pelos autores, exige uma atitude onde é preciso destruir para digerir, morder, rasgar, mastigar e remastigar pacientemente, e não "introjetar" uma alimentação constituída de pratos cozidos e já prontos, raramente adaptados ao estômago e ao gosto individual. Bello (2019) salienta que cada um de nós, cada eu, vive uma série de vivências sempre mutáveis e contínuas das quais se tem uma imediata consciência. A consciência não é uma caixa que contém o fluxo da memória, mas é a modalidade que caracteriza a superfície sobre a qual se registram as essências puras que se referem aos atos humanos concretos. A fenomenologia, uma das bases filosóficas da Gestalt-terapia se propõe a ampliar a percepção consciente a fim de favorecer ajustamentos criativos em pessoas e em grupos. No decorrer da formação em Gestalt-terapia, muitos experimentos significativos foram possibilitando a emergência e fechamento de gestaltens. Barreto (2019) ressalta que a vivência artística é cocriadora de ajustamentos criativos, possibilitando novas percepções em psicoterapia. Assim, reviver no presente a cena de uma situação passada, a partir de um experimento, pode contribuir para a *awareness* do cliente. Metodologicamente, o teatro espontâneo foi utilizado como instrumento para o processo da vivencia da cena. Em um primeiro momento, faz-se a descrição da situação – a cena do beijo e do pum, com suas nuances e protagonistas. Os personagens foram escolhidos e a cena montada. Os sentimentos ganharam voz, tom e cor. A situação e o tempo foram sensivelmente desenhados no desenrolar do teatro espontâneo e na condução artesanal do coordenador do módulo. A composição da cena contou com os personagens: a madrinha, as afilhadas gêmeas; os sentimentos – o amor, a raiva, o desprezo; a situação contextual - do beijo e do pum. Após a encenação, houve também o experimento da cadeira vazia, possibilitando um diálogo profundo entre a "afilhada" e a "madrinha". A cena vivenciada permitiu muitos aprendizados. Dentre eles, mudanças de postura pessoal e profissional, uma compreensão do fazer clínico na modalidade da Gestalt-terapia, a troca de experiências no grupo formativo, a apreensão de conceitos como "introjeção, fronteira de contato, *awareness"*. Todo o percurso formativo e principalmente a vivencia relatada, permite concluir que o dar-se conta, em Gestalt-terapia, é um processo no qual o como precede ao porquê. A ampliação da percepção de si, a partir da consciência do aqui agora alicerçam o fazer nessa abordagem de modo crítico e ao mesmo tempo artesanal, espontâneo e criativo. Espera-se, com o esse relato

[20] Anna Paula Gomes da Silva, docente do curso de Psicologia, do Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora.

[21] Rossana Zampa Varandas, coordenadora da formação em Gestalt-terapia e do Gestalt-terapia de Juiz de Juiz de Fora.

de experiência, ampliar-se o aprofundamento e o estudo das condições que favorecem a formação, a compreensão dos conceitos básicos nessa abordagem e a ampliação do fazer clínico gestáltico. Uma questão ainda permanece exigindo novos estudos: como, gestalt-terapeuta, oferecer aos clientes um contato mais expressivo com a história de vida deles, promovendo uma relação terapêutica pautada na confiança, na liberdade e na responsabilidade? Continuo o percurso, mais integrada e sabendo escolher melhor entre "**puns" e beijos**.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Fenomenologia; Fronteiras de contato.

A INTROJEÇÃO EM EXISTÊNCIAS LGBT ENLUTADAS: O LUTO LGBT A PARTIR DA PERDA DA CIS/HETEROSSEXUALIDADE

Vivian Machado
Mestranda em Saúde Coletiva pela FIOCRUZ
Gestalt-terapeuta em formação pelo CgT Sandra Salomão
vivs.corr@gmail.com
FIOCRUZ

RESUMO: As reflexões deste texto são reverberações advindas da minha experiência no trabalho com pessoas LGBT em vivência de luto, o qual consiste em um grupo de apoio criado com a finalidade de ser espaço para acolher dores oriundas de perdas. A proposta é trazer um entendimento - e também uma provocação à reflexão - sobre aquilo que, a partir de minha experiência no campo, compreendo como a primeira vivência de luto de pessoas LGBT - também referidas aqui como existências LGBT -, a qual se dá a partir da perda da cis/heterossexualidade, isto é, toda e qualquer existência LGBT, a partir da apropriação autêntica de seu modo de estar-no-mundo, rompe com a ideia de uma existência presumidamente cis/heterossexual ante uma sociedade cis/heterocentrada e enraizada em uma estrutura cis/heteronormativista com normas previamente designadas sobre orientação sexual e identidade de gênero. A contribuição deste texto está na compreensão do que entendo por luto de cis/heteronormatividade, a fim de ampliar a *awareness* a respeito do pensar e do fazer gestáltico na clínica com lutos - que nomeio como - invisibilizados. A hegemonia cis/heterocentrada operante em nossa sociedade empurra o ser-aí-LGBT para um sentido de não existência e de incompreensão, podendo revelar a si próprio certa repulsa por ousar desafiar tal hegemonia, gerando, assim, uma internalização da homofobia, ou ainda, da trans/homofobia. "Essa internalização é um processo por meio do qual um indivíduo incorpora a seu pensamento valores e crenças de outros indivíduos ou grupos, deixando-se influenciar por eles" (Antunes, 2016). Segundo Perls (2002, apud ANTUNES, 2016), "a introjeção é o mecanismo pelo qual indivíduos incorporam padrões, hábitos, costumes, valores, regras, atitudes, modos de agir e de pensar que não são deles próprios". Desse modo, é possível constatar que a cis/heterossexualidade e a trans/homofobia também são introjetadas por existências LGBT, que incorporam condutas majoritárias oriundas de uma cis/heteronormatividade operante. Independentemente de sua autoaceitação, é possível considerar que toda e qualquer existência LGBT introjeta a trans/homofobia em algum nível, uma vez que há um longo e dominante processo histórico de construção da trans/homofobia a partir da cis/heterossexualidade compulsória - termo cunhado por Adrienne Rich na década de oitenta e atualizado neste resumo contemplando identidade de gênero - como forma de sustentar e organizar as estruturas de poder e funcionamento da sociedade. Na vivência de luto de existências LGBT faz-se fundamental compreender a influência de estressores minoritários, como cis/heterossexismo, preconceito e estigma sexual (McNutt e O. Yakushko, 2013). Trata-se de questões sensíveis que permeiam a apropriação de uma nova identidade. Aceitar a si mesmo é perder um eu idealizado pelos outros e isso pode ser um processo bastante doloroso, em especial ao considerar a perda de vínculos significativos a partir do rompimento com o padrão cis/heteronormativo. É importante realçar as dinâmicas de (in)visibilidade, assim como deve-se questionar se há uma ausência normalizada de luto de cis/heteronormatividade nos consultórios. É possível conceber que esse luto configura o campo existencial de pessoas LGBT. Isso não significa dizer que esse luto será figural na clínica, mas considero a ideia de que o fundo de existências LGBT é composto por uma vivência de luto pela perda da cis/heterossexualidade em uma sociedade que opera a partir da cis/heterossexualidade compulsória. O ato de assumir-se um ser-aí-LGBT na relação terapêutica pode ser um lugar de autoafirmação e validação, mas também pode ser um novo lugar de perda do self cis/heteroidealizado. Sob esse prisma, penso que um significativo papel

do(a) Gestalt-terapeuta é oferecer espaço para o cliente experimentar a si mesmo em um ambiente suficientemente protegido, onde a terapia se distancia da ideia de confessionário, apresentando-se como um espaço de abertura ao novo, onde o ser-aí-LGBT pode exaltar a possibilidade de ser quem se é.

Palavras-chave: Luto; Cisheteronormatividade; Gestalt-terapia.

CONSTRU(INDO) UMA CAMINHADA COLETIVA: A INTERVISÃO COMO PERCURSO FORMATIVO EM GESTALT-TERAPIA

Lethicia Marques dos Santos Martins[22]
Graduada em psicologia
lethiciamsm@gmail.com
Centro Universitário Uniamérica

Leonardo Celoto de Assis[23]
Graduado em psicologia
leonardo.celoto@gmail.com
Centro Universitário Uniamérica

RESUMO: Introdução: a formação do gestalt-terapeuta é permeada por uma série de desafios quando fiel ao seu fundo ético-político. Levando em consideração a realidade social brasileira, esses obstáculos se tornam ainda maiores se pensarmos em existências invisibilizadas pelos sistemas de opressão estruturais e estruturantes que determinam quem terá acesso a oportunidades de aprendizado. Assim como em outras esferas da vida, a busca pelo conhecimento também é entrelaçada pela lógica capitalista, onde o saber é colocado como um produto a serviço da lucratividade. Nesse sentido, o percurso acadêmico deixa lacunas na formação do psicólogo quando, muitas vezes, não o prepara para a realidade que encontrará. A diversidade de consulentes associada à solidão do psicólogo na clínica podem levar a dúvidas na atuação. Uma prática socialmente comprometida é um dever de todos e pode ser facilitada por espaços que incentivem a coletividade e um olhar crítico da realidade em situação. Por conseguinte, a intervisão surge como uma proposta de trabalho em grupo na qual um conjunto de psicólogos com atuação clínica apresentam casos e discutem entre si, gerando um intercâmbio de conhecimentos e práticas psicológicas que visam o melhor direcionamento do trabalho realizado. Nesta modalidade não há um supervisor responsável, apenas um mediador que conduz o processo grupal de forma mais fluída e organizada, sem uma estrutura hierárquica, para que todos tenham a oportunidade de contribuir. Objetivo: acolher a insegurança e gerar um espaço de confiança para trocas técnicas e afetivas; ampliar a awareness em relação à situação existencial do consulente; aumentar a rede de apoio entre psicólogos, gestalt-terapeutas e estudantes de psicologia; expandir e difundir os conhecimentos sobre a abordagem gestáltica; oferecer uma alternativa acessível e gratuita de busca pelo conhecimento; auxiliar os psicólogos a desenvolverem uma atuação ética; reunir pessoas de diferentes lugares e culturas do Brasil para explorar perspectivas heterogêneas e socialmente implicadas. Metodologia: consiste em um projeto de extensão universitária em sua segunda edição, que possui duração semestral e um cronograma pré-determinado que permite a apresentação de 12 casos. Ao todo são realizados seis encontros, sendo dois introdutórios e quatro para discussão de casos. Acontecem quinzenalmente por duas horas para que possa contemplar a apresentação de três participantes por encontro. A cada semestre são abertas inscrições para que novos psicólogos e/ou estudantes interessados possam integrar o grupo. O primeiro encontro é dedicado à apresentação da proposta e dos participantes e o segundo à uma discussão teórica sobre as filosofias de base, a noção de campo e a teoria do self que constituem o solo firme do qual desdobram-se as posteriores discussões. Após cada psicólogo apresentar as informações do caso e as dúvidas presentes, são realizadas trocas entre o grupo perpassando por temáticas como, compreensão diagnóstica, atravessamentos sócio-político-econômicos, técnicas e experimentos e epistemologia gestáltica. Resultados: a partir dos dados qualitativos obtidos por meio de relatos

[22] Psicóloga e Gestalt-terapeuta egressa do Centro Universitário Uniamérica, Foz do Iguaçu, Paraná.

[23] Psicólogo e Gestalt-terapeuta egresso do Centro Universitário Uniamérica, Foz do Iguaçu, Paraná.

dos participantes, observa-se que através da intervisão, não apenas o psicólogo é contemplado, como também seu consulente uma vez que obtém uma intervenção mais aprimorada. Além disso, percebe-se que tanto ouvintes quanto psicólogos mais experientes se beneficiam das trocas promovidas visto a densidade das reflexões realizadas. No âmbito individual, as impressões se concentram primordialmente no aumento da autoconfiança, reconhecimento e aceitação das vulnerabilidades e refinamento do olhar que vai da compreensão ao manejo clínico. Na esfera coletiva, constata-se o fortalecimento do senso de pertencimento, a solidificação do comprometimento ético-político e a democratização do conhecimento. Conclusão: com esta prática, ampliamos cada vez mais os espaços de fala e escuta entre a comunidade gestáltica, horizontalizando as relações entre colegas, gerando confiança para que dúvidas possam emergir e serem acolhidas. Por fim, sabendo da possibilidade de criar um espaço para debruçar as inseguranças e pensar uma clínica contranormativa, se faz importante considerar a expansão dessa prática como percurso formativo em gestalt-terapia.

Palavras-chave: Intervisão; Formação; Gestalt-terapia.

DIÁLOGOS ENTRE A ABORDAGEM GESTÁLTICA E A CLÍNICA AMPLIADA NO HOSPITAL PÚBLICO

Anna Beatriz Silva Castro
Graduanda em Psicologia
castro.annab@gmail.com
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: Introdução – A clínica ampliada é um conceito que surge a partir da iminência de um cuidado em saúde, que demanda uma atitude não restrita às competências e tarefas técnicas, mas que é atravessada pelo acolhimento enquanto escuta do sujeito, construção de vínculos de intersubjetividade e respeito pelo seu sofrimento; e marca a entrada do novo modelo de atenção em saúde, pautado na Saúde Coletiva. Entretanto, sua consolidação se dá, historicamente, de maneira lenta, sobretudo no ambiente hospitalar, que carrega em suas raízes uma lógica biomédica e tecnicista. Nesse interim, este trabalho não se sustenta apenas na observação sobre as possibilidades de intervenções a serem realizadas pelo psicólogo no ambiente hospitalar mediante o diálogo entre a abordagem gestáltica e a clínica ampliada, mas também na luta para a superação do modelo de atenção médico hegemônico e sanitarista, para uma atuação pautada no contato como possibilidade de cuidado, conforme esta tem se mostrado como caminho para impulsionar o enfrentamento da fragmentação do conhecimento e das ações de saúde. **Objetivo –** Analisar os possíveis diálogos entre a abordagem gestáltica e a clínica ampliada no cenário do hospital público brasileiro atual. Para tanto, faz-se necessário, como objetivos específicos, compreender a aplicação da clínica ampliada no sistema de saúde, relacionar os conceitos da abordagem gestáltica e da clínica ampliada no ambiente hospitalar, assim como elucidar contribuições e desafios para ampliação da clínica no hospital público. **Metodologia –** Foi realizada uma revisão integrativa de literatura, enquanto método que possibilitou desenvolver, concomitantemente, elaborações teóricas e observações práticas seguindo duas etapas, correlacionando, primeiramente, as ações de clínica ampliada pautadas na abordagem gestáltica presentes no sistema de saúde brasileiro; e, posteriormente, as ações de clínica ampliada executadas no ambiente hospitalar, enquanto contexto no qual essa discussão foi desenvolvida, de forma mais específica. **Resultados –** Após o levantamento de dados, foram selecionadas 8 publicações na primeira etapa e, separadamente, na segunda etapa, foram selecionados 10 artigos. Em todo o processo, apenas uma publicação coincidiu dentro dos critérios de inclusão de ambas as pesquisas. Por conseguinte, os resultados obtidos foram divididos em subcategorias temáticas, conforme a análise de discurso de Bardin, sendo elas: ações de clínica ampliada; intervenções do Gestalt-terapeuta; contribuições para ampliação da clínica; e desafios na implantação das ações. Assim sendo, este trabalho se propôs a explorar as intervenções utilizadas em todos os dispositivos do sistema de saúde, caracterizadas como clínica ampliada. Em paralelo, enfatiza-se a atuação do psicólogo embasado na abordagem gestáltica referente aos suportes teóricos utilizados no cotidiano e/ou às consequentes colaborações para o planejamento e implantação de intervenções no ambiente hospitalar. Além disso, destacaram-se as repercussões trazidas por essas ações para o ambiente hospitalar: por um lado, as contribuições encontradas nas instituições estudadas, assim como, possíveis intervenções utilizadas na atenção básica que podem ser trazidas para o hospital; em outra perspectiva, por fim, foram analisados os desafios encontrados ou previstos durante os processos de desenvolvimento das ações e, também, suas formas de enfrentamento. **Conclusão –** Nesse processo, foi possível observar as imbricações teórico-práticas entre a abordagem gestáltica e os dispositivos de clínica ampliada, de modo que as ações mostraram resultados, em maior grau, satisfatórios, na direção de ajustamentos criativos funcionais para cada situação-problema em que o paciente não consegue vislumbrá-los sozinho. Enfatiza-se, então, que o

cuidado se apresentou, em várias perspectivas, como símbolo deste diálogo: partindo da equipe, com a qual poderia encontrar acolhimento, suporte e conhecimento; dos familiares, cuja influência e apoio contribuem para amenizar o sofrimento da hospitalização; e do próprio paciente, enquanto ser ativo em sua experiência de adoecimento e possibilidades de tratamento. Por outro lado, apesar da maioria das considerações estarem voltadas para o âmbito hospitalar, todo o sistema de saúde ainda enfrenta desafios burocráticos, teóricos, metodológicos e organizacionais, que, comumente, ultrapassam a atuação do psicólogo e dificultam a efetivação de dispositivos que poderiam ser essenciais para as mudanças desejáveis ou, quando executadas, são vistas como exceção. Entretanto, a atual pesquisa destacou que a luta para a superação do modelo hegemônico e sanitarista de atenção em saúde, pautada no contato como possibilidade de cuidado, tem se mostrado como caminho para enfrentar alguns desses desafios, por meio da valorização de tecnologias leves em saúde, como atenção integral, trabalho interdisciplinar e articulação em rede de assistência.

Palavras-chave: Clínica Ampliada; Psicologia Hospitalar; Hospital público

Eixo 4 – Fronteira – Gestalt-terapia, sociedade e subjetividades de resistência

"DESCANSA MILITANTE?": REFLEXÕES SOBRE ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO A LIDERANÇAS NA AMAZÔNIA

Eloísa Amorim de Barros
Psicóloga
Gestalt-Terapeuta
Especialista em Saúde (CFP)
Mestre em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida (UFOPA)
eamorimdebarros@gmail.com
Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES)

RESUMO: Escrever sobre a clínica psicológica nas Amazônias é adentrar em um campo composto por muitas facetas, e se faz necessário respeito e cuidado, refletindo se a clínica feita nesse território tem considerado, de fato, as perspectivas amazônicas, entendendo se há a consideração do entrelaçamento de saberes e vivências dessa região em nossa escuta psicológica, também me percebendo como um ser vivente nesses rios que são ruas. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo apresentar a clínica gestáltica em campos amazônicos a partir da experiência de atendimento a mulheres lideranças e militantes de movimentos identitários. Portanto, se propõe a reflexão sobre quais corpos habitam esse território, como existem no mundo e quais questões podemos considerar ao pensarmos a Gestalt-Terapia dialogando com nossas existências e com nossas formas de conceber o nosso campo, as nossas relações, os nossos rios e os nossos territórios. Fala-se de campo, entendido como esse lugar de experiência, onde se dá a construção da subjetividade e, organismo, compreendido, segundo Belmino (2020), como detentor de habilidade de ação e de resposta ao mundo de maneira criativa e adaptativa. Assim, apresenta-se aqui o sofrimento decorrente de problemáticas amazônicas, entendidas neste relato a partir da luta por demarcação de terras e ameaças a lideranças e defensores de direitos humanos, algo que não é novidade nessa região, principalmente quando se fala do território Paraense, que sofre com um histórico de extermínio de defensores da terra e de pessoas. Durante os atendimentos, duas palavras aparecem com bastante frequência no processo psicoterapêutico: "cansaço" e "sofrimento". Ambos decorrem do cotidiano de luta, movimentação popular e, da função de liderança. Gestalticamente, entende-se o acompanhamento psicológico a essas pessoas alinhado a teoria de Muller-Granzotto e Muller-Granzotto (2012) quando apresentam que o trabalho clínico com as vulnerabilidades políticas precisa ultrapassar a aplicação de ficções metapsicológicas aos conflitos descritos pelos clientes, ou seja, importa aqui pontuar as relações de poder que envolvem a vivência de luta dessas mulheres, entendendo esse sofrimento enquanto ético-político e antropológico. Belmino (2020) reflete sobre o quanto o sofrimento está intrínseco ao apego às nossas identidades e aos nossos papéis sociais, a partir do que o autor chama de Clínica da Violação. Neste trabalho, discute-se sobre a experiência social de liderar uma luta. E se existe luta é porque algo foi retirado, algo foi violado. Assim, o quanto de sofrimento existe quando as identidades são arrancadas e eu preciso lutar para tê-la de volta? Qual a possibilidade de existência em um campo que viola? Dessa forma, entende-se necessário refletir sobre como a vivência num campo violento atravessa esses corpos que demandam cuidado. Para além disso, pensar uma clínica gestáltica comprometida e decolonial, requer pensar em todas as questões que envolvem ser mulher e liderança na região, envolvendo uma luta atravessada pelo machismo estrutural e por todo o histórico de colonização que, ainda hoje, é sentida na pele de quem vive na região amazônica. Na escuta clínica a essas pessoas, não se pode pensar nas subjetividades desatreladas da forma como as populações amazônicas foram, historicamente, construídas, a partir da perspectiva de roubo e expropriação das suas terras. Entende-se que a escuta clínica realizada por uma psicóloga amazônida, acaba sendo atravessada também, pelo encontro de subjetividades e resistências construídas ao longo dos séculos. Não há como pensar

em processos psicopatológicos ou ajustamentos disfuncionais, individualmente, sem considerar a estrutura colonizadora na qual as subjetividades amazônicas vêm sendo construídas. Por outro lado, o sangue cabano, indígena e preto que atravessa as veias dessas lideranças, não as blinda da vulnerabilidade inerente a um cansaço de lutar. Portanto, este trabalho apresenta as noções de campo e construção de subjetividades a partir da ideia de que o direito ao descanso também é uma forma de resistência para quem, muitas vezes, nasceu lutando. Mas como descansar quando os conflitos de terra e as ameaças continuam? Como descansar quando a todo momento um novo grande projeto ameaça passar por cima (literalmente) das casas e terras sagradas das pessoas? Assim, cabe pensar, como a Gestalt-Terapia pode oferecer cuidado, sem desconsiderar as possibilidades coletivas de atuação, buscando nas origens da contracultura que também a fundaram. Entende-se que este trabalho e suas reflexões não têm um fim enquanto ainda se questiona quais vidas são possíveis nas Amazônias contemporâneas.

Palavras-chave: Gestalt-Terapia; Amazônia; Psicoterapia.

"PLURICORPA": ESPECTROS GESTÁLTICOS DECOLONIAIS

Tatiana de Paula Soares[24]
Doutoranda em Psicologia
tatiana.soares@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Considerando etimologias latinas *plus, pluris* referentes ao termo pluri, que significa muitos, vários e *corpus* à expressão corpo, tal como, *Kwrep*, pelo entendimento indo-europeu, 'atribuindo forma, aparência a corpo'[25], a expressão 'pluricorpa'[26], aqui proposta, propõe pensar corpos[27] em ângulos e sentidos múltiplos. Corpas[28] plurais desconhecidas ao próprio imaginário, contrapondo-se ao 'monocorpo' universalizante, que dualiza mente e corpo (SOARES, 2022). A referência à 'pluricorpa' visa desmanchar estigmas de corpo construídos por um modelo-padrão europeu, único, biologizante e opressor, que possui como meta exterminar dissidências como existência em saúde. Para embasar a discussão teórica, retomo corpo em Alvim (2017, 2019, 2022), confluência com opressões sociais por Billies (2005) e decolonialidade amparada em Segato (2007) e Lugones (2020). Compreendendo 'corpas[29]-mundos' em relação, perante conceitos teóricos fenomenológicos-críticos e decoloniais, o presente trabalho objetiva (re)pensar práticas na Gestalt-terapia, em micropolíticas que integrem 'corpas[30]-territórios como existências singulares e múltiplas. O propósito do debate no campo da Gestalt-terapia é de, para além de dar-se conta, a priori, de universos desconhecidos em seu próprio corpo, assimilar que, ao encontrar alteridades na fronteira, requer perceber ansiedades e confluências (Billies, 2005) que perpassam sentidos próprios de existências. Enquanto gestalt-terapeutas, estar senciente do trânsito multidimensional de suas corpas[31] por espectros político-sociais, reconfiguram travessias em suas próprias espirais de contato, impactando intercorporeidades e intrasubjetividades no campo. Ao discutir processos decoloniais que configuram fundos sócio-políticos e vinculam dimensões éticas em suas atuações profissionais, a contribuição deste trabalho é de corroborar à pesquisa e prática clínica da Gestalt-terapia crítica. A problematização deste estudo paira em: de que modo a perspectiva clínica da Gestalt-terapia se implica em espectros não opressores de violência, a partir de seus corpos-territórios de saber e poder? Sob um modelo hegemônico de cisgeneridade, ao enxergar que o binarismo mata, por exemplo, possibilita quebrar o silenciamento da violência contra 'corpas'[32] plurais e também contra 'monocorpo' de mulheres vítimas do sistema colonial opressor. Alvim (2019) nos chama a atenção sobre regências de si

[24] Gestalt-terapeuta. Feminista de raiz 'mono' e em crescimento 'pluri'. Integrante do projeto de pesquisa intitulado "Situação contemporânea e dimensões estruturais: perspectivas em fenomenologia crítica e abordagem gestáltica", sob coordenação de Mônica Botelho Alvim, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

[25] Tradução nossa. Fonte: https://www.etymonline.com/word/*kwrep-

[26] A palavra terminada em -a visa provocar moções próprias na corporeidade de leitore, contrapondo-se à linguagem oficial brasileira que generaliza e indica palavras finalizadas em -o como 'gênero masculino' e referência universalizante, conotando totalitarismo como forma de linguagem gramatical culta.

[27] Aqui, e em outras expressões ao longo do texto, terminadas em -o propõe convidar e leitore habitualizade na leitura universal, se acomodar e desacomodar, transitando entre conhecidos padrões à pluralidade da novidade alheia à norma formal de linguagem.

[28] A palavra terminada por artigo feminino visa provocar moções na própria corporeidade de leitore.

[29] Idem.

[30] Idem.

[31] Idem.

[32] Idem.

em relações pautadas pelo ensimesmamento de suas habitações geográficas como lugar que nos fixamos em territórios-nações e mantemos a segurança dentro de nossas fronteiras. Billies (2005) apresenta mapeamentos nomeados de 'rede de interrupções habituais' para ressaltar modos sobre como contatos na fronteira são contaminados pela opressão social e reproduzidos na psicoterapia e levanta ainda, habilidades e meios de romper esse mecanismo de reprodução de opressões. Nesta direção, ao propor elementos para uma gestalt-terapia crítica e política, Alvim (2022) nos convida a contatar dissensos, a partir de tensões dialéticas, como via de nascimentos de sentidos nas fronteiras. É também no tensionamento dialético que podemos visualizar meios de desmontar panoramas de sentido sustentados por princípios meritocráticos de igualdade social, racial e de gênero, mantidos pelo pacto da branquitude (Bento, 2022). Mitos são concretos, transitam cotidianamente em nossos pré-conceitos, pré-juízos, habitam corpos-territórios. Cruzar conceitos gestálticos decoloniais é reconhecer que mitos em situações contemporâneas afetam diretamente corporeidades no campo. Para Segato (2007), a importância de compreender processos que subjugam e inferiorizam pessoas pela invenção categorial de raça institui conhecimento em relação às formações nacionais de alteridade. Lugones (2020) ao denominar 'colonialidade de poder' através da produção material de sexo/gênero e o olhar colonizador, aponta para a intersecção de gênero em estudos decoloniais. Enquanto gestalt-terapeutas, sob compromisso ético-político, o pensamento translógico[33] (Wilber, 2007) desencaixota um modelo-padrão e que urge desfazermos gestalten fixadas sustentadas pelo discurso dominante (BILLIES, 2005). Como consideração inicial em desfecho, reatando 'ploricorpa': em espectros gestálticos decoloniais - ao localizarmo-nos em contextos de situações contemporâneas, que totalidades fraturamos ao encontro de fronteiras estrangeiras em nossos corpos-territórios?

Palavras-chave: 'pluricorpa'; 'monocorpo'; gestalt-terapia decolonial.

[33] O autor em sua obra de 2007, intitulada "A união da alma e dos sentidos: integrando ciência e religião", utiliza o termo para referir-se ao que 'transcende a lógica, o racional ou mental'.

A INFLUÊNCIA DA HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS NA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA: UMA PESQUISA PELO OLHAR DA FENOMENOLOGIA

Luiz Eduardo da Silva Melo
Estudante de Psicologia
luiz.eduardosm@hotmail.com
Centro Universitário Santo Agostinho

Thainá Maria Cunha Oliveira
Estudante de Psicologia
thaina_tvd@hotmail.com
Centro Universitário Santo Agostinho

Patrícia Carvalho Moreira
Professora Universitária
Psicóloga
patriciamoreirapsi1@hotmail.com
Centro Universitário Santo Agostinho

RESUMO: A construção da Gestalt-Terapia é marcada por uma série de influências filosóficas, como o existencialismo, fenomenologia e o humanismo, o que proporciona um aporte teórico para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica em relação aos mais diversos assuntos da contemporaneidade. A sexualidade humana de acordo com Seixas (1998), é composta por aspectos biopsicossociais. A autora apresenta uma compreensão do homem conforme um todo, do qual a sexualidade se faz presente. Essa ideia assemelha-se com a forma de a abordagem gestáltica compreende o homem, que, segundo Lima (2008), foi influenciada pela corrente filosófica do holismo. O holismo, segundo Chaer (2006) provém do grego holon e significa todo, integralidade. No olhar da Gestalt-Terapia apoiada a essa totalidade da sexualidade, emergem figuras apoiadas em um fundo que compõem a realidade humana. O campo perceptivo ocorre pela aclamação de uma necessidade, cujo efeito natural é o surgimento de uma figura. De acordo com Koffka (1975) entende-se por figura qualquer ação que se destaca de um fundo, aquilo que ocupa o meio da consciência. A figura é fechada, estruturada e não se pode distingui-la sem um fundo. Essa concepção é citada diversas vezes neste trabalho, visto que a sexualidade, figura desse projeto, é apoiada em um contexto, um fundo que é amplo e singular para cada participador. A sexualidade não deve ser compreendida somente como resultado da vivência interna do sujeito, mas em causa do campo ao qual ele pertence. A abordagem gestáltica percebe o homem como um todo que está inserido em um campo e estuda o relacionamento entre as pessoas e o seu ambiente. De acordo com Ginger (2007) a sexualidade não é definida como objeto de estudo exclusivo da abordagem gestáltica, que, no entanto, apresenta uma atitude de abrigo e respeito à diversidade das necessidades e dos desejos, opondo-se a normas pré-definidas. Dessa forma, procuraremos nesse trabalho discutir uma das principais questões que norteiam a existência na contemporaneidade, que é a sexualidade humana e a as expressões de gênero na sociedade e nas relações. Nesse sentido, a conjugalidade homoafetiva é um exemplo das novas configurações familiares, sendo uma possibilidade de formação sexual, afetiva e familiar a ser reconhecida, considerada e validada na sociedade contemporânea, mas que muitas vezes é negada por uma sociedade que sustenta uma matriz heteronormativa, o que implica em uma prática sistemática e política de hetossexualidade compulsória. Segundo Rich (2010/1980), a heterossexualidade compulsória é entendida como uma norma que estabelece ou pressupõe que todos os sujeitos sejam heterossexuais ou que se relacionem heterossexualmente, o que implica em uma oposição de como performar e expressar a masculinidade e feminilidade sobre corpos que fogem dessa normatividade, o que causa um

apagamento de existências LGBTQIA+ e um intenso sofrimento psíquico a pessoas que fazem parte dessa comunidade. Nesse sentido, o objetivo geral desse estudo será de debater sobre a influência da heterossexualidade compulsória nas relações homoafetivas, usando como base os principais conceitos da Gestalt-Terapia, e contemplando o sentido ético, político e antropológico do sofrimento causado por uma ideologia que supervaloriza a heteronormatividade e cisnormatividade, bem como o manejo clínico nessas situações.

Palavras-chave: Conjugalidade; Homoafetividade; Gestalt-Terapia;

A PELE RELACIONAL E VITALIZAÇÕES NA FRONTEIRA: CONDUZIR UM GRUPO SOBRE LAURA PERLS

Lílian Vanessa Nicácio Gusmão[34]
Gestalt-terapeuta
linicacio@yahoo.com.br
Instituto de Gestalt-terapia de Rondônia – Figura Viva

RESUMO: Sustentar no coletivo espaços para desestruturar e reestruturar partes da história é abrir espaço para o crescimento da Gestalt-terapia com Laura Perls, envolve transgredir, subverter a coisa. Um eco de luta nos convoca a recuperar nossas histórias a partir de uma voz. A fronteira na qual o contato ocorre é um local de energia pulsante e permeável, é na fronteira que os perigos são rejeitados, os obstáculos são superados e as coisas assimiláveis são selecionadas e integradas. Aqui se apresenta o trabalho realizado na condução do Grupo de Estudos e Experimentação Vivendo na Fronteira – Laura Perls no Instituto de Gestalt-terapia de Rondônia – Figura Viva e suas experiências de crescimento. O grupo de estudos se desenvolveu em encontros mensais, treze ao todo, na modalidade on-line de forma síncrona, na primeira sexta de cada mês, desde maio de dois mil e vinte e dois, até julho de dois mil e vinte e três, exceto o mês de janeiro, com convidadas (es/os) estudiosos da Gestalt-terapia brasileira, em cada encontro um capítulo do livro *Living at the Boundary* de autoria da Laura Perls (1992), era estudado, debatido e experimentado os capítulos foram traduzidos e encaminhados com antecedência aos participantes, os encontros tinham duração de duas horas cada, permitiram o desenvolvimento de uma pele relacional, demarcando fronteiras, peles que se forjam a partir do lastro do pensamento decolonial. Laura Perls nos convida ao trabalho clínico como um ato político, desvencilhado das confluências da maioria e permitindo que as pessoas possam pensar de forma independente. A fronteira de contato tida como campo de presença, na experiência com a novidade, com o estranho, gera um movimento criador que dá sentido à experiência. De acordo com Alvim (2014) "justo por isso é movimento político, pois exige transformação e reinvenção da vida e do mundo". Os estudos permitiram a visibilização de uma mulher, pedra angular da Gestalt-terapia. Segundo Alvim (2014, p. 220) "rudimentos da Gestalt-terapia apresentados por Perls em 1942, e que foram construídos a partir de suas vivências e as de Laura, mais que colaboradora, uma coautora, então anônima". Os encontros do grupo de estudos constituíram-se espaços de trocas vitais e crescimento, uma pele relacional forjada em novos saberes, na recusa de normatividades, na oferta de suportes seguros, na resistência e nas tecituras agora já tão enriquecedoras, foi possível aprender a fazer pele desde Laura. Segundo Alvim (2019) "a respeito de uma clínica na fronteira, política e eticamente engajada com a transformação do mundo, nos propomos falar a partir de uma fronteira de contato gerada por um coletivo". Sentir outros possíveis e atualizar horizontes, a partir de atos políticos implicados com o ser social e político, as lutas feministas e transfeministas, devolvendo a cidadania de si, tornando-o território conhecido e habitado. Segundo Favero (2022, p. 8) "Sejamos ruido, incerteza, contradição, fragmento. Doenças que rejeitam saudar uma saúde mortífera, fúnebre. Uma clínica política e uma clínica de renúncia: sejamos capazes de rejeitar o mundo esgotado que nos deram, para criar um mundo nosso, poderosamente nosso, e nele desconfiaremos da culpa, do pecado, dos laudos, dos enquadramentos, das brutalizações analíticas. Que a gente possa se deslumbrar com o surgimento de uma palavra, uma forma de viver, um gesto que nos permita dar outro desfecho

[34] Mulher branca, mãe, professora. Me. Ciências Ambientais, Psicóloga e Diretora do Instituto de Gestalt-terapia de Rondônia – Figura Viva.

para vidas tão “bem” encaminhadas para serem ruins”. Cada um de nós, agora é semente lançada também por Laura, que as relações possam ser fecundas a ponto de lançar as sementes de novos frutos ao futuro para tomar um lugar de igualdade.

Palavras-chave: Grupo de Estudos; Laura Perls; Fronteira de contato.

ANSIEDADE E LIDERANÇA NAS ORGANIZAÇÕES: AUTOPERCEPÇÃO DE SI E DO OUTRO

Edneusa Lima Silva
Mestra em psicologi
evajom@gmil.com
Faculdade Sul Fluminense (FaSF)

Filipe da Silva
Mestrando de Psicologia
filipesilva18@hotmail.com
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RESUMO: Desde o nascimento a ansiedade está presente na existência humana com a função de sinalizar se há perigo no ambiente que possa comprometer a sobrevivência humana. Articulado a ansiedade está o ato de aprender que conduz o sujeito em todas as etapas do desenvolvimento humano, acompanhando-o nas mudanças etárias, na formação acadêmica e no exercício profissional. Os papeis que cada pessoa assume enquanto ser de relação é engendrado por vetores de força que organizam e estruturam o campo relacional referenciado pelos cargos e funções que se assume em uma empresa, organização ou instituição. O campo, significa o mundo psicológico total em que uma pessoa vive em um determinado momento, contempla assuntos e eventos do passado, presente e futuro, concreto e abstrato, real e imaginário, todos interpretados como aspectos simultâneos de uma situação. Assim, os papéis e funções exercidas durante a trajetória humana, expõe o sujeito, obrigando-o a posicionar-se e a ansiedade, emerge quando conteúdos novos precisam ser elaborados e convertidos em ações práticas tanto em atividades pessoais quanto profissionais. Sob essa perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo discutir a presença da ansiedade nas atividades de liderança, a fim de compreender os desafios e obstáculos que surgem no processo de autopercepção de si e do outro. O presente estudo é um recorte da pesquisa de doutorado desenvolvido no Grupo de estudo do programa de pós-graduação que investiga os tipos de ansiedade presente no processo de aprendizagem em empresas e organizações que valorizam habilidades de liderança sem contemplar os aspectos emocionais que precisam ser elaborados para o ato de liderar. No processo para eleger e identificar líderes, optam por ignorar que fatores como baixa autoestima, confiança e ansiedade, alteram a autopercepção de si, quando o sujeito precisa ocupar cargos de liderança, pois cada vetor influencia e é influenciado pelo que é produzido nesse campo de interlocução organizacional constituído pela diversidade. Manejar com criatividade o que emerge no campo de interação profissional, apresenta-se como ajustamento criativo ou ferramenta de autorregulação frente ao diálogo que se estabelece nas fronteiras de contato entre o líder e trabalhadores que operacionalizam, nas empresas/organizações as ações práticas do cotidiano. Na Teoria de Campo, cada pessoa existe dentro de um campo de forças para o qual o sujeito está respondendo ou reagindo, contém o próprio sujeito, os objetivos que ele busca (valência positiva) ou evita (valência negativa), as barreiras que restringem os movimentos e o caminho que se deve seguir para alcançar as metas e cumprir as missões coletivas e individuais. As forças no ambiente organizacional permitem respostas e reações diferentes ao mesmo tipo de estímulo. Portanto, é relevante considerar que a influência dessas forças sobre os sujeitos possui estreita relação com as necessidades pessoais, atitudes, sentimentos e expectativas que cada um possui sobre o próprio desempenho tanto individual quanto coletivo. Conduzindo as ações no/do campo está o contato, que na perspectiva da abordagem gestáltica, se refere ao fato de que o ser humano é compreendido como inerentemente relacional, singular, corporificado, concreto e criativo, aberto a infinitas potencialidades em constante movimento e eterna construção, a partir das interações que estabelece com o meio no qual está inserido. Caracteriza-

se como ser de relação, que se constitui “entre”, em um espaço vincular compartilhado com outros seres, sendo o vínculo que se estabelece entre os sujeitos, uma dessas relações.

Palavras-chave: Ansiedade, liderança, autopercepção de si.

ANSIEDADE: UMA PERSPECTIVA COMPREENSIVA E DIALOGAL

Clarissa Lúcio Matias Ribeiro Blanco
psiclarissaribeiro@gmail.com

RESUMO: Em sua ânsia de conhecimento, controle e previsão dos fenômenos psíquicos, parte da psicologia se lança sobre o sofrimento humano numa espécie de "lógica de dominação". É preciso explorar novas fronteiras, possibilitando a formação de subjetividades de resistência. Esse movimento de enfrentamento com ampliação da fronteira de contato pode acontecer através da formação de grupos psicoeducativos e/ou psicoterapêuticos, uma estrutura de campo definida de diferentes e ricas formas por diversos autores da Gestalt-terapia. Na busca da elaboração de considerações sobre o processo grupal e Gestalt-terapia, um pesquisador poderá deparar-se com diferentes formulações teóricas, tornando essa tarefa uma missão árdua. O escritor Jorge Ponciano Ribeiro, por exemplo, aborda o processo grupal a partir da explicação do conceito de processo, enquanto todo movimento existencial com um sentido de mudança em suas características que podem incluir algo de permanente e algo de transitório. Em outra obra, *Gestalt-terapia de curta duração*, o mesmo autor discute o conceito de grupo sob a ótica das divergências entre a dinâmica aristotélica, que considera o indivíduo e o meio como entidades isoladas; diferentemente do pressuposto fenomenológico holístico para o qual pessoa e meio coexistem. Nesse mesmo livro, Ribeiro nos apresenta o grupo sob três enfoques: o grupo como processo, como fator de cura e como prática social. Podemos ainda visualizar autoras como Therese A. Tellegen, uma das fundadoras da Gestalt-terapia no Brasil, discutindo a atuação em grupos sob uma perspectiva sistêmica. Segundo Tellegen: "Focalizando não só as relações entre partes formadoras de um 'todo', mas também os entrecruzamentos de diversos sistemas e *a sua articulação*, a teoria de sistemas amplia e enriquece o modelo sistêmico dos gestaltistas.". Segundo Selma Ciornai: "em qualquer grupo ocorrem processos simultaneamente em três níveis do sistema: *intrapsíquico, inter-relacional e sistêmico*, isto é, do grupo como um todo, cabendo ao terapeuta escolher em que nível sistêmico intervir a cada momento". Entre as vantagens do trabalho em grupo em Gestalt-terapia, podemos citar identificações, empatia, ressonância, ampliação de *awareness*, criação de rede apoio, entre outros. O presente trabalho consiste em um relato de experiência sobre grupo psicoeducativo cuja temática foi a ansiedade. O objetivo das práticas do grupo psicoeducativo consistiu em estimular modos de compreensão e diálogo com a ansiedade, de forma a contribuir para o processo de ajustamentos criativos promotores de autoatualização. O referencial teórico utilizado foi o livro "Dialogar com a Ansiedade: uma vereda para o cuidado" de Ênio Brito Pinto. As atividades foram realizadas em cinco encontros semanais às quintas-feira, entre 13/04 e 11/05/2023, no turno matutino, com uma hora e trinta minutos de duração (09:00h às 10:30h), no serviço escola de psicologia - SEP - do Centro Universitário Facex (Unifacex), no âmbito do Estágio Profissional I, pelo oitavo período da graduação em Psicologia, no semestre de 2023.1. O acesso ao grupo se deu por link de inscrição no perfil do instagram da SEP. Foram convidados quinze pessoas, as quais confirmaram suas presenças, porém apenas três delas participaram do início ao fim das atividades. Com base na Gestalt-Terapia, buscou-se trabalhar a ansiedade na perspectiva compreensiva e dialogal. Essa experiência gerou diferentes formas de ajustamento criativo e autoatualização entre os participantes do grupo, a partir das interações e trocas de experiências viabilizadas nas fronteiras de contato e nos ciclos possibilitados pelo campo.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, Ansiedade, Diálogo.

ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL DE MÃES-UNIVERSITÁRIAS PÓS ISOLAMENTO SOCIAL NO CONTEXTO DA COVID-19

Kamilly Souza do Vale
Psicóloga
Gestalt-terapeuta
Professora Doutora da Universidade Federal do Pará (UFPA)
Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Gestalt-terapia- NPGT/CNPq
k.millyvale@gmail.com

RESUMO: Contextualizar os processos oriundos de um período pandêmico é reconhecer que para nossa sociedade o que vivemos com a pandemia da COVID-19 foi de fato inédito e histórico. A última pandemia com proporções tão avassaladoras e globais aconteceu há 100 anos e foi conhecida como a gripe espanhola. Além de apresentar um cenário de acúmulo de emoções, mudança de rotina, sentimentos de medo sobre o que estava porvir, uma nova forma de interação social e trabalho precisou ser vivenciada. O trabalho remoto, as aulas *on-line* tornaram-se a forma possível de não paralisar a vida. Estas novas configurações apresentaram diferentes consequências e repercussões aos grupos sociais. Diversos estudos publicados lançam mão sobre como a diferença na divisão de tarefas ocupacionais cotidianas é um fator influenciador da sobrecarga de trabalho feminino durante o isolamento social. As tarefas domésticas de cuidado, como exemplo o cuidado dos filhos e estar disponível para as demandas emocionais da família (conciliar, educar, dialogar), são ocupações não remuneradas realizadas nos espaços privados de convivência e, segundo os estudos, resultam de uma hierarquização histórica e cultural do trabalho, como a ocupação dos espaços públicos pelos homens e trabalho do espaço privado pelas mulheres. (MACÊDO, 2021; RODRIGUES 2020; BARROS 2020; BRAGA 2020; DE OLIVEIRA 2020). Percebe-se que o contexto pandêmico escancarou as diferenças estabelecidas entre gêneros. Para além dos agravantes presentes no cotidiano feminino pandêmico verificamos a importância de levantar reflexões acerca do maternar vivido no contexto de isolamento social, deste modo, nesta pesquisa, incluímos as mulheres que são mães discentes e que precisaram conciliar seu maternar, as atividades de cuidados a casa e aos estudos acadêmicos. É fundamental refletir sobre como funcionou o ambiente universitário no formato virtual e como atualmente tem sido o processo de retorno as aulas presenciais. Deste modo, neste projeto de pesquisa em andamento, o objetiva-se compreender os efeitos que o isolamento social no contexto da COVID-19 pode ter gerado a saúde mental de mulheres mães-universitárias que antes já lidavam com muitas demandas e no retorno as atividades presenciais se encontraram provavelmente repletas de funções. Necessidades como adaptar-se a uma nova rotina, lidar com as demandas da criança, da relação conjugal muitas vezes somam-se aos deveres da vida acadêmica e profissional. Na presente pesquisa ressalta-se o quanto a maternidade somada às vivências do contexto acadêmico pode ser considerada como um momento de vulnerabilidade ao estresse, pois o mesmo se caracteriza como uma fase desafiadora ao discente, que impõe tarefas complexas ao enfrentar domínios acadêmico novos (ritmos e estratégias de aprendizagem e novos sistemas de ensino e avaliação), social (novos padrões de relacionamento, além de ampliação da rede social), pessoal (estabelecimento de um sentido mais forte de identidade) e vocacional (definição de metas de carreira) (ALMEIDA & SOARES, 2003). Em termos metodológicos, a pesquisa está sendo desenvolvida sob cunho qualitativo, sendo baseada no método fenomenológico Gestáltico, com epistemologia inspirada nos conceitos da abordagem Gestáltica através de uma leitura de campo a qual prima pela compreensão do fenômeno a partir dos sentidos e significados atribuídos pelos colaboradores. Trata-se de um estudo compreensivo desenvolvido em 5 etapas: (1) Revisão da literatura (2) levantamento de perfil das participantes através da resposta de formulário *online* (3) entrevista com as participantes da pesquisa sobre percepção

dos impactos psicológicos do isolamento social em suas vidas (4) realização de rodas de conversa para debates e reflexão referentes ao tema de pesquisa. (5) análise qualitativa dos dados obtidos nos discursos das participantes. Estas serão mães-universitárias discentes da Universidade Federal do Pará (UFPA) que vivenciaram a situação de isolamento social, durante o período de 2020 a 2022 até o retorno das aulas presenciais. Entende-se, portanto, que o processo de adoecimento mental da mulher/mãe universitária no período pandêmico não apenas é atravessado pelas reestruturações sanitárias da pandemia no seu cotidiano, mas estas mulheres experimentam e vivenciam de uma forma singular o sofrimento que parte de subjetivações estruturalmente dispostas, que necessitam de compreensão para que, a partir do entendimento destas vivências seja facilitado às pessoas que estão em sofrimento o acesso à políticas de redução de vulnerabilidades e o reconhecimento das demandas que são específicas de cada população são de pertinência social ao bem-estar coletivo.

Palavras-chave: Saúde Mental; Mães-universitárias; Covid-19.

CISHETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA POPULAÇÃO LGBTQIAPN+: POR UMA CLÍNICA GESTÁLTICA E POLÍTICA

Gabriela Faria de Souza
Psicóloga e Gestalt-terapeuta
gabifariadesouza@gmail.com
Instituto Gestalt de São Paulo

Marcela Fernandes Fulgêncio
Psicóloga
marcelafernandesfo@gmail.com

RESUMO: A proposta deste trabalho consiste em articular uma compreensão gestáltica sobre as demandas de acolhimento, seja na clínica ou nas políticas públicas e sociais, da população LGBTQIAPN+ a partir da perspectiva de campo. Vivemos em uma sociedade que estabelece a heterossexualidade e a cisgeneridade como a orientação sexual e a identidade de gênero "normal, "natural" e "correta" a partir de um sistema de demarcações binárias de gênero (homem x mulher). Ainda é amplamente difundida pela sociedade uma suposta correlação biológica entre sexo x gênero x orientação sexual. O que é ser mulher e o que é ser homem é definido a partir do sexo biológico e reforçado ao longo da vida por muitas famílias, religiões, instituições educacionais, mídia etc, assim como expectativas de performances sociais são validadas como certas ou erradas, aceitáveis ou inaceitáveis por esse mesmo sistema de forças. O afastamento da rede de apoio faz com que corpos dissidentes tornem-se marginalizados, vulneráveis e alvos das mais variadas violências - desde formas mais tácitas e sutis de discriminação até os crimes de ódio. Viver à margem da norma significa, muitas vezes, experienciar uma existência inautêntica, neurótica e cristalizada. Tentativas de aniquilação das subjetividades LGBTQIAPN+ relegam esses a uma sub-existência, marcada por introjeções diversas, como as normas e os valores culturais, expectativas de familiares, inúmeros "deverias" que levam a exclusão, auto-ódio, autodepreciação e adoecimento mental (ansiedade e depressão, por exemplo). Qual a contribuição da Gestalt-terapia no enfrentamento às violências relacionadas à diversidade sexual e de gênero? Qual a importância da leitura de campo para que a/o/e profissional Gestalt-terapeuta não reproduza normas e violências de modo a efetivamente contribuir para a autorregulação e autossuporte de pessoas LGBTQIAPN+ bem como o fortalecimento das redes de apoio? A Gestalt-terapia nasceu como uma abordagem subversiva que questionava a forma neurótica e mecânica do viver. Trazer o que se diz ser a norma para análise, despi-la da roupagem colonial e compreendê-la como apenas uma entre outras formas de existência possíveis é romper com a lógica universalizante da cisheteronormatividade e, consequentemente, provocar uma ruptura no processo de marginalização e patologização das demais. É preciso, tal como afirma Mombaça (2021), desconstruir privilégios; para isso, nomear e colocar como objetos de estudo a cisgeneridade e a heterossexualidade a partir de uma ótica política é um primeiro passo. Dessa forma, torna-se possível desintegrar e agredir aquilo que foi introjetado individual e coletivamente, fazendo emergir a possibilidade de novas assimilações que abram outros horizontes de sentido, mais autênticos e espontâneos. Há que se colocar em pauta essa orientação sexual e afetiva que só é direcionada para o sexo oposto, assim como a crença de que todas as pessoas experienciam a atração sexual de modo uniforme e homogêneo. A leitura de campo da Gestalt-terapia que compreende o sofrimento como um fenômeno de campo, a partir da relação organismo/ambiente, não encontra sustentação no sofrimento como algo intrapsíquico ou dissociado das forças que operam no contexto cultural, social, religioso, familiar em que está inserido. Nesse sentido, é fundamental que o/a/e psicoterapeuta também seja capaz de se perceber na relação enquanto ser que também é

atravessado por esse fundo de vividos compartilhado, inclusive os discursos cisheteronormativos perpetrados pelos mais diversos dispositivos sociais e institucionais e que sua prática de escuta e intervenção seja baseada em uma ética do cuidado, da aceitação da alteridade e em um fazer clínico ampliado que ultrapasse as paredes do consultório, rompendo com uma perspectiva individualista e psicologizante dos fenômenos sociais.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Cisheteronormatividade; Campo.

CLÍNICA GESTÁLTICA E A TRAVESTI EM UM CONTEXTO CISHETERONORMATIVO

Viviane Barbosa da Cruz Castilho[35]
Psicóloga Clínica - Formação em Gestalt-terapia
vivianecpsico@gmail.com

RESUMO: A violação do direito de ser travesti acontece, ainda hoje, nos espaços mais diversos, até mesmo dentro dos consultórios psicológicos. Em minha experiência na prática clínica, acompanho casos de travestis que, ao iniciarem o processo terapêutico, relataram experiências anteriores de acompanhamentos psicológicos nos quais não se sentiram acolhidas no que se refere à identidade de gênero. Digo isso, porque são muitas as dores que perpassam a existência humana. Dentro de um espaço terapêutico, precisamos entender que não podemos separar as pessoas das demandas sociais que atravessam suas vivências, como raça, identidade de gênero e orientação sexual (NASCIMENTO, 2021). Essa autora diz algo sobre si que nos convida à reflexão: "Quando eu chego no meu espaço de terapia, não vou apenas para falar da minha travestilidade, eu posso falar sobre a minha enorme dificuldade que é ser uma mulher gorda, negra e travesti, então isso vai atravessar as minhas experiências". O contato com as travestis que acolho e com essa fala de Nascimento (2021) foram extremamente importantes, justamente por possibilitarem me questionar enquanto pessoa e, sobretudo, enquanto profissional. Falo de um lugar de mulher cishetero, que por muitos momentos em minha trajetória também reproduzi falas e comportamentos cisheteronormativos de exclusão e violação ao direito de ser gente, colocando à margem os que diferiam do modelo binário socialmente imposto. Em contato com a pesquisa, pude permitir que um universo se descortinasse em mim, não apenas de dizeres e terminologias que passei a utilizar de forma mais adequada, como um conectar com o meu próprio corpo e o como me comunico com ele. Permitir ofertar esse acolhimento, compreendendo realmente o sentido da palavra, implicou um processo pessoal de desconstrução e reconstrução sobre a minha forma de olhar para os termos gênero e sexualidade. Enquanto profissional, passei a refletir muito sobre meu lugar como psicóloga e busquei amparo científico bibliográfico no intuito de obter recursos e ferramentas que me oportunizassem condições para oferecer o acolhimento necessário e efetivo às travestis, enquanto gestalt-terapeuta na clínica. Sobre essa temática, a resolução 01/2018 do Conselho Federal de Psicologia orienta que "os psicólogos e psicólogas, no exercício profissional, não serão coniventes e nem se omitirão perante a descriminação de pessoas transexuais e travestis". Mesmo depois de 5 anos da publicação, ainda hoje, no espaço psicoterapêutico, se viola o direito das travestis quando alguns profissionais tentam reproduzir a normatização cisgênera ao invés de oferecer o cuidado (MORAES, 2021). Esse cenário me levou a refletir sobre falas utilizadas repetidamente entre gestalt-terapeutas sobre acolhimento, hospitalidade, como também sobre alguns conceitos que embasam nossa atuação, Heterossuporte e Autossuporte. Partindo dessa reflexão e à luz da realidade de que as travestis que tenho contato relataram-me sobre suas experiências de processos terapêuticos, questiono-me: a que corpos nós, gestalt-terpeutas, estamos de fato sendo heterossuporte para que ao longo do processo possam desenvolver o autossuporte? O objetivo deste trabalho é trazer um convite à reflexão sobre o como estamos atuando enquanto gestalt-terapeutas em relação à identidade de gênero. Para tanto, realizei uma pesquisa de cunho bibliográfico amparada em textos decoloniais (NASCIMENTO 2020 e 2021), (MORAES, 2021) e (BARROS, 2020) em uma perspectiva interseccional, buscando apresentar um olhar para as travestis a partir de uma Gestalt-terapia

[35] Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário de Maringá. Possui Especialização em Gestão de Pessoas pelo Instituto Paranaense e formação em Gestalt-terapia pela Escola Paranaense de Gestalt-terapia.

renovada. Cientificamente, esse estudo alicerça-se nos conceitos de Heterossuporte e Autossuporte da Gestalt-terapia, como também no conceito de Heterotopia (FOUCAULT, 2009). Após a análise dos resultados, não concluo a pesquisa com respostas, mas sim com uma série de questionamentos: será que nós gestalt-terapeutas realmente estamos oferecendo acolhimento, hospitalidade, sendo heterossuporte a todos os corpos que nos procuram? Entendo que realmente não precisamos ter habilidades nem leituras aprofundadas para atender todas as demandas, mas, aquelas relacionadas à identidade de gênero que encaminho com a justificativa de não possuir leituras aprofundadas é proporcional às demais demandas? Concluo afirmando que a ação do/da gestalt-terapeuta no espaço clínico deve funcionar como heterossuporte no caminhar junto à travesti, possibilitando fundamentalmente a ampliação de suas percepções, para que possa desenvolver o autossuporte, permitindo a ela traçar seu próprio caminho, tendo condições de lidar melhor com as mais diversas situações da vida sendo quem é, para as quais o ser masculino ou o ser feminino perde o sentido diante do ser humano.

Palavras-chave: travesti; cisheteronormatividade; Gestalt-terapia.

CUIDANDO DE MULHERES CANDIDATES A UM MANDATO ELETIVO: PROPOSTA DE UMA GESTALT DECOLONIAL

Izabela Aparecida de Almeida Guedes
Mestre em Psicologia Clínica
izabela-guedes@uol.com.br
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO: A assertiva "temos vivido, nos tempos recentes, experiências radicais de recusa da diferença e do direito à diferença" (Alvim, 2019, p. 884) dá o tom reflexivo sobre o paradigma do cuidado vigente no século XX, crítica a que este trabalho se propõe. Durante os anos entre 2018 e 2022 – sendo, este, o período que abarcou a pandemia de COVID-19 (2020-2022) –, viu-se um aprofundamento da crise ético-política brasileira, cuja belicosidade do projeto de governo em relação às mulheres, como parte de ataques dirigidos a grupos minoritários, trouxe impactos à saúde psíquica daquela população. O desenvolvimento deste trabalho afirma seu compromisso com uma clínica gestáltica que se mantém atual, revolucionária e ético-política, alinhando-se a práticas voltadas para os que sofrem tentativas de aniquilação e de invisibilização da existência. Apoiando-se na noção de fronteira de contato como tempo-lugar do encontro, ou seja, aquele que une ao invés de separar, fundante de uma ética da alteridade, e sustentando-se numa postura dialógica, os encontros pretenderam ser espaço-experiência para a transformação, no *entre* que é "esfera da qual todos participamos quando estamos envolvidos e verdadeiramente interessados em outra pessoa: transcendemos o senso de identidade que normalmente conhecemos" (Hycner, 1995, p. 25). A partir de uma perspectiva decolonial, o projeto pretendeu contribuir com o empoderamento feminino, formando laços de fortalecimento na rede de atenção psicossocial, além de posicionar-se em defesa dos direitos humanos, da luta contra o racismo, o machismo e a LGBTQIAP+fobia. A partir do reconhecimento de um sistema político historicamente violento, excludente e de silenciamento das mulheres, dificultando a que tenham inserção e participação ativa nesse espaço majoritariamente ocupado por homens – homens brancos, homens cis, homens heterossexuais –, foi desenvolvido um projeto *on-line* de cuidados à saúde mental de mulheres candidates do processo eleitoral de 2022 – mulheres cis, mulheres negras e mulheres LBTI+ (lésbicas, bissexuais, transsexuais, intersexuais) –, visando oferecer apoio emocional durante a campanha, por meio do acolhimento, da escuta compassiva das dificuldades presentes na trajetória, do compartilhamento de conhecimentos sobre cuidados com a saúde, da troca de experiências. Dessa forma, o projeto contou com três fases: a primeira, de levantamento de necessidades a partir de *lives* realizadas com candidatas eleitas no pleito anterior; a segunda, de formação e suporte (psicoeducação) a partir de aulas gravadas com professores especialistas em saúde mental; e a terceira, de grupos de apoio e de acolhimento *on-line*, primeiramente com mulheres cis e, na sequência, com mulheres interseccionadas por raça e gênero – todos os grupos foram facilitados por psicólogas com experiência clínica. Nessa última fase, a escuta, como presença e inteireza que dá sustentação ao diferente, colocando entre parênteses os pressupostos do próprio mundo para abrir-se para a experiência do outro (BIANCHI, 2022), foi de grande relevância para a percepção do cuidado por parte das candidatas. Reconhecimento e confirmação são princípios constitutivos da subjetividade, dando condições para emergir o sentimento de pertencimento ao humano, a partir da construção de um vínculo baseado na inclusão, na presença e na confirmação (Hycner, 1995). Foi possível perceber que se criou uma abertura para um encontro transformador na fronteira de contato, dando voz e visibilidade aos sofrimentos, o que fortaleceu o enfrentamento das situações de violência a que se sentiram expostas durante o processo eleitoral.

Palavras-chave: fronteiras de contato, relação dialógica; gestalt decolonial.

ESSA (NÃO) É A MINHA TERRA: UMA NARRATIVA EXPLORATÓRIA DE VIVÊNCIAS IMIGRATÓRIAS

Paulo Henrique Pargas Santos
cpaulopargas@gmail.com

Rebeca Larissa dos Santos Marinho
rebecca_stmarinho@hotmail.com

RESUMO: Esta temática surgiu após um Simpósio com relatos de como é nascer, crescer e, muitas vezes, resistir na região Norte. Assim, se fez necessário pensar como o território faz parte do processo existencial. O objetivo deste estudo é dialogar acerca do reconhecimento das raízes e da cultura de origem como processo de constituição da intersubjetividade. O método utilizado será exploratório de Gil (2016), sendo possível tornar um fator explícito, deixando margens para criar hipóteses a partir de um levantamento bibliográfico e/ou relatos práticos. Para tanto, segue ainda em caráter pessoal, manifestando uma atitude em primeira pessoa para manter o diálogo acerca da experiência fenomenológica. A partir disso, este texto é uma composição de experiências que hoje fazem parte do meu fundo de vividos, como o IX Encontro Norte-nordeste de Gestalt-terapia, ocorrido em Roraima, em que fui atravessado pelo conteúdo de importância das nossas ancestralidades e geracionalidades, debatido na programação. Com isso, é possível pensar no conceito de fronteira de contato com base em Perls, Hefferline e Goodman (1997) que denotam que a experiência advém dessa interação de fronteira organismo/ambiente, e Belmino (2020) corrobora, ao mensurar a dinâmica da função Id do sistema self de contatos, nos categorizando que existe um atravessamento que depende muito mais do campo ao qual o organismo se constituiu do que de sua própria vontade; isto é, as marcas transgeracionais, por exemplo. Outrora, após um Simpósio de Mulheres, ocorrido em Santarém do Pará, evento mobilizado pela Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) em alusão ao mês do dia da mulher, as palestrantes, Norah Guimarães e Priscila Castro, nascidas na Amazônia, relatam suas vivências neste território em que também se criaram. Diante do enredo destas, em defesa de suas origens, a canção de Jana Figarella, Carimbó com Merengue, cantada ainda pela convidada (e cantora) Priscila, soa como um insight: “minha sorte foi nascer no Norte”. Assim, se evidencia o sentimento de pertencimento e orgulho envolvidos na colocação de que a Amazônia é o lugar delas. Neste sentido, entrei em um processo Aware, citado por Alvim (2014) como essa presentificação de uma consciência que se sente e que mobiliza o organismo em prol de um saber tácito, fazendo contato com minha própria jornada e me questionando sobre o meu lugar, visto que minhas origens são de essência predominantemente Nordestina. Aqui quero atentar que o nosso país é um país de imigrantes, portanto, eu sou um imigrante por ter vindo do Nordeste para o Norte. E ao me dar conta de que, por mais que hoje eu viva os costumes de onde estou, eu não o domino, mas também não domino os costumes da região que nasci. Seguindo então a lógica teórica de campo conforme Ribeiro (2021), em que as forças no ambiente-organismo atuam no fator psicofísico do indivíduo como um todo, fui novamente atravessado por me dar conta de que o atual Congresso me levaria exatamente de encontro a todo essa perspectiva, visto que iria ocorrer na capital do estado onde eu nasci. Contudo, este texto implica o sentimento de imigração que tanto nos é negado no Brasil e que agora, eu o reconheço em minha vivência, olhando para as minhas origens como campo que hoje é geograficamente distante. Concordo com a fala de Elis Marques no IX Encontro de GT, quando diz: “nós exotizamos a migração, por não a reconhecer como existente em nossa própria história” (2022). Portanto, eu vim até aqui para me (re)conectar com a minha Terra.

Palavras-chave: Território, Imigração, Fronteira de Contato

EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: PERSPECTIVA CRÍTICA E DE CAMPO

Ana Luiza Santos da Silva[36]
Graduanda em Psicologia e Gestalt-Terapeuta
analuizakroeber19@gmail.com
Universidade Presidente Antônio Carlos – FUPAC CL

RESUMO: Introdução – O campo da saúde mental é um contexto que precisa levar em consideração o envolvimento de implicações sócio-históricas. Não se trata de um processo desvinculado desses vieses. É indispensável que as (os) usuárias (os) dos serviços de saúde mental sejam vistas (os) como sujeitos sociais/coletivos atravessados por questões geracionais, geográficas, demográficas, raciais, étnicas, políticas, econômicas, de classe, de gênero e tudo isso que envolve a experiência de vida no tecido social. Isso significa que desconsiderar todos esses atravessamentos é individualizar o sofrimento e culpabilizar o sujeito. Para esse trabalho, foi utilizada como suporte teórico a abordagem gestáltica que, desde o seu nascimento, foi construída de forma política e transgressora aos modelos normativos vigentes. Ademais, uma perspectiva que contribui com formas outras de se pensar os sujeitos, a sociedade e, sobretudo, as relações (im) possíveis no campo. **Objetivos –** Compreender o modo de atuação da Psicologia no CAPS, seus desafios e refletir sobre a ética do cuidado. Aproximar-se das(os) usuárias(os) do serviço, por meio da escuta. **Metodologia –** A Gestalt-Terapia é uma perspectiva que busca romper com o modelo hegemônico (centrado no biologicismo e na medicalização) de se ler as psicoses. De acordo com Müller Granzotto & Müller Granzotto (2012a), as transformações nas representações sociais sobre a loucura, antes um objeto de dispositivos disciplinares, passou a ser vista como forma singular de socialização tendo um dos objetivos ampliar a capacidade dos sujeitos psicóticos para estabelecer contratos sociais. Ou seja, as psicoses passaram a ser vistas, em alguma medida, como uma forma de ser, de se expressar. De acordo com a clínica gestáltica, as psicoses não são um acontecimento individual, mas sim fenômenos de campo. Sendo assim, vivências com as poesias de Manoel de Barros foram construídas e experienciadas em grupo de modo que as pessoas pudessem expressar (pela fala, pelo desenho, pelos gestos; etc) como aquela poesia as afetaram. Assim, o campo de afetações se fez presente de modo a autorizar o sentir, independentemente de um julgamento normativo e moral. **Resultados –** Por mais que os CAPS sejam uma alternativa criada com a finalidade de substituir os chamados hospitais psiquiátricos/manicômios, o modelo manicomial ainda não foi ultrapassado. Vale ressaltar que o manicômio não é somente uma instituição física. Trata-se de uma lógica que perpassa a saúde mental por meio das diversas profissões envolvidas, a tomada de decisões e, sobretudo, destrói formas possíveis de exercer a ética do cuidado, esperada no interior de instituições como os CAPS. Quando a suposta saúde mental é baseada em uma norma e moralidade, subjetividades desviantes são vistas como um fenômeno a ser corrigido. Dessa forma, a patologização de identidades e sua respectiva "correção" pela via indiscriminada da medicamentalização aniquilam a possibilidade de dar lugar ao estranho e ao infamiliar suprimindo as singularidades. **Conclusão –** Não é possível fazer uma psicologia que não seja social e crítica. Mesmo quando se está diante de apenas um sujeito na clínica dita 'individual', se está diante também de um eu que é coletivo: dotado de marcadores sociais, perfurado pelos estigmas familiares/sociais e também como um sujeito sócio-histórico. Sujeito esse que não é simplesmente um indivíduo, vivenciando exclusivamente sua individualidade. Embora estejamos ali diante de um sofrimento encarnado em um corpo, a constituição e manutenção desse sofrimento se dá no e pelo coletivo; onde se é transformado e exerce

[36] Cursando o nono período da Graduação em Psicologia.

transformações também. Para uma psicologia verdadeiramente crítica, faz-se necessário que haja o fortalecimento de sua própria descolonização.

Palavras-chave: CAPS; Antimanicomial; Ética.

IDENTIDADES TRANS NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA GESTALTICA

Macela Marta da Costa Tenório
Graduada em psicologia (FACID-WYDEN)
Esp. Gestalt-Terapia com ênfase clínica (FACULDADE INSPIRAR)
Esp. Saúde Mental e Desenvolvimento Humano (PUC-PR).
macelamarta@gmail.com

Rosangela Parga Oliveira
Graduada em psicologia (UNIFSA)
Esp. Ansiedade e Depressão (FAEVE)
Psicóloga
rpparga@gmail.com

RESUMO: O temo Trans que por muito tempo foi utilizado para se referir a uma única categoria identitária atualmente vem sendo utilizado como um termo guarda-chuva que engloba uma série de identidades que fogem às determinações cis heteronormativas (NASCIMENTO, 2021). As identidades contempladas pelo termo abrangem transexuais, mulheres transgênero, homens transgêneros, transmasculines e pessoas não binárias. Apesar de alguns autores incluírem a identidade travesti neste grupo, Leticia Nascimento opta por posicioná-lo do lado de fora, atribuindo a este uma postura política de afirmação identitária. Partindo do exposto, objetivo deste estudo consiste em realizar uma articulação discursiva entre as noções de identidades Trans e a teoria de self gestáltico. Para isso foram utilizados teóricos que discutem as questões de gênero, em especial os que se debruçam a discutir a teoria "queer", traçando um paralelo entre as proposições teóricas da Gestalt-terapia. A constituição das identidades trans nos convida a pensar para além da dicotomia sexo/gênero. Faz-se necessário analisar o poder exercido pela cultura na imposição de modos normativos de ser, através de uma perspectiva biologicista, em detrimento da patologização, banalização e/ou impedimento de modelos que fogem a essa norma. Essa perspectiva nos remete automaticamente à teoria do self gestáltico, e às vulnerabilidades da função personalidade que constituem estes sujeitos. Perls, Hefferline e Goodman (1997), ao conceituarem a função personalidade, a definem como reprodução material do self, sendo esta função o espaço no qual são desenvolvidos os elementos resultantes da interação com o meio social. É através da interação social e da relação com o outro que uma identidade pode ser confirmada ou anulada. Essas ações impactam diretamente a função personalidade podendo gerar desde segurança e autonomia, a aflição, perda da espontaneidade e sensação de aniquilação. A lógica cultural ocidental coloca pessoas que fogem a norma cis heteronormativa em uma posição de rivalidade e inferioridade. Louro (2022), argumenta que sujeitos que fogem à normatividade exercem um importante papel na desconstrução de padrões da dita normalidade, de transgressão, de percorrer caminhos ainda não traçados atravessando ou permanecendo nas fronteiras. Logo, é a partir desse movimento que esses sujeitos passam a representar um risco para a "estabilidade social", assim as partes ameaçadas buscarão formas de contenção que na maioria das vezes ocorrerão através de violações e violências oriundas dos mais diversos dispositivos. Santana e Belmino (2017), aponta que essas formas de contenção culminam em um impedimento da satisfação de necessidades primordiais ao equilíbrio organismico bem como de vivências identitárias, no qual a liberdade para expressão livre do ser é cerceada, culminando em uma vulnerabilidade das funções do self (id, ego e personalidade), a contenção e limitação do meio submete esses sujeitos a interrupção da satisfação de necessidades básicas ao equilíbrio organismico, bem como os atos violentos e discriminatórios por vezes os posicionam em uma vivência de desamparo, despersonalização e perseguição. Através do paralelo traçado podemos concluir que, apesar das tentativas de imposições das formas de controle, violações e violências, o sistema Self não deixa de tentar

preservar a homeostase organismica dos sujeitos, mesmo que para isso precise lançar mão de mecanismos de defesa. Percebe-se ainda que as lutas sociais e movimentos emancipatórios vem proporcionando a ampliação gradativa do suporte ambiental para que a função self se fortaleça através dessas interações. Ademais, cabe ressaltar que a Gestalt-terapia desde a sua constituição adota uma posição social acolhedora do diferente, apoiada em uma perspectiva fenomenológica que permite o surgimento do inesperado e do desvio e que dessa maneira possibilita a ampliação das funções de contato destes sujeitos com o meio, visando sempre proporcionar o melhor ajustamento criativo dentro das suas possibilidades existenciais e que lhes permita uma vivência identitária o mais livre possível dentro do seu campo relacional.

Palavras-chave: Identidade de gênero; Trans; Teoria do Self.

MANEJO CLÍNICO COM MULHERES LÉSBICAS: SOCIEDADE E CULTURA COMO LIMITADORES DE CONTATO

Gabriella Magalhães Gasafe Pires
Estudante de Psicologia
gasafegabriella@gmail.com
Universidade de Mogi das Cruzes

Mônica Milena Murakami
Estudante de Psicologia
monicamurakami@hotmail.com
Universidade de Mogi das Cruzes

Oswaldo Alcanfor Ramos
Psicólogo, professor e supervisor
oswaldoramos@umc.br
Universidade de Mogi das Cruzes

RESUMO: A cultura brasileira retém uma história carregada de múltiplas violências contra mulheres e a população LGBTQIA+, promovendo uma cultura baseada em estereótipos e violências ainda reputados atualmente. Em 2022, no Brasil, dos 3.930 assassinatos, 1.410 foram casos de feminicídio[37]. Além disso, o país ocupa o primeiro lugar no ranking de crimes contra minorias sexuais[38], com um aumento de 237% nos casos de lesbocídios entre 2014 e 2017[39]. Essa realidade tem raízes na colonização europeia, que continua atuando na nossa sociedade através de mecanismos de controle de subjetividades, definindo como normativo o homem branco, civilizado, cisgênero e heterossexual, com a presença marcante da igreja católica[40]. A Psicologia, também imbricada nessa história eurocêntrica, contribui para práticas excludentes e violentas no atendimento à população LGBTQIA+, principalmente pela via da invisibilidade nos serviços de saúde[41]. Por sua vez, a Gestalt-terapia possui uma visão holística do ser humano como um ser biopsicossocial[42], assim, é possível compreender a existência de uma mulher lésbica em seus múltiplos atravessamentos. Nessa abordagem, considera-se a indissociabilidade entre organismo e ambiente[43], o que significa que, ao abordar sobre a existência de mulheres

[37] VALESCO, Clara; GRANDIN, Felipe; PINHONI, Marina; FARIAS, Victor. **Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas**. G1. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-re corde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>. Acesso em: mar. 2023.

[38] GRUPO GAY DA BAHIA. População LGBT morta no Brasil. Relatório 2018. UNDP (United Nations Development Programme). 2020. 2020 Gender Social Norms Index (GSNI): Tackling Social Norms: A game changer for gender inequalities. New York.

[39] PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felippe; DIAS, Maria Clara. **Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil**: de 2014 até 2017. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.

[40] SANTOS, Vivian Matias. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia e Sociedade**, online, v. 30, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30200112>. Acesso em: mar. 2023.

[41] ALBUQUERQUE, Grayce Alencar; GARCIA, Cíntia de Lima; ALVES, Maria Juscinaide Henrique; QUEIROZ, Cicera Monalisa Holanda Teles de; ADAMI, Fernando. Homossexuaidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 516-524, jul./set., 2013.

[42] PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

[43] ALVIM, Mônica Botelho. A clínica da Gestalt-terapia: experiência e criação. **Mosaicos**: estudos em psicologia, Minas Gerais, v. 4, n. 1, p. 66-69, 2010.

lésbicas, é fundamental considerar os contextos históricos, políticos e culturais em que estão inseridas. Diante dessa realidade, o presente trabalho objetivou compreender como se dá o manejo clínico da Gestalt-terapia com as demandas específicas de mulheres lésbicas, tendo como objetivos específicos: (1) compreender como mulheres lésbicas adoecem pela noção de papel social deturpada pela origem sociorreligiosa, política e cultural e quais são as dimensões deste adoecimento; (2) compreender alguns ajustamentos criativos desenvolvidos por mulheres lésbicas no enfrentamento das violências sociais a que são submetidas; (3) explorar o funcionamento do self e suas possíveis interrupções frente a tais violências; e (4) identificar algumas possibilidades de manejo clínico diante das demandas específicas dessa população. Para isso, foi realizado um estudo exploratório, de natureza qualitativa e delineado por pesquisa bibliográfica, utilizando artigos, monografias, dissertações e livros publicados entre 2013 e 2023 com o referencial teórico da Gestalt-terapia. Como resultados, foram apresentados: desintegração do self, ajustamentos criativos disfuncionais, neuróticos ou psicóticos, comportamentos retroflexivos, barreiras na fronteira de contato e vivência do aqui e agora, interrupções do ciclo de contato e do fluxo de *awareness* interferindo no funcionamento do fundo de vivências no campo. Frente a tais demandas, foram identificadas algumas atuações possíveis de gestalt-terapeutas, como a compreensão da realidade em sua totalidade, considerando a presença da lesbofobia na interação organismo/ambiente, intervenções que ampliem *awareness*, favoreçam a vivência no aqui e agora, fortaleçam o autossuporte, promovam a destruição de cristalizações, o reestabelecimento do contato e a criação de ajustamentos criativos que integrem o self por meio da relação psicoterapêutica e a afronta à esse sistema social que exclui, discrimina e violenta as mulheres lésbicas.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Mulheres lésbicas; Contato.

MEDIAÇÕES ENTRE ESCOLA E ALUNO EM INCLUSÃO: CONTRIBUIÇÕES GESTÁLTICAS SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR

Ítalo Gustavo Pires Santos
Psicólogo
italo.piresantos@gmail.com
Instituto Quilombo Gestáltico

Flavia F. Silva
Doutoranda
flaviafsilva.psi@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Esse trabalho se propõe a pensar a ideia de educação inclusiva que vem sendo difundida desde a década de 1990, e que se apresenta hoje como a forma de possibilitar a entrada de alunos com deficiências, neurodivergências e necessidades educacionais especiais em escolas de ensino regular. Porém, mesmo com a promulgação da Declaração de Salamanca (1994), a elaboração da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) e a presença como uma meta no Plano Nacional de Educação (2014), o trabalho com a inclusão ainda é visto com dificuldade pelas escolas. Dentro do formato institucional escolar atual ainda não se encontrou uma maneira adequada para atender essa demanda, havendo um despreparo e falta de recursos para a chegada desse público. Desse modo, as escolas necessitam de construir estratégias que garantam não só a entrada, mas a permanência desses alunos nas escolas regulares. Uma dessas estratégias encontradas é a presença de mediadores escolares ou acompanhantes terapêuticos (ATs), profissionais especializados que fazem uma ponte entre o aluno em situação de inclusão e a escola, cujo trabalho envolve a adaptação de materiais, tarefas e provas para um formato acessível ao aluno, o acompanhamento em momentos em que a necessidade do aluno sair da sala de aula para a realização das atividades, entre outros (KAUFMAN; TABAK, 2016). Entretanto, a permanência no espaço escolar não se resume à realização de tarefas escolares. Há uma presença exigida pela escola que muitas vezes não é atingida pelo aluno em situação de inclusão devido a sua especificidade. Observa-se, também, uma dificuldade de se compreender o papel do mediador ou do AT, sendo a presença de um profissional, muitas vezes contratado pela família do aluno, encarada com receio e desconfiança. Assim, o objetivo é compreender como o trabalho da mediação escolar pode contribuir na relação entre o aluno em situação de inclusão e a escola regular, trazendo essa relação a partir da teoria do self. A partir da experiência do campo escola-aluno, percebe-se que nesse encontro de diferenças as estruturas do sistema self são convocadas. Seu fundo sensível e todo um sistema de crenças e representações darão suporte para a forma como a criança irá responder ao processo de inclusão escolar. Espera-se identificar as dificuldades da instituição escolar, enquanto agente de uma sociedade que busca normalizar e enquadrar o que pode ser neurotizante, em oposição a uma prática que construa uma proposta inclusiva e diversa de fato. Além disso, reconhecer a potencialidade dos ajustamentos de isolamento, de busca, de preenchimento e de articulação realizados por alunos em situação de inclusão. Para tal, parte-se de uma fundamentação bibliográfica que abrange teóricos da Gestalt-Terapia (Müller-Granzotto; Müller-Granzotto, 2012; Perls et al., 1997) e da educação (Anjos, 2015; Burow, Scherpp, 1951; Kaufman, Tabak, 2016) e da análise de relatos e vivências do autor enquanto mediador escolar em escolas particulares do Rio de Janeiro e São Paulo. Nessa relação entre a escola e o aluno em situação de inclusão, que por vezes se mostra conflituosa, a figura do mediador aparece como agente, operando nas dimensões ética, política e antropológica (Müller-Granzotto, Müller-Granzotto, 2012). Na dimensão ética, o mediador acolhe o estranhamento não suportado pela instituição escolar. Pela dimensão política, atua em

nome das necessidades, desejos e desenvolvimentos demandados e produzidos pelo aluno. Por fim, na dimensão antropológica, cuida de sua humanidade, vínculos e de seu direito de permanecer no espaço escolar. Entende-se a figura do profissional de mediação escolar ou AT como agente importante na construção de uma educação inclusiva. Assim, sua presença nos espaços escolares deve ser fomentada e incentivada para que essa possibilidade de trabalho não se destine apenas àquelas famílias que possam arcar com a contratação de um profissional, mas que faça parte das políticas públicas de inclusão.

Palavras-chave: Inclusão escolar; Mediação escolar; Teoria do self

MULHERES E RAIVA: DESAFIOS VIVENCIADOS POR MULHERES NA EXPRESSÃO DA RAIVA

Laricia Nogueira Alexandre
Psicóloga
Gestalt-Terapeuta
lariciaalexandre9@gmail.com

Nayara Soares Duarte
Psicóloga e Gestalt-Terapeuta
nayarasduarte.psi@gmail.com

Letícia Carvalho Monteiro Leite
Psicóloga
leticiacmleite.psi@gmail.com

Leda Mendes Gimbo
Doutora em Psicologia
Gestalt-Terapeuta
ledagimbo@ufg.br
UFG

RESUMO: Perls, Hefferline e Goodman (1997) definem raiva como uma paixão simpática que une as pessoas por ser misturada ao desejo, possuindo três componentes agressivos: a destruição, a aniquilação e a iniciativa. Dessa forma, todo organismo cresce incorporando, digerindo e assimilando novas substâncias dentro do campo, tais processos necessitam da destruição dos elementos existentes para que a assimilação possa ocorrer. Tendo em vista o papel da Gestalt-Terapia, que em compromisso ético e político, se contrapõe às normas violentas, e busca intervir confrontando as formas de opressões que atingem o sujeito, o presente estudo busca compreender a expressão da raiva para além daquilo que é perpassado socialmente - que como escreve Oaklander (2022), é visto como algo proibido e perigoso. Consideraremos aqui a raiva em interseccionalidade a desigualdade de gênero, o que faz pensar criticamente sobre a intensificação de introjeções superpostas à mulher na expressão dessa emoção. Os autores Alvim e Ribeiro (2009) apontam que na clínica da gestalt-terapia, o objetivo é a integração da experiência, e para isso, é preciso que se faça contato com o novo, com aquilo que aparece, reconhecendo assim, a necessidade presente no campo, o que permite a criação e assimilação. Diante disso, a raiva pode aparecer enquanto uma necessidade iminente dada na situação. No entanto, aprendemos ainda quando crianças, que este é um sentimento ruim e perigoso que deve ser evitado a qualquer custo. A partir de introjetos, somos ensinados a reprimir a raiva e consequentemente, como discutiremos adiante, o próprio processo de crescimento e desenvolvimento do self (OAKLANDER, 2022). Segundo a autora Zanello (2018) o processo de subjetivação das mulheres, que valoriza a retenção e não a expressão da raiva, as levam à implosão psíquica. Constantemente manifestações de agressividade associadas às mulheres são: auto agressividade, choro prolongado, autocompaixão, ou seja, manifestações ditas “femininas”. Belotti (1983, p. 62) define assim o choro tão comum nas mulheres: "acesso de raiva impotente". Esse trabalho pretende discutir sobre a raiva vivenciada por mulheres a partir da teoria do self e da interseccionalidade diante da desigualdade de gênero. A metodologia consiste em estudo qualitativo, desenvolvido sob a ótica da Revisão de Literatura, no qual possui um caráter introdutório que tende a abrir uma discussão sobre a temática sem esgotá-la. Trata-se de uma revisão do tipo narrativa, cujo objetivo é apresentar e explorar um tema com base na análise e síntese de pesquisas científicas (MOREIRA, 2004). Diante disso, pensar a raiva sentida e expressada pela mulher, é considerar os papéis identitários perpassado pela desigualdade de gênero que se relacionam com a interseccionalidade, que como

descreve Akotirene (2019), são marcadores sociais que potencializam o sofrimento de um corpo. Nesse sentido, há um lugar vivenciado pela mulher que já é demarcado por uma violência estrutural que a atravessa. Gimbo (2022), menciona que a violência parte de um lugar histórico, aparece e se repete em dada situação, se impondo em um lugar de poder e controle, que inscreve uma lógica identitária para quem a comete e quem sofre, agressor e vítima. No que tange a violência da desigualdade de gênero, socialmente é imposto o papel que a mulher deve exercer, imbricado a dominação do desejo e privação dos corpos, que ditam as regras sobre trabalho, sexualidade, forma de se vestir, de ser e estar no mundo. Dócil, delicada e submissa. Em contrapartida, o homem exerce a liberdade. Nesse contexto, já implica saber que a raiva é potencialmente mais proibida à mulher. Diante do que foi apontado, considera-se necessário pensar modos de enfrentamentos não só individuais, como também coletivos, tendo em vista o olhar interseccional da raiva vivenciada por mulheres a partir de introjeções pautadas na desigualdade de gênero. Considera-se relevante pensarmos recursos coletivos e individuais para dialogar sobre os sentimentos e emoções, sobretudo à raiva, como a elaboração de políticas públicas de educação emocional nas escolas, a criação de espaços coletivos de debate sobre gênero e emoções, além de maior aprofundamento teórico sobre o tema para profissionais da psicologia e Gestalt-terapia.

Palavras-chave: Gestalt-Terapia; Mulheres; Raiva.

O CORPO FEMININO REGULADO PELO SISTEMA CAPITALISTA: DO CONTROLE SOCIAL ÀS FORMAS DE SUBVERSÃO GESTÁLTICAS

Thaís Pinto Fontinele[44]
Psicóloga
Ma. em Psicologia
Gestalt-Terapeuta
Professora Universitária
thaisfontinele@hotmail.com
Centro Universitário Maurício de Nassau – São Luís

RESUMO: O corpo é uma realidade histórica e culturalmente determinada, variando entre sociedades, tempos e lugares. Pensá-lo exige historicizá-lo, pois entende-se que a corporeidade é um acontecimento discursivo e a definição de sua materialidade, as maneiras de relacionar com ele são reflexos do contexto político no qual ele está inserido. Nesse sentido, o corpo é marcado pelos discursos validados através da rede de poder-saber que vigoram em cada cultura. Entendendo o corpo na contemporaneidade como um "alvo do poder", propõe-se investigar como a cultura capitalista tem nele investido a fim de modelá-lo e corrigi-lo, em direção a um ideal pré-estabelecido. O corpo feminino na sociedade contemporânea ocidental se apresenta como resultado do investimento de uma rede articulada de discursos e normas; e objetivado pelos padrões de saúde e beleza, critérios estéticos, de produtividade, *status* e visibilidade social. Esse estudo objetiva discorrer sobre os impactos psicossociais derivados desse entendimento de corpo. A preocupação com a imagem corporal é uma questão de ordem social, mas que é vivenciada por cada mulher de maneira pessoal, visto que a grande maioria toma como responsabilidade própria a tarefa de se colocar a serviço do próprio corpo e, de maneira ativa, acabam fazendo dessa a sua própria causa. As questões corporais hoje são a expressão de um novo fenômeno social e político, que se orienta pelo signo do consumo e indica uma nova moral. Assim, o lugar da mulher na sociedade é regulado por esse imperativo tirânico, solapsando as singularidades e incidindo na produção de identidades homogeneizadas, geradoras de sofrimento. Diante de tantas mercadorias, bens e serviços em oferta no mercado, os caminhos para se alcançar o "corpo perfeito" são apontados, cada vez mais, como o caminho para a felicidade e a realização pessoal. Os tentáculos do capitalismo capturam as subjetividades das mulheres, com a divulgação massiva das imagens associadas à moral "ideal", a fim de que elas fabriquem suas imagens de acordo com o padrão mercadológico, que, por sua vez, abre as portas para uma visibilidade que garante privilégios. Contudo, cabe-nos questionar: como um único padrão de beleza pode ser apontado como o ideal para milhares de mulheres singulares, de tamanhos, cores e características pessoais tão diferentes? Assim como a colonialidade do poder tentou assolapar identidades particulares, forjando papéis sociais marcados por uma noção hierárquica, opondo conquistadores e conquistados, dominantes e dominados, com base em um discurso socialmente produzido e justificado pela criação da ideia de raça, a distribuição social continua acontecendo de modo a fixar lugares para as pessoas a partir dos seus traços corporais. Respeitadas as proporções da comparação empreendida, sem objetivarmos colocar em paralelo os prejuízos causados por tais processos de dominação, pretende-se apenas demarcar que assim como o padrão hegemônico da branquitude pretendeu engolir a enorme variedade de identidades possíveis, a cultura do culto ao corpo também tem pretendido estetizar a diversidade corporal feminina em torno de uma estética limitada. A lógica disciplinar que visa ao controle social dos corpos no capitalismo cobra um alto preço para manter a sua engrenagem funcionando, a saber: a dessensibilização e a desvitalização que impedem que as mulheres

[44] Psicóloga e Mestra em Psicologia (UFMA); Gestalt-terapeuta (Faculdade Inspirar), Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Maurício de Nassau São Luís.

experienciem suas relações com seus corpos de maneira integrada. A relação com o corpo passa a se pautar por uma lógica objetiva, utilitária e instrumental. Assim, pensando com Buber (1923), podemos inferir que se trata de uma relação predominantemente Eu-Isso, em que se toma o corpo como um meio para se atingir um fim, e não uma experiência de encontro genuíno. Portanto, cabe ressaltar que para a gestalt-terapia saúde não significa necessariamente bem-estar, ou ausência de dor, mas presença e engajamento. Assim, compreende-se que a cultura consumista que incentiva as pessoas a perseguirem o prazer e evitarem a dor não corresponde à verdadeira noção de saúde na qual a gestalt-terapia está assentada, visto que comprar mercadorias para moldar o corpo a uma estética espetacularizada não apenas não garante a felicidade individual, como afasta a possibilidade de estabelecimento de uma relação com o corpo pautada pela presença, de maneira integrada, criativa e livre. Sob os fundamentos éticos da abordagem gestáltica o corpo deve ser pensado como a própria experiência humana, a sede do encontro sujeito-mundo, defendendo a abertura para o acolhimento à diferença desviante como modo de transformação social.

Palavras-chave: Corpo; Sociedade de Consumo; Gênero.

O PAPEL SOCIAL DA PSICOLOGIA ESCOLAR NO PROCESSO DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO NO IFPR - CAMPUS UMUARAMA

Júnior Cezar Castilho[45]
Mestre em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias
junior.castilho@ifpr.edu.br
Instituto Federal do Paraná - Campus Umuarama

RESUMO: O trabalho como princípio educativo é o cerne da proposta de criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia em todo o território nacional. A proposta baseou-se na criação de uma escola que rompesse o ranço histórico de uma formação para o trabalho meramente mecanicista, para uma compreensão ontológica do mesmo. No Paraná, o processo seletivo de ingresso na instituição leva em consideração uma política institucional de cotas, que destina 80% das vagas à inclusão. Entretanto, é fato que esse tipo de política não pode estar restrito apenas ao processo de ingresso, uma vez que a permanência dos estudantes é o grande gargalo do Instituto Federal do Paraná (IFPR), que instalou uma política de Assistência Estudantil, inclusive no repasse de recursos financeiros, destinados àqueles em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Para acompanhar esses estudantes em seu percurso escolar, os campi do IFPR contam com uma equipe multidisciplinar, composta por pedagogos, assistente social, Técnicos de Assuntos Estudantis e Psicólogo Escolar. Não obstante, tanto a existência dessa equipe quanto a financeirização dos estudantes em situação de vulnerabilidade não são garantia de permanência e êxito. No IFPR, é grande o número de estudantes evadidos, tanto no ensino médio quanto no superior. Para refletir sobre o processo de inclusão/exclusão no IFPR é que se buscou subsídios de investigação dentro da perspectiva da Psicologia Social Comunitária, por entender necessária uma imersão na vida cotidiana desses estudantes ingressantes, sujeitos reais e não meros números estatísticos. Neste trabalho, objetivamos investigar na perspectiva da Psicologia Social Comunitária o processo de inclusão/exclusão discente no IFPR, objetivando potencializar teoricamente a ação da equipe multidisciplinar. O IFPR propõe uma formação escolar técnica e tecnológica para o mundo do trabalho. Constitui-se representante de um microcosmo social de relações políticas e de poder, no qual, segundo Kuenzer (2009), se constrói uma dualidade estrutural, antepondo forças de inclusão excludente e de exclusão includente. Essa relação dialética sobre um modelo de sociedade pautada no capitalismo e a consequente formação de grupos de cidadãos apartados dos bens econômicos e culturais produzidos e do papel da escola como reforçador e perpetuador desse modelo é o pano de fundo do texto exclusão social e fracasso escolar. No texto, Spozati (2000) propõe pensar a escola para além dos muros e do projeto pedagógico que a cercam, pensando também nas condições de acesso, moradia, renda, transporte, família, etc. Mais que acesso, é necessário criar condições de permanência para além da mera escolarização bancária, ou da financeirização da permanência forçada, sem entender o estudante como um sujeito histórico. Freitas (2006) discute os significados e usos da concepção de exclusão. Partindo de um viés histórico, apresenta uma construção social amparada num modelo de sociedade tradicional, típica do período colonial, que criou situações de diferenciação social de classes, cuja participação dos indivíduos criou dimensões psicossociais de exclusão-participação. Discorre que não bastam medidas paliativas de preenchimento de lacunas pontuais (como aumento de vagas em escolas), mas uma formação plena quanto ao desenvolvimento educacional, cultural, intelectual, artístico e afetivo intrínsecos à humanidade e sua trajetória histórica. Logo, possuir

[45] Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá e em Letras/Libras pela UNIOESTE. Possui especialização em Docência no Ensino superior pelo Centro Universitário de Maringá, Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias pela UNOPAR. Atua como Técnico em Assuntos Educacionais no Instituto Federal do Paraná - Campus Umuarama.

uma equipe multidisciplinar ou uma política institucional de financeirização não faz do IFPR uma escola inclusiva e democrática, pois são ações que podem perder-se de forma paliativa se não for realizado um trabalho que contribua realmente com a formação de redes psicossociais comunitárias autênticas e participativas. Considerando as políticas de ingresso do IFPR, muitos dos estudantes que frequentam a escola tem nela, talvez, a única oportunidade de acesso a uma escola cuja proposta de ensino difere de um modelo tradicional de educação dito "meritocrática", mas que reproduz modelos de inclusão excludente. Logo, é preciso entender o enleio histórico da vida social dos diferentes grupos que compõem a instituição e buscar articulá-los em movimentos sociais coletivos e solidários, numa perspectiva equânime. A realização deste estudo acerca da inclusão/exclusão educação profissional no IFPR pode contribuir para que seu corpo pedagógico, administrativo, docente, discente e suas famílias reflitam sobre este tema e possam repensar práticas comunitárias, vislumbrando a melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem, criando condições para se promover a educação enquanto política pública comprometida com a transformação da realidade local, de forma significativa a todos os envolvidos no processo.

Palavras-chave: Psicologia Social; Institutos Federais; Equipes Multiprofissionais.

O RACISMO CONTRA A MULHER NEGRA: DESAFIOS PARA A GESTALT-TERAPIA

Débora Rafaela Silva Brito
Graduanda em Psicologia
brito.s.r.d15@gmail.com
Universidade Federal do Delta do Parnaíba

RESUMO: No Brasil há mais de 500 anos as mulheres negras sofrem com o racismo direta ou indiretamente. A identidade de muitas dessas mulheres foi construída ao longo dos anos por preconceitos e violências, que podem causar sentimentos de inferioridade, angústia, culpa e vergonha por seus próprios corpos. As políticas de subjetivação impõem padrões para papéis e posições sociais a partir de uma noção de raça e gênero dominantes, causando com que esses corpos muitas vezes sejam invisibilizados e inferiorizados. Diante disso o objetivo desse artigo é refletir sobre o racismo contra mulheres negras, sua influência na construção da identidade feminina negra e como a Gestalt-terapia pode contribuir como um espaço de escuta e acolhimento possibilitando a *awareness* e sendo uma clínica crítica e política na luta contra o racismo. Para tanto foi realizada uma revisão bibliográfica com a participação de autores relevantes a fim de enaltecer o estudo, utilizando como bases de dados plataformas de pesquisa como Scielo e Scholar google com os descritores “racismo e gestalt-terapia”, "gênero e gestalt-terapia”, “gestalt-terapia crítica e política". O racismo estrutural pode causar sofrimento nas mulheres negras, pois associa a imagem delas a aspectos pejorativos, como um corpo extremamente sexualizado, violentado e inferiorizado. Tais aspectos depreciativos podem fazer com que essas mulheres se sintam insatisfeitas com seus próprios corpos, tendo dificuldades nas suas relações e confusão em definir quem são. O racismo estrutural também faz com que essas mulheres tenham menos oportunidades e estejam nos grupos sociais mais pobres do país. Nas suas vivências elas experienciam o silenciamento, uma das formas de perpetuação do racismo que atinge essa população seja direta ou indiretamente. Nesse sentido é importante perceber a importância do respeito às singularidades dessas mulheres, da fala, do lugar de fala e das potencialidades de cada uma para uma construção do empoderamento feminino negro. A clínica, assim, é um espaço político e crítico quando falamos de pessoas negras, primeiro porque as suas intersubjetividades são atreladas aos traumas sofridos pelo racismo e machismo, sendo assim os aspectos psíquicos e sociais precisam ser levados em consideração, como também as singularidades e vivências de cada pessoa, pois cada uma terá uma experiência diferente frente a cada situação de violência. Segundo porque as intersubjetividades também são construídas pelas possibilidades do campo, de se reconstruírem, se perceberem para além das questões de raça, entendendo suas potencialidades e possibilidades de existir no mundo. Perante o exposto, a Gestalt-terapeuta precisa estar atenta às questões de raça e gênero existentes na vida dessa população, com uma escuta qualificada e acolhedora fornecendo um ambiente seguro e sem julgamentos que proporcione o contato com suas expressões individuais, favorecendo a *awareness* para que possam ressignificar suas vivências e se fortalecerem enquanto mulheres negras, entendendo suas formas de existir e suas potencialidades, aceitando e respeitando quem são de verdade, por meio da vivência das suas experiências no aqui-agora. Assim poderemos construir uma Gestalt-terapia crítica e política em sua teoria e prática que entenda todas as formas de ser e estar no mundo e os impactos causados pelas opressões sofridas em razão da raça e do gênero, podendo então reconhecer o ser humano em sua totalidade.

Palavras-chave: Racismo e Gestalt-terapia; Racismo e mulheres negras; Gestalt-terapia crítica e política.

OS IMPACTOS DO CONSERVADORISMO NAS DISFUNÇÕES SEXUAIS MASCULINAS

Venâncio Miquelino
Psicólogo
vmiquelinopsic@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho advém de uma produção de conclusão de curso, sendo realizado em uma pós-graduação em Sexologia Aplicada, consistindo em uma revisão narrativa da literatura, com recorte dos anos de 2017 a 2022, a respeito das disfunções sexuais com enfoque no público masculino, a fim de compreender quais aspectos do conservadorismo podem influenciá-las, levantando a produção acadêmica brasileira para tal. Dentre os artigos selecionados, foram excluídos artigos que não foram escritos com base no contexto brasileiro e que não tinham como foco o público masculino, de modo a ter um recorte delimitado e por se tratar de uma pesquisa limitada no tempo. Além dos artigos sobre disfunções sexuais masculinas, foram pesquisados artigos que pudessem trazer o conceito de conservadorismo e a aplicação deste no atual contexto brasileiro. O conservadorismo pode ser compreendido como uma manifestação social, cultural e política, que tem por objetivo conservar a tradição e as normas sociais hegemônicas, sendo algumas delas os conceitos de família, sexualidade e masculinidade. Dentre as características do conservadorismo, estão a polaridade de argumentos, a visão binária de mundo e a impossibilidade de múltiplas interpretações, que vão na contramão dos preceitos gestálticos em relação a processos de construção de saúde integral. Além disso, o conservadorismo também tende a valorizar ideias de "normalidade", "correto" e "desejado", podendo ser visto como processos de introjeção disfuncional, forçando pessoas a aceitarem sem crítica regras que não lhes cabem. Sendo assim, pauta-se na tradição e no passado, gerando figuras fixadas, com pouco espaço para fluir e completar o processo de contato. No Brasil, existe uma onda conservadora em ascensão que vem boicotando espaços educacionais desde meados dos anos 2000, tendo grande adesão em 2014, que promovem discussões a respeito de pautas progressistas, como a identidade de gênero e a orientação sexual, através do Movimento Escola Sem Partido, idealizado pela "direita conservadora". Esses conceitos conservadores são introjetados de forma massiva, impedindo a ampliação de progressos sociais, nas diversas áreas do conhecimento, e consequentemente nos processos de subjetivação, e nesse caso, nos conceitos de masculinidade socialmente construídos. É criado o conceito de "ideologia de gênero", como forma de combater o trabalho com a diversidade e a educação sexual nas escolas e universidades, por exemplo, impedindo a expressão, a compreensão e a ampliação de contato de pessoas que poderiam usufruir de sua própria autonomia para vivenciar sua sexualidade de forma integral. Com a restrição do conhecimento, principalmente os homens passam a renunciar ao autocuidado, não utilizando serviços voltados à prevenção e promoção da saúde e sofrendo mais com os adoecimentos, sobretudo aqueles de ordem sexual, seja por vergonha, falta de conhecimento ou pouca habilidade de expressão, corroborando com as ideias conservadoras do papel masculino hegemônico. Diversos adoecimentos como o câncer de próstata, a Insuficiência Renal Crônica, a hipertensão e a lesão medular traumática, por exemplo, possuem efeitos negativos diretos na sexualidade masculina, diminuindo a qualidade de vida dos homens e consequentemente de suas parcerias, que acabam por utilizar discursos conformistas para lidar com o adoecimento, demonstrando pouca flexibilidade e poucos ajustamentos criativos. A psicologia e os seus profissionais, a necessidade de formações voltadas a sexualidade no campo da saúde e a humanização vêm sendo destacados como fatores positivos para melhores resultados no tratamento de problemas sexuais, visto que rompem com o status quo, não tomando a sexualidade como um tabu.

Palavras-chave: conservadorismo; sexualidade; masculinidades.

POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS DE CONCEPÇÕES DE SURDEZ NA PERMEABILIDADE DA FRONTEIRA EM DIFERENÇA LINGUÍSTICA

Glaucia da Silva Pessoa
Psicóloga, mestranda em Psicologia Cognitiva
psiglauciapessoa@gmail.com
UFPE

RESUMO: A pessoa surda utiliza pouco ou nada da audição em seu cotidiano. A comunicação pode acontecer, majoritariamente, através de modalidades visuais de comunicação (FIGUEIREDO, GUARINELLO, 2012), como a Libras, a leitura labial, o Português escrito, imagens, entre outros. As concepções biológica e social de surdez são constructos teórico-práticos que conduzem a compreensão desta condição e podem orientar ações de sujeitos em uma situação (LEITE; CARDOSO; OLIVEIRA, 2021). A primeira é baseada em um modelo biocêntrico, considera a surdez como uma disfuncionalidade orgânica a ser corrigida. A segunda entende a surdez a partir da alteridade humana. Portanto, as restrições provêm da não adequação social às possibilidades de comunicação existentes. Dentre outros elementos, estas concepções podem facilitar ou não a permeabilidade na fronteira de contato em diferença linguística, ou seja, nas possibilidades de trocas entre a pessoa surda e o meio ouvinte. É nesta fronteira que há o reconhecimento das diferenças entre sujeito e ambiente, a possibilidade de autorregulação, de ajustamentos criativos e de crescimento e desenvolvimento a partir das possibilidades ofertadas pelo meio (FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O., 2014). Este estudo é relevante ao trazer contribuições de conceitos da Gestalt-terapia para a discussão sobre acessibilidade. Dessa forma, tem como objetivo identificar como cada concepção de surdez pode influenciar na permeabilidade do meio em fronteira de contato com o sujeito surdo. Para isso, foi realizado um estudo comparativo, teórico-descritivo de análise qualitativa. Comparar tem a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. Em estudo descritivo, comparar permite verificar analogias ou analisar elementos de uma estrutura (MARCONI; LAKATOS, 2003). Será realizada uma analogia da possível influência das concepções biológica e social de surdez na permeabilidade da fronteira de contato do meio ouvinte com uma pessoa surda. Como discussão dos resultados, entende-se que a concepção biológica condiciona a permeabilidade da fronteira à oralidade por considerar a surdez como deficiência e anormalidade (LEITE; CARDOSO; OLIVEIRA, 2021). Nesse sentido, o ajustamento criativo do meio é de preservação da oralidade como forma de linguagem, em que a pessoa surda deve se adaptar. A permeabilidade parece ser subordinada a uma forma que não é adequada a pessoa surda e, muitas vezes, é entendida como uma barreira, ou seja, uma rigidez na fronteira que dificulta ao surdo o acesso em espaços sociais. Assim, ficam restritas as possibilidades de contato e de expressão da linguagem que pode acarretar nas necessidades de as pessoas surdas não serem satisfeitas ou serem com muita dificuldade. A pessoa surda pode ter menor possibilidade de aquisição de conhecimentos e de participação em espaços que estimulem a exploração de suas potencialidades e recursos próprios de comunicação. A diminuição da possibilidade de contato pode gerar diminuição no crescimento e desenvolvimento (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2014) tanto da pessoa surda, como do meio ouvinte. Com a concepção social de surdez, a permeabilidade de contato é regulada pela forma de comunicação possível a pessoa surda, ajustando o meio às formas visuais de diálogo (LEITE; CARDOSO; OLIVEIRA, 2021). O que parece ampliar as possibilidades de contato a partir da perspectiva surda. Esta concepção favorece o autossuporte, ou seja, os recursos próprios disponíveis são úteis para o contato e, pode proporcionar o suporte de um intérprete de Libras/Português em situações educacionais e entre outros, para garantir a permeabilidade no contato. Com a troca facilitada, há crescimento e desenvolvimento tanto da pessoa surda, como o meio ouvinte ao interagirem um com o outro.

Um indicativo de mudanças na fronteira é promulgação da lei 10.436/02, que validou a Libras como forma de comunicação da pessoa surda no Brasil e permitiu a acessibilidade linguística por este meio. Esta lei pode ser entendida como uma conquista alcançada pela movimentação política em busca do reconhecimento e maior flexibilização na fronteira de contato em espaços sociais. Em conclusão, a concepção social proporciona maior permeabilidade na fronteira por reconhecer a alteridade surda e orientar a comunicação pelas modalidades mais apropriadas à experiência surda. Com a flexibilização na regulação do meio pode haver aumento nas possibilidades de contato, novos ajustamentos individuais e sociais e ampliação de espaços de desenvolvimento.

Palavras-chave: Concepção de surdez; Fronteira de contato; Acessibilidade.

SELF E CULTURA: UMA VISÃO GESTÁLTICA DO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO CULTURAL

Felipe Padilha[46]
Psicoterapeuta e professor universitário
felipepadilha.psi@outlook.com
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Leda Mendes Pinheiro Gimbo
Gestalt-terapeuta e professora universitária
ledampinheiro@gmail.com
Universidade Federal de Goiás (UFG)

RESUMO: Compreender a cultura e os modos de subjetivação cultural sob a perspectiva da Gestalt-terapia permite que exista uma visão fenomenológica integrada às temáticas da contemporaneidade como ferramenta no trabalho com migrantes e refugiados, também no entendimento de introjetos fundamentais de um meio opressor e hegemônico. Essa comunicação é um resultado preliminar da dissertação de mestrado em diálogo com um trabalho de conclusão de curso de formação plena em Gestalt-terapia de um dos autores que busca, a partir do viés gestáltico, compreender o processo de subjetivação cultural, construindo uma ponte em cunho de ensaio teórico sobre a compreensão gestáltica da cultura e dos processos de subjetivação de sujeitos, a partir de uma revisão narrativa da literatura gestáltica que aborda a temática. Essas discussões permitem uma mais ampla compreensão do processo de subjetivação cultural no contexto da contemporaneidade, numa necessária perspectiva de análise fenomenológica. Como resultados, foram encontrados, na literatura de base gestáltica, mecanismos teóricos que permitem compreender: a) a cultura a partir do desenvolvimento no campo, pelas interações do self no campo psicológico, pelo constructo de fronteira e pela função personalidade do self em Gestalt-terapia; b) uma possibilidade de compreensão de base fenomenológica do sofrimento cultural nos casos de migração e refúgio; c) constructos teóricos que permitem, a partir do entendimento da cultura em Gestalt-terapia, uma mais ampla compreensão da estruturação da identidade de sujeitos embasada num meio hegemônico, opressor, racista, homofóbico, transfóbico, xenofóbico, misógino, classista e capacitista; e por fim, d) as condições de possibilidades que determinam e produzem efeitos nas formas como nos subjetivamos e nos construímos como sujeitos e quais os impactos disso nos modos de subjetivação de sujeitos migrantes. Conclui-se, a partir da metodologia empregada, que: a) a cultura é um processo mediacional e intrínseco ao desenvolvimento humano, tendo seu caráter constituinte a partir das interações com o meio, desenvolvendo a função personalidade do self nas estruturações diversas do campo psicológico desde a primeira infância; além disso, b) é possível compreender o processo de estruturação e sofrimento cultural nos casos de migrantes involuntários e refugiados, compreendendo que suas necessidades de suporte também carecem de empréstimos simbólicos do fundo de sentidos, significantes e significados da figura do terapeuta, da comunidade e do Estado, permitindo um diálogo interacional que lhes diminui a sensação de não-familiaridade num território de significantes outros, o que pode, inclusive, contribuir para uma maior fluidez no fluxo figura-fundo. Isso se dá justamente pelo fato de que migrar muitas vezes significa ressignificar trajetórias de vida já consolidadas e romper laços fundamentais, que são base de seus próprios fundos. c) Com essas estruturações teóricas, é possível reafirmar que formar-se enquanto pessoa é um processo contínuo que depende das relações culturais estabelecidas no meio disponível, em que memórias, afetos, vivências

[46] Pós-graduando na formação plena em Gestalt-terapia pela clínica escola Comunidade Gestáltica, Florianópolis – SC.

subjetivas e interações primárias correspondem a territórios seguros de ser. Assim, d) as condições de possibilidades de subjetivação são culturais, sócio-históricas, econômicas e ocorrem a partir de determinada temporalidade. Essa constituição é assim, indissociável do campo, da situação e da dimensão relacional. Nesse sentido, a identidade migrante é totalmente afetada e sofre os rebatimentos das condições de (im)possibilidade de um tempo e dos efeitos de ser autóctone, "estrangeiro". Essa outridade posta em prática faz jus a uma emergente atenção da psicologia e da Gestalt-terapia nos seus mais centrais compromissos com uma visão crítica do meio social que oprime, exclui, mata e expulsa, contribuindo também na reconfiguração de um mundo com menos muros e mais diálogos.

Palavras-chave: Cultura; Gestalt-terapia; Processos de Subjetivação.

SER MÃE DE LGBTQIAP+ EM UM CONTEXTO CISHETERONORMATIVO

Viviane Barbosa da Cruz Castilho[47]
Psicóloga Clínica - Formação em Gestalt-terapia
vivianecpsico@gmail.com

RESUMO: Ser mãe em um contexto cisheteronormativo é viver as dores de se enquadrar em um cenário onde, historicamente, foi construído um lugar de cuidados e dedicação quase que integral de doação a essa função. Logo, pensar na maternidade e suas vivências é considerar esse caminhar por um longo período recheado de dores e cobranças, claro que com o passar do tempo, a mulher foi conquistando novos espaços. No entanto, mesmo com tantas lutas e conquistas, ainda nos deparamos com imposições de um modelo homogêneo de como se viver a maternidade. Badinter (2011) tece alguns contrapontos em relação a grandes transformações ocorridas na maternidade nos últimos 30 anos, relacionados aos desejos de mulher versus os deveres de mãe, a maternidade versus a liberdade. Esses contrapontos acabam evidenciando as ambivalências da maternidade e apontam para uma nova forma de subjetivação materna. Badinter (2011) pondera que os ideais de amor e felicidade que acompanham o projeto de tornar-se mãe "ignoram a outra face da maternidade, a que é feita de esgotamento, de frustração, de solidão e até mesmo de alienação com seu cortejo de culpabilidade." Seguindo esse raciocínio, entendemos que existe contemporaneamente uma mulher moderna com diversas funções, empoderada e desenvolvida, mas que carrega introjetos de uma mulher que se dedicava integralmente ao lar e à maternidade. E quando essa mulher é mãe de uma pessoa LGBTQIAP+, a carga de sofrimento imposto pela herança cisheteronormativa na qual nossa sociedade está estruturada é ainda maior. Ocupam um lugar escondido, de silêncio imposto e solidão. O objetivo deste trabalho é apresentar um relato de experiência sobre a prática de grupo de partilha com mães de LGBTQIAP+ supervisionado por um profissional da psicologia, para a garantia de que o lugar de fala na vivência sócio-histórica de cada uma seja respeitado. Metodologicamente, os encontros acontecem mensalmente, no formato presencial. É realizada uma introdução pela psicóloga com acolhida inicial, seguida de uma reflexão sobre algum tema específico. Deste ponto, seguem as partilhas referentes ao descobrir-se mãe de LGBTQIAP+ e em que lugar está nessa trajetória. O tempo de fala é definido em cada encontro de acordo com a quantidade de mães participantes. A ideia do grupo surgiu da solicitação de alguns pacientes que acompanhei em minha prática clínica, como também de algumas mães de pacientes adolescentes que traziam falas recorrentes de um desejo de que houvesse um lugar onde pudessem se conectar com outras mães com dores semelhantes, tendo lugar de fala, de escuta, de partilha e acolhimento. Percebi que parte das dores e sofrimentos que carregam tem muito mais relação com a cisheteronorma do que com identidade de gênero e sexualidade. A escuta nas partilhas me gerou uma série de atravessamentos, sobretudo no que se refere a lugares que, ao longo da nossa trajetória de mães, vão nos sendo impostos, sem que possamos parar e refletir se de fato gostaríamos de continuar nesses lugares simbólicos e reais, impostos e assumidos. A partir das partilhas, tem se construído um caminhar à reflexão, que leva à inquietação e se transforma em ação. Partilha é falar desse caminhar vivencial da maternidade nesse cenário cisheteronormativo, de um lugar de questionamentos. Reflexão é começar a entender que não tem nada de errado ser assim, que na verdade esses questionamentos se embasam em uma reprodução da cisheteronorma. A inquietação começa quando ao identificarem que não é sobre aceitar a identidade de gênero e sexualidade e sim sobre se acolher e se permitir nesse lugar de vivenciar a maternidade de forma íntegra. Como resultados obtidos, percebi, no decorrer dos

[47] Viviane Barbosa da Cruz Castilho é bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário de Maringá. Possui Especialização em Gestão de Pessoas pelo Instituto Paranaense e formação em Gestalt-terapia pela Escola Paranaense de Gestalt-terapia.

encontros, que a identificação desse lugar de culpa, de se sentirem mal, de se esconderem, de não poderem falar, é um lugar que foi construído socialmente ao longo da história de cada uma e que tem muito a ver com o lugar que foi adotado como padrão homogêneo de maternidade para se ocupar. Quando percebem que não precisam ficar nesse lugar, tornam-se conscientes e esclarecidas e podem assumir, a partir dessa potência, um lugar diferente na sociedade. Nessa perspectiva transformadora de si, promotora de uma estética da existência (Foucault,1984) essas mulheres contemporâneas podem permitir-se apresentar em suas diversas faces um movimento dinâmico de apreensão da maternidade em seus múltiplos processos de subjetivação.

Palavras-chave: Mães de LGBTQIAP+; Maternidade; Grupo de Partilha.

Eixo 5 – Awareness – interlocuções gestáltica e arte: expressividade e corporeidade.

A ARTE DA VIDA: O VIÉS GESTÁLTICO DA ARTETERAPIA COMO RECURSO CRIATIVO

Glayssa Teixeira de Abreu
Acadêmica de Psicologia
glayssaabreu@hotmail.com
Centro Universitário Christus

Maria Lisieux Santos Rebuças
Acadêmica de Psicologia
lisieuxreboucas987@gmail.com
Centro Universitário Christus

Deyseane Maria Araujo Lima
Doutora em Psicologia
deyseanelima@yahoo.com.br
Centro Universitário Christus

RESUMO: A arte se desenvolve a partir de diferentes tempos e carrega consigo inúmeros significados, tanto de vida como de experiências trazidas por todos. A arteterapia engloba a saúde mental e serviços sociais, por meio da arte, em que pode contribuir para funções cognitivas e sensório-motoras, podendo promover a autoestima do cliente, insights, autoconsciência e resiliência emocional, o que também é capaz de reduzir conflitos e sofrimentos, melhorar habilidades sociais, além de proporcionar transformações sociais e ecológicas. Esta pesquisa justifica-se a partir do nosso percurso acadêmico e afinidade diante do processo de graduação nas disciplinas fenomenológicas e em principal componente a Gestalt-terapia, trazendo em si, sua forma de entendimento do mundo e de pessoa na sua espontaneidade. Faz-se necessário pesquisas que mostram o entrelaçamento de possibilidades que podem ser trabalhadas como recursos, no caso a Arteterapia para uma maior expressão do ser humano, utilizando como embasamento a Gestalt-terapia. A pesquisa apresenta como objetivo: discutir os modos de utilização da Arteterapia como possibilidade de recurso criativo a partir da perspectiva gestáltica. O método do estudo segue um caráter exploratório como referência na abordagem qualitativa de revisão narrativa, não utilizando critérios sistemáticos e robustos e deixando a cargo do pesquisador. Com a análise dos dados observados, o resultado da pesquisa se dividiu nas seguintes categorias: 1) arteterapia como prática terapêutica; 2) arteterapia gestáltica e a relação de criatividade e saúde. A Arteterapia envolve o trabalho de recursos artísticos sendo aplicados em contextos terapêuticos, se desenvolvendo a partir de imagens, símbolos, comunicação intersubjetiva e expressão de si e do outro. Essa abordagem terapêutica, é de aplicação interdisciplinar, em que o profissional deve conter conhecimentos da psicologia, da arte e da arteterapia, podendo ser utilizada em contextos individuais, grupais ou familiares, independente de faixa etária e em diferentes campos, se diferenciando de uma aula de artes ou atividade, pelo fato de iniciar a partir de pontuações dos objetivos terapêuticos apresentados na avaliação de caso e pensamento clínico do sujeito. Para a Gestalt- Terapia, o processo de criação e a reflexão acerca da arte, são considerados relevantes do ponto de vista terapêutico. Desse modo, na arteterapia gestáltica, o psicólogo é considerado um facilitador, no processo, em que se utiliza da leitura de linguagem e das técnicas da Gestalt- terapia, em que no cliente, após o contato com a criação dos materiais, pode ser gerado sensações e emoções. Portanto, essa aplicação terapêutica, permite enxergar, perceber e admirar a individualidade de cada sujeito, considerando sua totalidade, percepção sobre si e o meio, como também suas formas de presentificação por meio da arte. Este estudo trouxe uma contribuição com relação ao entendimento sobre um dos recursos que podem ser utilizados com pacientes, no caso a Arteterapia, compreendendo o seu percurso histórico e as formas de ser trabalhada a parte do

viés da Gestalt-terapia, trazendo uma maior percepção do sujeito sobre si e sua expressão. Notou-se a necessidade de aprofundar estudos sobre a temática da Arteterapia e sua relação com o processo criativo, sendo um importante recurso que auxilia no manejo e condução na atuação do psicólogo.

Palavras-chave: Arteterapia; Criatividade; Gestalt-Terapia.

A DIMENSÃO ESTÉTICO-POLÍTICO NAS PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA JUNTO A IDOSOS RESIDENTES EM ILPI

Jessé Guimarães da Silva
Doutor em Psicologia
psi.jsilva@gmail.com
Universidade Estácio de Sá

RESUMO: Observa-se o aumento do número de idosos, cuja experiência do processo de envelhecimento traz consigo alterações morfológicas, bioquímicas e psicológicas, influenciando nas significações das experiências do sujeito, acarretando, assim, modificações também na forma de lidar com o ambiente, com diferentes grupos nos quais se encontra inserido. Em muitos casos, a institucionalização dos idosos é a escolha feita por familiares e pela comunidade local como estratégia e manutenção dos cuidados mínimos e necessários nas vidas dos idosos. O que, muitas vezes, traz consigo uma reestruturação no modo de viver, fazendo emergir demandas específicas do espaço – tais como, sociabilidade, por exemplo, o que envolve relacionamentos dentro de pequenos grupos, aceitação das mudanças na rotina diária, etc. O que revela a necessidade de criar estratégias visando a promoção da saúde e da qualidade de vida capazes de garantir condições mínimas, conforme a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. O que se agravou mais no contexto da pandemia de Covid-19 devido a demanda por estratégias criativas e versáteis ao proporcionar novos modos de comunicação e de cuidado em saúde por intermédio de meios digitais. As Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), segundo o Ministério da Saúde, são espaços adequados de domicílio coletivo capazes de ofertar condições de dignidade e cidadania. Neste sentido, observa-se um quadro extremamente delicado e complexo acerca da promoção da saúde integral de idosos, a saber: o aumento da população idosa no âmbito nacional; a ausência de dispositivos normativos governamentais que viabilizem uma padronização e regulação dos diferentes dispositivos metodológicos implementados pelas equipes de saúde atuantes em ILPIs; o pequeno volume de estudos e publicações, no contexto da Psicologia, que discutam práticas psicológicas voltadas para idosos nestas instituições; a fragilidade dos laços familiares, as difíceis condições sociais impostas a pessoa idosa, entre outros. Fatores estes que tornam urgente a criação de instrumentos metodológicos capazes de propiciar tais condições de cuidado. Inspirado neste cenário, teve início, em abril de 2023, um estudo investigativo, a partir do Edital de Pesquisa de Produtividade, pela Universidade Estácio de Sá, intitulado “A produção de dispositivos da clínica psicológica em Instituições de Longa Permanência para Idosos”. A partir desta pesquisa, com base na abordagem gestáltica, propõe-se aqui, com base em etapas iniciais deste estudo investigativo, um trabalho cujo objetivo é apontar percursos metodológicos preliminares capazes de oferecer uma escuta psicológica a pessoas idosas de modo a que tenham espaços de cuidado e de legitimação de seus próprios modos subjetivos, no contexto das ILPIs. Tal proposta investigativa inclui alguns ensaios interventivos, atividades artísticas e expressivas, tais como rodas de conversa, contação de histórias, atividades com materiais artísticos, visitas a instituições culturais, entre outros. Tais práticas têm sido realizadas em cinco ILPIs situadas na cidade do Rio de Janeiro, localizadas na Zona Norte, instituições estas de caráter filantrópico e particular, com público de idosos que variam entre 15 e 60 residentes. Mesmo nas etapas iniciais da pesquisa tem se observado uma abertura e disponibilidade dos idosos em torno das atividades propostas, assim como um interesse de que as práticas conduzidas tenham um caráter permanente. Diante disso, espera-se confirmar, a partir da presente pesquisa, que os dispositivos metodológicos

forjados a partir de uma dimensão estético-política possam sugerir pistas para a construção de uma postura metodológica, junto a terceira idade, capaz de legitimar espaços sensíveis de uma escuta afetiva e efetiva, e de práticas de cuidado.

Palavras-chave: Expressividade; Dispositivos metodológicos; Instituição de Longa Permanência para Idosos.

ARTESANIAS NA CLÍNICA, NA VIDA E NA PESQUISA: DESDOBRAMENTOS GESTÁLTICOS

Laura Cristina de Toledo Quadros
lauractq@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: Segundo Zinker em sua obra emblemática, a criatividade rompe limites e afirma a vida além da vida. Tal afirmação nos inspira diversos desdobramentos. Inicialmente, vale ressaltar que a experiência criativa convoca tempo e espaço, disponibilidade e risco. Em tempos de aceleração, hiperconsumo e busca de soluções rápidas e certeiras, muitas vezes não há tempo para a degustação do vivido e tudo parece precisar ser rotulado e encaixado. Não há lugar – e não raro, permissão - para o vazio e as perguntas sem respostas. O vazio corre sempre o risco de ser patologizado. Mas o vazio é o espaço onde muita coisa acontece. Perls (1981), inspirado no zen budismo, faz referência ao vazio fértil, chamando-nos a atenção para importância de sustentar esse lugar, sustentar a experiência do contato para que possamos acessar o novo e reconhecer o que está ao nosso redor. Portanto, apesar da inquietude que nos causa, ficar sem respostas nos movimenta, nos lança a buscas. Enquanto Gestalt-terapeutas trabalhamos com o indizível, com o invisível, porém presente e como bem nos alerta Laura Perls, devemos evitar a tentação dos atalhos, dos truques e promessas vãs. Assim, não preencher os vazios é o desafio da clínica contemporânea que nos empurra frequentemente para essas armadilhas. Acreditamos que é nessa vivência do vazio que a vida se instaura e, ao nosso ver, se instaura com arte ou como arte. A arte é uma das possibilidades de preenchimento dessas lacunas, porém tal preenchimento não se faz de modo definido ou chapado; ao contrário, se faz fluído, móvel, com multiplicidade de sentidos. Ao estarmos, por exemplo, diante de uma expressão artística como música, poesia, cinema, pintura, escultura, etc, o modo como a percebemos é o modo como ela acessa nossas sensibilidades, ampliando também nossas próprias possibilidades expressivas. Nesse sentido, perceber é participar (LAPOUJADE, 2017) e estar em contato com a arte produz o novo, o sentido do indizível, aproximando vida, arte e psicologia, em especial a Gestalt-terapia que nos convoca a diversas expressividades. A abordagem gestáltica traz a sensorialidade como um de seus nos apresentando a dimensão sensível da experiência que privilegia o sentir mais do que o explicar. Dessa forma, o cuidado é uma construção que se faz na relação e, a meu ver, se faz nessa costura manual, artesanal, única. Assim como Jean Clark Juliano nos convoca a arte de restaurar histórias (1999), Souriau (1983) nos alerta que cada modo de existência é uma arte de existir. Pensar a arte como recurso, não é novo para quem atua na Gestalt-terapia Propomos trazer essa conjugação Psicologia-arte para além da instrumentalização, mas como constituidora de diferentes modos de existência que não encontram contornos num fazer predominantemente racional. Nessa reflexão que chamamos de costura gestáltica, abrangemos a clínica, a pesquisa e a vida num fazer que pulsa, não segrega e não despreza as afetações vividas. Ao trazermos a arte como provocação, convocação ou metáfora, estamos costurando muitos possíveis, no miúdo, nos pequenos acontecimentos do cotidiano (QUADROS, 2014). Em consonância com a sábia colocação de Laura Perls (1992), a Gestalt-terapia, encharcada de pistas intuitivas, talvez esteja mais próxima da arte do que da ciência. Considerando a inovação de sustentarmos essa forma de fazer, ousaria afirmar que o que criamos com nossas práticas é sim um modo de existir na ciência, modo esse que acolhe as perguntas sem o imperativo das respostas.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, Cuidado, Arte, Artesania, Fazer sensível.

ARTISTAS DA VIDA: A ARTE COMO PERSPECTIVA NO TRABALHO DO GESTALT-TERAPEUTA

Stênio Guilherme Ribeiro Leite
Pós-graduado em Gestalt-Terapia
stenioguilherme29@gmail.com
Faculdade Inspirar

Lívia Maria Guedes de Lima Andrade
Especialista em Psicologia Social
liviaguedesandrade@gmail.com
Instituto Pangeia

RESUMO: A Gestalt-terapia é uma abordagem da Psicologia de caráter humanista que permite estudar o homem como um todo, através da ampliação de sua *awareness* no *setting* terapêutico que a sua singularidade se faz presente e perante as inconstâncias do viver à medida que o seu discurso ganha voz, através de técnicas ou experimentos manejadas pelo psicoterapeuta, a sua potencialidade criativa busca o seu próprio protagonismo. Esta pesquisa teve como propósito identificar como a arte nas suas mais variadas formas de expressão pode contribuir para que o cliente encontre as peças de seu quebra-cabeça pessoal, nesse sentido torna-se oportuno uma correlação metafórica sobre como a jornada do herói, sendo uma narrativa presente no âmbito cinematográfico, desenvolvidas por escritores e roteiristas para a execução de um enredo, há em comum com uma relação desenvolvida no setting terapêutico. O trabalho no congresso se desenvolverá por comunicação oral.

Palavras-chave: Arte. Gestalt-Terapia. Psicoterapia.

DA TRANSCENDÊNCIA À BUSCA DE SENTIDO: A DIMENSÃO ESPIRITUAL PARA A GESTALT-TERAPIA[48]

Vanessa dos Santos Silva Brito
Psicóloga clínica
Relações públicas
Formação em Gestalt-terapia pelo Instituto Sedes Sapientiae
vanessa.sdbrito@gmail.com

Resumo: Este artigo tem por objetivo fazer um ensaio teórico propondo algumas reflexões sobre a espiritualidade, investigando qual a sua intersecção com a religião e com a religiosidade, bem como verificar suas diferenças. Pretende-se, também, descobrir o que vem a ser transcendência, de que maneira está imbricada na busca de sentido e como esses constructos se inter-relacionam. Por fim, compreendendo a Gestalt-terapia como uma terapia da totalidade e do contato, será realizada uma travessia sobre o campo dessa abordagem integrativa, identificando a sua visão sobre espiritualidade, desvendando por quais caminhos essa dimensão pode ser abordada e apreendida na relação terapêutica, considerando o encontro dialógico como pilar de sustentação.

Palavras-chave: espiritualidade, transcendência, busca de sentido, gestalt-terapia, relação terapêutica.

[48] Artigo científico produzido no contexto de Trabalho de Conclusão de Curso da Formação em Gestalt-Terapia pelo Instituto Sedes Sapientiae, Turma 4 Mensal.

MESA-REDONDA

Eixo 1 – Aqui e agora – a abordagem gestáltica frente aos desafios contemporâneos

CONVERSA SOBRE NOSSA HERANÇA E AS VERSÕES DE GESTALT-TERAPIA QUE FAZEMOS COLETIVAMENTE

Teresinha Mello da Silveira
Psicóloga – Gestalt-terapeuta
teresinhamellodasilveira@gmail.com

Patrícia Valle Albuquerque Lima
Psicóloga – Gestalt-terapeuta
Professora e supervisora de estágio em Gestalt-terapia na UFF/Rio das Ostras
ticha.patrica.lima@gmail.com

Luciana Loyola Madeira Soares
Psicóloga – Gestalt-terapeuta
psi.lucianasoares@gmail.com

RESUMO: Somos três psicólogas cariocas há mais de mais de quatro décadas na Gestalt-terapia. Temos histórias de vida diversas, viemos de contextos socioculturais também diversos, mas além do fato de sermos amigas, temos algo que sempre nos uniu - o nosso vínculo com a Gestalt-terapia. Certamente, se alguém perguntar para qualquer uma de nós três com o que trabalhamos diremos que somos gestalt-terapeutas, isto é o que nos define profissionalmente e nos aproxima pessoalmente. Todas nós, dentro desta nomenclatura de gestalt-terapeutas, temos práticas muito abrangentes - somos professoras, pesquisadoras, formadoras, psicoterapeutas, também já trabalhamos no âmbito da clínica ampliada e em diferentes contextos comunitários e institucionais. Além da nossa atuação profissional somos mães, gostamos de um bom papo e um bom copo, adoramos comer bem, temos muitas amigas e amigos e nos deslumbramos com belas paisagens. Sempre compreendemos a Gestalt-terapia como uma abordagem calcada em princípios ético-político libertários, que busca valorizar relações de respeito mútuo e consideração. Uma abordagem que nasceu aliada aos movimentos de contracultura e contra regimes de opressão e domesticação dos corpos e pensamentos. Temos a perfeita compreensão que os tempos são outros, dados os mais de setenta anos do surgimento da Gestalt-terapia, mas sempre nos consideramos mulheres em busca de permanente atualização teórica e técnica e guiadas por um senso crítico apurado em relação ao nosso saber/ fazer gestáltico. No entanto, temos conversado muito sobre a sensação de que não sabemos mais o que chamar de Gestalt-terapia e o que é ser gestalt terapeuta na atualidade, e o que não é Gestalt-terapia ou, gestalt-terapeuta. Temos muitas indagações. O que norteia hoje nossa prática? Quais os valores que nos guiam? O que é ser gestalt-terapeuta diante das questões do contemporâneo? É disso que esta mesa pretende tratar: o que precisa ser problematizado e repensado nas nossas práticas, e o que precisa ser revalorizado e reafirmado das nossas bases filosóficas e conceituais, entendendo que, desde os primórdios da Gestalt-terapia, somos conectadas/os por essa fundamentação. Viemos colocar em pauta temas como diversidades, diferenças, corpos, experiência, sensibilidade, cuidado, escuta, diálogo, mutualidade, generosidade, delicadeza, afetos, contracultura, inclusão, ética e política – temas que compõem a sustentação de nossos fazeres e que nos fazem gestalt-terapeutas, e que, no entanto, por vezes, nos parecem estar presentes em discursos, mas nem tanto nas práticas. É como se praticássemos uma abordagem para o cliente, mas nem tanto entre nós. Por exemplo: ouvir é um ato político que nos conecta e amplia nosso compromisso com estarmos presentes no mundo que constituímos e que nos constitui, na consistência das realidades que ajudamos a performar. Fomos em busca de amparo em colegas e autores inspiradoras para que nos ajudassem a pensar o momento que vivemos na Gestalt-terapia. Para este resumo, destacamos algumas palavras que foram escritas por essas gestalt-terapeutas pensando a relação com clientes. Fazemos a provocação que sejam ouvidas ou lidas na perspectiva de nossas relações nesta comunidade. Laura Perls (1984) nos diz:

"Qualquer terapia, ou qualquer coisa que alguém faça com foco com pessoas é um ato político." (p. 18). A querida Cristina Frascarolli (1996) escreveu: "Nós trabalhamos com crescimento dentro da condição humana; nós trabalhamos com ênfase na singularidade, buscando a expansão da consciência e aceitando as diferenças." (p.13). As queridas Magda Campos e Eleonôra Prestrelo (1996) escreveram: "Diante de mim está alguém que percebo ser diferente de mim, que não conheço e por quem tenho um profundo respeito." (p. 18). Mais adiante, elas dizem: "Penso quão necessário é para mim poder, num primeiro momento, acolher o outro com a minha escuta, tão importante para as partes presentes nessa relação." (p.19). A querida e saudosa Jean Clark Juliano nos deixou incontáveis e preciosíssimos legados, e escolhemos este: "Para se tornar terapeuta, é necessário ser muito inquieto e sensível. A inquietude nos move. A sensibilidade nos faz diminuir o passo e escutar com atenção." (p. 63). Nossa querida Ângela Schillings (2017) contribui assim: "Torna-se, portanto, imprescindível que possamos perceber limites e possibilidades nos acordos necessários à nossa forma de estar no mundo. Sem prejuízo a nós mesmos, podemos fazer ajustamentos criativos, a fim de que não nos distanciemos nem de nós e nem do mundo, já que é a partir dele que existimos." (p. 96). A querida Mônica Alvim (2019) nos diz: "Vejo na essência do trabalho da Gestalt-Terapia, uma clínica que busca promover o reconhecimento de si pelo reconhecimento mútuo, nessa relação pautada por uma ética da alteridade, inseparável de uma ética da transformação." (p. 888). Alguns dos trechos destacados são do final do século passado e são atualíssimos, portanto, precisam ser lembrados para fazer parte de nosso constante processo de formação como gestalt-terapeutas. A Gestalt-terapia, por sua característica emancipatória, vem se desenvolvendo conectando-se aos movimentos sociais e às demandas contemporâneas que reconfiguram o campo, o que se dá por sua abertura ao que pulsa, ao que nos afeta, ao que se transforma, nos transforma, dando sustentação ao gestalt-terapeuta para lidar e promover novas realidades sem, contudo, abandonar ou trair suas origens. Finalizamos este resumo, perguntando: Afinal, que Gestalt-terapia fazemos quando dizemos que fazemos Gestalt-terapia?

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Gestalt-terapeutas, passado, presente e futuro

EXISTE UMA CLÍNICA LGBTQIAPN+? CONSIDERAÇÕES PARA UMA GESTALT ÉTICO-POLÍTICA E CONTEMPORÂNEA

Flavia Silva
Doutoranda
flaviafsilva.psi@gmail.com
Universidade Federal do rio de Janeiro – UFRJ

Tatiana Campbell
Gestalt-terapeuta
tcampbellv@gmail.com

RESUMO: Esse trabalho se propõe a pensar uma proposta de clínica implicada, ética e política, em uma base contemporânea. Para tanto, é importante a orientação: a relação entre transgressão de gênero e opressão da norma não é um assunto contemporâneo; é emergente. Das mitologias antigas aos fatos históricos, distribuem-se relatos em que se repetem questionamentos em relação às binariedades impostas – e, consequentemente, marginalizações e punições severas. Corpos que são violentados por andarem fora do trilho normativo sempre existiram, e é urgente que consideremos que esta marca sangrenta compõe nosso fundo social, e repensemos o uso de "contemporaneidade" para adjetivar diversidades sexuais e de gênero como marcas identitárias atuais. Sendo a contemporaneidade um aspecto inescapável da temporalidade do campo atual, uma pessoa não pode fugir de seu tempo. Assim, ao contrário do que se pode pensar, uma clínica implicada e comprometida com o público LGBTQIAPN+ não se configura em construir um manejo clínico diferenciado para cada letra da sigla, mas entender as particularidades que uma minoria política carrega. É urgente que a clínica gestáltica parta de um ponto contemporâneo ao atender públicos diversos: a constituição de gênero não é algo natural (localizando suas transgressões às margens). Gênero é uma categoria social, e evidencia a identidade normativa cisgênera também como construção. Assim, gênero é um assunto que emerge no campo social, sendo contemporânea a abordagem constitutiva de corpos generificados em uma sociedade específica e, consequentemente, é obsoleta a ideia de gênero como essência natural. É demarcado aqui um ponto fundamental: gênero não representa um assunto contemporâneo, já que é vivido e transformado através dos séculos. Podemos dizer que sua forma de experenciá-lo como construção social e ocidental que atravessa todos os corpos é contemporâneo. Quando o sofrimento surge de questões relacionadas ao desejo ou à expressão de gênero, muito comumente o sofrimento está relacionado a um desajuste da sociedade, em um ajuste para lidar com aquilo que é considerado fora da normatividade hegemônica. Precisamos ficar atentes para não fazer de nossos clientes nossos professores: estes não devem nos explicar o que cada letra significa e o que existe no fundo histórico, cultural e político, bem como aquilo que escapa à norma imposta por uma sociedade cisheteronormativa. Por esse motivo é de suma importância que tais temas não deixem de figurar no aprofundamento de nossos estudos e pesquisas, mas não no sentido de um "manejo" clínico diferenciado, o que seria preconceituoso e um erro epistemológico. Buscar clínicas paralelas para construções sociais e identitárias seria resistir à contemporaneidade (como forma de vivenciar o emergente) e bloquear o contato com a própria forma de constituir identidade nessa temporalidade atual, numa tentativa de quebrar a dinâmica temporal através da própria atuação clínica. É imperativo tornarmos nítidos os mecanismos antropológicos que neurotizam nossos corpos, criando padrões que nos fixam em determinadas maneiras de expressar nosso gênero, nosso desejo, nossa relação com nosso corpo e como estamos no mundo. Decolonizar a clínica parte primordialmente de decolonizar nosso corpo enquanto terapeutas, pensar nossa historicidade, presentificando nossa responsabilidade ético-política com nossa clínica visando a prática de uma gestalt transgressora como propunha os fundadores de nossa abordagem. Quais opressões

nosso corpo, enquanto terapeuta, pode operar frente ao nosso paciente/cliente? Quais lugares de poder eu, terapeuta, ocupo? Transgredir a estrutura social, em que todes estamos inserides, significa assumirmos que fazemos parte dela. Para rompermos clinicamente essa bolha precisamos criar no ambiente do nosso trabalho um espaço que nos trará desconforto, mas será essencial para confrontarmos nossa capacidade de sermos veículos de opressões e instrumentos de patologizações.

Palavras-chave: Contemporâneo; LGBTQIA+; Gestalt-terapia.

INTROJEÇÕES NO CAMPO CONTEMPORÂNEO: OLHARES CRÍTICOS

Selma Ciornai
Psicóloga
Doutora em Psicologia Clínica
Mestre em Arteterapia
Gestalt-terapeuta
sciornai@terra.com.br
Instituição de Vínculo: Instituto Sedes Sapientiae

Angela Schillings
Psicóloga
Mestre me Psicologia
Especialista em Psicologia Clínica
Gestalt-terapeuta
angela@comunidadegestaltica.com.br
Comunidade Gestáltica – Clínica e Escola de Psicologia – Diretora

Ênio brito Pinto
Psicólogo
Pós-doc em Psicologia Clínica
Gestalt-terapeuta
eniobritopinto@gmail.com
Instituto Gestalt de São Paulo
Instituto Aión de Psicologia e Educação

RESUMO: Introjeções no campo contemporâneo: olhares críticos – A mesa se propõe a discutir alguns aspectos importantes ligados às introjeções no mundo contemporâneo. Etarismo, meritocracia, sofrimentos, introjeções pouco críticas. Teremos três tópicos centrais: "Etarismo", "Mal-estar e sofrimento", "As introjeções apetitivas". **Etarismo na sociedade contemporânea –** Na cultura atual existem muitos paradoxos que desafiam o ser humano e dentre eles destacamos aqui o do envelhecimento. Se por um lado temos atualmente a possibilidade de uma maior longevidade temos, em contrapartida, o etarismo que se opõe ao próprio envelhecimento. Nosso corpo traz o repertório singular e cultural que se presentifica no nosso comportamento social em relação ao corpo e nas ações deste em relação à sociedade. Sendo nossos corpos construídos em conexões indissociáveis com o biofísico, social e cultural, estas construções imprimem características que nos identificam e se tornam legitimadas, ou não, na expressão dos significados sociais. Ao introjetarmos de forma disfuncional o lugar que a sociedade atual impõe ao corpo envelhecido, estaremos nos afastando do lugar que o corpo ocupa, por ser este corpo a própria experiência humana que estabelece perspectivas de uma história existencial com a história do mundo. **Mal-estar e sofrimento na contemporaneidade –** Na sociedade capitalista e neoliberal, a ideologia da "meritocracia," e as relações de competividade que lhe são decorrentes norteiam em grande parte nossas vidas e o campo contemporâneo. A preocupação com o desempenho, com o êxito e a aprovação dos outros nos colocam no bojo do paradigma do individualismo e da liquidez constante de que fala Al Bauman, dando o tom e o ritmo às nossas relações e existências. Nesta sociedade, denominada por Byung Chul Huan de "sociedade do cansaço," segundo este autor exploramos a nós mesmos o tempo todo, cada qual criando "seu próprio campo de trabalhos forçados" acreditando estar exercendo sua liberdade. E uma das consequências é que a gente se propõe a cuidar de tanta coisa ao mesmo tempo, em função dos introjetos culturais que absorvemos, que, tal qual um parafuso demasiadamente pressionado e torcido, literalmente espanamos, adoecemos física e psiquicamente.... Temos centenas de "amigos" nas redes sociais, mas com frequência nos sentimos sós , desgastados - e novas narrativas de sofrimento vão emergindo em nossos consultórios.... cujos fundamentos não nos damos conta. **Por introjeções apetitivas**

– Ao criticar e ampliar o conceito, de Perls, de introjeção, Erving Polster (2005) propõe a ideia de uma "introjeção apetitiva", que se opõe a uma introjeção passiva, apenas receptiva, insuficientemente crítica. Polster afirma que ver a introjeção somente como patologia é "apenas metade da história", o que exige que se complete esse olhar por uma visão da introjeção como uma receptividade espontânea, uma força de aprendizagem imbricada no contato com o mundo, uma força potencial para a terapia e para a saúde. De acordo com esse autor, o mais importante não é se introjetamos, mas como introjetamos. Para compreender esse processo, ele propõe que se veja a introjeção como um movimento que se dá a partir de uma tríade: contato, configuração e moldagem. Dentre todas as nossas possíveis introjeções, as mais significativas são as de valores, fundamentos de nossa fronteira de valor e, portanto, de nossos adjetivos e julgamentos. A passagem pela tríade caracteriza um processo saudável e atualizador, mas é trabalhosa, além de necessitar de coragem e companhia. De maneira geral, o que podemos observar em nossa cultura atual é uma dificuldade, da maioria das pessoas, para chegar à moldagem, um fato que se dá, no meu modo de ver, especialmente pela falta da introjeção apetitiva. Há muita passividade na má digestão dos valores em nossa sociedade de pressa, superficialidade e pouca crítica. Isso implica em aprendizagens pouco curiosas e, portanto, na má formação das fronteiras de valor. Essa passividade é encorajada por inúmeras forças sociais, desde os algoritmos até as religiões, desde a educação até a área da saúde, desde o mercado até as mais diversas forças políticas. Esse texto é um manifesto para que se perceba esse fenômeno de nossos tempos e para que se busquem formas de se lidar com ele de maneira a que sejamos facilitadores de moldagens e, portanto, de autonomia e senso crítico.

Palavras-chave: introjeção; etarismo; sofrimento

PATRIARCADO E PERTURBAÇÕES DAS FUNÇÕES DE CONTATO

Clara Lima Rodrigues
Psicóloga e gestalt-terapeuta
clarodrigues95@gmail.com
Instituição de Vínculo

Tietriza Maria Farias da Silva
Psicóloga e gestalt-terapeuta
tietrizaf@gmail.com

RESUMO: O patriarcado é uma estrutura social que tem deixado marcas profundas na sociedade brasileira. Essas marcas afetam não apenas as instituições estatais, mas também as relações interpessoais e intrapessoais. As tecnologias de gênero são usadas para controlar e limitar a expressão de gênero, impondo padrões normativos que afetam a subjetividade dos indivíduos na sociedade, o que pode resultar em relações de poder hierárquicas. Erving e Miriam Polster (1979) propõem uma análise sobre os impactos do patriarcado nas funções de contato. O patriarcado pode criar bloqueios na audição, impedindo que as vozes das mulheres sejam ouvidas e valorizadas nas tomadas de decisão. Além disso, a visão pode ser limitada, alterando a percepção e a compreensão dos sujeitos sobre a realidade e as vivências das mulheres. Esses bloqueios nas funções de contato podem estimular a manutenção da hierarquia de poder, reforçando padrões normativos que favorecem determinados grupos em detrimento de outros. Para combater o patriarcado e promover a ética da diferença, os conceitos de autossuporte e heterossuporte em Gestalt-terapia podem participar do debate. O autossuporte, quando em fluidez, facilita a ampliação da consciência, a responsabilização pessoal e a possibilidade de mobilizar introjetos. Enquanto isso, o heterossuporte convida o sujeito a mastigar coletivamente introjeções e construir espaços de responsabilização coletiva. Isto posto, o objetivo dessa mesa redonda é tecer discussões sobre as relações afetivas no cenário atual considerando a contribuição que o auto/heterossuporte tem no retorno ao contato. Thiago Teixeira (2021) destaca a importância de abrir espaços de diálogo e construção coletiva de valores éticos e morais que valorizem a diversidade e promovam relações mais igualitárias e saudáveis. Assim, a superação dos bloqueios de contato instaurados pelo patriarcado e pelas tecnologias de gênero é essencial para a promoção de relações mais autênticas e interdependentes. Por fim, é importante ressaltar que a desconstrução dos padrões normativos é um processo contínuo e que exige a participação de toda a sociedade. Todos devem ser responsáveis por promover uma cultura de respeito à diversidade e de igualdade de gênero, incluindo a construção de políticas públicas. A abertura ao diálogo e a construção coletiva de valores éticos e morais, bem como o uso dos conceitos de autossuporte e heterossuporte da Gestalt-terapia, podem contribuir para a desconstrução dos padrões normativos limitantes e para a construção de novas formas de relacionamento mais autênticas e interdependentes.

Palavras-chave: Patriarcado, relações, contato.

POR UMA CONSOLIDAÇÃO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE GESTÁLTICA: HISTÓRIA E ATRAVESSAMENTOS

Adriana Amaral do Espírito Santo
Doutora em Psicologia Social / UERJ
adriana_aes@hotmail.com

Synoro Psicologia
Marta Aparecida Magalhães
Especialista Gestalt terapia e em Psicologia Esportiva
martaapmagalhaes@gmail.com

Priscila Vieira de Almeida
Gestalt-terapeuta e mestranda em Psicologia Social
priscilavieiradealmeida@yahoo.com.br
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Nas últimas décadas, a psicologia do esporte se fortaleceu para além do alto rendimento. Outras áreas de atuação, como o lazer, a reabilitação, a iniciação esportiva, os projetos sociais e o esporte escolar vêm ganhando cada vez mais atenção e expandindo as possibilidades de intervenção, considerando o/a/e atleta ou praticante de exercícios em sua totalidade. Esse panorama vem permitindo inclusive que outras abordagens na psicologia adentrem o universo esportivo, que até há bem pouco tempo era predominantemente marcado por abordagens cognitivo-comportamentais. O/A/E atleta não é mais visto/a/e como máquina que deve apresentar resultados, mas como um ser humano em sua totalidade, que desempenha diversos papéis na vida, e a prática esportiva constitui apenas uma de suas facetas. O objetivo desta mesa é apresentar ao público da gestalt-terapia algumas possibilidades de utilização do referencial da psicologia do esporte em diversas práticas do/a/e psicólogo/a/ue, além de marcar nosso esforço em construir material técnico-teórico que ofereça aos/às/aes gestalt-terapeutas que se interessam pela área a possibilidade de atuação sem o sentimento de não-pertencimento, algo que já aconteceu conosco. Esse esforço, que já conta um pouco mais de uma década, reúne, entre seus produtos: artigos científicos, projetos de pesquisas, capítulos de livros, grupos de estudos, podcasts, a organização de um livro e muitos ajustamentos criativos oriundos de nossa prática profissional. Assim, a primeira parte da mesa trará algumas experiências vividas no âmbito do esporte militar de alto rendimento, com modalidades distintas. A partir de um apanhado das situações vividas, serão apresentadas aos congressistas as vicissitudes da prática no esporte profissional, permeado por questões de hierarquia e disciplina, políticas públicas, além de questões transversais como gênero, muito presente, por exemplo, no futebol feminino. O intuito é mostrar que o esporte de alto rendimento vai muito além da performance e exige da/o/e psicóloga/o/ue um olhar amplo para o campo e as interseccionalidades. Em seguida, será apresentada uma fala construída ao longo de anos de trabalho com árbitros de futebol, que vem se transformando, num eterno fazer, em um olhar para a arbitragem em suas diversas facetas tanto no esporte como no cotidiano. Qual é o lugar da arbitragem nos grupos sociais? Que habilidades são necessárias a alguém que ocupa este lugar? Por fim, apresentaremos uma pesquisa em andamento sobre cultura, modernidade e subjetividade, discutindo o esporte enquanto fenômeno sociocultural. Apresentaremos a psicologia social do esporte, área de intersecção da psicologia do esporte com as ciências sociais, que visa humanizar o/a/e atleta, entender a relação do/a/e atleta com o campo esportivo e a sociedade e desenvolver uma atuação do/a/e profissional psicólogo/a/ue mais crítica e ética. Esta discussão será ilustrada com exemplos trazidos da experiência prática numa equipe de ginastica na periferia da grande São Paulo. Veremos como o campo esportivo é rico para a prática do/a/e gestalt-terapeuta e, da mesma forma, como a abordagem gestáltica pode enriquecer muito a atuação na área esportiva,

trazendo um olhar humano, fenomenológico e de campo que marca uma grande diferença na atuação, com resultados significativos. Desta forma, esperamos que esta mesa passe a integrar a história da psicologia do esporte na abordagem gestáltica, sendo muito representativa e inédita num congresso de gestalt-terapia.

Palavras-chave: Psicologia do esporte; Exercício físico; Esporte de alto rendimento.

Eixo 2 – Campo – a prática clínica do manejo gestáltico à intervenção

ATENDIMENTO PRESENCIAL E ONLINE NO PLANTÃO PSICOLÓGICO: RELATOS CLÍNICOS E DE PESQUISA

Thauane Cunha Siqueira
Estudante de Psicologia
thauane.siqueira@hotmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais

Alice Moreira Pauferro
Estudante de Psicologia
alicempauferro@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais

Karine Alves Nogueira
Estudante de Psicologia
alveskarinenogueira@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Introdução – A modalidade de atendimento Plantão Psicológico pode ser compreendida como uma abordagem de atendimento clínico na qual, em determinado período, plantonistas ficam disponíveis para atender quem recorre ao serviço. O processo se configura como um atendimento único, no qual é oferecida uma escuta acolhedora e atenciosa às diversas vivências e experiências singulares de cada pessoa no momento da procura. O plantão oferece suporte no acolhimento e compreensão do sofrimento dos clientes, além de auxiliar no reconhecimento de suas potencialidades e recursos disponíveis diante as situações vivenciais trazidas. Dessa forma, o Plantão Psicológico em Gestalt-terapia preconiza uma leitura singular do campo cocriado no espaço que se dispõe, visto este se constituir em uma modalidade de atendimento emergencial, na qual a pessoa o procura no momento do seu sofrimento, e considerando ainda que esse serviço atende a uma comunidade específica e se localiza espacialmente dentro da instituição na qual essa comunidade se constitui. **Objetivo –** Pretende-se, a partir da leitura do campo compartilhado nos atendimentos, identificar os elementos que implicam no sofrimento mental dentro do ambiente universitário e, assim, embasar a construção de ferramentas da instituição no sentido de promoção de saúde e bem estar. Junto a isso, visamos contribuir com o saber trazendo as experiências das alunas plantonistas durante o período pandêmico e pós-pandêmico refletidos dentro da Gestalt-Terapia e diferenciando os a experiência das modalidades online e presencial **Metodologia –** Na esfera da UFMG, o Plantão Psicológico oferece atendimentos psicológicos desde 2019, envolvendo atividades clínicas, de ensino e de pesquisa, estando disponível para os discentes, docentes, servidores, técnicos e terceirizados da instituição. Este vem sendo desenvolvido sob a coordenação de dois professores supervisores junto a um grupo de alunos da graduação. Apesar de ser um serviço presencial, durante a pandemia de Covid-19, em função da suspensão das atividades presenciais naquela Universidade - de março a julho de 2020 - os atendimentos foram realizados na modalidade online de forma que os atendimentos eram feitos por videochamadas criadas no chat das pessoas que se inscreviam no serviço e as supervisões eram feitas numa sala virtual separadas. A partir dos relatórios de atendimentos feitos pelos alunos plantonistas durante este período, foi desenvolvido o projeto de pesquisa fenomenológica "Aconselhamento Psicológico por ferramentas de comunicação online para a comunidade UFMG", coordenado por uma professora do Departamento de Psicologia e Gestalt-terapeuta, cujo objetivo principal era "conhecer para, posteriormente, publicizar o Aconselhamento Psicológico Online (APO), decorrente a pertinência dos atendimentos psicológicos online realizados na UFMG durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE)" e ao número crescente de solicitações de atendimento psicológico por parte da comunidade universitária que se encontrava em intercâmbio no exterior

naquele período. Ressalta-se, também, que após cada atendimento, os plantonistas escrevem um relatório detalhado, no qual apresentam suas observações e reflexões teóricas sobre o atendimento. Assim, foi realizada uma análise fenomenológica dos atendimentos descritos nos relatórios elaborados pelos alunos após cada atendimento, revelando uma diversidade de vivências da comunidade universitária no período inicial da pandemia. **Resultados –** Foi possível observar as vantagens e desvantagens das modalidades de atendimento online e presencial a partir das experiências vivenciadas pelas alunas nos projetos de extensão e de pesquisa e explicitar como a comunidade acadêmica foi afetada nesses períodos. No que tange aos resultados da pesquisa, fica evidente o quão a Pandemia do COVID-19 e a adaptação para o atendimento online impactou a experiência dos entrevistados, revelando as diferenças e preferências entre os atendimentos online e presencial e chamando atenção para certas expectativas de atendimentos. A partir dos relatórios, foi possível analisar, também, o campo compartilhado entre os alunos do que se vivenciou na pandemia e posteriormente na sua transição. **Conclusão –** Mediante a experiência de nós, alunas e plantonistas, no serviço de Plantão Psicológico observa-se a contribuição dos atendimentos realizados e relatórios escritos e lidos na nossa formação profissional de futuras psicólogas e o efeito disso no desenvolvimento de uma escuta mais ativa e empática, bem como, na potencialidade do Plantão Psicológico no acolhimento e cuidado frente à comunidade da UFMG que tem a possibilidade de se desdobrar para além do serviço emergencial prestado, servindo também como instrumento de pesquisa da instituição em prol de entender aspectos do sofrimento compartilhado da comunidade e, posteriormente, desenvolver ferramentas para promoção de saúde.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Gestalt-terapia; Psicologia Clínica

CLÍNICA GESTÁLTICA NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS ETICO-POLITICOS

Priscila Pires Alves
Doutora em psicologia
priscilarosas71@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Edneusa Lima Silva
Mestra em psicologia
evajom@gmail.com
Faculdade Sul Fluminense (FaSF)

Filipe da Silva
Mestrando de Psicologia
filipesilva18@hotmail.com
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RESUMO: O presente trabalho tem por finalidade discutir a clínica gestáltica na contemporaneidade articulando-a ao compromisso ético-político do Gestalt-terapeuta no atendimento pós-pandemia. O período pós-pandemia traz em seu lastro uma teia complexa de significações e sentidos que foram tecidos durante o isolamento social. Privadas do contato familiar e social, ajustes individuais foram realizados nos diferentes espaços de convivência e situações conflituosas, ansiogênicas e emocionais foram expropriadas do seu grau e lugar de importância. Entretanto, os indicadores de saúde mental sinalizaram alterações em todos os segmentos relacionais: escolas, universidade, empresas e organizações. Mobilizados pela periculosidade disseminada pelo vírus, as pessoas voltaram-se para os registros de óbitos veiculados diariamente em detrimento da análise de como essas informações e a experiencia eram vivenciadas. O retorno as atividades presenciais no ano de 2022 resgata os formatos tradicionais de relacionamentos humanos, entretanto, o sujeito que retorna ao convívio social está diferente, encontra-se marcado pelas perdas de entes-queridos, do trabalho e das conquistas financeiras. Encaminhado ao atendimento na modalidade clínica, apesar de manter nas narrativas de si, os mesmos conteúdos anteriores ao período pandêmico, entende que as palavras que compõe o discurso não são sensíveis o bastante para definir o sentimento de angústia e o vazio existencial. Entretanto, o encontro na clínica se diferencia das formas cotidianas, pois está afinado na sustentação da angústia e na compreensão dos sentidos intrínsecos ao discurso. O encontro autêntico e pleno abre a possibilidade de resgatar a confiança, que nos move da estranheza ao familiar. Por isso, a clínica é o espaço que: convida a sair da interioridade para fazer contato com o mundo pós-pandemia; convoca consulente e terapeuta a promover encontros dialógicos no campo de sentido para elaborar a gama multifacetada de constituintes não nomeados e; serve de aporte as novas configurações de sujeito que precisam se (re)organizar frente ao que foi experienciado e não elaborado. A clínica-ética, propõe o pensar e a ação segundo o que um corpo pode, de acordo com a potência da natureza que o atravessa, convocando-nos a reconhecer a alteridade, para existir enquanto criadores de realidades e de mundos (interno-externos). Na dinâmica interacional, valoriza-se a concepção de que a realidade humana está sempre inserida em um horizonte pré-compreensivo que sustenta e orienta as interpretações de mundo e do que dele emerge. Sendo, portanto, a elucidação desse horizonte histórico compreensivo (pandemia- pós-pandemia), absolutamente vivo, que necessita ser tematizado para refletir acerca dos encaminhamentos e engendramentos do viver. A constituição de uma clínica ética-política busca romper com a padronização das práticas e parte do princípio da criação de intervenções a partir das singularidades dos consulentes, propondo pensar na constituição de novas formas de expressão em um movimento de constante

devir. Na clínica dos ajustamentos ético-políticos, o desafio maior é o resgate da possibilidade de enunciação e de localização do sujeito no seu espaço-tempo presente. O que se sustenta como horizonte compreensivo no exercício clínico é a possibilidade do outro se aproximar da sua facticidade, compreendendo os termos históricos que o constituem e suas possibilidades de resposta ao que vem a seu encontro. A clínica gestáltica encontra assim, no espaço dialógico e de co-elaboração na produção de sentidos, o seu desafio ético-político na contemporaneidade: compreender a condição do sujeito no espaço transiente concreto, aqui e agora, conforme nos indicaram Perls, Hefferline e Goodman.

Palavras-chave: Clinica ético-política; contemporaneidade; desafios.

ILUMINANDO DESVIOS: CONTRIBUIÇÕES CONTEMPORÂNEAS DA CLÍNICA GESTÁLTICA COM CASAIS E FAMÍLIAS

Cintia Lavratti Brandão
Mestre em Psicologia
cintia.lavratti@hotmail.com
Instituto Semear – transmissão e clínica em Gestalt-terapia

Viviane Calado
Mestre em Psicologia
vivianne@mutuar.com.br
Instituto Confiar – Práticas clínicas em Gestalt-terapia

Daniela Magalhães da Silva
Mestre em Psicologia
danielampsico@yahoo.com.br
Ampliando Fronteiras – instituto de Gestalt-terapia da região dos lagos

RESUMO: A proposição desta mesa redonda está alicerçada em reflexões contemporâneas acerca de desafios e desencontros vivenciados nos sistemas íntimos de relação, e suas possibilidades restituidoras construídas a partir de intervenções clínicas baseadas na perspectiva teórico metodológica da Gestalt-terapia. Nossas relações são o pavimento que orienta a forma como fazemos contato com outros corpos, com e no mundo, por conseguinte, há algo de indissociável em nossas dinâmicas intercorporais, somos forjados em nossos intercâmbios íntimos, e estes são atravessados por desafios de grande monta. Destacamos neste trabalho, três recortes que nos permitiram refletir sobre os sistemas íntimos de relação e seus desafios: as modificações nos corpos femininos na vivência da menopausa, com todos os atravessamentos normativos sobre etarismo; as lealdades invisíveis vividas pelos casais a partir das transmissões familiares e o efeito destas crenças no que é transmitido aos filhos, e as narrativas sociais acerca do amor e suas fronteiras borradas entre o encontro e a dor nas relações conjugais. Utilizaremos como proposta metodológica a descrição de contextos clínicos e institucionais, resgatando a partir da análise dos discursos os parâmetros que nortearam nossas considerações a luz da Gestalt-terapia. O corpo feminino, historicamente é alvo de profanações de toda ordem, mulheres nascem sob a égide da interdição na vivência da sexualidade, nos padrões estéticos violentamente propagados e na ditadura da juventude; inseridas em uma sociedade patriarcal que objetifica e oprime a mulher. A escuta clínica da menopausa impõe o desafio de atualização das formas no contrafluxo dos dispositivos normativos, demandando importante processo de esclarecimento, apoio e criação de rede. Na sequência apresentamos a dimensão dos desafios transgeracionais identificados em entrevistas psicológicas iniciais realizadas em um berçário. Estas entrevistas apresentavam a proposta de reflexão sobre o como era ser pai/mãe daquela criança. A ampla maioria não sabia detalhes sobre a relação parental de seus cônjuges, sobre os valores que gostariam de repassar, sobre os mitos familiares, sobre as expectativas que cada um tinha sobre aquela criança. Oferecendo solo favorável para a vivência de conflitos e desencontros, pelo não contato com as expectativas e com a lealdade parental do agora. O tópico de finalização se correlaciona com as dimensões sociais que permeiam a compreensão de amor romântico. No setting terapêutico são muitos os relatos em nome do amor, mas a clínica apresenta um limiar muito estreito do que é denominado amor, para experiências de dor, dependência, angústia e controle. Testemunhamos numa perspectiva de figura e fundo uma alternância de declarações de amor, discursos inflamados de ódio e vingança, brigas por poder, silêncios profícuos e às vezes devastadores. O setting terapêutico se torna um espaço de disputas e controle, onde o grande desafio é a aceitação das singularidades e o respeito às diferenças. Como intersecção dos três temas, percebemos a dificuldade de estabelecer um

reconhecimento adequado das necessidades reais e dominantes na circunferência atual daquele sistema íntimo. Os personagens que ensejam as cenas descritas nas observações clínicas trazem em comum o sofrimento decorrente do desencontro e muitas vezes a violência imposta pela impossibilidade de contato com a dimensão privada e coletiva que da fronteira ao sofrimento. A Gestalt-terapia tem contribuições importantes na revisão das formas habituais geradoras de impedimento e dor, convoca a uma implicação sempre fincada no mundo, trata de todas as formas de impedimento em uma perspectiva eminentemente relacional, traz a dimensão coletiva do sofrimento extrapolando uma leitura individual e meritocrática, situando a clínica nas entranhas das diretrizes culturais. Sem a pretensão de esgotar estas temáticas nos parece viável concluir que o caminho da consciência, a possibilidade de estar aware dos elementos atuais do campo, surge como horizonte que imprime a possibilidade de novos ajustamentos mais consonantes com o desejo e a satisfação. A apresentação deste trabalho se orientou na perspectiva do eixo temático: campo, a prática clínica do manejo gestáltico à intervenção

Palavras-chave: Casais; Conflitos familiares; Encontro.

MÚLTIPLOS OLHARES PARA OS LUTOS DA CRIANÇA

Daniela Pupo Barbosa Bianchi
Doutoranda em Psicologia Clínica
danypupo@hotmail.com
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Instituto Gestalt de São Paulo

Patrícia Barrachina Camps
Doutoranda em Psicologia Clínica
patriciabcamps@gmail.com
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Instituto Gestalt de São Paulo

Izabela Aparecida de Almeida Guedes
Doutoranda em Psicologia Clínica
izabela-guedes@uol.com.br
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO: O luto é compreendido como o processo psíquico de elaboração de uma perda, que rompe com toda a constituição de mundo interno e sentimento de segurança da criança, exigindo que novos ajustamentos sejam criados para o atravessamento desta experiência. A criança, ao se deparar com a experiência de perda, vive um rompimento da estrutura conhecida, em especial quando esta perda se refere a uma pessoa significativa em sua vida. Além das respostas afetivas oriundas do rompimento da relação, outras dimensões são afetadas, o que inclui suas experiências de segurança e de cuidado, que precisam ser restauradas por meio de um ambiente cuidadoso e heterossuportivo. Neste sentido, a presença de um outro-suporte é fundamental para a criança possa percorrer seus ciclos de contato e alcançar a satisfação de suas necessidades no enfrentamento e na elaboração do luto. A Gestalt-terapia é uma abordagem fenomenológico-existencial, focada na construção dialógica, na qual a relação terapeuta-cliente ganha um eixo central. Em termos de prática clínica, o terapeuta se coloca em abertura à espera do outro-humano que o busca, na expectativa de que se revele, acolhendo os conteúdos, reconhecendo sua manifestação, em um processo de aceitação, confirmação e inclusão. Neste sentido, a intervenção terapêutica com crianças enlutadas acompanha a expressão do brincar como linguagem, a fim de que a criança possa comunicar, compreender e assimilar o vivido, oferecendo valiosos recursos neste processo doloroso de enfrentamento inevitável, porém transformador. A partir de um acolhimento humanizado, amoroso e fortalecedor, no qual os recursos internos são descobertos e valorizados, o Gestalt-terapeuta pode oferecer o heterossuporte necessário para o desenvolvimento do ciclo natural do luto, respeitando os processos de autorregulação do organismo e as possibilidades de ajustar-se criativamente à nova realidade. O caminho escolhido para realização deste estudo foi a revisão bibliográfica de teóricos da Gestalt-terapia e de estudos sobre o luto na contemporaneidade, com enfoque nas bases relacionais destas teorias associadas a vinhetas de casos clínicos, visando ampliar a compreensão e as possibilidades de intervenção com crianças enlutadas na clínica gestáltica. Serão apresentados três trabalhos contendo o tema a ser discutido. A primeira apresentação terá como foco o desenvolvimento do tema à luz da Gestalt-terapia, possibilitando o aprofundamento em conceitos gestálticos direcionados para a prática clínica com crianças enlutadas. O segundo trabalho apresentará estudos relacionados à forma como a criança vive os lutos advindos das perdas simbólicas causadas pela separação conjugal dos pais. O terceiro trabalho irá aprofundar a compreensão do luto por perda de um dos genitores e seus possíveis impactos na vida adulta, por meio de um estudo de caso clínico. Levando-se em conta os desafios do viver e do morrer presentes na era contemporânea, acrescidos na e pela experiência da pandemia, os trabalhos em questão ressaltam a importância de estudos aprofundados na área do luto da criança. A Gestalt-terapia é uma abordagem criativa, atual em relação às questões problematizadas no presente trabalho, que apresenta recursos e compreensão teórica que muito

podem contribuir para o aprimoramento de profissionais que atendem crianças e famílias enlutadas, nesta clínica de cuidado e delicadeza.

Palavras-chave: luto da criança; Gestalt-terapia; psicoterapia infantil.

PSICOTERAPIA DE CASAIS – SEXUALIDADE, FIDELIDADE E VIOLÊNCIA EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Aline Ferreira Campos
Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica e Cultura, UnB
afcampos1404@gmail.com
Professora titular da Universidade Paulista
Instituto de Gestalt-terapia de Brasília

Ana Caroline Costa Vieira
Psicóloga, Mestra em Psicologia, UFC
contato@institutocarolinevieira.com
Instituto Caroline Vieira

Fabiane da Silva
Psicóloga
Sexóloga
Especialista em Psicologia e Saúde Mental
fabisilva.psicologia@gmail.com
Universidade Católica de Santa Catarina

RESUMO: Este trabalho está voltado para temas da prática clínica com casais. O objetivo desta mesa é apresentar temas atuais da psicoterapia de casal, no que tange questões importantes, como a sexualidade, a infidelidade e a violência intrafamiliar. Buscaremos discutir o manejo de tais situações com exemplos clínicos. Metodologia: apresentação oral de 15min para cada participante com debate ao final. O trabalho propõe um relato de experiências clínicas, discutidas à luz da teoria de casais da Gestalt-terapia e escolas humanistas e fenomenológicas. Os resultados apresentados estão relacionados a experiências clínicas, visando expor alguns temas preponderantes da psicoterapia de casal.

Palavras-chave: Sexualidade; Fidelidade Conjugal; Violência

PSICOTERAPIA DE GRUPO PELA ABORDAGEM GESTÁLTICA: EXPERIÊNCIAS DO PSICOTERAPEUTA, CLIENTE E ENTRE GRUPAL

Guilherme Nogueira
Gestalt-terapeuta e Mestre em Psicologia
guilhermenpsi@gmail.com
Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT)

Isadora Samaridi
Gestalt-terapeuta e Mestre em Psicologia
docenteisadorasamaridi@gmail.com
Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT)

Thaís Carneiro Costa
Gestalt-terapeuta e Mestre em Psicologia
thaiscarneirocosta@hotmail.com
Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT)

RESUMO: O início da Abordagem Gestáltica foi permeado por princípios aplicados ao campo clínico tradicional, comumente chamado de psicoterapia. Com o passar do tempo suas premissas passaram a ser aplicadas a áreas tais como a educação, organizações, comunidades, hospitais e, também, grupos. O caráter relacional da Abordagem Gestáltica permite a expressividade humana durante o encontro psicoterápico, tanto que, no modelo clássico da psicoterapia individual, psicoterapeuta e cliente são dois entes que se relacionam para a experiência psicoterapêutica. As bases filosóficas e teóricas da abordagem fundamentam esse aspecto relacional e de compreensão da totalidade. Na Gestalt-terapia, a psicoterapia de grupo pretende manter esse caráter relacional mesmo com mais integrantes participando do encontro, compreendendo a dinâmica particular de cada membro e sua integração na constituição do todo. Partindo do princípio de que "o todo é diferente da soma das partes", o grupo se organizará em uma matriz grupal que apresenta uma identidade própria, construída não pela somatória das identidades dos participantes, mas pelo elo relacional entre todos ali presentes. Assim, os processos vivenciados no grupo começam na dimensão individual e vão tornando-se, também, grupais, pois o entre grupal vai se fortalecendo em conjunto. O psicoterapeuta desempenha a função de organizar o grupo e facilitar que este se integre em coesão e desenvolva os temas levantados a cada sessão. O grupo avança como uma totalidade em um campo de forças, cada participante (incluindo o psicoterapeuta) experimenta a tensão gerada no campo durante o encontro, a vivencia de forma particular e tem a oportunidade de comunicar isso aos outros para a troca e síntese de experiências. Por seu caráter relacional, se desenvolve além do que é tangível para formar uma entidade psíquica, que exerce influência em seus membros mesmo fora dos encontros e influencia os membros mesmo quando eles não comparecem ao encontro. Trabalhar em grupo consiste em compreendê-lo como um todo, pois, pautando-se na Teoria de Campo e Holística, sempre que se trabalha um elemento do campo há reverberações em todo o sistema. O objetivo deste trabalho é discutir a experiência da psicoterapia de grupo pela Abordagem Gestáltica, considerada aqui a partir das vivências do psicoterapeuta, dos clientes e somando-se à entidade do grupo. Para tanto, a discussão está organizada em três tópicos: o histórico da psicoterapia de grupo e sua condução gestáltica; a figura do psicoterapeuta e dos clientes durante a sessão, e a compreensão do entre grupal. Como introdução será oferecida a perspectiva histórica da psicoterapia de grupo do início aos dias atuais, considerando as demandas diagnósticas e as possibilidades de intervenção crescentes. Em seguida, discutir-se-á as habilidades requeridas do lugar a ser ocupado pelo psicoterapeuta, preparo técnico, análise das interações, solicitações de alianças, desconfortos vividos pelo psicoterapeuta e manutenção da postura para continuidade do grupo. Por fim, relatos de experiências de clientes para

ilustração da dinâmica e benefícios do acompanhamento psicoterapêutico de grupo. Para tanto, será lançado mão de arcabouço teórico e técnico consolidados e pesquisas atuais, assim como vinhetas clínicas de experiência dos psicoterapeutas proponentes da mesa para a fomentação de discussões acerca do atendimento grupal pela Abordagem Gestáltica. Ressalta-se que, por esta não ser uma pesquisa, e sim uma explanação teórico-prática, não contém resultados e conclusões.

Palavras-chave: Abordagem Gestáltica; Psicoterapia de Grupo; Teoria de Campo.

TORNAR-SE PLANTONISTA: GESTALTEANDO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA

Luísa Amarante Santos
Estudante de Psicologia
psi.luisaamarante@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais

Luiza Karol Rocha Pimenta
Estudante de Psicologia
luizarpimenta@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais

Lucas Emmanuel Padilha de Melo
Estudante de Psicologia
Lucasmelo748@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Introdução – Plantão Psicológico é um serviço oferecido pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que tem como objetivo ofertar atendimentos de atenção psicológica para a comunidade Universitária - alunos, professores e prestadores de serviço - atendendo as demandas. **Objetivo –** Apresentar, a partir da perspectiva dos alunos plantonistas, como é a prática de atender no serviço de Plantão Psicológico à luz da Gestalt-terapia. **Metodologia –** O projeto tem 24 extensionistas, divididos em 2 grupos de 12 alunos, separados em turnos da manhã e da tarde. O atendimento é realizado por uma dupla de plantonistas, que se altera a cada encontro. A sessão não tem duração pré-estabelecida, e a supervisão ocorre durante uma pausa realizada no meio do atendimento. Neste momento, a dupla vai para outra sala fazer uma supervisão que dura aproximadamente de 10 a 15 minutos, posteriormente retorna para a segunda parte do atendimento, finaliza o encontro e retorna à sala de supervisão para fazer o "fechamento" - momento em que as duplas relatam questões relacionadas ao encontro, à própria vivência no atendimento, e questões pessoais que foram tocadas. A apresentação será organizada por três alunos plantonistas do turno da tarde, que são orientados sob a ótica da Gestalt-terapia. O Plantão Psicológico tem como objetivo, diferentemente de modalidades mais tradicionais, oferecer atendimentos únicos e também gratuitos. Neste serviço, abre-se espaço para que a pessoa possa trazer para o atendimento aquilo que ela acredita que faz sentido para ela no momento e, assim, situar-se no aqui-e-agora. Dessa maneira entende-se que, em um único encontro, cria-se um campo onde a pessoa consegue se sentir ouvida, acolhida e fortalecida para que assim possa ampliar seu campo de possibilidades frente a experiência ali compartilhada. **Resultados –** A apresentação em mesa-redonda, visa demonstrar três subtemas relacionados ao processo de tornar-se um plantonista dentro da perspectiva da Gestalt-terapia: a vivência de ser plantonista: aprendendo a estar-com; a singularidade da relação da dupla ao compartilhar o campo co-criado; O campo co-criado na supervisão e o laço construído pela equipe. Primeiramente, destaca-se que dentre as especificidades do Plantão Psicológico da UFMG está o fato de ele ser o local onde muitos alunos têm a sua primeira experiência clínica, de modo que tal projeto assume um papel de grande importância para a formação desses estudantes. Isso porque se configura como um espaço extremamente rico de aprendizagem ao propor que os plantonistas atendam em dupla, com supervisões realizadas tanto durante quanto após a sessão, nas quais os casos são discutidos a partir das lentes da gestalt-terapia e de uma experiência co-construída, oferecendo um espaço para que os alunos plantonistas desenvolvam suas habilidades enquanto futuros Psicólogos Clínicos e Gestalt-terapeutas. Em segundo lugar, é abordada a singularidade da relação construída entre os plantonistas a partir de aspectos do atendimento em dupla. Assim, são mencionadas as diferenças de participar de forma conjunta do espaço terapêutico e co-criar o campo com um colega, podendo observar o modo que o outro se coloca e é afetado tanto no âmbito individual quanto como psicoterapeuta. Nesse sentido,

para além da potencialidade de diversos aprendizados, esse modelo de atendimento estabelece o vínculo dos estudantes que ali se dispõem de maneira única, específica dessa relação. Por último, é importante também compreender como a supervisão nesse contexto se coloca também como uma importante ferramenta de criação de vínculos e fortalecimento de laços entre os plantonistas. Isso ocorre porque cria-se um campo no atendimento que é ampliado para os demais plantonistas e supervisor, isso facilita o contato entre as pessoas ali presentes porque entende-se que há uma permeabilidade maior da fronteira de contato necessária ao atendimento. Desse modo, a supervisão cumpre um papel além do que se espera semanticamente, pois ela abre espaço para uma confluência de diferentes elementos que se unificam num sentido compartilhado. Com a apresentação destes temas, pretendemos contribuir para o saber construído acerca da vivência de atender em Plantão Psicológico a partir de uma abordagem gestáltica, ressaltando a potência imbuída em projetos deste tipo e sua importância para a formação de futuros Gestalt-terapeutas.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Vivência; Gestalt-terapia.

Eixo 3 – Contato – o compromisso ético-político na formação em Gestalt-terapia

APRIMORAMENTO EM GESTALT-TERAPIA: COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO EM SUPERVISÃO CLÍNICA

Kamilly Souza do Vale
Psicóloga
Gestalt-terapeuta
Professora Doutora da Universidade Federal do Pará
Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Gestalt-terapia- NPGT/CNPq
k.millyvale@gmail.com

Keila Santos
Psicóloga
Gestalt-terapeuta
Coordenadora do Grupo de Estudos GEGT-Floresser
Professora e supervisora clínica do Curso de aprimoramento em Gestalt-terapia
keilasantospsi@hotmail.com

Paulo Henrique Barros
Psicólogo
Gestalt-terapeuta
Coordenador do Instituto de Gestalt-terapia de Roraima (IGTRR)
Professore e supervisor da clínica do curso de aprimoramento em Gestalt-terapia
paulobarross@outlook.com

RESUMO: A Gestalt-terapia é epistemologicamente fundamentada sob o viés filosófico humanista-existencial-fenomenológico e na perspectiva relacional da abordagem dialógica. Direciona seu pensamento e práxis para a ampliação da consciência e a qualidade do contato consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Prima pelo crescimento e pela fomentação das potencialidades do humano. Enquanto abordagem psicoterapêutica de base dialógica, enfatiza o encontro inter-humano entre terapeuta e cliente como fator fundamental do cuidado e do processo de desenvolvimento e crescimento de ambos. Diante da importância do papel e do lugar do psicoterapeuta na terapia é que compreendemos ser necessário o aprimoramento constante tanto na dimensão objetiva (conhecimento científico) quanto subjetiva (da pessoa do terapeuta). Dessa forma, o curso de aprimoramento em Gestalt-terapia foi criado em 2012 pelas Gestalt-terapeutas Wanderléa Ferreira e Kamilly Vale, na cidade de Belém do Pará acontecendo até 2019 no formato presencial. Dentre este período, contou também com a colaboração da Gestalt-terapeuta Elizabeth Carvalho. Em agosto de 2019, o Grupo de Estudo em Gestalt-terapia (GEGT-Belém) em parceria com o Grupo de Estudo Floresser (GEGT-Macapá) coordenado pela Gestalt-terapeuta Keila Santos abriram a primeira turma do curso de aprimoramento clínico na cidade de Macapá-AP. Em decorrência da pandemia, em 2020, ajustamos o formato do curso para a versão on-line, tanto dos atendimentos dos clientes quanto para a realização das supervisões clínicas. Em março de 2021 propomos um modelo de curso totalmente on-line, que nos desafiava e ainda desafia a experimentação teórica, vivencial e prática da Gestalt-terapia, ao mesmo tempo a capacidade de integrar pessoas de diferentes regiões do Brasil que buscam no curso possibilidades de uma prática psicoterapêutica mais ética e segura. Em 2022 iniciou-se uma parceria com o Instituto de Gestalt-terapia de Roraima e o Gestalt-terapeuta Paulo Henrique Barros passou a integrar o curso. Assim, o curso de aprimoramento em Gestalt-terapia como parte de uma formação clínica, a apresenta como objetivo geral ampliar o conhecimento acerca da epistemologia Gestáltica e sua fundamentação teórica para instrumentalizar os participantes no fazer clínico; e como objetivos específicos promover o desenvolvimento das habilidades de avaliação, sistematização e tomada de decisões, adequadas a necessidade e coerência da situação clínica. Fomentar uma discussão crítica e atualizada de temas referentes à Psicologia Clínica, gerando um ambiente fecundo para

o processo de aprendizagem individual e grupal, estimulando a produção do conhecimento. Como metodologia a proposta de trabalho envolve três eixos. **Experiencial,** através da participação em grupo vivencial promover o desenvolvimento do autoconhecimento, da escuta e do contato com o outro; **teórico**, através de grupo de estudos, aulas expositivas dialogadas, seminários e estudos de caso; e **prática**, através de atendimentos psicoterápicos comunitários (gratuitos à clientela de baixa renda) com supervisões semanais. A ementa do curso compõe temáticas que envolvem a epistemologia gestáltica, através dos estudos do Histórico da Gestalt-terapia; pressupostos filosóficos; teorias de base e principais conceitos. Trazer desde sua fundação como grupo a temática do compromisso social, a ética em Psicologia Clínica e rede de cuidados, objetivando articular as políticas públicas de saúde conforme as necessidades apresentadas pelo cliente, assim como aplicar os princípios éticos na prática clínica, passando pelas demandas e desafios atuais, para assim, desenvolver o pensamento articulado entre os saberes teóricos nas diversas áreas de atuação do psicólogo clínico; Os fazeres e Fazeres e possibilidades no processo psicoterápico: instrumentação técnica, metodológica e vivencial, através das experimentações em Gestalt-terapia Compreender as diversas formas de aplicabilidade dos experimentos na clínica. E por fim o Atendimento Supervisionado para desenvolver articulação entre a teoria e prática através da leitura e compreensão de dados presentes nos casos clínicos discutidos em sala e atendidos na clínica. Diante do exposto, o objetivo da mesa redonda é apresentar nossa experiência como Gestalt-terapeutas, professores e coordenadores do curso de aprimoramento clínico em Gestalt-terapia, realizando uma reflexão crítica e fomentando um debate acerca da importância de uma formação que envolva os aspectos éticos fundamentais para uma postura clínica comprometida politica e socialmente.

Palavras-chave: Formação; aprimoramento clínico; Gestalt-terapia

AS DIVERSAS POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO E NA ATUAÇÃO ÉTICO-POLÍTICA DE GESTALT-TERAPEUTAS

Cristiane de Brito Leite
Psicóloga (UNICAP) mestra em gestão empresarial (UNIFBV)
cristianeleitepsi@gmail.com
Coordenadora do Instituto Transforma a Dor - Grupo de apoio à perda gestacional e neonatal

Etiane Oliveira
Gestalt-terapeuta
Mestra em Psicologia (UFPE)
Professora e Supervisora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFAFIRE
etianeoliveira@yahoo.com.br

Vladya Lira
Doutora em Psicologia Clínica pela UNICAP-PE
Docente e Diretora do Espaço Construir
vladyalira@hotmail.com

RESUMO: Morte e luto são experiências difíceis de falar e lidar no mundo contemporâneo. A perda de alguém significativo pode ter um impacto devastador na autorregulação dos familiares, os quais, em sua maioria, tendem a não apresentar recursos para integrar essa experiência e gerir a intensidade do sofrimento. Assim, o luto é um assunto que requer uma especial atenção por parte dos profissionais de saúde mental, pois esses profissionais podem criar diferentes espaços de heterossuporte como possibilidade de ações terapêuticas às pessoas que vivenciam perdas e lutos. Diante do cenário apontado, propomos ministrar uma mesa redonda para pensar, agir e sentir do/a Gestalt-terapeuta desde a sua formação acadêmica nas diversas direções de acolhimento e suporte às pessoas enlutadas. Nesse sentido, a formação de alunos(as) de psicologia perpassa pela construção de um caminho que tem o cuidado como raiz primeira do humano e como condição primordial para uma ação clínica socialmente engajada. Tal cuidado também é vivido de forma visceral nos encontros de supervisão clínica, que se configuram como um local de experimentação e facilitação do processo de construção da identidade profissional do supervisionando, através da relação com o supervisor e o grupo. Segundo Antony (2021), a supervisão clínica de base gestáltica vai além de uma ação puramente pedagógica e adentra o caminho do desenvolvimento de importantes atitudes humanizadas, que visam iluminar o engajamento ético-político, bem como ampliar o conhecimento pessoal e processos psíquicos do supervisionando, de modo a facilitar a compreensão do campo intersubjetivo estabelecido durante o encontro com o cliente. O trabalho apresenta-se com um olhar respeitoso para os atravessamentos das pessoas que estão vivenciando um processo de luto e é decorrente da prática que cada autora realiza nos múltiplos ambientes de trabalho, seja na supervisão clínica com estudantes de psicologia, ou na atuação como Gestalt-terapeuta dentro de uma instituição de ensino para o acolhimento aos alunos/as e professores em situações de perdas e lutos ou na coordenação de um grupo de apoio às pessoas que vivenciam o luto gestacional e neonatal. Nessas diferentes práticas, as autoras perceberam a necessidade de algumas ações terapêuticas para além de uma clínica individual e que serão descritas na apresentação da mesa redonda. Assim, o desafio na construção do/a Gestalt-terapeuta, desde a formação, é ampliar novas possibilidades de atuação profissional que impliquem na construção de uma prática ético-política, dentro de uma clínica social, que não se refere ao atendimento das camadas pobres da população, nem diz respeito apenas os novos espaços de atuação dos/das psicólogos/as, mas sim a "clínica de qualquer lugar, de qualquer público, que insiste em combater a massificação, cada vez mais presente, e buscar ainda mais a invenção, na singularidade de cada cliente, na particularidade de cada inserção profissional" (MOREIRA et

al., 2007, p. 619). Esse novo contexto passa a exigir que na formação de novos(as) dos/das Gestalt-terapeutas, ampliem não só um olhar sobre os aspectos políticos, econômicos, culturais, sociais e éticos que atravessam o indivíduo, mas também de uma intervenção implicada politicamente cuja preocupação é com a construção de uma nova sociedade. E dentro desse campo, iremos apresentar em uma das nossas discussões a construção do/a Gestalt-terapeuta no compromisso ético-político para o suporte às pessoas em situações de perdas e lutos em diferentes espaços, pois consideramos essa ser uma temática relevante para os debates acadêmicos e sociais, contribuindo para ampliar as possibilidades de atuação desse profissional de forma preventiva com a saúde mental e emocional na atuação com pessoas enlutadas.

REFLEXÕES GESTÁLTICAS ACERCA DOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: PRÁTICAS E INOVAÇÕES

Guilherme de Carvalho
Dr. em Psicologia Clínica (PUC-RJ)
gc@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

Maria de Fátima Scaffo
Dra. em Memória Social (UNIRIO)
fatimascaffo@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Berta Sheila de Souza Ribeiro
Me. Em Ciências do Cuidado em Saúde (UFF)
bsheila578@gmail.com
Centro Universitário Anhanguera - Niterói

RESUMO: A formação em Psicologia tem sido atravessada por inúmeros e complexos fatores, advindos das demandas sociais contemporâneas. Instituída como ciência, direcionada para objetividade e, posteriormente, para a subjetividade individualizante, investiu de forma precária em conhecimentos acerca da dinâmica social, prescindindo de aprofundamentos entre indivíduo e meio. No Brasil, o viés mercadológico das instituições, guiado por critérios de lucratividade, converteram a graduação em treinamento de um conjunto de técnicas, muitas vezes desvinculadas da realidade social. Este tipo de formação tem ampliado as dificuldades de inserção do futuro profissional no mercado de trabalho, influenciado a constituição da identidade profissional, como também colocado em risco a qualidade da contribuição para o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente, crítica e comprometida com a humanidade do humano. Esta mesa tem como objetivo refletir, a partir das concepções Gestálticas, alguns dos inúmeros desafios que os profissionais da Psicologia encontram na contemporaneidade, especialmente os de orientação gestáltica. A relevância deste estudo se fundamenta na necessidade de ampliar a sensibilidade perceptiva dos profissionais da Psicologia, para o projeto de sociedade que temos em curso. Desta forma, torna-se cada vez mais imperiosa, no aqui e agora, a luta pela manutenção da qualidade do serviço que será prestado, cuja construção tem início, como já sinalizado, no processo de formação. Sendo assim, algumas questões nortearão a temática em tela. A graduação atual prepara os futuros profissionais para as demandas e possibilidades do novo ordenamento social? De que forma o estágio supervisionado pautado pela Gestalt-Terapia pode contribuir para o debate? Neste sentido, dentre os desafios que a formação profissional em Psicologia enfrenta, este trabalho destaca como figura o estágio supervisionado curricular e contextualiza como fundo uma instituição de saúde pública no Estado do Rio de Janeiro. Como recurso, visa tecer algumas reflexões Gestálticas acerca da supervisão técnica em contextos de instituições de saúde como campo de debates e controvérsias no que tange à identidade do profissional psicólogo e compromisso com as propostas de intervenção implementadas. Objetiva-se contribuir com o debate a partir da reflexão acerca do papel do educador-supervisor, baseado na Gestalt-Terapia, o incentivo ao pensamento crítico e histórico voltado para a identificação do cenário atual no campo da saúde e da possibilidade de criação efetiva de intervenções por parte do graduando de psicologia. Para tanto, defende-se uma formação teórico-prática de natureza dialógica, baseada em aspectos como mutualidade, autenticidade e confirmação. No que tange à formação teórica, contextualizando agora a realidade da rede privada de ensino, a estrutura é pensada a partir de orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), Portarias nº 1428/18 e nº 2117/19, que permitem a oferta de disciplinas virtuais em instituições com EAD até 40% da carga horária

total. Isso gerou grande impacto na formação profissional uma vez que os alunos foram deslocados de um lugar de provocação, de interação, da vivência em sala de aula, para videoaulas, que na maioria das vezes são reprodução de conteúdo segundo um modelo não crítico-reflexivo. Para a Gestalt-Terapia, que em muitas universidades é uma disciplina discutida na matriz humanista, o pouco tempo de disciplina que pode ser presencial ou virtual dependerá do sistema de oferta, mas tem grande impacto na compreensão e aprendizagem do indivíduo, formação acadêmica, exercício ético e compromisso com o vivido. A questão que se configura diz respeito a quais novas demandas e necessidades o estudante de psicologia possui em sua formação e quais ajustamentos criativos respectivos deve operar. Ressalta-se a importância de uma relação ensino-aprendizagem de qualidade baseada em parâmetros dialógicos, transversais, reflexivos e críticos para a formação do profissional em Psicologia. Da mesma forma, a Gestalt-Terapia surge como arcabouço teórico, ideológico e clínico de destaque para o campo de reflexões acerca do tema na atualidade.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Saúde; Ética; Formação.

Eixo 4 – Fronteira – Gestalt-terapia, sociedade e subjetividades de resistência

CORPO E SILÊNCIO: A CLÍNICA GESTÁLTICA COMO ESPAÇO DE AMPLIAÇÃO DE NARRATIVA

Carla Alegria
Mestre em HIV – Aids
alegriamcarla@gmail.com
Instituto Ampliando Fronteiras

Flavia F Silva
Doutoranda
flaviafsilva.psi@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Mariana Moura Magalhães
Doutora
marimouramaga@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Instituto Ciclos

RESUMO: A proposta desta mesa articula três trabalhos que entendem a existência de movimentos de silenciamento e invisibilização de determinados corpos como, por exemplo, o de pessoas que vivem com HIV-AIDS, mulheres que sofrem estupro de vulnerável – e que passam por tentativas de apagamento e minimização de suas experiências de dor – e, também, os considerados dissidentes de uma normativa ditada socioculturalmente. Atualmente, o HIV-AIDS não é mais uma doença associada à morte, devido às politicas públicas eficientes de controle epidêmico. Porém, esse fato trouxe um caráter de silenciamento a respeito das discussões sobre o tema e até de espaço para o acolhimento da dor do paciente recém positivado. A ideia do corpo são, sem possibilidade para narrativas que falem de suas angústias, ansiedades e fantasias, emudece e mascara o padecimento dessas pessoas. Ter espaço para ouvir àquele que se tenta calar, conhecer os mecanismos de poder que intersecciona sujeitos e forças atuantes sobre o acesso a informação, e se atentar para aos estigmas que recaem sobre as pessoas com HIV-AIDS, é imprescindível para compreensão desse campo. O mesmo ocorre com vítimas de um estupro de vulnerável. Tal violência é caracterizada pelo abuso sexual cometidos contra menores de 14 anos ou contra pessoas em situações em que não há possibilidade de oferecer resistência. Perls, Hefferline e Goodman (1997) nos chamam atenção para os movimentos neuróticos que podem surgir em um espaço onde o outro é reprimido. Destacamos aqui a vulnerabilidade que surge de campos onde há excesso de fragilidade, riscos constantes e violências cotidianas. Quem passa por esse tipo de violência, geralmente apresenta medo e dificuldade em falar no assunto. Isso exige que o trabalho da psicologia ofereça uma escuta sensível e que seja capaz de amparar a fragilidade de quem está em sofrimento. A desconstrução de tais ideias não pode ocorrer, simplesmente, por uma tentativa de desfazer o óbvio, buscando convencer a vítima de que ela não se sinta responsável pela agressão. A dor, que é talhada no corpo de quem sofre esse tipo de violência, clama por escuta, presença, abertura e acolhimento. E, para isso, é necessário estar atento ao ritmo e ao tempo de quem precisa de suporte. A mesa também se propõem a pensar o enrijecimento das fronteiras de contato de pessoas dissidentes e que têm suas narrativas marginalizadas. Collins (2020) se refere como imagens de controle, esses corpos que teriam suas expressões vinculadas à rótulos sociais específicos, com objetivo de um determinado controle social. Como exemplo, podemos citar as mulheres negras que são hipersexualizadas ou colocadas como fortes para o trabalho, e as mulheres brancas que são vistas como frágeis para determinadas tarefas. Dessa forma, pensaremos suas maneiras de gesticular no mundo, como Laura Perls coloca, fazendo uma referência ao estilo, isto é, uma espécie de narrativa corporal na qual, gesticula-se com seu estilo próprio ou como algo

engessado socialmente – neurotizado. A ampliação da possibilidade narrativa dessas pessoas, para que possam falar de si, de suas experiências e de suas existências, cria não só a não fixação dessas pessoas, mas, também, a possibilidade de ampliação da sociedade frente à questões de saúde pública e, acima de tudo, da existência.

Palavras-chave: Corpo; narrativas; culpa.

FENOMENOLOGIA, PESQUISA E PRÁTICAS DE CUIDADO NA AMAZÔNIA PARAENSE

Ana Paula Chagas Monteiro Leite
Doutorado em Psicologia
anapcmonteiroleite@gmail.com
Universidade Federal do Pará

Lorena Schalken de Andrade
Mestre e Doutora em Psicologia (PPGP-UFPA)
lorenaschalken@gmai.com
Universidade da Amazônia (UNAMA)
Grupo de pesquisas Gestálticas (CorpOralidades)

Roberta Bentes Flores Bayma
Doutora em Artes (PPGARTES-UFPA)
Mestre em Psicologia (PPGP/UFPA)
roberta.bayma@famaz.edu.br/florespsi@gmail.com
Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ)
Grupo de Estudo, Pesquisa e Experimentação em Teatro e Universidade (GEPETU/UFPA)

RESUMO: O cuidado pensado na perspectiva gestáltica ampliada e política pode ser definido como ação que se realiza na fronteira, no entre, no encontro entre corpos, entre existências dispostas a estar com, em estado de presença e atenção às trocas intersubjetivas. Neste sentido, abrange diversas práticas de cuidar, em reconhecimento as singularidades, no que se refere a campos diferenciados de realização, sejam eles científicos e não-científicos, e em diferentes perspectivas culturais e sociais. Esta concepção estabelece fronteiras de resistência contra processos históricos de colonização do conhecimento e, sobretudo para gestalt-terapeutas, possibilita a ampliação do olhar sobre novos modos de cuidar que se contrapõem a alguns contornos existenciais percebidos na contemporaneidade que partem de discursos e práticas sociais que transitam em urgências de produtividade, em liquidez nas relações interpessoais, nos desafios da vida virtualizada, na lógica do espetáculo e da medicalização. A urgência pelo reconhecimento de práticas de cuidado decoloniais, que poderão ser integradas ao rol de intervenções e manejo clínico na perspectiva gestáltica, mas que primordialmente entendem a diversidade de possibilidades terapêuticas em dimensões ética, política, poética e espiritual é o mote para a discussão da mesa ora proposta. Para tanto, será composta pela fala de três pesquisadoras, psicólogas, mulheres amazônidas, paraenses, que refletirão sobre os achados de suas pesquisas de doutorado, realizadas entre os campos da Psicologia e das Artes. As apresentações entregarão olhares sobre oportunidades de trabalhos clínicos e terapêuticos diferenciados, bem como sobre outras práticas de cuidar que identificam potencialmente como caminhos para ampliação da compressão de si e da relação com outres, mesmo que fora das paredes dos consultórios, da clínica tradicional individual, e sem pretensão de se tornarem unicamente psicoterapêuticas. Assim, as participações de cada interlocutora da mesa versarão sobre outros vieses para além do tradicional fazer da escuta psicoterapêutica, estabelecendo diálogos fronteiriços com outras áreas do conhecimento, além da Psicologia, propondo que o ser humano possa ser considerado em olhares de potência e resgate da integralidade do ser, que é corporal, espiritual, social, biológico. A primeira fala abordará os resultados de pesquisa qualitativa realizada com seis mulheres participantes que compartilham de suas experiências de vivenciar a dança do ventre como lazer e/ou profissão e como esta dança contribui para autoconsciência corporal e conhecimento de si, tendo na *awareness* a primeira forma de consciência sobre os limites e possibilidades de ser-no-mundo com fluidez nas fronteiras de contato, com integração de partes alienadas de si e crescimento. A segunda participante propõe

reflexões críticas acerca da construção da política Nacional de Práticas Integrativas e complementares em saúde, apresentando elementos que sustentam a epistemologia da política e as concepções de saúde e de ciência presentes no documento, abrindo espaço para refletir sobre a indústria do bem-estar, que serve a propósitos neoliberais, bem como à urgência de revisão de algumas práticas disponibilizadas e a inclusão/valorização dos saberes tradicionais brasileiros. A terceira fala contemplará processos de criação colaborativos produzidos por grupalidade feminina amazônida, o Coletivas Xoxós organização grupal independente de produção cênica composta essencialmente por mulheres paraenses, atuantes na cidade de Belém, que afirmam modos de cuidar singulares, diversos dos produzidos em determinados campos-poder, transmutados em produções cênicas compreendidas enquanto práticas decoloniais de cuidado de si e de outros.

Palavras-chave: Práticas de cuidado; Amazônia; Arte.

MULHERES: INTERPELAÇÕES GESTÁLTICAS

Laura Cristina de Toledo Quadros
Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (PPGPS-UERJ)
Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
lauractq@gmail.com

Maria das Graças Gouvêa Neco da Silva
Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Mestrado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
grgouvea@yahoo.com

Flávia Ferreira da Silva
Psicóloga pelo (IBMR-2007)
Mestre em Psicologia (UFRJ)
Doutoranda em Psicologia (UFRJ).
flaviafsilva.psi@gmail.com

RESUMO: A mesa pretende discutir questões relacionadas a mulheres a partir de diferentes interlocuções incluindo diálogos com autoras feministas contemporâneas que representam a diversidade, entrelaçadas à perspectiva gestáltica. Visamos tanto ampliar a discussão acerca desse fenômeno, quanto trazer novas reflexões. Tais proposições serão desdobradas em três momentos dialogados. No primeiro, discutiremos a noção de *mulheridade*, termo apresentado por hooks (2020/1981) como uma espécie de escala daquilo que marca determinados corpos como suficientes para se enquadrar na norma do que é ser mulher. Ela afirma ainda que a luta das mulheres negras estava alinhada com uma socialização racista, mas também sexista, trazendo para os corpos das mulheres negras a impossibilidade de alcançar uma *mulheridade* suficiente para pertencer à cultura de poder instaurada. Dessa forma, podemos alargar o conceito de *mulheridade* para todo corpo que, de alguma forma, tem tal construção colocada em xeque ao escapar dos padrões hegemônicos, heteronormativos e eurocentrados. Trabalhando sob uma perspectiva gestáltica, falaremos de *mulheridade* pensando em sair dos padrões normativos introjetados e alcançar possibilidades espontâneas de se dizer e expressar mulher criando um amplo horizonte de existência. Num segundo momento, a ênfase será no resgate das marcas femininas na prática clínica gestáltica partindo das contribuições de Laura Perls. Compreendemos que as mulheres não são passivas e ao longo da história recalcitraram, resistiram e também transgrediram, ainda que muitos de seus rastros tenham sido obscurecidos. Isabelle Stengers (1989) traz uma noção de ciência na qual paciência, sensibilidade, presença e disponibilidade para esperar, conhecer o tempo e as singularidades do/a outro/a são preponderantes. Esse modo é o que ela afirma como uma "ciência no feminino". Segundo a autora, tal denominação não se restringe à questão de gênero, mas sim a processos e procedimentos que envolvem uma forma peculiar de pesquisar: agregadora e não hierarquizada. Se tomarmos a predominância masculina na trajetória da psicologia enquanto ciência, constatamos a exclusão desse fazer no feminino, inclusive invisibilizando as mulheres, sem destacá-las como participantes legítimas na construção deste saber. A clínica gestáltica sob a inspiração de Laura Perls, ao nosso ver, desloca-nos para um fazer no feminino, nos moldes propostos por Stengers, tanto através do resgate da dimensão sensível da experiência, quanto nos modos de transgredir ao que é estabelecido e resistir as opressões. Compreendendo a clínica como uma artesania (QUADROS;2021) recorreremos principalmente a Laura Perls (1977) que nos diz da delicadeza de construirmos nosso estilo próprio enquanto terapeutas apoiado no que experienciamos ao longo da vida. Buscaremos também reavivar o que consideramos como marcas por ela deixadas, reintegrando as mulheres na formação desse conhecimento. Por fim, traremos uma articulação entre as vivências de pacientes mulheres, narradas a uma Gestalt-terapeuta, e as contribuições das pensadoras feministas Silvia Federici (2017) e bell hooks

(2019) a respeito da domesticação dos corpos femininos e da formação das narrativas que servem para a deterioração do amor-próprio. Todas as pacientes, de diferentes idades, negras e não negras apresentam em comum o que é descrito aqui como "um olhar de ódio a si mesmas", o que levanta o questionamento sobre como e ao que ser mulher as submete. As contribuições de Federici partem da obra "Calibã e a Bruxa" (2017), que discorre a respeito da construção do sujeito contemporâneo, em especial do processo através do qual a dominação do corpo feminino constitui a identidade feminina, e de que modo isso vem a servir às bases do capitalismo. Em seu estudo, Federici reconstrói a origem do trabalho doméstico, firmado na divisão entre produção e procriação, o que gera uma assimetria na construção das identidades de gênero dos sujeitos. Tal assimetria serve muitas vezes como justificativa para desigualdades e violência contra as mulheres. Ainda que as narrativas que se constituem para deteriorar o amor-próprio de mulheres negras sejam diferentes daquelas constituídas para as mulheres brancas, destaca-se com este trabalho um elo em comum, que pode promover a construção de uma pauta que zele pelos direitos de todas as mulheres, visto que os corpos femininos são os mais violentados da história, há muito tempo. Considerando as peculiaridades de nossa prática, atravessar as questões de gênero bem como o sofrimento que elas suscitam nas mulheres nos traz a oportunidade de reconfigurar nosso olhar e nosso fazer na clínica gestáltica.

Palavras-chave: Mulheres; corpos; resistências; Gestalt-terapia

TECENDO INTERSSUBJETIVIDADES: BOLSÕES DE RESISTÊNCIA PARA LIDAR COM A VIOLÊNCIA NA VIDA COTIDIANA

Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa
Doutorado
virginiaitgt@gmail.com
PUC-Goiás/ITGT-GO

Myrian Bove Fernandes
Psicóloga Clínica
Gestalt-terapeuta
myrianbove@uol.com.br
Instituto Gestalt de São Paulo

Claudia Ranaldi Nogueira
Psicóloga Clínica
Gestalt terapeuta
ranaldi@uol.com.br
Instituto Gestalt de São Paulo

RESUMO: Ainda que a humanidade tenha alcançado alto nível de evolução intelectual e tecnológica, não consegue lidar de forma harmoniosa com suas emoções e a violência predomina em vários aspectos da convivência em sociedade. Chegamos ao ponto de cientistas questionarem o desenvolvimento da Inteligência artificial, pois este pode gerar um impacto tanto positivo, como o avanço exponencial das ciências, quanto negativo, como a destruição da própria humanidade. (Haja visto menções sobre o ChatGPT que afirmam "Já é um psicólogo melhor do que 80 % dos profissionais que tem no mercado hoje" – Folha de São Paulo, caderno Equilíbrio, 15/04/2023) Diante desta questão é necessária uma reflexão radical sobre o legado que estamos deixando para as próximas gerações. A Gestalt-terapia traz uma importante contribuição para a educação ao alertar para a qualidade do contato na relação entre pais e filhos. A mesa aborda a temática destas primeiras relações ao longo do desenvolvimento infantil na perspectiva da Gestalt-terapia e salienta sua importância na construção da identidade da criança compondo interssubjetividades que têm o poder de afetar o campo maior e contribuir para transformar nossa cultura propondo uma convivência social mais solidária. A abordagem gestáltica traz a compreensão da energia agressiva como propulsora da ação e assimilação da experiência e carrega em seu bojo a ampliação da awareness reflexiva valorizando a relação dialógica como um fator de interação na fronteira entre subjetividades (ou na intersubjetividade) de modo a lidar criativamente com um campo que se apresenta tão adverso. A primeira fala propõe uma análise do campo em que habita o casal que se prepara para receber uma criança. A segunda fala focaliza as primeiras interações entre os pais e a criança salientando a sua importância na construção da identidade e modo de ser. A terceira fala desenvolve uma reflexão sobre a formação do juízo moral e da conduta ética que, segundo os autores, são os elementos de resistência para lidar com as adversidades oriundas da violência que percebemos no contexto atual. As mudanças aceleradas requerem novos ajustamentos criativos a cada momento. Nosso cérebro e nossa condição evolutiva caminham no ritmo da natureza, que é mais lento. Surge a pergunta: como compor um todo harmonioso lidando com tantas arestas? É este o debate que propomos nesta mesa.

Palavras-chave: intersubjetividade; contexto social; diálogo.

Eixo 5 – Awareness – interlocuções gestáltica e arte: expressividade e corporeidade

"DOU RESPEITO ÀS COISAS DESIMPORTANTES:" A ARTE COMO FUNDAMENTO NA FORMAÇÃO DA/DO/DE TERAPEUTA

Marcele de Freitas Emerim
Doutora em Psicologia
marceleemerim@gmail.com
Profissional autônoma

Wanne de Oliveira Belmino
Especialista em Saúde Mental
wanneb@gmail.com
Profissional autônoma

Wilson Luís
Especialista em Gestalt-terapia
wilsonluisnr@gmail.com
Docente na Faculdade Luciano Feijão - FLF

RESUMO: É comum pensarmos a formação da/do/de gestalt-terapeuta a partir do tripé: formação, supervisão e psicoterapia pessoal. Inegavelmente o investimento nesses pontos são importantes para a construção de uma prática clínica implicada, crítica e ética. No entanto, consideramos que há muitos outros aspectos importantes nesse processo de contínua formação e aprimoramento da/do/de psicoterapeuta. Neste trabalho vamos abordar a importância do contato com linguagens artísticas, do mergulho nas humanidades que se dá nesses encontros, como fundante no refinamento do olhar e da relação terapêutica. O objetivo dessa mesa redonda é refletir sobre a importância da arte na formação da/do/de gestalt-terapeutas. A metodologia da mesa redonda será realizada a partir de partilhas das/do autor(as) sobre suas experiências como psicoterapeutas gestálticos e seus mergulhos artísticos, especialmente no contato com o teatro, a música, as artes visuais e a literatura/poesia. É fundamental enquanto gestalt-terapeutas(es) nos posicionarmos no mundo de maneira curiosa, expansiva, buscando riqueza e diversidade de contatos e de formas de expressão. A curiosidade, a vastidão e a profundidade de experiências é terreno fértil para a expressão criativa na vida e na clínica. Presente em todas as pessoas, a dimensão sensível apresenta-se de maneiras distintas e fala sobre nossa conexão com o mundo através dos sentidos e pode ser estimulada a partir da relação com obras de arte (no fazer e/ou na fruição). Ligada aos fenômenos sensoriais, temos a percepção, tida como a capacidade de decodificar o que estamos experimentando e de organizá-lo em mensagens que chegam à nossa consciência. A sensibilidade é uma abertura constante ao mundo e nos liga diretamente aos acontecimentos ao nosso redor, mantendo forte vinculação com os contextos sociais e culturais em que vivemos. Dessa forma, a/o/e psicoterapeuta/e que busca ampliar suas percepções a partir da contemplação e/ou do fazer artístico pode, além de favorecer seu próprio desenvolvimento pessoal (ético, político e estético), estar mais atenta/o/e às demandas humanas que lhe cheguem em seus espaços de atuação - em suas variadas formas de mostrar-se.

Palavras-chave: Gestalt-terapeuta

A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS CRIATIVOS NA PSICOTERAPIA INFANTOJUVENIL À LUZ DA GESTALT-TERAPIA

Fabiana de Andrade
Psicóloga
fabianadeandradepsi@gmail.com
Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE)

Etiane Cristine de Oliveira
Mestre em Psicologia pela UFPE
etianeoliveira@yahoo.com.br
Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE)

RESUMO: Este trabalho marcou a conclusão do estágio clínico supervisionado da autora, no ano de 2022. Tendo em vista a grande contribuição do uso de recursos criativos nas intervenções psicoterápicas orientadas pela Gestalt-terapia, a autora debruçou-se sobre a presença dos recursos gráficos no atendimento ao público infantojuvenil. A adoção da temática visava contemplar os interesses profissionais da autora, tanto no que tange ao público com o qual se sente maior afinidade, quanto ao olhar sensível e artístico dela. Do ponto de vista acadêmico, foi um estudo de grande valia para o fortalecimento da fundamentação teórica da prática clínica da autora, uma vez que para executá-lo foi necessário debruçar-se sobre fundamentos epistemológicos da abordagem e apropriar-se deles para, então, melhor associá-los às intervenções realizadas. As situações consideradas no trabalho foram diversas, contemplando desde contextos onde a falta de insumos - que poderia se apresentar como limitadora - desponta como convocação ao ajustamento criativo e abertura de possibilidades, ao uso do desenho para além da infância, contemplando também a fase da adolescência - ainda carente de produção literária na Gestalt-terapia, conforme o constatado durante as pesquisas bibliográficas realizadas para a produção deste trabalho - como público pelo qual o desenho pode ser vivenciado enquanto experimento psicoterápico e, ainda, como a expressão lúdica possível à faixa etária. Amplia-se, desta forma, a discussão sobre um uso de recursos criativos que, fugindo da obviedade, lance mão da criatividade como fim e, ao mesmo tempo, como meio interventivo. Uma vez que a Gestalt-terapia valoriza a relação terapeuta-consulente e a expressão criativa do paciente como recursos fundamentais para o processo de autoconhecimento e transformação, e que entende o desenvolvimento humano como um processo contínuo e permanente de ajustamento criativo, mediado pelo potencial de autorregulação organísmica do indivíduo, compreendemos o recurso gráfico como importante aliado na construção do processo psicoterápico, por diversas frentes, sendo uma delas o fortalecimento do vínculo terapêutico. Entendendo a relevância do recurso criativo na vinculação, escolhemos o recurso gráfico como forma de destacar a importância da criatividade como um caminho saudável de auto realização, tanto do cliente e do terapeuta em suas dimensões mais individuais, quanto da relação que, como sabemos, comporta-se e apresenta sua própria e distinta *gestalt*. Ao compreender fenomenologicamente a criatividade, é possível fazer dela não apenas ferramenta, mas também o próprio experimento. A natureza de *práxis* tão fundamental do experimento gestáltico vai, portanto, retirar do grafismo proposto qualquer caráter meramente alegórico ou expressivo, e torná-lo simbolicamente parte da relação estabelecida, vez que o desenho executado no palco da relação é entendido como *a relação* ela mesma. O caminho percorrido nesta produção teve a relação terapêutica como ponto de partida e alicerce, pensando o desenho como promotor do encontro e este, por sua vez, como grande tela experiencial, onde traços, cores e texturas de dois seres - terapeuta e consulente - se irmanam, de forma que ao encontro não caiba mais ser classificado como substantivo: ele torna-se o verbo onde cabem todas as transformações de realidade e crescimento. É válido também

ressaltar que o fomento das possibilidades de inovações interventivas na clínica serve para convocar o desprendimento tanto do material concreto comumente usado na facilitação do desenho como também do desenho como sendo simples *output* do mundo interno do paciente. Demonstramos, portanto, como pensamos gestalticamente o desenvolvimento humano: processo contínuo, único para cada indivíduo, livre de rótulos, divisões, técnica, metas e performance. É sobre sair da caixa, seja de lápis, tintas e pincéis, ou seja, de introjetos e convenções. Mais que o traço, a nós, psicoterapeutas orientados pela Gestalt-terapia, importam os sentidos atribuídos a ele.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Infantojuvenil; Recursos Criativos.

FALA, SILÊNCIO, DIÁLOGO E POESIA: DIMENSÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS NA CLÍNICA GESTÁLTICA

Eduardo de Sequeira Cremer
Mestre em Psicologia Clínica pela UFRJ
eduardocremer.psi@gmail.com
Coordenador e Supervisor Grupo Conhe-ser

Jessé Guimarães da Silva
Doutor em Psicologia
psi.jsilva@gmail.com
UFRJ

Priscila Pires Alves
Doutora em Psicologia
priscilarosas71@gmail.com
UFF

RESUMO: A mesa propõe discutir diferentes formas de produção de vozes na clínica da Gestalt-terapia e de sentidos que decorrem do espaço de interação e coexistência no mundo. A clínica gestáltica propicia, através da perspectiva dialógica e fenomenológica, uma compreensão estético-política na produção de sentidos, nas vozes, na fala, no silêncio e na poesia. A partir dos conceitos propostos por Merleau-Ponty acerca da palavra falada enquanto vivência-corpo que une a pessoa consigo própria e com o mundo, concomitantemente, constitui-se uma clínica que aponta para uma compreensão estética do mundo, incluindo a dimensão sensível como possibilidade de coprodução de sentidos voltada a experiência do que está sendo dito na ação do encontro e do estar-com. A linguagem é um fenômeno presente no vínculo com o mundo e com o outro, condição fundamental de expressão em nossa existência. As palavras que compõem a linguagem não contêm somente seu significado dado pelo código linguístico, mas carregam uma composição de campo afetivo, histórico, cultural e social, indicando que, para criar alguma possibilidade de encontro clínico, partimos de uma apreensão estética de mundo. O foco, deste modo, encontra-se na experiência do que está sendo dito. PHG discutem a aquisição da fala, indicando que a fala subvocal constitui-se na cultura, compondo a retórica da função personalidade do *self*, além de forjar os hábitos de fala desde a infância que, com o tempo, vão se diferenciando no campo organismo/ambiente. A depender do processo, a fala subvocal pode permanecer e se repetir na forma de verbalização ou ser transformada em fala poética e criativa. Na clínica, ouvindo o silêncio presente, possibilitamos o aparecimento de uma fala poética, ato expressivo criador que assimila o inacabado por meio da *awareness* do campo. Podemos, então, propor uma clínica que pode experimentar as palavras, montando e desmontando frases, interrogando termos e, ouvindo os silêncios pelas frestas de um discurso racionalizado. As formulações dialógicas, ao atribuir a condição da relação para caracterizar a condição humana, fundamentam importantes argumentos para se pensar dispositivos de intervenção sobre os processos de produção de si e dos modos de constituição do ser-no-mundo. No trabalho com pessoas com Transtorno do Espectro Autista, a relação é entendida como um processo comunicativo que envolve o indivíduo em sua capacidade polissêmica e potente de se revelar no espaço de interação, produzindo uma experiência estética do humano em que seu "em sendo", leva-nos a identificar um conjunto de posições que ilumina certa perspectiva sobre o mundo produzindo, em interlocução, uma comunalidade na qual as possibilidades de reinterpretação de si e do outro, oferecem novos sentidos para a compreensão do fenômeno do autismo. O *slam* é outro fenômeno em que a fala poética aparece, a partir da produção de vozes performatizadas que possibilitam a restituição da plenitude, de uma unidade perdida que inclui texto, sonoridade, gesto, ritmo, respiração. Busca-se a análise da existência sonora da voz,

vivida na coexistência com o mundo, no corpo interposto, na medida em que ela favorece aberturas sensíveis e espontâneas para as significações. O *slam* enquanto construção de uma intertextualidade corpo-poesia-voz-gesto, encontra na experiência intercorporal aberturas para as significações de existência. Experiências estas que a voz em movimento, enquanto vivência-corpo, liga a pessoa consigo própria e com o mundo. A poesia como palavra viva não é algo que se diz sobre o mundo através de uma atividade de entretenimento, meramente, mas que se sente junto ao mundo, na medida em que devolve aos signos a pluralidade de seus sentidos. Traz consigo a corporeidade, o calor, o volume do corpo, do qual a voz é extensão. O caráter performático-estético-político, revelado no encontro com o outro, na palavra que convoca, não apenas faz surgir possibilidades de abertura a uma dimensão intersubjetiva, mas também suscita outros regimes de visibilidade do que se apresenta no campo.

Palavras-chave: Expressão, Autismo, Poesia Falada.

JEAN E MARIE: EXPERIÊNCIA SEXUAL, AWARENESS E CONTATO

Fabiana De Zorzi
Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR)
Graduada em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul-RS (UCS)
dezorzi@gmail.com

RESUMO: Este trabalho visa compreender, a partir de um estudo de caso, como a construção da "awareness sexual" em um casal heterossexual, Jean e Marie (nomes fictícios), pode contribuir para o reconhecimento não apenas de uma identidade de casal, mas também da identidade de cada um como pessoas que possuem papéis sociais próprios e padrões de contato semelhantes com o mundo. Conforme Zinker (2001), o número de sessões individuais deve equivaler-se entre os cônjuges, e assim foi feito. A investigação partiu de 10 sessões com o casal e 4 sessões individuais, em que se adotou a abordagem gestáltica. Awareness é conceito bastante empregado em Gestalt terapia. Yontef (1998) define-o como uma manifestação da experiência em que há intensa mobilização sensorial, motora, emocional, cognitiva e energética do evento que se dá no campo indivíduo/ambiente. Aqui awareness sexual diz respeito à consciência integral de si e do outro na relação sexual. Ao longo das sessões, observou-se que o casal não experienciava uma relação sexual satisfatória. Relataram que muitas vezes um dos cônjuges passava por dificuldades profissionais ou familiares e isto demandaria atenção para além do que o encontro afetivo requeriria. Como consequência, nos momentos de intimidade do casal, não haveria acionamento de sensações sexuais e o nível de excitação não atingia o necessário para o orgasmo. A awareness sexual estava interrompida. De acordo com Kaplan (1970), a satisfação sexual passa por três fases: desejo, excitação e orgasmo. A falha em uma delas tem efeito sobre as demais. Durante as sessões, constatou-se que existe uma flexão de contato implementada por sofisticação sexual, a qual se concentra em Marie, que se sentia apenas como objeto de desejo. Segundo ela, o contato não ocorreria por ela não se sentir genuinamente tocada. Constatou-se que, enquanto Jean alcançava o clímax, Marie se mantinha apenas no nível de experiência sensual. Ou seja, haveria certo nível de excitação, mas não suficiente para uma entrega, para uma forma de ser vista e validada que lhe permitisse viver uma experiência afetivo-sexual satisfatória. Quando o casal chegou à clínica, ainda sem a certeza do que expectavam acerca de sua relação, conseguiram apreender o que, em cada movimento próprio, limitava, dificultava, ou mesmo distanciava um do outro. Aos poucos, com o trabalho clínico, conseguiram ampliar sua consciência do quanto revisitavam, na relação, situações inacabadas muito remotas. Perceberam, assim, que o ajustamento criativo do casal podia também ser o percurso da superação de suas próprias limitações, intransferíveis. A análise do caso permite algumas reflexões sobre o corpo, a sexualidade e o vivido. Evidencia-se que nosso corpo conta a nossa história. Desde o nascimento, somos invadidos por sensações que se tornam registros, constroem a nossa percepção e moldam como entramos em contato com o mundo, bem como sentimos, pensamos e agimos. A forma de contato e suas interrupções, ou conforme Robine (2006; 2016), flexões de contato, são evidenciados por rastros que contam a experiência vivida das pessoas. Cada experiência, boa ou ruim, é geradora de sensações agradáveis ou desagradáveis que atravessam o corpo e fazem deste um corpo vivido (DeZorzi, 2020). A forma como o corpo é afetado pelas experiências, o autorregula conforme o contexto. Ou seja, o corpo é afetado e desenvolve formas muito particulares de afetar os outros. Aplicada à sexualidade, essa análise nos indica que maturidade sexual frequentemente se confunde com sofisticação sexual. A relação sexual é apenas o produto final de um contato. Ao tocarmos ou sermos tocados somos atravessados por sensações. Quando corpo e afetos se harmonizam, tornam-se produtores de sentidos sensuais. A experiência sensual envolve estimulação e excitação sensoriais, mas a intensidade do encontro de um casal vai muito além disso, passando pela forma como o corpo vivido de cada um se constrói antes da relação. Ao adquirirem

consciência de seus processos, Jean e Marie ampliaram a awareness no seu entre afetivo-sexual. Jean flexiona sua forma de contato com Marie, com produções de sentido que os aproximam como casal, e Marie amplia sua awareness sexual, a evolução de suas sensações e desenvolvimento do que a envolve afetivo-sexualmente, deixando de sentir-se como objeto.

Palavras-chave: Sexualidade; Awareness; Gestalt-Terapia

RACISMO E PROIBICIONISMO: PERSPECTIVAS GESTÁLTICAS SOBRE VIOLÊNCIA, RAÇA E USO DE SUBSTÂNCIAS

Bruna dos Santos
Formação em Gestalt-terapia santosbrunapsi@gmail.com
Ethos – Estudos e Psicologia Clínica

Leda Mendes Gimbo
Gestalt-terapeuta ledagimbo@ufg.br
Universidade Federal de Goiás

Welison de Lima Sousa
Gestalt-terapeuta
welisonls@gmail.com
Ethos – Estudos e Psicologia Clínica

RESUMO: A Gestalt-terapia sustenta em sua ontologia e ética a liberdade como fundamento e o exercício clínico como práxis, implicado com as reflexões políticas, econômicas, relações sociais, o contexto sócio-histórico e seus efeitos nos modos de subjetivação e produção de sofrimento. Nesse sentido, o campo, a situação e a dimensão relacional são fundamentais para compreender como as pessoas encarnam e experienciam o sofrimento em determinada camada temporal, uma vez que o sofrimento não é uma produção intrapsíquica. O racismo estrutural é, certamente, a grande âncora das violências e produção de sofrimento nesse país, uma vez que mesmo as violências pautadas no gênero são agravadas quando atravessadas pela dimensão da racialidade. Essa mesa tem a proposta de debater as violências enquanto fenômenos sociais multifacetados, em suas dimensões operacionais e expressivas, ou seja, materializadas nas situações, mas também e sobretudo enquanto fundos habituais que orientam ações, configuram identidades e funcionam como ferramenta de governo. Também é objetivo desse trabalho apontar o racismo como formação estrutural sócio-histórica e como os estigmas sociais de raça e uso de substâncias se alinham ampliando os efeitos das violências nas pessoas. Aqui, compreendemos como o racismo e o proibicionismo operam de forma coesa, indissociável e são alicerce para uma séria de violações impostas a pessoas, violências operacionalizadas, respaldadas pela dimensão expressiva, cultural e estrutural. Nos interessa propor uma leitura crítica a partir da Gestalt-terapia acerca do racismo, do uso de substâncias e das violências produzidas e operacionalizadas sobre os corpos de pessoas pretas, de pessoas usuárias, bem como, a partir dessa problemática, discutir como se constituem possibilidades interventivas que, respaldadas na ética gestáltica orientem a práxis na clínica em suas dimensões mais ampliadas e não restritas aos settings clássicos. Como pensar-fazer Gestaltterapia na fronteira tênue entre raça e uso de substâncias? Como compreender a violência aplicada às pessoas que encarnam essas existências? Por fim, mas não de forma conclusiva, uma vez que o debate sobre violências, proibicionismo e racismo não se pode definir ou encerrar de maneira simples e pouco complexa, mas à guisa de contribuição com a problematização e implicação de Gestalt-terapeutas, nos interessa pensar a ética gestáltica alinhada com a reconfiguração e atualização das políticas públicas e propostas clínicas que se inspirem em práticas libertárias de acolhimento à alteridade, à radicalidade da vida na fronteira e em metodologias de cuidado que não reproduzam o estigma social aplicado a pessoas usuárias de substancias. Espera-se considerar o racismo e o proibicionismo como parceiros das violências e propor metodologias interventivas e de produção de cuidado em Gestalt-terapia que dissolvam a dimensão moral que fundamenta preconceitos e considerem as existências como dignas de espaço, liberdade, acolhimento, escuta qualificada, possibilidades de inclusão e, sobretudo, como a clínica gestáltica pode se configurar como ferramenta contra a reprodução de violências e a favor da afirmação das

identidades e da vida livre, atualizando o campo e os horizontes para combater o racismo, o proibicionismo e toda a sorte de violências que se respaldam nessas formações estruturais.

Palavras-chave: Violência; Racismo; Redução de Danos.

RECURSOS CRIATIVOS EM GESTALT-TERAPIA: EXPRESSIVIDADE NA LITERATURA, FOTOGRAFIA E AQUARELA

Deyseane Maria Araújo Lima
Doutora em Educação
deyseanelima@yahoo.com.br
Vincular. Unichristus

Ana Caroline Costa Vieira
Mestra em Psicologia
contato@institutocarolinevieira.com
Instituto Caroline Vieira

Wanne de Oliveira Belmino
Especialista em Saúde Mental
wanneb@gmail.com
Profissional autônoma

RESUMO: Na gestalt-terapia, podemos associar o processo de saúde à criatividade, que implica fluidez e movimento na relação terapêutica. Os recursos criativos são facilitadores do processo terapêutico, pois propiciam ao sujeito entrar em contato com o seu funcionamento criativo e saudável, facilitando a presentificação, a expressão de emoções e a experimentação de múltiplas linguagens. O ato criativo envolve a totalidade humana, a possibilidade de estruturar, organizar e se transformar na relação sujeito-mundo. Este processo de experimentação na Gestalt-terapia é um contínuo dar-se conta da disponibilidade para o encontro entre o cliente e o psicoterapeuta. O fluxo presente e consciente, a *awareness*, não se dá somente no nível cognitivo, mas também nos níveis sensório-motor, emocional e energético. O objetivo da mesa redonda é de refletir sobre o uso da aquarela, literatura e fotografia como recurso criativo na Gestalt-terapia. A metodologia será por meio de apresentação oral de experiências clínicas das participantes seguida de debate. A aquarela é a melodia das artes visuais. Seus tons musicais são compostos pelas camadas de luz, opacidade, transparência e solidez. Na aquarela a materialidade da tinta, o processo de produção e a obra artística finalizada nos permitem convidar o cliente a perceber aspectos do seu modo de se expressar e se relacionar no mundo. Essa expressão de existência e de vida se dá através de manchas, traços, contornos, mistura de cores e criação de nuances, permitindo a construção de formas concretas e abstratas, sendo possível retocar partes indesejadas, utilizar matizes, sobrepor camadas, facilitando a manifestação do desejo singular a cada momento da produção. Essas características permitem o(a)(e) gestalt-terapeuta convidar o cliente a pintar com menos controle, dando fluxo a sua espontaneidade, podendo assim expandir suas formas de estar no mundo. O trabalho com a literatura como recurso criativo pode promover a expressão de sentimentos e emoções do cliente, pois a partir da leitura o cliente pode trazer associações com os personagens presentes na obra literária, se projetar na história de vida e contexto familiar deles, ter a sensação de algum incômodo por alguma situação vivida por eles. Pode facilitar o processo de autoconhecimento e compreender as dinâmicas das relações interpessoais, o que pode contribuir para o ajustamento criativo do sujeito com o seu contexto. O sentido desse recurso criativo é identificar, justamente, a perspectiva do cliente acerca das obras lidas, buscando verificar o que lhe chamou atenção, com o que se identificou e o que foi sentido durante a leitura. O sentido não deve ser dado pelo gestalt-terapeuta, mas sim pelo cliente. O(a)(e) gestalt-terapeuta busca compreender o sentido proposto pelo cliente, manifestando acolhimento ao que for relatado na sessão, o olhar que foi dado para a sua própria história a partir da leitura. O estudo da fotografia e da gestalt-terapia se interligam por meio de conceitos como percepção, pregnância, figura-fundo. A fotografia é um documento terapêutico poderosíssimo. Ela registra momentos que

nunca mais vão acontecer. Momentos que construíram a história do sujeito, do casal e da família. Além de acessar memórias poderosas, atualiza identidades, favorece a tomada de consciência e também possibilita a desconstrução e reconstrução dessas imagens, fazendo uso de tesouras, cola, vela, giz de cera. Dessa forma, o uso da fotografia pelos terapeutas de casais demonstra-se ser valioso como instrumento de ressignificação e atualização da história dos mesmos. No trabalho com recursos criativos na Gestalt-terapia, como aquarela, literatura e fotografia, possibilitamos com que o cliente entre em contato com temáticas e reflexões que se associam com as suas experiências, facilitando a percepção de si mesmo e do seu contexto social, possibilitando-o promover a ressignificação de experiências. É indicado também que o gestalt-terapeuta perceba se há disponibilidade por parte do cliente para realizar essas atividades, assim como, perceber o auto-suporte do cliente. Concluímos que o uso desses recursos criativos coaduna com a proposta teórica e metodológica da gestalt-terapia que tem, entre outros objetivos, o de promover a *awareness* de sua identidade atual por meio da expressão artística.

Palavras-chave: Aquarela; Fotografia; Literatura.

TECITURAS GESTÁLTICAS: ENTRE ARTE, CORPO E POLÍTICA

Raquel Guedes Pimentel Pilon
Doutora em Psicologia Social (UFSC)
Gestalt-terapeuta
raquel@nucleoampliar.com.br
Núcleo Ampliar Psicologia

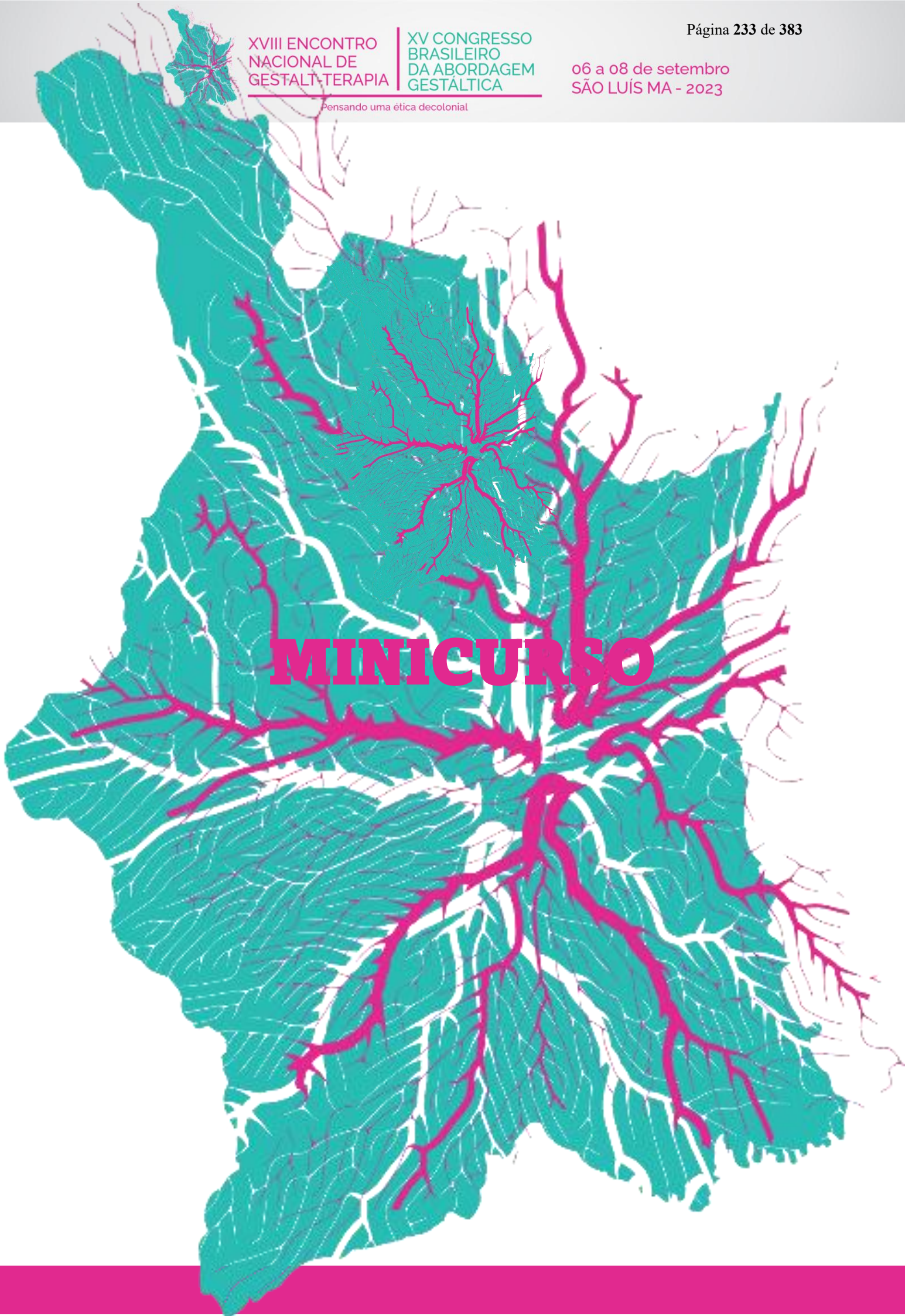
Lorena Schalken de Andrade
Gestalt-terapeuta
Doutora em Psicologia - Fenomenologia, teoria e Clínica (PPGP-UFPA)
lorenaschalken@gmail.com
Universidade da Amazônia (UNAMA)/Grupo de pesquisas Gestálticas (CorpOralidades)

Bruna Improta de Oliveira Mendonça
Doutora em Psicologia (UFBA)
improta.bruna@gmail.com
Instituto de capacitação de psicoterapeutas (ICP)

RESUMO: Em um momento histórico em que o sentir vai sendo orientado e sustentado a partir de um regime neoliberal- colonial, resgatar a capacidade de conexão com o próprio sentir torna-se relevante na construção e no resgate de novos possíveis coletivos e individuais. E a arte que promove rupturas e sensibilidades, convoca a participação, pode contribuir para esse processo. A arte na relação com a gestalt-terapia pode assumir diferentes abordagens, a partir do olhar e da forma de relacionar a mesma com essa teoria. Pode ir por um viés terapêutico e, também, pelo viés político, social. A Arte da performance traz em seu bojo algo em comum com a gestalt-terapia: a experimentação, a co-construção e a ruptura com o lugar comum. Uma obra, uma performance, uma dança também têm a potência (ou não) de despertar e convocar o espectador para interagir, participar e sentir o que a obra diz sobre si e sobre um tempo, um outro, um zeitgeist. Nossa proposta, em consonância com a noção de experiment-ação de Alvim (2014), trata-se de uma mesa redonda-experiment-ação/ performance; uma ação que experimenta o risco. Uma aventura rumo ao desconhecido, ao estranho. Um convite ao mundo da experiência, por meio do encontro, do corpo e da arte, incluindo elementos de ruptura e o público interlocutor como agente compositor (Rauen, 2009). Traremos dois contos de Laura Perls do livro *Timeless Experience - Laura Perls's Unpublished Notebooks and Literary Texts (1946 a 1985*) organizado por Nancy Amendt-Lyon, disparadores para essa conversa/experiência e problematizaremos neste espaço como a arte-performance pode contribuir num campo clínico terapêutico e/ou social para promover desvios, fazer sentir, reconhecer formas, hábitos, transformar. Teceremos diálogos entre arte, corpos e política nas relações e na prática clínica em Gestalt-terapia, propondo reflexões dissidentes no cotidiano.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Arte; Política.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE GESTALT-TERAPIA
XV CONGRESSO BRASILEIRO DA ABORDAGEM GESTÁLTICA
Pensando uma ética decolonial
06 a 08 de setembro
SÃO LUÍS MA - 2023



MINICURSO

Eixo 1 – Aqui e agora – a abordagem gestáltica frente aos desafios contemporâneos

ATUALIZAÇÕES NOS ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS COM CRIANÇAS – PROBLEMATIZANDO OS LEGADOS DA PANDEMIA DA COVID19

Luciana Loyola Madeira Soares
Psicóloga (UERJ)
Doutora em Psicologia (PPGPS-UERJ)
Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade (UVA)
Especialista em Psicologia Clínica e em Psicologia Educacional
Especialista em Saúde Mental Infanto-juvenil
psi.lucianasoares@gmail.com

RESUMO: Introdução – A pandemia do Covid 19 fez múltiplos estragos nas nossas vidas. As orientações técnico-científicas e as medidas governamentais para agir contra a Covid 19 foram desarticuladas entre si, o que deixou a população confusa e desamparada, afetando a saúde mental coletiva. Rapidamente, tivemos que mudar hábitos e criar soluções para novos e ameaçadores problemas. Ainda precisamos falar sobre os já tão propalados transtornos aos nossos modos de vida, e nós, Gestalt-terapeutas que atendem crianças, continuamos atenta/os/es ao que alterou a cotidianidade conhecida, e que nos colocou diante do que denomino de 'situações de aprendizagem' que se impuseram a nós. Em 40 anos de profissão venho dedicando-me a conhecer o que vivem as crianças e qual o papel de Gestalt-terapeutas em seus processos de desenvolvimento. **Objetivo –** Entendo que é urgente discutirmos como foram afetadas as crianças que viveram mudanças, perdas, medos e dores, e que tiveram seu sofrimento agravado por terem ficado sem poder ir às escolas, sem aulas, atividades físicas ou, convívio com colegas e professoras/es que mantivessem suas conexões com seus processos de desenvolvimento, escolaridade, socialização e, até de alimentação, em muitos casos. A saúde mental de crianças vem ganhando visibilidade, em entrevistas e estudos de especialistas em desenvolvimento, psicoterapias e Educação. Urge pensarmos de que crianças falamos e quais permanecem excluídas no debate e nos estudos de atendimentos psicológicos desde as inspiradoras obras de Violet Oaklander: Descobrindo Crianças (1980) e The Hidden Treasure (2007). Contamos com o trabalho de Walter Ribeiro (2015), que nos instiga a problematizar as naturalizações que recebemos geração após geração, através de modos de existir que promovem autoritarismo, adestramentos e controle. A nós, cabe o desafio de levar adiante a proposta revolucionária de Fritz e Laura Perls em nossas práticas gestálticas com as diversas infâncias brasileiras do mundo pós-pandêmico, o que exige implicação política com a produção de realidades com as quais estamos comprometidas/os. **Metodologia –** Eventos científicos são oportunidades para discussão de nossas práticas e em empenharmo-nos em produções de conhecimento política e eticamente encorpadas (SOARES, 2018), portanto, convido estudantes da graduação em Psicologia, psicólogas/os/ues, estudantes de cursos de formação ou especialização em Gestalt-terapia, professores de graduação e/ou de pós graduações em Gestalt-terapia e demais interessadas/os na atenção psicológica às infâncias, a uma reflexão compartilhada acerca dos esforços que empreendemos para viabilizar atendimentos a crianças no tempo do necessário recolhimento sanitário, que promoveu atualizações em nossa prática clínica, trazendo novas indagações. As seguintes questões nortearão este minicurso: as mudanças promoveram criatividade? Que novos caminhos se abrem para práticas psicológicas com crianças? Continuamos a restringir as possibilidades de atenção psicológica a crianças à prática da psicoterapia? Para além do 'on line', do bipessoal, para além da ampliação e aplicação de recursos técnicos e lúdicos, o que nos desafia nas práticas psicológicas com crianças? **Resultados esperados –** Que seja um Encontro dialógico como postulado por Martin Buber, e que saiamos sensibilizados e acrescentados pelas trocas de experiência profissional na vivência do tempo pandêmico. Principalmente, que, como um coletivo, possamos pensar estratégias criativas para os desafios nos atendimentos a crianças nas diversas realidades brasileiras neste

mundo pós-pandêmico. **Conclusão –** Considero fundamental que a formação de Gestalt-terapeutas que atendem crianças destaque as singularidades e a invisibilidade dos processos que evidenciam as vulnerabilidades a que estão expostas muitas crianças pela falta de políticas públicas dirigidas a elas: desigualdades sociais e raciais, diversidade de gêneros, deficiências física e/ou cognitiva, por exemplo. Entendendo os atendimentos psicológicos a crianças como atitude de resistência política, faz-se necessário problematizar o fenômeno contemporâneo de escassez de psicólogas/os disponíveis para esta modalidade de prática psicológica, o que já ocorria mesmo antes da pandemia (SOARES, 2011).

Palavras-chave: Atendimentos psicológicos a crianças; vulnerabilidades; diversidades nos legados da pandemia

CLÍNICA DA BANALIDADE: UMA URGÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Rosane Lorena Granzotto
Mestre em Filosofia, Gestalt-terapeuta
rosane@institutogranzotto.com.br
Instituto Granzotto de Psicologia Gestáltica

RESUMO: A adesão irrefletida a comportamentos banais como as adições de qualquer natureza e os rituais alimentares disruptivos tem sido um grande desafio no âmbito da prática clínica, exigindo de nós, mais além de uma metodologia de intervenção, uma reflexão mais ampla que compreenda este fenômeno como fruto do sistema social e seus dispositivos de poder que capturam os indivíduos, levando-os ao esvaziamento do pensamento, das sensações e a uma incapacidade de ação que beira a inércia. Vivemos em uma sociedade banalizada, caracterizada pela ausência de reflexão, onde os valores são determinados pelo mercado, resumidos ao econômico e ao estético. Perplexos diante da falta de referências e num contexto de irreflexividade, imersos nas demandas por consumo, produção e sucesso, sem laços sociais permanentes que lhes garantam identidades estáveis, os sujeitos da banalidade parecem não querer mais se comunicar, alienados de seus desejos, sem perspectivas e projetos, fugindo do presente e dos movimentos do vínculo social. Nesta fuga se deixam levar para um lugar outro, para uma ausência de si, numa busca desenfreada de sensações. Este minicurso visa abordar estes comportamentos como uma forma de ajustamento frente ao excesso de demandas da sociedade contemporânea dominada pelo *ethos* capitalista neoliberal. A clínica da banalidade refere-se a acolhida, atenção e intervenção a estes sujeitos que alienam suas possibilidades e interesses em favor de restos de objetos de consumo em massa e que, aprisionados pela lógica capitalista eles próprios transformam-se em objetos de consumo. Como robôs passam a ser programados por terceiros, seja o mercado, a propaganda, as substâncias ou as ideologias que servem de amparo ou sentido às suas vidas destituídas de experiências próprias e genuínas. O uso do significante “banalidade” inspira-se na obra da filósofa Hannah Arendt que o define como uma recusa ao pensamento, o que entendemos ter se tornado o modo característico da vida contemporânea. Um vazio crítico e reflexivo, uma condição de alienação, um desatar dos laços sociais como objetos a serem descartados, uma preferência pela conexão como substituto da relação. O acolhimento clínico aos sujeitos banais requer uma suspensão da moral cínica, própria do convívio social, e um engajamento aos princípios éticos da clínica gestáltica, especialmente ao seu caráter não dogmático. É de nossa prática acolher a diferença e mergulhar na singularidade do ajustamento que ali se apresenta. Porém, para que possamos ajudar estes sujeitos se faz necessário formular uma hipótese de compreensão de como este ajustamento se configura. O que se nos apresenta de forma cabal é o comportamento de deserção destes sujeitos frente aos conflitos políticos, como se esta fosse a única saída possível diante da impossibilidade de, por um lado, expressar e realizar os próprios desejos e por outro, enfrentar a demanda totalitária do Outro capitalista, optando por substituir seus excitamentos por um objeto absoluto ou assumindo identidades espectrais construídas pelo consumismo e pela propaganda manipuladora, como se isso pudesse livrá-lo do confronto com as demandas do Outro capitalista. Como intervenção neste ajustamento propomos a redução de danos como a melhor alternativa. O que se pretende é a preservação das poucas formas de defesa construídas pelo sujeito ao mesmo tempo em que se busca mobilizar alternativas de enfrentamento. Isto implica em resgatar a capacidade crítica do sujeito sobre as suas formas de banalização o que favorecerá um reposicionamento diante do ajustamento banal. As estratégias de intervenção incluem a responsabilização sobre seus atos, mas também e principalmente o encorajamento dos sujeitos ao enfrentamento do Outro social através do fortalecimento da função de ato (ego), da capacidade reativa e dos sentimentos de indignação. A isto acompanha o resgate do lugar de protagonista da própria vida e o reencontro com seus desejos na direção de novos projetos

engajados em alguma ideia de sentido relativo e não absoluto, construindo identidades sociais críticas frente às constantes demandas do Outro autoritário.

Palavras-chave: banalidade; ajustamento banal; clínica contemporânea.

COMPORTAMENTO SUICIDA POLICIAL – POSSIBILIDADES PREVENTIVAS E INTERVENTIVAS À LUZ DA GESTALT-TERAPIA

Wanessa Cristina de Melo Alves Oliveira
Graduada em Psicologia pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE)
Especialista em Gestalt-Terapia pela Faculdade Osman Lins (FACOL)
Psicóloga na Divisão de Assistência Psicológica – DIVASP da Polícia Civil de Pernambuco
wanessaoliveira8@icloud.com

Etiane Cristine de Oliveira
Professora orientadora. Graduada em Psicologia pela Faculdade de Filosofia do Recife (FAFIRE)
Especialista em Psicologia Social e Comunitária pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE)
Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco
Professora assistente e supervisora de estágio da UNIFAVIP-Devry e da UNIFBV-Devry
etianeoliveira@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho objetivou compreender a dimensão e os prováveis fatores associados ao comportamento suicida policial, a fim de elencar as possíveis práticas de prevenção e intervenção na lida com o fenômeno do suicídio policial, tendo como base conceitual a Gestalt-Terapia. A pesquisa apoiou-se no método de revisão sistemática da literatura, utilizando-se da análise bibliográfica de fontes secundárias, tais como: livros, artigos científicos, periódicos, teses, monografias, dissertações, cartilhas e manuais especializados. Na etapa de pesquisa e coleta dos dados foram utilizadas as bases de dados científicos Lilacs, Scielo e Google Acadêmico, empregando-se os descritores: risco ocupacional policial, comportamento suicida, suicídio policial, suicidologia e Gestalt-Terapia e suicídio e Gestalt-Terapia. E, como critérios de exclusão e inclusão, foram consideradas apenas as publicações com textos na íntegra, publicadas nos últimos 20 anos (2003-2023), disponíveis em português, espanhol e inglês. Após isso, procedeu-se à leitura sistemática (exploratória, analítica e interpretativa) do material reunido, a categorização das publicações em razão da similaridade dos temas, além de seus fichamentos. Apreendeu-se, então, que o policial, pela influência mútua e complexa de fatores ocupacionais, organizacionais e individuais/interpessoais, torna-se vulnerável ao adoecimento físico e mental e mais suscetíveis ao comportamento suicida. As intervenções sugeridas, segundo a literatura pesquisada, foram: a implementação de ações psicoeducativas voltadas para a população institucional, em especial, os gestores; incentivo à gestão humanizada; investimento na infraestrutura das unidades, na imagem e relacionamento institucional; ações para redução de situações de risco; política de formação e treinamento voltados para a prevenção; além de assistência à saúde mental dos policiais. Para Perls (1979 apud FRAZÃO & FUKUMITSU, 2017, p. 77) as pessoas que cometem suicídio apresentam uma impotência para enfrentar a situação e escolhem o modo mais primitivo: explosão em violência. A rigidez perceptiva se torna figural e a morte se torna a única salvação acessível em busca da mudança desejada. “Sendo assim, a pessoa que pensa no suicídio deseja eliminar o sofrimento, parte da existência, mas confunde a necessidade de aniquilar seu sofrimento com autoaniquilar-se, matando o todo.” (FUKUMITSU, 2013, p. 199). Na perspectiva gestáltica, o psicoterapeuta no manejo do sofrimento existencial oriundo do comportamento suicida é convidado a colocar-se disponível, oferecendo uma escuta atenta e uma postura ativa na relação, acolhendo e validando o sofrimento daquele que pensa no suicídio como única possibilidade; a identificar o grau relativo de risco e desenvolver um plano de gerenciamento, levando em conta a individualidade e a história de cada sujeito, estimulando novas experiências e, dessa forma, favorecendo a ampliação das possibilidades existenciais do indivíduo e a descoberta de novas maneiras de se ajustar criativamente, conquistando tolerância existencial, encontrando seu modo mais espontâneo e sentindo-se mais vivos. Esse estudo objetivou trazer à baila as características específicas que circundam o comportamento suicida policial, buscando, a partir

desse entendimento, elencar possibilidades de intervenção e prevenção adequadas a esses profissionais, através da compreensão da Gestalt-terapia sobre o fenômeno e das possibilidades de manejo alinhadas à visão gestáltica do cuidado pautado na relação psicoterapêutica dialógica como fator protetivo contra o suicídio.

Palavras-chave: Comportamento suicida policial; Suicidologia; Gestalt-Terapia.

FELICIDADE E GESTALT-TERAPIA: UMA INTRODUÇÃO

Deborah Christina Antunes
Psicóloga, Gestalt-Terapeuta e doutora em Filosofia
deborahantunes@gmail.com
Universidade Federal do Ceará

RESUMO: Bastante explorado nas filosofias e religiões, o tema da felicidade tem estado cada vez mais presente nas discussões de algumas abordagens psicológicas. Não obstante o fato de a psicologia, como campo científico, ser relativamente recente, sua preocupação com o tema da felicidade ganhou destaque em 1998, nos Estados Unidos, onde emergiu a "ciência da felicidade", com a intenção de ir na contramão do movimento hegemônico das psicologias, cuja ênfase se daria no adoecimento, no patológico, ou na falta. Desde então, muitas críticas têm sido voltadas a ela, abordando especialmente pontos políticos, ideológicos, sociológicos e econômicos, e consequências nefastas de sua ampla utilização, especialmente no mundo dos negócios como forma de perpetuar determinada forma de produção da sociedade, ela mesma geradora de miséria, mal-estar, violências e opressão. Contudo, a ciência da felicidade não é a primeira a se oferecer ao campo da psicologia a renunciar a um olhar patologizante e a colocar no horizonte o potencial de desenvolvimento humano. Ao menos cinquenta anos antes as psicologias humanistas já haviam se apresentado como uma terceira via, alternativa ao behaviorismo e à psicanálise, a partir da proposta de olhar o potencial humano de autorrealização. Não à toa, também receberam diversas críticas pelo seu aspecto ideológico, como aquela tecida por Illouz (2011) voltada mais especificamente para Maslow e Rogers sobre a problemática individualizante e liberal do discurso da autorrealização a partir do caldo cultural da liberação sexual e da abundância nos Estados Unidos da década de 1960. Illouz junto com Cabanas (Cabanas & Illouz, 2022) aponta uma proximidade entre os discursos da psicologia positiva e da psicologia humanista nesse sentido. Na mesma toada, mas a partir de uma perspectiva foucaultiana, Ferreira, Curvello e Monteiro (2009) fazem a crítica ao humanismo considerando o problema da governamentalidade liberal, das tecnologias de gestão de si pelo discurso da liberdade e da autenticidade e aos modos empreendedoristas de vida. No que diz respeito à Gestalt-Terapia, em específico, Bezerra (2007), em suas reflexões críticas sobre as bases epistemológicas desta abordagem, encontrou algumas reconfigurações teóricas realizadas por autores brasileires a partir da articulação com determinados conceitos da fenomenologia e diante dos desafios contemporâneos, em que são necessárias novas formas de compreensão da existência humana e um fazer clínico que dê suporte aos sofrimentos historicamente delineados, em um movimento de afastamento de uma concepção essencialista e de uma subjetividade fechada em si mesma. Tanto porque parece existir, de fato, uma aproximação com o tema a partir das ideias de autorrealização, quanto porque se faz urgente outros olhares e reflexões sobre a felicidade dentro da psicologia, este minicurso apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a felicidade nas publicações de Gestalt-Terapia no Brasil. Nossos objetivos foram identificar as publicações já existentes no Brasil sobre o tema felicidade dentro a perspectiva gestáltica, compreender como as autoras e autores têm trabalhado essa questão no Brasil e refletir como a Gestalt-Terapia, a partir de seu campo teórico já estabelecido, pode nos ajudar a pensar sobre o tema em nosso contexto histórico e cultural. Trabalhamos com uma investigação de cunho bibliográfico inspirada no método fenomenológico de pesquisa, visando a aprofundar nossa indagação, aprimorando e atualizando o conhecimento, ou seja, é um estudo dedicado à reconstrução e ao aprimoramento dos fundamentos de uma teoria. Desta forma, o primeiro passo de nossos procedimentos metodológicos foi realizar uma busca nas plataformas mais confiáveis atualmente de divulgação científica. Em um segundo momento, procedemos à leitura dos artigos e capítulos de livros encontrados, buscando elementos de conexão e distanciamento entre si, de modo a separar esses elementos e ao mesmo tempo colocá-los em

relação. Esse segundo momento levou à criação das seguintes categorias: felicidade como autorrealização, felicidade como estado e campo como figura, felicidade como aproximação entre psicologia positiva e humanismo, e felicidade e senso comum. A categorização não é dos trabalhos em si, mas das formas em que aparece a ideia de felicidade neles, ou seja, por vezes em um mesmo trabalho podemos encontrar mais de uma categoria, assim como em uma mesma categoria encontramos mais de um trabalho. Ao final, realizamos uma reflexão sobre como a teoria do self pode nos ajudar a pensar a questão da felicidade de modo crítico, político e não individualizante em Gestalt-Terapia. Vagas: 20.

Palavras-chave: Felicidade; Gestalt-Terapia; Teoria do Self.

INTRODUÇÃO À ECOFENOMENOLOGIA E O PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE DE HANS JONAS PARA UMA CLÍNICA GESTÁLTICA ECOCENTRADA

Erick Linhares de Holanda
Especialista clínico em Gestaltterapia/Especialista em Fenomenologia Hermenêutica/ Mestrando em educação em saúde no ensino superior
erick.kusanagui@gmail.com

RESUMO: Introdução – "Toda experiência acontece na fronteira de contato entre o organismo e o ambiente" (p.41), esta é a primeira frase do livro Gestalt-Therapy de 1951 de Perls Hefferline e Goodman, livro considerado a bíblia da Gestalt-terapia por ter sido um marco teórico e político revolucionário para se pensar as relações humanas e as novas clínicas para uma nova configuração social. Esta teoria, que são as bases para se pensar um campo de sistemas de contato chamado "Self" quebra com o binarismo metafísico de que existe, de um lado, um indivíduo e, do outro seu ambiente, interrelacionando-os intencionalmente, não numa subjetividade substancial, mas numa intersubjetividade onde só se pode ser junto-com. Esta teoria é fundamentada por uma ética antropocêntrica, assim como a maioria das abordagens psicológicas. Porém, Hans Jonas (2013) nos alerta para a urgência de uma nova ética agora ecocentrada, através de um clamor da Terra que nos alerta dos perigos da utopia da técnica pela técnica, do consumo exacerbado, da exploração sem mediação e sem pensar no passado nem no futuro. Uma ética clínica ecocentrada seria um "oikos" que em grego significa morada, ou uma ética que pense cuidar da morada em que habitamos assim como pensam alguns filósofos contemporâneos brasileiros como Krenak (2020) e Davi Kopenawa (2015). A Gestalt, sempre revolucionária e com esta abertura do entre que se baseia sua primeira teoria supracitada, faz um campo para que este pensamento aflore em suas novas clínicas, saindo do predicativo egocêntrico e do antropocêntrico para agora podermos pensar como estes autores nos ajudam a pensar numa ética do óikos. Este artigo tem como **Objetivo Geral –** compreender como a teoria do self gestáltica e a teoria do princípio responsabilidade de Hans Jonas se entrelaçam para pensar uma nova ética para as clínicas gestálticas. Tem como **Objetivos específicos –** descrever a teoria do Self Gestáltica. Compreender o princípio responsabilidade de Hans Jonas como uma nova ética para as clínicas gestálticas. Refletir sobre a ecofenomenologia e seu entrelaçamento com o oikos, nossa morada na Terra. **Metodologia** – Este Minicurso tem como base a metodologia fenomenológica, utilizando a analítica do sentido de Dulce Criteli como ferramenta de análise para a compreensão do fenômeno da relação "organismo/ambiente" para uma clínica ecocentrada. Neste caminho, será realizada uma revisão bibliográfica com base em artigos científicos e livros que abordem ecofenomenologia, Gestaltterapia, teoria do self, ética, oikos, Princípio Responsabilidade de Hans Jonas e autores contemporâneos que falem sobre o tema. **Resultados Obtidos –** Espera-se com esta apresentação oral uma reflexãosobre a relação "organismo/ambiente", que configura a relação de campo "Self", e como o princípio responsabilidade de hans Jonas pode contribuir para a prática clínica ecocentrada. Além disso, espera-se apresentar a teoria do self gestáltica como uma ferramenta importante para o desenvolvimento de uma clínica ecocentrada. **Conclusão –** A clínica gestáltica ecocentrada pode ser uma ferramenta importante para repensarmos nossa atuação no mundo como seres humanos implicados políca e ecologicamente junto com a natureza e a Terra. Assim, a teoria do Self, baseada nesta experiência que acontece entre o organismo e o ambiente, através de uma ética do óikos, pode ser desdobrada para uma ecovisão, tirando o ser humano do centro e colocando-o numa interrelação, tanto ecológico-espacial como temporal, preocupando-se com sua ancestralidade passada e futura.

Palavras-chave: Ecofenomenologia; Gestalt-terapia; Ética.

O PROCESSO DE LUTO: UMA VISÃO GESTÁLTICA

Patricia Barrachina Camps
Doutoranda em Psicologia Clínica
patriciabcamps@gmail.com
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Instituto Gestalt de São Paulo

RESUMO: Vida e morte são condições ontológicas, indissociáveis da experiência de existir. Questões das mais diversas ordens cercam a certeza da morte: para onde vamos, como vamos, se e o que iremos encontrar – conjugam-se a certeza do saber com a incerteza do não saber. Nesta certeza incerta, apropriar-se da finitude, seja a própria, seja a de pessoas significativas pode ser tarefa árdua e exigente. O luto é uma reação natural e esperada, vivida a partir do rompimento com um outro significativo, no qual ajustamentos precisam ser constituídos para enfrentamento desta experiência. Neste sentido, amar implica na presente ameaça do risco de perder o objeto de amor, mas confere à existência humana sentido e direção. Nos estudos contemporâneos dos processos de luto, não se considera que este seja vivido por fases sucessivas, normativas e determinadas, ou mesmo uma experiência que se dá em determinado espaço temporal. Ainda que esta seja uma vivência universal, é vivida na singularidade e unicidade de cada experiência, calcada na vivência da experiência da dor e pesar oriundos da perda e da tarefa de reconstruir uma nova forma de estar no mundo, sem a presença da pessoa perdida. Compreende-se o luto então como um fluxo, não linear e não simultâneo entre perda e restauração. Neste trânsito entre as polaridades, do viver as dores e sentimentos associados a perda e no enfrentamento da tarefa de retomada da vida, em uma alternância entre figura e fundo, novos significados são criados, recursos suportivos são descobertos ou criados para a sustentação deste processo. Na morte, o vínculo não é rompido, mas sim, transformado e internalizado. A relação, o passado, os encontros e desencontros vividos com a pessoa perdida não são esquecidos. Neste sentido, a pessoa perdida passa a habitar o mundo interno do enlutado, seus afetos e suas representações mentais. O luto é uma experiência atemporal, sem fim, como uma espiral com a qual vários reencontros são vividos durante o processo de existir e diversas dimensões são atravessadas por esta vivência. Temos familiaridade com a dimensão emocional do luto, mas este afeta também dimensões físicas, cognitivas, sociais e espirituais. Fundamental a compreensão destas dimensões para atuar nesta clínica, de cuidado e delicadeza. A Gestalt-terapia, com sua abertura para o encontro humano, é uma abordagem valiosa para sustentar os processos de travessia de luto. Fundamentada na presença dialógica, sustenta presença amorosa, escuta empática, validação e confirmação do sofrimento, oferecendo um espaço de acolhimento, livre de determinações, protocolos ou julgamentos para normatizar este processo. Enfrentar a perda de uma pessoa amada pode ser muito desafiador, desta forma, contar com recursos heterossuportivos é fundamental, para fortalecimento dos recursos autossuportivos e destinação do vivido, e a clínica pode oferecer este espaço de cuidado. O objetivo deste minicurso é apresentar uma visão gestáltica do processo de luto, tecendo saberes entre a literatura gestáltica e visões contemporâneas sobre este tema. O caminho metodológico escolhido foi a realização de uma revisão bibliográfica sobre o tema, no âmbito da literatura gestáltica em diálogo com estudos sobre os processos de luto. Em associação ao desenvolvimento teórico, serão apresentadas vinhetas clínicas para ilustrar os conceitos apresentados. Ainda que os temas sobre morte e luto estejam mais presentes atualmente, estudos e aprofundamentos se fazem necessários para compreensão desta temática e incremento da prática clínica, o que justifica a relevância deste trabalho. Em um mundo sem espaço para o sofrimento, no qual aspectos trágicos do viver são negados, ampliar as possibilidades de acolhimento para a dor se faz fundamental.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; luto; morte

O RASGO SOCIAL COMO RESGATE DA NOSSA SINGULARIDADE

Fátima Rocha
Psicóloga Clínica- CRP 02/18643- FACHO
Psicomotricista Relacional
fatimarocha59@gmail.com
Espaço construir

Vladya Lira
Doutora em psicologia clínica pela UNICAP-PE
Docente e Diretora do Espaço Construir
vladialira@hotmail.com

RESUMO: Vivemos numa sociedade que nos cobra cadê vez mais performance e tenta nos encaixotar e padronizar; o que nos distancia da nossa singularidade e da autenticidade como seres únicos, que tem potencialidades, necessidades e desejos próprios. Uma sociedade que nos faz buscar o sucesso, mas, que sucesso é esse? Que massifica os desejos. Ao sermos postos em caixotes sociais, somos impedidos(as) de exercer nossa autonomia como pessoas criativas e criadoras. O ser pessoa enquanto ser-no-mundo, dentro da perspectiva gestáltica, é aquele(a) que transforma e é transformado pela sua realidade, pelo seu campo. Como estamos fincados no mundo? Estamos vivendo ou sobrevivendo? Aqui consideremos que viver é quando nos sentimos pertencentes, escolhendo e direcionando aquilo que podemos transformar e criar. No entanto, sobreviver para nós, diz respeito a um caminhar sem destino, estarmos apenas vagando. Esse vagar não fala de esperar o inesperado, encontrar-se disponível para as surpresas da vida, mas sim, uma cristalização de uma existência sem perspectiva, sem sonhos, a incapacidade de fazer frente ao seu desejo e apenas submeter ao desejo do Outrem. O termo 'Outrem', a partir de Merleau-Ponty, para se referir a esse outro, que não tem rosto ou definição, um outro não identificado. Sou marcado pelo efeito do outro em mim, esse outro não de forma material, mas que me afeta, me atravessa e cria memórias, hábitos e desejos, deixando marcas a cada encontro e desencontro da vida. A partir da presença do outro, posso fazer contato, posso rever minhas posições e responsabilizar pelas minhas atitudes. Assim, a Gestalt-terapia se propõe a acolher o desviante. Não o desviante da norma, no sentido de validá-la, mas de compreender que esse desvio nada mais é do que uma das diversas possibilidades de expressão e ser pessoa. O desviante é aquele que foge às normalidades do *status quo*, assim, a Gestalt-terapia faz críticas ao Sistema Organizado Neoliberal que reduzem a condição de ser mulher, negros(as), homossexuais, travestis e transexuais. Vistos como pessoas inferiores, não sendo reconhecidas como pessoas de direito (vulnerabilidade política) e em sua humanidade (vulnerabilidade antropológica). Ademais é um sistema que não só quer extinguir com a diferença, mas também subalternizar a condição da pessoa dominada. Dentro desse contexto, a Gestalt-terapia atenta para promover ações de enfrentamento sociopolíticas, compromissada com intervenções que auxiliem essas pessoas a resgatarem seu sentido de espontaneidade criativa, seus projetos políticos, por meio da emancipação do sistema organizado. Nesse interim, que iremos discorrer nosso minicurso, o qual será ministrado de forma teórico-vivencial com no máximo 30 participantes, em que a teoria será apresentação visual e a vivência por meio de experiment(ação) com rasgos e recortes de papel e revistas, articulando a teoria e prática. O minicurso tem como objetivo trazer à tona possibilidades de um **rasgo social**, rasgo pensado aqui como processo de transformações, como ato de rasgar ou de se rasgar e, por que não dizer de resgatar?! Consideramos que as formas pelas quais uma pessoa entra em contato com o meio, proporciona amplos recursos para se inferir sobre sua existência e a qualidade de tal existência, levando em consideração que o processo da pessoa em seu mundo interno será expresso de alguma maneira para o seu mundo externo, devido a unidade ser-no-mundo.

Palavras-chave: Gestalt-Terapia**;** Rasgo; Singularidade.

PROCESSOS MIGRATÓRIOS COMO FENÔMENO DE CAMPO: DO FUNDO DE EXPERIÊNCIA ANCESTRAL AOS HORIZONTES EMERGENTES

Elis Moura Marques
Psicóloga, Gestalt-terapeuta
Especialista em Saúde Mental
Mestranda em Psicologia
elismarquespsicologa@gmail.com
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

RESUMO: Nosso campo vivencial é tecido a partir de diferentes atualizações socio-históricas que produzem nossa realidade material, e desenha nossas relações sociais. A vivência da migração compõe o fundo de experiências da realidade brasileira, presente na ancestralidade de nosso povo, mas também experienciada em nossas configurações atuais de vida, no aqui e agora. Vivemos um momento histórico em que grandes processos migratórios são atualizações de campo necessárias, sejam deslocamentos internos mobilizados por desastres ambientais ou demandas socioeconômicas, ou a partir de conflitos políticos, econômicos e sociais que determinam deslocamentos internacionais. No mundo todo já são mais de 281 milhões de pessoas deslocadas entre fronteiras internacionais, a partir de migrações espontâneas e forçadas (IOM, 2021). O Brasil é o quinto país de destino na América Latina e Caribe do maior deslocamento da América Latina recente: a migração forçada venezuelana (R4V, 2023). Além disso, o país conta com a presença de mais de 1,3 milhão de pessoas migrantes e refugiadas residindo em território brasileiro (CAVALCANTI, OLIVEIRA, SILVA, 2022). As experiências de desigualdades são agudizadas em processos migratórios, intensificado pela intersecção de marcadores sociais que potencializam a opressão e exclusão social (MARQUES, SOUZA, 2022; COLLINGS, BILGE, 2020). Ou seja, para além das experiências de corpos que são relegados historicamente e socialmente ao machismo, ao racismo, a homofobia, a transfobia, ao capacitismo etc., esses corpos migrantes e refugiados enfrentam também a xenofobia em suas experiências de campo atuais, impactando na produção de suas intersubjetividades. A Gestalt-terapia tem como alicerce fundante a migração e o refúgio como fundo de experiência. Fritz e Laura Perls foram pessoas refugiadas que viveram um processo migratório forçado ao fugirem da ascensão do nazismo na Alemanha, refugiando-se na África do Sul. Posteriormente, realizaram um novo processo migratório, nessa oportunidade como pessoas migrantes espontâneas ao se deslocarem para os Estados Unidos. Como a vivência da arte na vida de Laura marca o fundo estético da Gestalt-terapia, a experiência da migração e do refúgio também participa da tessitura da abordagem gestáltica. Processos migratórios relembram de nosso compromisso gestáltico de um olhar orientado ao encontro das alteridades radicais em nossas fronteiras de contato (ALVIM, 2019). E de que a clínica gestáltica é por definição uma clínica ampliada, portanto nossos sentidos são direcionados para as configurações dispostas em nosso campo vivencial, nas diferentes possibilidades de atuação profissional (BELMINO, 2020). Nesse sentido, conhecer e refletir sobre esse fenômeno de campo atual é se comprometer com uma postura política e socialmente implicada, indispensável para toda/e/o gestalt-terapeuta. Com fins de aprofundar sobre esse tema emergente e limitadamente discutido nos espaços de encontro entre gestalt-terapeutas, vislumbra-se como objetivo principal refletir sobre as migrações como fenômenos de campo atuais e horizontes de futuro emergentes. Para tanto, propõe-se discutir os processos migratórios a partir de uma leitura interseccional, apresentar reflexões sobre o sistema Self frente a essa atualização de campo, e co-criar possibilidades de atuação situadas. Como estratégia metodológica de aprofundamento teórico, propõe-se a realização de uma discussão teórica e vivencial a partir de temáticas disparadoras: migração, nosso fundo ancestral e nossa experiência de campo atual; desigualdades sociais e suas intersecções com o fenômeno migratório; migração e suas

repercussões na colonização dos afetos; uma leitura sobre processos migratórios a partir do Sistema *Self*; aflição, neurose e o fundo de experiências da migração; e a co-construção de atuações possíveis. Serão utilizados recursos audiovisuais para favorecer o contato com o tema, a fim de aproximar as pessoas participantes da realidade de campo atual das migrações, facilitando a mediação dos diálogos. Espera-se com as discussões fomentadas sensibilizar sobre o reconhecimento das migrações como fundo de experiência e como realidade de campo atual, assumindo o compromisso ético-político como gestalt-terapeuta de enfrentar a invisibilização dos eixos de produção de desigualdade e exclusão social. A partir das reflexões promovidas, aspira-se ainda contribuir com a formação profissional de gestalt-terapeutas que atuam em diferentes espaços, para que tenham um olhar atento as interrupções de contato e as marcas impressas no fundo de experiências produzidas pelas experiências migratórias, mas principalmente semear um olhar sensível para os caminhos de resistências e enfrentamento das condições de desigualdades, e para as potencialidades de ajustamentos criadores presentes na diversidade das experiências humanas, como da migração e do refúgio.

Palavras-chave: Migração; Campo; Fronteiras.

PSICOPATOLOGIAS NA INFÂNCIA: LUGARES QUE ANTECEDEM O QUE PENSAMOS O SER-CRIANÇA NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Karina da Silva Azevedo
Graduação, mestrado e doutorado em Psicologia
anakarinaazevedo@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Débora Cristina Guerra de Araújo Vale
Graduação e mestrado em Psicologia
deboracrisguerra@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: O imaginário cultural do que é ser criança é cerceado por narrativas de alegria, brincadeiras, saúde e proteção. Os discursos da época platônica ainda fomentam a perspectiva de que a infância é um momento histórico que deve ser preservado, e para além disso, as teorias desenvolvimentistas atuais consideram marcos significativos para considerar a normalidade de uma criança. No entanto, devemos contextualizar de quais lugares sócio-históricos partem tais discursos, pois atualmente, consideramos "normal" partir do observado por teorias desenvolvimentistas eurocêntricas e norte-americanas. Antagonicamente, replicar padrões de anormalidade pelo mesmo referencial nos parece uma contradição quando pensamos acerca de cuidados infantis. Estudar acerca da história dos psicodiagnósticos na humanidade é perquirir um desvelamento de incompatibilidade de valores na sociedade. Iniciada na Idade Média, a definição loucura, envolta em uma áurea de misticismo, escancarava aquilo que não poderia ser ouvido, motivo pelo qual iniciaram-se as práticas de isolamento social. Nesta época, na visão foucaultiana, os saberes sobre o que seria adequado socialmente proporcionou uma edificação do conhecimento científico voltado para o comportamento humano. O internamento dos desajustados delimitou campos de preceitos morais ditados pelas recém criadas Psiquiatria e Psicologia em consonância com o Direito. Desta forma, o que seria verdade estaria deveras, relacionada não ao campo das ideias das pessoas, mas sim, nas ciências. Concomitantemente, a cartografia foucaultiana nos desvela que a institucionalização dos loucos, dos pobres, das prostitutas também incluíam crianças tidas por 'idiotas', que apresentavam comportamento de agitação psicomotora e desinteresse. Essa forma de pensar confere articulações a teoria fenomenológica e gestáltica acerca de uma infância enquanto um campo de vivências subjetivas que consideram as relações das pessoas com os seus meios. A efervescência da psicologia experimental tornou o uso de testes para categorizar comportamentos disfuncionais infantis. Forma-se, enquanto figura, uma compreensão do adoecimento psíquico infantil a partir de um fundo de teoria desenvolvimentista e adultocêntrica. As formas de expressão não "normatizadas", precisam ser corrigidas, mediadas e abolidas das crianças. Sendo assim, nosso objetivo é fazer um percurso sócio-histórico acerca do processo de psicopatologização e medicalização de crianças, pois tais processos não foram construído recentemente, mas são destacados de todo um percurso de construção da loucura. Para fomentar essa discussão, utilizaremos a metodologia expositiva e dialogada acerca das discussões supracitadas, e como resultado, sustentaremos um espaço para refletir sobre o sistema de funcionamento de *self* nestas crianças, haja vista que, para Perls, ele se expressa na totalidade da experiência, enquanto processo temporal e dinâmico das experiência das fronteiras de contato. Além disso, discutiremos práticas infantis relacionadas ao ser criança em suas experiências de vida, de tempo, de habitar e de brincar enquanto prerrogativa existencial.

Palavras-chave: Infância, psicodiagnóstico, sofrimento.

SEXUALIDADE E SEUS FRAGMENTOS NA COMUNICAÇÃO PAIS E FILHOS. INTERRUPÇÕES DE CONTATO E ESPIRITUALIDADE

Fabiana De Zorzi
Mestre em Psicologia
dezorzi@gmail.com
Clínica De Zorzi. Medicina & Gestalt-Terapia

Nicole Zaneti
Doutora em psicologia
nbzaneti@gmail.com
Instituto de Gestalt-terapia de Brasília

RESUMO: A sexualidade, como parte do desenvolvimento, sofre alterações a partir das experiências vividas e contextos nos quais as crianças se encontram. Quando a sexualidade é vivenciada de forma fragmentada, com uma dissociação com o afeto, há uma interrupção na fluidez de contato do jovem com o mundo e as pessoas de suas relações afetivo-sexuais. Atualmente as famílias vêm ganhando novas configurações e o fato de se depararem com tantas mudanças no comportamento de púberes e adolescentes acaba gerando um impacto bastante expressivo nos pais. O objetivo deste minicurso é sensibilizar e ampliar a consciência dos clínicos quanto à importância da comunicação entre pais e filhos sobre um tema de tamanha relevância, como a sexualidade. As autoras propõem duas vertentes para o desenvolvimento deste trabalho. A primeira fará uma introdução acerca do corpo próprio, a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty, corpo este, de pé diante o mundo, fazendo ponte com a Gestalt-Terapia de Perls e sua noção de relação organismo-ambiente. Dissociações afetivos-sexuais fragmentam o ser, e o sobressaltam a confusões entre ser amado e/ou ser desejado. Para além de um corpo meramente sexuado, o corpo próprio revela a sua postura diante do mundo, diante dos outros corpos e a qualidade das relações que mantêm com eles. A segunda autora aborda a importância do olhar da sexualidade atravessada pela espiritualidade e o quanto, em nossa cultura, muitas vezes essas duas dimensões humanas são experienciadas com conflito, como se fossem forças opostas que não se relacionam, sendo que, na verdade, elas são complementares, momentos de um processo único, são formas de contato com o outro e consigo mesmo. Consideramos espiritualidade como pergunta e busca de sentido da vida, estando relacionada com os conceitos de religiosidade, que é uma das formas de expressão da espiritualidade. Religiosidade é a vivência do ser humano para além da experiência material e fenomênica, acompanhada de uma atitude de esperança, busca e atribuição de sentido à sua existência, e com o conceito de religião, que corresponde às respostas encontradas para a busca do sentido da vida, constituindo-se como sistema e doutrina formulada culturalmente. Em experiências clínicas, observa-se o quanto as pessoas podem ser atravessadas diretamente por questões religiosas, capazes de influenciar nas suas vivências da sexualidade de forma dividida, fragmentada, com culpa, vergonha, por vivências religiosas que não estimulam o desenvolvimento da espiritualidade. Cabe aos pais acompanharem cada etapa, porém a compreensão destas nem sempre é tão clara pelos próprios tabus envoltos em tudo o que se refere a sexo e religião, assim como a velocidade com que tantas configurações entre os jovens vêm se dando. A forma como os pais enfrentam este período com seus filhos pode determinar fortemente o modo como estes jovens irão construir a sua sexualidade, ou seus afetos-sexuais (clareando, inclusive, o quanto a vida sexual está vinculada à forma como seus afetos estão integrados) e a sua espiritualidade, e como irão lidar com essas questões na sua vida adulta. De nós, enquanto gestalt-terapeutas, requer-se mobilizar o (im)pacto gerado por fatores que possam fragmentar a integração do eu em seu desenvolvimento amplo, sexual, espiritual, e que venham a impedir o desenvolver-se enquanto potência. O acompanhamento clínico de muitas pessoas e

de suas narrativas quanto aos desafios diante da construção da sua sexualidade apenas reverbera a importância e a relevância do tema, notoriamente, ainda tabu, mesmo entre os próprios clínicos.

Palavras-chave: sexualidade; espiritualidade; Gestalt-terapia;

SOCIEDADE DO CANSAÇO E SEUS IMPACTOS EXISTENCIAIS: A CONTRIBUIÇÃO DE BYUNG-CHUL HAN

Roberto Peres Veras
Mestre em Psicologia Clìnica
robertoveras@uol.com.br

RESUMO: Na contemporaneidade vamos observar a cultura definida pelo horizonte tecnológico e digital. A vida humana sob o capitalismo se desdobrando numa existência econômica, sustentada pela excelência no desempenho e pelo excesso de positividade, que em última instância visa produzir a si mesmo, e assim, se desdobra na sociedade do cansaço, ao mesmo tempo que mantém como pano de fundo a premissa de que mais capital equivale a menos morte. Com toda essa configuração, percebemos fenômenos específicos no processo de humanização e desdobramentos nos novos modos de ser, na constituição de sentido existencial e nas novas formas de adoecimento e sofrimento. A partir da filosofia de Byung-Chul Han, este mini curso busca promover uma ampliação do horizonte da psicoterapia, desenvolvendo a instrumentalização e o manejo clínico do Gestalt-terapeuta para as novas demandas na atualidade.

Palavras-chave: Sociedade do cansaço; Desempenho; Contemplação.

Eixo 2 – Campo – a prática clínica do manejo gestáltico à intervenção

A CLÍNICA CRIATIVA: TECENDO SEGURANÇA E OUSADIA

Alexandra Borges dos Santos Silveira
Mestre em Saúde da Criança e do Adolescente
aleborgespsi@yahoo.com.br
Ateliê Gestáltico

Sâmia Silva Gomes
Mestre em Educação e Saúde
samiasg6@gmail.com
Ateliê Gestáltico

RESUMO: Criatividade é conceito presente ao longo de toda a obra de Fritz Perls, bem como das construções de Laura Perls e muitos Gestalt-terapeutas da primeira geração da abordagem, estando relacionado a outros conceitos como ajustamento criativo; contato criativo; integração criativa e outros. Em Gestalt-terapia, criatividade tem lugar polarizado aos processos de repetição, fixação, rigidez e aos modos de ser e estar no mundo eminentemente influenciados por padronizações e normatizações. Criatividade e espontaneidade caminham juntas em Gestalt-terapia, o que implica também compreendermos que a qualidade da presença do indivíduo em suas experiências passa pela condição de ser quem se é, a partir da forma como a experiência lhe toca, com a liberdade de expressar-se como autor ativo e protagonista. Viver é processo constante de, através dos contatos realizados na fronteira homem-mundo, conservar - se e preservar-se, mas também de lançar-se ao novo e transformar-se. Entende-se que o uso excessivo de ajustamentos conservadores e defesas, limitam o potencial criativo e adoecem o indivíduo e os sistemas sociais. O contato criativo é aquele que promove a novidade e o desenvolvimento, como nos enfatiza Leone (2016, p.67): "Se o problema é realmente novo, então as velhas chaves não abrirão essas novas portas e será necessário permitir que a criatividade guie a experiência de contato". A experiência de criar é relacional e tem a potência da ação ativa e da novidade que dela emerge. Na clínica gestáltica, a criatividade no psicoterapeuta fica a serviço da facilitação da awareness do cliente, na medida em que o profissional favorece com suas intervenções (metáforas, analogias, proposições, recursos expressivos e tantas outras formas de experimentações) que o cliente possa sair do "FALAR SOBRE" e experimentar algo novo em forma de AÇÃO. A ação criativa no setting terapêutico, amplia o potencial criativo no cliente em ambiente seguro e com uma gradação cuidada pelo psicoterapeuta. É neste contexto que se insere o presente estudo que objetiva discutir a clínica criativa como a arte de reconfigurar percepções, dando ênfase ao protagonismo do psicoterapeuta criativo. Pretende-se abordar o "ser psicoterapeuta na clínica criativa" a partir de dois aspectos polares e complementares: ousadia e segurança. Criar implica em ousar, ter coragem e abertura para novas experiências, saindo do lugar conhecido. Contudo, isso apenas é possível a partir do contato com seus recursos de autossuporte e segurança. Visa-se favorecer reflexões sobre a ousadia do psicoterapeuta ao emprestar seu potencial criativo a serviço do cliente, sobre os aspectos que potencializam essa ousadia conferindo segurança e alguns pontos que podem inibir o ato criativo do psicoterapeuta. Dentre os autores que embasam epistemologicamente o que se pretende expor, destacam-se: ALVIM, M. (2014); JULIANO, J. C (1999); POLSTER, E.; POLSTER, M. (2007); ZINKER, J. (2007). A metodologia utilizada será desenvolvida no modelo de minicurso através da exposição oral dos fundamentos teóricos e epistemológicos, das experiências clínicas das autoras como psicoterapeutas, supervisoras e formadoras em Gestalt-terapia, bem como um espaço para a interação entre as autoras e os participantes.

Como resultado, almeja-se levar os participantes a refletirem seus manejos e experiências como clínicos potencialmente criativos e mais que isso, facilitar a integração da criatividade não como

uma qualidade do psicoterapeuta ou do cliente em si, mas a criatividade como algo que caracteriza e qualifica as experiências e os encontros no mundo.

Palavras-chave: Criatividade; Clínica Criativa; Psicoterapeuta.

A DOR SILENCIADA DO ABUSO SEXUAL FÍSICO E EMOCIONAL SOB A PERSPECTIVA GESTÁLTICA

Carla Machado Alegria
Mestre em HIV – Aids
alegriamcarla@gmail.com
Instituto Ampliando Fronteiras

RESUMO: O abuso sexual é todo ato ou jogo sexual que inclui ou não contato físico e que haja estimulação ou controle da sexualidade da criança ou adolescente. O agressor está em estágio de desenvolvimento psicossexual mais adiantado, assim a sexualidade está a serviço de necessidades não sexuais, pois o outro é destituído de seu lugar de ser desejante e forçado a ser objeto . (HABIGZANG e CAMINHA, 2004). O abuso sexual pode ser físico ou não físico. Uma forma não física especial de abuso sexual emocional ocorre quando um dos pais tem um relacionamento com uma criança do sexo oposto que é mais importante para o primeiro do que seu relacionamento com o cônjuge. (MELLODY, et al, 1995). O incesto é o segredo de família mais fundamental de todos. Atravessa muros invisíveis que preservam a intimidade familiar e esconde o incesto (PIZÁ; BARBOSA, 2004). Segundo Salônia (2013) a Gestalt-terapia considera que no triângulo primário a terceira pessoa está sempre presente, no nível psicológico, na díade inicial. Não é em nome do pai que os afetos são regulados, mas em nome do relacionamento. Quando há disfunção relacional no triângulo primário, uma falta de autorregulação na relação parental, a presença de desejos incestuosos se revela. O caráter de violação à integridade do self sofrida pela vítima do abuso deixa marcas emocionais indeléveis e se expressa em formas de ajustamento criativo que se tornam anacrônicas como modos de sobrevivência emocional. Na clínica com adultos a autora acompanhou clientes adultos que buscaram terapia por estarem: aprisionados em sofrimentos e apresentaram várias gestalten ocultas relativas a vivências de abuso sexual, portanto não tinham memória recuperada do abuso. Com base na gestalt-terapia, foi possível compreender que as dores vividas por essas pessoas retratavam violações de fronteira de contato em que as condições do campo não lhe permitiram reconhecer aquela experiência como abusiva. Nessa situação a criança busca formas de sobrevivência emocional dessensibilizando-se e defletindo suas dores. Segundo Francesetti (2021), é preciso haver suporte no campo para atravessar a dor. Dor que não pode ser atravessada (superada, assimilada) transforma-se em ausência, fica dissociada porque atravessá-la poderia significar a desintegração do self. O trauma, como é o caso do abuso sexual, é uma experiência que não pode ser assimilada. A criança ou adolescente está em processo de maturação cognitiva e psicológica, portanto, dependente dos cuidadores que muitas vezes são os abusadores, e encontra-se exposta à permissividade velada dos mesmos, assim como diante do poder exercido pelo abusador. No processo terapêutico essa dor será atualizada (chamada à transformação) na medida em que o terapeuta possa “emprestar a sua carne” (esteja inteiramente presente) para que o sofrimento possa ser atravessado no entre, e portanto, a ausência não esteja mais ausente. Nessa forma de encontro escutamos as palavras do corpo, nos aproximamos de sensações e emoções que dão sentido ao vivido e histórias de contatos são atualizadas. Quando o sofrimento é atualizado na terapia o paciente entra em contato com a culpa, abandono, sensações ameaçadoras de excitação sexual e sentimentos de mágoa e revolta frente ao reconhecimento do consentimento do abuso por parte dos cuidadores (FURNISS, 2002). Uma vez que o cliente teve suas fronteiras de contato violentamente invadidas, ele pode, entre uma gama de outras expressões, apresentar uma grande permeabilidade em suas interações expressando-a na relação terapêutica na forma de introjeções ou, em outro extremo, manifestar um padrão projetivo de evitação do contato a ser apresentado na forma de desconfiança, exigências de cuidado ou raiva àquilo que experimenta como desrespeito do

terapeuta. Com base nas observações desta autora na clínica com adultos, os objetivos deste minicurso são: sensibilizar o terapeuta para perceber as manifestações de sequelas emocionais vividas por adultos vítimas de abuso sexual, compreender padrões de funcionamento familiar vulneráveis ao abuso e refletir sobre a atitude e condução do terapeuta frente aos ajustamentos criativos anacrônicos desenvolvidos pelo cliente. O presente trabalho adequado ao público intermediário, obedecerá às seguintes etapas: apresentação dos conceitos abuso sexual; descrição sequelas emocionais; reflexões de uma leitura gestáltica da dinâmica familiar e do padrão de funcionamento da pessoa que sofreu abuso descrevendo formas de ajustamento e suas manifestações na clínica, dispondo para tanto de apresentação de estudos de caso.

Palavras-chave: Abuso sexual; relações incestuosas; sequelas emocionais

A PERCEPÇÃO DA VERGONHA SOB O VIÉS DA CLÍNICA GESTÁLTICA

Larissa da Silva Carvalho
Gestalt-terapeuta
larissacarvalhopa@gmail.com

RESUMO: Este minicurso foi desenvolvido a partir do reconhecimento de vivenciar o meu processo de vergonha na especialização para Gestalt-terapeutas que possibilitou encontrar diversos profissionais que poderiam ter uma formação, atuação e anos de profissão diferenciados da minha formação e isso ampliou um processo de insegurança quanto a minha qualificação e o processo de vergonha já existente se intensificou, sendo registrado (e comunicado) corporalmente. Muitas pessoas apresentam-se a sociedade como tímidas ou envergonhadas, esta era uma frase comum que eu utilizava também para evitar vivenciar situações que pudessem trazer uma exposição indesejada a minha vida. Diversos comportamentos que variavam entre ansiogênicos, pensamentos negativistas, sensação de não saber o que falar, coração acelerado, rubor, entre outros, fizeam parte deste período em que realizei os módulos de especialização. No texto intitulado Vergonha, Yontef (1993) discorre sobre a fantasia de uma pessoa envergonhada centrar-se na possibilidade de que outras pessoas descubram o quão inadequado o indivíduo sente-se. Um medo de desvalorização, de não ser aceito socialmente, entre outros, podem compor este pensamento trazido pelo autor. Todavia, o fato é que já existe esta dissonância interna na pessoa envergonhada. E a Gestalt-terapia apresenta um olhar interessante sobre características da vergonha. O autor esclarece que este sentimento está presente na sociedade, ocorre dentro de cada cultura, trata-se "de uma reação negativa do self ao processo de aculturação. "Vergonha é o sentimento que acompanha a experiência de 'não ok' e/ ou 'insuficiente'" (YONTEF, 1993, p 367). Assim, evidencia-se que um marco social pode afetar os registros de vida de uma pessoa, possibilitando-a enxergar estes fatos com aversivos, violentos ou invasivos e trazendo reações fisiológicas instintivas como rubor, coração acelerado, comportamento de baixar a cabeça e não sustentar o olhar. A vergonha é um conjunto de comportamentos evitativos para obtenção de proteção, uma vez que a pessoa envergonhada já tem gravados como registro de vida esta necessidade, recorrendo a um contexto neurótico para gerenciar sua vida. Portanto, este minicurso propõe refletir o seguinte problema: Como a Gestalt-terapia compreende a vergonha? Como objetivo geral, realizar uma compreensão da constituição do processo da vergonha a luz da Gestalt-terapia; e os objetivos específicos foram caracterizar a vergonha a partir da abordagem da Gestalt-terapia; identificar os ajustamentos neuróticos possíveis para a abordagem gestáltica; e elencar formas interventivas para ampliar o a tomada de consciência (awareness) dentro do processo psicoterapêutico. Para tanto, a metolodogia é de é de cunho qualitativo, cujo método utilizado será é a revisão integrativa para alcançar o objeto de estudo (vergonha), em que a problemática citada acima. O levantamento bibliográfico foi realizado em livros clássicos da Gestalt-terapia e em base de dados da internet. Em virtude do escasso material vinculado os descritores: Gestalt e vergonha; vergonha na psicoterapia gestáltica, optou-se por ampliar para teses de mestrado e doutorado. Os principais autores com matérias contundentes dentro da abordagem gestáltica são: Yontef, Robine e PHG, autores reconhecidos mundialmente. O medo, a timidez, a insegurança em falar o que pensa, em retirar dúvidas, são forma de sofrimento do processo de vergonha. Porém, ao perceber-se mais sensível e aware deste processo, o envergonhado reconhecesse neste lugar e assim não se engessar ou se fixar nele, pois está em contato com o modo envergonhado de estar no mundo, sendo possível ajustar-se de maneiras mais fluidas ou tentar fazê-las mais fluidas na experiência. Afinal culpabilizar variadas pessoas não demonstra crescimento, apenas projeção. Conclui-se que estamos vivendo em uma sociedade politicamente correta, em que o excesso de julgamento através das mídias sociais movimenta o mundo para lados polares, o que em Gestalt-terapia nunca será visto como saudável, mas sim

um desequilíbrio passível de mais adoecimentos psicoemocionais (depressão, ansiedade, raiva, fobias generalizadas, dentro outros). O minicurso propõe-se ser elucidativo para outros profissionais na prática clínica, para profissionais em formação e até mesmo aqueles que se identificam com o tema da vergonha. Além disso, pode servir de norteador para estudos mais aprofundados sobre os mecanismos subjacentes ao processo de vergonha: vergonha e culpa, vergonha e família, vergonha nas relações de trabalho, a não vergonha nas mídias sociais, vergonha e vulneralidades. O minicurso foi desenvolvido para até trinta (30) pessoas.

Palavras-chave: Vergonha; Gestalt-terapia; Inadequação.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DINÂMICA DO SOFRIMENTO BIPOLAR E SEU MANEJO NA CLÍNICA

Carla Machado Alegria
Mestre em HIV – Aids
alegriamcarla@gmail.com
Instituto Ampliando Fronteiras

RESUMO: Pretendo com o minicurso, propor reflexões sobre a compreensão do sofrimento bipolar a luz da Gestalt-terapia, discutir apresentações dessa forma de ajustamento nas dinâmicas relacionais da pessoa em sofrimento, inclusive na relação terapêutica, assim como apontar observações sobre o manejo clínico. Serão oferecidos exemplos clínicos como pano de fundo para melhor compreensão. Ao propor reflexões sobre o sofrimento bipolar considero necessário ir além da perspectiva individual e mais intimamente relacional para situar as manifestações dessa forma de ajustamento nos tempos atuais. Estamos vivendo em um mundo com um excesso de solicitações para as quais devemos atender sem apresentar angústia, o que pode denotar fraqueza que deve ser abolida numa cultura que valoriza a superação de si. Nessa cultura a depressão é associada à representação do sofrimento e é desejável que a pessoa tenha uma disposição incansável para o trabalho, sentimento contagiante de disposição que são alguns dos sinais clássicos da mania. Encontramos muitas pessoas com esses traços de comportamento que podem ou não estar apresentando um problema clínico. E mesmo que estejam, é difícil que procurem terapia nas condições de euforia, autoestima e entusiasmo elevado pela vida. Existiria então um *continuun* entre estados de humor normal e patológico? Para Gecelle (2015) existe um contunuum de normalidade-hipomania-mania em que nós podemos considerar: 1) patologia; 2) condições não patológicas as quais podem ser: espontânea, auto-induzida e momentânea ou duradoura. Segundo a autora, quando na fase inicial do desenvolvimento, a pessoa não experiencia um movimento sincrônico de abertura para o outro que possibilita uma vivência de "nós", ela introjeta o registro da experiência devastadora de não conseguir alcançar o outro, que se torna cristalizado, servindo como base para outras introjeções. Nos períodos de depressão esses introjetos, que até aquele momento ocupavam o fundo, passam a se tornar figura e podem anular todo o resto, tornando-se, literalmente, o senhor do campo. Quando esses introjetos são dissolvidos, abre-se um caminho tanto para melhora quanto para o risco. Na experiência de mania, o risco é ampliado quando um dado se apresenta e a pessoa é afetada de tal maneira que provoca um rompimento dos introjetos que se dissolvem juntos ou em um curto período. Um fluxo de energia invade o campo de forma desorganizada, prejudicando as funções envolvidas no ajustamento criativo. Há, um comprometimento na temporalidade, que se dá como uma falha na conexão do dado que se apresenta com o fundo de passado e futuro que são oferecidos pela função id e personalidade. Na experiência de contato a *awareness* está comprometida pelo intenso ímpeto de mobilização de energia que dirige a ação no mundo de uma forma intensamente diversificada (ou, inesgotavelmente focada em uma tarefa). Há pobre capacidade de discriminar se existem ou não recursos disponíveis e adequados no campo necessários à realização da necessidade que dirige a ação. A percepção de si mesmo com habilidades e competências superestimadas sustenta uma projeção de ilimitada realização e sucesso. Essa projeção fantasiosa é associada à deflexão de limitações que não são percebidas e são distorcidas, experimentadas como inadequadas ou injustas barreiras às possibilidades de realização que o sujeito vê como indubitáveis. Essa forma de vivenciar as limitações do campo torna as frustrações alienadas e substituídas por intolerância, que transborda em irritabilidade e/ou raiva com pouca capacidade para uma retroflexão funcional (ALEGRIA, 2022). Dentre os aspectos importantes no manejo clínico é fundamental que estejamos atentos a qualidade de nossa presença em psicoterapia, uma vez que a pessoa precisa resgatar uma experiência de

contato que torne possível a vivência de uma confiança básica, já que o sofrimento bipolar é marcado pela ausência de sincronia afetiva. Isso implica nos rendermos ao id da situação, condição necessária ao manejo de outros aspectos como: discriminar se estamos diante de quadro de mania ou não; compartilhar com o cliente a presença do surgimento da mania; ajudar a pessoa a discriminar se está entrando em quadro depressivo de novo; estar *aware* da possibilidade de confluir com a mania. Vale ressaltar que o propósito final da psicoterapia não é eliminar os episódios de mania ou depressão, mas desenvolver com o cliente o suporte necessário na ressignificação de sua história e sentidos de vida que lhe permitirão a construção de relações empáticas e suportivas.

Palavras-chave: Mania, Manejo Clínico; Relação Terapêutica.

EM MEIO ÀS DORES, REVELAM-SE SENTIDOS: INFIDELIDADE NAS RELAÇÕES AMOROSAS NA CLÍNICA GESTÁLTICA

Daniela Magalhães da Silva
Pós-formação em Gestalt-terapia e Mestre em Psicologia Social
danielampsico@yahoo.com.br
Instituto Ampliando fronteiras

RESUMO: A infidelidade é vivida como uma das experiências mais avassaladoras na minha clínica individual e com casais. Constitui fonte de sentimentos ambíguos, como ódio, mágoa, traição, tristeza extrema, culpa, desesperança e desejo de vingança. A vivência da infidelidade promove uma sucessão de pensamentos perturbadores: "Perdi meu chão!"; "Meu desejo é matá-lo!"; "Quero morrer!"; "Como não percebi?"; "O que será de mim agora?"; "Onde foi que eu errei?"; "Como fui ingênuo!"; "Preciso me vingar!". O presente trabalho contempla a experiência desta autora na clínica individual e de casais, bem como casos supervisionados no SPA da Universidade Veiga de Almeida. Apresenta os conflitos relacionados à descoberta da infidelidade na clínica individual e de casais e seus desdobramentos. A proposta desse minicurso é abordar considerações sobre a temática e seu manejo clínico, correlacionando-as com a vasta literatura acerca do tema, a perspectiva fenomenológica de campo e existencial da Gestalt-terapia e seus principais conceitos. Condenada como a grande vilã dos relacionamentos, a infidelidade nas relações amorosas tem se revelado por lentes multifacetadas no âmbito clínico e das pesquisas sobre o assunto. Diante disso, como pode, afinal, ser definida a infidelidade nos relacionamentos íntimos? Na minha concepção, infidelidade diz respeito a uma ruptura ou quebra de acordos que regiam a relação, entretanto existe um caráter muito variável sobre o tema que envolve a intersubjetividade dos casais. Isso porque, para muitas pessoas, atitudes infiéis vão além da relação sexual. Assim, trocas de mensagens românticas e/ou eróticas, frequentar aplicativos de relacionamentos, manter uma comunicação íntima com o/a "ex", acessar conteúdo pornográfico, entre outros, são consideradas formas de infidelidade. A abordagem gestáltica, por meio de suas bases e concepções e de sua postura dialógica, tem propiciado um terreno suportivo e seguro para que a vivência da infidelidade seja explorada. Os conceitos de campo, fronteiras, contato, ajustamento criativo, autorregulação, autossuporte e suporte de campo darão sustentação ao corpo teórico desse minicurso e serão articulados aos casos clínicos apresentados. Algumas reflexões serão levantadas no intuito de aproximação com a forma do gestalt-terapeuta trabalhar a temática: o que estava sendo vivido no campo relacional do casal que deu espaço para a vivência da infidelidade? Que função ela teve? O que ela propiciou? Como era o diálogo nesse campo? Compartilhavam sentimentos, desejos, fantasias sexuais? Foram nutrindo a relação com o passar dos anos? Como estavam a plasticidade e permeabilidade nas fronteiras desse casal antes de viverem a infidelidade? Existia fluidez ou eram extremamente rígidas ou demasiadamente frouxas? Compartilhavam das mesmas crenças sobre a fidelidade? Como estava sendo vivido o autossuporte de cada membro ao longo da relação? Como está agora? E o suporte de campo? Como o processo terapêutico pode propiciar suporte para viverem esse processo de dor e reconfigurações? O manejo na clínica individual e de casais acontece por meio da postura dialógica, da metodologia da *awareness* e da instrumentalização dos experimentos. Representa um recurso sensível que possibilita não só acolher o sofrimento do cliente individual ou do casal, mas também facilitar que deem conta de sua parcela na infidelidade, do sentido dela na história daquela pessoa ou casal, das escolhas possíveis a partir do acontecimento e da possibilidade de ressignificação da experiência. Tenho testemunhado na clínica individual e de casais que, apesar da dor gerada pela descoberta da infidelidade, quando os parceiros íntimos optam por dar continuidade à relação, podem enriquecê-la. A apresentação do trabalho se orienta na perspectiva do eixo

temático: campo – a prática clínica do manejo gestáltico à intervenção, modalidade minicurso. A organização metodológica consistirá em três momentos: exposição do tema articulado às bases epistemológicas e filosóficas da Gestalt-terapia e respectivos conceitos, bem como a visão de autores contemporâneos; prática e manejo clínico por meio da apresentação de casos; troca e discussão com o grupo.

Palavras-chave: Infidelidade, Relacionamentos Íntimos, Clínica Gestáltica.

EXPERIÊNCIA DE SER-CRIANÇA COM TDAH: COMPREENSÃO HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA

Ana Karina da Silva Azevedo
Graduação, mestrado e doutorado em Psicologia
anakarinaazevedo@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Débora Cristina Guerra de Araújo Vale
Graduação e mestrado em Psicologia
deboracrisguerra@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: A criança com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) surgiu na literatura médica na primeira metade do século XX, e a partir de então, sua sintomatologia foi renomeada várias vezes. Fatores históricos e culturais influenciaram no diagnóstico do transtorno e suas comorbidades. As décadas entre 1960-1980 marcaram parte das produções nas teorias humanistas, as quais preconizavam a Liberdade Experiencial como estado interno de reconhecimento das próprias experiências e sentimentos, o que fez com que comportamentos como: retraimento, temores, solidão e agitação motora em crianças pudessem ser compreendidos como manifestações de sofrimento infantil. Em paralelo, no entanto, acontecia o advento da distribuição de anfetaminas e dos estudos neurológicos acerca do transtorno, desencadeando na medicalização enquanto acolhimento. Pensamos se esse pensamento naturalizante não seria um caminho para um enquadramento das esferas do existir, instituindo-se aquilo que é saudável e normal. Sendo assim, nosso objetivo é expor o caminho perquirido na pesquisa de mestrado defendida pelas autoras em julho de 2022 (GESDH/PPGPSI/UFRN). Nele, a partir da fenomenologia, fundamento basilar da Gestalt-Terapia, refletimos se categorizar crianças apenas por critérios diagnósticos de TDAH é suficiente para compreendê-las. Para a fenomenologia hermenêutica de Heidegger, ser-no-mundo é uma estrutura originária, e constantemente total, e ele nos convida a visualização do fenômeno através de um olhar de questionamento, de desconhecimento, afastando-se de uma posição que naturaliza a realidade como dada, acabada. A possibilidade de compreender o que seria atenção, na ótica heideggeriana, seria um modo do Dasein de estar na verdade, uma temporalidade existencial do ser-aí, enquanto possibilidades de habitar seu horizonte histórico. Para aproximarmo-nos a experiência do vivido, estruturamos nossa pesquisa em quatro encontros: dois deles com os participantes e dois com seus pais. Utilizamos o método fenomenológico, inspirado na hermenêutica heideggeriana, e abordamos os participantes através da hora do jogo lúdica com o recurso expressivo da caixa de areia. O brincar é prerrogativa do Dasein enquanto criança, e como convite da hora do jogo, utilizamos a caixa de areia a partir de uma leitura fenomenológica. Este caminho fomentou os diálogos acerca de seu diagnóstico, com criação de cenários e expressão de seu ser criança com TDAH. Quanto à análise, ela foi feita pelo transcrito no diário de afetações, e para analisá-lo nos inspiramos no círculo heideggeriano, o qual desvela o modo como somos compreensão, e que, para a pesquisa foi adaptado por Azevedo (2013) e Maux (2014). Assim, participaram deste estudo, duas crianças de 7 e 9 anos diagnosticadas e em tratamento para o TDAH, cujos mundos aparecem por via da interdição e brincadeiras com regras excessivas por parte de seus cuidadores. Os seus projetos de vida atravessam-se pelo entendimento de seus cuidadores de forma substitutiva e impessoal. Compreendeu-se que suas existências se desvelaram a partir de um ser-criança-com-TDAH-em-tratamento. Enquanto o sentido de ser for meramente dado, o desatino dos sofrimentos psíquicos nessas crianças é uma representação biologizante, esquecendo-se do fenômeno originário do sentido do ser-aí do Dasein. Nesse sentido, sustentamos um espaço para pensar o sofrimento infantil presente na

psicoterapia, problematizando modos menos hegemônicos de intervenção e cuidados terapêuticos infantis.

Palavras chave: TDAH; Fenomenologia; Infância.

GESTALT-TERAPIA EM CONTEXTO DE INSTITUIÇÕES DE SAÚDE: A ÉTICA DO VIVIDO

Guilherme de Carvalho
Doutor em Psicologia Clínica (PUC-RJ)
gc@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

Berta Sheila de Souza Ribeiro
Mestre Em Ciências do Cuidado em Saúde (UFF)
bsheila578@gmail.com
Centro Universitário Anhanguera – Niterói

RESUMO: A inserção do profissional psicólogo em instituições hospitalares tem aumentado fortemente nos últimos anos e possui como causas para tal fenômeno a consolidação da ideia de que os aspectos psicológicos estão articulados ao binômio saúde/doença. O histórico da entrada do psicólogo no hospital geral remonta às décadas de 50 com o início de um rol de possibilidades de intervenção diante do público e inserção direta em equipes clínicas. Com a fundação da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH), em 1997, o campo de estudos e pesquisa se formaliza e os profissionais desenvolvem um sentimento de classe e de compromisso ético com o campo de trabalho. Consecutivamente, nos anos 2000 a psicologia hospitalar é reconhecida e regulamentada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), e as tarefas do psicólogo em unidades de saúde e hospitalares são listadas e programadas. Como a instituição hospitalar insere-se no Sistema Único de Saúde (Sus)e na Rede de Atenção à Saúde (RAS), é imprescindível o psicólogo hospitalar dominar os temas sobre Saúde Pública e Coletiva, Políticas públicas de saúde de apoio integral ao usuário. O conhecimento aprofundado sobre tais temas garante ao psicólogo trabalhar com o paradigma da promoção da saúde de forma a constituir um conceito ampliado de saúde. Tal conceito supera em muito a experiência da articulação entre saúde e psicologia voltada apenas para o intrapessoal, ou seja, saúde situa-se no espaço do inter, da multicausalidade, da tentativa de pessoas darem sentido às suas histórias pessoais e promoverem bem-estar. A tarefa do psicólogo hospitalar consiste, então, na sutil articulação entre a esfera do intrapessoal e a do interpessoal, através de estratégias de mediação utilizadas no contato com os agentes envolvidos no processo de hospitalização. Este trabalho tem como objetivo a contextualização do trabalho clínico e institucional do profissional psicólogo hospitalar a partir da epistemologia da Gestalt-Terapia como instrumental e linguagem de acesso ao fazer psicológico em instituições de saúde. O olhar da Gestalt-Terapia é concebido como correlato da visão de saúde ampliada tão defendida ultimamente por colaboradores da saúde pública no país. A visão de homem compreendida pela Gestalt-Terapia é a de potencialidade, criatividade, de qualidade experiencial e de encontro. O trabalho do psicólogo hospitalar Gestalt-terapeuta parece oferecer uma visão renovada da experiência clínica em articulação com o vivido e a sua singularidade inescapável. A base fenomenológica gestáltica oferece suporte para o entendimento das formas e percepções surgidas no presente, o que se alinha com a vivência hospitalar. Busca-se com este trabalho explicitar ao participante do minicurso, as similaridades entre a Gestalt-terapia e a experiência ética do profissional psicólogo hospitalar em nome da defesa de uma relação qualificada entre paciente/usuário consigo mesmo e com o mundo, através da vivência do adoecimento e de suas consequências. Portanto, a atividade proposta atende a uma demanda de atualização de estudantes e profissionais que não conseguem articular o olhar gestáltico em sua experiência na prática hospitalar. Com o suporte existencial-fenomenológico da Gestalt-Terapia em contextos onde dor e morte são tão presentes, o gestalt-terapeuta deve atentar para a qualidade do manejo e cuidado com pacientes, familiares e com a equipe multiprofissional, todos expostos a agentes

ansiogênicos devido ao processo de hospitalização. O *todo* que compõe o ambiente hospitalar é potente em possibilidades de atuação, de utilização de recursos vivenciais plenos de significado em prol da autonomia, autossuporte e bem-estar do paciente-usuário durante o processo de adoecimento e eventual estadia na instituição hospitalar.

Palavras-chave: Psicologia Hospitalar; Gestalt-terapia; Ética.

INTRODUÇÃO À PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICO-GESTÁLTICA

Mariama Augusto Furtado
Pós-Doutorado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial
Doutorado em Psicologia Social
mariama.furtado@gmail.com
Instituto Epokhé – Clínica e Formação em Psicologia

RESUMO: Apresentação – Nenhuma existência está imune ao sofrimento, ele é parte integrante do viver. O homem é um ser que sofre e o sofrimento, em si mesmo, não é patológico. Ao contrário, o compreendemos como fazendo parte da vida e como sinal de desequilíbrio na relação homem-mundo. Inicialmente muitos gestalt-terapeutas se colocavam resistentes as estudos da psicopatologia e o fizeram sustentando uma importante crítica que denunciava a centralidade do uso de categorias sem pensar as singularidades. No entanto, hoje entendemos que a compreensão diagnóstica não se limita a atribuição de um psicodiagnóstico ao cliente. Ela envolve um olhar complexo para a situação terapêutica e a situação de vida do cliente como um todo. Entendemos que o trabalho terapêutico não é possível sem uma adequada compreensão diagnóstica que lhe dê suporte e norte. Ela é um indicador de caminhos, um mapa indispensável. Para Yontef, diagnosticar pode ser um processo de prestar atenção, respeitosamente, a quem a pessoa é, tanto como indivíduo único, como no que diz respeito a características compartilhadas com outros indivíduos. Uma compreensão diagnóstica processual – que não se pretende definitiva nem ser a verdade sobre o cliente - envolve um olhar complexo para a situação terapêutica e a situação de vida do cliente como um todo: mapear os problemas, possibilidades, desafios, enfrentamentos, potências, ajustamentos, o campo de vida, quais são seus pontos de saúde, etc. Tudo isso faz parte de um movimento de diagnosticar, que num sentido mais amplo significa compreender a situação. Quando pensamos em saúde mental devemos ter em mente que um comportamento não pode ser tomado como patológico sem considerar todo um conjunto de condições que o sustentam, avaliando o quanto o sujeito perde autonomia e flexibilidade ao lidar com as situações de sua vida. Entendemos que na Gestalt-terapia é imprescindível que pensemos uma clínica convergente com o sentido existencial. Nela importa a existência do ser humano, pensando a transversalidade entre o singular e o universal. Partindo dessas considerações, buscaremos nesse mini-curso pensar os desafios e possibilidades da leitura gestáltica sobre a saúde mental, entendendo que esta se retira de uma compreensão do adoecimento psíquico centrado no indivíduo, para pensar uma psicopatologia do campo, da relação organismo-meio. Entendemos que as produções de ajustamentos se dão como respostas integradoras frente às demandas provenientes do meio. São as respostas possíveis para dado organismo na relação com um campo específico, que se apresenta com suas características e conformações, considerando nessas respostas as vulnerabilidades que cada organismo possui. A psicopatologia fenomenológica se apresenta, portanto, como uma via de compreensão do vivido (*Lebenswelt)* patológico que ficou estagnado e privado de liberdade. Para Tatossian (2006), a expressão patológica é compreendida como a impossibilidade de viver de uma maneira diferente, é uma forma rígida de experiência que não permite o novo. A patologia, portanto, não se apresenta como um desvio de comportamento e sim como uma cristalização em uma forma única de estar no mundo. Buscaremos, portanto, apresentar as bases da psicopatologia fenomenológica em diálogo com a clínica gestáltica, a fim de pensar formas de diagnóstico processual e apresentar alguns quadros de sofrimento psíquico agravado. Sustentados por um pensamento crítico aos processos de medicalização da existência, pretendemos pensar propostas de uma gestalt-terapia ampliada capaz de atuar no âmbito da atenção psicossocial, desconstruindo estigmas sobre o sofrimento psíquico e promovendo o cuidado em saúde mental. **Objetivos** – Pretende-se que o/a congressista inscrito/a possa conhecer a posição epistemológica da clínica gestáltica em sua fundamentação

fenomenológica; analisar o campo histórico da psicopatologia e seus desdobramentos; conhecer os principais conceitos e autores da Psicopatologia Fenomenológica; compreender as discussões atuais em torno dos manuais diagnósticos; problematizar os processos contemporâneos de medicalização da existência. **Conteúdo Programático** – 1) Reflexões sobre o campo da Psicopatologia; 2) Os Manuais Diagnósticos: limites e possibilidades de aplicação; 3) Processos de Medicalização da Existência; 4) A perspectiva da Psicopatologia Fenomenológica; e 5) Psicodiagnóstico processual em Gestalt-terapia.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, Psicopatologia, Saúde Mental

LEALDADES INVISÍVEIS: UM ESTUDO DO CAMPO TRANSGERACIONAL NA CLÍNICA GESTÁLTICA

Maria das Graças Gouvêa Neco da Silva
Mestre em Psicologia Social
grgouvea@yahoo.com
IPGF - Gestalt em Figura

RESUMO: Partindo do entendimento que a noção de campo fundamenta a compreensão do funcionamento do sistema self e dos processos de contato do ser-no-mundo, que caracterizam a clínica gestáltica, propomos uma ampliação da compreensão dos padrões do campo familiar, através de uma leitura fenomenológica do campo transgeracional. O presente trabalho se fundamenta na articulação de conceitos da Teoria do Self (Perls, Hefferline e Goodman, 1997; Robine, 2006, 2016; Delacroix, 2022), da Teoria de Campo (Lewin, 1973), da Filosofia Existencial Dialógica (Buber, 1982; 2001) e da Teoria Sistêmica aplicada à compreensão do sistema familiar, através das conceituações próprias da área, em destaque para a noção de "lealdades invisíveis" como propostas por Boszormenyi-Nagy e Spark (2008).A teoria de campo é um dos pilares da compreensão na clínica gestáltica, o conceito de campo nos favorece a integrar os processos entendidos como 'subjetividade' em muitas linhas de psicologia, entendendo tal "subjetividade" como fenômeno de campo, isto significa dizer que já e desde sempre o ser-no-mundo é um ser que se apresenta como uma função de campo. Todo comportamento, sentido como próprio é também o ambiente/campo/mundo em nós e através de nós. Desde Lewin (1973) entende-se o campo como um ambiente que se organiza a partir de determinadas forças. Destacando que, no que diz respeito ao trabalho da Gestalt-terapia, trabalhamos com o campo organismo-ambiente como é especificado por Perls, Hefferline e Goodman (1997) e reconhece-se que neste, o organismo organiza o campo, mas também é organizado por ele. O campo não existe como uma entidade fixa e concreta, pois é sempre um "campo de..." análogo ao conceito de consciência como sendo algo sempre intencional, uma "consciência de..." (conforme Husserl, 1989) e necessita que haja um princípio organizador que o orienta. A Gestalt-terapia procura reconhecer nos processos de contato os desdobramentos da relação self-campo, deste modo o self pode ser pensado como um princípio organizador que se orienta num campo dado e é organizado por ele, numa correlação recíproca. Gestalt-terapeutas contemporâneos apontam que o conceito de campo cada vez mais se mostra importante no aprofundamento do estudo da teoria do self, como em Jean-Marie Robine (2006; 2016), Gary Yontef (1998), Jean-Marie Delacroix (2022) que chamam atenção para a importância desta concepção e seus desdobramentos, nos fazendo entender a necessidade deste estudo. Isto fica ainda mais evidente quando nos propomos a adotar um olhar transgeracional, como apresentado por Guillermo Leone (2012), na proposta de uma Gestalt-terapia Transgeracional. A Transgeracionalidade é definida no presente estudo como o campo de forças relacionais de fundo, que configuram a pertença ao campo familiar, e que são transmitidas através das gerações. Segundo a psicanálise, esta transmissão se dá pela negatividade, transmite-se o que está oculto, escondido e não-elaborado (Kaës, 2001 apud Padilha & Barbieri, 2020) perpetuando-se as "lealdades invisíveis" . Aliado a compreensão de campo acima apresentada, articulam-se as noções dialógicas de Buber (1982; 2001) quando ele especifica a possibilidade de compreender a dialogicidade das relações através da descrição de dois modos de ser/ estar no mundo, o modo de relação EU-TU e o modo de relação EU-ISSO, esta noção é utilizada por Boszormenyi-Nagy (2008) para descrever a dialogicidade e a reciprocidade nas relações dentro do sistema familiar e suas consequências para os membros da família.A articulação conceitual da dialogicidade como apresentada por Buber é uma das bases que fundamenta a noção de "lealdades invisíveis" desenvolvida por por Boszormenyi-

Nagy (2008), entendendo que esta lealdade referente ao sistema familiar se apresenta nos diferentes níveis sistêmicos, social e individual, de compreensão. E destacando que esta articulação reposiciona a psicopatologia, numa concepção de campo, e proporciona uma compreensão dinâmica da interação entre a psicopatologia individual e a patogenicidade sistêmica. Conclui-se que a possibilidade de experienciar e explorar fenomenologicamente estas "lealdades invisíveis" acrescenta uma potente ferramenta de ação clínica ao Gestalt-terapeuta, potente no sentido da compreensão clínica do psicoterapeuta e igualmente potente no desvelamento que permite ao paciente/cliente trazer à consciência as dinâmicas de fundo familiar naturalizadas através de crenças, valores, hábitos, mitos, e outras pautas de organização sistêmica, que constituem o fundo de pertencimento e lealdade ao sistema. Quanto a metodologia, este trabalho será apresentado como um minicurso teórico-expositivo com estudo de situações clínicas da prática da autora. Número de participantes: livre.

Palavras-chave: lealdades invisíveis; campo transgeracional; clínica gestáltica.

NA FRONTEIRA DE CONTATO NOS ENCONTRAMOS: CUIDANDO DA AUTOLESÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA

Denise Conceição Paranhos da Paixão
Mestre em Psicologia clínica e da saúde
decpaixao@yahoo.co.br
Instituto Ampliando Fronteiras

RESUMO: Introdução – O comportamento de ferir o próprio corpo de forma intencional, sem objetivo de causar a própria morte, vem aumentando significativamente. Segundo a Organização Mundial da saúde a autolesão não suicida (ALNS) se configura como uma questão de saúde global, uma vez que o risco de suicídio aumenta substancialmente. Os adolescentes são os mais vulneráveis à ALNS (GIUSTI, 2013). Segundo Borges (2021) de 17% a 18% dos adolescentes já apresentaram envolvimento em ALNS, número três vezes maior que em adultos, crescendo na população com algum transtorno clínico, aproximadamente 50%. Descrever a adolescência como período entre a infância e a idade adulta, dando ênfase às transformações corporais como características naturalizantes da fase e carregadas de conflitos, lutos, oposição, riscos e desequilíbrios é uma forma de patologização desse período. Bernardes (2015) afirma que naturalizar sentimentos e angústias dos adolescentes equivale a colocá-los em situação de invisibilidade. Fato que nos distancia da compreensão dos conflitos vividos, que sinalizam necessidades reais e legitimas. O contato com a singularidade da experiência de adolescente ser-no-mundo nos aproxima, possibilitando a compreensão do seu adoecimento. A psicopatologia fenomenológico-gestáltica visa à compreensão de como a existência pode decair e afastar-se da presença, integralidade e autonomia. O sofrimento se estabelece no campo relacional, pois a existência é um fenômeno cocriado (FRANCESETTI, 2021). Para Antony (2020) o adoecimento sinaliza uma autorregulação, com o adolescente buscando ajustar-se criativamente diante do sofrimento, com os recursos disponíveis. Na compreensão gestáltica do fenômeno da ALNS adolescente são considerados os fatores do contexto no qual está inserido, guardando características do seu ser total, numa relação de vinculação e reciprocidade. Emoções intensas e difíceis de serem suportadas e comunicadas são manifestadas no corpo. Dores que, conforme Jorge, Queirós e Saraiva (2015), sinalizam o que a comunicação não está conseguindo expressar, e que precisam ser "descodificadas" pelo cuidado. Cortar o próprio corpo; dar socos em objetos, e em si mesmo; bater com a cabeça; beliscar-se, dar tapas e coçar-se até ferir; queimar-se; roer unhas e retirar peles até sangrar; reabrir feridas; colocar grãos em orifícios do corpo; engolir objetos ou produtos tóxicos; arrancar os cabelos; e passar fome de propósito, são algumas das ações presentes. Afiune (2019) relata três categorias de sentido para a ALNS na adolescência: retroflexão de sentimentos negativos; forma de ajustamento criativo não funcional; e falta de heterossuporte na família. Estudos que relacionam a funcionalidade familiar e autolesão na adolescência observam a importância das relações familiares, sua inclusão na compreensão e no tratamento. A conexão com a família é apontada como fator de proteção e prevenção contra o engajamento em ALNS ao longo do tempo. A presença de conflitos na relação do adolescente com os pais e também entre eles, com agressividade, negligência e dificuldades na diferenciação, são fenômenos constantemente descritos nos atendimentos. Dessa forma, o trabalho com as potencialidades do contato familiar será fundamental, pois quando as famílias ganham consciência de seus padrões de interação o interesse pelo seu funcionamento aumenta (Zinker, 2001). **Objetivo –** O minicurso teórico-vivencial apresenta o fenômeno da ALNS adolescente, articulando características do diagnóstico extrínseco, segundo Francesetti (2021), e visando acessar o diagnóstico intrínseco, que ocorre no contato com a pessoa, como a relação terapêutica faz emergir o sentido do sofrimento. Numa perspectiva de campo, da situação total, propõe o trabalho com as

capacidades mobilizadas na fronteira de contato (Silveira e Peixoto, 2012), com o adolescente e o sistema familiar. **Metodologia –** Exposição teórica, com a utilização do recurso PowerPoint, em conjunto com propostas vivenciais e descrição de situações clínicas previamente autorizadas. **Resultados esperados –** Maior conhecimento do fenômeno estudado e a sedimentação do trabalho com as famílias como fator de proteção. Com base em Fukumitsu (2017, p. 89) sobre o trabalho de fortalecimento do self "[...] são convites para a descoberta de fatores de proteção". **Conclusão –** Para Silveira e Peixoto (2012) as capacidades da pessoa são mobilizadas na fronteira de contato no campo organismo/ambiente. Validar o sofrimento, que pode seguir caminhos de invisibilidade, não significa desprezar o potencial de crescimento e transformação da adolescência. Estas capacidades podem ser atualizadas no contato, e na ALNS podem estar funcionando de forma cristalizada e pouco expansiva na sua confiança, aspecto que nos ajuda na compreensão diagnóstica e psicoterapia.

Palavras-chave: Autolesão não suicida; adolescência; família.

O SÉRIO E O DERRISÓRIO: DOS TRAUMAS INFANTIS ATÉ A PALHAÇA ADULTA

Rodrigo Bastos
Mestre em Ciências Sociais
bastosbastos70@gmail.com

Montserrat Gasull Sanglas
Psicóloga
montserrat.gasull.sanglas@gmail.com

RESUMO: O *clown* (palhaço), não é um ator que representa um personagem, porém se trata de um ser que aceita sua inadequação frente as exigências idealizadas do meio e opta por compartilhar, de um modo exagerado, suas formas ridículas. Esta atitude de vulnerabilização é decurso de um trajeto de reconhecimento, apropriação desse seu modo de ser e de enfrentamento dos mecanismos de controle da vida para se expressar como ser a-normal. Como afirma Moreira (2015), o desenvolvimento do *clown* se aproxima mais com o fato de repensar e atualizar os espaços que ocupamos do que um treino cênico. O objetivo deste minicurso é demostrar as possibilidades terapêuticas e seus desdobramentos a partir da proposta do desenvolvimento do palhaço pessoal no adulto. Por palhaço pessoal compreende-se a trajetória de explorar a pessoa cômica, única e não restrita aos processos deverísticos, a partir do estudo das diversas versões de si própria e de ser-no-mundo. Bastos (2017), Muzo (2021), Rochette (2017) e Vigneau (2016) são alguns dos autores da Gestalt-terapia que trazem, em seus trabalhos, a perspectiva do jogo lúdico do palhaço como uma maneira de acessar as questões humanas e expô-las com leveza e graça. Partindo das vivências de um dos autores deste trabalho no desenvolvimento dos seu *clown*, propomos aqui uma análise onde visamos correlacionar os experimentos, as reverberações terapêuticas deste contato e os novos ajustamentos, associando-os à metodologia do *clown* terapêutico. O ponto de partida deste método, é reconectar o adulto com a sua infância esquecida, não em relação à sua biografia, mas com a maneira de brincar, funcionando no modo intermediário. Estamos nos referindo aqui àquela criança, que ainda possui um livre fluir dos excitamentos e um estado de presença. Miller (1998) sugere que muitas crianças por medo de perder o amor e o senso de pertencimento optam por atender as demandas dos cuidadores, desconsiderando as próprias necessidades. Um dos riscos é o de se transformar em um alvo silencioso e talvez, por isso, a autora deste texto quando bailou e foi desestimulada, despontencializada, se calou. Mais adiante, durante todas aquelas noites, foi abusada, e ao contar não foi acreditada, ao pedir ajuda não foi escutada e ao tomar as pílulas foi ridicularizada. Cresceu olhando para o chão e carregando tantas outras marcas que subnutriram a sua existência. No trabalho com o clown foi convocada a revisitar sua criança, ao brincar livre, a explorar e crescer no limite de várias polaridades, a caminhar na região do desequilíbrio, entre o conhecido e o novo, e a exercer a recalcitrância. Foi no encontro com sua palhaça onde ampliou sua capacidade de contato e *awareness*, o que a levou para ajustamentos criativos mais satisfatórios. Desde os nossos estudos iniciais, em 2009, até este momento, o que podemos concluir é que o contato com nosso palhaço pessoal pode nos auxiliar a ressignificar o ser humano que somos de maneira mais integral. Ele nos convida a olhar para nossas dores e traumas sob outras óticas como, por exemplo, a da comicidade, que num primeiro momento parece não poder fazer parte daquilo que nós seres humanos distinguimos como sério. Zinker (2007) indica o quanto o humor é necessário para cuidar de grandes dores, pois este nos autoriza a virar o mundo ao contrário e transcender o óbvio. Nesta posição inusual, quiçá seja possível avistar novos caminhos.

Palavras-chave: clown terapêutico; lúdico; criatividade.

REFERÊNCIAS PARA A ABORDAGEM GESTÁLTICA DO SUICÍDIO: ENTRE COLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO E AJUSTAMENTOS CRIADORES

Diogo de Oliveira Boccardi
Psicólogo, doutorando em Ciências Humanas
diboccardi@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Rafaela Laisa Martins Torii
graduanda em psicologia
rafalaisa@gmail.com
Universidade Federal do Pará

RESUMO: Se é evidente que a ciência contemporânea, de maneira ampla, segue bases epistêmicas oriundas da Europa e dos Estados Unidos, ou seja, do norte global, também podemos perceber sua incidência na ciência do suicídio. Estas epistemes desconsideram especificidades do sul global, colonizado e percebido sob um viés estereotipado e preconceituoso. Sabemos que nossas formulações clínicas também advêm das matrizes de pensamento dos países do centro do capitalismo, sendo delas um produto e uma crítica. Por isso, podemos encontrar na Gestalt-terapia enunciados e práticas descontextualizadas e subalternizantes, mas também propostas criativas e emancipatórias – o que indica a necessidade de examinarmos em detalhes a abordagem gestáltica que se tem desenvolvido entre nós para as situações, tão extremas e delicadas, mas tão frequentes, envolvendo os suicídios. Ademais, apesar do grande investimento em campanhas de prevenção e no desenvolvimento de psicofármacos, não temos visto diminuírem os índices de mortes autoprovocadas. Conhecer os aspectos colonizados e colonizadores imbuídos em nossa realidade fora do eixo europeu-estadunidense e valorizar bases epistemológicas do sul-global é essencial para uma compreensão integral do sujeito-corpo que apresenta demandas aos clínicos. No caso das demandas envolvendo comportamentos suicidas, as diversidades socioculturais, econômicas, étnico-raciais e de gênero, entre outras, quando contempladas pela suicidologia tradicional, são sempre secundárias à gramática dos chamados transtornos psiquiátricos. A concepção hegemônica sobre os suicídios se baseia na patologização e na proibição, manifestadas em ações de evitação coercitivas e homogeneizadoras, que partem da lógica dos fatores de risco e se erguem sobre a força da norma – o que limita os recursos terapêuticos e estigmatiza aqueles que protagonizam as experiências suicidas, intensificando seu sofrimento e inviabilizando o acolhimento ético e transformador. Daí a necessidade do desenvolvimento e propagação de uma clínica crítica, ética e acolhedora, que seja capaz de apreender o sofrimento do sujeito em sua complexidade e alteridade. Neste sentido, importa preservar o modo como, desde sua fundação, a Gestalt-terapia faz da crítica à normatividade uma proposta clínica, somando-se a isso as experiências locais e atuais de transgressão e cuidado, buscando formas novas de intervenção e acompanhamento junto às vulnerabilidades que configuram os suicídios. *Objetivo:* Discutir as referências teóricas que circulam entre Gestalt-terapeutas a respeito da abordagem clínica do suicídio. *Metodologia:* levantamento das referências bibliográficas em textos de Gestalt-terapeutas sobre suicídio e discussão de suas matrizes epistemológicas. *Resultados e conclusão:* Espera-se com esta proposta fomentar a reflexão acerca do suicídio sob uma perspectiva crítica a partir de uma ética decolonial, levando em consideração diferentes recortes interseccionais e sistemas de opressões e, sobretudo, confrontar compreensões generalizantes, patologizantes e homogeneizadoras (que na literatura gestáltica podem ser descritas como introjetivas e sociolátricas). Em contraposição à esta abordagem da suicidologia tradicional, que prescreve intervenções coercitivas em relações verticalizadas, advogamos que na própria formulação dos

ajustamentos criadores reside um modo crítico e propositivo de atenção gestáltica às experiências suicidas. Segundo defendemos, a leitura dos ajustamentos, a teoria de campo e a postura de suporte e criação de horizontes de futuro, que caracterizam a Gestalt-terapia, oferecem alternativas profícuas e adequadas para a prevenção de mortes autoprovocadas.

Palavras-chave: suicidologia; Gestalt-terapia; decolonialidade.

TRABALHO COM A REDE DE APOIO COMO SUTENTAÇÃO AO ATENDIMENTO DE PESSOAS COM SOFRIMENTOS EMOCIONAIS AGRAVADOS

Angela Schillings
Mestre em Psicologia; Especialista em Psicologia Clínica; Gestalt-terapeuta
angela@comunidadegestaltica.com.br
Comunidade Gestáltica – Clínica e Escola de Psicoterapia – Florianópolis, SC

RESUMO: No atendimento clínico com pessoas que apresentam Sofrimentos Emocionais Agravados é necessário que o Gestalt-terapeuta identifique quais são as formas destes sofrimentos que torna indispensável, além do trabalho terapêutico individual, o desenvolvimento de um trabalho em conjunto com a rede de apoio básica da pessoa buscando fortalecer o suporte no campo, para além da relação terapêutica, principalmente nos momentos de crise. O objetivo deste minicurso é oferecer aos participantes uma compreensão do manejo com a rede de apoio e os pontos principais e necessários para este trabalho.

Palavras-chave: Sofrimentos Emocionais Agravados; rede de apoio; suporte.

Eixo 3 – Contato – o compromisso ético-político na formação em Gestalt-terapia

"RESPEITO MUITO MINHAS LÁGRIMAS, AINDA MAIS MINHA RISADA": ACOMPANHANDO MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA PELAS LENTES GESTÁLTICAS

Isaura Caroline Abrantes Silva
Mestre em Educação
isauracaroline@hotmail.com
Universidade Regional do Cariri

RESUMO: As mulheres em situação de rua estão vinculadas a/s cidade/s como espaços de circulação, moradia e construção de suas histórias de vida. Dito isso, esse estudo visa analisar as experiências de acompanhar mulheres em situação de rua pelas lentes da abordagem gestáltica. Esse trabalho é fruto da dissertação de mestrado intitulada "Cartografias das mulheres em situação de rua: gênero, sociabilidades e pedagogia social", processo onde se fez possível a aproximação com as experiências de mulheres que transitam pelo espaço caririense, uma conurbação urbana formada por um conjunto de cidades, tendo como metrópole principal a cidade de Juazeiro do Norte, conhecida como terra da fé e do trabalho. Nesse sentido, de que maneira os corpos constroem essa cidade e de que modo a cidade é edificada por essas presenças? Como podemos discutir sobre os ajustamentos criadores formados nas/pelas/com as ruas? Dessa maneira, faz-se importante mencionar que esse é um trabalho compromissada com um olhar decolonial, sendo fundamental considerar que os marcadores sociais de gênero, classe, raça, territorialidade e geração estão diretamente imbricados com a convivência com essas pessoas. A partir de Deleuze e Guattari (2011), utilizar a cartografia como ferramenta metodológica significa considerar que a realidade é um mapa desenhado em dinâmicas linnhas, fabricando corporeidades, dispositivos de saber-poder e modos de luta. Violências e resistências oscilam pelos trânsitos das ruas, instituições de amparo e políticas públicas representam fontes de suporte, cais e refúgio, ao mesmo tempo que também enfrentam dificuldades e marginalizações fruto de estar a serviço e seguir acolhendo grupos diariamente excluídos. Relações frente ao abandono familiar, drogadição, maternidade, transfobia, relações amorosas, fé e esperança são algumas temáticas que dispontaram pelo contato com essas mulheres. A atuação da Gestalt-terapia frente ao cenário das ruas necessita primeiramente de atenção ao sistema socioeconômico neoliberal e as desigualdades sociais produzidas em nossa sociedade, firmando o compromisso ético-político em defesa do poder popular e emancipação humana, contrapondo-se a um sistema em que os corpos são traduzidos e valorizados pela quantidade de lucro produzido. Assim, de acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 64): "o problema é que, de modo geral, existimos em um estado de emergência crônico, e a maior parte de nossas capacidades de amor e perspicácia, raiva e indignação será reprimida ou embotada. Aqueles que exergam de maneira mais penetrante, sentem mais intensamente e agem mais corajosamente em geral se desgastam e sofrem, porque é impossível que alguém seja extremamente feliz até que sejamos felizes de maneira mais geral. Contudo, se entramos em contato com essa realidade terrível, nela existirá também uma possibilidade criativa". Logo, insistimos sobre a urgente necessidade de olhar para a população em situação de rua em discussões gestálticas, especificamente sobre as mulheres em situação de rua, investindo sobre uma escuta acolhedora, abdicando de qualquer imposição moral ou estilo de vida colonizador para a vida de quem quer que seja, apostando na autonomia, resguardo e favorecimentos dos direitos humanos, bem como nas sigulares maneiras de conceber possibilidades de viver.

Palavras-chave: População em situação de rua; Mulheres; Gestalt-terapia.

LUTO POR SUICÍDIO E POSVENÇÃO: A OUTRA MARGEM

Karina Okajima Fukumitsu
Pós-doutorado em Psicologia
karinafukumitsu@gmail.com
Instituições associadas Faculdade Phorte e
Universidade Cruzeiro do Sul

RESUMO: Introdução – O Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2021) informa que, entre os anos de 2010 e 2019, foi registrado no Brasil um total de 112.230 mortes por suicídio, com um aumento de 43% entre 2010 (9.454 mortes) e 2019 (13.523 mortes). Sendo assim, aumentaram também as pessoas em luto por suicídio. Cada morte por suicídio impacta em média 115 pessoas[49], e a vida daqueles que ficaram pode se tornar um caos. Acompanhar a travessia do luto por suicídio tem sido minha missão de vida e profissional. Como afirmado em estudo anterior (Fukumitsu, 2020, p.56):[50] "Advoga-se que o luto por suicídio é diferente do luto por outra causa de morte, principalmente por se acreditar que tais sensações são exacerbadas pela morte violenta e porque o enlutado recebe o legado cujo sofrimento psíquico é inegável. O suicídio emudece e, simultaneamente, provoca a fala. Exige o trabalho com o possível sentimento de traição da vida – pela morte – e a necessidade veemente de "colocar ordem" e de lidar constantemente com a culpa e acusações". Do trágico, a pessoa em luto por suicídio, ruma para outra direção e se oferta chances para continuar sua caminhada e assim, poderá chegar desfrutar da outra margem que será encontrada, depois que transcendemos à morte violenta. Sempre foi meu desejo que a discussão sobre o sofrimento e saúde existencial fossem preocupações primeiras nas lides acadêmicas. Portanto, as ações desenvolvidas a partir da graduação em Psicologia rumaram para que a prevenção dos processos autodestrutivos, acolhimento ao luto por suicídio e posvenção fizessem parte das grades curriculares das formações dos profissionais de saúde e da educação. Desde o doutorado[51] e o pós-doutorado[52] no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo tenho aprofundado a compreensão sobre as especificidades do luto por suicídio e apresentado intervenções destinadas ao gerenciamento de crises existenciais. Dessa forma, o presente curso tem sua concepção baseada na crença de que as instituições formadoras de profissionais da saúde e da educação devem investir na discussão ética e bioética, bem como, no aperfeiçoamento de profissionais para a elaboração de estratégias e de ações coletivas para valorização da vida, bem-estar biopsicossocial, prevenção dos processos autodestrutivos e acolhimento ao processo de luto. **Objetivos –** (1) Abordar as diferenças entre os processos de luto e de luto por por suicídio. (2) Apresentar as especificidades do processo de luto por suicídio e da posvenção e os cuidados integrativos para promoção de saúde existencial para a pessoa em luto por suicídio. (3) Discutir sobre a importância da psicoeducação dos aspectos do cuidado humano, sob a perspectiva da Gestalt-terapia, como possibilidade de desenvolvimento pessoal e profissional, visando fortalecer os fatores de proteção e a saúde existencial para pessoas em luto. **Metodologia –** Aula expositiva e interativa, ofertando espaço dialógico para aprimoramento da discussão. **Resultados esperados –** O aluno será capaz de conhecer as especificidades do processo de luto por suicídio, da posvenção e refletir sobre os cuidados integrativos para promoção de saúde

[49] National Action Alliance for Suicide Prevention (2015).

[50] Fukumitsu, K. O (2020). *Suicídio e Luto: história de filhos sobreviventes*. 2 ed. São Paulo: Editora Lobo.

[51] Doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Aprendizagem e Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo, sob orientação de Maria Julia Kovács entre 2009 e 2013.

[52] Pós-doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Aprendizagem e Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo, sob orientação de Maria Julia Kovács entre 2013 e 2017, com recebimento de bolsa PNPD/Capes.

existencial para a pessoa em luto por suicídio. **Discussão –** Percorrer a árdua travessia da pessoa em luto por suicídio é ato de per si violento. No acompanhamento das pessoas em luto por suicídio, compreendo que a vida não é do jeito que a gente quer e que não podemos controlar o incontrolável nem explicar o inexplicável. Suicídio é morte trágica que avassala nossos corações e nosso jeito de ser. É um momento da inauguração da morte sendo companheira indesejável o tempo todo. O minicurso apresenta o percurso da trajetória profissional, com mais de trinta anos de experiência, como psicóloga e pesquisadora dos assuntos da Suicidologia, campo de saber destinado aos estudos da prevenção dos processos autodestrutivos, luto por suicídio, posvenção e saúde existencial e aponta cuidados e intervenções destinados às pessoa em luto por suicídio.

Palavras-chave: Processo de luto; Luto por suicídio; Posvenção.

TESSITURAS EPISTEMOLÓGICAS: O LUGAR DE LAURA PERLS NA BASE TEÓRICA DA GESTALT-TERAPIA

Lílian Vanessa Nicácio Gusmão
Gestalt-terapeuta
linicacio@yahoo.com.br
Instituição de Gestalt-terapia de Rondônia – Figura Viva

Leda Mendes Gimbo
Gestalt-terapeuta
ledagimbo@ufg.br
Universidade Federal de Goiás

RESUMO: Considerar a tessitura epistemológica é permitir a abertura de um espaço, Laura Posner Perls, uma mulher invisibilizada na Gestalt-terapia, nos convoca a sentir outros possíveis, atualizar horizontes a partir de atos políticos implicados com o ser social e político e considerar a abertura do seu lugar. Permitir sustentar, apresentar e reafirmar espaços e caminhos para desestruturar e reestruturar partes da história é experienciar o crescimento da Gestalt-terapia com Laura Perls, envolve transgredir, subverter a coisa. As lutas feministas e transfeministas tem o corpo como um dos suportes essenciais, devolvem a cidadania de si, tornando-o território conhecido e habitado. Um eco de luta nos convoca a recuperar nossas histórias a partir de uma voz. Percorrer a história da Gestalt-terapia incluindo Laura Perls, uma das fundadoras com influência direta no livro Ego, Fome e Agressão publicado em 1942, em seu trabalho sobre as resistências orais e também no livro Gestalt-terapia publicado em 1951, como parte fundadora do grupo dos sete, seu nome não aparece nessas duas publicações. Duas também são as obras com textos mais específicos da Laura, Timeless Experiencing e Living at the Boundary, marcantes foram ainda sua influência nos institutos, na organização da Gestalt-terapia, a partir do rigor teórico da abordagem, contributos diretos. Apresentá-los a partir dos estudos de gênero, ofertar protagonismo e reconhecer a linha mestra que nos convida ao trabalho clínico como um ato político, desvencilhado das confluências da maioria e permitindo que as pessoas possam pensar de forma independente é serviço prestado a nossa comunidade. De acordo com Alvim (2014) “justo por isso é movimento político, pois exige transformação e reinvenção da vida e do mundo”. Uma mulher, pedra angular da Gestalt-terapia, a ser visibilizada. Ainda segundo Alvim (2014, p. 220) “rudimentos da Gestalt-terapia apresentados por Perls em 1942, e que foram construídos a partir de suas vivências e as de Laura, mais que colaboradora, uma coautora, então anônima”. Laura nos incita a forjar novos saberes, a recusar normatividades, a ofertar suportes seguros, a resistir e não nos desvencilhar das artes. Segundo Laura Perls (1992, p. 149) “os conceitos básicos da Gestalt são filosóficos e estéticos”. E complementa Alvim (2014 p. 202) “Laura Perls afirmou que a terapia é mais arte que ciência e que vai muito além de uma abordagem associativa”. Parafraseando Belchior (1978) enquanto houver espaço, corpo, tempo, arte e algum modo de dizer não. Haverá um eco de luta que convoca recuperar a história ao evidenciar o lugar de Laura Perls na Gestalt-terapia a partir de contributos que irrompem a norma de gênero. Laura Perls (1992) analisa nos capítulos dimensões da violência, a repressão da agressão na infância como elemento formador do fascismo e de personalidades violentas e atribui a adesão às explicações religiosas e míticas sobre a diferenciação de sexo e gênero como formadoras e mantenedoras dos papéis sociais e categorias, cabendo à mulher o lugar da tentação, do pecado e a expiação da culpa pela maternidade e disponibilidade para a servidão e cuidado. Gimbo (2022) expõe que em cada tempo, discursos de verdade e práticas de poder determinam os moldes de funcionamento da vida, dessa forma nossas subjetividades são produtos das verdades de um tempo e, podem ser produtoras dos desvios e atualizações”. Questionar ao conhecido é nutrir uma perspectiva

crítica por uma clínica implicada politicamente desde Laura. Segundo Favero (2022) fazer ruido, incerteza, contradição, fragmento é instaurar uma clínica política e uma clínica de renúncia: ser capaz de rejeitar o mundo esgotado, para criar um mundo nosso, poderosamente nosso, e nele desconfiaremos da culpa, do pecado, dos laudos, dos enquadramentos, das brutalizações analíticas, instaurar uma forma de viver". O presente minicurso pretende trilhar o percurso histórico de Laura Perls, suas contribuições, recuperá-la na literatura gestáltica, que as tessituras relacionais a partir de Laura possam se tornar fecundas a ponto de lançar as sementes de novos frutos ao futuro para tomar um lugar de igualdade.

Palavras-chave: Epistemologia; Laura Perls; Gestalt-terapia.

Eixo 4 – Fronteira – Gestalt-terapia, sociedade e subjetividades de resistência

AUTISMO - UM OLHAR GESTÁLTICO, HISTÓRICO E ANTICAPACITISTA

Juliana Albuquerque Ferreira Pellegrino
Psicóloga (PUC-RJ)
Gestalt-terapeuta (CGT-Sandra Salomão e IGT-RR)
Terapeuta de Família e Casal
Núcleo-Pesquisa Moisés Groisman e Instituto Semear-em andamento)
jpellegrino.psi@gmail.com

Sarah Paes Rodrigues
Psicóloga (UFMG)
Especialista em Saúde Cardiovascular (HC-UFMG)
Especialista em Gestalt-terapia e Análise Existencial (Fafich-UFMG).
sarahpaes.psi@gmail.com

RESUMO: A história do Transtorno do espectro autista enquanto classificação diagnóstica passa por alterações constantes desde a primeira edição do Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais. Atualmente, ele é entendido como um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por déficits persistentes na comunicação e interação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades que podem variar ao longo do desenvolvimento (APA, 2014). Müller-Granzotto; Müller-Granzotto (2012) e Brandão (2023), trazem um entendimento sobre o autismo à partir do Sistema Self de contatos, sugerindo uma perturbação da função id. O self é fluido e representa o sujeito enquanto alguém inserido em um mundo. É o sistema de ajustamentos criativos no campo, variando em como responde a esse campo dependendo da necessidade que emerge da situação (PERLS, HEFFERLINE e GOODMAN 1997; ROBINE, 2006). Assim, os comportamentos característicos de pessoas diagnosticadas como autistas são entendidos como legítimas criações e têm ligação com acontecimentos do campo social (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012). Como isso entendemos que, apesar de crucial o entendimento da pessoa autista em suas interrupções deste ciclo, também se faz necessário a busca pelo entendimento de como o comportamento dos neurotípicos interferem na construção das relações com os autistas. Nos leva a perceber também que o olhar gestáltico traz contribuições justas a construção de uma perspectiva anticapacitista e coerente com a perspectiva da neurodiversidade, uma vez que entende os modos de interação das pessoas autistas como uma diferença humana para a qual se busca aceitação e suporte, e não correção ou cura. Esse minicurso tem como objetivo ampliar o olhar, a partir da Gestalt- terapia, para os ajustamentos criativos de pessoas autistas, reafirmando uma visão anticapacitista e não normativa frente a existência neurodivergente. Como método para alcançar nossos objetivos, iniciaremos com a proposição de uma breve reflexão entre os participantes, acionando contato com o que cada um traz em seu fundo de vividos sobre autismo e relações como forma de aproximação do campo temático. Em seguida traçaremos uma linha histórica sobre a construção do autismo enquanto diagnóstico. Traremos a discussão sobre a relação de pessoas neurotípicas com pessoas autistas a partir de conceitos como ajustamento criativo, Sistema self de contatos e relação dialógica para possibilitar a contextualização dentro da nossa abordagem. Por fim, traremos um olhar sociológico e fenomenológico para a ampliação e complementação desta discussão, inclusive através da contribuição de autores autistas para este arcabouço teórico. Propomos o número máximo de 20 participantes. Esperamos como resultados: ampliação de conhecimento teórico acerca do autismo, tendo solo para independência de construção de um olhar gestáltico sobre o mesmo. Oportunizar reflexão para que em seu fazer profissional os participantes não sustentem mitos e informações desatualizadas em relação ao espectro, reforçando o compromisso ético-político. Oportunizar a construção de um aporte teórico que amplie contato com profissionais de outras áreas de saúde em prol de melhor acolhimento de seus consulentes. Por fim, promover

a defesa à alteridade, superando a ideia de um trabalho de "reabilitação" da pessoa autista e buscando a mudança de atitude dos neurotípicos ao invés de apenas de uma adequação comportamental dos autistas. Fritz Perls traz que a "[...] Gestalt- terapia é uma das forças rebeldes, humanistas e existenciais da psicologia, que procura resistir à avalanche de forças autodestrutivas, autoderrotistas, existentes entre alguns membros da nossa sociedade" (PERLS, 1977, p 19). Sendo a Gestalt-terapia uma teoria que valoriza o direito à alteridade e a originalidade irredutível de cada ser (GINGER & GINGER, 1995), e que desde a sua origem se compromete com o revolucionário, concluímos que buscar pelo olhar desta abordagem condiz de forma muito complementar com as pautas políticas e estudos a respeito do sujeito autista e para a construção de um olhar anticapacitista e não normativo para essas pessoas.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, fenomenologia, autismo.

CLÍNICA GESTÁLTICA ANTICAPACITISTA: COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO COM CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

Leonardo Celoto de Assis
Psicólogo e Gestalt-terapeuta
leonardo.celoto@gmail.com
Instituto Gestalt Paraná

RESUMO: Este trabalho surge do desejo de circunscrever uma leitura gestáltica que situe a experiência de ser-corpo-no-mundo enquanto criança com deficiência e resgate o compromisso ético-político do gestalt-terapeuta na qualidade de corpo de apoio na travessia de infâncias dissidentes. Para essa finalidade, propõe-se um diálogo entre as implicações sociais de uma existência não normativa, partindo de um fundo histórico de opressão e repousando os olhares sobre a contemporaneidade e a racionalidade neoliberal. Situando essa lógica que ancora-se na capacidade de produzir e gerar riqueza dos indivíduos, compreende-se a infância como um espaço-tempo de não-existência, no qual deposita-se um projeto de futuro à vista de um adulto ideal. Quando atravessadas pela deficiência em um campo regido por relações de poder, são lidas como incapazes e postas à margem por não corresponder ao padrão social dominante. Nesse cenário, uma clínica gestáltica que não se debruce sobre a dimensão ético-política imbricada na abordagem, vem a se transformar em mais um espaço de violência incapaz de reconhecer a sabedoria própria de um corpo de intencionalidades. Penetrados por uma escuta normativa que nos autoriza a assumir suas identidades e governar suas vidas, nos distanciamos de uma noção fenomenológica do campo organismo-meio e nos dedicamos a aquisição de habilidades e comportamentos-alvos. Portanto, se faz urgente pensar uma prática anticapacitista que tenha como princípio devolver a liberdade que de muitos foi roubada e o direito à existência que a muitos foi negado. Tecendo, assim, caminhos de cuidado e afeto no *setting* terapêutico e de luta nos demais espaços, de modo que o diagnóstico deixe de ser alvo de cura e assuma seu papel social de garantia de direitos. Dessa forma, tem-se como objetivo sensibilizar a comunidade gestáltica quanto a essa população, fundamentar teoricamente uma compreensão sobre essas infâncias, explorar possibilidades de uma prática contranormativa, oferecer segurança epistemológica aos gestalt-terapeutas e em última instância beneficiar essas crianças garantindo-lhes um atendimento que legitime sua existência e permita que seja protagonista da própria história. Para alcançar esse propósito, além de revisitar as particularidades do ser criança com deficiência, é necessário fazer um percurso metodológico que passe pelas filosofias de base da abordagem, além da compreensão de campo intersubjetivo, autorregulação organísmica, ajustamentos criadores, teoria do self e as vulnerabilidades nos sistemas parciais. Ao descrever as experiências de contato a partir da temporalidade da função Id, Ego e Personalidade, nos deparamos com a viabilidade de mapear a vivência da criança com deficiência enquanto ser-no-mundo. Nessa perspectiva, torna-se possível fazer uma interlocução desses conceitos com a noção de corporeidade em Merleau-Ponty, pensando no corpo como matriz da experiência e ser de consciência, independente de sua diversidade funcional e obstrução das funções de contato. Mediante esses apontamentos, espera-se como resultado identificar formas de sofrimento ético, político e antropológico desses indivíduos, colocando-se a serviço da criança e estabelecendo um diálogo entre corpos no inter-mundo da relação terapêutica. Por fim, constata-se a importância de revisitar o que nos é dado como ideal de vida para que se possa tumultuar a produção do conhecimento, de modo que a prática gestáltica não se distancie de suas raízes e o gestalt-terapeuta assuma seu compromisso ético-político.

Palavras-chave: Infâncias; Deficiência; Anticapacitismo.

GESTALT-TERAPIA NA BEIRA DO MUNDO: UM OLHAR PARA A CLÍNICA DA NÃO-NORMATIVIDADE

Mariana Cela
Mestre em Psicologia (UFRN)
Gestalt-terapeuta.
Psicoterapeuta e supervisora clínica
mariana.cella@gmail.com

Cintia Lavratti Brandão
Gestalt terapeuta
Psicoterapeuta e Supervisora Clínica
Formação em Terapia Familiar Sistêmica
Mestre em Psicologia (UFPA)
cintia.lavratti@hotmail.com

RESUMO: A Gestalt-terapia surge como uma prática subversiva que questiona o projeto científico da modernidade (baseado no modelo estritamente biomédico, positivista e fragmentário), abrindo-se a uma produção de saberes e práticas progressistas e libertárias, que visam o Ser em sua integralidade organismo-ambiente de forma sistêmica, holística e de ecologia profunda (RIBEIRO, 2011). Partimos de uma morada filosófica ancorada na compreensão do ser em sua singularidade e integralidade, enquanto ser do campo que se desenvolve subjetivamente ajustando-se às suas necessidades, que são geradas e geridas na fronteira indissociável organismo-meio (ROBINE, 2006). No momento em que assume o olhar para o campo, compreendendo sempre o Ser em situação, a Gestalt-terapia rompe com uma apologética da individualidade e se distancia das formas de produção de conhecimento (e consequente prática) típicas da decadência ideológica: o agnosticismo formalista e o irracionalismo subjetivista - termos utilizados por Lukács (1968). O meio contemporâneo, enquanto fundo comum compartilhado, reside no *ethos* do capital, um modelo de sociedade fundado em uma lei geral de acumulação que rege a compra e venda da força de trabalho, em uma estrutura de reprodução do seu funcionamento que se mantém sobre, e necessita de, a cronificação do lugar de explorado e da desigualdade social e econômica (dinâmica que se desdobra em inúmeras sequelas que recaem violentamente sobre determinados grupos sociais). Em função da consolidação e manutenção do modo de produção capitalista é necessário o desenvolvimento de tecnologias e saberes que visem a previsibilidade e controle sobre o processo de subjetivação dos trabalhadores, no exercício da disciplina como método de assujeitamento das operações dos corpos (FOUCAULT, 1975), e na imposição da ideologia capitalista, replicada nas instituições e na ciência, naturalizando os fenômenos constituídos histórica e socialmente (MARX e ENGELS, 2007). A psiquiatria e a psicologia tradicional (que se remete às origens do saber psicológico associado à consolidação do capitalismo industrial e ao processo de colonização e exploração dos quais esse novo modelo de organização social dependia), constituem-se como campos férteis para a criação de ferramentas ideológicas que fundam os interesses de reprodução do capital em um ideal de normatividade, para o qual o saber que se produz na razão estritamente biomédica irá direcionar sua atuação em favor da adaptação dos indivíduos (e consequentemente das coletividades) à tais parâmetros. Dessa forma, aquilo que se coloca como subjetividades "desviantes" da norma imposta, passam a ser criminalizadas e ou patologizadas, gerando a resposta social de marginalização e exclusão, tornam-se "a beira do mundo", tal qual Estamira (mulher preta, pobre, que vive sob o rótulo da esquizofrenia e assume-se como dissidente de uma forma de vida submissa às engrenagem da reprodução capitalista), brilhantemente descreve a si mesma enquanto representativa de grupos marginalizados, no documentário lançado em 2006, dirigido por Marcos Prado. Entendemos a imperativa necessidade de questionar: como Gestalt-terapeutas, estamos chegando à beira do

mundo ou reproduzimos o violento aprisionamento à centralidade da norma? Propomos a reflexão sobre a coerência do fazer em Gestalt-terapia com suas origens contraculturais de resistência às opressões e defesa do humano, traçando um percurso histórico e teórico que nos permita problematizar a relação do nosso fazer com as perspectivas classificatórias e fragmentárias de compreensão diagnóstica. Atrelado a essa reflexão, nos propomos a pensar criticamente sobre o lugar da Gestalt-terapia na construção de aparatos sociais e estratégias de cuidado verdadeiramente inclusivos e promotores de saúde. A partir destas provocações, buscar conhecer e criar formas não-normativas de acolher a diversidade na ampliação da compreensão de uma clínica (stricto sensu ou no olhar clínico ampliado) que não trabalhe em favor do apagamento de existências singulares em nome do enquadramento às demandas do capital.

Palavras-chave: Antimanicomial; Normatividade; Patologização.

O PRÓPRIO DE SI E O ENTRE NÓS: NAS FRONTEIRAS DE CONTATO COM O AUTISMO

Priscila Pires Alves
Doutora em Psicologia Social e Gestalt-terapeuta (Instituto Dialógico)
priscila_alves@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense - ICHS

RESUMO: Esta proposta de minicurso tem como objetivo produzir uma reflexão sobre como os conceitos da gestalt-terapia podem contribuir para a compreensão do fenômeno do Transtorno do Espectro Autista. O autismo é uma condição que tem se apresentado de forma significativa na contemporaneidade. O estudo do TEA a partir da abordagem gestáltica, nos oferece possibilidades de compreender como as diferentes formas e expressões de ser-no-mundo podem ser acolhidas numa perspectiva da diversidade e oferta de recursos de manejo clínico a a partir do conceito de ajustamento criador. Com esse minicurso, visa-se relacionar e consolidar os conceitos da gestalt-terapia com o trabalho de assistência com pessoas com TEA, bem como ampliar o escopo da discussão acerca dos processos de inclusão na sociedade, possibilitando a reflexão sobre os sentidos dos termos diversidade, inclusão e permanência das pessoas com deficiência numa sociedade que possa conviver com as diferenças de fato.

Palavras-chave: Autismo; Gestalt-Terapia; Tecnologias Assistivas.

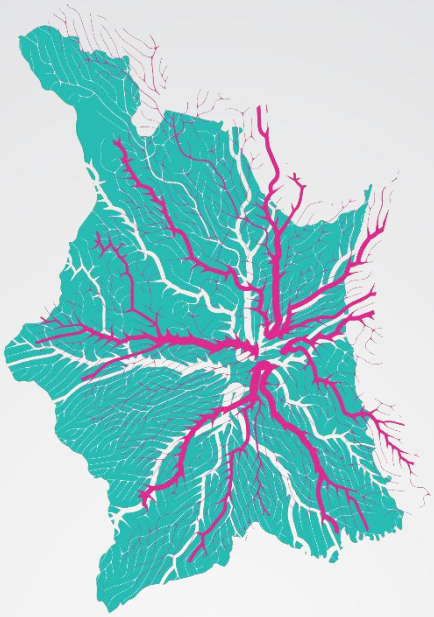
Eixo 5 – Awareness – interlocuções gestáltica e arte: expressividade e corporeidade

TRANSBORDA - EXPRESSIVIDADE TEATROTERAPIA GESTÁLTICO

Adriana Karla Andrade Rodrigues da Costa
Psicóloga
adrianakarla1000@gmail.com

RESUMO: Encontro artístico e terapêutico, mediado pelos recursos do teatro, proporcionando autoconhecimento, e desenvolvimento dos integrantes através das artes. Vamos trabalhar o corpo, voz, postura cênica, percepção musical e ao mesmo tempo consciência das questões emocionais dos integrantes, ampliando possibilidades de "estar e ser no mundo", através das ampliações artísticas criativas, com base nos recursos e possibilidades do teatro. TERAPIA ATRAVÉS DO TEATRO; TEATRO A PARTIR DA TERAPIA; TEATRO + PSICOLOGIA; AUTOCUIDADO; INCLUSÃO; DIVERSIDADE; AUTOCONHECIMENTO; NOVAS FORMAS DE "SER NO MUNDO"; ARTE - EXPRESSÃO DE SI; SAÚDE MENTAL. Este trabalho surgiu de uma vontade de unir Arte e principalmente os recursos múltiplos do Teatro, com as técnicas e recursos da Psicologia e da Arteterapia, de uma maneira integrativa, onde tanto os profissionais da Arte mais sensíveis aos temas da saúde mental, quanto profissionais de Psicologia, mais sensíveis aos recursos "curativos" das artes, pudessem se apropriar da "Metodologia Proposta" e criar também seu modo de aplicar o Transborda Teatroterapia como recurso para o autoconhecimento e desenvolvimento humano. O Trabalho foi iniciado dentro de uma clínica para pessoas internadas por problemas psiquiátricos e com uso abusivo de álcool e drogas e foi ampliado, transbordando para fora da clínica, a pedido de ex-internos, para que todas as pessoas interessadas pudessem ter acesso, inclusive aquelas que, já fora do período de internação procuravam atividades semelhantes e não encontravam. Trazemos aqui um workshop bem resumido, mas muito potente, do que são as vivências do grupo. **Proposta: Do H para o T** – do ser-Humano para o ser – Terapeuta, um processo criativo, como do Ator para o Homem (Janô), uma experiência relacional com o mundo subjetivo, com o humano que há em si e no cliente/paciente. A autoformação profissional necessária à prática clínica em Psicologia é ampla e rica, e quanto maior a disponibilidade criativa do terapeuta maior a sensibilidade ao outro, maior será a sua capacidade de ser um facilitador da expansão do contato do cliente consigo mesmo. É preciso chegar para "estar presente" e "estar presente" para poder seguir.

Palavras-chave: Teatro; Teatroterapia; Teatroterapiagestaltico.



RODA DE CONVERSA

Eixo 1 – Aqui e agora – a abordagem gestáltica frente aos desafios contemporâneos

AUTOCUIDADO ACADÊMICO NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO – O OLHAR DA GESTALTPEDAGOGIA NA CONTEMPORANEIDADE

Ciro de Almeida Sampaio
Especialista
cirobsb@hotmail.com
Centro Gestáltico de Fortaleza

Chrystianne Maria Rocha Pontes
Especialista
tiane0pontes@gmail.com
Centro Gestáltico de Fortaleza

Lillian Argolo Amaral
Especialista
lillian.argolo@gmail.com
UFRN

RESUMO: O contexto pós-pandêmico tem apontado desafios. A Roda-de-Conversa proposta aponta um norte onde um autocuidado acadêmico pode ser uma prática vivenciada cuja epistemologia tem como base a cosmovisão da Gestaltpedagogia, frente aos desafios. Em relação ao discente, o autocuidado acadêmico considera aspectos de autonomia, liberdade, comprometimento e autorrealização. Assim, há uma possibilidade de se basear um olhar teórico da Gestaltpedagogia rumo prática contemporânea que possui pontos assertivos de intervenção, que são explorados nessa Roda-de-Conversa. Na pauta do autocuidado acadêmico, instiga-se a corresponsabilidade do aluno diante do próprio processo de ensino-aprendizagem. Há atravessamentos do contexto pós-pandêmico para essa contínua atenção ao próprio desenvolvimento do discente. Não obstante a dificuldade e desafios inerentes ao processo vivenciado por cada aluno em sua própria jornada, o objetivo da Roda-de-Conversa é o de ampliar compreensão sobre possibilidades de intervenções acadêmicas que respondam aos desafios do pós-pandemia. Para tanto, a metodologia integra conhecer de perto o olhar da Gestaltpedagogia, aproximando-se da cosmovisão gestáltica enxerga na realidade educacional, em oportunidade de refletir intervenções no âmbito acadêmico na relação professor-aluno. A Roda-de-Conversa também conta com o objetivo de difundir uma prática docente que vem sendo utilizada em Natal-RN, Brasil, tendo como base experiências que se referenciam o autossuporte do aluno, apontado na literatura da Gestalt, a exemplo de Burow e Scherpp em sua obra Gestaltpedagogia. Com o objetivo de fomentar a troca de experiências sobre soluções que têm como base também o olhar da Gestaltpedagogia, a Roda-de-Conversa terá como ponto disparador o compartilhamento de experiências na condução de um processo de ensino-aprendizagem que integre o autocuidado acadêmico por entre jovens adultos, em modelo já utilizado pelos facilitadores como docentes de Pós-graduações, Cursos de Formações e experiência docente em graduações tanto em instituições privadas como em universidade pública, no Rio Grande do Norte, nordeste brasileiro. Sugere-se um máximo de 25 participantes, a fim de que seja possível espaço de fala e escuta sobre as experiências suscitadas. A Roda-de-Conversa é dividida em 2 momentos: (1) introdução teórica, em que se compartilham aspectos básicos e essenciais para a compreensão da Gestaltpedagogia, finalizando esse primeiro momento estimula-se por entre os presentes tomarem nota dos pontos convergentes entre o que se apresenta na teoria e um possível conhecimento prévio, vivência prévia, dos participantes, na prática, sobre a Gestaltpedagogia, em suas experiências educacionais; (2) a partir desse ponto, abre-se espaço para os participantes participarem oralmente e partilharem associações entre a teoria e a experiência pessoal, seja como discente, seja como docente, na linha do tempo pandêmica: antes da pandemia; durante a pandemia; e exercício de autoatualização no atual

contexto pós-pandêmico. A partir dessa estrutura metodológica supramencionada, durante a própria Roda-de-Conversa, será possível ir elucidando aos participantes possibilidades de manejo do autossuporte do aluno diante do próprio processo de ensino-aprendizagem, conforme troca de experiência que vão ocorrendo ali no Campo, evidenciando as premissas filosóficas e epistemológicas da Gestaltpedagogia, em face do atual contexto pós-pandêmico. A Roda-de-Conversa traz o benefício de ir facilitando ampla discussão sobre as observações e experiências vivenciadas, sobre como se é possível evocar a autorresponsabilidade e o autossuporte do aluno no ambiente escolar. A ideia é de que a atividade funcione como um catalizador de contatos e subsequentes movimentos de aproximação e distanciamento que propiciem *awareness*, para um olhar cada vez mais pautado no autossuporte do aluno e não no heterossuporte do professor/facilitador, em relação ao processo de ensino-aprendizagem. A Roda-de-Conversa traz o benefício de enxergar "como" a autorresponsabilidade do aluno se faz imprescindível para o contexto pós-pandêmico, diante dos desafios. Ratifica-se intenção de difusão e disseminação de compreensão sobre o que há de potente na perspectiva do Autocuidado Acadêmico tendo como base o olhar da Gestaltpedagogia. Obtém-se, assim, um produto em construção coletiva que considere a perspectiva do autossuporte do aluno no processo de ensino-aprendizagem uma trilha pautada em aspectos correlatos à autonomia, à liberdade, ao comprometimento e à autorrealização discente, cujo Autocuidado Acadêmico considera a corresponsabilidade do discente pelo próprio processo de ensino-aprendizagem em que está implicado. Há proposta de ampliar compreensão reflexiva sobre possibilidades de "como" a Gestaltpedagogia, com sua cosmovisão, pode, sim, trazer à tona uma postura fenomenológica em prol do autocuidado discente nesse contexto pós-pandêmico.

Palavras-chave: Gestaltpedagogia; Pós-pandemia; Autocuidado Acadêmico.

BOYS DON'T CRY - A MASCULINIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Ivan Mumic Silva
Psicólogo
ivanmumisilva@gmail.com
Consultório Particular

RESUMO: Sexualidade no presente trabalho é entendida como estrutura ontológica do ser humano: Tem a ver com o ser real e profundo. Não é algo agregado que lhe pode faltar e nem algo meramente histórico-social que, como um dia foi socialmente construído, pode ser também desconstruído. O ser humano aparece concretamente na diferença homem/mulher: As ciências não nos respondem pelo ser humano, mas por ambas as concreções que aí estão. Homem e mulher fundam dois modos diferentes e relacionados de sermos humanos, ambos formam a humanidade. Masculino e Feminino são forças motrizes independente da orientação sexual ou do caso da assexualidade. Masculino e feminino aparecem em cada ser humano como forças produtoras de identidade e diferença. Cada um possui tudo, mas não na mesma forma e intensidade. Carregamos um capital genético, gonodal e hormonal que é praticamente idêntico. O homem possui a mulher dentro de si, mas é homem e não mulher. A mulher possui o homem dentro de si, mas é mulher e não homem. Masculino e Feminino como polaridades: "Em grande parte do tempo experienciamos os lados, os opostos. E isto enriquece a amplitude de nossas possibilidades" (PERLS, 1977); "O indivíduo saudável é capaz de reconhecer e integrar a maioria de suas polaridades, através da reconciliação das diferenças" (ZINKER, 2007). Conceitos e sentimentos polarizados são complexos e entrelaçados, e estão entrelaçados com o histórico do indivíduo e sua percepção da própria realidade interior. A realidade interior de cada um consiste nas polaridades e características aceitáveis e não-aceitáveis pela consciência. A pessoa saudável está ciente da maioria de suas polaridades – inclusive daqueles sentimentos que a sociedade condena e é capaz de se aceitar assim. Podem haver pontos cegos no círculo de polaridades da pessoa saudável, e ela pode sofrer quando esse ponto cego é apontado pela consciência. Contudo, se mostrará aberta a ter mais essa noção sobre o si mesmo. O drama da cultura patriarcal reside no fato de ela ter usurpado o princípio masculino somente para o homem, fazendo com que este se julgasse o único detentor da racionalidade, do mando e da construção da sociedade, relegando para a privacidade e para as tarefas de dependência a mulher, não raro considerada um apêndice, objeto de adorno e de satisfação. Por outra parte, o patriarcado identificou o feminino com a mulher, impedindo-a de uma realização mais completa, com a inserção do masculino e dos seus valores no processo de personalização e socialização. **Objetivos –** O objetivo do presente trabalho é pensar na produção da masculinidade contemporânea e aumentar e desenvolver a Awareness sobre como ela é vivida sobre qualquer manifestação de gênero. Caminhos metodológicos: Breve apresentação de slides contendo o conteúdo da Introdução do presente trabalho e reprodução da música Boys Don't Cry da banda The Cure com a tradução transmitida em retroprojetor ou em material impresso. Após isso, expressão e colaboração dos participantes da roda de conversa. **Riscos e benefícios –** *Riscos:* é possível que a pessoa entre em contato com temas delicados da própria história envolvendo a sexualidade e/ou masculinidade. *Benefícios:* ampliação da Awareness sobre o tema; construção de conceitos novos; ampliação de possibilidades de compreensão e trabalho nos contextos que os participantes trabalham.

Palavras-chave: Masculinidade; Contemporaneidade

ENTRE DOIS PAISES, MINHA FORMAÇÃO E MINHAS EXPERIENCIAS COMO GESTALT TERAPEUTA

Miguel Angel Liello
Graduado em Psicologia (Universidad Nacional de Mar Del Plata)
Mestrado em Psicologia Clínica (PUC-RS)
miguelliello@gmail.com
Universidade de Santa Cruz do Sul

RESUMO: Tendo recebido minha primeira formação em Gestalt terapia na Argentina e continuado no Brasil estabeleço algumas diferenças que tem marcado meu percurso como Gestalt terapeuta e a possibilidade de integrar, ao meu modo, essas experiências. Antes de começar especificamente minha formação em Gestalt terapia estudei com alguns profissionais que de diferentes áreas (dança, teatro, expressão corporal, laboratórios de improvisação corporal e psicodrama) foram me aproximando ao meu interesse por um trabalho holístico, pela integração corpo/mente/espaço. Tive uma intensa participação nesses grupos junto com a leitura dos primeiros textos de Gestalt Terapia traduzidos ao espanhol. Iniciei minha formação na segunda metade dos anos 70 quando os primeiros gestalt terapeutas chegaram a Argentina. A Gestalt terapia entra na Argentina através do Chile, quando Claudio Naranjo, discípulo direto de Perls forma os primeiros grupos de gestalt terapeutas chilenos. Adriana Schnake e Francisco Huneeus, chilenos ambos, são os responsáveis pelos primeiros grupos de formação em Buenos Aires. Eu participei de um desses grupos. O que por aqueles tempos aprendemos como Gestalt terapia em Argentina tinha muita relação com o que por anos se conheceu como Gestalt californiana, ou Gestalt pele vermelha. Era a Gestalt que Perls fazia em Esalen. Bastante diferente da Gestalt que Laura e seu grupo faziam em Nova York e na costa leste dos Estados Unidos, também conhecida como a Gestalt branca. A Gestalt terapia que chega até nós, argentinos, é a que vem do oeste americano, modelo de trabalho mais agressivo, diretivo, repetitivo da forma de Fritz Perls e sem justificativa nenhuma sobre a metodologia de trabalho e sem esclarecimento sobre a fundamentação filosófica que embasava esse trabalho. Chama principalmente minha atenção não ter recebido nessa formação, nenhuma noção sobre Fenomenologia, Existencialismo, método dialógico, e um enorme desprezo pelo Psicodiagnóstico. Minha formação é anterior à fundação da AGBA (Associação Gestáltica de Buenos Aires). A partir dos anos 80 do século passado, já morando no Brasil, fui conhecendo profissionais que me ensinaram outras possibilidades de me vincular, estar com, dialogar, estudar mais as teorias de fundo, mais filosofia, aprender o método fenomenológico, o existencialismo, estar e trabalhar com profissionais da Gestalt terapia vindos de outros países, poder também viajar a outros países para ampliar os meus conhecimentos e enriquecer a minha capacidade e a minha forma de estar na relação terapêutica e na vida. Dentre eles Maureen M. O'Hara, Jean Clark Juliano, Lilian Frazão, Selma Ciornai, Robert Resnik, Rita Resnik, Todd Burley, Joseph Zinker, Jean Marie Robin, Jean Marie Delacroix. Também tive a possibilidade de uma pós formação no Instituto Ampliando Fronteiras, de Cabo Frio, onde tive a oportunidade conhecer, revisar o que sabia e aprender com um grupo muito qualificado de profissionais. Meus conhecimentos também me proporcionaram a possibilidade de ingressar à UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul, RS) onde introduzi a Gestalt terapia no curriculum escolar dos estudantes de Psicologia, desenvolvendo duas disciplinas de 60 créditos cada uma e sendo supervisor de estagiários de Psicologia Clínica na abordagem gestáltica por muitos anos. Faz também parte importante da minha experiência ter sido socio fundador do CEG-RS (Centro de Estudos de Gestalt-terapia do RS) onde ocupei funções de diretor, professor e supervisor por duas décadas. Em quanto a metodologia na condução da roda de conversa pretendo fazer um relato das minhas experiencias abrindo ao diálogo e a conversa com todos os participantes.

Palavras-chave: Formação; Diferenças; Integração

O TRABALHO DO GESTALT-TERAPEUTA NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

Thaís Karolyne Reckziegel
Mestre em Psicologia
psicologathaisk@gmail.com
Universidade Federal da Grande Dourados

RESUMO: A partir do século XX, e início do século XXI, a sociedade vem vivenciando a conhecida 'revolução digital', ocorrida devido a criação e desenvolvimento dos computadores, celulares e *internet*. Essa revolução trouxe mudanças na maneira das pessoas se relacionarem e na maneira de se comunicarem, proporcionando o surgimento das redes sociais digitais, criadas e acessadas por meio de aparelhos eletrônicos como os celulares, com o uso da *internet*. As redes sociais digitais possibilitam que as pessoas se conectem a qualquer momento, de qualquer lugar, sem haver sequer a necessidade de se conhecerem pessoalmente e estarem no mesmo espaço físico e geográfico, marcando um rompimento de fronteiras geográficas na interação entre os pares. Essas mudanças na maneira de se comunicar chegou, também, nas profissões. A maneira de falar sobre as profissões e divulgar o seu trabalho também vem sofrendo mudanças ocasionadas pela revolução digital. Atualmente é comum ver páginas e *perfis,* nas mais variadas redes sociais digitais, que se propõem a falar sobre determinada profissão, inclusive *perfis* que se destinam a falar sobre a psicologia e sobre Gestalt-terapia. Diante dessa nova possibilidade de divulgação profissional surgem alguns questionamentos: há a real necessidade de ocupar o espaço digital para divulgar o trabalho como Gestalt-terapeutas? O Gestalt-terapeuta que escolhe não utilizar as redes sociais digitais para divulgar e promover o seu trabalho é menos profissional ou menos capacitado do que aquele que opta por fazer uso desse meio? Além disso, para aqueles que decidem ter um *perfil* em uma rede social digital, como ele utiliza esse meio e quais os cuidados éticos são necessários e possíveis de ter nesses espaços? A partir desses questionamentos a presente proposta de roda de conversa possui como pergunta condutora: Como os Gestalt-terapeutas vem lidando com esse desafio contemporâneo provocado pelo desenvolvimento das redes sociais digitais, ao divulgarem seu trabalho profissional? Os objetivos para a roda de conversa consistem em possibilitar um espaço de diálogo e trocas acerca das percepções individuais diante desse desafio contemporâneo; além de proporcionar um meio ao qual os participantes possam expor suas percepções sobre como esse campo vem se configurando a partir do desenvolvimento tecnológico, o surgimento de novas mídias digitais e as formas de ser e estar neste meio enquanto Gestalt-terapeuta, possibilitando um espaço de troca sobre como os participantes se ajustam criativamente à esse desafio, além de poder ser um espaço de reflexão sobre o compromisso ético profissional diante das mídias digitais enquanto meio de divulgação profissional. Para isso será proporcionado um debate oral, iniciando com a exposição teórica sobre a temática, com uso de recursos tecnológicos como *Datashow* para apresentação de *PowerPoint*. Além disso, será exposto os preceitos éticos do Conselho Federal de Psicologia presentes no Código de Ética Profissional do Psicólogo (Resolução CFP nº 10/2005) e na Nota Técnica do CFP nº 01/2022 (sobre o uso profissional de redes sociais: publicidade e cuidados éticos). Após, por se tratar de uma roda de conversa, será feito questionamentos que instiguem os participantes a falarem sobre suas experiências, percepções e sensações acerca dessa temática, de forma que eles façam apontamentos sobre as possibilidades de se utilizar as redes sociais digitais de maneira ética e alinhado com o compromisso profissional de divulgação da psicologia enquanto ciência e profissão, além poderem expor seus possíveis impasses para utilizarem essas ferramentas, como possíveis medos pessoais. Estima-se como benefícios aos participantes dessa roda de conversa a possibilidade de refletir sobre como o meio virtual pode ser explorado como forma de divulgação profissional e divulgação da Gestalt-terapia enquanto abordagem teórica da psicologia, respeitando-se a ética profissional. No entanto, por não ser possível controlar os

apontamentos e sentimentos que irão emergir no debate entre os participantes, há o risco de algum deles se sentir ofendido ou mesmo julgado acerca de sua própria postura diante das redes sociais digitais, no entanto, como meio de diminuir esse risco, o debate será mediado de forma a evitar juízos de valores e apontamentos diretivos acerca de *perfis* profissionais ou publicações específicas.

Palavras-chave: Revolução digital; redes sociais; divulgação.

Eixo 2 – Campo – a prática clínica do manejo gestáltico à intervenção

A FRONTEIRA DE VALOR NA PSICOTERAPIA

Ênio Brito Pinto
Psicólogo, com pós-doc em Psicologia Clínica
eniobritopinto@gmail.com
Instituto Gestalt de São Paulo

RESUMO: Existimos somente na fronteira entre nosso organismo e o ambiente, ou seja, a experiência, aquilo que vivemos a cada instante, é fenômeno de fronteira. É na fronteira de contato que existimos e é nela que está nossa realidade. As fronteiras de contato são transientes e existem somente no aqui e agora, ainda que possam abarcar passado e futuro, lembranças e projetos, que se tornam figuras agora e aqui; têm permeabilidade e flexibilidade; têm influência da cultura em sua composição; podem ser pontes entre partes e todo; dependem de e configuram a vivência do espaço e do tempo; caracterizam um contato entre diferentes, o indivíduo e o ambiente, o indivíduo e sua população de *selves* (Polster. 2005). A fronteira de contato "não *separa* o organismo e seu ambiente; em vez disso limita o organismo, o contém e protege, *ao mesmo tempo* que contata o ambiente" (Perls, 1997). É na fronteira de contato que se distingue o eu do não-eu. O casal Polster cunhou (2001) o conceito de fronteiras do eu, as quais são "determinadas por toda a amplitude de suas experiências na vida e por suas capacidades internas de assimilar a experiência nova ou intensificada." Para estes teóricos da Gestalt, "a fronteira do eu de uma pessoa é a fronteira daquilo em que, para ela, o contato é permissível. É composta de toda a *amplitude* de fronteiras de contato e define as ações, ideias, pessoas, valores, ambientes, imagens, memórias etc com os quais ela está disposta e comparativamente livre para se envolver plenamente tanto com o mundo externo a ela quanto com as reverberações internas que este envolvimento possa despertar". Para os Polsters (2001), a forma como a fronteira do eu é vivida pode ser descrita a partir de determinadas perspectivas, que denominam como: fronteiras corporais; *fronteiras de valor*; fronteiras de familiaridade; fronteiras de exposição; e fronteiras expressivas. Interessa-me principalmente discutir a fronteira de valor. Isso se dá porque, entendo eu, a fronteira de valor é central ante as outras. Constitui um sistema de valores que orienta a pessoa em suas escolhas e em seu comportamento, compondo uma ética existencial cuja atualização depende, dentre outros aspectos, de um bom diálogo da pessoa consigo mesma, com o ambiente e com o campo. A fronteira de valor é a matriz de nossos adjetivos, de como qualificamos e damos sentido a nossas vivências, de como compomos nossas narrativas, de modo que ela é figura em psicoterapia, pois é por ela e nela que se alcançam as principais mudanças existenciais. Toda pessoa tem seus valores, ainda que possa não estar plenamente *aware* deles. Esses valores são compostos e recompostos ao longo da vida e das situações, com maior ou menor dificuldade, com maior ou menor ansiedade. O amadurecimento se dá também através da renúncia a e da transformação de valores passados, com sua inexorável ansiedade. Todos sabemos intuitivamente o que é um valor, mas definir com mais racionalidade esse conceito é tarefa bastante complicada! O que se pode conceber como valor em um processo psicoterapêutico? Valores são horizontes, configuram nosso olhar e nossa personalidade, orientam nosso comportamento, dão sustentação a nossas relações, a nossas escolhas, a nossa identidade, até a nossa autoestima. A compreensão de si e do outro é permeada pelos valores. A intencionalidade está alicerçada por valores, e, com isso, o sentido e o significado, sempre pessoal, que são dados a cada fenômeno, a cada vivência, à própria existência, à existência do universo, também é perpassado pelos valores. Valores são pontos de avaliação do vivido e do percebido, são filtros para a interpretação da realidade, são a matéria-prima de nossa produção criativa e da confecção de nossos adjetivos e, portanto, de nossos julgamentos. O olhar para o futuro, os projetos existenciais, os sonhos, a percepção de possibilidades, as esperanças, e tantos outros comportamentos relativos ao que poderá vir também são sempre impregnados pelos valores. Dentre outros, esses são os principais motivos

pelos quais é importante e enriquecedor que terapeutas discutam sobre o lugar da fronteira de valores nos processos terapêuticos gestálticos.

Palavras-chave: fronteira de contato; fronteira de valor; psicoterapia

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO (AT) NA ABORDAGEM GESTÁLTICA: POR ONDE TEMOS ANDADO?

Marcele de Freitas Emerim
Mestra e doutora em Psicologia (UFSC)
marceleemerim@gmail.com

RESUMO: Modalidade terapêutica que vem se desenhando (porque é processo) no Brasil nas últimas quadro décadas, o Acompanhamento Terapêutico (AT) é a prática do encontro terapêutico em seu sentido mais radical, de abertura ao outro, de acolhimento e defesa das diferenças, no território onde for possível e necessário. Essa prática se dá em *settings* variados – para além do consultório (espaço tradicional de acolhimento e intervenções clínicas) e não somente na rua (nas saídas tão valorizadas ao longo da história do AT). O trabalho do AT vem sendo realizado, principalmente, junto a pessoas que se organizam de forma psicótica (podemos pensar aqui nos ajustamentos psicóticos ou de busca – que acontecem em um campo, como estudamos em Gestalt-terapia), também em orientação e suporte a familiares, serviços e outros profissionais da saúde, da educação, ou áreas afins. Sua origem, inclusive, se dá em saídas com pacientes institucionalizados (vivendo em manicômios) e, depois, também com pessoas egressas de tais espaço de cerceamento e violações. E, com passar do tempo, tornou-se importante estratégia antimanicomial – apresentando possibilidades de acompanhamento e de terapêuticas afastadas de uma lógica de desqualificação e violadora. Em projetos singulares, pensando coletivamente caso a caso (com outros profissionais e/ou familiares e, especialmente, com o acompanhado), para além da atenção e cuidado junto às psicoses, o acompanhante terapêutico (at) vem sendo cada vez mais requisitado para atuação também junto a pessoas em sofrimento por conta de adoecimento grave, processos de luto, exclusão ou vulnerabilidade social, bem como em questões conflituosas envolvendo o uso de álcool e outras drogas - pensando o território (pessoas, serviços, lugares, práticas cotidianas) como *setting* terapêutico. A partir de uma leitura gestáltica, contemplando a noção de campo, a dinâmica dos ajustamentos, as possibilidades de existência e de relações, tendo a ética da acolhida como orientação, o at tem trabalhado como uma espécie de "advogado da diferença". O at atua na rua, na cidade, nas instituições, na família, em espaços variados – físicos e simbólicos –, onde for necessário, no intento de garantir cidadania a todo tipo de ajustamento no campo, a toda forma de se relacionar com o mundo, buscando promover a ampliação dessas possibilidades e a garantia de direitos. A proposta dessa roda de conversa é apresentar para discussão alguns tópicos sobre o tema: ajustamentos criadores em Gestalt-terapia, função política do at, o at em situações variadas, bem como discutir alguns aspectos históricos dessa prática terapêutica e suas possíveis áreas de atuação atualmente e também suas dificuldades de ação. Esse encontro é aberto a toda pessoa que se interessar pelo assunto, independente de sua formação ou experiência. Que possamos construir juntos novos trajetos para o AT e também repensar nossa prática clínica: por onde temos andado? e com quem? a quem serve/ou tem servido?, entre outras reflexões acerca das intervenções junto a pessoas em sofrimentos que não chegam aos consultórios ou a outros espaços tradicionais de cuidado.

Palavras-chave: Modalidade terapêutica

DO RIO AO MARANHÃO POR TERRA: REFLEXÕES E TROCAS SOBRE ESPAÇO TERAPÊUTICO A PARTIR DO ATENDIMENTO NA ESTRADA

Raphael Carvalho
Psicólogo
raphaelcarvalho.psi@gmail.com
Instituto Gestalt de São Paulo

RESUMO: O presente trabalho aborda o experimento pessoal de exercer a profissão no campo da psicologia clínica e social dentro de uma Kombi-consultório, no transcurso de deslocamento da cidade de Niterói-RJ até a cidade de São Luís-MA para participação do XVIII Congresso de Gestalt-Terapia. A partir desse experimento, discutir por meio de uma roda de conversa os desdobramentos da vivência, com o objetivo principal de explorar a reflexão sobre espaço terapêutico a partir de um ponto de vista alternativo, e com o objetivo específico de promover a multiplicidade das subjetividades na atuação profissional em relação ao conceito de campo, concluindo com uma experiência vivencial ao final da atividade. Desde o início da formação profissional em psicologia, é comum que o chamado "setting terapêutico", lugar que fisicamente conhecemos como consultório, seja abordado como um espaço necessariamente neutro, com a intenção de não gerar interferências no processo terapêutico dos mais variados perfis personalísticos de pacientes que podem ocupar o campo desse espaço. Essa compreensão, aliada à dinâmica da relação de trabalho em nosso sistema capitalista e à configuração dos espaços arquitetônicos nas cidades, favoreceu com que a constituição dos consultórios ganhasse características de um espaço estático, sólido e temporal, que por um lado traz as vantagens da praticidade, segurança e relativo controle das variáveis do campo, mas por outro, renuncia às inúmeras potencialidades que um espaço dinâmico, plástico e indeterminado podem trazer ao processo terapêutico. Dentro desse escopo, realizei a inscrição no XVIII Congresso de Gestalt-Terapia em São Luíz, no estado do Maranhão, e pretendo perfazer o deslocamento até o evento por via terrestre com uma Kombi-consultório, a partir da cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro, percorrendo mais de 3.200 quilômetros só na viagem de ida, atravessando os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Tocantins e Maranhão, com paradas previstas em cidades como Ouro Preto-MG, Diamantina-MG, Brasília-DF, Alto Paraíso de Goiás-GO, Mateiros-TO e Carolina-MA, interagindo com uma grande quantidade de pessoas distintas sob o ponto de vista territorial e cultural, concluindo assim um grande experimento vivencial de atender gratuitamente dentro e fora da "Kombisultório", viajantes em situação vulnerabilidade econômica e que estão na estrada, assim como realizar atividades terapêuticas de intercâmbio cultural com comunidades quilombolas e indígenas, fundamentadas entre outras fontes, no livro "200 exercícios para atores e não atores", do autor Augusto Boal, aprendendo com eles o que seria a figura mais aproximada de um psicólogue, que lugar essa figura ocupa no campo societário local e quais as características gerais que possui a partir de suas visões. Com base nessa experiência fenomenológica e principalmente presentificadora, proponho uma roda de conversa para compartilhar um pouco dos resultados obtidos com base nos aspectos profissionais e pessoais, e discutir com os presentes tendo como escopo central o que representa o espaço terapêutico na visão de cada um e as questões que podem surgir dessa visão, realizando ao final uma das atividades aplicadas nas comunidades, com objetivo de favorecer a consciência de si (awereness) após o conteúdo abordado. Esta atividade tem como objetivo principal explorar a reflexão do que é um espaço terapêutico sob um ponto de vista alternativo, e como objetivo específico promover a multiplicidade das subjetividades possíveis na atuação profissional em relação ao campo. O caminho metodológico escolhido tem por base o conceito de campo de Kurt Lewin, assim como o conceito de presentificação de Perls. Dentro desse prisma, a atividade será iniciada com a apresentação pessoal, indicação para manter o foco da

atenção no que está à sua volta e em como se sente momento a momento conforme inter-age (hífen meu) com o conteúdo. A partir dessa preparação básica, compartilhar a vivência no transcurso do trajeto Rio-Maranhão sob aspectos profissionais e pessoais, com foco na reflexão do que é um espaço terapêutico e que características, positivas e negativas, uma maior plasticidade e dinamismo podem apresentar. Diante da experiência abordada, com duração prevista de 20 a 30 minutos, abrir a roda e ouvir dos participantes o que eles compreendem por espaço terapêutico sob a égide do conceito de campo, promovendo interações e novos pontos de vista, discutindo com os presentes questões sobre como eles compreendem o espaço terapêutico, o que representa o espaço físico do consultório e como ele pode ser um aliado no potencial da terapia, como a dinâmica do campo pode fazer fluir novas ideias e formas de exercer a profissão à serviço do paciente/cliente, fertilizando assim as subjetividades. Transcorrido cerca de um hora com a roda aberta para abordagem das questões propostas e/ou outras que surgirem, realizar com o grupo uma das atividades aplicadas na estrada, fundamentada no livro "200 exercícios e jogos para atores e não atores" do autor Augusto Boal, chamada "corrente-humana" que consiste em formar uma roda com os participantes dando as mãos, pedir para que cada um grave quem sua mão esquerda e direita seguram, a roda então é desfeita, sendo solicitado que os participantes caminhem aleatoriamente pelo espaço ao som de uma música e que parem onde estiverem quando a música cessar. Neste momento, será pedido que todos os participantes se aproximem do centro do espaço sem mudar a posição em que seu corpo parou, e ao mesmo tempo, procurando dar as mãos às mesmas pessoas que estavam ao seu lado no início da atividade. É esperado que com isso um grande "nó humano" seja formado, e o desafio é desfazer esse nó sem que ninguém solte a mão de ninguém, e ao final, ouvir o que a experiência representou individualmente e em coletivo, finalizando assim a roda. A atividade apresenta baixo risco do ponto de vista de mobilização emocional, principal e eventualmente em situação na qual não se tenha suporte para manejo. Já com relação aos benefícios, é esperado o favorecimento de uma maior compreensão do conceito de campo, promoção de reflexão a respeito de espaço terapêutico sob novos pontos de vista, enriquecer a atuação profissional aumentando o aparato de recursos utilizados na clínica, assim como desenvolver ferramentas e aplicações alternativas a partir de uma nova configuração do campo.

Palavras-chave: Conceito de Campo; Espaço Terapêutico; Kombi-Consultório.

GESTALT TERAPIA E A CLÍNICA DA AGRESSÃO

Tássia Lobato Pinheiro
Mestre em Educação em Saúde
tassia.pinheiro@gmail.com

RESUMO: A agressão e agressividade é um conceito caro e central à gestalt terapia. A proposta principal do livro Ego, Fome e Agressão, que nasce como uma revisão do método de Freud, é apresentar a agressividade como um instinto fundamental no processo de desenvolvimento e criação. Antes disso, Laura Perls, em seu texto Como educar crianças para paz (1939), já traz o instinto agressivo como conceito chave para o pensamento clínico e político. A agressão é entendida como desejo de ataque ou destruição e por isso nossa tendência é a de suprimir esse instinto. Mas a agressividade é, para a Gestalt terapia, também a possibilidade de criação, meio de assimilar e fazer no campo. A proposta dessa roda de conversa é retomar o conceito de agressividade e agressão numa clínica que não impõe princípios ou ideais. mas amplia o suporte disponível para o contato e a partir daí participa de um processo de criação numa abertura permanente para a novidade que virá.

Palavras-chave: Agressividade, Suporte, Contato.

MULHERES NEGRAS E TRANSIÇÃO CAPILAR: SABERES, SENTIDOS E PRÁTICAS EM DIÁLOGO COM A GESTALT-TERAPIA

Aline Alves Lima
Psicóloga e Gestalterapeuta
psicologiaalinealves@gmail.com

RESUMO: Do ponto de vista da Gestalt-terapia, para uma justa compreensão dos fenômenos que se apresentam na clínica, é necessário considerar o campo interacional organismo-ambiente. Desse modo, o olhar do terapeuta para as estruturas internas das experiências não deve estar dissociado dos aspectos socioculturais, históricos e contemporâneos que atravessam os sujeitos sociais. Aqui, proponho o olhar para as experiências de mulheres negras, a necessidade de considerar as matrizes de opressões em suas intersecções, tais como: o colonialismo, racismo, machismo, padrão de estética branca, entre outros atravessamentos, e para como estes mecanismos violentos operam nas construções das identidades e suas performances. Atualmente, enquanto terapeuta, tenho atendido majoritariamente mulheres negras e percebo-me mobilizada a estudar sobre a forma como os processos de transições capilares aparecem no contexto clínico e sua influência transformadora de crescimento tanto individual quanto suas reverberações no coletivo. Assim, tenho me debruçado sobre os estudos das relações raciais, selecionando referenciais bibliográficos que incluem livros, textos acadêmicos, poesias e materiais audiovisuais para ampliar meu olhar sobre a temática e também articular esses saberes com os embasamentos gestálticos a fim de tentar responder minhas inquietações e de também me provocar mais perguntas, afinal, como disse o autor quilombola Nego Bispo, “são as perguntas que ensinam”. As discussões resultantes desse trabalho, ainda em construção, perpassam por conhecimentos de como é ser pessoa negra no Brasil, a relação mulher-corpo-cabelo, o processo de transição capilar como movimento estético-político e como é possível que a compreensão gestáltica sirva terapeuticamente para ampliação do cuidado de mulheres negras. Essa atividade propõe abrir um espaço de trocas com as pessoas presentes, realizar a exposição das discussões da pesquisa e em conjunto com o grupo refletir, a partir de um pensamento crítico social e dos conceitos abordados, de que forma podemos construir modos que nos orientem para efetivação de uma clínica racializada e contribuam para nossa formação enquanto terapeutas. A partir de um modelo semi-estruturado de planejamento para execução dessa atividade, é sabido que, tendo um espaço aberto para a interação do grupo, estabeleceremos como ponto de partida para a conversa a apresentação do curta-metragem KBELA, uma experiência audiovisual produzida por mulheres negras, sobre mulheres negras, com roteiro e direção de Yasmin Thayná, lançado em 2015, tendo duração de 21 min. A partir do que for sensibilizado por meio da exibição do filme e das impressões compartilhadas, refletiremos sobre a relação de mulheres negras e seus cabelos. Em seguida, teremos a exposição oral dos temas que marcam este estudo, partindo da compreensão de raça e gênero como marcadores das subjetividades apresentadas, passando pelas reflexões sobre como as transições capilares influenciam nos processos de auto(re)conhecimento, identificações, fortalecimento da autoestima e construção de suporte para o enfrentamento ao racismo e encerraremos as exposições preestabelecidas com a articulação dos conceitos da Gestalt-terapia, tais como: sistema self, autorregulação organísmica, autossuporte e heterossuporte, e ajustamento criativo, promovendo a interlocução dos saberes e sentidos presentes nas referências dos estudos étnicos-raciais em diálogo com a perspectiva gestáltica e ampliando nosso repertório para a prática clínica. É possível que, durante o andamento da atividade, as pessoas participantes sintam-se incomodadas, uma vez que os temas sobre relações raciais, em uma sociedade marcada pelo racismo podem gerar desconfortos. Por ser uma atividade que convida para interação, sentimentos de vergonha ou nervosismo podem aparecer. Evocação de

memórias, sensibilidade e conscientização das problemáticas também poderão ocorrer durante as trocas. Pensando nesses possíveis riscos, objetivo estabelecer um ambiente que seja, antes de tudo, amoroso, constituindo inicialmente uma relação entre o grupo, para que possamos nos olhar e firmar um compromisso de cuidado e acolhimento mútuo. Que seja um espaço de trocas espontâneas em que nenhuma pessoa participante se sinta na obrigação de qualquer expressão, assim como haja liberdade para expressão de quem desejar em qualquer tempo durante o decorrer da atividade. No que tange aos benefícios desta proposta de roda de conversa, é possível que haja ampliação de conhecimento acerca do tema apresentado, novos olhares e consequentemente novas ações que contribuam para o enriquecimento das experimentações terapêuticas, o fortalecimento de práticas antirracistas, o desenvolvimento pessoal e profissional, a partir das trocas entre o grupo.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Transição capilar; Gestalt-terapia.

O CAMPO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS E O FENÔMENO DAS ADIÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE: PERSPECTIVAS DA GESTALT-TERAPIA

Gabriel da Silva
Psicólogo e Gestalt-terapeuta
psicogabrielsilva@gmail.com

José Ricardo
Psicólogo e Gestalt-terapeuta
jose.ricardods@hotmail.com

RESUMO: Ao refletirmos sobre o uso de substâncias psicoativas na sociedade contemporânea precisamos revisitar os processos sócio-históricos sobre a relação do homem com elas desde os primórdios. Esses processos foram atravessados por conceitos e preceitos que determinaram paradigmas sobre as substâncias, que passaram a ser chamadas de drogas e algumas formas de consumo passaram a ser patologizadas, juntamente com outros comportamentos inerentes ao homem. Compreendemos que as questões relacionadas à temática são atravessadas por conceitos oriundos da ordem social, histórica, cultural e política. Ao mesmo tempo é acompanhada por um estreito vínculo com questões espirituais, religiosos, ético/morais e jurídico. Na contemporaneidade vem ganhando novos arranjos e formulações, assumindo um status de doença por meio de um artifício da linguagem marcado por um poder-saber médico que atribui características patológicas a determinados tipos de ser e estar no mundo. O campo dos discursões na atuação do profissional da psicologia diante dos sofrimentos na experiência de dependência de álcool e outras drogas, percebe-se em muitas praticas a reprodução de um prisma hegemônico normativo, estigmatizante da perspectiva biomédica. Este trabalho tem por intenção apresentar propostas de reflexões e práticas no acompanhamento de pessoas que vivem uma experiencia de dependência com substâncias psicoativas e outros comportamentos inerentes ao homem a partir do referencial da Gestalt-terapia. Ampliar o olhar sobre a experiência vivida e sentida por cada pessoa e pelos coletivos, através das bases teóricas da Gestalt-terapia e outros autores que contribuem com essa perspectiva. Estaremos apresentando as atualizações que já vêm sendo desenvolvidas no campo das discussões, atualizando a linguagem e os conceitos que reproduzem o reducionismo do fenômeno e a estigmatização de quem experiencia um comportamento de dependência. Apresentamos como objetivos do trabalho a possibilidade de pensarmos coletivamente em uma Gestalt-terapia ética-política, implicada com seus fundamentos teóricos, atuando no campo de álcool e outras drogas sem reproduzir processos de estigmatização e normatização, ampliando o referencial teórico e prático no campo de álcool e outras drogas, assim como, compartilhando experiências. A metodologia utilizada para nossa roda de conversa, que conterá no máximo trinta participantes, será através da participação coletiva do debate acerca do campo álcool e outras drogas e Gestalt-terapia, tornando-se possível a construção do diálogo e escuta entre os participantes, por meio das reflexões que apresentam como base as seguintes perguntas: E nós? Como Gestalt-terapeutas nos implicamos eticamente e politicamente à frente deste campo? Qual é ressonância desse campo que nos impede de ampliarmos as fronteiras em nossa atuação? Como recebemos ou abordamos uma pessoa que experiencia uma relação de dependência de álcool e outras drogas? O que cocriamos na fronteira de contato no campo das adições contemporâneas? Quais são as nossas afetações quando somos convidados a visitar o universo complexo do fenômeno das adições? Afinal quem é essa pessoa que encontros em espaços de atendimentos identificado como depende químico? Os benefícios e ganhos possíveis para os participantes da roda de conversa será a ampliação das suas redes de vivências e relações no campo de álcool e outras drogas. A escuta entre os participantes, possibilitará a acolhida das angústias e desafios da prática clínica em um território, como no Brasil, com políticas conversadoras no campo da

saúde mental e álcool e outras drogas e habitualmente com retrocessos nos cuidados em liberdade dos sujeitos. Podemos encontrar riscos na roda de conversa, caso os diálogos construídos afetem os participantes com desconforto, medo e vergonha através das temáticas propostas, mas evidenciamos que os facilitadores da roda de conversa apresentam recursos e suporte para acolher quem precisar.

Palavras-chave: Drogas; Acolhimento; Prática Clínica.

PREÇO OU VALOR? O AJUSTE FINANCEIRO NA CLÍNICA APOIADO NA SITUAÇÃO CONCRETA

Eduardo de Sequeira Cremer
Mestre em Psicologia Clínica pela UFRJ
eduardocremer.psi@gmail.com
Coordenador e Supervisor Grupo Conhe-ser

RESUMO: Essa proposta trata de um tema pouco debatido na Gestalt-terapia. Pensar e discutir o ajuste financeiro feito num contrato psicoterapêutico e, principalmente, seu uso clínico, também não é encontrado em textos. Portanto, essa proposta foi desenvolvida em larga medida contando com a minha própria experiência clínica, além das discussões em supervisão acerca do tema. Sobre este último, há uma especificidade de coordenar há 12 anos um trabalho que oferece suporte para o início da clínica de psicólogues. Esse projeto evoluiu para uma proposta de formação clínica sem linha teórica definida, justamente por ter como principais tópicos de supervisão a discussão de questões básicas da clínica que afetam de forma semelhante qualquer psicólogue iniciante, independentemente de sua escolha teórica. Certamente, entre esses temas está o manejo da questão financeira na clínica, onde nota-se uma lacuna sobre esse tópico deixada pelas formações e, principalmente, pela universidade. Dada a justificativa para o tema, penso como objetivo ampliar os espaços de discussão sobre a questão aproveitando a modalidade em roda de conversa para fomentar a construção de um pensamento sobre o valor na clínica embasado na Gestalt-terapia. A expectativa é que surjam tópicos comuns para o debate como: valor x preço, a diferença entre os gêneros no ato de cobrar, a discussão sobre clínica social, a relação de valor com realidade econômica, a desconexão do preço com a situação ou, mais recentemente, a possibilidade de atender uma pessoa que tem seus rendimentos em moedas de outros países. Alguns apontamentos de cunho teórico na Gestalt-terapia podem ajudar a pensar a questão, além de uma leitura do modelo socioeconômico a que estamos submetidos. No primeiro item destacamos a experiência da situação concreta (Alvim, 2018) que se apresenta no encontro clínico. Sabe-se que nesse momento presente se forma um campo terapeuta/cliente onde aparecerão os fenômenos compartilhados pela dupla no espaço psicoterapêutico. Dessa forma qualquer movimento nesse cenário será tributário da situação e o terapeuta se orientará através desse campo, onde surge o id da situação, que é o que está dado no momento presente. O ajuste do valor da terapia, portanto, estaria vinculado a esse campo. Aqui, marca-se uma diferença de termos, já que *valor* prevê uma ideia de valorização do que se apresenta entre o que se pretende pagar e a condição do terapeuta, ao passo que *preço* possui uma indicação de valor que precede o encontro, dado de antemão de maneira individual pelo profissional em função de aspectos mais objetivos e materiais da vida. Com isso há uma predeterminação do preço que não conta, num primeiro momento, com as informações do campo terapêutico, indicando um movimento psicoterapêutico sem *awareness* da situação concreta e não espontâneo. Outros aspectos que também tomam parte nesse campo são a condição socioeconômica em que vivemos em nosso país e o significado do dinheiro em nossas vidas, já que estamos submetidos a estrutura de uma sociedade capitalista. Nesse ponto posicionamos o olhar para algo que antecede esse encontro e que estará presente naquele campo formado no atendimento. Sobre isso, Castro (2019) coloca que existe uma lógica do capital ao qual estamos submetidos e que somos afetados, dado que o capitalismo não é só um sistema econômico, mas algo que produz uma orientação mercantil da vida, das relações sociais, do conhecimento, da sociedade e, portanto, das atividades de trabalho, mesmo as que envolvem o cuidado no campo da saúde. Até por ser uma área de reconhecida inclinação maior para uma ética que colocaria o ser humano no centro, pode se criar uma tensão pela invasão dessa lógica capitalista, provocando uma confusão que pode ser constatada nas muitas experiências dos

psicólogues em supervisão. Em alguns momentos o terapeuta pode subestimar seu valor, muito em razão de não conseguir associar um trabalho ligado ao cuidado a uma quantia financeira, em outros casos pode superestimar seguindo mais a lógica do capital. Em ambos o cliente parece excluído do processo e a construção do valor não ocorre de forma compartilhada. A proposta da dinâmica para auxiliar nesse debate consiste em pedir para os participantes contribuírem com as suas dificuldades no tema de forma escrita no papel. Depois de recolher os papéis, faz-se um compilado de tópicos para ser um disparador para discussão, fomentando reflexões criativas.

Palavras-chave: Valor, Clínica, Campo.

Eixo 3 – Contato – o compromisso ético-político na formação em Gestalt-terapia

"COM QUANTOS INTROJETOS SE PRODUZ UM (CIS)GÊNERO?": UMA PROPOSTA GESTÁLTICA E CONTRASSEXUAL

Marcos Vinicius Monteiro Barbalho
Graduade em Psicologia (UFPA)
Mestrande em Psicologia (UFPA)
vinimontr@gmail.com
Universidade Federal do Pará

Zay Nogueira de Sales
Graduando em Psicologia (UFPA)
zaysales99@gmail.com
Universidade Federal do Pará

Lorena Schalken de Andrade
Gestalt-terapeuta
Doutora em Psicologia (UFPA)
lorenaschalken@gmail.com
Professora de Psicologia/Gestalt (UNAMA)

RESUMO: Esta atividade surge da necessidade de problematizar a precariedade dos estudos críticos de gênero e sexualidade na formação de psicólogues gestalt-terapeutas. Analisamos que a construção das ciências modernas, dentre elas a Psicologia, produziu um sujeito da ciência supostamente neutro e universal, bem como a separação sujeito e objeto e a repartição da experiência humana em construtos como mente e comportamento. Os estudos decoloniais problematizam essas cisões, localizando esse modo de conhecimento produzido na Europa e nos Estados Unidos e defendendo o descentramento dessas perspectivas, favorecendo e fomentando epistemologias do Sul Global. Esse movimento envolve reconhecer que esse sujeito racional, neutro e universal da ciência moderna é especificamente o sujeito branco, europeu, homem, sem deficiência, cisgênero e heterossexual. A visão de mundo imposta violentamente pelos colonizadores e catequizadores inclui a moral judaico-cristã, o iluminismo e o racionalismo, que passam a ser centrais para a produção de novos sujeito, assim como o individualismo e o experimentalismo presentes no posterior surgimento da Psicologia. Nesse sentido, é possível reconhecer que o passado colonial de massacre de populações deu as bases para a produção das ciências que continuamos a estudar hoje em dia, centradas no Norte Global. Ciências logias que as construíram, bem como o seu sujeito de enunciação, mas que têm como base o binarismo de gênero, o patriarcalismo, o cissexismo, o racismo, dentre outras ideologias violentas. Por isso, essa atividade tem como objetivo apontar as tensões dessas construções presentes no campo na forma de introjetos, a partir da provocação sobre esses aspectos da história e do compartilhamento de perspectivas em grupo, para que possam ser "regurgitadas e mastigadas novamente", para usar a metáfora da mastigação do *Ego, Fome e Agressão*. Por isso, inspirades nas discussões propostas por Paulo Barros no capítulo *PARA QUEM ME ABRO NA CLÍNICA GESTÁLTICA? UM ENCONTRO COM CORPOS LGBTQIA+* do livro *Por uma Gestalt-terapia Crítica e Política*, lançamos mão do conceito de introjeção, como fundação dos ajustamentos criativos, e parte fundamental do movimento de composição e recomposição do gênero em nossos corpos. Buscaremos, também, problematizar as implicações dessa confluência da gestalt-terapeuta no campo para as práticas gestálticas, sejam elas em um consultório particular ou nas políticas públicas. Para isso, apresentaremos a perspectiva da contrassexualidade, proposta por Paul Preciado nos moldes que foram propostos por Sales et. al em uma tentativa de usar a contrassexualidade como um impulso para a atualização da Gestalt-terapia que sirva para dar visibilidade a fenômenos invisibilizados no campo. O formato dessa atividade será uma roda de conversa, por considerarmos que o debate deve ser conduzido

de maneira horizontal, em uma relação dialógica, para que o contato com os novos debates propostos que possam fazer insurgir afetos desconhecidos no grupo e possa haver suporte para a sustentação desses conflitos. Trabalharemos então, com o uso de perguntas disparadoras que provoquem os participantes a visitar e reconhecer suas próprias vivências enquanto corpo generificado, em um espaço seguro, livre de julgamentos, e refletir sobre como as construções epistemológicas e políticas estão presentes no corpo. Será proposto, inclusive, uma pequena experimentação, na qual os participantes poderão assinar um contrato contrassexual, ou seja, um documento fictício que reconheça o compromisso com a produção de corporeidades fora da norma, tal como no livro *Manifesto Contrassexual* de Paul Preciado, porém com adaptações para a realidade da roda de conversa. Como benefícios, esperamos que os participantes possam reconhecer diferentes perspectivas éticas, a fim de elaborar práticas e possibilidades de reconhecimento de si e do outro nas relações. Como riscos, destacamos: mobilização emocional dos participantes. Caso necessário, proporcionaremos escuta, acolhimento e outros encaminhamentos.

Palavras-chave: Gênero; Contrassexualidade; Gestalt-terapia.

DESAFIOS NA PRÁXIS DE INSTITUIÇÕES FORMADORAS EM GESTALT-TERAPIA: TECITURAS PARA ALÉM DE PARADIGMAS TECNICISTAS

Débora Cristina Guerra de Araújo Vale
Psicóloga (UFRN)
Mestre em Psicologia (UFRN)
Especialista em Gestalt-Terapia.
Especialista em Psicologia Clínica (UFRN)
deboracrisguerra@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Mariana Cela
Psicóloga (UFRN)
Mestre em Psicologia (UFRN)
Gestalt-terapeuta.
Psicoterapeuta e supervisora clínica
mariana.cella@gmail.com
Centro Universitário do Rio Grande do Norte

RESUMO: Gestalt-terapia, nascida e vinculada aos movimentos de contracultura, apresenta-se como proposta de resistência diante da hegemonia do paradigma biomédico e mecanicista na produção de saberes. Ela propõe-se a realizar uma práxis transformadora e emancipatória, orientada por valores éticos, políticos e sociais. Tais virtudes teóricas, filosóficas e metodológicas convocam às instituições formadoras e novos gestalt-terapeutas o senso de responsabilidade, cuidado e a constante evolução da abordagem. Como bem preconiza Robine (2006), credita-se que parte da visão do ser integral acontece devido ao processo de subjetivação, ou *selfing,* por via do contato, como movimento do campo organismo-meio. Observa-se, na Gestalt-terapia brasileira, o crescente esforço de retomada desse compromisso social, expandindo nossos campos e modelos de atuação. Para tanto, faz-se necessária a construção de saberes transversais que instrumentalizem a compreensão do meio político-social que compõe a situação na qual se faz o Gestalt-terapeuta e aqueles que atravessam seus fazeres. Reconhecemos que é predominante a procura por formações que preparem para atuação exclusivamente clínica (stricto sensu), e desta forma, perguntamo-nos: como podemos construir a Gestalt-terapia considerando as dimensões humanas da ambientalidade, enquanto sentido amplo, que abarca o ambiente natural-histórico-social? Com o objetivo de lançar luz sobre os desafios e potencialidades da formação em Gestalt-terapia, pretendemos discorrer brevemente sobre aspectos da formação em Gestalt-terapia do GESTALTEN – Grupo de Gestalt-terapia de Natal, e a partir disso, estimular o compartilhamento de experiências e impressões entre participantes que atuam diretamente ou indiretamente na construção da abordagem gestáltica. Como recurso para fomentar as reflexões dos presentes, lançaremos mão da metodologia expositiva, e, posteriormente, proporemos a discussão de casos relacionando situações diversas que ilustram aspectos sócio-ambientais, que fazem parte das demandas cotidianas da população brasileira, e que compõe nosso fazer e a realidade de quem acompanhamos como clientes, usuários ou colaboradores das instituições em que atuamos, comunidades e também dos que buscam formação em nossa abordagem. Diante dessa troca, o resultado esperado é de que os participantes possam problematizar as possibilidades de atuação em Gestalt-terapia, ampliando o pensar sobre o lugar do Gestalt-terapeuta assumindo o compromisso ético, social e filosófico que propõe a abordagem, e a partir daí identificarmos as demandas que se colocam para os cursos de formação considerados como campo estratégico no preparo instrumental e na consolidação paradigmática de tal compromisso. É importante pensar a Gestalt-terapia respeitando a coerência do fundamento gestáltico que busca olhar para a totalidade do real, no qual as partes que o compõe co-existem interligadas e interdependentes (Ribeiro, 2011), e a

noção de ambientalidade enquanto dimensão existencial, de forma que possamos co-criar os ajustamentos da Psicologia enquanto ciência e profissão à necessidade de atuação ampliada e implicada diante das demandas coletivas e sociais da contemporaneidade. Para além disso, a partir desta atividade, sustentaremos espaços para discutir as formações, considerando a dimensão da ambientalidade enquanto virada paradigmática, o que se traduz em obstáculos pragmáticos para atuação e formação. Assim, correlacionaremos os elementos práticos dos planejamentos dos cursos de formação, tais como: carga horária, escolhas de disciplinas e conteúdos programáticos, atividades vivenciais, supervisões, workshops, conteúdos transversais, com os aspectos da essência humana da ambientalidade, a fim de se ampliarem propostas de cursos de formações.

Palavras-chave: Ambientalidade; Formação; Gestalt-Terapia.

O SPA COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO GESTÁLTICA

Marcos Vinícius Guimarães Viana
Psicólogo
Mestre em Psicologia Social (UERJ)
marcosvgviana@hotmail.com

Filipe Silva
Psicólogo
filipesilva18@hotmail.com

RESUMO: Roda de conversa com formadores/docentes e alunos de Psicologia sobre a importância de equipes de Gestalt-terapia em Serviços de Psicologia Aplicada (SPA). OBJETIVOS: Reconhecer a importância de SPA e das supervisões para o desenvolvimento do Gestalt-terapeuta em formação. CAMINHOS: Atividade conduzida por 2 profissionais, apresentando conceitos fundamentais sobre SPA, supervisões e equipes de Gestalt, bem como a abertura para o debate em grupo. BENEFÍCIOS: Ampliar um campo de Contato de forças e fraquezas a respeito da formação de Gestalt-terapeutas ainda no meio acadêmico, como forma de trocar experiências territoriais/regionais, a fim de provocar um compromisso ético-político na formação em Gestalt-terapia nas Universidades. Os Serviços de Psicologia Aplicada (SPA) segundo Roneda e Barbosa (2020) tratam-se de "espaços obrigatórios de formação, vinculados aos cursos graduação de Psicologia" exigidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do curso de Psicologia (BRASIL, 2019). Os SPA garantem a integração do conhecimento teórico e prática em sintonia com as demandas sociais. Essa atuação profissional aproximada à realidade social do cliente demanda aos futuros psicólogos o desenvolvimento das habilidades e competências citadas anteriormente, como: consciência social e ambiental, atitude investigativa e reflexiva. Cabe as instituições fornecerem uma formação que promovam "espaços de reflexão contínuos sobre a prática e sua interface com questões sociais que permeiam a realidade do cliente" (RONEDA E BARBOSA, 2020, p. 10). Diante dessa proposta, o SPA não é visto apenas como uma exposição de ambiente profissional (HENRIQUES E AMARAL, 2020). "Portanto, os SPA deveriam ser melhor aproveitados do que simplesmente um espaço de exposição ao ambiente profissional. O SPA poderia ser um espaço para integração ciência e aplicação, utilizando a programação de habilidades científicas para oportunizar aos estudantes a discriminação de variáveis do contexto clínico e as habilidades profissionais importantes para esse contexto" (2020, p. 10). Não só o início da prática profissional do estudante é relevante, o aprendizado adquirido nas dinâmicas através das trocas e conflitos existentes nas supervisões também são importantes para o desenvolvimento do estudante enquanto pessoa e profissional (Menezes e Medrado, 2013). Para que ocorra tal dinâmica é necessário que o supervisor propicie um ambiente acolhedor e favorável para o estabelecimento de um bom vínculo semelhante a aliança terapêutica presente no setting terapêutico do psicólogo (HENRIQUES E AMARAL, 2020). Ouvir e captar o que o paciente está sentindo está relacionada a uma atitude de compreensão empática do terapeuta e envolve a comunicação da percepção do que está experienciando no momento, isso se aplica não só na prática clínica, mas também durante as supervisões enquanto o estudante verbaliza sobre si e sobre as próprias inseguranças e ouve o outro, numa atmosfera de respeito mútuo e troca de conhecimento (Henriques e Amaral, 2020). Neste sentido, o indivíduo amplia a sua perspectiva que antes era voltada apenas a princípios morais (internos) e agora acrescentando a perspectiva ética também, passa a reconhecer, sem julgamentos, os valores de outros indivíduos que também possuem princípios morais próprios. Influenciando inclusive na tomada de decisões "especialmente quando essa se refere a questões ligadas ao cuidado, respeito e moralidade" (Sampaio, 2009, p. 224). Outro processo importante desenvolvido através nas supervisões são os treinos de auto-observação, pré-condição para o autorrelato e para o autoconhecimento

(Henriques e Amaral, 2020). Segundo Roneda e Barbosa (2020) a autoconsciência colabora o reconhecimento do estagiário da própria capacidade de mudança e de dificuldades de lidar com os outros. De acordo com Cruz (2018, p.46) "Somente assim o outro deixará de ser apenas um instrumento para mim, e se tornará alguém semelhante a mim em dignidade, com qualidades e defeitos assim como eu, mesmo sendo diferente de mim". Posto isto, reconhece-se a importância dos serviços de psicologia aplicada e as supervisões das universidades enquanto instrumentos facilitadores do desenvolvimento da habilidade empática nos estudantes de Psicologia.

Palavras-chave: Formação Acadêmica; Serviço de Psicologia Aplicada; Gestalt-terapia.

Eixo 4 – Fronteira – Gestalt-terapia, sociedade e subjetividades de resistência

AMBIENTALIDADE, CONTATO E RE(X)ISTÊNCIA: RESSIGNIFICANDO RELAÇÕES COM A NATUREZA

Mariana Marques Amorim
Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense
mmamorim.psi@gmail.com

Sofia Junqueira
Gestalt-Terapeuta
Graduada em Psicologia (UFF)
Especializada em Psicologia Clínica (UFMG)
junqueirasofia@id.uff.br

RESUMO: As coordenadoras desta roda de conversa são representantes do coletivo de mulheres "Re(x)istir", composto por uma docente e ex-discentes do curso de Psicologia da UFF no Campus de Rio das Ostras. Nosso grupo tem desenvolvido ações desde abril de 2020. Em um primeiro momento, trabalhamos com acolhimento psicológico online e gratuito em função da pandemia, e no ano de 2022, reestruturamos nosso projeto a fim de promover ações, que buscam instigar reflexões acerca da relação do homem com a natureza. No ano de 2022 levamos nossa roda de conversa para o Congresso Carioca de Gestalt-terapia, onde pudemos elaborar dentro de um meio gestáltico questionamentos e proposições da ecologia em consonância à perspectiva ética da psicologia e da Gestalt-terapia. Buscamos abrir o diálogo para reflexões e discussões com uma proposta disruptiva que visa uma superação radical da dicotomia corpo-ambiente, enquanto pensamos nas possibilidades de ocupação e posicionamento no mundo, pautados na indissociabilidade de ambos. Neste sentido, o grupo se dedica a construir intervenções que possibilitem a ampliação da consciência da relação eu-no-mundo, partindo da retomada a alguns princípios básicos propostos pela abordagem gestáltica. O objetivo dessa roda de conversa será trazer algumas provocações "reconectivas" no debate do tema da Ecopsicologia e da Gestalt-terapia. Em busca de uma prática que condiga com a teoria articulada ao longo da pesquisa, pretende-se abrir o diálogo para a construção conjunta de formas possíveis de se ocupar o ambiente no qual construímos, e somos, a todo o tempo. Pensar um viés corresponsável de sustentabilidade e ambientalidade também nos permite expandir os limites e noções de seres-no-mundo e ampliar o arcabouço de possibilidades de atuação e utilização do corpo casa que somos. Chamar atenção para o tema implica reavaliar as próprias ações e intensificar o respeito com si mesmos e com o próximo, aprimorando uma ética das relações. Partindo da problemática apresentada e pensando em modos como a psicologia pode contribuir com essa discussão, a roda de conversa será estruturada no compartilhamento e troca de experiências e proposições em busca de reconexões com o campo, ao passo que são desenvolvidos questionamentos que visem incitar reflexões sobre as diversas formas de contato possíveis no contexto atual, bem como os modos como o mesmo é "exercitado". Tudo, somado a fundamentação teórica da Gestalt-terapia e também ancorado em conceitos como a Teoria de Gaia e noções da Ecopsicologia. A evitação da pauta ambiental no cotidiano é axiomática. Ultrapassada pela estética individualista e consumista do contemporâneo, a aceleração do tempo e as limitações socioeconômicas muitas vezes ocupam lugares figurais na vivência, transportando as questões da natureza, tal como a própria relação com o mundo enquanto presença, para um fundo caótico e de difícil assimilação. Diante da complexidade da nossa existência, quando ignoramos uma dimensão da qual somos constituídos, certamente sofreremos os impactos decorrentes desta cisão, seja corpórea ou existencialmente. Pensar em ressignificar relações humanas com a Terra é um desafio para nós, enquanto uma missão de caráter epistemologicamente gestáltico e essencialmente político. É um caminho que necessariamente contradiz a lógica operante do status quo, uma vez que visa a transmutação do

meio ambiente para parte do todo que somos, nos levando a questionar as relações objetificantes que temos para com o mundo. Por este ângulo, o projeto Re(x)istir aspira repensar a noção de presença para a transgressão da relação objetificante para uma relação dialógica, evidenciando o conceito de responsabilidade do ser-no-mundo para com seu próprio ser-no-mundo.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Ecopsicologia; Reconexão.

AUTOBIOGRAFIAS DO TORNAR-SE PESSOA NEGRA: TESSITURAS GESTÁLTICAS ACERCA DA INTERCORPOREIDADE E AUTORRECONHECIMENTO RACIAL

Geovana Beatriz Albuquerque Rocha Santos
Graduanda em Psicologia (UFBA)
gbia39325@gmail.com
Universidade Federal da Bahia

Fernanda Cristine do Monte dos Santos
Graduanda em Psicologia pela UFPA
fercrimonte@gmail.com
Universidade Federal do Pará

Lorena Schalken de Andrade
Gestalt-terapeuta
Doutora em Psicologia (UFPA)
lorenaschalken@gmail.com
Professora de Psicologia/Gestalt
Universidade da Amazônia

RESUMO: A presente proposta parte das vivências de duas mulheres negras localizadas no interior dos estados Pará e Bahia, conectadas virtualmente a partir do grupo de pesquisas em saúde e corporeidade (CorpOralidades) da UFPA. As autoras desta roda de conversa vêm, motivadas pelos seus próprios processos autobiográficos de entendimento acerca dos seus corpos negros no mundo, objetivando compreender o processo e as dimensões do tornar-se pessoa negra em gestalt-terapia. Utilizaremos a metodologia autobiográfica como base para a construção dessa roda de conversa, já que essa escolha possibilita uma emersão de sentidos do campo organismo/ambiente que não seriam facilmente percebidos mediante outra prática. Essa construção será permeada por narrativas espalhadas na temporalidade passado-presente-futuro, sendo inicialmente disparadas e inscritas nas vivências das duas mulheres negras facilitadoras do trabalho. A partir disso, tal construção se estenderá ao grupo participante da roda, abrindo a discussão para possíveis questões éticas e políticas e para a diversidade de experiências que poderão emergir dentro de um campo que, além de ser racializado e institucionalizado, é também gendrificado. Assim, através da composição dessa teia de vividos, será possível triangular a teorização de Isildinha Baptista Nogueira sobre significações do corpo negro com o conceito merleau-pontyano de intercorporeidade mediado por Mônica Alvim e Jorge Ponciano Ribeiro e com o conceito de autorreconhecimento explanado por Lívia Arrelias, tendo como fundo os processos de contato e os mecanismos de defesa presentes nas relações dos corpos negros no mundo. Como caminhos metodológicos para percorrer a ideia aqui apresentada, as autoras pretendem iniciar a roda de conversa compartilhando como se deu o seu processo de criação e as vivências que o permearam, bem como suas aproximações e distanciamentos dentro dos campos de experiência das duas brasileiras advindas do interior desse norte-nordeste brasileiros, junto das suas produções artístico-artesanais que foram sendo feitas a partir desse encontro interestadual. Nesse momento, também, será tecida toda a triangulação teórica citada anteriormente, com vistas a produzir um substrato para o que emergirá como fenômeno a partir da prática. Esta, em seguida, será realizada num trabalho gradativo de experimentação corpórea e/ou sensorial com as/os/es participantes da roda de conversa. O começo dessa experimentação se dará com a sensibilização e movimentação corporal, promovendo a abertura de um espaço de construção expressiva que sirva de arrimo ao momento posterior de compartilhamento de falas e vivências. Serão disponibilizados recursos como músicas, trabalho manual com argila e mural de palavras com vistas a, tomando

como norte as ideias de Mônica Alvim e Jorge Ponciano, possibilitar a awareness da função id nas pessoas participantes, a qual envolve atenção à forma motora e se constrói a partir dos sentidos do corpo e da comunicação espontânea, sendo uma função não refletida (pré-reflexiva) do sistema self que parte da situação, além de ser caracterizada pela possibilidade de criação, ação e experiência imediata com outrem. Depois disso, ocorrerá a abertura de um espaço de fala-escuta para promover o compartilhamento das experiências ali vivenciadas e a concatenação dessa vivência com a teorização feita inicialmente. Isso servirá como base para a geração de caminhos gestálticos que percorram a corporeidade negra em processo de auto reconhecimento racial, explorando o corpo negro em suas sensibilizações e dessensibilizações, entendendo a pele um órgão de contato primordial na(s) fronteira(s) das experiências de pessoas negras no mundo. Para finalizar a proposta, será feito um trabalho de respiração, visando equalizar os estados energéticos de todas/es/os que participaram. Como benefícios: abertura de espaço para o compartilhamento de vivências e a promoção do espaço de aquilombamento. Como risco expõe-se a mobilização emocional. Caso isto ocorra, as facilitadoras, juntamente da orientadora da proposta, dispõem-se a oferecer acolhimento, suporte psicológico e possíveis encaminhamentos à equipe do congresso.

Palavras-chave: Autorreconhecimento, Negritude, Gestalt-terapia

COMO O HOMEM DEVE SER? REVENDO CRENÇAS ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA COM GRUPO DE HOMENS

Thadeu Jotha de Souza Ribeiro
Psicólogo
thadeu_jotha@hotmail.com

Petrônio Macedo Azevedo
Psicólogo
petroniomacedo.azevedo@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como escopo elucidar o nosso processo de criação do grupo de psicoterapia online para homens a partir de revisões bibliográficas quando possível (entendendo que a bibliografia acerca do tema especifico é muito escança) e as reflexões construídas ao longo dos atendimentos. Buscamos criar um espaço de psicoterapia grupal online em pleno contexto de lookdaw no Brasil decorrente da pandemia de COVID 19, o grupo teve seu início nos meados do ano de 2020. Tal possibilidade de acompanhamento se deu através das medidas de flexibilização para os atendimentos online do Conselho Federal de Psicologia (CFP). As inquietações quanto ao espaço para cuidar, olhar os homens e repensar a masculinidade como uma pluralidade em detrimento desta única imposta, já era uma preocupação que nos acompanhava desde 2016 e durante a nossa especialização em Gestalt-terapia ela foi ganhando força e forma. Com a pandemia entendemos que os homens passariam a viver muitas mudanças, desta forma pensar em criar um espaço de acolhimento e cuidado para os homens, fez muito sentido, entendendo que a grande maioria sofre calado sobre as pressões impostas desta classe tão privilegiada. De acordo com Santana e Belmiro (2017) existe uma identidade normativa baseada e dividida em uma lógica cultural que é socialmente aceita e se forma em polo "binária". Estas expressam padrões rígidos de relação dos quais para que a pessoa possa ser reconhecida socialmente e legitimidade deve buscar cumpri-los às custas de seu sofrimento. Desta forma, na ausência de uma imagem social que inclua ou que seja representativa a personalidade vai se moldando, através de acordos possíveis entre o organismo e o campo. E válido ainda ressaltar que quando falamos de homes aqui neste trabalho estamos apenas recortando uma parcela da população que nasceu sobre as idealizações masculinas do machismo e do patriarcado independente dos caminhos de amor, identificação ou sexualidade que se definem ou se identificam. A ideia central para metodologia de trabalho proposta é uma grande roda de compartilhamento entre todos, independente de sexo ou gênero, até mesmo porque em linhas gerais essa temática atravessa de forma muito especifica todos nós. Portanto, audaciosamente esperamos que possamos contribuir um pouco com a desconstrução acerca da masculinidade e com a criação de novas possibilidades de se pensar nela e em tudo que a engloba. Objetivamos nestas rodas de conversa expor um pouco de como foi criado o grupo de psicoterapia online de homens e no que ele consiste. Por que escolhemos fazer este trabalho em grupo? O que temos percebido de ganhos e de dificuldades? O que identificamos durantes esses anos como perfil dos participantes? Como percebemos as similaridades e nos diferenciamos neste trabalho como o grupo? Levando em conta que além de psicoterapeutas somos homens. Como somos surpreendidos pelos atravessamentos machistas que nos habitam e buscamos tentar repensá-los. Neste trabalho não traremos respostas fechadas e nem sabemos se em algum momento será possível ter tais resposta. No entanto, esperamos que vocês se sintam confortáveis de saber que somos mais dois na jornada de vislumbrar e experimentar novas possibilidades de relações com a masculinidade.

Palavras-chave: Masculinidades; Homes; Grupos.

PROCESSOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICOS E PRÁTICAS DECOLONIAIS DE CUIDADO DE SI E DE OUTRES

Roberta Bentes Flores Bayma
Doutora em Artes (UFPA)
Mestre em Psicologia (UFPA)
roberta.bayma@famaz.edu.br
Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ)
Grupo de Estudo, Pesquisa e Experimentação em Teatro e Universidade (UFPA)

RESUMO: A roda abordará reflexões sobre processos de criação artísticos, a partir da experiência como membra de grupalidade feminina amazônida, o Coletivas Xoxós, coletivo teatral independente, atuante na cidade de Belém, Estado do Pará, desde 2014. As provocações expostas oralmente igualmente estarão ancoradas nos achados da trama-tese a respeito do Teatro Dadivoso, resultantes do percurso de doutoramento em Artes da autora e de pesquisa performativa que foi trançada por entre fios, linhas e fibras de fragmentos de ensaios dramatúrgicos que encenam atos e ritos poéticos, ofertados em favor de cura ancestral e existencial por entre testemunhos de vida e de residência artística. Buscará estabelecer linhas de diálogo com outros pesquisadores, na perspectiva da clínica ampliada e política gestálticas e aproximações com outras áreas do conhecimento, especialmente com linguagens artísticas, como teatro, literatura e outras produções poéticas. Além da exposição oral, poderá contar com a proposição de experimento como formar de fomentar a reflexão e aproximação com a temática proposta. A roda ainda será voltada ao fomento de discussões a respeito de escritas testemunhais e narrativas de si como produção de conhecimento oral, com o propósito de afirmar modos de cuidar singulares, diversos dos produzidos em determinados campos-poder de conhecimento, enquanto práticas decoloniais de cuidado de si e de outres.

Palavras-chave: Teatro Dadivoso; Processos de criação artísticos; Práticas de cuidado de si e de outres.

TRANSMASCULINIDADES E GESTAL-TERAPIA: O CONTATO COM A ALTERIDADE

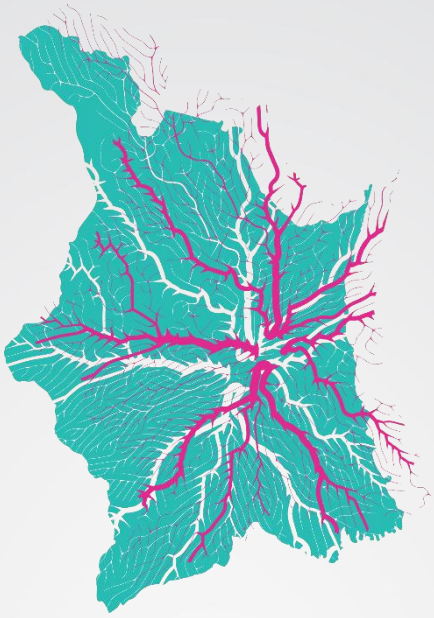
Klaus Macena Fontenelle
Psicólogo Clínica em formação em Gestalt-terapia
klausmfontenelle@gmail.com
Centro Clínico Integrado

Stephanie Oliveira Boechat
Psicóloga Clínica em formação em Gestalt-terapia
stephanieoliveiraboechat@gmail.com
Instituto SATI

RESUMO: A proposta da mesa é explorar as afetações do fenômeno da invisibilidade dos corpos transmasculinos através do olhar gestáltico, no qual o sujeito se faz ator e receptor em sua relação com o mundo. Para isso, busca-se questionar a construção social do gênero e do sexo, identificar o lugar dos corpos, em especial os transmasculinos, dentro da Gestalt-Terapia e da sociedade enquanto pacto civilizatório. Dessa forma, a abordagem gestáltica compreendendo o corpo enquanto instrumento vivo de experienciação e contato, contraria a perspectiva dicotômica mente e corpo, situando o vivente em uma posição múltipla de possibilidade. Butler (2018) levanta a discussão da divisão entre sexo (biológico) e gênero (cultural/social), nos convidando a questionar a natureza "imutável" do sexo, diferentemente do que ocorre com o gênero, pontuano a importância do reconhecimento pelas(os) teóricas(os) do feminismo do que ela chama de "inscrição cultural de significado num sexo previamente dado" (Butler, 2018, p. 26). Diante do CIStema (Nascimento, 2021) a invisibilização da transmasculinidade se faz presente enquanto prática recorrente. Portanto as modificações corporais das perspectivas sexo/gênero e suas predefinições normativas (Butler, 2018) - diagnosticáveis - tendem a ser realizadas com o objetivo dúbio de tornar o gênero binariamente "apropriado", distanciando as necessidades perspectiva figura-fundo (Perls, Hefferline, & Goodman, 1997) do sujeito, ao mesmo tempo que propõe sua anulação, ao disfarçadamente coagir à estaticidade da hetero-norma. Isto posto, tal identificação binária, constrói um caminho (único) de pseudo-liberdade e a oportunidade de viver uma falsa segurança da cisgeneridade; precisa-se então assumir uma masculinidade passível de pertencimento,uma performance que "caiba" para a heteronorma. A Gestalt-Terapia, em sua perspectiva de campo, funções do self, corporeidade (Alvim, 2011), contato e ajuste criador produz um arcabouço teórico que auxilia na compreensão, acolhimento e ressignificação dessas vivências sobre e sob os corpos transmasculinos, uma vez que percebe a dinâmica errante do corpo em sua totalidade. De acordo com Alvim (2011) na vivência do corpo não há divisão entre mente e físico, ou organismo e ambiente. Em Gestalt-terapia, pensar o campo relacional é encarar as polaridades, passividade e atividade, e como as corporeidades se inserem nessa dança. A partir do texto de Alvim (2011), refletindo sobre seu ponto de vista acerca da gesticulação, podemos pensar a perfomance de gênero na sociedade cis-heteronormativa e na atuação do campo situacional na construção da identidade - função personalidade e introjeções na função id. Analisar a performance de gênero, inclusive a "passabilidade" enquanto processos que produzem e são produzidos pelo campo (cultura, self criador e situação) - "o modo médio" (Perls, Hefferline e Goodman, 1997). Isto posto, a realização de intervenções físicas ou seus impedimentos influem nas necessidades dos sujeitos (figura-fundo; hierarquia de necessidades) e na própria experiência organismo-ambiente. Essas manifestações funcionam como ferramentas para produção e manutenção dos sofrimentos em pessoas transmasculinas, influenciando no movimento 'homeorhético' (*homeorhesis* - Resnick, 2020) . Desse modo, o *check list* de experiências, ao mesmo tempo que mantém dores, também funciona como uma forma de pertencimento performático de uma

masculinidade cis, através das intervenções biomédicas e modulações comportamentais, invisibilizando e inviabilizando as organizações político-histórico-sociais para a luta e conquista de direitos. Compreendendo a emergente necessidade de discussão sobre o contexto apresentado acima em diversos espaços, como a clínica e a educação, propomos a reflexão coletiva acerca da relação gênero/sexo, transmasculinidades e Gestalt-terapia, a fim de tentar traçar um segmento teórico-prático visando a falta de bibliografias e discussões sobre as transmasculinidades, o desenvolvimento do self integrador, revelando um campo cisheteronormativo cristalizador e a construção identitária dentro da abordagem gestáltica. Nesse viés, a proposição de uma roda de conversa enquanto metodologia para ensino e aprendizagem parece ideal, uma vez que possibilita a reflexão coletiva e o debate a partir do encontro com a alteridade em âmbito nacional. Dentro dessa dinâmica não é possível prever ou controlar o que irá emergir no campo, sendo assim, é possível que a partir das falas compartilhadas sejamos atravessados por afetos e desconfortos, tanto a nível pessoal quanto a ideais teóricos. Diante disso, compreendemos que a proposta se constrói como uma aposta diante da oportunidade de contatar o que até então foi postulado como outro, transgressor à norma, como aquilo e aqueles que não tinham lugar no campo teórico-prático da Gestalt-terapia.

Palavras-chave: Transgeneridade; Transmasculinidade; Gestalt-Terapia.



WORKSHOP

Eixo 1 – Aqui e agora – a abordagem gestáltica frente aos desafios contemporâneos

MEMÓRIA E GESTALT-TERAPIA: O ENCONTRO DA LIBERDADE DE SER NO AUTOCONHECIMENTO

Maria de Fatima Scaffo
Doutora em Memória Social (UNIRIO)
fatimascaffo@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Guilherme de Carvalho
Doutor em Psicologia Clínica (PUC-RJ)
gc@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: A memória ao longo da história tem sido apontada como preciosa para vários campos do saber. Definida como função de recolhimento e organização em todos os unitários dos inúmeros e plurais fenômenos, atua na consciência intrapessoal, interpessoal e transpessoal, no pensar, agir, sentir e como suporte entre concepções passadas, presentes e futuras. Embora seja concebida de múltiplas formas pelos mais diversos campos, alcança na Psicologia pressupostos que não a restringem simplesmente ao recordar, mas apontam para os nossos laços com o tempo, com o vivido, com o ausente, distante e a presença do passado no agora. Especificamente na Gestalt-terapia, fundamentação teórica e prática desta proposta, embora a memória tenha inicialmente sido secundarizada em função da ênfase no princípio de contemporaneidade, na atualidade se afigura como aspecto essencial para o processo dialógico, em especial para a promoção do autoconhecimento, na percepção das influências tóxicas, saudáveis, dos resíduos que permanecem, advindos de introjeções que se tornaram irrefletidas. Este workshop tem como proposta aprofundar conhecimentos acerca da influência da memória na construção da identidade pessoal, na dinâmica dos relacionamentos e autoconsciência. Objetiva refletir sobre a possibilidade de ressignificação mnêmica, descongelamento de percepções distorcidas, ferramentas potenciais para a não naturalização de absurdos, irracionalidades, desumanidades, desobrigação moral e seletiva, violência, banalização do mal, etc. Será dividida em quatro etapas, sendo a primeira a apresentação de powerpoint com aportes teóricos focalizando principalmente os conceitos de figura e fundo e princípio do aqui e agora. Na segunda etapa trabalharemos a ampliação da consciência de si (envolvendo corpo, respiração, presença no espaço), bem como a capacidade de deslocamento da consciência (abstração). Na terceira etapa trabalharemos, através da escrita, o registro mnêmico escolhido pelo participante acerca da percepção do *eu sou* e *eu estou*. A quarta e última etapa vivencial se destina a colocação de marcas no material (papel) que será manuseado, promovendo registro da intencionalidade e percepção dos traços provocados. Visando minimizar os possíveis riscos, este workshop terá como características principais uma atitude ética, de empatia, acolhimento e inclusão. Não utilizaremos deslocamentos do local, exposição das percepções individuais, considerações acerca dos demais participantes, nem exposição dos sentimentos e possíveis conflitos advindos das recordações do existir. Esperamos alcançar, como possíveis benefícios, a concepção da memória como "função/ferramenta/estratégia" de autoconhecimento, "descongelamento" de percepções distorcidas produtoras de paralisias/patologias psíquicas. Acreditamos que ressignificações mnêmicas favorecem a Identificação de mecanismos de defesa/neuróticos: Introjeção; Projeção, Deflexão, Confluência, Retroflexão e Egotismo.

Palavras-chave: Memória; Awareness; Gestalt-Terapia.

VALORES: PONTE PARA AT\UALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES INTRA E INTERPESSOAL, NO COTIDIANO E NAS EMPRESAS

Emanoella Oliveira de Castro
Formada em Psicologia (UERJ)
MBA em Gestão de Recursos Humanos (UFF)
Pós-Graduação em Psicologia Clínica
ecastro.rh@gmail.com
OELLA Desenvolvimento Humano

RESUMO: Introdução – Proporcionar experiência vivencial de autoconhecimento aos participantes de uma ferramenta semiestruturada de levantamento de Valores Pessoais, inspirada no modelo teórico do autor Richard Barrett em Valores baseados no que ele definiu como Sete Níveis de Consciência: 1. Sobrevivência (Físico); 2. Relacionamento (Emocional); 3. Autoestima (Emocional); 4. Transformação (Mental); 5. Coesão Interna (Espiritual); 6. Fazer a diferença (Espiritual) e 7. Serviço (Espiritual). Essa experiência pode ser replicada nos atendimentos individuais, casais, família e grupos como também em contextos organizacionais como as empresas privadas e públicas em programas de desenvolvimento de equipes, lideranças e cultura. Os valores pessoais e valores compartilhados com as pessoas que nos relacionamos em diversas dimensões da vida, seja no cotidiano ou no trabalho, apontam para nossas necessidades intra e interpessoais, sendo de fundamental relevância para nossa saúde integral e coletiva a consciência e clareza dos principais valores que norteiam nossos relacionamentos. Os Valores se apresentam como pontes fundamentais, pois grande parte das frustrações, ansiedades, realizações e satisfações são provenientes de termos nossos valores respeitados e vividos na fronteira de contato. **Objetivos –** 1) Proporcionar conhecimento experiencial de ferramenta que permite ao Gestalt-terapeuta, dentro da sua atuação na clínica com clientes individuais, casais e família no processo de atualização, assimilação e ampliação de awareness com relação às necessidades intra e interpessoais; 2) Proporcionar conhecimento experiencial de ferramenta que permite ao Gestalt-terapeuta atuar dentro de grupos nas empresas públicas e privadas em processos de atualização, assimilação e ampliação de awareness com relação as necessidades intra e interpessoais dos membros das equipes e da cultura organizacional; 3) Ferramenta prática para "Dialogar com a ansiedade" como propõe Ênio Brito Pinto em seu último livro, onde nos apresenta a desatualização dos valores pessoais como uma das consequências da ansiedade patológica; 4) Apresentar ferramenta que apoie clientes em diversos contextos a reconhecer seus principais valores, sua hierarquia e como eles se apresentam no aqui e agora, proporcionando maior autoconhecimento, e consequentemente maior autoestima. **Caminhos metodológicos –** 1) Breve apresentação do referencial teórico; 2) Atividade escrita orientada de levantamento individual de valores pessoais e suas hierarquias à partir dos 7 níveis de consciência; 3) Dinâmica em duplas com questionário semiestruturado, para que os participantes experimentem no aqui e agora as possibilidades que a ferramenta pode proporcionar; 4) Espaço para troca de experiências após experimentação dos participantes; 5) Explanação sobre os diversos campos de aplicação que a facilitadora possui nos seus 20 anos no meio empresarial e terapêutico; 6) Perguntas tira dúvidas. **Riscos e benefícios –** possíveis ganhos/benefícios e riscos para a/o/e(s) participantes. 1) Os Valores como principal fonte para conhecimento das necessidades individuais e dos grupos, e assim da fonte de satisfação ou insatisfação, ter mapeado e atualizado a hierarquia de valores proporciona rico arsenal de autoconhecimento, para que tais necessidades possam ser buscadas ou negociadas; 2) Uma ferramenta que proporciona reconhecer, dentro dos conflitos, a clareza do que está sendo negociado; 3) Esta metodologia apoia na clareza de valores que proporciona tomada de consciência sobre os não necessários, facilitando o estabelecimento de limites na fronteira de contato; 4) Proporcionar avaliação para escolhas mais assertivas, desde relacionamentos com

pessoas a instituições, pois nos conectamos a partir dos nossos valores; 5) Aprender uma ferramenta fundamental de autoconhecimento, com aplicação em um amplo campo de trabalho; 6) Nossos valores são construídos ao longo da nossa história, principalmente da nossa família, ao realizar o exercício, a pessoa pode sensibilizar-se caso faça contato com alguma Gestalt aberta.

Palavras-chave: Awareness; Atualização; Valores; Aqui E Agora; Necessidades; Fronteira De Contato; Ansiedade.

Eixo 2 – Campo – a prática clínica do manejo gestáltico à intervenção

A PALAVRA FALADA A PARTIR DE UM FUNDO QUE NOS UNE E TRANSBORDA

Jessé Guimarães da Silva
Doutor em Psicologia
psi.jsilva@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: O presente trabalho é fruto das reflexões realizadas em torno de uma pesquisa de pós-doutorado, desenvolvida entre os anos de 2020 e 2022, sob o título "A poesia falada como produção de sentido – Reflexões gestálticas sobre práticas estético-políticas no espaço da favela em perspectiva fenomenológica e gestáltica". O início deste estudo foi inspirado em um Projeto de Extensão e Pesquisa intitulado "Adole-ser em movimento", do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a condução da professora Mônica Alvim. Com esta pesquisa, a partir de investigação fenomenológica e gestáltica, abordou-se a experiência da poesia falada enquanto produção de vozes performatizadas que possibilitam a restituição da plenitude, de uma unidade perdida que inclui texto, sonoridade, gesto, ritmo, respiração. A existência sonora da voz, na medida em que ela é vivida na coexistência com o mundo, no corpo interposto, favorece aberturas sensíveis e espontâneas para novas significações. Nestes termos, a partir das dimensões da intercorporeidade e da espacialidade, a presente atividade teórico-vivencial tem por finalidade propiciar um espaço de experimentação da palavra falada capaz de promover novas intertextualidades corpo-palavra-voz-gesto. Com base na palavra falada enquanto vivência-corpo que liga a pessoa consigo própria e com o mundo, concomitantemente, busca-se propiciar um continuum da experiência *aware* a partir de uma situação presente e que se desdobra em uma constante transformação da pessoa e do mundo. Deste modo, a proposta da atividade destina-se a um grupo de 40 participantes, no máximo, e ela será desenvolvida a partir dos seguintes passos: 1) solicitar ao grupo que caminhe de forma a explorar seus corpos, o espaço físico no qual se encontram (dimensões físicas, objetos que a compõe, etc), assim como os encontros suscitados na relação com aqueles que participam da atividade; 2) dividir o grupo em duplas e solicitar que conduzam um trabalho de atendimento clínico, conforme orientações a serem repassadas durante a atividade; 3) convocar cada componente da dupla para uma experiência de contato e de *awareness* a partir das palavras compartilhadas; 4) selecionar e partilhar as palavras que mobilizaram durante o trabalho; e 5) dividir com o grupo a experiência vivida. Importante salientar que para tal atividade será necessário apenas um espaço físico capaz de comportar o número de participantes inscritos, cadeiras e uma caixa de som. Com este workshop pretende-se favorecer a ampliação das condições e dos recursos presentes na relação consigo e com o outro, a partir da experiência de campo, da totalidade dos fatores performanciais, a saber, as entonações, os gestos, os silêncios, as consonâncias, as interjeições, os olhares, como modos possíveis de sensibilidade. A partir do caráter performático-estético da palavra falada, revelado no encontro com o outro, na expressão que interpela, que convoca, busca-se não apenas fazer surgir outras possibilidades de abertura a uma dimensão intersubjetiva, mas também suscitar novos regimes de sensibilidade. Na medida em que a palavra falada, viva, não é algo que se diz sobre o mundo, mas que se sente junto ao mundo, pois devolve aos signos a pluralidade de seus sentidos, ela também determina minha relação com o mundo.

Palavras-chave: Palavra falada; Intercorporeidade; Sensibilidade.

GESTALTPEDAGOGIA & AUTOCUIDADO ACADÊMICO – "COMO" A TEORIA E A PRÁTICA PODEM CAMINHAR JUNTAS

Ciro de Almeida Sampaio
Especialista
cirobsb@hotmail.com
Centro Gestáltico de Fortaleza

Lillian Argolo Amaral
Especialista
lillian.argolo@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: A Gestaltpedagogia tem sido um meio pelo qual o processo de ensino-aprendizagem ocorre consoante a visão de homem e de mundo da Gestalt-terapia. O autocuidado acadêmico pode considerar aspectos de autonomia, liberdade, comprometimento e autorrealização, diante dos limites e possibilidades vivenciados nesse campo de facilitação do ensino. Assim, há uma possibilidade de convergência entre teoria e prática da Gestalt-pedagogia e do autocuidado acadêmico no ambiente escolar, considerando a autorresponsabilidade do aluno diante do próprio processo de ensino-aprendizagem. Há atravessamentos do contexto pós-pandêmico para essa contínua atenção ao próprio desenvolvimento do discente, não obstante os dificultadores e desafios inerentes ao processo vivenciado por cada aluno em sua jornada. O presente workshop tem como objetivo propor um exemplo teórico-vivencial de modelo interventivo de "como" se poderia conduzir um experimento prático e longitudinal do autocuidado acadêmico tendo como base a Gestaltpedagogia. Também com o objetivo de difundir uma prática docente que vem sendo utilizada em Natal-RN, Brasil, tendo como base experiências que se referenciam no que a literatura da Gestalt aponta como autossuporte, a exemplo dos autores Burow e Scherpp em sua obra Gestaltpedagogia. Na atividade proposta será compartilhado, de forma vivencial, um experimento de condução de um processo de ensino-aprendizagem que facilite a experiência pessoal do autocuidado acadêmico por entre jovens adultos, em modelo já utilizado pelos facilitadores do presente workshop como professores de Pós-graduações, Cursos de Formações, destacando-se, dentre outras experiências, a atuação como professores em curso de graduação tanto em instituição privada quanto em universidade pública. O Plano Geral desse Workshop contempla uma média de 20 participantes, e espaço físico de sala ampla o suficiente para que os participantes possam vivenciar a proposta, ora sentados ora em circulação, a depender da escolha entre serem protagonistas ou observadores. O Workshop é dividido em 3 momentos: (1) introdução teórica, em que se compartilham aspectos básicos para a compreensão do que se propõe no âmbito da Gestaltpedagogia e Autocuidado Acadêmico, no ambiente escolar; (2) abre-se espaço para os participantes escolherem se direcionar para serem protagonistas ou observadores da simulação de intervenção que será vivenciada, sendo essa fase já parte do experimento proposto e posteriormente refletido, e cuja condução mais incisiva do estímulo ao autossuporte discente se dará efetivamente aos participantes que se levaram na direção de protagonistas, nessa ocasião; (3) finalizando a última parte com a retomada ao diálogo aberto à grande roda, após a intervenção prática sobre exemplo de estímulo ao autocuidado acadêmico no ambiente escolar. A partir dessa parte metodológica supramencionada, denota-se que durante a própria vivência elucidará aos participantes o manejo, em evidência, do autossuporte do aluno diante do próprio processo de ensino-aprendizagem, que venha a ocorrer ali no Campo onde ocorre a experimentação, evidenciando as premissas filosóficas e epistemológicas da Gestaltpedagogia Facilita-se discussão sobre as participações e observações vivenciadas, de forma individual ou compartilhada, sobre como evocou-se a autorresponsabilidade e o autossuporte do aluno na

simulação de ambiente escolar. A partir da vivência no Workshop, intenta-se instigar, por meio da referida simulação e subsequente awareness a ela, um olhar cada vez mais pautado no autossuporte em vez do heterossuporte, em relação ao processo de avaliação do próprio discente sobre seu ensino-aprendizagem, direcionando sua autorresponsabilidade no contexto em vez de se fiar na avaliação do docente. Ratifica-se que no Workshop um produto em construção coletiva considera, então, a perspectiva do autossuporte do aluno, que integra a autorresponsabilidade pelo próprio processo por meio de aspectos correlatos à autonomia, à liberdade, ao comprometimento e à autorrealização. Considera-se na estrutura dessa proposta interventiva, teórico-experimental, uma avaliação do autocuidado acadêmico baseada na visão de homem e de mundo da Gestalt. Assim, os ganhos de uma intervenção que reflita o autocuidado acadêmico e que considere o autossuporte discente se tornam elemento essencial aos participantes, no panorama teórico-experimental do workshop. Há proposta de ampliar compreensão reflexiva sobre possibilidades de "como" a teoria e a prática podem, sim, caminhar juntas, disseminando e difundindo práticas contemporâneas que possam servir de ampliação de *awareness* por entre discentes.

Palavras-chave: Gestaltpedagogia; Autocuidado Acadêmico; Autossuporte.

GESTALT-POESIA – PERCURSOS CRIATIVOS PARA A PRÁTICA CLÍNICA E A CONSTITUIÇÃO DO GESTALT-TERAPEUTA

Jakenia Nascimento
Gestalt-terapeuta e Poeta
jakeniajk@gmail.com
PUC – Rio

Cheyenne Monteiro Wolf Von Arcosy
Psicóloga
Mestranda em Saúde Mental
cheyenne.psicologa@gmail.com
Instituto de Psiquiatria (IPUB/UFRJ)

RESUMO: A poesia é vista por Perls, Goodman e Hefferline (PHG, 1997), como "um caso especial de boa fala". Desse modo, é compreendida como "o contrário exato da verbalização neurótica". A poesia nos apresenta "a fala como atividade orgânica", endereçada às necessidades; e é essa comunicação que buscamos na relação terapêutica. Para a prática clínica, a poesia é exercício de presença. "É uma forma de concentração". É um convite à experiência da alteridade. Aprender a acolher e ouvir um poema é o exercício da própria escuta clínica, uma escuta ética e comprometida com a dimensão do sensível. Neste workshop, vamos mergulhar no Universo Poético. O/a/e(s) participantes serão estimulados a entrar em contato com a poética inerente da sinestesia. Isto ocorrerará, inicialmente, através da escuta de um poema que será apresentando por meio de uma performance teatral. A partir disso, os/as/es participantes serão orientados a saborear as palavras, explorar o ritmo, as nuances, o som, as imagens, o simbolismo, a forma (...), percorrendo a singularidade e universalidade de significados que um poema pode oferecer. Será reservado um tempo para o compartilhar das experiências entre os/as/es partipantes. Por fim, todos as/es serão convidados a serem parte constitutiva de um poema, compreendendo a máxima gestáltica, que afirma que o "*todo é diferente da soma das partes"*. É importante ressaltar que os percursos metodológicos não são rigidos. Haverá abertura para reformulações mediante possíveis fenômenos que surgirem no aqui-agora da experimentação. O objetivo é apresentar a poesia como um potente recurso terapêutico; oferecer pistas para a exploração ética e criativa da dimensão do sensível, bem como, experimentar, através da linguagem poética, possibilidades fenomenológicas de ser fazer corpo/corpa na clínica. Por se tratar de exercícios e experimentos que incitam a natureza subjetiva dos/das/des participantes, há possibilidades de desencadear memórias traumáticas e experiências emocionais intensas. Pensando nisto, ao longo de todo o percurso, contaremos com uma psicóloga assistente que irá acompanhar o andamento do grupo, no intuito de garantir e oferecer um ambiente seguro e acolhedor. Partindo da premissa de que o/a gestalt-terapeuta é seu principal instrumento de trabalho, o workshop traz benefícios para a constituição do mesmo, uma vez que oferece espaço para a auto exploração e manifestações complexas da dimensão do sensível. Desse modo, favorecendo a ampliação da autoconscientização, da relação eu-outro-mundo, enfim, da awareness na/da relação – principal busca da terapia gestáltica. É muito significativo poder *se fazer* coletivamente e por meio da arte. Neste Workshop, serão utilizados materiais arteterapêuticos, como: papel sulfite em tamanho A4, lapis e canetas. Vinte é o número máximo de participantes.

Palavras-chave: Poesia; Arte; Experimentação.

HERANÇAS FAMILIARES: RECONHECER PARA PODER ESCOLHER O QUE HONRAR E O QUE SOLTAR

Vivianne Calado
Mestre em Psicologia
Especialista em Terapeuta de Família e Casal
viviannecaladopsi@gmail.com

RESUMO: Ao nascermos somos catapultados em um livro já preenchido com personagens e histórias, é como estabelecer um contato com uma realidade cujas regras já estão parcialmente escritas. Nossa presença criará algumas mudanças no enredo, mas não seremos capazes de nos separar por completo das páginas que precedem nossa entrada na cena e, inevitavelmente, seremos influenciados por essas páginas das quais somos filhos. Enquanto crianças, vamos sendo inseridos nos "enredos invisíveis", nesse momento, ainda não temos a compreensão que estamos recebendo um roteiro familiar, que "deve" ser seguido e assim, formamos uma crença de que somos ou deveríamos ser de determinada maneira. O trabalho de reconhecimento das heranças familiares é importante para entendermos que esses "enredos invisíveis" são construídos de forma processual ao longo das diferentes gerações. Entendemos que olhar para essa historicidade, principalmente o como ela é contada, é uma forma de reconhecer o que está inibido, invisível e polarizado. Ao observar que existem padrões de funcionamentos, crenças e valores repassados sem atualização, sem uma consciência dos atravessamentos de cada geração, os indivíduos podem se dar conta do que também estão repetindo por alienação. A importância de reconhecer essas heranças é que entendemos na perspectiva da Gestalt-terapia que só mudamos o que conhecemos, como bem explica a Teoria Paradoxal da Mudança. Constatar que o comportamento é relacional e que as interações num sistema íntimo acontecem num tempo-espaço e são impactadas pelo momento cultural, situação política, social, histórica, econômica é fundamental para conseguir soltar, se liberar das lealdades invisíveis que estabelecemos nas relações familiares, e assim se abrir para a possibilidade de mudar, fazer diferente, ir em busca de novas experiências e possibilidades. Neste trabalho, pretendemos sensibilizar os profissionais para a importância do trabalho com as heranças familiares, pois muitos sintomas são respostas criadas em função das instituições, costumes e tipos de sociedade. A história de cada família é uma trama complexa de histórias individuais, vínculos intergeracionais e experiências compartilhadas, que se seguem durante um período, por gerações. Ainda que na perspectiva da Gestalt-terapia priorizemos a forma, não podemos descartar o conteúdo, o "quê", a historicidade, pois é a partir dela que os sentimentos brotam, tornando possível o resgate, a reconstrução e a retificação dos enredos invisíveis que compõem as relações familiares. Entende-se que conhecer, discriminar o que se quer e consegue honrar e o que se quer soltar é fundamental para termos saúde. Na Gestalt-terapia, entendemos que estar saudável é fluir no processo, não interromper o fluxo de excitamentos e rejeitar o que não é seu. Abrir espaço no processo terapêutico para o tema das heranças familiares pode colaborar com a tomada de consciência de onde estamos como pessoas e em interação no mundo e em nossos sistemas íntimos, e assim nos abrirmos para seguir rumo ao contato com outras formas de interação. Utilizaremos para esse Workshop o livro: A cidade dos carregadores de pedras. Neste livro, Pedrinho, o personagem principal foi levado a acreditar que existia uma única forma de viver. Recebeu de sua família e da comunidade onde morava padrões de comportamento. Mas, ao se deparar com uma menina de olhos amendoados que escolheu não carregar pedras, que vivia de uma forma diferente, desviando da norma, chamou sua atenção. Pedrinho também desde muito pequeno tinha um jeito curioso e queria entender sobre a vida e suas possibilidades, além disso, ele questionou o que estava posto e disse não mais aceitar as regras impostas pela sua comunidade. Esta instigante história será o mote para uma vivência grupal, onde os

participantes serão sensibilizados a olhar para suas histórias, e em seguida discriminar suas "pedras" (formas, tamanhos, sentidos), as heranças benditas e malditas recebidas dos sistemas familiares, processo necessário para aprender a cuidar e a acolher o que conseguirão fazer com "as pedras recebidas na maternidade"; vamos desenhar e/ou selecionar nossas pedras, descrever e compartilhar o como foi a experiência para cada integrante. Precisaremos ser um grupo pequeno de até 15 pessoas para buscarmos cocriar uma intimidade, afetos e termos um tempo mínimo para o compartilhamento.

Palavras-chave: Famílias; Enredos invisíveis; Cultura familiar.

PSICOLOGIA HOSPITALAR E DA SAÚDE: UM FAZER A LUZ DA GESTALT-TERAPIA

Aline Ataide Del Raso
Psicóloga e Gestalt-terapeuta
alinedelraso@yahoo.com.br
ICP (Instituto de Capacitação de Psicoterapeutas) BA

Raquel de Sousa Ribeiro
Psicóloga e Gestalt-terapeuta
psicologaraqueldesousaribeiro@gmail.com
HAM (Hospital Aristides Maltez) BA

RESUMO: A construção deste workshop teve como alicerce a interseção entre teoria e prática na Psicologia da Saúde e Hospitalar, tendo a Gestalt-terapia como sustentação nos instrumentalizando com o olhar sensível, cuidado e humanidade para situações de adoecimento. Reconhecemos que o adoecimento é marcado por desconfortos físicos, perdas, incertezas, angústia e sofrimento, e que as doenças chegam com importantes repercussões na vida, ou até com risco de morte, o que comumente implica em uma importante crise (existencial) na grande parte das pessoas tocadas pelo adoecer, seja para a pessoa portadora dos sintomas, sua família, amigos, e equipe de saúde. Antes da doença, ou dos novos sintomas, as *Gestalten*, mesmo que inacabadas, pareciam ser de alguma forma conhecidas. Agora surge uma nova situação, amorfa, que pode ser breve ou prolongada que inicialmente instabiliza, e por vezes refaz as diversas situações já existentes e/ou cria novas, em uma incrível e intensa dança de campo. Assim, passamos a questionar com toda verdade presente o que faz o Gestalt-terapeuta? Qual o olhar que possibilita o cuidado para pacientes, e suas famílias, junto com uma equipe multidisciplinar de saúde? Como são as especificidades das tantas doenças? Em que a Gestalt-terapia pode contribuir com a Psicologia Hospitalar? Compreendemos que os processos de saúde/doença sejam de ordem física e/ou mental é ao mesmo tempo influenciada e influencia toda complexidade existencial da pessoa em seu meio. Repercutindo de acordo com o seu momento do ciclo de vida, nas atividades laborais, educacionais, sociais, financeiras, espirituais e familiares. A história de vida de cada pessoa e grupos é um passado que contextualiza fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento de doenças. Ao mesmo tempo funciona como um fundo que serve como recursos de enfrentamento para lidar com o momento de crise, que interfere no presente e futuro, alterando planejamentos de curto a longo prazo. Assim, construímos uma proposta para possibilitar o contato cuidadoso com essa parte do existir, em um momento vivencial, com o objetivo de proporcionar a transmissão do conhecimento através da reflexão, cuidado e experiência, sintetizando a profundidade da compreensão, manejos, intervenções e condutas a partir da Gestalt-Terapia, propiciando aos participantes uma aproximação com suas próprias experiências de adoecimento, encontrando formas para um melhor ajustamento criativo. Como caminho metodológico escolhemos iniciar propondo uma integração da matriz grupal, para que as trocas possam acontecer em um ambiente seguro e protegido, seguindo com um exercício de respiração e centramento, para que seja possível abrir o campo pessoal para o acesso ao conteúdo central do trabalho. Após esse preparo conduziremos, por imaginação ativa, o contato com a vivência de adoecimento, buscando o aprofundamento que for possível. Para dar contorno e sentido solicitaremos aos participantes a construção de algo que expresse o que foi vivido, e esse produto será partilhado em duplas e, posteriormente, em grupo. O fechamento se dará na articulação entre a teoria e a prática, de forma fluida, criando uma aproximação consistente, articulando conceitos teóricos com a compreensão e a prática do Gestalt-terapeuta nos contextos de Saúde e Hospitalares.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, Psicologia da Saúde e Hospitalar, Ajustamento Criativo.

SEMENTES DE AMOR - O PSICOTERAPEUTA COMO AMBIENTE FÉRTIL PARA RELAÇÕES MAIS SAUDÁVEIS

Ana Caroline Costa Vieira
Mestra em Psicologia
costacarol.ana@gmail.com
Instituto Caroline Vieira

Danielle Lopes Moura
Graduanda em Psicologia
danielle.lmoura@gmail.com
Universidade de Fortaleza

RESUMO: E quem cuida do cuidador? Muitas vezes esquecemos da importância das vivências voltadas para os profissionais a fim de garantir a eficiência do processo terapêutico. Sabemos que falar sobre as dificuldades de ser psicoterapeuta nos ajuda a crescer, tanto pessoal quanto profissionalmente, sendo assim é de extrema importância trabalharmos a nossa disponibilidade de sermos *terreno fértil*, facilitadores de crescimento, de autoconhecimento para nossos clientes. Só podemos fazer isso quando tomamos consciência das nossas dificuldades em nos entregarmos ao contato com o outro. A psicoterapia baseada na abordagem gestáltica procura facilitar o *continuum* de *awareness* do seu cliente, isto é, seu processo de autopercepção e autoconhecimento e, assim, possibilita a construção de relações mais saudáveis. Muitas vezes o psicoterapeuta é o meio pelo qual o sujeito vai aprender a se amar de forma mais sustentável, mais coerente com seus desejos e não tanto com os desejos que introjetaram de como "deve ser", de acordo com a cultura individualista e do consumo, tão presente atualmente. O objetivo desse workshop é que o psicoterapeuta tenha a oportunidade de se perceber, se experimentando através dos recursos sugeridos. É voltado para quem tiver interesse em trabalhar-se no âmbito das relações amorosas e no ser-terapeuta. Faremos uso de recursos como relaxamento e técnicas de respiração e meditação inspiradas nas práticas do Yoga, visando favorecer a presentificação e a manutenção do foco no aqui-e-agora, conceitos gestálticos também contemplados nas bases da filosofia do Yoga. Esse será o aquecimento para um momento vivencial que se realizará por meio dos sentidos (olhar nos olhos do outro e dar as mãos) e da comunicação não-verbal (expressão através do corpo e não da fala). Após esse primeiro momento, produziremos juntos uma grande mandala, com recortes de revistas (previamente recortarmos, devido ao curto tempo que teremos, para possamos aproveitá-lo melhor), como forma de concretizar as emoções e sentimentos vivenciados com o grupo como um todo, e depois compartilharemos nossa experiência com os demais participantes. O integrante do workshop poderá experienciar-se, no seu ser e estar em uma presença firme, porém reservada, habilidade necessária para que o psicoterapeuta consiga respeitar a individualidade de cada sujeito. Ao fazermos uso de algumas técnicas, podemos experimentar as dificuldades vividas pelos clientes em tratar determinados assuntos no consultório, assim, trabalhamos nossa compreensão empática e nossa abertura para acolher essas dificuldades. Devido ao cuidado com a profundidade (gradação) que a vivência pode gerar nos participantes, sugerimos o máximo de 20 participantes para que todos possam ser ouvidos e acolhidos, e que estejam disponíveis para acessar emoções e se trabalhar de forma vivencial. O material necessário será: papel craft, giz de cera, tesoura e cola. Os recortes de revistas já serão levados pelas facilitadoras, respeitando assim a gradação do experimento e o tempo disponível. Uma das facilitadoras é instrutora formada em Hatha Yoga, pela Aliança do yoga, o que também nos dá mais firmeza no suporte desses participantes com foco no corpo, junto à outra facilitadora com mais de 15 anos de experiência na área clínica.

Assim, acreditamos que contribuiremos na formação de psicoterapeutas mais seguros da sua atuação, em busca de promover relações amorosas mais saudáveis, não só as eróticas, e assim construir um mundo mais sustentável e coerente.

Palavras-chave: psicoterapeuta, autoconhecimento, amor

TRANSGERACIONALIDADE E GESTALT-TERAPIA: FERRAMENTAS DE LEITURA DO CAMPO TRANSGERACIONAL NA CLÍNICA GESTÁLTICA

Maria das Graças Gouvêa Neco da Silva
Gestalt-terapeuta
Mestre em Psicologia Social (UERJ)
contato@gestaltemfigura.com.br

Hugo Elídio Rodrigues
Psicólogo (UERJ)
Gestalt-terapeuta
Mestre em Psicologia social (UERJ)
contato@gestaltemfigura.com.br

RESUMO: O presente trabalho se fundamenta na articulação de conceitos da Teoria do Self (Perls, Hefferline e Goodman, 1997); Robine, 2006, 2016; Delacroix, 2022), da Teoria de Campo (Lewin, 1973), da Filosofia Existencial Dialógica (Buber, 1982; 2001) e da Teoria Sistêmica aplicada à compreensão do sistema familiar, através das conceituações próprias da área, em destaque para a noção de "lealdades invisíveis" como propostas por Boszormenyi-Nagy e Spark (2008) e numa releitura do trabalho do psicanalista de René Kaës (2001) sobre a transmissão da 'vida psíquica' entre gerações. Coloca-se aqui o termo 'vida psíquica' entre aspas exatamente pela autora do presente texto reconhecer que para o referencial da Gestalt-terapia o termo psiquismo não cabe para definir os fenômenos que se deseja descrever. O fundamento deste trabalho é exatamente para que tais fenômenos sejam entendidos do ponto de vista de uma teoria de campo. A Transgeracionalidade é definida aqui como o campo de forças relacionais de fundo, que configuram a pertença ao campo familiar, e que são transmitidas através das gerações. Numa revisão de literatura sobre o tema (Kaës, 2001 apud Padilha & Barbieri, 2020), observa-se que a noção de uma transmissão 'psíquica' transgeracional pertence à Psicanálise Vincular, cujas bases teóricas se assentam no pressuposto de que o sujeito da pulsão, da psicanálise clássica, é, antes de tudo, um sujeito da herança. Assim definindo a transgeracionalidade como um campo de 'forças psíquicas' inconscientes pertencentes ao grupo familiar que são transmitidas através das gerações. Este fenômeno descrito pela psicanálise pode ser compreendido de outra forma pela Gestalt-terapia, exatamente por sua perspectiva de campo. Segundo Yontef (1998), embora a teoria de campo tenha grande importância para a Gestalt-terapia, ela é ainda pouco explorada e sua discussão não é clara. Porém, não pensar sobre a perspectiva de campo, deixa abertura para inconsistências, superficialidade e limitações, que podem ter consequências negativas para a abordagem. Entende-se que o conceito de campo desenvolvido por Lewin (1973), está presente na construção da Gestalt-terapia, quando se postula que, como afirmam Perls, Hefferline e Goodman (1997, p.190): "A função-self é o processo figura-fundo nos contatos-fronteira no campo organismo-ambiente". As ferramentas que a leitura topológica de Kurt Lewin (1973) nos permite desenvolver podem ser mais bem exploradas para uma leitura fenomenológica do campo e ainda incluir, como o Gestalt-terapeuta argentino Guillermo Leone (2012) propõe, um fator temporal, que permite a leitura transgeracional do campo. Desta forma todos os elementos da situação podem ser dispostos de forma topológica representando as forças no campo, observados e descritos pelo paciente de forma fenomenológica. Guillermo Leone (2012) propõe utilizar a descrição fenomenológica do olhar sobre o campo e estender a temporalidade para dar-lhe um alcance transgeracional. Através da noção de "Gestalt familiar", Leone considera a ideia de que não existam somente *Gestalten* pessoais abertos, mas que também existam *gestalten* familiares, as quais continuam abertas e passam às gerações seguintes para serem fechadas. Sua proposta é introduzir na "abordagem de campo" a questão da circularidade temporal transgeracional. Na experiência

dos presentes autores, a possibilidade de experienciar e explorar fenomenologicamente estas forças presentes no campo familiar e que foram estudadas e descritas pela psicanálise como "lealdades invisíveis" ou ainda herança 'psíquica' transgeracional inconsciente, acrescenta uma potente ferramenta de ação clínica ao Gestalt-terapeuta, potente no sentido da compreensão clínica do psicoterapeuta e igualmente potente no desvelamento que permite ao paciente/cliente trazer à consciência as dinâmicas de fundo familiar naturalizadas através de crenças, valores, hábitos, mitos, e outras pautas de organização sistêmica, que constituem o fundo de pertencimento e lealdade ao sistema. **Objetivos –** Este workshop tem como objetivo instrumentalizar os participantes com ferramentas elementares para uma leitura fenomenológica de campo transgeracional. **Metodologia –** A partir de uma pequena sensibilização através da imaginação ativa, os participantes serão orientados a representar no papel uma situação familiar qualquer para observar os elementos descritos pela autora. Número máximo de participantes: 30. Material: papel e lápis de cor (o material será fornecido pelos autores). **Riscos/ benefícios –** Os riscos são aqueles de um trabalho vivencial, em que emoções profundas podem vir à consciência, da mesma forma que os ganhos que tal consciência pode trazer ao processo de cada pessoa. Um benefício técnico também é esperado, uma vez que se propõe o desenvolvimento de uma habilidade técnica.

Palavras-chave: Transgeracionalidade; Campo Transgeracional; Clínica Gestáltica.

Eixo 3 – Contato – o compromisso ético-político na formação em Gestalt-terapia

O CONTATO NA CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA

Adriana Amaral do Espírito Santo
Psicóloga e Gestalt-terapeuta
synoropsicologia@gmail.com
Synoro Psicologia

Paloma Navega da Silva de Azevedo
Psicóloga e Gestalt-terapeuta
palomanavega2@gmail.com
Synoro Psicologia

RESUMO: Em seu livro "A arte de restaurar histórias", Jean Clark Juliano aponta que a relação terapêutica constitui o maior de todos os experimentos. Ela está ancorada em toda a base filosófica humanista da Gestalt-terapia, que valoriza o humano, entende a participação ativa do/a/e terapeuta e do/a/e cliente no processo e considera a influência do campo na construção deste "entre". Assim, constrói-se uma relação dialógica Eu-Tu, em que a qualidade do contato de ambos/as/es os/as/es envolvidos/as/es se mostra como primordial para o processo terapêutico do/a/e cliente. O/A/E terapeuta precisa desenvolver suas habilidades de contato para conseguir exercer, da melhor forma, a inclusão, a presença e o compromisso com o diálogo, percebendo e aceitando sua existência humana que influencia e é influenciada por outra existência humana. Contato é o processo básico do relacionamento, o reconhecimento da fronteira Eu/Não-Eu, pautado na noção de diferença que advém da movimento de união e separação. Entrar em contato exige conectar-se para poder separar-se, mover-se e alcançar a awareness. Consideramos que desenvolver estas qualidades como pessoa é um dos pré-requisitos do/a/e bom/boa/boe terapeuta, juntamente com seu desenvolvimento técnico-teórico. O aprimoramento intelectual contribui de maneira muito mais empobrecida se a qualidade do contato e a autenticidade do ser não estiverem acontecendo de maneira fluida e genuína. Com base nesses pressupostos, a proposta deste workshop é proporcionar aos/às/aes gestalt-terapeutas exercícios de experimentação do contato na relação com o/a/e outro/a/e, de forma a ampliar sua awareness sobre suas limitações e habilidades, sobre suas dificuldades e potencialidades, buscando compreenderem-se de maneira mais ampla através do contato consigo mesmos/as/es, com o/a/e outro/a/e e com o ambiente, para que esta conscientização possa potencializar seu fazer enquanto terapeutas. Pretendemos favorecer a ampliação da consciência dos/as/es participantes sobre como cada pessoa é diferentemente impactada pelo ambiente e pelos/as/es outros/as/es, a partir de suas próprias experiências, e ajudá-los/as/es a perceber os sentidos que essa conscientização ganha para a construção de sua prática clínica mais presente, sem uma pretensa neutralidade e sem a primazia do saber de um sobre o/a/e outro/a/e. Todo o tempo buscaremos lançar luz sobre as formas de contatar internamente, levando-a para o campo e percebendo as ressonâncias sobre o mesmo, habilidades que o/a/e terapeuta precisa estar sempre lapidando para o benefício do processo psicoterápico do/a/e cliente. Serão propostos exercícios que consideram o processo vivencial de aprendizagem e o ciclo do contato de Zinker, em que os participantes poderão caminhar a partir de suas sensações físicas, nomeação do que estão sentindo, mobilização de energia para ação, ação, contato e retraimento, não apenas falando sobre suas questões relacionadas aos temas trabalhados, mas experimentando posturas e atitudes, analisando o que foi vivenciado, levando para a compreensão cognitiva o que foi experimentado e correlacionando a experiência com a prática. Esperamos que, ao fim do workshop, os/as/es participantes saiam com awareness ampliada sobre a qualidade do seu contato e mais conscientes sobre o que e como observar nos clientes, utilizando-se de maneira mais consistente como suas próprias ferramentas de trabalho. Não serão utilizados materiais além dos oferecidos pela organização e o limite de participantes da

atividade é de vinte pessoas, para que o tempo e o espaço possam ser bem aproveitados por todos.

Palavras-chave: Contato; Relação dialógica; Processo terapêutico.

Eixo 4 – Fronteira – Gestalt-terapia, sociedade e subjetividades de resistência

FRONTEIRAS DA SEXUALIDADE ENTRE TERAPEUTA E CLIENTE

Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa
Doutorado
virginiaitgt@gmail.com
PUC-Goiàs/ITGT-GO

RESUMO: As atitudes familiares são responsáveis pelas primeiras fronteiras de contato com nossa sexualidade que podem favorecer ou não a evolução da curiosidade e perturbar a confiança que a criança necessita. A sexualidade é totalidade e acompanha cada um no decorrer de todo seu percurso pela vida. Nesse workshop pretendo investigar a vivência dos participantes quanto às fronteiras de contato estabelecidas com a própria sexualidade, por meio de provocações, imagens e questionamentos relacionadas ao desenvolvimento da vivência da sexualidade. Perguntas a respeito da vivência dos participantes também como cliente e terapeuta serão feitas do intuito de ampliar a consciência do participante a respeito de suas fronteiras de contato relacionadas com a sexualidade. Assim as diversas fronteiras de contato serão vivenciadas para compreender a permeabilidade ou impermeabilidade das mesmas, no campo organismo meio, relacionadas `a sexualidade. Finalmente, os participantes irão refletir se estão teoricamente e na sua prática preparados para receberem a diversidade de clientes com suas demandas relacionadas à sexualidade. Para a Psicologia da Gestalt, uma necessidade motivacional do organismo, emerge a partir de um fundo, definido como a situação ambiental, vivencial e existencial da pessoa e torna-se figura. Quando uma necessidade se torna dominante, inicia-se o processo de formação gestalt, que mobilizará a energia do sujeito em busca da satisfação dessa necessidade. Partindo da premissa gestáltica de que, a percepção se configura em termos de figura e fundo, o participante será convidado para refletir sobre o que coloca como figura e fundo na dinâmica sexual de seus clientes. Acredita-se que esse workshop pode ampliar a awareness dos participantes a respeito de sua vivência tanto pessoal como profissional.

Palavras-chave: Sexualidade, Fronteira de Contato, Figura e Fundo.

LUTOS INVISIBILIZADOS: DA FRONTEIRA COLONIZADORA À PRÁTICA DA ALTERIDADE

Vivian Machado
Mestranda em Saúde Coletiva
vivs.corr@gmail.com
FIOCRUZ

RESUMO: Segundo Martin Heidegger (HEIDEGGER apud BHABHA, 2005:19), "uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas (...) o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente". Na fronteira, é possível apresentar-se e ao mesmo tempo fazer-se presente. Em uma perspectiva gestáltica, "a fronteira é compreendida como espaço-tempo de encontrar com a diferença e a oportunidade de criação e expansão", conforme considera Mônica Alvim (2019). Na possibilidade de expansão de si no encontro com o outro – onde o outro é uma pessoa de direitos – é possível pensar uma fronteira com suspensão de barreiras, permitindo passagem para o contra hegemônico e o dissidente. No trabalho que realizo com pessoas LGBT enlutadas através do grupo de apoio *Luto Sem Armário*, o luto é convidado a ser experienciado sem armário, isto é, onde dores e sofrimentos podem ser visibilizados a partir de acolhimento e validação de experiências de lutos outrora não legitimadas, especialmente pela rede de apoio sociofamiliar (ou pela ausência dela), segundo relatos compartilhados nos encontros do grupo ao longo dos últimos quatro anos. O psicólogo Kenneth Doka (1999) cunhou o termo "luto não reconhecido" para se referir ao luto cuja perda não pode ser abertamente reconhecida, publicamente lamentada ou socialmente apoiada, isto é, não há reconhecimento social da perda e da pessoa enlutada. A partir da proposta conceitual de Doka e com base no trabalho que realizo com a população LGBT enlutada, lancei mão do termo *Lutos Invisibilizados* ancorado no entendimento de que a invisibilização é um processo ativo, contínuo e deliberado de aniquilação de existências dissidentes e consequente fomento a uma necropolítica desenfreada, onde a invisibilização de corpos não desejados são lançados para o fundo da experiência de dor e sofrimento, bem como o direito ao pranteio e ao luto. Em um espaço devidamente seguro, cuidadoso e ético, situações inacabadas concernentes a lutos invisibilizados podem emergir e ser fechadas, possibilitando novas formas de (enlutados não validados em suas perdas) se relacionarem com o mundo. Refiro-me a um espaço seguro, cuidadoso e ético em razão do nível de mobilização de energia a partir de uma figura (perda não reconhecida) que emerge do ponto mais encoberto do fundo, "podendo gerar contentamento, ansiedade ou choque quando o fundo não está preparado para a efervescência da experiência como figura" (POLSTER & POLSTER, 2001, apud SOUSA, 2016). Essa mobilização dependerá da qualidade de contato; do quanto a figura está clara e vívida e do quanto a pessoa enlutada está inteira na experiência do luto – diante de suas possibilidades em um dado momento. **Objetivos –** 1) Facilitar a ampliação da *awareness* da pessoa enlutada em relação à sua experiência de luto a partir do reconhecimento de (sua) perda pelo outro, a fim de romper com a fronteira da invisibilização por meio de uma prática de cuidado através da alteridade; e 2) Propiciar um espaço de troca sobre a experiência de estar na fronteira, lançando-se para o estranho, para o desconhecido-Outro, ao mesmo tempo em que seja possível experimentar um reconhecimento das experiências de luto que se apresentam como não reconhecidas socialmente. **Caminhos metodológicos –** Cada participante será convidado a pensar sobre uma perda (própria) significativa cuja experiência de luto não foi acolhida/reconhecida. Em seguida, os participantes serão divididos em duplas para compartilhamento do relato da experiência (30min/total). Concluídos os relatos, as duplas serão convidadas a trazer a experiência para o grupo (80min/total). Perguntas norteadoras: Houve julgamento acerca do relato de perda do outro? Houve espaço para o luto do outro aparecer? Houve validação do luto? De que forma foi possível validar? **Riscos e benefícios –**

Alta mobilização emocional a partir da *awareness* da própria experiência de perda ou da experiência do outro (risco); Aprendizado e direcionamento para uma prática clínica da alteridade a partir do olhar do luto do outro pelo próprio outro e não por regras de enlutamento hierarquizantes – quem-quando-onde-como-por-quanto-tempo-e-por-quem as pessoas devem se enlutar (benefício).

Palavras-chave: Luto; Fronteira; Gestalt-terapia

REDES (IN)VISÍVEIS QUE NOS SUSTENTAM: A EXPERIÊNCIA DO COLETIVO GESTALT COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E RESPALDO

Janete Martins Krueger
Psicóloga clínica
Especialista em psicoterapia de casal e família
janetekrueger@gmail.com
Instituto Epokhé

Liliane Machado
Especialista em psicologia clínica fenomenológica-existencial
psililianemachado@gmail.com
Instituto Epokhé

RESUMO: Este workshop tem como objetivo apresentar a experiência de coletividade e rede, como espaço de encontro, resistência e cuidado para o psicólogo, vividas no Coletivo Gestalt, durante a pandemia. O Coletivo, criado em 2016 pela Prof. Mariama Furtado, fundadora do Instituto Epokhé, tinha como objetivo inicial o fortalecimento de vínculos e formação de rede entre alunos e ex-alunos do estágio em Gestalt-terapia. A partir de 2020, as transformações mundiais e culturais impostas, o contexto sociopolítico brasileiro e as mudanças nas formas de sociabilidade e no fazer clínico trouxeram dificuldades, dores e angústias também vivenciadas pelos profissionais da saúde mental. Neste período, a experiência no Coletivo foi aprofundada e extrapolada, na medida em que todos buscavam adaptar-se às crescentes demandas, em função do aumento do sofrimento psicológico e sintomas psíquicos decorrentes da pandemia. A partir das trocas ali estabelecidas, o Coletivo constitui-se como espaço privilegiado de cuidado e respaldo emocional para os profissionais, resgatando a necessidade e o compromisso do terapeuta sobre seu próprio sofrimento alienado, como curador ferido (Cardella). Além disso, a experiência do entre, a partir da coletividade, trouxe a possibilidade de que este fosse um espaço de resistência, esperança, respaldo emocional e ajustamento criativo, gerando condições para a ampliação de possibilidades, por meio do encontro enquanto potência coletiva transformadora. Para Hannah Arendt, a política baseia-se na pluralidade dos homens, tratando da convivência entre diferentes e da reflexão sobre o viver juntos. Deste ponto de vista, clínica é política e a experiência de resistir, em rede foi fundamental nesse tempo de ausência de mundo, do outro e do entre. Entre encontros e pertencimento, as vivências no Coletivo reafirmaram o compromisso ético-político e estético-artístico da Gestalt-terapia, algo que marcou a trajetória de Perls (1998). Evidenciou-se, ainda, a urgência de um fazer clínico para pluralidade, diversidade, reconhecimento e transformação social, trazendo à tona o papel do psicólogo como ator político sócio-histórico e a necessidade de reinvenção de modos de estar no mundo e de resistir aos adoecimentos sociais e emocionais. Considerando que vivemos na inter-relação campo-pessoa-meio, onde o comportamento se dá em função do campo, que é dinâmico e se organiza a partir do que acontece nele, somos afetados e afetamos o mundo permanentemente. Conforme aponta Silveira (2022), quando falamos de grupo, o conceito de campo é ainda mais relevante e, se por um lado a pandemia limitava formas de ser, por outro potencializava existências. Resistimos, nos ajustando criativamente. Compreendendo resistência como confronto criativo com o ambiente, na interlocução com o campo estético-artístico e a dimensão corporal do terapeuta, na parte prática do workshop propomos um experimento de ciranda, para que o grupo possa vivenciar a potência da coletividade e que cada um possa se tornar um pouco mais aware da importância desta em sua trajetória e clínica, permanentemente transformadora e transformada pelas trocas dialógicas. Pela potência política e terapêutica da arte, a dança, uma das formas mais antigas de expressão humana, buscará dar voz a um sentir que foi cerceado durante o isolamento social e fez a necessidade de contato ainda mais urgente, pois o toque, o

contato físico e a sociabilidade fazem parte da comunicação e interação humanas. Segundo White (2012), como seres sociais, não vivemos sem o outro, mas também não vivemos sem nós mesmos. A ciranda, escolhida como instrumento terapêutico e experiência de grupo corporificada, busca um ritmo que convida ao contato consigo, com o outro e com o meio, vibrando em uma frequência energética para um fluxo de bem-estar, criação e conexão com o outro, criando um espaço de troca para experimentar a intensidade desta experiência de pertencimento social e político.

Palavras-chave: Espaços de Resistência, Respaldo Coletivo, Psicologia Política.

Eixo 5 – Awareness – interlocuções gestáltica e arte: expressividade e corporeidade

(AN)DANÇAS: CONSTRUINDO SUPORTES

Maria Luiza Kerst
Psicóloga e Gestalt-Terapêuta
Especialista em Saúde Mental
Docência no Ensino Superior e Artes Visuais
maria.luiza.kerst@gmail.com

RESUMO: Como construir suportes a partir do corpo? Neste Workshop proponho a experiment-ação de laboratórios investigativos e criativos a partir do corpo, através da interface entre técnicas da Dança Contemporânea e Dança-Teatro, e as teorias e práticas da Gestalt-Terapia, nas noções de: temporalidade, espaço, dimensão, fluxo, movimento, encontro, presença, disponibilidade e abertura. Os laboratórios partirão de uma apresentação não-convencional, seguida por exercícios de respiração e presença, aquecimentos e alongamentos que possibilitarão pensar articulações, extensões e restrições no alcance óbvio e para além dele. Reconhecimentos e possibilidades do espaço-tempo, criação de figuras corporais de apoio, e descobertas para além da estampa habitual de nossas formas, deixarão que nossas (an)danças nos contem sobre o suporte que já possuímos e suas possibilidades de construção. **Objetivos –** Possibilitar o desenvolvimento de reconhecimentos e descobertas possíveis para construção de suportes a partir do corpo. **Caminhos metodológicos –** Técnicas da Dança Contemporânea (Laban) e da Dança-Teatro (Pina Bausch) aliadas aos conceitos básicos da Gestalt-Terapia nas noções de: temporalidade, espaço, dimensão, fluxo, movimento, encontro, presença, disponibilidade e abertura. 1) Apresentação não-convencional baseada no olhar e encontro (Técnicas do Método de criação em Dança-Teatro de Pina Bausch: estado de desconhecimento e pressupostos para movimentos de integração); 2) Recebendo os corpos: Exercícios de respiração e sensibilização corporal (Dança Contemporânea - Método Laban); 3) Aquecimento corporal: Técnica “Caminhando pelo espaço”: Gradações de espaço, gradações de tempo, gradações de planos, gradações de bordas e limites, gradações de peso (Método Laban); 4) Desenvolvimento do suporte: Técnicas e figuras cênicas em movimento (Método Pina Bausch); 5) Experimento de finalização: “Túnel” (Técnica de mimesis); 6) Roda de conversa sobre o vivido: Apresentação formal, partilhas e acolhimento. **Riscos e benefícios –** O workshop possibilitará o desenvolvimento do suporte através da noção corporal de propriocepção e da interação com o outro e com as possibilidades de gradações: tempo, espaço, planos, bordas, limites e pesos, através de experimentos contemporâneos da Dança e Teatro, viabilizando repertório e recursos técnico-artísticos para estudantes e profissionais. No momento de partilha sobre o vivido durante o workshop, poderemos acolher as necessidades que emergirem.

Palavras-chave: Corpo; Dança; Experiment-ação.

"E SE..." - INICIAÇÃO À ESCRITA DE FICÇÃO

Walter Macedo Filho
Psicólogo
waltermacedofilho@gmail.com

RESUMO: A atividade prática pretende colocar os participantes na experiência de criação de histórias de ficção. O link com a gestalt-terapia se dá a partir do momento que falamos de ampliação da capacidade imaginativa, criativa, das possibilidades de expressão através da escrita e de "fechamento de gestalts" e "atualização de formas de lidar com a vida" a partir de ampliações da escrita ficcional. A brincadeira com o título da Oficina de escrita criativ ficcional – E Se? ....pois, na vida "real" não temos "E se"...não mudamos o que foi. Mas, através da escrita criativa, ficcional, podemos reinventar a vida, seja a nossa ou de outros, as possibilidades se ampliam. A proposta é que o participante saia da "razão" e vá para a imaginação. Afinal, a linguagem cria o mundo. Serão abordados os seguintes temas: - 1) Todos somos ficcionistas – sim, podemos inventar, criar – 2) A voz do autor? a voz do personagem – exercícios para o "descolamento" do nosso modo "costumeiro" de pensar e ampliar as possibilidades do existir no mundo. Escrever ficção depende de exercício diário - e isso vai mudando internamente as nossas "awarenesses", as nossas formas de ver e estar no mundo. A construção do diálogo entre personagens nos leva a ver a polarização que existe em cada um de nós. Não somos seres absolutamente "bons" nem "maus". Somos seres polarizados, e essa polarização pode ser escrita na ficção, livremente, sem pudores ou tabus, que no nosso campo pessoal, nos cercam e limitam. Todos os participantes experimentarão, na prática, escrever o início de uma história de ficção. Serão dados elementos para que possam "viajar" na imaginação e entender que de alguma forma, podemos acionar nossa criatividade através da escrita. Entendo que esta oficina traz ampliação para o participante gestalt-terapeuta, para sua própria vida, mas, também fornece recursos criativos para usar no exercício da sua clínica. Necessidades técnicas: Papel e caneta (ou lápis) suficiente para o número de participantes. Número de participantes: a quantidade que couber na sala – mas o ideal é no máximo 20 pessoas, para que aproveitem melhor a oficina e tenhamos maior possibilidade de trocas e leituras. O restante do material como textos e livros de referências serão levados por mim.

Palavras-chave: Ficção, Escrita, Teatro, Awareness, Gestalt, Imaginação.

A POESIA COMO RECURSO PSICOTERAPEUTICO

Miguel Angel Liello
Graduado em Psicologia (Universidad Nacional de Mar Del Plata)
Mestrado em Psicologia Clínica (PUC-RS)
miguelliello@gmail.com
Universidade de Santa Cruz do Sul

RESUMO: Como dizia Fritz Perls ler poesia é uma atividade que favorece o desenvolvimento de nossa saúde e nos conecta com o estar no mundo de forma mais integrada. Este workshop utilizará a poesia como forma de contato no intuito de explorar trechos/frases/palavras dessas poesias que possam aumentar o grau de awareness do participante e facilitar o contato com ele mesmo e os outros integrantes do grupo. Meu objetivo é compartilhar um recurso/experimento que possa ser utilizado na sessão terapêutica com a finalidade de propiciar o aumento da consciência organísmica do cliente e ajudar no desenvolvimento do processo psicoterapêutico. Para o desenvolvimento deste trabalho proponho que cada participante traga uma poesia, ou a letra de uma música que possa/queira compartilhar com os outros integrantes do grupo. Trabalhando em pé ou sentados formando um círculo começaremos a nos conectar com a respiração, percebendo nossa respiração e aos poucos aumentando o próprio contato e o contato com os outros integrantes do grupo. A seguir e na medida dos seus desejos, necessidades e possibilidades será iniciada a leitura dos poemas escolhidos e o sentido que esse poema tem para essa pessoa, o que esse poema lhe diz e como conecta com sua vida e suas experiências, com seu cotidiano, com sua vida, com suas dores e suas alegrias. Utilizaremos os recursos de expressão que o participante possa acessar nesse momento: voz, movimentos, gestos, deslocamentos pela sala, comunicação com os colegas e com o grupo como um todo. Metodologicamente me proponho centrar o trabalho na observação fenomenológica dos fatos que aconteçam, a centralização no aqui e agora comigo e com os outros, e o resgate das emoções e sensações que forem aparecendo no decorrer dos trabalhos individuais ou de grupo.

Palavras-chave: Poesia; Awareness; Clínica.

ARTE COMO PROMOTORA DE AWARENESS E AJUSTAMENTOS CRIATIVOS NO ATENDIMENTO INFANTIL

Regina Santos
reginas@uol.com.br

Tereza Cristina Pedroso Ajzenberg
tcpajzenberg@uol.com.br

RESUMO: Experiências com recursos artísticos promovem a expressão do fazer espontâneo, criativo, mobilizando energia, novas configurações, ações, homeostase/autorregulação, continum de awareness e ajustamentos criativos. Nosso objetivo é ampliar e desenvolver alguns recursos terapêuticos através da arte, refletindo, discutindo e ajudando o gestalt terapeuta que atende crianças a aplicá-los.Trabalharemos com vivências e experimentação com recursos de arte.

Palavras-chave: Gestalt Terapia, Awareness, Ajustamento Criativo, Criança.

AS METAMORFOSES DO CORPO VIVO: ARTICULAÇÕES ENTRE PRÁTICAS SOMÁTICAS, GESTALT-TERAPIA E MERLEAU-PONTY

Alice Vignoli Reis
Doutora em psicologia (UFRJ)
alice.v.reis@gmail.com

Thatiana Caputo Domingues da Silva
Mestra em psicologia (UFRJ)
thatiana.caputo@gmail.com

RESUMO: Laura Perls chamava a atenção para como, enquanto gestalt-terapeutas, metodologicamente, nós somos nosso principal instrumento. Para além de qualquer saber exclusivamente técnico e analítico, é a nossa corporeidade e a qualidade de nossa presença, que são o verdadeiro suporte de nosso fazer. Há, portanto, um saber, próprio da experiência corporal, enquanto totalidade mente-corpo-ambiente, que não pode ser negligenciado em nossa formação enquanto terapeutas desta abordagem. O corpo é compreendido, não como aquele que separa organismo e ambiente, mas como aquele que "contém e protege o organismo ao mesmo tempo em que contata o ambiente", não sendo "tão parte do 'organismo' como sendo essencialmente o órgão de uma relação específica do organismo com o ambiente" (Perls et al., 1997). Assim, podemos afirmar que o corpo é aquilo que em nós é o ponto de dobra dentro-fora, ponto nevrálgico, de intersecção de uma totalidade sujeito-mundo. Essa compreensão diverge significativamente da noção de corpo predominante no mundo ocidental e colonizado, pautada no paradigma moderno de dissociação entre corpo e mente, sujeito e objeto, se aproximando da noção de corporeidade trazida por Merleau-Ponty (2000, 2014), que irá trazer o corpo como expressão da tessitura generativa da vida e, portanto, como expressão do permanente movimento de metamorfose da natureza. Afirma-se um caráter histórico e intersubjetivo dessa tessitura da vida, de modo que nossos gestos estariam sustentados pelas linhas de força invisíveis que vão se traçando nos acontecimentos sociais e políticos de nosso mundo em comum. Deste modo, compreendemos que voltar-se ao corpo é voltar-se à multiplicidade de sentidos presentes no mundo, aprofundar a compreensão sobre o modo como certas estruturas sociais e políticas estão presentes em nossos gestos, realizando uma ampliação da nossa capacidade ética e sensível de escuta ao mundo, ao outro e a si. Partindo da compreensão de que o refinamento da escuta clínica, dentro da prática da Gestalt-terapia, está ligado a um refinamento da escuta sensível do corpo do terapeuta, o presente workshop pretende propor aos participantes uma reflexão vivencial sobre como as práticas de educação somática, ao trabalhar diretamente com o aprofundamento da sensibilidade corporal, podem contribuir para esse refinamento e para uma ampliação do estado de awareness. É a partir da qualidade do contato que o terapeuta realiza corporalmente na situação, que este irá poder sentir os afetos, ritmos, frequências presentes no campo e que apontam uma direção, a figura da situação a ser trabalhada. Ele vê e ouve o cliente a partir de uma experiência estética (Alvim, 2014) se permitindo ser afetado pela dinâmica das formas. Pretendemos também abordar como a perspectiva filosófica sobre o corpo predominante no mundo ocidental e colonizado, muitas vezes está implícita em nossos modos de compreender e experienciar o mundo e acaba norteando nossas intervenções terapêuticas, sendo fundamental que possamos refletir criticamente sobre essas perspectivas. Para realizar tal reflexão, iremos facilitar uma breve vivência de eutonia (ALEXANDER, 1985), prática de educação somática na qual é feito um trabalho de reconhecimento sensível das estruturas corporais, principalmente dos ossos e da pele, em relação com o espaço, a partir de consignas que conduzem a pessoa em um trabalho de pesquisa do próprio corpo. Busca-se o aprendizado da regulação e da flexibilização do tônus corporal, trazendo maior leveza de movimentos e uma maior integração corporal. Trabalha-se

a percepção do ambiente e do contato sensível com o outro. O workshop terá o seguinte roteiro: um momento inicial de introdução das temáticas trabalhadas, seguida da vivência de eutonia, após a qual os participantes serão divididos em pequenos grupos para o compartilhamento da experiência. Cards com conceitos fundamentais da Gestalt-terapia serão distribuídos, como convite para a reflexão da articulação entre experiência e teoria. Essas reflexões serão compartilhadas em uma roda de conversa, na qual as ministrantes buscarão aprofundar as relações possíveis entre a Gestalt-terapia, as práticas de educação somática e a filosofia de Merleau-Ponty. A prática será ministrada de forma cuidadosa, visando reduzir os riscos de que alguém sinta um desconforto ao entrar em contato com o próprio corpo e as ministrantes estarão atentas para dar suporte caso isso aconteça. A participação no workshop pode contribuir para o aprofundamento da escuta sensível do mundo. Número máximo de participantes: 20. Material necessário: sala ampla sem cadeiras, com espaço para atividades corporais.

Palavras-chave: Corpo clínico; Práticas de educação somática; Filosofia de Merleau-Ponty.

CAMINHOS ANCESTRAIS DE FEMININOS: EXPERIMENTAÇÕES EM TEATRO DADIVOSO E NARRATIVAS DE SI

Roberta Bentes Flores Bayma
Doutora em Artes e Mestre em Psicologia
roberta.bayma@famaz.edu.br
Centro Universitário Metropolitano da Amazônia
Grupo de Estudo, Pesquisa e Experimentação em Teatro e Universidade (UFPA)

RESUMO: O Workshop será destinado a facilitar experimentações em poéticas do Teatro Dadivoso como forma de resgate de memórias ancestrais, sobretudo de femininos afro-indígenas, mas não apenas, de ancestralidades que compõe histórias familiares. Partirá de discussões teóricas sobre a tipologia teatral, ancestralidades originárias diaspóricas e de florestas, que cruzaram oceanos e rios, compondo matrizes para configuração de femininos singulares. As discussões teóricas estarão pautadas em pesquisa de doutorado realizada pela facilitadora, bem como em pesquisa cênica que está em curso no Grupo de Estudo, Pesquisa e Experimentação em Teatro e Universidade (GEPETU/UFPA) com o título provisório de "Caminho de Volta". Incluirá o contato com práticas de narrativas de si, com objetivo geral de produzir conhecimento pela oralidade, transmitido de geração em geração, enquanto reconhecimento e afirmação de diferenças existenciais, potência de práticas de cuidado entre mulheres e resistência contra processos de silenciamento e apagamento históricos. Como objetivo específico, o trabalho favorecerá o compartilhamento das narrativas de si como oferta de dádivas em círculo composto entre as pessoas inscritas, incentivando o resgate das origens familiares e repercussões de sentidos existenciais no presente. Como caminho metodológico contará com experimentos corporais e expressivos, como forma de afetação e rememoração de histórias de vida e de conhecimentos sobre ancestralidades familiares, bem como com a partilha oral das narrativas de si. Será destinado a pessoas que se identifiquem com expressões de gênero femininos, binárias ou não binárias, em grupo composto de 10 (dez) a 12 (doze) pessoas. Enquanto recurso, necessitará de caixa de som, papel A4, lápis de cor ou canetas hidrocor (tons de pele). Considera-se como resultados possíveis a ampliação do reconhecimento de singularidades e o contato com práticas decoloniais de cuidado de si e de outres em aproximação com produções poéticas. Vislumbra-se ainda a possibilidade a ampliação de conhecimento de si e de outres.

Palavras-chave: Ancestralidades; Femininos; Práticas de cuidado de si e de outres.

CON.FIAR – RODA DE BORDAR JUNTO: UMA VIVÊNCIA GESTÁLTICA DE BORDADO FEITO À MÃOS

Vitória Virgínia Veras Nogueira
Psicóloga
vitorianogueira11@hotmail.com
Estudante de Formação no Instituto Poiesis de Gestalt terapia

RESUMO: Este workshop é tecido à mão pela autora a partir da sua vivência como bordadeira e psicóloga. Percebendo a potência do bordado como recurso terapêutico, tanto em sua experiência pessoal como profissional, em trabalhos individuais e em grupo. Sendo uma arte milenar presente em várias culturas, o bordado foi usado na confecção de vestimentas, de utensílios, como forma de registrar histórias e durante muito tempo, foi também relegado a uma tarefa doméstica, desempenhada pelas mulheres, como modo de adestramento feito por uma sociedade machista. Entretanto, subvertendo de alguma forma esse fazer, em rodas de bordado e em um exercício de confiança e de con.fiar, fiavam juntas panos de prato e toalhas, enquanto entrelaçavam suas histórias, compartilhando segredos, dores e desejos. Na modernidade, o bordado livre, assim como outras artes manuais, tem adquirido novos significados, configurando novas formas de expressão artística, política e libertária. Sendo explorado também o seu caráter arteterapêutico de possibilitar a melhora das funções cognitivas e sensório motoras, a promoção de autoconhecimento, autoestima, transformação pessoal e aprimoramento de habilidades sociais. Assim, a proposta deste workshop é, possibilitar a vivência de bordar em grupo, tendo por base norteadora a arteterapia gestáltica, em que o que se entende como valioso não é a criação de um bordado perfeito, mas o processo de bordar e as reflexões a partir do bordado criado. Dessa forma, os objetivos desta atividade são: 1. Entrar em contato com a criatividade, estimulando a experimentação com linhas, tecido, bastidor, agulha e tesoura e com a técnica de bordar com o ponto atrás; 2. Estimular os participantes a reconhecerem suas potencialidades, a partir do ato de bordar, experimentando nesse fazer manual, o processo de construção de novas habilidades, novos repertórios e novas intervenções, não só na arte, mas também em seus contextos de vida; 3. Promover o empoderamento dos participantes, a partir da criação, da visualização e percepção dos bordados criados por eles, valorizando o reconhecimento da capacidade criativa que tem de produzir algo novo e belo; 4. Possibilitar o diálogo e a reflexão sobre o processo de feitura do bordado e sobre o que foi criado. Promovendo a ampliação do conhecimento de si e dos outros. Para isso, este workshop seguirá o caminho metodológico de acolher e estabelecer contato com os participantes do grupo (15 pessoas, no máximo) e depois propor um exercício de alongamento e respiração antes de iniciarmos a prática. Em seguida, os participantes serão convidados a entrar em contato com os materiais que serão utilizados (bastidor, linhas, tecido, agulha e tesoura) para que, logo após possam aprender a fazer um ponto básico do bordado livre, chamado de ponto atrás. Em um momento seguinte, os participantes usarão o aprendizado do ponto atrás para bordar palavras que estarão dispostas sobre a mesa e que eles poderão escolher pela qual se sentirem mobilizados. Ao passo em que os bordados forem finalizados, será aberto o espaço para a partilha de sentidos, percepções, memórias, emoções etc. com o grupo, sobre o processo e o que foi criado, seguida da avaliação e fechamento da atividade. Diante da proposta apresentada, como uma experimentação arteterapêutica e potencialmente mobilizadora de afetos, memórias e emoções, é possível que os participantes entrem em contato com questões profundas e sensíveis de suas histórias. Junto a isso, também é possível que os participantes usufruam de uma série de benefícios, como o prazer de aprender algo novo, de conhecer e experimentar materiais artísticos, de experimentar o processo de criação e de fazer algo belo com as próprias mãos. Além disso, de poder experimentar essa vivência em grupo, compartilhando e ouvindo

histórias, em um ambiente seguro, com apoio e cuidado profissional. Dessa forma, é possível que essa experiência possibilite ainda a expressão de ideias, percepções e sentimentos que a comunicação verbal de forma isolada não consegue alcançar, mas que é possível tendo como meio o bordado, podendo representar, entre tantas coisas, um fio de conexão de si consigo e com o outro e uma tessitura de novas formas de ser no mundo.

Palavras-chave: Bordado; Arteterapia Gestáltica; Vivência

CONTATO IMPROVISAÇÃO

Michelle Limaverde de Araújo
Psicóloga
Especialista em Psicologia Clínica
Pós-Formada em Gestalt-terapia
michellelimaverde.psi@gmail.com

RESUMO: A seguinte proposta deriva de uma inquietação curiosa e desejante pela dimensão da corporeidade na clínica gestáltica, acentuada durante o isolamento pandêmico recente. Essa configuração constituiu uma investigação teórica sobre o assunto, desde a fundante fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty , assim, como os desdobramentos da sua obra nos trabalhos de Muller- Granzotto e Muller-Granzoto, que estruturam uma extensa base fenomenologica do conceito de awareness e seus efeitos perceptivos e de mobilização no campo relacional organismo-ambiente, assim como também, o robusto e longevo trabalho da Mônica Alvim sobre vários aspectos da corporeidade aplicados à gestaltt-terapia em diversos contextos, assim como, ainda, o desenvolvimento da proposta da Ruella Frank em seu trabalho de movimentos corporais com base nos ajustamentos de contato-interrupção. Sem perder de vista, também, e principalmente o resgate experiêncial de técnicas já empregadas pelo próprio Friederich Perls desde a gênese dessa abordagem, como podemos conferir em toda sua obra, desde o livro gestalt-terapia, que inclui, em sua originalidade um tomo experimental. É desse caldeirão de articulações, sobre a constituição e criação de experimentos que essa proposta aponta para a experimentação de si enquanto corpo encarnado, entendendo que apenas pelo movimento o corpo acontece e adquire sentido. E entendendo que especialmente a função de um gestalt-teraputa é a de suportar o campo relacional, promovendo e permitindo-se desviar, há mais de dois anos, esse movimento de experimentação e constitição um fundo integrado de experiências, se configurou em um aprofundamento nas experiências com consulentes e supervisionandos, das dimensões sensório-motoras no campo relacional, promovendo awareness e assimilação que se tornaram disponíveis para novos fluxos tempois, em novas situações, fortalecendo essa dimensão da abordagem. Assim, o objetivo desse workshop é promover aos participantes, de modo pessoal e enquanto gestalt-terapeutas, uma experimentação do modo como se constituem corporalmente diante da convocação de contato no campo intersubjetivo. De como se expressam intencionalmente – formas, atos, interrupções, retenções – ou seja, fazer emergir perceptualmente a dimensão estética da experiência. Para tanto, o caminho metodológico utilizado será o Contato-Improvisação, um jogo de dança -arte surgido no início dos anos setenta em Nova York, entre dancarinos de dança moderna e vanguadistas, não deixando de comtemplar aqui, a referência ao trabalho e aporte fundante de Laura Perls na Gestalt-terapia. A base do Contato-Improvisação é a de um exercício experimental constante sobre a inquietação constante dos sentidos – sensoriais e significantes. Aqui o risco é experimentado como um convite a lançar-se, mas na interface de um ambiente e de uma facilitação que se ajustem ao ritmo e limites dos participantes, cada um atuando como dançarino-agente, podendo se beneficiarem da assimilação atuante do modo médio entre afetar e ser afetado em ato-corpo-movimento de maneira que, os recursos, então, envolvem apenas uma caixa de som e um espaço físico que comporte o movimento do grupo, que para se manter a capacidade suportiva, não devera exceder 24 participantes, que por sua vez, deverão, o tanto quanto possível, utilizar roupas confortáveis.

Palavras-chave: Corporeidade, Experimentação, Contato.

CORPO, CLÍNICA GESTÁLTICA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Gabriela Mattos Saucedo
Psicóloga e Gestalt-terapeuta
mattossgabriela@gmail.com
Instituto Quilombo Gestáltico

RESUMO: O workshop "Corpo, Clínica Gestáltica e Criação Artística" propõe uma experiência teórico-vivencial para explorar as relações entre corpo, processo criativo e clínica gestáltica. As pessoas participantes serão convidadas a investigarem e experimentarem processos de criação autorais, buscando dar-se conta das suas formas de contatar, em ambiente acolhedor e de maneira coletiva. Através do contato com o brincar e as linguagens artísticas da pintura, desenho e escrita, vamos trabalhar a ampliação da sensibilização, percepção e *awareness*, abrindo assim espaço para que a partir do que desejamos e somos convocados, possamos fazer algo novo. É sabido que a Gestalt-Terapia possui um fundo estético fundamental para a construção de sua teoria e uma relação íntima de seus fundadores – Laura e Fritz Perls e Paul Goodman – com a arte, aspectos que buscamos resgatar no workshop. Refletiremos sobre a importância da integração entre corpo e criação, de que maneiras essa relação se dá e aparece no espaço clínico gestáltico, assim como investigaremos de que formas ela parece fluir. Sabendo da complexidade dessa relação e de suas interrupções, proponho também a reflexão sobre as impossibilidades que se fazem presentes nos processos de criação, ao que elas estão conectadas, como podemos contorná-las em nossos processos individuais e clínicos. Isso, levando em consideração a relação organismo/ambiente e os ajustamentos possíveis a partir das clínicas gestálticas em sentido ético, político e antropológico. Buscando ser um espaço de atenção radical à percepção iremos entrar em contato com obras de arte contemporâneas de variadas linguagens e a partir delas dialogaremos sobre como essas obras nos atravessam corporalmente, atentando aos afetos emergentes e ao nosso fundo de vividos. Ampliaremos também a visão para um corpo que é vivente desse mundo contemporâneo, com aspectos culturais, sociais e econômicos que permeiam nossas relações pessoais e com nossas consulentes. Ao olharmos para as criações de outros artistas pesquisaremos material estético que servirá de base e reflexão para nossos próprios processos. Olharemos para os aspectos estéticos das obras, como: ritmo, fluidez, vitalidade, brilho, harmonia e musicalidade, esses que são também diretores do olhar da terapeuta na relação clínica (Alvim, 2014). Após esse contato com as obras e diálogo em grupo as pessoas participantes serão convidadas a se aventurarem em seus próprios processos de criação, usando livremente os materiais disponíveis, recebendo ao longo do processo orientações para ampliarem a percepção sobre seus gestos e experimentarem outras maneiras de se relacionar com o suporte utilizado para criar. A repetição, a mudança de velocidade, o reverso de um gesto que acabou de ser feito, fechar os olhos ou mudar a posição na qual se está criando são algumas das sugestões que provocam uma novidade no campo e exigem das participantes um posicionamento criador. Para participar do workshop não são necessários conhecimentos específicos prévios, já que parto do princípio que criar artisticamente é exercício e também brincadeira. Ao final do encontro esperamos que todas as pessoas possam sair com a sensação de que podem criar artisticamente se autorizando em seu próprio estilo. Esta experiência busca fortalecer as funções de contato, promover maior integração corporal e provocar maior liberdade para criar, uma necessidade humana intrínseca, como aponta Fayga Ostrower (2014). Além disso, as referências artísticas, técnicas e ferramentas vivenciadas durante o workshop podem vir a ser utilizadas pelas participantes em seu processo criativo e/ou em sua prática clínica posteriormente. Embora essa experiência possa trazer muitos benefícios, o processo de criação pode ser desafiador e temos como risco da participação a emergência de afetos que possam ser desconfortáveis e que sejam interpretados como: insegurança, medo, angústia, vergonha e frustração. Por isso, é necessário que as pessoas

participantes estejam abertas e dispostas a lidar com tais afetos de forma acolhedora e respeitosa consigo mesmas e com os outros. Para essa proposta serão utilizados os seguintes materiais de suporte: papel sulfite em diferentes tamanhos, papel craft, lápis de cor, giz de cera, tinta guache, pincéis e lápis grafite. Usaremos também o projetor para compartilhar as referências artísticas que serão disparadoras de diálogo. O grupo terá como capacidade máxima 15 pessoas, prevendo uma boa troca entre as participantes de acordo com o tempo estipulado.

Palavras-chave: Corpo; Criação; Clínica.

CORPO-RIO

Pedro José de Freitas Ziroldo[53]
Psicólogo Gestalt-terapeuta e Mestre em Artes da Cena
pedroziroldo90@gmail.com
Instituto Gestalt Paraná e
Universidade Federal do Paraná

RESUMO: Para onde caminham as águas? Entre a nascente e o mar, vive o rio. Nem origem, nem destino, mas entre. Neste espaço de oposições e inconstâncias flui vivente o rio. As águas correntes aceitam vir a ser, estar, ser processo, transformação, movimento, contradição. Há força em suas águas, há luta em suas forças. Águas que correm, que saciam, que devastam, que alimentam e esculpem novas formas em rochas tão antigas. Talvez seja essa a poesia contada pelo rio, talvez, um caminho possível para a Gestalt-terapia, seja, ser rio. Ao nascer, o rio vive a intenção ao movimento e ao encontro. Suas águas desejam correr até outros rios, que correrão até outros rios e chegarão ao mar. No caminho, transformarão as paisagens e serão transformadas por elas. A vida do rio será sempre no presente, com intenção de seguir e, com a força dos seus trajetos. A cor, os vestígios, o volume, o ritmo, e as vidas no rio contarão por onde ele passou, por isso, nunca falará sozinho. Suas águas, ganharão novos sentidos a cada movimento e a cada novo encontro. Digamos que nós sejamos como o rio, e vivemos a mesma intenção de se movimentar e encontrar. Nessa teatralidade, temos vivido nossos fluxos? Acreditar na poética da experiência, do encontro, da presença e da corporeidade, abre possibilidades para uma experimentação que confia nos afetos, nos espantos, nas sensibilidades e "mu-danças". Neste sentido, garantir em nossos processos terapêuticos, a vivência do corpo presente e sensível, é refletir sobre o dialogismo e a alteridade, pois estamos enlaçados em um mundo no qual é possível nos mover. Além disso, viver o nosso corpo-rio torna-se uma atitude estética e ética, poética e política, pois é na relação que construímos enunciados (verbais ou somáticos) para significar as nossas experiências sobre as coisas, o mundo, a nossa história e os nossos fazeres. Como redescobrir a sabedoria dos sentidos, dos afetos, memórias, da beleza do encontro, da poesia dos movimentos cotidianos, enunciados do corpo, fluídos em nossos corpos-clínicas? Apresento o workshop "Corpo-rio" como um lugar de nascedouros de fluxo, de sonhos, gestos, narrativas, atos, poesia, silêncios ... A C O N T E C I M E N T O que se cria enquanto se vive, se desloca, conhece, percebe e compõe paisagens, no corpo e a partir do corpo. A partir de uma vivência pessoal e coletiva das práticas somáticas e jogos coreográficos, baseados em Técnicas de Educação Somática e no Sistema Laban/Bartenieff, os participantes serão convidados a explorar a expressão "fluída" corporificada em movimento (Como fluem as nossas águas(vidas)?). O trabalho buscar sensibilizar os corpos pela metáfora do "Rio", que apresenta uma experiência poética, dialógica e ecológica, integrando na vivência do participante o corpo-vivido, o corpo-encontro e o corpo-natureza. Além disso, torna-se um convite ao processo de trans-form-ação, próprio das águas e das suas sabedorias: Uma nascente que vira rio, rasga a superfície, molda rochas antigas, se esvai, ganha volume, é poluído, se purifica, muda de cor, evapora, faz chover, alimenta, inunda, rompe fronteiras, torna-se limite, é casa, expulsa povoados, cascatea, represa, ganha força,

[53] Artista da Cena, Educador e Psicólogo. Tem graduação em Psicologia pela PUCPR. Formação em Gestalt-terapia pelo Instituto Gestalt-Paraná, Técnicas em Educação Somática pelo Núcleo 8, Método Bertazzo pelo Instituto Ivaldo Bertazzo e Método GDS pelo Instituto de Cadeias e Técnicas GDS de São Paulo/SP. Especialização em Teatro e Expressividade pela UniCesumar, Psicomotricidade pelo Instituto Rhema e no Sistema Laban/Bartenieff pela Faculdade Angel Vianna. É Mestre em Artes da Cena pela ESACH e atualmente, doutorando em Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR) - bolsista CAPES. Integra os grupos de Pesquisa FRESTAS- Formação e Ressignificação do Educador, saberes, trocas, arte e sentidos e Labelit - Laboratório de Estudos em Educação, Linguagem e Teatralidades (UFPR/CNPQ). pedroziroldo90@gmail.com.

correnteza, faz-se estrada, enxurrada, tromba d'água, afoga, é deusa, monstro, redemoinho, volta a caminho do mar. Tudo pelo encontro. Quer ser com o mar, viver o instante que é ser rio-mar. E assim, podemos tocar em nossas teatralidades e sabedorias fluidas. Como é viver um corpo-rio? **Metodologia –** Práticas Somáticas e Jogos coreográficos baseados no Sistema Laban/Bartenieff. **Riscos –** Não há risco aparente. **Benefícios –** Já mencionados no corpo do texto.

Palavras-chave: Corpo-rio; Educação Somática e Teatralidade.

CUIDADO NO MODO PALHAÇARIA – CONTRIBUIÇÕES DO CLOWN PARA GESTALT-TERAPEUTAS ATUANDO COM A TEMÁTICA MORTE

Rafael Nascimento Barreiros
Arte-educador
Licenciado em Artes Cênicas (UFPE)
Psicólogo
Pós-graduado em Gestalt-terapia clínica (FACOL)
rafbarreiros@gmail.com
Espaço Casa do Farol

RESUMO: Criado a partir do trabalho de conclusão da pós-graduação em gestalt-terapia clínica na Faculdade Osman Lins - FACOL. O workshop propõe um espaço de vivência em palhaçaria direcionado a reflexões sobre a atuação de gestalt-terapeutas em contato com a temática morte. Nele seus participantes encontrarão na figura do palhaço(a) uma importante ferramenta no trabalho de fronteiras contato e relações fenomenológicas. **Introdução –** A presente formação propõe um diálogo entre a arte da palhaçaria, a gestalt-terapia e a tanatologia, vivenciados por meio da aplicação de jogos e exercícios de treinamento em clown. A atividade busca provocar reflexões sobre as contribuições que a forma de trabalho dos clowns pode dar a conduta de gestalt-terapeutas que atuam com a temática morte. **Objetivo –** Convidar os alunos(as) a experimentar novas formas de intervenção acerca da temática morte. **Caminhos metodológicos –** A atividade propõe a aplicação de jogos teatrais e exercícios de formação em clown, constituindo um campo de experimentação expressiva que servirá de referência para as reflexões produzidas em um segundo momento estimuladas por perguntas disparadoras lançadas para o grupo. **Riscos e benefícios –** Buscamos por meio da formação ampliar o repertório dos participantes tendo a arte da palhaçaria como aliada de nossa produção. Devido o tema morte ser um conteúdo bastante mobilizante entre as pessoas, sabemos que nossa prática poderá despertar algumas emoções nos participantes que possuam alguma questão relacionada ao tema. **Recursos estruturais –** Sala ampla, sem cadeiras, limpa e ventilada.

Palavras-chave: Clown; Gestalt-terapia; Tanatologia.

EXPERIÊNCIAS DE BOUNDARY DESDE LAURA PERLS: SENTIR E MOVER A PELE QUE HABITO

Lílian Vanessa Nicácio Gusmão[54]
Gestalt-terapeuta
linicacio@yahoo.com.br
Instituto de Gestalt-terapia de Rondônia – Figura Viva

RESUMO: Sustentar espaços no coletivo que permitam a experimentação para desestruturar e reestruturar partes da história é abrir espaço para o crescimento da Gestalt-terapia com Laura Perls, envolve transgredir, subverter a coisa. As experiências de fronteira intersubjetivas são criadoras no contato a partir da pele relacional. O trabalho se propõe às experiências de Boundary – conceito revelado por Laura Perls que prescinde da vivência na fronteira de contato. A fronteira na qual o contato ocorre é um local de energia pulsante e permeável. Segundo PHG (1951) a fronteira de contato é o órgão de uma relação específica do organismo e do ambiente, é na fronteira que os perigos são rejeitados, os obstáculos são superados e as coisas assimiláveis são selecionadas e integradas. O workshop propõe um trabalho com até vinte pessoas que permita sensibilizar a experiência senciente na pele, o maior órgão de fronteira relacional, através de movimentos possíveis de contato de cada pessoa com tecido junto da pele para co-criar novas experiências relacionais. A expressividade, corporeidade e música serão veículos para sentir a pele, mover, dançar, desenvolver a pele relacional, demarcando fronteiras. Inicialmente será trazido o conceito de Boundary proposto por Laura e a proposta de demarcar uma pele relacional e um questionamento a respeito da construção de uma pele relacional e proposta de vislumbre da pele que acontece. Em pé ou sentado com o tecido nas mãos e música propõe-se um exercício para buscar recurso corporal, perceber qual parte do corpo está mais ativada e qual menos ativada em um exercício de ancoragem. Após iniciar algum movimento com o tecido, como se fosse uma dança, em contato com a respiração, com as necessidades, explorar os movimentos, perceber os movimentos síncronos e perceber os efeitos no corpo e o que aparece. Após propõe-se ir se despedindo da dança, dos movimentos pouco a pouco e perceber as marcas que se fizeram no tecido e na pele relacional e propor a quem se sente mobilizado trazer em uma frase, a sensação, sentimento, imagem que se fizeram presentes na experiência, quais os sentidos co-criados pela experiência e a qualidade de superfície pele-contato presente. Os riscos a partir do contato e movimentos suscitar do fundo de vividos, timidez; incômodo, vergonha, evocação de memórias. Para minimizar os riscos haverá no trabalho a ancoragem e a possibilidade de encontrar recursos corporais ou no ambiente que sejam recursivos, além de garantir que serão respeitados os valores culturais, sociais, morais e éticos. Garantir a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem, ofertar ambiente acolhedor, estar atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto e liberdade em interromper a participação. Alguns benefícios: Possibilidade da descoberta de procedimentos benéficos à saúde (ancoragem, respiração, recursos corporais e ambientais); sensibilização para compreensão dos hábitos e possibilidades novas que emerjam nos movimentos que a pessoa conseguir exercer, reorganização do fundo de vividos a partir da experiência. A fronteira de contato tida como campo de presença, na experiência com a novidade, com o estranho, gera um movimento criador que dá sentido à experiência. Propor desde Laura uma ambiência relacional de uma pele sensível para o contato, uma pele forjada em novos saberes, na recusa de normatividades, na oferta de suportes seguros, na resistência e nas tessituras agora já tão enriquecedoras, aprender a fazer pele desde Laura. Segundo Laura (1992) quando você é um

[54] Mulher, branca, mãe, professora. Me. Ciências Ambientais, Psicóloga e Diretora do Instituto de Gestalt-terapia de Rondônia – Figura Viva.

corpo, quando você se experiencia totalmente como corpo, então você é alguém. A proposta é que ao longo do trabalho seja possível ampliar horizontes de possibilidades, habitar o que emerge do fundo, sentir a pele, perceber as relações e modificar horizontes de passado. Ao longo do contato o fundo se amplia o que enriquece as experiências de fronteira e permite que os modos de existir possam ser reinventados e repensados para além das normas impostas. Habitar as fronteiras, viver às margens é permitir o contato com as forças múltiplas que nos influenciam.

Palavras-chave: Boundary; Laura Perls; Pele.

EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS NO CORPO SONORO-MUSICAL-RITMICO: *AWARENESS* E ESCUTA CLÍNICA

Bárbara Penteado Cabral
Mestre em Psicologia
Psicóloga
Musicoterapeuta
barbarapenteadocabralmaterial@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro e
Faculdade Maria Thereza

RESUMO: Desenvolveremos uma proposta na qual as (es/os) participantes serão convidadas (es/os) a experimentarem um despertar do campo de presença por meio do corpo sonoro-musical-rítmico em movimentos orgânicos que transitam entre o coletivo e o individual. Ao final, os participantes serão convidados a compartilhar suas vivências de expressividade e corporeidade à luz da compreensão gestáltica, tendo como ferramentas conceituais norteadoras os critérios estéticos da Gestalt-Terapia e a compreensão fenomenológica da clínica fundada na situação, no aqui-agora e no intercorporal de modo espontâneo. O objetivo do trabalho é sensibilizar e valorizar os fenômenos da *awareness* para a escuta clínica enquanto uma corporal/sensível do terapeuta a partir do que vamos destacar como experiência estética, criativa e intencional, inspirada no fenômeno sonoro-musical-rítmico da Musicoterapia. O referencial teórico acolhe autoras e autores que estão discutindo a temática da experiência pré-reflexiva em diálogo com o sentido da escuta sensível. Temos como proposição norteadora do trabalho implicar a experiência intersubjetiva e intercorporal em situação a partir dos critérios estéticos tais como: ritmo, harmonia, fluidez, brilho, vitalidade que orientam a formação das formas estéticas, tratando-se, assim, de mobilizar e implicar o fundo da experiência como suporte para o aparecimento da forma por meio do que chamamos de corpo sonoro-musical-rítmico. Com isso, o terapeuta, ao dar-se conta de que em seu fazer clínico está em constante situação de assumir riscos e problematizar a posição de "saber-poder" ou de neutralidade, se responsabiliza em compor a situação clinicamente com seu cliente. Como aspectos teórico-metodológicos da clínica, é a partir da situação, como um campo comum, na dimensão da *awareness* do terapeuta que se estabelece contato com o cliente para iniciar o processo de escuta nas psicoterapias de base fenomenológicas e gestálticas. Como coordenadora da vivência, me baseio nos estudos da fenomenologia de Merleau-Ponty, e das formações em Gestalt-Terapia, Musicoterapia e Yoga para a condução da atividade. Pretendemos nesta proposta considerar o encontro que se inicia em um movimento de a-fina-ção – que consiste em uma sintonia fina de afetação e reverberação entre os participantes – sendo este movimento utilizado ao longo de toda a prática de experimentação de sonoridades corporais e voz na relação consigo, com o coletivo e com o tempo-espaço, espaço este a ser explorado, livre de cadeiras ou de outros objetos. Em seguida, movimentações corporais iniciarão desde a base do corpo (pés, pernas e quadril) com produções sonoras graves (de base); passando pelo tronco, peito, braços com sons médios; até o topo da cabeça explorando as sonoridades mais agudas e, assim, ativando todo o corpo, em um processo de sensibilização da relação de totalidade organismo-ambiente-som-respiração. A ação das (es/os) participantes neste momento é convidar a assumir uma postura de estranhamento: Como o apelo desses gestos do meu próprio corpo me provocam? Como me sinto convocada pelo coletivo? Como o espaço-tempo chama para um som ou/e um movimento espontâneo e afinado de onde pode emergir uma forma? A configuração rítmica que aparece nas formas musicais sensíveis inscreve a expressão dos afetos que emergem deste fundo comum em pré-contato corporal, processo de *Awareness*. Aqui, o convite será para a criação de movimentos de improvisação jazzísticos, de abrir-se para o inesperado, para a novidade, experimentando as possibilidades e limites daquela presença e em situação guiadas pelo campo da experiência de

contato e pré-contato; afetadas pelo encontro rítmico e intersubjetivo de um novo saber-fazendo estético, por meio de uma escuta que rompe com as fórmulas e com os riscos de uma farmacopéia musical. Essa etapa de experimentação sensível durará de 45 à 50 minutos, sendo logo após disponibilizados outros 50 minutos para diálogos e relatos sobre a prática e suas reverberações na prática clínica. Os benefícios aqui destacados partem da aposta de sensibilizar a/e/o participante para uma escuta sensível de fronteira de contato, aspecto tão fundamental para uma prática clínica ético-estético-política, que se inicia em consideração ao campo ou situação e emerge da possibilidade de transformação e ressignificação das novas formas; neste sentido, não há contraindicação às/ès/aos participantes.

Palavras-chave: *Awareness*; Corpo; Escuta Clínica.

O CAMPO QUE DÁ SUPORTE, O CAMPO QUE GERA SOFRIMENTO

Maria Alice Queiroz de Brito (Lika Queiroz)
likaqbrito@gmail.com

Selma Ciornai
sciornai@terra.com.br

RESUMO: Campo é um conceito fundamental em Gestalt-terapia. A Gestalt terapia entende cada indivíduo como parte inseparável de um campo dinâmico, que nos incluem e transcende, um sistema aberto em constante mudança, composto por elementos que se influenciam mutuamente. É um conceito que envolve as relações entre a pessoa e o meio onde se encontra; mas campo não é apenas o "contexto" em que estou, o que está ao meu redor, porque necessariamente me inclui. Em outras palavras, não estou EM UM campo, mas sou DE UM campo, influenciando e sendo influenciada/o/e a cada momento pelo mesmo. Hoje em dia, no Brasil, a Gestalt-terapia passou a ser enriquecida com o olhar mais explícito para o paradigma de campo em nossa forma de compreender e trabalhar como gestalt-terapeutas. Pensar em campo nos remete às questões psicossociais e estruturais da sociedade em que vivemos, que têm estado cada vez mais presentes nas reflexões que nós Gestalt-terapeutas temos produzido, e que precisam ser incluídas na nossa a*wareness* e na nossa prática. Bauman fala de "sociedade liquida", Byung- Chul-Han de "sociedade do cansaço", e no livro Vozes em Letras, volume 2, "Por uma Gestalt-terapia crítica e política: relações raciais, gênero e diversidade sexual" (2022), vários autores abordam como questões estruturais colorem e se fazem presentes em nossas vivências mais ´intimas, transformando o campo em um agente de opressão social. Neste workshop vamos propor alguns experimentos integrando movimentos corporais e expressões artísticas, com o objetivo de tornar claro para os participantes, o campo como figura da nossa atenção. Laura Perls nos mostra que padrões de movimentos coordenados funcionam como os apoios primários para o contato, ou seja, como eu me movo em relação ao outro/a/e e como esse outro/a/e se move em relação à mim, gerando significados que vamos criando nesse processo de ajustamento criativo, significados esses que irão impactar nas relações do campo organismo- ambiente ao longo da nossa existência. As experiências vividas ao longo da vida estão impregnadas no nosso corpo, se revelando, na modalidade Id do self, em nossas interações com o mundo. Por outro lado, a linguagem simbólica e imagética que a arte nos propicia, possibilita a expressão do indizível, do que ainda não foi processado em palavras, um diálogo interno conosco mesmo e, também, com os demais. Através de alguns experimentos expressivos facilitaremos com que os participantes possam se dar conta de como o campo está presente na construção de introjetos, um fundo de vividos que vão influenciar a forma da pessoa estar no mundo, significar suas experiências. Esse workshop se propõe, portanto, a tornar o conceito de campo vivido e palpável, possibilitando reflexões sobre o que o torna acolhedor e suportivo e o que o torna ameaçador e gera sofrimento. Visamos, sobretudo, um reconhecimento de como nós, enquanto manifestações desse campo, somos agentes de preservação ou de transformação dele.

Palavras-chave: Campo; Questões Estruturais; *Awareness*.

O CLOWN TERAPÊUTICO: O PAPEL DOS JOGOS LÚDICOS NA CLÍNICA COM ADULTOS

Rodrigo Bastos
Mestre em Ciências Sociais
bastosbastos70@gmail.com

Montserrat Gasull Sanglas
Psicóloga
montserrat.gasull.sanglas@gmail.com

RESUMO: Durante o processo de crescimento, o ser humano nas sociedades ocidentais é estimulado a abandonar sua ludicidade para se tornar um adulto sério, competitivo e obediente. Para Ribeiro (2015), no desenvolver infantil os processos socializadores rígidos contribuem para extinguir a brincadeira, a curiosidade e a espontaneidade, desnutrindo o sujeito e levando-o para uma vida ilegítima. Com a criatividade diminuída, se reduz sua capacidade resolutiva e de fazer ajustamentos criativos satisfatórios. O intuito deste workshop é provocar as pessoas a brincar, utilizando-se dos aportes do modelo o clown terapêutico, e com isso estimular processos espontâneos e criativos, tantas vezes esquecidos. Trata-se de uma metodologia fruto de uma pesquisa iniciada em 2009 sobre a interseção entre a Gestalt-terapia e as artes lúdicas, através de brincadeiras tradicionais e exercícios extraídos de oficinas de palhaços (*clowns*). Estas tecnologias foram reescritas, desde um viés gestáltico, buscando atender às demandas dos clientes em seus processos terapêuticos e se transformaram em dispositivos clínicos. Tárrega (2007) cita que a importância do jogo reside na disponibilidade que o participante tem de se entregar para a brincadeira, em um estado de presença, de fluxo livre de energia de troca com o meio, e aceitação de um estado de vulnerabilidade. Toda brincadeira tem seus efeitos colaterais. Na criança, por exemplo, a capacidade de desenvolver habilidades sociais, motoras, gerenciamento emocional e diversos processos criativos. Os adultos não deveriam se aproveitar da mesma estratégia? A escolha do jogo lúdico associado ao palhaço, se dá quando compreendemos que este observa o campo e aprende a escrever e reescrever sua história a cada instante, lidando de maneira criativa e singular com suas perdas, medos e vergonhas. Ao expor para o mundo tais fragilidades, alimenta-se da ousadia desse ato e aprende aos poucos a levantar de seus "tombos" continuando a caminhar de pé e com bom humor. Este workshop procura estabelecer um espaço de trabalho seguro onde os participantes são convidados a explorar suas múltiplas possibilidades de ser-no-mundo. Propomos um encontro com seu derrisório, que germina da singularidade de cada indivíduo, através do experienciar dos seus talentos, suas vulnerabilidades e criatividade. Objetivamos com esta proposta que, por meio de jogos apresentados de maneira leve e gradativa, os participantes possam ampliar sua *awareness*, incentivando-os na busca por integração e integralidade. PHG (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997) ressaltam a importância do adulto conseguir experienciar o mundo da maneira como fazem as crianças, sendo que o brincar se trata de uma experiência consciente do momento presente onde o indivíduo é estimulado a funcionar no modo intermediário, espontaneamente. A metodologia consiste em uma intervenção grupal composta de cinco etapas, sendo as quatro primeiras através de jogos lúdicos: (1) Aquecimento, (2) Sensibilização (3) Estímulo para a Tomada de Consciência (*awareness*), (4) Processo Criativo e o (5) Feedback e Finalização. Todas as fases se utilizam dos aportes teóricos apresentados acima e, mesmo sendo uma proposta sequencial, se reestrutura a cada momento a partir do diálogo com os participantes. Para concluir, nossas pesquisas têm revelado que o ato lúdico proposto ao adulto, se torna uma das ferramentas de reativação das potências desse ser humano, auxiliando a gerar presença, consciência e tomada de atitude.

Palavras-chave: clown terapêutico; lúdico; criatividade.

O QUE PODE UM NARIZ VERMELHO ENTRE GESTALT TERAPEUTAS?

AS EMOÇÕES EM CENA

Danielle Miranda
Gestalt-Terapeuta e Mestranda
danielle68@gmail.com
UERJ

Alexandra Cleopatre Tsallis
Professora Adjunta do Departamento de Psicologia Social e Institucional
Coordenadora do Laboratório afetar
atsallis@gmail.com
UERJ

RESUMO: Partindo das reflexões de Tsallis (2009) sobre como a palhaçaria pode contribuir com as intervenções psicoterápicas na Gestalt Terapia, propomos o presente workshop com o objetivo de trazer um exemplo prático e vivencial dessa discussão, convidando as/les/os participantes a experimentarem emoções em seus corpos, guiados pelo talvez símbolo máximo das/des/dos palhaças/palhaços/palhaços: o nariz vermelho. Esse objeto tão característico é chamado frequentemente de "a menor máscara do mundo", sendo "a (máscara) que menos esconde e que mais revela", justamente pela sua potência de nos permitir brincar com coisas e situações, além de explorar nossas emoções de forma amplificada, numa rede de segurança que envolve humanos e não humanos. A atividade será executada da seguinte forma: 1) Apresentação das Proponentes; 2) Breve introdução sobre a palhaçaria, a figura da/de/do palhaça/palhaçe/palhaço e o uso do nariz vermelho; 3) explicação da primeira parte do experimento que consiste em: um/uma por uma, as/les/os participantes passarão atrás de uma cortina três vezes, sendo que em cada travessia eles deverão fazer essa caminhada explorando uma emoção diferente. Ao final da terceira passagem, elas/elus/eles colocarão um nariz vermelho atrás da cortina e realizarão uma última passada, escolhendo uma das emoções vividas para experimentá-la com o nariz vermelho no rosto. 4) Quando todas/todes/todos tiverem realizado esta parte do experimento, seguiremos para a próxima parte que é pedir a quem tiver interesse, para ir à frente explorar aquela emoção com o nariz vermelho em intensidades variadas e partes do corpo diferentes, seguindo as propostas das condutoras (ex: alegria; “experimenta a alegria em grau 1, miudinha… e em grau 5… e em grau 10… agora experimenta só com os pés… agora só com o cotovelo”). 5) Após algumas experimentações (que serão definidas em consonância e cuidado com a vontade das/des/dos participantes e do tempo disponível), será realizada uma roda de conversa para elaboração da experiência, conversando sobre o que e como foi vivenciado e onde buscaremos articular as vivências com reflexões sobre conceitos da Gestalt-terapia, como *awareness* e aqui-e-agora. Como postula Perls, Hefferline e Goodman (1997), a *awareness* “caracteriza-se pelo contato, pelo sentir (sensação/percepção), pelo excitamento e pela formação de gestalten” (p. 33), o que Yontef (1998) complementa dizendo que é “uma forma de experienciar" (p. 236); já o aqui-e-agora está relacionado com o que Ribeiro (1985) aponta como “uma proposta de responsabilidade com a realidade circundante, ou seja, o presente é responsável por ele mesmo, ele se auto-explica se auto-revelando” (p.81), algo que possibilita à pessoa conscientizar-se das próprias capacidades e habilidades de seu equipamento sensorial, motor e intelectual (Perls, 1988). Esses conceitos se relacionam de forma íntima com o trabalho realizado na Palhaçaria, o que nos possibilitará demonstrar como o que foi vivido pode funcionar como um experimento no atendimento clínico, além de como que os elementos da palhaçaria (jogos, nariz vermelho) podem contribuir para um lugar brincante e potente de exploração de emoções e sentimentos dentro da prática clínica. Os materiais que serão utilizados neste workshop consistem em 1) tecido para se fazer

de cortina e 2) narizes vermelhos de plástico, que serão levados pelas proponentes. Acreditamos que os benefícios e ganhos da presente proposta consistem em trabalhar brevemente com as/les/os participantes suas emoções e sentimentos, através da máscara da/de/do palhaça/palhaçe/palhaço. Ademais, será pensado como o experimento poderá ser utilizado na prática clínica, fornecendo uma ferramenta para o trabalho em Gestalt Terapia. Como sabemos que todo experimento tem o risco de mobilizar sensações mais difíceis e como se trata de um exercício corporal, serão acordados limites para o experimento e consideradas limitações físicas individuais; também serão apresentados e pactuados recursos tanto para o autocuidado, quanto de manejos pessoais e/ou coletivos caso haja alguma situação de desconforto (Será ofertada tanto atenção individual, com acompanhamento pelas proponentes em espaço preservado, quanto coletiva, onde o desconforto é colocado e trabalhado no grupo).

Palavras-chave: Palhaçaria; Emoções; Experimento.

ÓTICAS GESTÁLTICAS - FOTOGRAFIA E GESTALT-TERAPIA

Nathan Rodrigues Ximenes Furtado
Gestalt-terapeuta
nathanrxf1@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo relacionar a Gestalt-terapia e sua terapia de contato com a fotografia, a compreendendo como uma linguagem que se inscreve com a luz e como isto se soma aos estudos das visualidades nos dias atuais. Apresentaremos a abordagem gestáltica e o seu paradigma de campo, compreendendo a dinâmica figura-fundo, parte-todo, como uma maneira de enxergar o organismo necessariamente relacionado com seu ambiente, configurando assim este local em que a experiência emerge e se revela. Aqui, prescindiremos que criamos o sentido e o significado de nossa experiência com o mundo que vivemos, de maneira imbricada, como se estivéssemos aderidos ao mundo a partir da nossa carne. Por este viés estético buscaremos destrinchar, por meio da sensibilidade, o que tem capturado o nosso olhar, assim como o que fica em nossos pontos-cegos. Isso se relacionará com as nossas formas de ver o mundo, o que visualizamos quando nos afastamos de nós mesmos e como a fotografia risca um caminho de luz para um reencantamento deste mundo, levando em consideração uma perspectiva crítica na compreensão das visualidades. Para somar a estas concepções gestálticas serão explicados conceitos básicos sobre os pilares da fotografia, como ISO, tempo de exposição, abertura de diafragma e composição. Bem como a importância de perceber a fotografia como uma arte criada pelo o humano, que remonta a antiguidade, mas sóno século XIX é registrada como tal. É fundamental também, partirmos da obra barthesiana para refletirmos sobre a forma como lemos imagens, que versa não sobre o que a imagem diz,mas o modo como ela diz. Após estes entendimentos, elaboramos uma vivência sobre: como vemos, como nos relacionamos com a fotografia na nossa história de vida, o que nos chama a atenção na linguagem fotográfica e que mensagens isso nos mostra, para então nos debruçarmos no/pelo campo a fim de registrar imagens a partir dos celulares dos participantes. Tal trabalho é justificado ao lançar luz sobre como nós consumimos imagens nos dias atuais e como essas imagens falam sobre nossas vivências, afinal somos bombardeados a todo momento com uma infinidade de imagens-mensagens sejam em redes sociais, televisores, outdoors, no cinemas, em panfletos etc.; ao mesmo tempo em que não nosé dada uma compreensão crítica destas formas de comunicação. Vemos formatos que se repetem e se estendem sendo generalizados sem que façamos uso de nossa singularidade para criar novas formas, novas imagens, novos campos, novos ajustamentos. Os benefícios deste workshop passeiam pelo desenvolvimento de um olhar que seja atento e reflexivo com as visualidades atualmente, também passa pelo ensino de noções básicas de fotografia e como essa arte foi desenvolvida pelo/para o humano, além de contar com um manejo vivencial que nos faça olhar para a nossa história com a fotografia, por um retorno as imagens registradas pelos nossos familiares, o que nos marca na linguagem fotográfica, e como podemos produzir imagens que fujam de um esvaziamento de sentido, conferindo uma transgressão naquilo que produzimos enquanto visualidade. Número de participantes: até quinze pessoas.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Fotografia; Formas de ver.

TEATRO GESTÁLTICO: OFICINA PARA UM TRABALHO INTERSUBJETIVO DA AUTONOMIA DA ALTERIDADE

Erick Linhares de Holanda
Especialista clínico em Gestaltterapia
Especialista em Fenomenologia Hermenêutica
Mestrando em Educação em Saúde no Ensino Superior
erick.kusanagui@gmail.com

Maria Luiza Kerst
Especialista em Saúde Mental e Artes Visuais
maria.luiza.kerst@gmail.com

RESUMO: Introdução – A pergunta disparadora da Oficina que nos fez pensar e caminhar com este projeto foi "Como se dão as relações afetivo-corporais entre as pessoas frente à autonomia na alteridade contemporânea?". Com esta pergunta pensamos junto com Peter Brook (2002) o conceito de "compreensão" junto ao palco e o outro, eliminando tudo que não é estritamente necessário, e intensificando o que sobra nas relações, isto seria a impressão da espontaneidade. Coadunando com a teoria do self Gestáltica, esta espontaneidade só pode ser dada junto com e outre, no contato em suas relações intersubjetivas, visto que a experiência acontece na fronteira de contato entre o organismo e o ambiente. A espontaneidade também é testemunhada no entremeio das relações. Para viabilizar esse processo, alinharemos técnicas de jogos teatrais contemporâneos às técnicas de experimentações clínicas em Gestalt-Terapia, visando como **Objetivo Geral –** compreender como as relações intersubjetivas aparecem na implicação da espontaneidade junto com o outro em trabalhos corporais de teatro e clínica gestáltica. Tem como **Objetivos específicos –** Refletir sobre a teoria do Self Gestáltica e autonomia. Compreender as relações afetivas espontâneas que surgem no contato com a alteridade junto com e outre. **Metodologia** – O workshop será dividido em 3 Etapas: *Aquecimento* (20 minutos): Explorar a sala com o objetivo de fazer uma pequena cartografia experiencial e contatar e outre em sua dinâmica de movimento. *Exercícios* (20 minutos): Movimentos bruscos e espontâneos para reconhecer e experimentar o corpo e suas possibilidades não cotidianas, tanto individualmente quanto em parceria: ser um espetáculo para e outre. *Encontro teatral* (40 minutos): Exercícios teatrais em parceria para desenvolver espontaneidade, criatividade, junto à uma platéia que irá participar ativamente como espectadora. *Partilha* (20 minutos): Para encerrar, momento em que todes compartilham como foi a experiência de fazer a Oficina de teatro gestáltico. Esta metodologia é fundamentada, tanto com as ideias de intersubjetividade da teoria do Self Gestáltica, como com a ideia de Teatro Imediato de Peter Brook (2002), que tem como conceito a noção de espaço enquanto Ato (eu/corpo), enquanto relação e enquanto lugar, que deve se descobrir aqui-e-agora, quebrando assim os binarismos metafísicos de separação do sujeito de seu lugar e tempo, assim, pelo contrário, integrando-o nessa relação. **Riscos e benefícios – possíveis ganhos/benefícios e riscos para a/o/e(s) participantes:** A partir da experiência da Oficina poderemos desenvolver possibilidades de repertório para a expressão de uma espontaneidade que compreenda a relação eu/corpo/lugar/outre. Possíveis riscos seriam emergir situações inacabadas entre os participantes que não possam dar conta na hora e/ou possíveis constrangimentos a partir das atividades sugeridas. Para isso, pensaremos em uma estratégia de acolhimento e, se necessário, encaminhamento para atenção psicológica. **Materiais necessários –** Sala ampla para movimentação corporal.

Palavras-chave: Teatro imediato; Gestalt-terapia; Teoria do Self; Espontaneidade;

VOZES: O QUE ECOA DE MIM?

Maria Luiza Kerst
Psicóloga
Gestalt-Terapêuta
Especialista em Saúde Mental e Artes Visuais
maria.luiza.kerst@gmail.com

RESUMO: O que digo quando falo? Como digo? O que ouço quando escuto? Como ouço? Neste workshop proponho a experiment-ação de laboratórios investigativos e criativos a partir da Voz, através da interface entre técnicas de Jogos Teatrais e as teorias e práticas da Gestalt-Terapia, nas noções de: percepção, sensação, expressão, escuta, intervenção, acolhimento, presença, disponibilidade, e autorização. Os laboratórios partirão de uma apresentação não-convencional, seguida por exercícios de respiração e vocalização, aquecimentos corporais e jogos teatrais que possibilitarão pensar a fala, a escuta, e a expressão no alcance óbvio e para além dele, nas relações consigo, com o outro e com o mundo. Contações de histórias e criação de pequenos esquetes possibilitarão reconhecimentos e descobertas possíveis para dar lugar à expressão e escuta das vozes em mim. **Objetivos –** Possibilitar o desenvolvimento de reconhecimentos e descobertas possíveis para processos de expressão e escuta. **Caminhos metodológicos –** Técnicas dos Jogos Teatrais aliadas aos conceitos básicos da Gestalt-Terapia nas noções de: percepção, sensação, expressão, escuta, intervenção, acolhimento, presença, disponibilidade e autorização. 1) Apresentação não-convencional baseada no Teatro do Absurdo (Técnica de improvisação do inesperado); 2) Receber as Vozes: Exercícios de respiração, vocalização e presença; 3) Aquecimento corporal e vocal com jogos teatrais; 4) Contação de Histórias coletivo-fracionada: “Era uma vez…”; 5) Contação para espect-atores: Palco Italiano, Semi Arena, Arena, e Urbano; 6) Experimento de finalização: Corte, Encerramento e Despedida; 7) Roda de conversa sobre o vivido: Apresentação formal, partilhas e acolhimento. **Riscos e benefícios –** O workshop possibilitará o desenvolvimento da fala e da escuta através da interação, de experimentos clássicos e contemporâneos do Teatro, viabilizando repertório e recursos técnico-artísticos para estudantes e profissionais. No momento de partilha sobre o vivido durante o workshop, poderemos acolher as necessidades que emergirem.

Palavras-chave: Linguagem; Teatro; Experiment-ação.

Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TÍTULO	XVIII Encontro Nacional de Gestalt-terapia e XV Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica: Pensando uma ética decolonial
ORGANIZADORAS	Hayanne Galvão Pereira Alves, Livia Maria Guedes de Lima Andrade e Wanderléa Nazaré Bandeira Ferreira
PROJETO GRÁFICO E CAPA	Sansão Hortegal
PÁGINAS	383
FORMATO	210 x 297 mm
TIPOGRAFIA	Times New Roman | CORPO e TÍTULOS

gestaltnailhadoamor.com.br

6 a 8|setembro/2023

Apoiadores

UFMA Universidade Federal do Maranhão
proec
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

UFMA Universidade Federal do Maranhão
cch
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

abg
Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica

Ateliê GESTÁLTICO
Estudos e Serviços em Psicologia

elaborar
Consultório de Psicologia

INSTITUTO PANGEIA

CRP-MA
CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA
DO MARANHÃO - 22ª REGIÃO

MIMO
azulejaria criativa

SEDES SAPIENTIAE

Realização

UFMA Universidade Federal do Maranhão

GEGT Integrar
UFMA

Evento gerenciado por:

SHCOMUNICAÇÃO
produção • marketing
eventos acadêmicos

98| 9 9210-0405

shcomunicacao.com.br

ISBN 978-65-985038-9-5